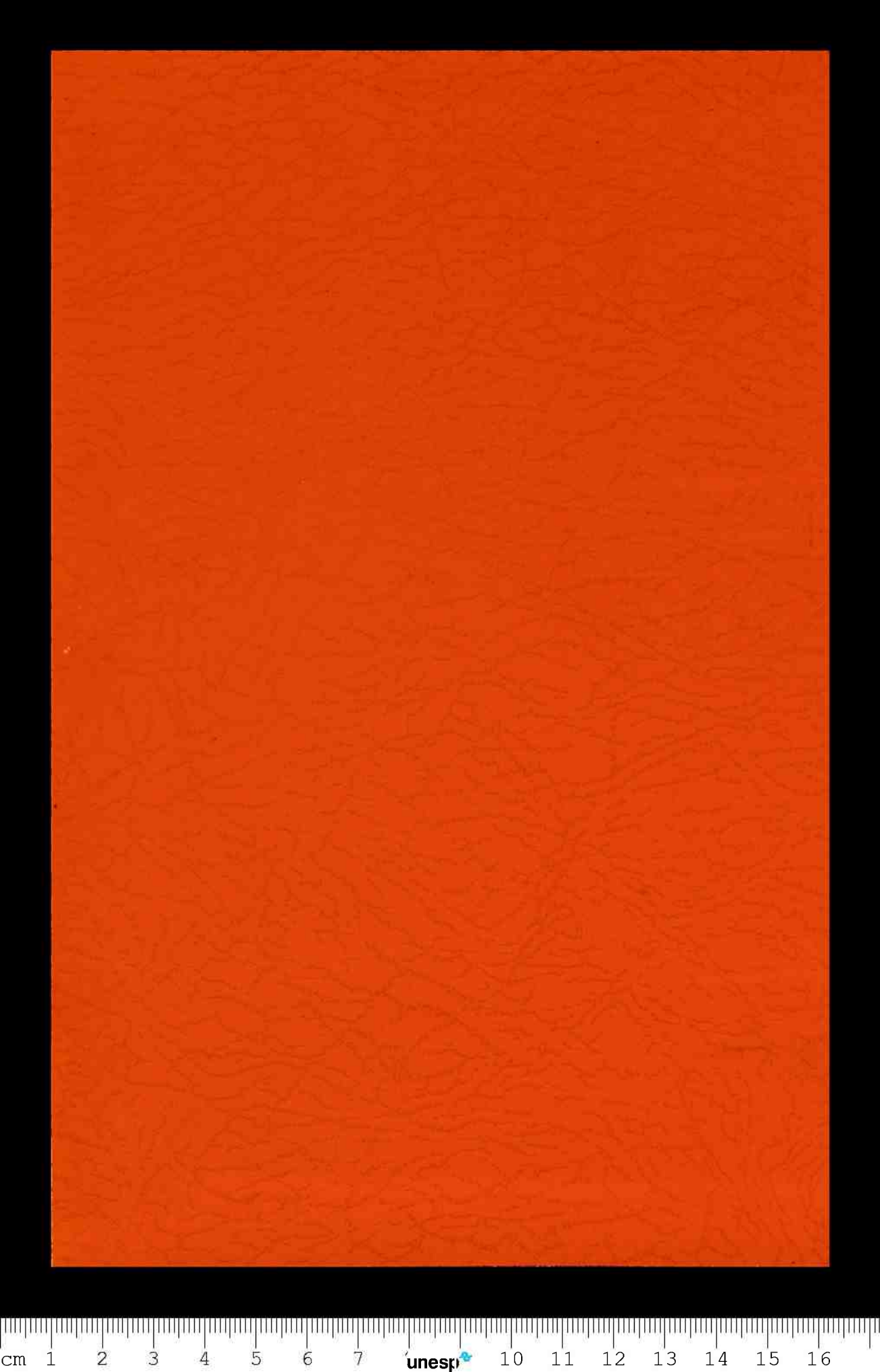
QEQEQEQ



COBRAL

1501021961

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16

"COBRAL"
LIVROS EM COLEÇÃO
DISTRIBUIDORA DE MATERIAL ESCOLAR
M. E. C. FENAME
Rua Joaquim Nabuco, 749 - Fone, 3-2228
PRESIDENTE PRUDENTE — S.P.

REVISTA

DE

PORTUGAL

VOLUME II

Exemplar com a variante de reimpressão de diversas páginas.

Porto—Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70

REVISTA

DE

PORTUGAL

21961

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

VOLUME II

PORTO

EDITORES, LUGAN & GENELIOUX

Successores de Ernesto Chardron

1890

Todos os direitos reservados

N.º CLASS. QR 867 .3
Q 44 N
V. 6
TOMBO 21961.

TENDENCIAS GERAES

DA

PHILOSOPHIA

NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX

I

A philosophia é eterna como o pensamento humano: mas, porque é eterna como elle, é que é como elle continuamente instavel e fluctuante, susceptivel de progresso e sujeita ao retrocesso, desenvolvendo-se, como todas as coisas vivas, segundo uma linha sinuosa e complicada, que representa ao mesmo tempo a directriz da força intima inicial e a acção mais ou menos perturbadora das forças concomitantes que lhe condicionam a expansão. Sempre igual a si mesma, no fundo, mas n'um fundo envolto, inconsciente e quasi impenetravel, é continuamente diversa de si mesma nas suas manifestações, nas affirmações conscientes e systematicas do mysterioso principio ideal que forceja por exprimir e que, a cada ensaio de expressão definida, encobre quasi tanto quanto revela. Ella representa assim, n'este seu *fieri* incessante, o que ha de absoluto no pensamento humano e o que ha de relativo na consciencia que o pensamento humano tem de si mesmo: uma *potencia* infinita e um *acto* limitado: o segredo sublime das coisas gaguejado n'uma linguagem deficiente e barbara, cheia de lacunas e obscuridades: e

esta sua incuravel imperfeição é justamente a condição da sua indestructivel vitalidade, da sua fecunda e incansavel actividade. A philosophia alimenta-se das suas proprias duvidas. Duvidar não é só uma maneira de propor os grandes problemas: é já um começo de resolução d'elles, porque é a duvida que lhes circumscreve o terreno e que os define: ora, um problema circumscripto e definido é já uma certa verdade adquirida e uma preciosa indicação para muitas outras verdades possiveis. E pela duvida que a philosophia concebe, é a duvida que a torna fecunda e a sua relatividade é, afinal, toda a sua razão de ser.

Illudem-se então os que procuram a verdade na philosophia? Sim e não. Illudem-se, por certo, se procuram na philosophia a verdade total e definitiva, a formula completa, nitida e inalteravel da lei suprema das coisas, esse segredo transcendental, que, uma vez conhecido, se isso fosse possivel, os tornaria deuses, segundo a expressão biblica, ou, segundo o nosso modo de vêr, os tornaria inertes, inintelligentes, moralmente decrepitos, adormecidos beatificamente á sombra da arvore da sciencia. Saber tudo equivaleria a nada saber. Uma philosophia definitiva, feita e assente uma vez para todo o sempre, implicaria a immobilidade do pensamento humano: o absoluto anesthesial-o-hia. Essa tal verdade, aspiração ingenua de espiritos incultos, póde animar os crentes e exaltar os enthusiastas: nos dominios do puro pensamento nunca produzirá senão vertigem e illusão.

Mas a verdade philosophica, com ser outra, nem por isso deixa de existir e ser verdade. A sua relatividade não implica erro, mas só limitação. É symbolica. Imagem imperfeita da verdade incognoscivel, apresenta todavia alguns traços, alguns vagos lineamentos do inattingivel original. Não é o absoluto, mas participa da natureza do absoluto e tem em si, como diz o poeta, *parte alguma de infinito*. O sol, visto através do nevoeiro, é ainda o sol e as propriedades physicas e chimicas da sua luz, diminuidas e alteradas, são todavia as propriedades fundamentaes da luz solar. Se nunca o podessemos vêr senão através d'esse meio offuscante, poderiamos ainda assim estudal-o e

conhecel-o. É assim que cada esboço, cada tentativa de definição da verdade philosophica contém em si, apesar das alterações inherentes ao nosso indissipavel nevoeiro, a indicação preciosa d'alguma propriedade fundamental da verdade absoluta.

O que é então a philosophia? É a equação do pensamento e da realidade, n'uma dada phase do desenvolvimento d'aquelle e n'um dado periodo de conhecimento d'esta: o equilibrio momentaneo entre a reflexão e a experiencia: a adaptação possivel em cada momento historico (da historia da sciencia e do pensamento) dos factos conhecidos ás idéas directoras da razão, e a definição correlativa d'essas idéas, não por esses factos, mas em vista d'elles.

É por isso que a cada periodo historico corresponde a sua philosophia: e, se o espirito humano parece condemnado a mover-se dentro d'um certo numero de formas fixas, de typos fundamentaes de comprehensão, sempre os mesmos e como que inquebrantaveis, esses typos apresentam todavia uma feição particular em cada periodo historico, e os systemas, que os traduzem, repetem-se sem serem identicos. O idealismo indiano distingue-se do idealismo grego e de ambos se distingue o idealismo germanico: o conceptualismo de Kant não é o conceptualismo de Socrates, assim como o *nous* de Anaxagoras se não confunde com o *espirito* de Descartes, que todavia lhe corresponde, e o atomismo de Democrito pareceria bem extravagante no nosso seculo, sem que isso impeça que o nosso seculo tenha, e muito legitimamente, a sua escola atomistica. A razão é, em si, a mesma sempre em todos os tempos: mas a experiencia, em virtude da qual a razão define, coordena e systematisa as suas concepções, é que varía continuamente.

É por isso que, entre os varios systemas, que em cada idade se repetem, systemas typicamente distinctos e, ao que parece, irreductiveis entre si, ha o que quer que é commum e como que um ar de familia. O espirito da época penetra-os a todos: o genio da raça e da civilisação, que os viu nascer, imprimiu em todos igualmente o seu cunho indelevel. A Academia e o Portico podem combater-se: são todavia irmãos. Entre

Plotino e Aristoteles, por exemplo, ou entre Bacon e Leibnitz, ha certas affinidades, certa obscura concordancia, que a critica philosophica só vagamente logra rastrear, mas que se sentem e são muito reaes. Haverá, em cada época, em cada civilisação, uma metaphysica latente, mais profunda que a que se formúla nos diversos systemas e tão profunda que a todos escapa, mas que influa insentida em todos e de que cada um murmure muito confusamente um vago echo? E estará essa metaphysica latente em relação perfeita com o estado intimo psychologico de cada periodo da civilisação humana, influenciando-se reciprocamente, formando em commum o *stratum* mais fundo da alma collectiva de cada idade, de tal sorte que as grandes criações espirituaes, mergulhando as ultimas radiculas n'essas profundezas, tragam de lá aquelle elemento commum, que lhes dá, no meio dos seus mais patentes contrastes, aquella indefinivel conformidade?

É possivel que assim seja. Em todo o caso, n'este ponto de vista, que é aliás indifferente á exactidão ou inexactidão das explicações que se possam dar ao facto, os differentes systemas têm de ser considerados, dentro de cada periodo historico, como os aspectos diversos d'uma mesma figura, de que são, entre si, os traços complementares, quero dizer, como momentos e modalidades do espirito geral e total do periodo. Sem o quererem, completam-se uns aos outros, e é só no conjunto d'elles que o espirito que anima a idade, o cyclo humano que os produziu, se encontra inteiro e póde ser bem estudado e comprehendido. A expressão completa d'esse espirito seria pois uma theoria geral do universo, que formulasse superiormente, reduzindo-os á sua unidade, todos aquelles pontos de vista parciaes, aquelles momentos limitados de comprehensão, que cada systema representa isolada e divergentemente. Seria essa a synthese do pensamento da época e a sua verdadeira philosophia. Será possivel tal synthese? Decidil-o *à priori* seria talvez arrojo, comquanto a unidade fundamental da razão e os continuos esforços que faz para se possuir na sua inteireza e simplicidade constituam uma grave presumpção no sentido affir-

mativo. Por outro lado, havemos de reconhecer que a experiencia historica (e o seu testemunho é sem duvida de grande peso) está longe de ser favoravel a esta supposição, antes parece indicar no espirito humano a incapacidade de se elevar tão alto, de reunir n'um feixe compacto todas as suas concepções, apresentando-o quasi como condemnado a um certo fraccionamento, ou, pelo menos, ao vago e á indeterminação nos pontos verdadeiramente capitaes. Mas, admittindo ainda que essa synthese por assim dizer cyclica não seja possivel, ou, pelo menos, reconhecendo, pois é um facto, que não o tem sido até hoje, nem por isso é menos evidente o phenomeno historico d'uma convergencia gradual dos systemas uns para os outros, tendencia em que se patenteia a invencivel necessidade de unidade que ha na intelligencia humana, e que, se não logrou ainda realizar-se em parte alguma, tem chegado entretanto a produzir quasi por toda a parte uma especie de penetração reciproca das diversas doutrinas, de aproximação dos differentes pontos de vista, um eclectismo ou um syncretismo mais ou menos systematico.

O syncretismo apparece pois como o possivel succedaneo d'aquella synthese irrealizavel. O cansaço que resulta de discussões interminaveis, em que os contendores não avançam nem recuam um só passo; o apparecimento correlativo do scepticismo, que, ameaçando cada escóla, parece ameaçar o proprio pensamento philosophico; o mesmo desenvolvimento de cada systema, que se complica com o andar do tempo, vindo a perder a nitidez da sua estructura primitiva; a erudição, que invade gradualmente o terreno da pura especulação e acaba por se lhe substituir em parte; talvez uma surda elaboração geral na região mais funda das idéas metaphysicas; finalmente, o espirito pratico das multidões não philosophantes, indifferentes ás exigencias de rigor logico dos iniciados e ás suas subtilezas, mas que precisam de affirmações dogmaticas para a direcção da vida e por isso exigem resultados e não disputas: tudo isto concorre, nos ultimos tempos d'um grande cyclo historico, para aplanar o terreno entre as escólas, aproximal-as e

como que fundil-as no syncretismo. Foi o que se viu nos ultimos tempos da civilisação antiga, no periodo alexandrino, quando Pythagoricos, Platonicos, Estoicos e até Peripateticos se uniram, como que presentindo a morte proxima, para redigirem em commum o testamento do genio hellenico, uma ultima formula, menos nitida mas talvez mais ampla, subtil e profunda d'aquelle racionalismo idealista, que, juntamente com o humanismo da arte, da poesia e da politica, criou o typo mais bello, mais rico e mais acabado da vida moral dos Aryas. Foi ainda o que se viu no declinar da Edade-Média, quando Thomaz de Aquino, recolhendo a herança de tres seculos de meditações e encarniçadas disputas, a herança de Anselmo, de Abeilardo, de Lanfranco, de Alberto, joeirando, por assim dizer, as idéas da complicada Escolastica, formulou na gigantesca *Summa*, senão uma verdadeira synthese, pelo menos a reducção a uma unidade systematica das tendencias das varias correntes do espirito medieval, mais ou menos confundidas ou harmonisadas no seu sabio eclectismo.

Hoje, ao cabo de quatro seculos de elaboração do pensamento moderno, parece dar-se alguma coisa semelhante. Desde a hora genesiaca da Renascença até aos nossos dias, o espirito moderno tem produzido, repetindo a seu modo os cyclos anteriores, póde dizer-se, todos os grandes systemas representativos daquellas maneiras fundamentaes ou typos de comprehensão, dentro dos quaes até hoje a intelligencia humana se tem sempre e invariavelmente movido. Foi mais uma vez idealista, espiritualista, pantheista, materialista; e não lhe faltou tambem o scepticismo comprazendo-se em oppôr aquellas affirmações dogmaticas uma ás outras, para as destruir umas pelas outras e, com ellas, a possibilidade de qualquer philosophia. Na esphera das grandes construcções systematicas, o seu poder criador parece esgotado e extincta, n'esse terreno, a sua originalidade. E tambem de todos os lados o espirito pratico, debatendo-se no meio da confusão moral da sociedade contemporanea, aspirando, como no periodo greco-romano, a uma direcção segura, pede mais uma vez aos philosophos resultados e não dis-

putas. A hora do joeiramento das verdades adquiridas, da critica e coordenação dos diversos pontos de vista e da conciliação dos systemas parece ter soado para a philosophia moderna. Entre os muitos symptomas, que o indicam, um dos mais frisantes é por certo o gradual enfraquecimento do espirito de systema, do fanatismo dogmatico. Não só se não criam já novos systemas, verdadeiramente originaes e inteiriços, mas todos os homens realmente intelligentes, inclinando-se, como é natural, mais ou menos para certas soluções geraes, forcejam entretanto por se conservarem sempre accessiveis a outras influencias, venham elas d'onde vierem, comtanto que sejam racionaes. O *adepto* d'uma escola, segundo os velhos moldes, absoluto e intransigente, faz-nos hoje muito proximamente o effeito d'uma intelligencia acanhada, ás vezes quasi d'um extravagante. Um largo criticismo vai rapidamente substituindo o antigo dogmatismo. Por este lado ainda, tudo indica que somos entrados no que se póde chamar o periodo alexandrino do pensamento moderno.

Até que ponto poderá ir essa conciliação dos systemas?

Haverá affinidades intimas, que permittam uma penetração reciproca dos pontos de vista tidos por divergentes? Existirá algum principio de unidade capaz de se impôr superiormente e de dar ao todo aquella cohesão systematica sem a qual não ha verdadeira philosophia? N'uma palavra, caminha-se para uma verdadeira synthese, ou simplesmente para um eclectismo mais ou menos bem ordenado, mais ou menos comprehensivo? E questão a que só a historia da philosophia moderna, analysada criticamente nas suas tres grandes phases caracteristicas, póde responder: e essa resposta é que é effectivamente para alguma coisa como uma synthese do pensamento moderno que parece caminhar-se.

A historia mostra-nos, com effeito, a existencia d'um *substratum* de noções methaphysicas communs a toda a philosophia moderna, que penetram mais ou menos profundamente os diversos systemas, e não só os systemas mas ainda todas as criações espirituaes dos povos modernos, affeiçoam os seus proces-

sos de pensar, inspiram as theorias geraes das suas sciencias como determinam as tendencias typicas da sua arte, da sua poesia, da sua politica, modificam a sua religiosidade, infiltram-se no sentir geral, constituindo por assim dizer a atmosphera intellectual e psychologica do mundo moderno, ao qual dão a sua feição historica particular e a sua unidade fundamental. Essas noções capitaes são as de *força*, de *lei*, de *immanencia* ou *espontaneidade* e de *desenvolvimento:* quatro palavras que, para o commum da gente, não parecem ter grande significação, porque, sendo já habituaes, geralmente não se lhes mede o alcance, mas que representam, tanto em amplitude como em profundeza, a maior revolução intellectual da humanidade. É em virtude d'estas noções que o pensar moderno se distingue do pensar antigo, e não accidentalmente mas systematicamente, oppondo a um mundo de idéas outro mundo de idéas, a uma direcção logica outra direcção logica, a pontos de vista fundamentaes outros pontos de vista fundamentaes, a uma comprehensão da natureza intima das coisas outra comprehensão radical e systematicamente diversa. Se o pensamento antigo se inclinava todo para a abstracção e para reduzir o problema do universo a uma especie de formalismo dialectico, o pensamento moderno, pelo contrario, pende para um decidido realismo, pela sua maneira de propor o problema das idéas e de encarar a relação das idéas com o mundo objectivo. Se, no pensamento antigo, a metaphysica era quasi uma derivação da logica, no pensamento moderno a logica é que tende a ser dominada e determinada pela metaphysica. Se, para o pensamento antigo, a realidade apparecia como uma emanação do sêr em si absoluto e só verdadeiramente existente, para o pensamento moderno é a realidade o *fieri* incessante d'um ser em si só potencialmente existente e que só realizando-se attinge a plenitude. Se, segundo o pensamento antigo, o principio da energia e propriedades dos séres lhes era exterior e como que n'elles infundido, e radical a distincção da materia e da fórma, segundo o pensamento moderno materia e fórma são indissoluveis, fundem-se na natureza autonoma dos séres, cujo principio de energia

lhes é proprio, ou antes, constitue a sua mesma essencia. Se, para o pensar antigo, o movimento das coisas apparecia como a recorrencia, n'um grande circulo fatal. dos mesmos typos, inalteraveis e fixos desde toda a eternidade, para o pensar moderno a fórmula d'esse movimento é uma criação em permanencia, a transformação e renovação incessantes. Se a necessidade dos factos apparecia ao pensamento antigo como um decreto superior, imposto aos sêres e, porque imposto, determinando-lhes a natureza, essa necessidade apparece ao pensamento moderno como a expressão da mesma natureza dos sêres, como a sua lei, isto é, como a fórma adequada da sua espontanea actividade. O pensar antigo via a realidade fraccionada n'um certo numero de divisões e categorias, generos ou especies, substancias incommunicaveis e irreductiveis entre si, de tal sorte que cada secção do universo, cada categoria de sêres, fechada no seu typo como n'uma prisão, se movia eternamente n'um circulo prescripto, sem influir nem poder ser influida pelas outras: o pensar moderno quebra essas prisões logicas, faz circular através dos typos pretendidos irreductiveis uma vida commum, vê na realidade o acto unico d'uma substancia omnimoda, por virtude da qual todos os sêres, momentos e modalidades d'ella, communicam continuamente entre si, influenciando-se mutuamente, oppondo-se e, por essa constante e universal opposição, realizando, não a reciproca annullação, mas a integração de todos os momentos na unidade, cujas diversas potencias manifestam. Finalmente, o pensamento antigo fazia do universo uma machina, cuja estructura obedecia a um plano preconcebido: o pensamento moderno faz do universo um sêr vivo, cuja fórma de actividade não obedece senão ás tendencias espontaneas do seu proprio desenvolvimento. Um levava ao immobilismo, o outro leva ao movimento. Um, para achar a unidade, tinha de a ir buscar fóra do universo: o outro encontra a unidade immanente na mesma diversidade.

A existencia d'um conjunto de concepções fundamentaes, de que se inspiram, ou, pelo menos, de que partilham todos os systemas modernos. é pois um facto de evidencia historica. É

por ellas que se estabelece a linha de demarcação entre o pensamento antigo e o moderno: e este contraste, fazendo sobresahir nitidamente os traços caracteristicos d'um e d'outro, evidenceia bem a realidade d'um terreno commum, que torna possivel a synthese das idéas modernas. Resta vêr se essa synthese tende effectivamente a realizar-se.

As noções fundamentaes do espirito moderno foram propostas, logo ao alvorecer da Renascença, por aquelles seus philosophos-prophetas, que como que philosophavam por inspiração — Nicolau de Cusa, o precursor de Copernico, Cardano, Telesio, Agrippa de Nettesheim e Paracelso, os cabalistas, Pomponazzi, Serveto, um pouco depois Jordão Bruno — e quasi immediatamente encontraram, para se apoiarem, as memoraveis descobertas da astronomia e da physica na segunda metade do seculo XVI. De facto, a philosophia e a sciencia dos modernos têm caminhado sempre de mãos dadas, apoiando-se, inspirando-se e corrigindo-se mutuamente: cada passo para diante no terreno da especulação provoca logo no campo das sciencias uma remodelação das suas theorias geraes, assim como a fundação de mais uma sciencia, ou simplesmente o levantamento de mais uma secção no edificio de qualquer d'ellas, propondo á especulação um mundo novo de factos, obriga a philosophia, que tem de os interpretar superiormente, a aprofundar ou definir melhor os seus principios. No seculo XVI despontavam apenas as sciencias modernas, e o philosophar era mais um sonho genial do que um operar rigoroso e firme do entendimento. A renascença foi simplesmente a prophetiza do espirito novo. Entreviu as idéas fundamentaes do periodo moderno, annunciou-as em phrases confusas e entrecortadas como as das sibyllas, não lhe foi dado formulal-as. Essas idéas, incubadas nos primordios da philosophia moderna, só gradualmente se haviam de ir desentranhando, e o formulal-as tinha de ser a obra commum de todas as escolas, obra historica e collectiva, da qual cada systema é apenas um factor, cada grande philosopho apenas um obreiro. E é justamente esse caracter collectivo e cyclico que faz com que a philosophia moderna tenha verda-

deiramente uma historia, isto é, uma unidade de desenvolvimento.

E no seculo XVII, com Descartes, Bacon, Leibnitz e Spinosa, com Galileu tambem e a fundação da physica moderna, assim como com o triumpho das idéas de Copernico sobre o systema do mundo, o que tudo importava uma revolução enorme na comprehensão dos primeiros principios do movimento e da materia, é só então que a philosophia moderna começa a tomar verdadeira consistencia. O Cartesianismo, considerado d'uma maneira geral e no seu valor historico — e só assim o devemos considerar aqui — não é uma menor affirmação da idéa de *força* do que a Monadologia de Leibnitz. O *cogito ergo sum* não é sómente a carta de alforria da intelligencia moderna: estabelecendo a absoluta unidade e autonomia do principio pensante, estabelece implicitamente a unidade do mundo pensado (que a physica cartesiana, reduzindo a materia á extensão, affirmava ainda por outro lado) e leva forçosamente á conclusão da «identidade do ser e do saber», assim como á da autonomia d'um universo que, analogo no fundo ao espirito, só pelas suas idéas immanentes existe e se governa.

Que importa que Descartes, preso ainda pelo sentimento e por uma certa timidez, senão prudencia, aos credos tradicionaes, não se atrevesse ou não pudesse tirar nitidas as ultimas consequencias dos seus principios? Tirou-as Spinosa e o pantheismo sahiu do Cartesianismo, necessario e irresistivel, apesar dos protestos dos cartesianos amedrontados. A reprovação universal, que então pesou sobre o pobre Spinosa, não impediu que ficasse assente por suas mãos uma das pedras angulares da philosophia do futuro. Por seu lado Leibnitz, na Monadologia, fazia da *força* a essencia commum da materia e do espirito: revolucionava, por certo muito mais profundamente do que suppunha, a velha concepção dualista e, com a sua *harmonia pre-estabelecida*, reconhecia, embora sob uma fórma que o futuro havia de rejeitar, a completa autonomia dos sêres, pois outra coisa não significava affirmar a espontaneidade das energias a que reduzira a sua essencia. Espiritualista por um lado, me-

canista por outro, reunia no seu pensamento duas tendencias que pareciam contraditorias, mas que o futuro ha de ir mostrando, á medida que as desembaraçar das formulas ainda estreitas do seculo XVII, que são perfeitamente reductiveis a um principio commum. A Monadologia é toda ella uma grande affirmação da idéa de *lei:* essa idéa sahia ao mesmo tempo da elaboração das sciencias physicas; e, com a dupla auctoridade da sciencia e da philosophia, penetrava no espirito moderno para nunca mais d'elle sahir.

Assim, n'um periodo de pouco mais de cem annos, a concepção moderna do universo, vaga ainda e inconsistente no seculo XVI, alarga-se e adquire estabilidade: alarga-se, com Spinosa, como *infinito* e *immanencia:* com Galileu, Kepler e Newton, com Descartes, Leibnitz e Bacon, torna-se estavel como *força* e *lei.* A natureza apparecia-lhes já quasi como a nós nos apparece. Quasi: a fecundal-a, a dar-lhe plasticidade e vida, faltava ainda alguma coisa á concepção do seculo XVII: faltava-lhe a idéa de *desenvolvimento.* Trouxe-a o grande seculo revolucionario, o seculo XVIII.

Trouxe isso, e trouxe ainda alguma coisa mais. A idéa de *desenvolvimento* é a consequencia e o complemento natural das idéas de *força* e *immanencia.* Sahindo da evolução logica d'ellas, é o ultimo elo da grande cadêa das concepções modernas fundamentaes. Appareceu pois no seu tempo e no seu logar. Com effeito, se a essencia da *força* é a actividade, a sua existencia presuppõe uma série contínua de *actos*, *actos* que, succedendo-se e apoiando-se cada um no anterior e como que envolvendo-o, não podem ser a simples repetição do mesmo *acto* (pois a repetição do mesmo *acto* reduz-se, metaphysicamente, a um *acto* unico) mas um avanço do posterior relativamente ao anterior, que n'elle vem contido, um alargamento da esphera de acção da *força*, isto é um *desenvolvimento.* Todo o sêr tende para a affirmação de si mesmo, isto é, para a expansão e realisação da sua essencia. Se essa essencia, que exprime a sua mesma existencia, lhe é immanente, a sua potencia ou virtualidade de expansão e realização é necessariamente illimitada.

pois no momento em que encontrasse um limite *absoluto* a essencia do sêr estaria em contradicção comsigo mesma: realizar-se, e realizar-se n'uma successão illimitada de *momentos*, em que cada um abrange o anterior e por isso comprehende mais do que elle, tal é a sua lei. Ainda por este lado chegamos á idéa de *desenvolvimento*. O universo apparece-nos agora não já somente como o grande sêr autonomo e eternamente activo, mas como o sêr de illimitada e infinita expansão, tirando de si mesmo, da sua inesgotavel virtualidade, de momento para momento, creações cada vez mais completas, mais ricas de energia, vida e expressão, envolvendo-se e desdobrando-se, em voltas cada vez mais largas e sinuosas, na espiral sem termo do seu maravilhoso desenvolvimento. Divino e real ao mesmo tempo, manifesta a si mesmo a sua essencia prodigiosa, contempla-se n'uma infinidade de espelhos e em cada um sob um aspecto diverso, desenrolando a sua eterna existencia n'uma série de panoramas, desde as forças elementares e puramente mecanicas, as mil affinidades da materia bruta, até ao instincto que sonha, á intelligencia que observa e compara, á razão que ordena, ao sentimento que fecunda, até á contemplação e á virtude dos sabios e dos santos.

Esta sublime idéa rebenta por todos os lados, do chão fecundo do espirito moderno, na segunda metade do seculo XVIII. Ella inspira o naturalismo de Diderot, o pantheismo de Lessing, o idealismo de Vico, o deismo de Herder, assim como o humanismo poetico de Gœthe e Schiller, anima a paixão revolucionaria de Rousseau e faz-se até sentir no sêcco racionalismo de Voltaire. Por outro lado, sae naturalmente das sciencias que então se criam ou recebem fórma nova: na chimica, na geologia, na botanica, na zoologia, a idéa de *desenvolvimento* evidenceia-se por tal modo, que se impõe irresistivelmente ás suas theorias fundamentaes. E a historia, que então começa a aprofundar-se pelo estudo das origens e das instituições, a linguistica, que desponta, vêm offerecer mais um ponto de apoio ás especulações dos philosophos.

Más, disse eu atraz, o seculo XVIII, trazendo a idéa de *desen-*

volvimento, trouxe ainda alguma coisa mais. Affirmára-se com effeito a *força*, a sua *immanencia* e o seu *desenvolvimento* governado por *leis* necessarias. Mas a *força*, em si, o que é? e essas *leis*, qual é o seu typo? Se é pela razão que conhecemos uma e outras, que relação ha entre essas realidades e as idéas por meio das quaes só as percebemos? Serão estas effectivamente adequadas á realidade, e não meras illusões subjectivas? O que é então conhecer? qual é a natureza do sujeito pensante, e que grau de confiança devem merecer-nos, no ponto de vista do seu valor representativo, as nossas proprias idéas? Aqui apparece-nos a grande figura de Kant.

Kant representa na philosophia moderna um papel muito analogo ao de Socrates na philosophia antiga. Ao conceptualismo d'um corresponde o criticismo do outro. Conceptualismo e criticismo foram para ambos o instrumento com que, depois d'um periodo de fecunda elaboração de idéas, mas elaboração como que cega, inspirada por uma absoluta confiança na auctoridade da intelligencia e dominada pelo mais intemperante dogmatismo, sondaram as bases do conhecimento, pesaram, por assim dizer, uma por uma as faculdades da razão e, parecendo proscrever toda a especulação metaphysica, avigoraram-n'a de facto, disciplinando-a e abrindo-lhe horizontes novos. Da revisão severa a que ambos submetteram as idéas do seu tempo resultou um deslocamento do terreno da especulação, e esse deslocamento foi, em ambos os casos, um aprofundamento, porque a metaphysica, obrigada por elles a refluir para a sua origem, retemperou-se, concentrou-se, e tendo n'essa concentração alcançado uma maior intimidade com os seus proprios principios, uma maior compenetração de si mesma, transportou essa maior capacidade de comprehensão e penetração para o mundo objectivo, que, visto a essa luz nova, pareceu ampliado e como que outro.

O criticismo de Kant está muito longe de ser simplesmente uma nova fórma do scepticismo, como pareceu e parece ainda hoje a muita gente. Não o era na sua intenção e muito menos ainda o é de facto. Nem tão pouco vai de encontro ás tenden-

cias metaphysicas do pensamento moderno: pelo contrario, submettendo-as a uma verificação rigorosa depura-as e firma-as; sondando a razão nos seus ultimos elementos, amplia-as e é, tudo bem considerado, um passo mais no sentido d'essas mesmas tendencias. O que pretende, com effeito, Kant? assentar as verdadeiras bases da certeza dos nossos conhecimentos. E essas bases onde as encontra? no espirito e só no espirito. O espirito é pois para Kant, quer elle o saiba ou não, o verdadeiro *noumenon*, o espirito é o sêr typo, medida de todos os séres, revelação da sua mais intima natureza. As leis do espirito são as leis do universo na sua fórma mais perfeita, e é partindo do espirito que se ha de conhecer o mundo objectivo, não partindo do mundo objectivo que se ha de conhecer o espirito. Mas quem não vê n'esta maneira de propôr a questão das idéas uma nova affirmação, e a mais energica de todas, da autonomia da *força* e da sua *immanencia?* O universo, no Kantismo, reflue todo para a consciencia e some-se n'ella, mas para de lá sahir transformado, analogo ao espirito ou identico com o espirito. O subjectivismo de Kant é pois, ou coisa alguma — a impossibilidade de qualquer conhecimento além do da mesma faculdade de conhecer, n'este caso sem objecto — ou então, como o entenderam Fichte, Schelling e Hegel, o reconhecimento da «identidade do sêr e do saber», a generalisação do espirito a todo o universo, um idealismo realista, que, ao mesmo tempo que subordina todos os séres ás leis da razão, põe a razão e as suas leis latentes em todos os sères, ainda os mais elementares. Sendo isto assim, e não parece que possa ser d'outro modo, a critica de Kant veio, pelo rodeio do scepticismo, confirmar e ampliar prodigiosamente as idéas fundamentaes do pensamento moderno, levando-as, póde dizer-se, até ás suas ultimas conclusões.

E necessario distinguir no Kantismo os propositos do seu auctor, o que elle julgava fazer e provar, e aquillo que realmente fez, o alcance, que em grande parte lhe escapou, das suas proprias idéas. As idéas d'um grande pensador, cujo largo ambito elle rarissimas vezes mede bem, não são o que elle quiz

ou pretendeu que ellas fossem, mas sim aquillo que de facto representam na evolução do pensamento geral a que se ligam. Assim, a verdadeira significação historica do Kantismo é aquillo que legitimamente sahiu d'elle, o realismo transcendental de Schelling e Hegel. Como de Socrates sahiu Platão, um pythagorico e eleata, mas pythagorico e eleata corrigido e afinado pela subtil dialectica do mestre, assim de Kant sahiram Schelling e Hegel, repetindo o naturalismo e o pantheismo do periodo anterior, mas repetindo-os no ponto de vista do novo idealismo implicitamente contido na *Critica da Razão Pura*, refundindo-os e apresentando-os com uma physionomia inteiramente outra. Repetição que é mais ainda do que uma renovação: é alargamento das bases, é aprofundação das idéas mães, é concentração de todos os elementos do ponto de vista até alli dispersos. A nova philosophia fundada sobre a «identidade do sêr e do saber» leva as idéas fundamentaes do espirito moderno, as idéas de *força*, de *immanencia* e de *desenvolvimento*, até ao maximo grau de condensação. Schelling e Hegel fundaram definitivamente a doutrina da evolução, e fundaram-n'a na mais alta região das idéas, d'onde ella domina todo o pensamento do nosso seculo. A evolução, vista d'essa altura, não é sómente o processo mecanico e obscuro da realidade: é o proprio processo dialectico do sêr, tem as suas raizes, communs com as raizes da razão, na inconsciente mas fundissima aspiração da natureza a um fim soberano, a consciencia de si mesma, a plenitude do sêr e a ideal perfeição. A lei suprema das coisas confunde-se com a sua finalidade e essa finalidade é espiritual. Com Schelling e Hegel a philosophia da natureza compenetra-se dos seus verdadeiros principios metaphysicos: o mecanismo dissolve-se no dynamismo, cujo typo ultimo é o espirito. O universo, á luz do realismo transcendental dos dois grandes successores de Kant, transfigura-se: o seu movimento apparece como uma successão e encadeamento de idéas e a sua immanencia define-se como a da alma infinita das coisas.

Anthero de Quental.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

VI

O fino e erudito moralista que assigna *Alceste* na *Gazette de Paris* dedicou a Fradique Mendes uma Chronica em que resume, com um vigor sobrio, o seu espirito e a sua acção: — «Pensador verdadeiramente pessoal e forte Fradique Mendes «(diz *Alceste*) não deixa uma obra. Por indifferença, por indo-«lencia, este homem foi o dissipador d'uma enorme rique-«za intellectual. Do bloco d'ouro em que poderia ter talha-«do um monumento radiante e imperecivel, — tirou elle duran-«te annos curtas lascas, migalhas, que espalhou ás mãos cheias «conversando pelos salões e pelos clubs de Paris. Todo esse «pó d'ouro se perdeu no pó commum. E sobre a sepultura de «Fradique, como sobre a do grego desconhecido de que canta «a Anthologia, se poderia escrever: — «Aqui jaz o ruido do «vento que passou derramando perfume, calor, e sementes em «vão...»

Toda esta chronica vem lançada com a usual superficialidade e inconsideração dos francezes. Nada menos reflectido que as designações de *indolencia*, *indifferença*, que voltam re-

[1] Continuado da pag. 769 do 1.º volume.

petidamente, n'essa pagina bem ornada e sonora, como para marcar com precisão a natureza de Fradique. Elle foi ao contrario um homem todo de paixão, de acção, de tenaz labor. E escassamente póde ser accusado de *indolencia*, de *indifferença*, quem, como elle, fez duas campanhas, apostolou uma religião, trilhou os cinco continentes, absorveu tantas civilisações, percorreu todo o saber do seu tempo.

O chronista da *Gazette de Paris* acerta porém, singularmente, affirmando que esse duro obreiro não deixou uma obra. Impressas e dadas ao mundo, só d'elle conhecemos com effeito as poesias das LAPIDARIAS, publicadas na *Revolução de Setembro* — e esse curioso poemeto em latim barbaro, *Laus Veneris Tennebrosæ*, que appareceu na *Revue de Poesie et d'Art*, fundada em fins de 69 em Paris por um grupo de poetas satanistas e symbolistas. Fradique porém deixou manuscriptos. Muitas vezes, na rua de Varennes, os entrevi eu dentro d'um cofre hespanhol do seculo XIV, de ferro lavrado, que Fradique denominava a *valla commum*. Todos esses papeis (e a plena disposição d'elles) foram legados por Fradique áquella *Libuska* de quem elle falla profusamente nas suas cartas a Madame de Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real com «os seus velludos brancos de Veneziana, os seus largos olhos «de Juno...»

Esta senhora, que se chamava Varia Lobrinski, era da velha familia russa dos Principes de Pallidoff. Em 1874 seu marido Paulo Lobrinski, diplomata silencioso e louro, que pertencêra ao regimento das Guardas Imperiaes, e escrevia *capitaine* com *t è* (*capitène*) morreu em Paris, por fins d'outono, ainda moço, de uma languida e longa anemia. Immediatamente Madame de Lobrinski, em solemne magoa, recolheu ás suas vastas propriedades russas, perto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Na primavera voltou, com as flôres dos castanheiros, — e desde então habitava Paris em luxuosa e risonha viuvez. Um dia, em casa de Madame de Jouarre, encontrou Fradique, que, enlevado então no culto das Litteraturas slavas, se occupava com paixão do mais antigo e nobre dos seus poemas, o *Julgamento de Li-*

buska, casualmente encontrado em 1818 nos archivos do Castello de Zelene-Hora. Madame de Lobrinski era parenta dos senhores de Zelene-Hora, condes de Colloredo — e possuia justamente uma reproducção das duas folhas de pergaminho que contêm a velha epopêa barbara.

Ambos leram esse texto heroico — até que o dôce instante veio em que o não leram mais no dia todo. Fradique dera a Madame de Lobrinski o nome de *Libuska*, a rainha que no *Julgamento* apparece «vestida de branco e resplandecente de «sapiencia.» Ella chamava a Fradique *Lucifer*. O poeta das LAPIDARIAS morreu em novembro: — e dias depois, Madame de Lobrinski recolheu de novo á melancolia das suas terras, junto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Os seus amigos sorriram, murmuraram com sympathia que Madame de Lobrinski fugira, para chorar entre os seus moujiks a sua segunda viuvez — até que reflorescessem os lilazes. Mas d'esta vez *Libuska* não voltou, nem com as flôres dos castanheiros.

O marido de Madame Lobrinski amava com perseverança a diplomacia: mas via e praticava n'ella sobretudo os *menus* e os *cotillons*. A sua carreira foi irremediavelmente subalterna e lenta. Durante seis annos jazeu no Rio de Janeiro, entre os arvoredos de Petropolis, como Secretario, esperando aquella legação na Europa que o Principe Gortchakoff, então Chanceller Imperial, affirmava pertencer a Madame de Lobrinski *par droit de beauté et de sagesse*. A legação na Europa, n'uma capital sem bananeiras, mundana e culta, nunca veiu: — e Madame de Lobrinski, no seu exilio, chegou a aprender tão completamente a nossa dôce lingua de Portugal, que Fradique me mostrou uma traducção da elegia de Lavoski, *A Collina do Adeus*, trabalhada por ella com estimavel pureza e relevo. Só ella pois, realmente, d'entre todas as amigas de Fradique, podia apreciar os seus manuscriptos como paginas vivas, onde o pensador depuzera a confidencia do seu pensamento. Para as outras seriam apenas sêccas e mortas folhas de papel, cobertas de linhas incomprehendidas, onde corrêra a doçura da sua mão.

Logo que comecei a colleccionar as cartas dispersas de

Fradique Mendes, escrevi a Madame de Lobrinski, contando o meu empenho em fixar n'um estudo carinhoso as feições d'esse transcendente espirito — e implorando, se não alguns extractos dos seus manuscriptos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza.* A resposta de Madame Lobrinski foi uma recusa, bem determinada, bem deduzida,—mostrando que decerto sob «os claros olhos de Juno» estava uma clara razão de Minerva. «Os papeis de Carlos Fradique (dizia em «summa) tinham-lhe sido confiados, a ella que vivia longe da «publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publici-«dade, com o intuito de que para sempre conservassem o cara-«cter intimo e secreto em que tanto tempo Fradique os manti-«vera: e n'estas condições o *revelar a sua natureza* seria ma-«nifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que «dictára esse legado...» Isto vinha escripto, com uma letra grossa e redonda, n'uma larga folha de papel aspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma corôa d'ouro, esta divisa— PER TERRAM AD CŒLUM.

D'este modo se estabeleceu para sempre a obscuridade sobre os manuscriptos de Fradique. Que continha realmente esse cofre de ferro, que Fradique com desconsolado orgulho denominava a *calla commum*, por julgar pobres e sem brilho no mundo os pensamentos que para lá arrojava? Alguns amigos pensam que ahi se devem encontrar, se não completas, ao menos esboçadas, ou já coordenadas nos seus materiaes, as duas obras a que Fradique alludia como sendo as mais captivantes para um pensador e um artista d'este seculo—uma *Psychologia das Religiões* e uma *Theoria da Vontade.*

Outros (como J. Teixeira d'Azevedo) julgam que n'esses papeis existe um romance de realismo epico, reconstruindo uma civilisação extincta, como a *Salammbô;* e deduzem essa supposição desamoravel d'uma carta a Oliveira Martins, de 1880, em que Fradique exclamava, com uma ironia mysteriosa:— «Sinto-me resvalar, caro historiador, a praticas culpadas e «vãs! Ai de mim, ai de mim, que me foge a penna para o «mal! Que demonio malfazejo, coberto do pó das Edades, e so-

« braçando in-folios archeologicos, me veio murmurar uma d'estas « noites, noite de duro inverno e de erudição decorativa : —« Tra- « balha um romance! E no teu romance resuscita a antiguida- « de asiatica! »? E as suas suggestões pareceram-me dôces, ami- « go, d'uma doçura lethal!... Que dirá vossê, dilecto Oliveira « Martins, se um dia desprecavidamente no seu lar receber um « tomo meu, impresso com solemnidade, e começando por estas « linhas: — *Era em Babylonia, no mez de Sivanú, depois da « colheita do balsamo?...*» Decerto, vossê (d'aqui o enxergo) « deixará pender a face aterrada entre as mãos tremulas, mur- « murando: — « Justos céos! Ahi vem sobre nós a descripção « do templo das Sete-Espheras, com todos os seus terraços! a « descripção da batalha de Halub, com todas as suas armas! « a descripção do banquete de Sennacherib com todas as suas « iguarias!... Nem os bordados d'uma só tunica, nem os relevos « d'um só vaso nos serão perdoados! E é isto um amigo in- « timo ! »

Ramalho Ortigão, ao contrario, inclina a crêr que os papeis de Fradique contêm *Memorias* — por isso que só a *Memorias* se póde coherentemente impôr a condição de permanecerem secretas.

Eu por mim, d'um melhor e mais continuo conhecimento de Fradique, concluo que elle não deixou um livro de Psychologia, nem uma Epopeia d'arte decorativa (que certamente pareceria a Fradique uma culpada e vã ostentação de saber pittoresco e miudo), nem *Memorias* — inexplicaveis n'um homem todo de idéa e de abstracção, que escondia a sua vida com tão altivo recato. E affirmo afoutamente que n'esse cofre de ferro, perdido n'um velho solar russo, não existe uma *obra* — porque Fradique nunca foi verdadeiramente um *auctor*.

Para o ser não lhe faltaram decerto as idéas — mas faltou-lhe a certeza de que ellas, pelo seu valor *definitivo*, merecessem ser registradas e perpetuadas: e faltou-lhe ainda a arte paciente, ou o querer forte, para produzir aquella fórma que elle concebera em abstracto como a unica digna, por bellezas especiaes e raras, de encarnar as suas idéas. Desconfiança de

si como pensador, cujas conclusões, estabelecendo uma doutrina nova sobre as causas e as forças, renovando a philosophia e a sciencia, podessem imprimir ao espirito humano um movimento inesperado; desconfiança de si como escriptor, artista, creador d'uma fórma, d'uma Prosa, que só por si-propria, e separada do valor do pensamento, exercesse sobre as almas a acção ineffavel do absolutamente bello — eis as duas influencias negativas que retiveram Fradique para sempre inedito e mudo. Tudo o que da sua intelligencia emanasse, queria elle que perpetuamente ficasse actuando sobre as intelligencias pela definitiva verdade ou pela incomparavel belleza. Mas a critica inclemente e sagaz que praticava sobre outros, praticava-a sobre si, cada dia e anciosamente, com redobrada sagacidade e inclemencia. O sentimento, tão vivo n'elle, da «realidade», fazia-lhe distinguir o seu proprio espirito tal como era, na sua real potencia e nos seus reaes limites, sem que lh'o mostrassem mais potente ou mais largo esses «fumos da illusão litteraria» — que levam todo o homem de letras, mal corre a penna sobre o papel, a tomar por faiscantes raios de luz alguns sujos riscos de tinta. E concluindo que, nem pela idéa, nem pela fórma, poderia levar ás intelligencias persuasão ou encanto, que definitivamente marcassem na evolução da razão ou do gosto — preferiu altivamente permanecer silencioso. Por motivos nobremente differentes dos de Descartes, elle seguiu assim a maxima que tanto seduzia Descartes — *bene vixit qui bene latuit.*

Nenhum d'estes sentimentos elle me confessou; mas todos lh'os surprehendi, visivelmente, n'um dos derradeiros Nataes que vim passar á rua de Varennes, onde Fradique pelas festas do anno me hospedava com immerecido esplendor. Era uma noite de grande e ruidoso inverno: e desde o café, com os pés estendidos á alta chamma dos madeiros de faia que estalavam na chaminé, conversavamos sobre a Africa e sobre religiões Africanas. Fradique recolhera na região do Zambeze notas muito flagrantes, muito vivas, sobre os cultos nativos — que são divinisações dos chefes mortos, tornados pela morte *Mulungus*, Espiritos dispensadores das coisas boas e más, com residencia

divina nas cubatas e nas collinas onde tiveram a sua residencia carnal; e, comparando os ceremoniaes e os fins d'estes cultos selvagens da Africa com os primitivos ceremoniaes liturgicos dos Aryas em Septa-Sandou, Fradique concluia (como muito claramente o desenvolve n'uma carta d'esse tempo a Guerra Junqueiro) que na religião o que ha de real, essencial, necessario e eterno é o Ceremonial e a Liturgia, e o que ha de artificial, de supplementar, de dispensavel, de transitorio, é a Theologia e a Moral.

Todas estas coisas me prendiam irresistivelmente, sobretudo pelos traços de vida e de natureza africana com que vinham illuminadas. E sorrindo, seduzido:

— Fradique! porque não escreve vossê toda essa sua viagem á Africa?

Era a vez primeira que eu suggeria ao meu amigo a idéa de compôr um livro; — e que o considerava como um homem de letras, apetrechado e prompto, a quem todo o Universo, desde as formas sideraes até ás sensações humanas, se offerece como um facil conjunto de «assumptos». Fradique ergueu a face para mim com tanta estranheza como se eu lhe propozesse compôr uma Epopêa em XII cantos sobre o snr. D. João VI. Depois, alongando os olhos ao lume, murmurou lentamente:

— Para que?... Não vi nada na Africa, que os outros não tivessem já visto.

E como eu lhe observava que vira talvez d'um modo differente e superior; que nem todos os dias um homem educado pela philosophia, e saturado de erudição, faz a travessia da Africa como os *pombeiros* da costa; e que em sciencia uma só verdade necessita mil experimentadores — Fradique quasi se impacientou:

— Não! Não tenho sobre a Africa, nem sobre coisa alguma n'este mundo, conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporaneo valesse a pena registrar... Só podia apresentar uma série de impressões, de paizagens. E então peor! Porque o verbo humano, tal como o fallamos, é ainda im-

potente para encarnar a menor impressão intellectual ou reproduzir a simples fórma d'um arbusto... Eu não sei escrever! Ninguem sabe escrever!

Protestei, rindo, contra aquella generalisação tão inteiriça, que tudo varria, desapiedadamente. E lembrei que a bem curtas jardas da chaminé que nos aquecia, n'aquelle velho bairro de Paris onde se erguia a Sarbonna, o Instituto de França, a Academia Franceza, a Escola Normal, muitos homens houvera, havia ainda, que possuiam de modo mais lato e perfeito a «bella arte de dizer.»

— Quem? exclamou Fradique.

Comecei por Bossuet. Fradique encolheu os hombros, com uma irreverencia violenta que me emmudeceu. E declarou logo, n'um resumo cortante, que nos dois melhores seculos da litteratura franceza, desde o *meu* Bossuet até Beaumarchais, nenhum prosador para elle tinha relevo, côr, intensidade, vida... E nos modernos nenhum tambem o contentava. A distensão retumbante de Hugo era tão intoleravel como a flaccidez oleosa de Lamartine. A Michelet faltava gravidade e equilibrio; a Renan solidez e nervo; a Taine fluidez e transparencia; a Flaubert vibração e calor... O pobre Balzac, esse, rolava n'uma exhuberancia desordenada e barbarica. E o preciosismo dos Goncourt e do seu mundo parecia-lhe perfeitamente indecente...

Aturdido, rindo, perguntei áquelle «feroz insatisfeito» que prosa pois concebia elle, ideal e miraculosa, que merecesse ser escripta. E Fradique, emocionado (porque estas questões de fórma desmanchavam a sua serenidade) balbuciou que queria em prosa «alguma coisa de crystallino, de avelludado, de ondeante, de marmoreo, de resplandecente, que só por si, plasticamente, realisasse uma absoluta belleza — e que expressionalmente, como verbo, tudo podesse traduzir desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados d'alma...

— Emfim, exclamei, uma prosa como não póde haver!

— Não! gritou Fradique, uma prosa *como ainda não ha!*

E depois, ajuntou, concluindo:

E como ainda a não ha, é uma inutilidade escrever. Só se podem produzir formas sem belleza: e dentro d'essas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é reductivel ao verbo.

Tudo isto era talvez especioso e pueril, mas revelava o sentimento que mantivera mudo e inedito aquelle superior espirito—possuido da sublime e transcendente ambição de só produzir verdades absolutamente definitivas por meio de formas absolutamente bellas.

Por isso, e não por indolencia de meridional como insinua *Alceste*,—Fradique passou no mundo sem deixar outros vestigios da formidavel actividade do seu sêr pensante, além d'aquelles que por longos annos espalhou, á memoria do sabio antigo, «em conversas com que se deleitava, á tarde, sob os pla«tanos do seu jardim, ou em cartas, que eram ainda conversas «naturaes com os amigos de que as ondas o separavam...» As suas conversas, o vento as levou—não tendo possuido, como o velho dr. Johnson, um Boswell, enthusiasta e paciente, que o seguisse pela cidade e pelo campo, com as largas orelhas attentas, e o lapis prompto a tudo notar e tudo eternizar. D'elle pois só restam as suas cartas,—leves migalhas d'esse ouro de que falla *Alceste*, e onde se sente o brilho, o valor intrinseco, e a preciosidade do bloco rico a que pertenceram.

Eça de Queiroz.

AVE MIGRADORA

(Do romance «A QUEBRA»)

—Mas tu és minha amiga, balbuciava a creatura querendo tomar-lhe as mãos n'uma supplica desolada. Devias ter dó d'esta fatalidade que me leva ao encontro de Ruy. Oh, tu não sabes! A idéa d'elle tira-me o somno, embebeda-me, convulsiona-me, vai commigo a toda a parte. Tu ao menos tiveste familia, irmãos, alguem. A mim nunca ninguem me quiz. Os garotos puxavam-me os cabellos, meu pai batia-me em estando embriagado. Aos dez annos puzeram-me fóra, que fosse trabalhar. E andei descalça atraz dos porcos, ia aos sabbados pedir esmola ás portas dos ricos. Um verão agarraram-me a furtar uvas n'uma vinha: o vinheiro era um bruto, jogou-me um tiro; e cheia de sangue, quasi morta, uns cavadores que passavam, foram levar-me a casa da minha madrasta. Mas á embocada da aldeia, como eu ia estendida n'uma padiola de ramos, a senhora marqueza viu-me passar da sua janella, e por caridade, recolheu-me. Alli se fôra creando, a fazer companhia ao menino. Ruy n'esse tempo era um despota, obrigava-a a saltar muros, a pendurar-se de cordas, a fazer de cavallo. E batia-lhe. Em compensação Luiza adorava-o com um amor de cadella agradecida. Do fundo da sua humildade, nascia-lhe um deslumbra-

mento inexplicavel, uma curiosidade, uma cegueira de Ruy. E nervosa, franzininha, com a figura d'uma borboleta na melancolia pallida d'um sonho, adquirira já precocidades: e os seus grandes olhos remordiam na belleza do pequenito, substractos de muitissimas aspirações. Na quinta, os trabalhadores ás vezes perguntavam-lhe:

—Queres ser a amiga além do menino?

Ella abria os seus olhos vorazes, dizendo com a cabeça que sim. Entrementes o pequeno ia crescendo. Era alto, delgado, divinamente perfeito. Tinha já essa attitude desinteressada d'enthusiasmos, indifferente aos impulsos fortes, desdenhosa, petulante, das creaturas nascidas em meios altos, e destinadas ao predominio. As suas mãos davam cobiça, brancas de cera, e com detalhes mimosos d'obra prima. Oh, mas a bocca, inexplicavel, trazia embrionada na esculptura dos labios, todas as florações mysteriosas d'uma ascendencia patricia—bocca de chefe pela austeridade, de diplomata pela ironia, e de mulher pela doçura com que descerrava em sorrisos, cicatrizadores das esgarçaduras que a sua altivez antes fizera. Quando elle veiu do collegio a primeira vez, empallidecera: mas a expressão dos seus olhos era uma coisa indescriptivel d'encanto, de melancolia e suavidade.

A enformatura tenra, oscillando como a haste anemica d'uma flôr d'estufa, viera juntar-se o mysterio poetico d'um espirito insexualmente delicado, cujas infantilidades corrigia a cada instante um fogo-fatuo d'idéa, e a graça grave, indecifravel, cambiante, da esphinge que contempla, sem desmentir jámais a prega austera da bocca. Era já, n'essa idade, a creatura de gostos raros, avara de palavras e gestos, fria, correcta, com preguiças d'ataxica e relampagos de crueldade na pupilla augusta de Cesar, adorando o luxo dos palacios antigos, tendo a mania da *bibelotage*, e antegostando, como todos os homens da sua familia, uma especie de deleite perverso no desnortear pelo testemunho das suas impressões prevaricadas, a sensibilidade reputada normal pela outra gente. Essa susceptibilidade depressa se embotava todavia, reclamando intercadencias, e por vezes

derivando em passageiras allucinações. Indole toda de *nuances*, refrangida d'um sangue com predominio de soro, como uma luz coada através a séda d'um biombo, elle parecia arvorar o pallido como flamula de guerra da hoste macabra dos nevrosados, cuja vida o tédio do vulgar envenena. Por seu lado, Luiza conseguira ganhar pela viveza dos seus expedientes e remoques, o espirito da senhora marqueza, ao tempo elanguescido no estranho mal que ia varrendo as gentes da sua raça, mercê das alianças consanguineas em que esta teimára immobilisar-se. Em cinco annos, nada restava já da pequena mendiga chegada ao palacio n'uma padiola de ramos, com os cabellos nos olhos, os pés enlameados, coberta de trapos, e resequida n'uma magreza dolorosa. Era uma bruna de beiços rubros, dentes pequenos, com fórmas d'esculptura e sadias destrezas d'amazona. Desde a partida de Ruy para Campolide, que ella não tinha na casa occupações definidas. Conservavam-n'a um pouco por gratidão, e por amor tambem, um quasi nada. E assim era um bocado de tudo — leitora, enfermeira, guarda das estufas, esmoler-mór, creada de mesa e bordadora — e assim podera conservar a sua selvageria d'origem, tão familiar aos servos da propriedade.

Luiza era intelligente: alli se fôra educando, aprendendo, adquirindo pela familiaridade da boa companhia e da riqueza esparsa em obras de gosto, através dos velhos aposentos, essa cultura interior de sentimentos, essa exoticidade de preferencias, essa indiscutivel distincção de conversar e receber, que a tornaram depois tão appetecida cá fora — isto realçado co'a turbulencia da creatura nascida em pleno campo, espojada nos fenos, e rebelde no sangue, longe das peias deformantes da sociedade. Só longe a longe, á força de hydrotherapias complicadas, a senhora marqueza obtinha uma ou outra hora de vida serena, e conseguia furtar-se aos lugubres nervosismos da enfermidade. Era o feitio de Ruy, menos a juventude, mais a impaciencia. A custo lhe sahia o espirito das abstracções e somnolencias em que ficava embrenhado horas e horas; e exiguamente, distillando a lucidez como uma essencia, gota a gota, n'um *ting-ling* monotono. A sua vida passava-se n'um canto de

capella, entre sombras, enterrada n'um *fauteuil* com baldaquino, e só de lá sahia para se entregar ao cultivo de quatro ou seis predilecções extravagantes. Resentia-se do claustro onde passára os primeiros annos d'educanda, e da côrte onde tinha gosado os primeiros mezes de casada. Era uma natureza extatica, adorando as pompas do culto, os requintes subtilisados da liturgia, os movimentos dramaticos do orgão na instrumental das grandes ceremonias—um pouco de mysticismo, n'um pouco de miguelismo, n'um pouco de idiotismo,—com paixões de plantas monstruosas e aves singulares, alimentando-se de fructas, vestida de antigos damascos e *pompadours* de raminhos, e tendo sempre bolos d'ovos no beniterio do seu genuflexorio. Era vêr a ternura de Luiza durante as crises da boa senhora, e a meiga servilidade da sua voz rebuscando as mais enternecidas musicas, para pedir perdão de lhe não ter adivinhado mais cedo o pensamento.

Essa ternura, Luiza não a fazia nascer exclusivamente da gratidão que nutria pela castellã: vinha antes da emoção que Ruy lhe dava, da febre que lhe produzia a lembrança da sua belleza fruste e singular. Todas as dedicações se fundiam n'ella, e assim todas as especies de desejos inquietantes. Vinda d'uma mancebia d'aldeia, onde rolavam a toda a hora palavras bebedas e acções quasi medonhas, Luiza achára entre os moços da quinta, nas conversas surdas da cosinha e da arribana, á hora da ceia, a continuação do que vira e ouvira em casa da madrasta. Fôra preciso um cuidado assiduo, nos primeiros tempos, para refazer-lhe o vocabulario, e transviar para intuitos mais limpidos, a tendencia de vicio que ella trazia no sangue, em purulentos coagulos. Se a educação e o mimo em que fôra subindo, á proporção que se insinuava nas sympathias do palacio, lhe haviam feito a lingua casta, e a expressão virginea, já por fim: no fundo, o terrivel sangue conspirava n'ella, co'as herdanças fataes da vida airada, phosphorejando ardores que a nubilidade ás vezes desencadeava em verdadeiras procellas. Inda creança, o seu amor pelo Ruy já não podia dizer-se immaculado. Não era esse idyllio de bambinos colligados na mes-

ma adoração por uma boneca, nem a celeste comedia, inolvidavel, de duas cabecinhas attentas para o mesmo malmequer que se esfolha á beira d'um campo de trigo, sob o guarda-sol de sêda que a ama baloiça, sorrindo de os vêr tão sérios, os dois noivos pequeninos. Mas uma paixão d'inferior que se deslumbra pelos filhos da raça cujas perfeições não pôde igualar, paixão com haustos de posse, indeclinavelmente physica, prematura, perversa, e cheia d'estonteamentos já torpidos. Com a idade, aquella ancia de Luiza não se corrigia nem purificava, senão ia crescendo, accentuando, colorindo, na medida da sua adolescencia cada vez mais radiosa em seducções.

Nas férias, mal se sonhava o dia em que Ruy devia chegar, já ella não parava quieta em parte alguma. E eil-a passando os dias nos aposentos do menino, revolvendo alcatifas, mudando o lugar do leito, perturbando a ordem dos quadros, a disposição dos mobilamentos, agrupando plantas, pelo que sabia das predilecções de seu amo — pondo stores e biombos em todos os portaes por onde francamente entrassem a luz e o ar. Na casa, os creados sorriam, como quem sabe de tudo — gallinha canta... E os ditinhos pullulavam. Mas um que era já russo, muito gordo, quasi sacerdotal pela rigidez da compostura, costumava deter-se á porta dos quartos, tossindo devagarinho, a vêl-a trabalhar.

— É o Ezequiel, menina Luiza.

Ella gostava d'esse, que a defendia sempre nas animadversões da creadagem, e por toda a parte a cercava de deferencias tocantes. Mesmo, das suas palavras paternas, ruminadas n'um fundo de reflexão um poucochinho canalha, vinha-lhe uma sorte de lisongeira coragem. Ezequiel era o unico que parecia não pôr em duvida a ascendencia de Luiza sobre a outra creadagem. Emtanto elle ás vezes punha-se a esquadrinhal-a, na sua bonhomia de velho, deixando cahir palavras descuidosas aqui e além, para a fazer dar á lingua, e espaçando reticencias de proposito, no sitio onde a rapariga, simploriamente, logo ia prender revelações.

— Muitos parabens, menina Luiza. Faltam só quatro dias,

Ella, fingindo não entender:

— Ora essa! Para que, Ezequiel?

Elle ia entrando, punha o espanejador ao canto da porta, enxugava os dedos da pitada ao avental.

— Estas raparigas, estas raparigas!... E d'ahi que tinha? Não ha tanta menina pobre casada com pessoas grandes? Eu sempre queria vêr...

— Vossê, Ezequiel, nunca tem melhores lembranças. Ora o mofino!

E o velho, conciliador:

— Acaso admira que vocemecê goste de Ruy? O contrario é que espantava. Creados de pequeninos, no mesmo berço quasi... E olhe que têm muita força os beijos a que uma pessoa se acostuma de creança.

Ella empallidecia e corava sem escrupulo, surprehendida no divino tormento que lhe extasiava o espirito em fogos multicores.

— Olhe cá, Ezequiel. Cada um no seu lugar. O que diriam de mim, santo Deus?

— Coisa nenhuma, coisa nenhuma. Todos vêem como a senhora marqueza trata comsigo. Zús d'aqui, zús d'alli, está-lhe sempre a chamar minha filha. Olhe que é muita amisade, é amisade de mais para uma servente. Eu sei que isto enfurece os invejosos. Não faça caso, menina Luiza, não faça caso.

— Ah, não tenha medo, Ezequiel.

— E o menino Ruy então, não fallemos. Esse gosta, e gosta muito. Até cartas lhe manda. Não se faça encarniçada, menina Luiza.

— O disparate!

— Já cá sabemos tudo; pois então!

— Credo! Santo Nome! São cartas que elle manda para a senhora.

— Para a senhora, sim, para a senhora mais nova. Eh! Eh! fazia elle batendo as palmas, n'um tom maligno d'avô condescendente. Essa cama que fique bem fofa, essa campainha que fique bem perto. Rapaziada, rapaziada!

Ouvindo estas coisas, Luiza abandonava-se, perdia a cabeça. E do coração subiam-lhe á bocca ondas de confidencias, gritos d'alma, brutaes franquezas de rebelde. A intensidade do seu sonho interior era tão forte, tão sobreexcitado o delirio da sua imaginação, que para seguir-lhe a trajectoria, Luiza compromettia-se mentindo, gabando-se de scenas imaginarias, sem quasi perceber que se calumniava. Não, Ruy não lhe escrevia. Não, Ruy não gostava d'ella. Mas Luiza, Luiza morria por tel-o ao pé de si. Esses dias eram uma doidice, e Luiza não dormia, Luiza não comia, Luiza não dava attenção á leitura, Luiza estava distrahida á missa da senhora marqueza. A cada instante, omissões no serviço, pequenos confortos descurados nos aposentos, portas abertas deitando correntes d'ar, stores erguidos nas janellas, que endoloriam os olhos da enferma, apenas familiarisados co'as penumbras cinzentas do seu canto d'oratorio. Então a fidalga impacientava-se: as impaciencias traziam-lhe o nervoso. Era um horror. Para poisar os dedos no braço de Luiza, abrir o livro de rezas, dar uma dentada n'um bolo, a pobre creatura estava minutos em sobresaltos choreicos, debatendo-se contorcida, sentando-se e erguendo-se apenas se sentava, lançando da bocca palavras improprias, repetindo certos adverbios no meio das phrases: e amargurada, presa de terror, por ter a consciencia de não estar fallando bem.

Raro, raro, o senhor marquez que residia em Lisboa, na roda dos alegres *viveurs* d'então, se aventurava até áquelle deserto da quinta, calado, religioso, e com uma expressão claustral d'austeridade. N'essas poucas visitas, sua excellencia não vinha por certo estancar saudades de sua mulher, senão solicitar da pobre dama, mais uma vez, assignatura para alguma hypotheca que o auctorisasse a proseguir na sua vida libertina de velho rapaz. Chegava então pela noite, em caminho de ferro, estava até ao outro dia, e na madrugada seguinte, zut! elle ahi vai. As palavras que os dois esposos trocavam, eram uma simples formula de deferencia imposta pelo orgulho ás cogitações chocarreiras da creadagem, em que ella buscava mostrar o desdem que nutria pelo esposo, e o esposo parecia artificialisar ainda

mais, a sua amabilidade correcta de marido desencantado. Na primavera comtudo, a visita do marquez prolongava-se d'alguns dias, como era o tempo das caçadas. Trazia então quatro ou cinco velhos amigos, alguns creados, e as matilhas de galgos requeridas para a diversão. A marqueza recluia-se mais, se é possivel, no seu angulo de palacio, pretextando que a luz lhe encandeava a vista, que o ruido lhe exasperava a *migraine*, e o aspecto da alegria dos outros mais fazia contrastar a sua mortal e esmaecida tristeza de antiga moribunda. E os caçadores ficavam sós, livres inteiramente para deixar correr sem respeito, n'aquellas duas ou tres semanas de campo, uma impetuosa existencia de barões feudaes, accesa nas risadas do bom vinho das caves, nas correrias em pós das rapozas e lebres, e castigando-se á noite, finda a ceia, Deus sabe, entre os braços das mulheres que Ezequiel recrutava discretamente pelo burgo, na grande sala de lambeis gobelinos, com mobilias marchetadas de quatro seculos. Todas as manhãs, Ezequiel ia aos aposentos da senhora marqueza deixar galantemente um ramilhete da parte de seu amo, que á volta da caça lhe mandava em *plateau* tambem, a melhor peça da correria. Os fidalgos de ha trinta annos eram ainda mais inuteis que os de hoje. A mordomos e intendentes abandonavam a gerencia dos seus negocios interiores. Restos d'altivez faziam-lhes encarar desprezivelmente o que elles chamavam classes subalternas. Isto contrastando nas suas horas lucidas com a intimidade que a mór parte abria a fadistas e toureiros, nos momentos de vinhaça, por esses bordeis que ficaram celebres em cantigas do fado. Este marquez de Selmes foi como os outros, um perdulario espargindo fortuna e forças no rodilhão dos prazeres mais em voga ao tempo. Em Lisboa, dava talher a uma turba de litteratos, graciosos e moços de curro, com quem elle gostava de mesclar os seus jantares d'intimos, por manter o ar d'um grande senhor amigo das artes, requestado pela popularidade dos varios conventiculos elegantes da capital. E na quinta, aquelle mundo heterogeneo de parasitas representava-se um pouco, mais resumido, pelo critico Lagoaças, Alberto M., marquez das Flores,

grande pegador de bois, pai nobre Cezario, e festejado Mattos, que fazia rir a sociedade referindo historias da Lisboa duvidosa, no seu aranzel comido de *tati-bitati*. N'aquella primavera, a surpreza do marquez fôra Luiza, a grande Luiza que lhe surgia de repente uma senhora, e cujas infantilidades o velho galante distrahidamente afagára até ahi. Lagoaças, que era forte apreciador de fructos no cedo, foi o primeiro a chamar-lhe a attenção para a deliciosa frescura d'aquella maçã prohibida, que promettia co'os seus acres succos perfumar a bocca de quem lhe cravasse os dentes primeiro. Foi então um movimento geral de galantaria no grupo dos caçadores, sobre Luiza. Com a sua *nonchalance* habitual, o marquez dava carta de corso aos amigos, admittindo-lhes correr palacio a qualquer hora, em pós da famosa presa, se tudo fosse discretamente acontecido. Quem mais lesto e galanteador se antolhasse, mais esperanças poderia nutrir de sucesso. Alberto M. começou uma elegia

Deliciosa aranha delicada,
E com pennugens d'oiro revestida:
Ligeira, dôce, setinosa e leve...
Tens a peçonha lubrica mettida,
Na caricia das patas côr de neve.
.....

Marquez das Flôres era outro genero: confiava na mocidade viril dos seus braços, e nas casacas vermelhas de caçador com que apparecia todas as manhãs no grande pateo da casa, soado o primeiro hallali nas trompas dos monteiros. E a batalha começou, estando Ezequiel empenhado em fazer triumphar o marquez.

Uma manhã fazia Luiza o *ménage* dos passaros, sobre o terraço, Ezequiel que chega d'acaso. Bons dias d'um lado, bons dias do outro, e começou uma conversa d'introito, ao fim da qual, sem se saber como, Ezequiel ja fallava nas graças de seu amo, ideal dos fidalgos generosos, nata dos amigos commodos, e *non plus ultra* dos amantes discretos. Não é verdade, menina Luiza, não é verdade? Ui! que gorgetas elle lhe dava!

Pares de calças que lhe abandonára, novinhos em folha! E a sua maneira de tratar então, como d'igual para igual!

— Boa pessoa, fez machinalmente a rapariga, é muito boa pessoa.

— Uma coisa não sabe a menina. Elle está doido por si.

— Ai! o tramouco do velho...

— Diz que a ha-de fazer muito feliz.

— Brr!... Pois quem somos nós?

— Tanto que me encarregou...

— Vossê alcovita agora, Ezequiel?

— Desejaria vêl-a amparada, menina Luiza. Conheci-a pequena n'esta casa, vi-a medrar e fazer-se mulher, e gosto de si como os avôs das netinhas tagarellas. D'ahi, não promette grandes dilatamentos a vida de noss'ama: cedo, tarde, quando menos cuide, ahi vai ella caminho dos anjos. E fallando claro: a situação que ella lhe fez n'esta casa, é uma coisa postiça que lá fóra a menina não poderá continuar sem uma protecção. Quer que mudemos de conversa?

Posso, Ezequiel, isso posso. Não digo a servir, mas escolhendo rapaz com quem me case.

— Da aldeia, da quinta... Que creação é a d'esses homens? Afeitos ao trabalho das terras, querem mulher da sua condição, que sache, que monde, que moireje, e vista d'estamenha, e tenha rijeza p'ra lhes parir um creanço, em todas as paschoas de Deus. Além d'isso, duas naturezas desiguaes na educação — marido ciumento da mulher que não merece — mulher desprezando o marido que a não soube captivar. D'ahi zangas, ralhos, maus tratos, que sei eu? Ao passo que sendo rica, poderia encontrar um moço d'estimação que lhe fizesse a vida doirada, n'uma casa cheinha como um ovo.

— Mas rica, rica... Vossê conhece a minha gente. Morrem todos de fome, lá por casa. Se me não comem os olhos, é que não podem tirar-m'os sem que eu dê por isso. Ser rica, de que modo, por que processo? Diga.

— Eu a bem dizer, não tenho plano. Idéas vagas, muito d'alto, que se não podem assim contar a uma rapariga nova e

com principios diversos dos meus. Idéas de velho que viu mundo e sabe chamar os bois pelo seu nome. Olhe. Quando eu era rapaz tive uma patroa viuva, entradota, mais que medonha —inda esbrazeada por noivar, pobre senhora!—que uma noite me beliscou o assento, de passagem por um corredor ás escuras. Eu não quiz: gostava muito mais da cosinheira: opiniões de galucho, menina Luiza! Fui p'ra rua como era de justiça. Quatro annos depois estava o cocheiro nomeado visconde do appellido da minha antiga adoradora. Perdidinha por mim, menina Luiza, perdidinha. Carago! E eu tão bruto que não quiz! Se lhe ponho as calças em cima, andava agora de sege por essas capitaes.

—Fallando claro, o teu sermão quer dizer: amiga-te com o senhor marquez, rapariga. Não é isto? Por sua morte, talvez sejas rica: em vida d'elle por força has-de ser feliz.

Ezequiel não retrucou. Mas poz-se a contar historias de raptos, vergonhosos amores, coisas cynicas e patuscas, sem apparente colligação de sentido. A voz fizera-se-lhe surda, d'uma firmeza espaçada que lhe espargia na face aspectos graves de prégador e de magistrado. E recapitulou da prédica, pitadeando, que a vida era um quotidiano mercado onde a gente adquiria o que lhe faltava, e ia trocar por dinheiro o que por acaso tivesse de sobrecellente. Manoel Antonio Ferro, sahira da aldeia com elle, Ezequiel, em 40, com tres pintos no bolso, e o saquito da roupa branca. Entrado marçano n'uma loja do Porto, roubou o dono: primeira façanha, vá vendo... Foi ao Brazil mercandejar nos escravos, volta millionario. Chegado a Lisboa n'um estadão de principe, recommendado até aos olhos, nenhuma casa se abriu para o receber. Trazia na consciencia duas mortes, ao que se contava, e uns poucos de processos por contrabando e moeda falsa. O homem não se ralou muito co'a recepção dos patricios. Fez tranquillamente um palacio na Junqueira, talhou jardins, comprou herdades, derribou azinheiras, plantou vinha, fez eleições: e um bello dia, quando já entrava a ser necessario, deu doze contos para escolas, reclamando farda de moço fidalgo, pelos Ferros de Santo Thyrso, que eram la-

drões d'estrada e sapateiros. Toda a gente entrou a chamar-lhe venerando, desde os doze contos. Hoje, ninguem funda um banco sem o nomear director, e não se inaugura uma escola sem elle lá ir botar discurso, com os seus ares de pai-avô. Está par, está conde; e se ainda não põe na cabeça a corôa real, é que já tem uma de cornos, mimo da mulher, a sogra d'este marquez das Flôres que ahi está de visita. A duqueza de Montes, menina Luiza, hoje velha, e tão virtuosa senhora, que manda rosarios da Terra Santa a noss'ama... era uma dançarina do primeiro café-concerto que se fundou em Lisboa, cheia de molestias. Depois da dança, vinha pr'as mesas embebedar-se com genebra, sentada no collo de quem lhe désse dois pintos. Eh! Eh! Tudo se vende e se compra: caras geitosas, virgindades velhas e novas, familia, patria, salvação, condecorações, reputações, sapatos d'ourello e garrafas de vinho. Quer um bom camarote no reino dos céos, menina Luiza? Dê quatro contos ao papa: manda-lhe a chave na volta do correio. Faz-se de côres? Ora adeus! Não digo que seja dos Evangelhos, esta doutrina. Mas é o resumo de cincoenta annos de trambulhões e miserias. Seja-me rica! A primeira felicidade é ter que vender. Mas a unica, a verdadeira, é poder comprar.

—Ezequiel, vossê tem a alma ruim.

—Por lhe confessar que só os imbecis se portam bem? Por lhe dizer que este mundo é dos descarados? Ai, se eu tivesse podido convencer-me d'estas coisas na sua idade! Não traria agora senão a libré de mim proprio, e o mundo havia de fazer o que me viesse á cabeça. Faça o que quizer, menina Luiza. Mas esta fabula é clara como agua. O senhor marquez gosta de si. Qualquer dia a senhora marqueza, trrr... foi-se. Que ha de fazer a Luizinha? Estará resolvida a dar-se por mulher ao primeiro labrego que venha? Mas creatura! Voltar para os casebres da sua madrasta, d'onde fugiu a honra com medo aos piôlhos? Brada aos céos! Viver pura como a luz, uma vida escura como a noite? Olha a tolice! Despir trajos de senhora, deixar este palacio e os confortos da vida farta, a que se afez desde pequena?... Bau! Bau! não tem coragem. Isso sim! Vá,

fane as mãosinhas em trabalhos que humilham e não salvam da pobreza e da fome. Hum! Hum! menina Luiza. Esses olhos não mentem no que deixam adivinhar. Venda, Venda! O senhor marquez gosta de si.

As lagrimas saltavam já dos olhos de Luiza.

— É mais facil morrer, disse ella.

— Pois minha rica, não será rondando o Ruy noite e dia, mais de noite que de dia, que a menina ha de ir á cova de capella e palmito. Gostar do filho, tem todos os inconvenientes de gostar do pai, menos as vantagens. Esse pequeno é um cabeça louca; póde fazer appetite ao femeaço — o que não faz com certeza é uma bizarria que a deixe independente a si. Porque não póde! Porque não tem! D'ahi, tarefa inutil perseguil-o. O fedelho por ora não larga os amiguinhos do collegio. A menina não tem fortuna, parece-me ambiciosa... Venda. O seu genero está na alta. Dezoito annos. Uma lindeza! Venda. Bocca de morango, voz de seraphim... Venda, venda. O senhor marquez gosta de si.

Era o tempo das florações e dos ninhos. Divinas juventudes explosiam d'amor nas seivas da terra, na luz e nos perfumes do ar. O céo dôce, todo o campo uma distillaria d'essencias: lá baixo, na aldeia, as romarias começavam, e os casamentos tambem. Luiza guardava silencio, co'os olhos longe, vendo subir a manhã pelo cantar dos passaros. Comprar e vender. Vender e comprar. Uma carinha bonita, um corpinho perfeito. O senhor marquez gosta de si. — E Luiza chorou todo o santo dia.

N'essa cabeça de fogo entretanto, surgia cada vez mais fascinadora, a imagem de Ruy, toda abrasada d'estranhos prestigios: e diante d'ella ardendo sempre o lampadario d'um culto cego e inexoravel. Com o pequeno tinham vindo á quinta passar as ferias da Paschoa, tres ou quatro dos seus companheiros mais intimos — Palhalvo, já gordo aos quinze annos, cujas bochechas tinham o geito d'estarem soprando uma desconforme

trombeta, á semelhança d'esses anjos papudos que fazem apotheose ao calix mystico, nos frontões das capellas-móres — Mattoso, filho d'um criado velho, que a senhora marqueza destinava ao sacerdocio, e dominava o grupo com os seus modos severos de preceptor — Jorge Forjaz, primo d'Albertina, era o litterato, e recitava Rodrigues Cordeiro e Palmeirim nos banhos da Nazareth e Praia da Vieira — emfim Byscaia, especie d'aranhiço adunco, côr de feno, sempre tossindo, era um engeitado que o marquez recolhera e mandára ensinar, e cuja maldade e azedume transpareciam já nos seus dichotes de gaiato. Esta ronda de meninos bonitos, uns mais precoces do que outros, alvoroçava o palacio logo ao romper da manhã, extravasando nos pateos em exercicios de força e gymnastica, furtando beijos ás moças por onde quer que as topasse, partindo n'uma algazarra, em carretas de lavoira, para as searas onde mondassem raparigas, ou organisando correrias, d'onde os cavallos voltavam desferrados e cobertos d'espuma. Póde-se calcular o que estes diabos accrescentavam de desordem á volta dos festins do marquez: excepto Ruy, que ia ao almoço e jantar fazer companhia a sua mãi. Era a unica imposição tambem da boa senhora, ter o filho em *toilette*, defronte de si, nas refeições. E isto enchia d'importancia o pequeno, todo esforçado em infiltrar na melancolia austera da enferma, um raio da sua graça juvenil. Mesmo, o seu respeito por ella, timbrava em mimos, pieguices, ternuras, pequenas dedicações que a velha dama absorvia sem transluzir na face exangue emoção d'especie alguma.

Desde que Ruy chegára á quinta, a marqueza dispensava Luiza de lhe lêr as orações e velhos livros de pastoraes, villancicos ou novenas aos santos patronos mais dilectos. Era então Ruy o encarregado de lhe percorrer as passagens estimadas. Elle a tudo se prestava, com um tocante respeito de pagem amoroso, tentando seguir nos olhos d'ella o grau de satisfação que promovia, e evitando as crises com uma ligeireza d'alma adoravel e compadecida. Immovel por traz da cadeira da marqueza, Luiza servia-os, interpondo a enferma como medianeira innocente, no jogo galante em que ella buscava encasular a

adolescencia do rapaz. Alguma vez este lhe dirigia a palavra, a buscar apoio n'uma asserção, a preferir o conselho de Luiza no tocante a qualquer pormenor de solicitude para com a mãi. E a alegria da pobre creatura, quando elle erguia aos olhos d'ella, os seus olhos picados de scentelhas leaes! N'essa alma de collegial, toda escrupulosa no *frou-frou* da sua alvinitente plumagem, parece, nenhuma idéa de mulher passára ainda. E Luiza interrogava-se, sofreava-se, confusa, estonteada, aterrada das suas audacias, e sem coragem de revolver co'a sombra d'uma *coquetterie*, o lago azul d'aquella pureza celeste.

Uma manhã, cedo ainda, Luiza ia acordar Ruy para um almoço na horta, antes da caçada, quando se deteve á porta do quarto, sentindo rir e cochichar por entre as cortinas do leito. Talvez que Palhalvo, madrugador, a tivesse antecedido. Uma avidez de saber espicaçava-a entretanto. Pé ante pé, esgueirou-se por entre os batentes da porta, franzindo pouco o reposteiro, para se ir acocorar, sutilosa, por traz do grande biombo de coiro que resguardava a entrada. Era um dialogo abafado, d'um tom unido, e com palavras expirantes que ás vezes se perdiam entre murmurios de suspiros e beijos. Luiza avançou traiçoeiramente a cabecinha de vibora para fóra do esconderijo. E os seus olhos erravam como uma interrogação rancorosa, através as phantasticas elegancias d'essa camara, que nos seus mais pequenos detalhes evocava em estatua a organisação desconnexa, fruste, mysteriosa, desigual, que lá vivia. Bem podia a estranheza da installação ser tomada em amostra de faculdades singulares. D'aquellas fórmas erraticas e symphonias de côres amortecidas, via Luiza exhalar-se, sob um dia novo, a alma exotica a que ellas serviam d'involucro. As paredes eram forradas de velludo sombrio, já desbotado nos sitios do sol, e com pinturinhas vaporosas de figuras e flôres. Sombrios tapetes, quasi uma relva, amorteciam a bulha dos passos, até aos degraus do immenso leito toucado d'escuro, á laia d'eça, e com cercaduras á moda das da armação mural. Uma quantidade de moveis singulares: credencias d'ébano sobre ligeiros pés, trabalhadas como uma renda preciosa de vo-

lutas, entre ferrarias de prata batida a martello: nudezas d'estatuas aos cantos, brancas d'insomnia no rasgo genial das suas attitudes, servindo de cabide a chapéos de mil formatos: grandes jarrões sobre cubos esculpidos, em cujas arestas noctiluziam douraduras vagas de pregos: e mezas carregadas d'estatuetas, marfins, velhas miniaturas, bocetas esculptadas: espelhos de metal, tenebrosos, por cima dos canapés, fazendo surgir da sua agua verde, esqualidos phantasmas d'enforcados: roupões de grandes desenhos na espalda dos tamboretes: e defronte do leito, um enorme divan com os cochins em desordem, alguns atirados, e livros por cima, cujas folhas os galgos iam passando entre as patas, por distrahir-se, nos intervallos da soneca. De cada um d'esses pormenores, um braço sahia e apontava um capricho, escaninhos velados de religião instinctiva, qualquer coisa de cavalheiroso em que palpitava uma raça, ou se iam espreguiçando as passivas mollezas da anemia hereditaria. Lentamente, os olhos de Luiza afizeram-se a divagar por toda aquella confusa penumbra. Pela direita, acima do genuflexorio, n'uma especie de tryptico negro, havia um quadro: era estranho: duas mãos brotavam da carbonosa noite do fundo, implorativas, mãos d'asceta devorado pela tentação: uma cabeça funebre movia-se nas sombras d'um capuz, insistindo em affirmar o quer que fosse d'asperrimo—se a lampada gothica de tres bicos, cahida do tecto, oscillava, no tom mortiço que as luzes têm de dia, mesmo ás escuras. Aquillo parecia um templo, sob a agonia terrivel da lampada. Mas já lambendo o muro, o clarão d'ella fazia valer tropheus d'armas, radiando d'estapafurdias panoplias: a mitra dum bispo, cravejada de joias, um parasol de coiro arrancado ás escavações d'um templo romano, em Evora; peitoraes d'uma antiga cota sarracena... E dir-se-hia uma sala d'armas então. Porém do outro lado, a luz ia aclarar perto do leito, um perfumador de cobre sobre tripé de bronze. Luiza reparou. Ligeiros fumos fugiam á tona da caçoila, espojando aromas de flores de Takeoka, bolas de styrax, coiro da Russia, jasmins... E santo Deus! a narina farejava lupanar. De quando em quando, as cortinas do leito mexiam, e pelo ar res-

pirado da peça, aquelles perfumes torpidos erravam, n'essa calentura das alcovas habitadas pela reminiscencia de muitos amores sobrepostos. Luiza sentia-se desfallecer, á idéa d'outra mulher antes d'ella, ter captivado o estudante. Mas que mulher? dizia a camareira emparvoicida. O nome d'ella? O feitio d'ella? Dentro do palacio, por mais que procurasse, não descobria uma rival. Sua irmã não era bella: e fatigada, arrastando saias de barra immunda... Na cosinha, as creadas, todas feias de perder os sentidos. Alguma creatura de fóra? Isso é que não! De noite, Luiza rondava os corredores: a galeria que abraçava exteriormente o quarto de Ruy, era Luiza que lhe fechava a grade de ferro, aberta sobre os jardins. E irresoluta, tinha um suor na raiz dos cabellos. Aquelle sonso! Aquelle vil! — A sua primeira gana tinha sido correr ao leito, afastar as cortinas, ir contar tudo á senhora. Mas um terror apoderára-se dos seus membros. Que medonha noite na sua alma, que singular e perfida violação do seu destino, quando ella visse com os seus olhos, palpasse com os seus dedos, o que já alcunhava de traição a uma fé que ninguem lhe havia ainda jurado! E lá dentro, n'aquelle infame ninho de volupias, sempre o murmurio de beijos e suspiros. Urgia emtanto chamal-o para o almoço. Já no pateo havia rumores de vozes e relinchos de cavallos. Luiza sahiu pé ante pé, para entrar outra vez com grande ruido de portas atiradas. Mas ainda ella não transpunha a área de resguardo marcada pelo biombo, Ruy sahiu do leito com impeto, muito pallido, vestido apenas d'uma camisa de sêda: e vindo a ella, volubilmente, abraçou-a a plenos braços, deu-lhe um beijo furioso na bocca, e de rodilhão pôl-a fóra, fechando a porta sem mais explicações. Foi n'aquelle idyllio triste a unica impressão feliz que ella sentira: e todo o dia, toda a noite, lhe sabia a bocca áquelle beijo de rapaz que lhe entrára na carne pela furia virulenta da lingua.

D'alli a pouco, os caçadores deixavam o pateo direito ao laranjal. Luiza chegou-se ao terraço a vêl-os partir. Era o resto. Alberto M., empurrava para a porta marquez das Flôres, retardado em dizer madrigaes á camareira. Festejado Mattos

ia bifurcado n'um burro, immovel como um bonzo por baixo d'um grande chapéo de esteira do Algarve, entre cabazes de provisões. Marquez de Selmes fôra o ultimo a transpôr a porta. Reparando em Luiza, gentilmente:

—Tira a cabeça do sol, não adoeças.

E mandou-lhe um beijo nos dedos. Então ella alongou a vista para além dos muros do pateo, viu Ruy pelo braço de Mattoso, conversando a passos vagarosos.

—Menina Luiza.

Era Ezequiel com uma caixa de marroquim.

—Da parte do senhor marquez.

Luiza abriu o cofre, na ingenua expansão de Margarida ao atacar a aria das joias, na scena do jardim.

—Joias, joias! e houve no orgulho d'ella, um romper do sol vertiginoso.

—Para começo, é do melhor, dizia Ezequiel. E Luiza tocava n'um bracelete ao acaso, com safiras e pequenas perolas d'agua duvidosa. Havia mais um afogador, seu par de brincos, outra pulseira... E a sua bocca sorria de pasmo, na sua cara enxovalhada de pejo.

—Vale quarenta libras, toda esta caganifancia, quarenta. O homem faz limpamente os seus negocios, dizia Ezequiel. Eh! Eh! ponha lá as pulseiras, menina Luiza.—E abriu uma.—Que lindeza! Metteu-lh'a no braço. É para vêr como fica.

Luiza toda se arrepiava ao frio do metal na pelle trigueira do seu punho. Lembravam-lhe aquelles beijos na camara de Ruy, pela manhã. E fechou o cofre de repente dizendo a Ezequiel que o tornasse a levar ao marquez. Com certeza houvera engano. Ella não podia aceitar presentes d'aquelles.

Então co'o gesto grave, Ezequiel:

—Nada, nada. Seu amo ficaria fulo, se visse as joias recambiadas.

Mas Luiza não o escutava, nem ouvia. De novo, o ciume lhe tizera derivar a attenção por outra corrente.

Oh, a mulher que estava com elle! Não poder ella agarral-a sem testemunhas! Não lhe poder tomar o nó da guela

entre os pollegares furiosos; e desagregar-lh'o, e esmagar-lh'o, fazendo-lhe espalmar a lingua para fóra da bocca, até á base, toda sangrenta nas mordeduras da agonia! Via-o então apparecer d'entre as cortinas — como elle vinha, lesto, branco, em sobresaltos! — na sua esguia camisa de seda, vermelha e longa, muito franzida á volta do pescoço, e toda ella moldando a estatura elançada d'algum d'esses reisinhos loiros das phantasmagorias poeticas de Shakespeare. E o beijo que lhe déra, tão sapido de delicias inéditas, bocca a bocca, Luiza tinha-o sempre no fremito dos seus labios, e guardava-lhe o perfume no halito, como se o embalsamara uma pastilha de harem.

— Além de que, tenho fé que a menina vai d'aqui a pouco mudar de tenção. Olá se vai!

— Que está a rosnar, Ezequiel?

— Nada, nada. Aceitar, que quer dizer? É um presente: meu amo não pede nada por elle. D'ahi, seria a primeira vez... Eu cá recusei deitar-me co'a viuva, que era barbosa e medonha, mas sempre lhe fui recebendo um bom relogio de oiro. Gente pobre põe de banda orgulhos tolos. E mette n'algibeira, menina Luiza. E de boa creação.

Luiza ficou cogitando. Joias tinha-as ella visto nos gavetões da marqueza, em grandes cofres de setim desbotado: estylos modernos, velhos estylos, todos os metaes, todos os esmaltes, pedras de todas as aguas e de todas as côres. O mal da pedraria, que faz cupida a mulher do alto luxo, Luiza não podia soffrel-o ainda, no seu humilde papel de camareira. Vagamente ella entrevia a seducção d'aquellas faiscantes areias, que os romances acclamam como talisman de todas as concessões, sem todavia desconfiar que atmosphera mordente põem de roda á belleza, as fulgurantes pedras lapidadas. Ir contar tudo á senhora marqueza? Boa idéa. Luiza foi aos aposentos da enferma. Ahi lhe daria o ataque de nervos, desharmonia na casa, e talvez para ella o olho da rua... Muito embora! Entrou. Mas logo ao entrar ouviu tossir. A velha passára mal durante a noite, vomitos sêccos, uma ponta de febre, e a manhã passou-se n'isto. A marqueza não tinha querido erguer-se da cama, e

ouviu missa mesmo deitada, pela porta entreaberta do oratorio. A cada momento, Luiza tinha que voltal-a, trazer-lhe um livro, executar uma ordem, aconchegar uma cortina, vêr o tempo. E só pelo meio dia pôde tirar um bocado para se ir vestir. O quarto d'ella era junto aos aposentos da senhora, com uma porta sobre o grande corredor que levava aos quartos de Ruy, não longe dos quaes demorava Ezequiel. E Luiza começou um *toilette* minucioso e cuidado. Ao canto fumegava o banho, em que ella entornára meio frasco d'agua florida. E sobre a commoda, o cofre aberto, deixava vêr os presentes do marquez. Das gavetas saccou Luiza a roupa que precisava: uma camisa d'abertos, bem fina e trabalhada por ella, saias brancas—era um domingo—e d'uma gaveta pequena, o retrato de Ruy que poz á vista, sobre o pequeno movel de cabeceira. Já uma a uma, as saias d'ella iam cahindo, diante do espelho, com a friorenta graça, um pouco crispada, d'um faizão que se banha no regato, ruflando as plumas, depois de haver bebido. E inda apoiando ao seio, a camisa, que despira, espremeu d'alto, vagarosamente, sobre a tina, a esponja ensopada em agua tépida. Desnastrára os seus cabellos, que eram grandes, espiralados, bem fartos, reluzentes e negros, torcendo-os após sobre a nuca, n'um grande molho de serpentes, como nas estatuas classicas, os cabellos da Venus aphrodite. Espiralitas doidas, carrapitos finos, muito frisados, soltavam-se-lhe do turbilhão de cabellos, por brinquedo, cocegando-a na pele doirada do pescoço. Emfim a camisa cahiu: e era assim adoravel de nudez, triumphante de mocidade, cheia de revelações e surprezas virginaes. Quasi morena, a sua pelle vestia uma carne rija, symetrica, cantando sonatas perfidas de volupia, em que resoavam estribilhos de dentadas, gritos hystericos, spasmos e soluços d'insaciavel peccado. Mesmo, á volta da banheira, dirieis que as coisas abriam palpebras, e por entre as palpebras, olhos que a fitavam, furiosos de deboche, gritando infamias por centenas de boccas invisiveis. Ui! como a sua divina garganta, rapazes, parece crystallisar em bellezas inéditas, toda a luxuria em que as gerações têm urrado, sedentas da fórma, ha tantos seculos!

Que bazar de tentações delirantes era o seu peito, que duas pétalas de rosa maculam, tão altas, tão iguaes, tão erecteis, que antes pareciam beicitos de creança, estendidos n'um momo candido para aceitarem o beijo d'um velho amigo da casa.— E mergulhou, espanejada, dilatada de prazer, cantarolando baixo uma cantiga. A espaços chapinhava a agua, immergia, tornava a cahir, amollecida n'um desejo, sonhando noites de nupcias com elle, sobre o leito de cortinas sombrias, onde as suas respirações se estrangulassem entre um murmurio de beijos e suspiros. O retrato de Ruy nem a fitava, receando a perscrutação impreterivel dos seus olhos, e o jugo d'aquelles braços, absorvente e pantanoso.

Uma hora no relogio do corredor.

Ainda agora Luiza não se sabe explicar, como é que tendo jurado a si mesma, recambiaria o estojo ao marquez, se encontrou no fim do banho em frente ao espelho, núa como Cypris na areia de Cythéra, ensaiando o effeito do afogador e dos braceletes, na pelle rosada ainda dos attritos da esponja. Á medida que ia fixando sobre o espelho, tantos e tantos detalhes de perder a cabeça, passava no clarão dos seus olhos o mudo extasi de si propria, e a coriscação de oiro novo, nas flocosidades brunas da garganta e dos hombros. E comsigo mesma acabou por achar razão a Ezequiel. Por fim de contas, aceitar que quer dizer? É um presente. O senhor marquez não pede nada em demasia da offerta. Virava a cabeça para vêr o luzeiro dos brincos, ageitava o colar, punha as pulseiras... Deliciosa, fascinadora, appetecivel! Se Ruy podesse vê-la a plena luz, assim despida, e sem a hypocrisia do mais ligeiro véo, talvez que elle sustasse de vez tantas repulsas—ai, talvez!—e viesse cahir-lhe aos pés absorvido na sua belleza immortal. Oh, como da esbelteza nervosa dos dois corpos, ventre a ventre, se evolaria o poema de mysteriosas caricias n'esse instante, rimado a beijos, labio a labio; esse divino poema, através de cujas estancias rola a batalha do goso, e do calice de cujas imagens gotteja a tripla-essencia das mais celestes devassidões! Duas vezes ou tres desenrolára a camisa, esfregando-a da gomma

entre as mãos sobresaltadas: e ainda por fim se adorava no espelho adulador, furiosa por dar-se, n'um paroxismo que ia até ao deslumbramento. De repente pareceu-lhe ouvir rumor no quarto proximo. Enfiou a camisa á pressa, atarantada; pé ante pé foi indo de mansinho até á porta, receosa, d'ouvido á escuta, occultando a nudez por traz dos reposteiros. Não se enganára. Estava entreaberta a porta do corredor. Então lançou um chale pelos hombros, enfiou as chinellas á pressa, sem se atrever a perguntar quem andava lá. Mas deu um grito de susto, vendo Ezequiel diante d'ella, livido de morte, tremulo e babado como um satyro decrepito.

Luiza apenas tivera tempo de acocorar-se a um canto da peça, buscando encobrir-se toda no chale, pallida de vergonha e gritando ao malandro que se fosse.

Porém este, apopletico, nem fallar podia, fulminado por aquella visão de mulher núa, e com o cuspo a espessar-se em grossos fios nos cantos da bocca.

— Aquelle ruivo, menina Luiza, tartamudeou elle por fim, rolando os olhos, — o que faz versos... Entregou-me este papel para vocemecê.

— Bem, bem, vá-se embora. Ande! Não ha maior atrevimento.

— Ouve, Luizinha, rica filha, eu já me vou. É uma coisa que eu trago aqui guardada. Des'que te vi. E tão núasinha, tão boa, Jesus do céo!

— D'aqui p'ra fóra! Já! Ou chamo gente.

— Os outros querem-te por uma vez, pai, filho, moços e velhos, anda tudo atraz de ti. É uma canalha, já t'o disse, é uma canalha. Até me propuzeram que te amordaçasse, uma noite, p'ra se refocilarem comtigo, aquelles ladrões.

A sua voz rastejava, o seu aspecto era terrivel.

— Pelo amor de Deus! supplicou elle. Ouve-me ainda. — Estou quasi rico. Estou velho. Oh, chega-te a mim! Podemos casar. Ámanhã. Hoje mesmo. Filhinha! Que és bonita d'offender a Deus no céu.

Estendia os braços para cingil-a, co'a lingua sêcca na boc-

ca, e alongando os beiços lividos contra os claros de nudez que lobrigava.

— Anda commigo. Sahirás d'esta espelunca. Só em Lisboa, tenho doze contos no banco, á minha ordem. Pratas, inscripções arrecadadas ao canto do meu bahú. Ouve, Luiza! Tu matas-me, diabo! tu estás deitando a minha alma no inferno. Um beijo só n'essas carninhas. Deixa dar. Que mal te faz?

E vergado á tremura senil dos deboxados, Ezequiel cambaleava, crispava-se, indo para ella de rastros, assim como um cão leproso conquistando a codea que lhe negam, sob golfões de chicotadas.

— Não tenho herdeiros. Um pobre velho! De hoje ámanhã posso morrer. Lembras-te do que te tenho dito? Os conselhos, os mimos... tristezas que eu soffro por causa de ti. Eh! Eh! Está decidido que aceitarás.

Então conseguiu agarrar-lhe um braço, o que desligou Luiza uas algemas nervosas que a sustinham, estarrecida, perante o sapo de cujo visco escorria tanta lascivia torva d'impotente. Houve uma lucta. Os cabellos de Luiza rolaram.

— Larga-me, ladrão! dizia ella n'um choro baixo, rapido, soluçando em convulsões. Comtigo nem morta, estupor! Doira-te, a vêr se eu te não cuspo n'essa cara. A tua vida, todos a conhecem. Devias andar na costa d'Africa, amarrado com cadeias a algum canzarrão da tua parecença. Larga-me, larga-me, quando não dou cabo de ti!

Elle porém, retendo-a, sem violencia ainda:

— Tu deves lembrar-te, Luizinha, do bem que eu te tenho feito. Os teus desejos, ando a adivinhal-os. O teu nome é-me sagrado em toda a parte. Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus!

— Rua d'aqui! De quem eu gosto é do menino. Eu hei-de ser d'elle por força. Inda que eu haja d'entrar na vida depois.

Os dentes do velho rangeram. Chorava, ria, esse homem, cobrindo o peito de baba: era assombroso de vexame! Luiza conseguira libertar uma das mãos; e pregou-lhe nas ventas uma bofetada medonha. Aquella affronta, Ezequiel perdeu a cabeça.

As obscenidades golfaram-lhe da bocca, como granisos espessos, pintando toda a decrepita infamia da sua alma. Ella estava de pé junto da porta, quasi nua, sem se importar. Tinha no collo e nas orelhas as joias que lhe mandára o marquez. O velho viu-as.

— Eh! Eh! Sempre aceitaste o cofre de meu amo. Já lhe posso ir contar que o mais difficil trabalho está vencido. É melhor ser amasia de fidalgo que mulher de creado de servir. Inda tu procedeste com brio. Ha marafonas honradas! Podias ter escolhido as duas profissões ao mesmo tempo. Ella ria-lhe na cara. E o miseravel, volvida a crise, apresentou-lhe as ultimas concessões. Ajoelhára. E jurou-lhe consentiria o adulterio. Dava-lhe as suas riquezas por uma noite só d'intimidade. Casada com elle — ao dia seguinte, podia partir com dinheiro dos seus cincoenta annos d'escravidões e economias.

Luiza não retrucou: agarrára um papel de cima da cama.

Deliciosa aranha delicada...

Mas casualmente, erguendo os olhos, viu na bandeira da porta tres cabeças gravemente assestadas á vidraça, gosando a comedia com a paz d'alma de bons espectadores das galerias. Marquez das Flôres tinha um grande binoculo com que a mirava. O poeta estava em extasi. De festejado Mattos mal se via a careca luzente, como era mais pequeno, e uma ponta do nariz guloso que vinha adejar contra os vidros, como um focinho de morcego encadeado contra a luz d'uma fogueira.

Perto da quinta, sobre um outeiro coberto de cevada verde, do outro lado da aldeia, houvera de tarde uma festarola d'ermida. Todas as creadas tiveram licença para ir até lá, depois do jantar, excepto Luiza que estava de serviço á marqueza, e Ezequiel que, já velho, quizera ficar junto de seu amo. Dos terrados do palacio via-se, já noite, a foguetaria estrondeando no adro, e clarões de fogueiras lambendo as saias das moças na sarabanda dos bailaricos. De quando em quando, uma labareda

mais clara desenhava no azul profundo a branca fachada da igreja, d'onde sahia um campanario em agulha, cujas sinetas desde a manhã tagarellavam festivamente. Extinctos os rumores das officinas, no andar terreo, silenciosas as cocheiras e mais dependencias da casa, toda a enorme residencia dir-se-hia acachapada n'uma somnolencia lugubre, entre a confusão dos arvoredos. Apenas nos quartos da fidalga cochichavam tres ou quatro velhas damas das quintas perto, que tinham vindo de visita, aproveitando a aberta do dia santo; e na casa de jantar, logo depois do café, o jogo começára entre os convidados do marquez.

Sósinha no terraço, Luiza seguia a curva dos foguetes no céo primaveril, esmagada pela espantosa scena com Ezequiel. Queixar-se... ella tinha pensado em queixar-se. Mas Ezequiel contaria a scena do afogador e das pulseiras, a sua loucura pelo Ruy, e todas as tagarellices que a pobre cahira em confiar-lhe. A tardinha, vencida de remorsos, ainda ella ousára ir com o estojo ao marquez, a recusar-lhe nitidamente aquellas offerendas que não merecia. Elle olhou-a com a bondade um pouco ironica que costumava ter.

—Meu padrinho, eu vinha...

—Ah! não me agradeças, pequena. Sei da companhia que fazes á senhora. É uma lembrança de minha parte. Nas raparigas bonitas é que essas coisas dizem bem. Vai.

E Luiza não tivera coragem d'insistir.

Essa noite, Ruy que passeava, fumando, ao longo da balaustrada, observou-lhe:

—Estás com pena de não ter ido ao arraial?

—Eu cá sim! respondeu ella. Olhe que ha de ser por lá uma balburdia. Se lá estivesse, o que eu fazia era voltar.

—Ainda é tempo, se queres. Minha mãi dá-te licença.

—Ai, não. Gosto pouco de romarias.

—O que é que tens então? Pareces triste. Pareces doente.

—Eu não tenho nada, menino.

Elle fez mais duas vezes o comprimento da balaustrada,

lentamente, fumando: e o seu passo não fazia ruido sobre o xadrez da plataforma.

—Só se te zangaste esta manhã... Foi brincadeira minha, não faças caso.—Mas Luiza sorriu-se: zangar, porque?

—Eu sei! Podias não ter gostado.

—D'um beijo? Ora! não vinha talvez p'ra mim.

Ruy tossiu um pouco. De cada vez que elle dava costas, os olhos de Luiza seguiam-n'o. E a sua figura perdia-se no escuro, ficava um instante indecisa entre as sombras das arvores. Luiza aguardava então que elle voltasse, com extasis de devota, e quando o lume do seu cigarro apparecia, ella retomava a sua postura de Manon batida.

—Já sei, que tem um namoro, disse ella em voz baixa, ao fim d'um esforço.

Elle voltou-se.—Eu!

—Tem, tem.

Ruy estava muito familiar.

—Pode ser. Na visinhança ha bonitas raparigas.

—Não, não, cá em casa.

E o pequeno rindo.—Então és tu.

—Ai, a mim ninguem faz festa. Acham-me feia.

—Ao contrario. Toda a gente anda por ahi a fazer-te a côrte. Eu percebo.

—Esses!... disse ella, fazendo olhinhos de gata sobre Ruy. E encolheu desdenhosamente os hombros.

—Mas, emfim, quem namoro eu?

—Não disfarce. Quando entrava no seu quarto esta manhã, ouvi...—Já elle proseguia no giro interrompido, como se entendera a indiscrição. Essa vez demorou-se mais. E ao topal-a, bruscamente:

—E tu que recebes presentes! Dize que não.

—Ah, sabe.

—Esta manhã.

—Á hora dos beijos... juntou Luiza para lhe metter ferro.

Elle tinha ficado nervoso.—Hein? presentesinhos...

—Quem m'os deu explicou-me o motivo porque m'os dava.

A minha recusa seria prova de soberba, e tinha de passar por desagradecida aos olhos de meu padrinho.

—Quero dizer, eu não me importa...

—O tal Ezequiel que enxafurda os outros na calumnia, devia lembrar-se das muitas infamias da sua vida. Olhe que se eu quizesse fallar!

—Não. Isso cautela. E um creado velho, elle prudente, elle fiel... Emfim, agrada-me.

—Deus fará com que se desilluda, menino, quanto mais depressa melhor. Mas ao menos, devia ter-lhe contado tudo, o intrigante.

—E achas pouco? tornou elle em ar de mofa.

Luiza interdicta, não sabia bem ao que elle se estava referindo. Ficaram calados.

Até que resoluta, um pouco tremula, pondo-lhe as mãos sobre as mãos:

—Ha uma pessoa só de quem eu gosto, disse ella.

—Cá em casa estão muitas. Provavelmente gostas de todas.

Ella dava grandes suspiros, afflicta: e desatou n'um choro subitamente.

—Mas vamos! Que é isso? Porque choras tu?

—Não é nada, não é nada...

—Não, isso has de dizer.

Ella deitou-se-lhe aos joelhos, e n'uma anciedade:

—Oh não me deixe! Não me deixe! Se elle soubesse! Era tão desgraçada, tão maldita! Todos na casa queriam perdel-a; Ezequiel antes de todos, lhe infundia um pavor funebre e desgrenhado. Que mal fazia ella? Porque insistiam em lhe fazer sentir a sua falsa posição n'aquella casa?

—Mas cita os nomes, conta o que te fazem, insistia Ruy por acalmal-a.

—Não sei, não sei, dizia a rapariga: e soluços bruscos abalavam-lhe o peito. Era uma angustia que a tomava, uma tristeza que lhe vinha sugar o coração. De noite acordava espavorida, com um novello nas guelas, sem poder respirar. Ti-

nha que dormir fechada á chave, por sentir passos de roda do seu quarto, sombras fugindo na curva dos corredores... Tudo lhe parecia hostil n'aquelle palacio agora... os olhares dos homens, as tagarellices das creadas, os proprios rumores indistinctos d'altas horas. — Ezequiel dissera que a havia de perder.

— Olha a mania! Ezequiel não passa d'um pobre velho.

Ella quasi o cingia pela cintura, estreitamente, fazendo-se pequenina, e como se quizesse abrigar-se no concavo das suas axillas. Supplicava em voz surda, com a bocca collada ao peito d'elle. Dirieis uma liana de martyrio enlaçando a haste flexivel d'um cipó.

— Não, não, menino Ruy. Luiza bem adivinhára os intentos d'aquelle homem sinistro. Elle queria-a. E ousára dizer-lh'o, com que palavras, sabe Deus! — E outros ainda. Marquez das Flores, que outro dia, ao encontral-a no jardim... Finalmente Byscaia vinha arranhar-lhe á porta do quarto... O ruivo mandava-lhe poesias... Nas cosinhas, em ella entrando, todas as moças tossiam como se lhe soubessem d'um pódre. Até os da cocheira tinham ousado chalaças crúas, quando succedia toparem-n'a de perto. E Luiza tremia, Luiza perdia a cabeça! — Uns por ciumes da protecção que os senhores lhe dispensavam; outros por maus desejos que ella sempre tinha repellido; e todos buscando precipital-a da sympathia de Ruy e da marqueza. Oh, já não sabia como fugir áquella calcinante atmosphera de odio e rancor.

— Casar, disse elle. É o que deves fazer. E o seu olhar evitava-a.

— Casar, ella! Quem queria uma mulher sem fortuna, e com a educação mais alta que o nascimento? Os habitos que contrahira n'aquella casa prohibiam-lhe de se unir a um qualquer homem do campo, que ella de resto não saberia amar sinceramente. Esses mesmos habitos haviam compromettido a serenidade da sua consciencia, e quem sabe se auctorisado os desbragados propositos dos que buscavam perdel-a? Mesmo, a sua razão tresvairava: era necessario um esforço desesperado para varrer da cabeça as loucuras que por lá corriam.

Loucuras, sim!

Ella não delirava. Casar com este ou com aquelle, tudo era cahir do sonho radioso a que se afizera primeiro. O homem que ella adorava, jámais poderia sem descer, tocar-lhe com os labios na testa. E o seu futuro, ella bem no via, descendo n'uma espiral d'angustias e desalentos. Em creancinha, quando o menino estava ausente, Luiza dir-se-hia no palacio a filha unica da marqueza, que todos acariciavam de passagem, buscando por ella captar a benevolencia da fidalga. A felicidade era tão facil d'aprender! Assim se fôra educando, como se a destinassem a algum homem de condição superior. Até a familiaridade de Ruy, n'aquelle tempo, lhe ajudára a fomentar a sua illusão de grandeza. Agora Ruy estava um homem — adeus encantamento! Luiza teria de voltar a ser uma guardadora de porcos.

Elle apadrinhou-a com um magnifico gesto fidalgo. Quasi nem metade das suas palavras ouvira, porque havia um instante, surpreso, se escutava, sentindo-se invadir d'um sentimento indefinivel, delicioso, inquietante, que lhe ascendia no sangue, e o esbrazeava no mais recondito da sua carne, e lhe punha fervores pela nuca, até ás fontes, como se fôra um veneno. Aquillo espraiava-se n'elle em bruscas ondas: era uma sensação inexplicavel de vaga delicia, sobresalto, receio, queimadura... Já trinta vezes quizera afastar Luiza, sacudir os filtros que vinham da sua provocadora belleza, retomar o seu bello ar de principe herdeiro, impassivel aos arrulhos do serralho: e outras trinta sentira faltar-lhe a coragem. Entrou então a dizer-lhe consolações ao acaso. Ella estava por força na sentimentalidade ephemera d'um mau momento, vendo côr de cinza por uma ennublação instantanea da sua viveza de rapariga — nem admirava, com a doença da senhora marqueza... E senão, que queria dizer tudo o que lhe ouvira? Das suas palavras não resahia uma só causa de soffrimento legitima. Era quasi tudo pesadello romantico, trahindo a crise dos nervos convulsivados, hemorragia sem lançada, preludio d'amor latente, que fluctuava ainda sem escolha d'idolo. No fundo d'essa avenida de proje-

cções melancolicas, era evidente que a sombra d'um homem adejava, mas sem physionomia, sem cabeça... uma insurreição do feminino em cata de nupcias. As mulheres aos vinte annos vibravam todas n'aquella passageira crise do sexo reclamando o culto para que foi votado. O necessario agora era pôr uma cabeça sobre os hombros d'aquella translucida apparição, dar-lhe face, dar-lhe caracter, dar-lhe nome... Finalmente, tornar o phantasma em homem!—E sorrindo: hei de procurar-te um noivo, deixa estar.

Luiza erguera a cabeça.

— Tu?

Surprehendido, elle encarou-a. Viu-lhe o perfil dealbado por um lampejo da sulfatara interior, e a lascivia da bocca aspirando o halito das suas benignas palavras.

— O meu noivo, balbuciava ella n'uma especie de amoroso delirio, poetisado pelas cadencias da voz debordando em melodias. Procura-o perto. Talvez te não responda, apesar dos meus suspiros que o chamam, noite e dia. É uma estranha creatura, esse noivo, bella como a apparição do Christo a Santa Thereza, porém fria e fatal aos que se lhe aproximam. Só prostrada na terra eu ouso chegar-me a elle, como um reptil a uma corça branca dos bosques. Entre nós, eu bem conheço, ha o boqueirão d'uns poucos de seculos de cultura. Quero preencher com a minha belleza esse formidavel precipicio que me prohibe de o adorar. Ai de mim! Embalde os meus braços tremulos se lhe estendem, e os meus olhos extaticos vão pousar-se, como pombas, no esplendor da sua belleza tão pura. Elle não quer ouvir os meus soluços, nem derramar nos meus cabellos a calorosa uncção das suas caricias. É nobre, é altivo. O seu destino o preserva das minhas traiçoeiras ciladas. Todas as afflicções da minha alma, todas as reluctancias da minha juventude, dias de esperança, noites de delirio, nostalgias a olhar do angulo d'um terraço o cotovello d'estrada por onde a sua carruagem se sumiu... tudo ahi fica murcho e desfeito no caminho dos seus passos, sem que elle volte a cabeça para me lêr no branco dos olhos a cruciantissima dôr que a sua pisadura faz verter. An-

nos e annos, esta cegueira luctou por captivar-lhe a misericordia, sem reparar nas concessões infamantes que a minha alma ia fazendo aos desejos que a torturavam. Quiz transfigurar primeiro o meu amor n'um celeste e casto poema, todo espiritual, todo intimo; subtilisal-o em dedicações, impôr-lhe sacrificios... devotar-me emfim á sua felicidade, calando o grito do meu coração que reclamava sem partilha, essa creatura em que elle não póde pensar sem deslumbramentos. Protesto inutil! Filha de grosseiras gentes, puidas de miseria, e fazendo do vicio desforço para amordaçar o desespero, estava escripto que eu havia de andar a rojo, como a serpente, tentando a claridade immortal da sua adolescencia.

Luiza calou-se, arquejante. E os seus cabellos roçavam pela bocca de Ruy, mordicando-lhe a pelle do queixo com uma titilação imperceptivel.

— Emfim, a minha paixão chega a um limite e rebenta, prevendo o instante em que elle me vai fugir para não voltar. Oh não me abandones tu!

— Vem gente, tornava Ruy n'um sobresalto.

A mesma loucura os tomava e fazia pulsar estreitamente unidos, assim como n'uma bocca muda, um labio a outro labio.

— Não! E um minuto mais, dizia ella. Eu já não sei o que digo. A idéa de que outra mulher terá beijado a tua bocca tira-me o somno, e o meu sangue tumultua e allucina-se desde que perdi a esperança de te captivar a um simples fremito das minhas sobrancelhas. Eu não te peço um d'esses amorfos e dessorados amores que sob a umbella da igreja podem mostrar-se a toda a gente, na atonia estupida em que a lei amosenda as *fioriture* do coração. Tornei-me um animal de luxo, não é assim? cuja posse disputam em tua casa esses homens. Então escolho-te! Estou no meu direito. E como uma escrava, estatelo-me no chão que tu pisas, para que me esmagues a cabeça depois de me haveres cingido, uma vez só que seja.

Ella cahira-lhe aos pés, e beijava-lh'os com a exaltação d'uma louca e os phrenesis d'uma enfeitiçada. N'aquelle instante, Ruy nem sequer teve um gesto para apanhal-a do chão. Fi-

zera-se muito pallido. Os seus braços tinham cahido. E um terrivel sorriso zig-zagueava na sua bocca enygmatica. Dirieis uma creança, que chegada ao fim d'um bello conto, subito se desencanta do entrecho, e passa adiante, sem lhe ligar mais attenção. Assim elle entrou nos quartos da marqueza, bruscamente, deixando-a prostrada nos primeiros degraus da escadaria.

Por conseguinte, Ruy tinha-a recusado, depois de a ouvir monologar como uma actriz fastidiosa. Interdicta e buscando vencer o asco que de si mesma lhe vinha, Luiza escutava o furioso debater da sua vaidade sacudida na estriadura d'aquella humilhação. Sahiram as visitas, voltaram da festa os creados, que pouco a pouco, ceia finda, iam desertando para os seus dormitorios. Luiza trouxe o caldo á marqueza, vasou-lhe o calice de Madeira com a mesma solicitude machinal, sem ter reparado na escarradeira cheia de sangue, na somnolencia e na pallidez da pobre dama. Renovou o azeite da lampada no oratorio, desceu á cosinha onde sua irmã pela centesima vez insistia em lhe aconselhar o casamento com Ezequiel, como mastro de cocagne para a familia inteira: e em joelhos, na capella, para as rezas da noite, por mais que fizesse, o seu espirito perdia-se em oceanos de magua: até que afogueada, estupida de scismar no seu destino, veio ao terraço banhar a cabeça nas brisas da noite.

Os ultimos romeiros desciam do monte, e amadornavam por esses caminhos os echos das cantigas, deixando atraz de si, n'uma espectativa lugubre, a somnolencia espectral dos arvoredos. Uma livida noite amortalhava o immenso descampado. Entre cerraceiros de nevoa, a lua minguante subia por ondas de claridade torva, gordurenta, sem reflexos, como uma agua-forte sinistra que rolasse as suas tragedias de cinzento, desfazendo nos macissos as ultimas *nuances* de paisagem. Ai, pobre Luiza! Aquella repulsa fazia-a rolar na sua idéa a uma condição, além de cuja ignominia ella julgava se não podia descer mais. Quanto daria ella agora, a pobre tonta, por voltar a ser na estima d'elle a sua companheira de brinquedos, a sua pessoa de confiança, a sua amiga, a sua irmã?... e poder enca-

ral-o com os olhos limpidos d'outr'ora, sem córar por aquella scena de seducção premeditada, que até na propria consciencia a envilecia! Agora ella olhava á roda de si, cahida da exaltação que a levara a cingir-se com elle, interrogando-se, perscrutando-se, dizendo-se indigna de todas as commiserações. Era uma mulher sem vergonha, quasi ignobil, que inspirára o nojo, mesmo formosa, mesmo intacta, ao primeiro homem a quem estendera as pomas dos seus desejos. Podia aceitar quaesquer das infamantes soluções que lhe propunham: ser a amante do creado, ou ir saciar o deleite ephemero d'um dia ao marquez e aos mais deboxados do seu sequito. O seu desejo extincto, tudo o mais lhe era indifferente; e a morte começava d'alli por diante, com a frialdade do seu coração prohibido de bater por alguem. Mesmo, não via outro destino além de prostituir-se ou matar-se. Para ella o mundo começava em Ruy, acabava em Ruy, e só durára no cyclo em que elle a trouxera enfeitiçada. Ruy sequestrado ao seu amor: adeus mocidade, alegria chilreante, manhãs no terraço á hora de dar alpista aos canarios, projectos, ardores, phantasias, esperanças! Elle recusára-a: de que lhe serviam pois as turgidas pomas, a cinta ondulosa de serpente, e o divino ventre de geraneo e espuma, todas as expansões, todos os calafrios, todos os mimos, de que a adolescencia avelluda e povoa o corpo da mulher? Na contensão capitosa dos seus extasis, Ruy vira apenas a selvageria do goso que extravasa em gestos de braços e na effervescencia torpida dos beijos. Além da grosseira exterioridade lasciva e calida, tudo o mais lhe escapára d'aquelle amor confessado violentamente, refinamentos, fremitos, intellectuaes sobresaltos... o prazer dos sentidos vibrantes á visão da pessoa que se adora... os infinitos respeitos, supplicas balbuciadas por entre os dentes cerrados, transluzindo ameaça — e delicadezas submissas d'escrava — e esse fluido que sobrenada da alma amorosa, e enche de poesia tudo o que se palpa e respira, em torno d'ella.

Desceu ao jardim, direita ao poço. Havia um silencio opaco e terrivel, que pesava no ambito á semelhança d'um remorso que fibra a fibra estivesse roendo um coração. O poço

era largo, com uma nora por cima, e a amura de pedra escancarada ao ar. Se ao menos elle diria «coitada!» quando lhe fossem contar como ella tinha morrido!... E inhalava para se dar alento, grandes haustos d'ar frio. Os seus olhos deram co'as janellas do palacio, illuminadas ainda. Eram, d'uma banda, as janellas de Ruy, e da outra a lampada do oratorio, cuja porta abria sobre o quarto de dormir da senhora marqueza. Vamos! era preciso ser forte. Nossa Senhora estenderia os braços para impedir que ella se despenhasse no inferno. E pôz-se a medir a queda, esburcinada no bocal de pedra da nascente. Atafulhada de sombra, a pavorosa guela não mexia. De quando em quando, uma gotta escapava-se dos alcatruzes da nora, indo fazer lá no fundo um *plhau!* glacial. Entretanto a nevoa lazia aos arvoredos, *toilettes* de gaze, para a festa funebre de Luiza. Solicitamente o luaceiro vinha, aqui, além, tocar o bojo d'uma perola d'orvalho, as transparencias d'uma renda de bruma, os claros da argentea brancura immaculada... Ella desfolhou a rosa que pozera nos cabellos. Ergueu o espirito para o alto, com uma doçura branca de martyr; e persignando-se, enxugava as ultimas lagrimas. Na calada começou então a retinir uma campainha. Nos quartos da marqueza? Era a chamar Luiza. Oh pobre madrinha! Luiza estava já sentada á beira do poço, prompta a escorregar-se á agua. Porém uma instantanea sombra tinha passado nos stores do oratorio, cujas vidraças soaram no terraço em bocadinhos. Que era aquillo? Alguma coisa de anormal se estava passando. Quem gritára? Engano? Allucinação? Luiza fez um salto, esquecida da morte, e deitou a correr para d'onde o barulho partia. Quando entrou no quarto da marqueza, cahira pelas escadas, derribára Ezequiel que vinha pelo corredor, rasgára as saias nas portas, tropeçando nos moveis umas poucas de vezes. Viu a cama vazia e toda cheia de sangue nos travesseiros. A porta do oratorio estava aberta, e sobre a alcatifa, entre portas, a pobre senhora estorcia-se, quasi núa, vomitando sangue em espumosas golfadas. Luiza agarrou-se a ella, gritando que lhe acudissem: e em toda a casa, de repente, tinha sido um alvoroço extraordinario. Eze-

quiel, que foi o primeiro a chegar, inda viu a velha revolver os olhos, dar um estremeção que lhe retezou as pernas ao comprido. E de repente ficou-se.

— Coitadinha, coitadinha! Está prompta, dizia o velho em tom beato. Eu bem previa esta desgraça! Mas Luiza barafustava para que elle fosse chamar depressa o marquez, e mandasse á villa buscar o doutor Souza. — Depressa, depressa que ella vai-se-nos aqui sem sacramentos! Elle abanava a careca, tendo remodelado na face a mascara patriarchal dos dias serenos. Desolava-se muito pelos cantos. Como aquillo fôra depressa! Uma coisa que ninguem esperava! Lá conseguiram transportal-a para a cama. O corpo estava frio. Um dos braços, levantado, cahiu inerte nas roupas, apenas o deixaram. — Está morta! Mas ninguem vinha acudir! Que estava fazendo nos quartos toda aquella gente que não ouvira os gritos d'alarme? Ezequiel entrava e sahia, ia a uma porta, voltava á capella, idiota d'espanto, abanando as mãos, sem saber. — Ah menina Luiza, menina Luiza; eu bem lhe disse esta manhã. Chegou-se a ella: — O que ha de ser agora de ti?

A camareira não ouvia, agarrada á marqueza, e seguindo a installação da morte n'aquella physionomia de cera. A sua rica madrinha! A sua amiga! A sua unica affeição!

— Casa commigo, insistia Ezequiel. A minha vida é pouca coisa. Deixo-te tudo. Casa commigo.

Já o marquez vinha entrando, com Ruy e os seus amigos, e toda a gente da casa áquella hora estremunhada.

O fidalgo curvou-se para o leito: dizia phrases d'espanto, allucinadas e d'um grande effeito decorativo.

— Mas, senhores, ella resfria! Oh fatalidade! e outras muitas, que os amigos, um pouco lassos na digestão da ceia, trocavam por outras da mesma polida complacencia. Compozera um rosto d'afflicção reprimida, conforme de rigor na circumstancia, e que foi muito apreciado pelo que dizia dos seus affectos maritaes. Lagoaças e pai Cezario tinham-n'o abraçado a tres quartos, dizendo — coragem! n'um magnifico accento de contra-basso.

Quando de repente Luiza deu um grito, vendo os olhos da marqueza irem ficando vitrosos. Alguns curvaram-se a vêr. Ezequiel e Lagoaças trouxeram velas accesas. E o choro das creadas abriu de repente no quarto uma ladainha horrifica de lamentos. Uma especie de teia d'aranha revestia devagar as pupillas pallidas da morta.

— O espelho, o espelho.

Ezequiel trouxe do gabinete um espelhinho de punho ornado; pozeram-lh'o á bocca.

— Inda respira!

Mas o pulso perdia-se. O coração queria calar-se. A aura hysterica descorrelacionava os movimentos de Ruy, cujas mãos buscavam juntar-se n'uma supplica frenetica de que ninguem fazia caso.

— Jesus! dizia Luiza erguendo os braços, entre as mulheres de joelhos. Onde está o nome de Jesus não ha perigo á salvação. E as rezas perdiam-se em ondas de soluços. Então o marquez tirou a boina da cabeça, avançou dois passos com o espelho que já não embaciára, collado á bocca da fidalga. E n'um tom alto:

— A senhora marqueza de Selmes morreu.

Fialho d'Almeida.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO V

A NOSSA ENTRADA NO DESERTO

Estavamos no planalto d'um dos «Seios de Sabá», com um dos «bicos do peito» erguendo-se por traz de nós até ás nuvens, sublime e brilhante de neve. Logo por baixo, desciam os vastos pendores da serra, n'uma profundidade de cinco mil pés; e para além das derradeiras faldas, a perder de vista, eram leguas e leguas d'uma terra esplendidamente fertil, de adoravel belleza. Viamol-a desdobrada ante nós como um immenso mappa em relevo; e os seus encantos differentes, assim abrangidos n'um relance, davam a impressão d'um paraiso resumido onde Deus prodigamente tivesse reunido as suas obras melhores. Escassamente se póde detalhar uma paizagem tão formosa e vária. Aqui alastrava-se uma vasta mancha de floresta; além um rio ondulava com vivos brilhos d'aço novo; para diante longas pradarias tapetavam o sólo de verde tenro e claro; mais longe era um lago que brilhava, grandes re-

[1] Continuado da pag. 733 do 1.º volume.

banhos que pastavam, ou uma colliua onde a agua viva borbulhava e faiscava entre as rochas. As culturas abundavam, ricamente coloridas. A cada instante entre pomares e regatos avistavamos aldeias graciosas, com as cabanas coroadas por um tecto de colmo agudo. De tudo se elevava uma sensação prodigiosa de vida, de fartura, de paz. No horisonte surgiam picos de serras remotas, cobertas de neves. E um sol radiante derramava illimitadamente a alegria do seu fulgor d'ouro.

Duas coisas nos impressionaram. Primeiramente, que aquella região tão rica estivesse pelo menos cinco mil pés acima do nivel do deserto. E depois que toda a agua da serra corresse de sul para norte, do lado opposto ao sertão, indo unir-se ao magnifico rio que se perdia no horisonte azulado.

Nenhum de nós fallava, arrobados na contemplação d'aquella incomparavel natureza. Por fim o barão estendeu o braço:

—Ha uma estrada marcada no mappa, com o nome de estrada de Salomão, não é verdade? Pois lá está, além, para a direita...

E com effeito, para a direita, nos primeiros declives da serra, abaixo dos nossos pés, branquejava uma grande estrada! Tinhamos já perdido toda a faculdade de admirar. E a nenhum de nós pareceu estranho, que, no topo d'uma montanha, no centro d'Africa, a centos de leguas de toda a sciencia e civilisação, houvesse uma estrada, com as proporções e grandeza d'uma velha via romana, branca como neve, talhada sobre os abysmos.

— O melhor é descermos, disse simplesmente o capitão John.

A estrada ficava (como disse) á nossa direita, surgindo por traz de grossas penedias que se amontoavam no primeiro pendor da serra. Cortámos para lá, devagar, ora através de grandes espaços de neve, ora por sobre montes de lava. Quando dobrámos por fim as penedias, avistámol-a de repente em baixo, a algumas jardas. Era magnifica, toda cortada na rocha viva, e admiravelmente conservada! Mas, coisa extraordinaria, parecia

começar alli, ao meio da serra, bruscamente. Continuámos a descida alvoroçados, pozemos emfim os pés sobre as suas fortes lages. Olhámos, explorámos em redor. A estranha via findava com effeito alli, na serra, entre umas rochas de lava entremeadas de neve!

— Extraordinario! exclamou o barão. Porque começa esta estrada assim, ou porque acaba assim, de repente, no meio da serra?

Abanei a cabeça, em perfeita ignorancia.

— Parece-me que percebo, disse o capitão coçando o queixo. Esta estrada é simplesmente maravilhosa! Não acaba aqui. Antigamente galgava a cordilheira e seguia pelo deserto. Mas a parte que galgava a serra para além, foi coberta por montões de lava, n'alguma erupção: e a parte que cortava o deserto foi invadida pelas areias movediças. Não póde ser senão isto.

Talvez fosse. Em todo o caso largámos os passos por sobre essa surprehendente estrada que tinha o nome de Salomão. Esta suave descida por uma magnifica calçada, com as forças restauradas, e a abundancia a esperar-nos em baixo, nos ferteis campos cheios de gado, — era bem differente da subida pela neve acima, extenuados de fome e de fadiga, e com a afflictiva incerteza do que estaria para além. Na verdade, se não fosse a triste lembrança do pobre Venvogel e da sinistra cova, onde elle espectralmente ficára ao lado do velho fidalgo d'outras éras, poderiamos cantar de pura alegria. A cada milha que andavamos o ar cada vez se tornava mais macio e tepido: — e a região em torno parecia crescer para nós, a transbordar de abundancia e belleza. A estrada, essa, era positivamente portentosa. Affirmava o barão que tinha semelhanças com a estrada do Saint-Gothard sobre os Alpes. Eu por mim não vira maravilha maior! N'um certo sitio abria-se uma ravina medonha, d'uns trezentos pés de largura, d'uma profundidade de mais de cem pés: pois este abysmo estava vadeado por um collossal aqueducto, com arcos para a passagem das torrentes, sobre o qual a estrada seguia com soberba segurança. N'outros sitios

cortada em zig-zags na rocha, contornava pavorosos precipicios, com parapeitos que a defendiam e formavam balcões sobre o abysmo. Mais adiante, perfurava um monte de rocha com um tunnel de trinta jardas.

Nas paredes d'este tunnel corriam singulares relevos representando guerreiros com cotas de malha, que retesavam arcos, guiavam carros de combate. Havia mesmo uma grande scena de batalha, com lanças em confusão, e captivos acorrentados.

— Tudo isto é obra egypcia, dizia o barão parando a cada instante. Tudo isto vi nos templos do alto Egypto. O nome da estrada virá de Salomão. Mas estas esculpturas são das mãos de egypcios.

Pela uma hora da tarde tinhamos descido a montanha até ás faldas baixas onde começava o arvoredo. Ao principio eram apenas raros arbustos silvestres. Depois a estrada penetrava n'um bosque de olmos, uns olmos cujas folhas brilham como prata, e que eu suppunha só existirem no Cabo.

— Estamos ao menos em terra de lenha! exclamou enthusiasmado o capitão John. Vamos parar, e cosinhar um jantar. Eu por mim já digeri aquella carne crúa... Reentremos solemnemente na civilisação!

Todos com effeito tinhamos fome; e deixando a estrada, fomos em direcção a um regato que brilhava a distancia entre arvores e relvas. Bem depressa fizemos um fogo de ramos sêccos; e, cortando succulentos bifes do lombo da antilope que trouxeramos comnosco, assamol-os na ponta de espetos de pau, á velha maneira dos cafres. Ao fim do delicioso repasto accendemos os cachimbos — e estirados á sombra das frescas arvores, gozamos emfim, depois de tão longos e duros dias, um repouso perfeito.

O lugar era adoravel. O regato, muito frio e muito puro, cantava sobre seixos que reluziam. As margens verdejavam, cobertas de fetos esplendidos entremeados com plumas de aspargos silvestres. Aqui e além cresciam tufos de flôres. Uma brisa tépida e macia como velludo susurrava nas folhas dos olmos. Bandos de rolas arrulhavam meigamente. E de ramo

em ramo faiscavam as azas de passaros mais brilhantes que joias.

Nenhum fallava, no enlevo d'aquella paz e d'aquella doçura. E por muito tempo nenhum de nós se moveu — até que o capitão John, surgindo de repente nú do leito espesso de fetos onde se enterrára, correu para o riacho, e mergulhou n'um longo e ruidoso banho. Deitado de costas, n'um bem-estar indizivel, occupei-me então a observar aquelle homem admiravel, que, apenas se achava n'uma região d'ordem, retomava os seus complicados habitos de asseio e de elegancia. Depois do banho, o nosso excellente amigo revestiu a camisa de flanella; e sentando-se á beira do regato, rompeu a lavar os seus collarinhos de gutta-percha. Finda esta barrela sacudiu, escovou, esticou as calças, o collete, o jaquetão, dobrou tudo cuidadosamente, e poz-lhe por cima pedras para acamar e desfazer os vincos. Em seguida, profundamente concentrado, passou ás botas, que esfregou com uma mão cheia de feto, e depois besuntou com gordura de antilope (que pozera de lado) até lhes dar uma apparencia comparativamente lustrosa e decente. Tendo-as examinado com cuidado, de monoculo fixo e cabeça á banda, encetou outras e mais delicadas operações. D'um pequeno sacco que trazia na mochila, tirou um espelhinho e examinou cuidadosamente dentes, olhos, cabellos, barba — a barba já grossa d'oito dias. Este exame parecia humilhal-o, porque abanava a cabeça com desconsolação e tédio. Começou então pelas unhas que aparou e poliu; depois seguiu ao cabello que acamou e apartou... Mas de repente, com uma idéa, calçou as botas que puzera ao lado; e assim, de botas, com as pernas núas, e em camisa de flanella, ergueu-se para ir pendurar o espelhinho n'um ramo d'arvore. O arranjo não provou satisfatoriamente, porque voltou para a beira do regato, e, com custo e arte equilibrou o espelho n'uma folha grossa de feto. Tornou logo a metter a mão no sacco e tirou uma navalha de barba... «Santo Deus! pensei eu erguendo-me no cotovello, o homem irá fazer a barba?» Ia. Tomando outra vez o pedaço de gordura de antilope com que ensebára as botas, la-

vou-a escrupulosamente no regato, esfregou com ella desesperadamente a face e o queixo, e principiou a rapar o pêllo aspero de dez dias. Era porém uma operação difficil, porque cada movimento de navalha vinha acompanhado d'um angustioso gemido. Por fim conseguiu escanhoar a face esquerda e metade do queixo. Grande suspiro de allivio! E ia atacar a outra face — quando, de repente, vi uma coisa passar e lampejar por cima da cabeça d'elle.

John deu um pulo, com uma praga. Ergui-me tambem de salto — e na mesma margem do regato, a distancia d'uns trinta passos, dei com os olhos n'um bando de homens. Era uma gente de grande estatura, immensamente robusta, e côr de cobre.

Alguns d'elles traziam aos hombros pelles de leopardo, e na cabeça umas corôas de altas pennas, negras, direitas, que ondulavam na brisa. Em frente do bando, um rapaz d'uns dezesete annos conservava ainda o braço erguido e o corpo inclinado, na attitude graciosa d'uma estatua que eu vira no Cabo, um Ephebo grego que lança um dardo.

Evidentemente a *coisa* que passara e brilhára era um dardo — e fôra o moço airoso que o arremessara.

Quasi immediatamente, um velho, de ar erecto e marcial, sahiu d'entre o grupo, e, agarrando o braço do rapaz, fallou-lhe baixo como se o avisasse. Em seguida todos avançaram para nós.

O barão, John e Umbopa tinham logo agarrado e apontado as carabinas. Os homens todavia continuavam avançando, devagar, em grupo. Percebi logo que nunca tinham visto espingardas, pelo modo como affrontavam assim tranquillamente os tres canos erguidos.

— Baixem as armas! gritei aos outros.

Tinha comprehendido tambem que a nossa segurança entre essa gente selvagem dependia toda de conciliação e de ardil. Apenas pois os companheiros baixaram as armas, caminhei lentamente para o velho.

— Bem vindo! exclamei em Zulu, ao acaso, sem saber que idioma entenderiam aquelles homens.

Com surpreza minha, o velho comprehendeu. E respondeu logo, não em Zulu, mas n'um outro dialecto, tão parecido com o Zulú, que Umbopa e eu o percebemos perfeitamente:

—Bem vindo!

Como viemos a saber depois, a lingua d'este povo era uma fórma antiquada da lingua Zulú—e estando para o Zulú do sul como o inglez do tempo dos Tudores está para o inglez polido do seculo XIX. No entanto o velho avançára outro passo, erguendo a mão.

—D'onde vindes? continuou elle. Quem sois? Porque tendes tres de vós as faces brancas, e o outro a pelle como nós e como os filhos de nossas mães?

E apontava para Umbopa—que na realidade, pela figura, pela côr, pelas feições, era muito semelhante áquelles homens formidaveis. Eu então repeti a saudação ao velho. E, muito espaçadamente, para que elle apanhasse bem o meu Zulú:

—Somos gente d'outros sitios, vimos em boa paz, e este homem é nosso servo.

O velho abanou lentamente a cabeça, ornada de immensas plumas negras que ondulavam.

—Mentes! A gente d'outros sitios não póde atravessar as montanhas, nem o deserto sem agua onde toda a vida acaba. Mas não importa que mintas... Se sois estranhos e vindes d'outros sitios, tendes de morrer, porque não é permittido a ninguem entrar na terra dos Kakuanas. É a vontade do nosso rei. Preparai-vos pois morrer, oh gentes!

Fiquei um pouco perturbado—tanto mais que vi alguns dos selvagens levarem logo a mão ao cinto d'onde lhes pendiam umas armas em fórma de pesadas navalhas.

—Que diz esse malandro? perguntou o Capitão, percebendo o meu embaraço.

—Diz simplesmente que nos vai retalhar á faca.

—Santo Deus! murmurou o nosso amigo.

E, como era seu costume, em frente d'um perigo ou d'uma crise, passou nervosamente a mão pelo queixo e pelos beiços. Alguma coisa decerto lhe succedeu então á dentadura postiça,

(que momentos antes tirára para lavar e que tornara a pôr) porque n'um relance lhe vi os dentes todos de fóra, e logo sumidos para dentro! Não percebi bem o caso. Mas qual é o meu espanto quando os Kakuanas soltam um grito de terror, e recuam para traz, em tropel!

—Que foi? exclamei.

—Foram os dentes! acudiu o barão, excitadamente. Os selvagens viram-lhe os dentes a mover-se... Tira-os de todo, John, tira-os de todo. Talvez os assustes.

O capitão promptamente comprehendeu, passou a mão devagar por sobre a bocca, e escamotou a dentadura. Os Kakuanas no entanto, n'uma ancia de curiosidade, avançavam de novo, com os olhos arregalados para John. E foi o velho (evidentemente um chefe) que ergueu a voz e a mão, com solemnidade:

—Quem é este homem, ó gentes, que tem o corpo coberto, as pernas núas, cabello só em metade da cara, e um grande olho que reluz? Quem é elle que faz mexer assim á vontade os dentes para dentro e para fora da bocca?

—Abra a bocca John! murmurei eu baixo para o capitão.

John arreganhou os beiços, e exhibiu duas gengivas muito vermelhas, desdentadas como as d'um recem-nascido. Entre os selvagens passou um sussurro d'espanto.

—Onde estão os dentes? Ainda agora tinha dentes! exclamavam elles, entre si, com gestos apavorados.

Então John deu um movimento vagaroso á cabeça, passou a mão pela bocca com soberana indifferença, e desfranzindo de novo os beiços—mostrou duas esplendidas filas de dentes, muito fortes, muito sãos, que rebrilhavam.

No mesmo instante o rapaz que despedira o dardo arremessou-se para o chão, com gritos espavoridos. Todo o bando tapava as faces com as mãos, n'um terror. E o velho, que parecia o mais resoluto, tremia tanto, e tão encolhido, que lhe batiam os joelhos um contra o outro.

Só quem conhece selvagens e a mobilidade d'aquellas ima-

ginações infantis póde comprehender como subitamente, em cada um d'elles, ao desejo de nos matar ia já succedendo o impulso de nos adorar... Quando o velho tornou a levantar a voz, foi muito humildemente e n'uma postura de supplica:

— Vós sois Espiritos! Bem vejo que sois Espiritos, oh gentes! Nunca houve homem nascido de mulher que tivesse só cabello n'um lado da cara, e um olho redondo e transparente, e dentes que se derretem e de repente crescem outra vez... Vós sois Espiritos. Perdoai-nos, senhores, perdoai-nos!

Aproveitei logo esta esplendida occasião. E estendendo o braço, com soberba magnanimidade:

— Estais perdoados.

Era porém necessario, para nossa salvação, que deslumbrassemos e inteiramente nos apoderassemos d'aquellas almas ferozes e simples. E para isso, n'Africa (como n'outras partes) o mais prompto instrumento é o sobrenatural. Não hesitei portanto (com vergonha o confesso) em me attribuir, a mim e aos meus companheiros, uma origem divina! De resto, com o negro da Africa Central, que *pela primeira vez* vê o branco, e assiste a alguns dos *milagres* que o branco póde realizar com os pequenos recursos da sua pequena civilisação, este procedimento é o mais seguro e o mais humano. O selvagem fica desde logo (pelo menos por algum tempo) contido dentro do respeito, absolutamente razoavel e tratavel; e assim, poupando ao negro as traições, os brancos poupam a si proprios as represalias.

Ergui pois a mão, e disse, com vagar e magestade:

— Já que vos perdoei, porque sois ignorantes, condescendo tambem em vos dizer quem somos. Somos Espiritos! Vivemos além, por cima das nuvens, n'uma d'aquellas estrellas que vós vêdes de noite brilhar. E viemos visitar esta terra, mas em paz e para alegria de todos!

Entre os indigenas correram grandes *ah! ah!* lentos e maravilhados.

Eu prosegui, mais grave:

— Nós conhecemos todos os reis e todas as gentes. E eu, que sou a voz dos outros, conheço todas as linguas.

— A nossa bem mal! arriscou com timidez o velho guerreiro.

Dardejei-lhe um olhar chammejante que o estarreceu. E gritei logo, para fazer uma diversão brusca áquella observação tão justa e perigosa:

— Viemos em paz, é certo! Mas fomos recebidos em guerra. E talvez devessemos castigar já o ultraje feito por esse moço, que sem provocação atirou uma faca ao Espirito divino cujos dentes de repente nascem e cahem.

— Oh não! meu senhor! gritou n'uma anciosa supplica o velho guerreiro. Poupai-o! Poupai-o que é o filho do nosso rei! Eu sou seu tio, que o ajudei a crear. Só eu respondo por cada gotta do sangue que lhe gira nas veias!... Ó meu senhor, a clemencia vai bem aos Espiritos!

Affectei não comprehender a angustiosa prece, — e tornei, com superior indifferença:

— As nossas maneiras de castigar são simples e terriveis. N'um instante ides vêr... Tu, escravo que nos segues (e aqui encarei para Umbopa), dá-me a arma de feitiços que troveja.

Umbopa que assistira absolutamente impassivel e serio a todas as minhas affirmações de divindade, e que (Zulú intelligente, afeito aos brancos e ás *suas manhas*) lhe percebera o alcance — estendeu-me uma carabina Winchester, com humilissima reverencia.

Justamente n'esse instante avistei, para além do riacho, a umas setenta jardas de distancia, um pequeno antilope, immovel sobre um montão de rochas.

— Vêdes aquelle gamo? exclamei eu para os selvagens. Julgais possivel que um simples homem, nascido do ventre da mulher, o mate d'aqui d'onde estou, só com fazer estalar um pequeno trovão?

— Não é possivel! murmurou recuando o velho guerreiro. Não é possivel para homem nascido do ventre da mulher!

— Ides vêr.

Apontei. Bum! E subitamente o gamo, dando um pulo furioso no ar, tombou morto, immovel, estatelado nas pedras.

Um fundo murmurio de assombro, de terror, passou entre os Kakuanas... Eu accrescentei simplesmente:

—Ahi está. E se tendes fome, podeis ir buscar aquelle gamo!

O velho fez um signal. Dois homens correndo trouxeram a caça. E amontoados em volta d'ella, todos em silencio (n'um silencio que era religioso pelo pavor que continha), ficaram contemplando boqui-abertos o buraco da bala que lhe acertára entre os hombros.

—Se não estais satisfeitos, volvi eu ainda, se em vez d'um gamo me quereis vêr matar um homem, que um de vós se colloque além sobre as pedras ou mais longe, e o raio irá ter com elle.

Houve um movimento geral dos Kakuanas, recuando e protestando.

—Não! Não! gritaram alguns. Acreditámos, acreditámos... Não vale a pena gastar feitiços com nós outros, que acreditámos e que somos amigos!

O velho guerreiro interveio, com alacridade:

—Assim é! Nós somos amigos. E para que nos conheçais bem, ó almas das estrellas, que trovejais e matais tão de longe, sabei que eu sou Infandos, filho de Kafa, antigo rei dos Kakuanas. Este moço é Scragga, filho de Tuala, nosso rei! Tuala, o homem de mil mulheres, senhor dos Kakuanas, terror dos seus inimigos, sentinella da Grande-Estrada, sabedor das artes negras, chefe de cem mil guerreiros, Tuala o supremo, Tuala o d'um-só-olho...

—Basta, interrompi sobranceiramente. Leva-nos então ao rei Tuala. Porque, nas nossas jornadas pelo mundo, nós só fallamos a reis!

—Certamente, meu senhor, certamente... Mas nós andavamos caçando n'estes sitios, e estamos a tres dias de jornada da aringa do rei. São tres dias que tendes de caminhar.

—Caminharemos. Escuta tu, porém, Infandos, e tu Scragga, filho de Tuala! Se por acaso tentardes no caminho armar-nos uma traição, ou se essa idéa vos atravessar sequer a cabe-

ça, nós, que tudo adivinhámos, tomaremos de vós tal vingança que fará ainda estremecer os filhos de vossos filhos. Aquelle cujo olho reluz, e cujos dentes vão e vêm, incendiará todas as vossas searas com a chamma do seu olho, e despedaçará todas as vossas carnes com as pontas das suas presas! E nós faremos resoar os canos que trovejam d'uma maneira que será pavorosa! Toda a agua seccará. Todo o gado morrerá. E os espiritos maus virão, á nossa voz, dispersar os vossos ossos... E agora a caminho.

Esta tremenda falla era quasi superflua — porque os nossos novos amigos acreditavam superabundantemente nos nossos poderes sobrenaturaes. Ainda assim o velho Infandos saudou-nos com uma reverencia mais funda e mais servil, repetindo tres vezes estas palavras: *Krum! Krum! Krum!* Como depois soubemos é esta a maneira kakuana de saudar o rei. Corresponde ao *Bayète!* dos Zulús.

Depois o velho atirou um gesto aos seus, que immediatamente carregaram ás costas as nossas mochilas, cantinas, mantas e outras miudezas — excepto as espingardas, de que elles se afastavam em grandes voltas e com olhares de terror.

Um d'elles lançou mão ao fato do capitão John, ainda cuidadosamente dobrado á beira d'agua. O excellente John deu logo um pulo para as calças. E rompeu então uma immensa altercação.

— Não, meu senhor, gritava Infandos, não consentirei que o meu senhor carregue com essas coisas!

— Mas é que eu quero pôr as calças! berrava John.

— Todos somos aqui seus escravos para servir e carregar...

— Mas as calças...

— Meu senhor!...

— Larga as calças, malandro!

Tive de intervir, suffocado de riso.

— Escute John. O caso é mais serio do que parece. Um dos motivos do terror que estamos inspirando é a sua luneta, a sua cara meia barbada e meia rapada, os seus dentes postiços,

e essas pernas brancas á mostra... Tudo isso espanta as imaginações de selvagens. E se o amigo quer que não nos percam o medo, é necessario continuar a apparecer-lhes n'essa figura. Se o amigo lhes surgir ámanhã d'outro modo, tomam-nos por impostores, e a nossa vida não vale mais um pataco. Assim o viram n'esta terra, assim n'ella tem de ficar.

John, inquieto, hesitante, voltou os olhos para o barão:

— O amigo Quartelmar tem razão, affirmou o barão. E dá graças a Deus que já estavas de botas, e que a temperatura é tão dôce.

John teve um suspiro de furiosa resignação. E, durante a nossa estada na terra dos Kakuanas, foi assim que John se mostrou sempre e praticou notaveis feitos — de botas, de pernas nuas, com uma metade da cara rapada, outra coberta de barba, e a fralda voando ao vento!

(Continua).

O QUADRO SOCIAL

DA

REVOLUÇÃO BRAZILEIRA

A respeito dos destinos politicos do Brazil publicou recentemente a REVISTA DE PORTUGAL um importante estudo, em que o meu amigo Eduardo Prado resume, com grande lucidez de critica e rara precisão de fórma, a situação politica e social, de que sahiu, pouco depois do apparecimento d'aquelle escripto, a eliminação do imperio e a acclamação da Republica no Rio de Janeiro.

Não é meu proposito, ao escrever estas linhas, modificar pela superficialidade de uma impressão pessoal a expressão d'esse quadro, tão profundamente estudado por um homem de elevadas faculdades e de superior educação, o qual, não obstante residir habitualmente em Paris, tem consagrado sempre ao estudo da civilisação brazileira a sua ininterrompida attenção de erudito, de litterato e de critico.

Escriptor portuguez, por muitos vinculos espirituaes ligado á familia brazileira, eu julgo porém dever contribuir por meio do meu depoimento, por mais humilde que elle seja, para ajudar a esclarecer a historia d'um facto de tão alta importancia na psychologia dos acontecimentos e no estudo da politica ex-

perimental do nosso tempo. No vasto inquerito determinado entre os homens d'estudo pelos recentes acontecimentos do Brazil, a contribuição do que assigna estas paginas é o simples testemunho de um viajante, estranho a toda a especie de solidariedade partidaria, o qual tendencias de coração, inclinações de *touriste*, curiosidades de exotismo, de paizagismo e d'arte levaram a passar uma fugitiva estação de villegiatura na America do Sul.

I

A lesão grave da sociedade brazileira, o seu mal profundo, de que procedem symptomaticamente todas as irregularidades, todas as perturbações e todas as desordens do seu organismo, é a viciação fundamental que o regimen da escravatura, sobrevivente a uma velha ordem de coisas, caducamente prolongado através de instituições modernas, divergentes e contraditorias com elle, determinou na educação domestica e na educação civil, pervertendo nas suas origens a formação normal do caracter do homem e do cidadão.

Os partidos emancipadores dos negros, assim como as sociedades protectoras dos animaes, não viram geralmente senão em metade, segundo me parece, o alcance moral do problema que se impuzeram a missão de resolver. O que constitue o fim grave da protecção aos animaes não é contribuir para que seja mais feliz o cavallo ou o boi, mas sim cooperar para que seja menos cruel o homem. Semelhantemente com o abolicionismo. Tornar livre o trabalhador negro é bom, mas tornar trabalhador, compadecido e justo o branco é melhor. O negro acha-se emancipado no Brazil por meio de um decreto, mas o branco só por um longo trabalho de educação, de transformação nos costumes, de renovação nos sentimentos e nas idéas, deixará de ser escravo das superstições, dos preconceitos e dos erros concomitantes da instituição abolida.

O dissolvente, o funesto effeito do regimen servil é que, já pela corrosiva infiltração das anomalias da familia negra na familia branca, já pelo caracter subalterno que imprime á tarefa adstricta ao escravo, elle perturba e corrompe as mais altas noções do dever e da responsabilidade, affecta a dignidade do lar, abastarda o trabalho, avilta a obediencia, deshonra a disciplina, desalicerça, em summa, os principios fundamentaes de toda a ordem social.

Os phenomenos por que esses resultados se manifestam são os que mais ferem o estrangeiro aos primeiros contactos com o povo brazileiro.

Nas relações usuaes da vida nenhum branco alli consente em servir ou em obedecer sem por algum modo protestar. Os rodeios de procedimento e os gyros de linguagem empregados pelos trabalhadores livres para evitar qualquer confusão entre a natureza do seu trabalho e a natureza do trabalho servil são especialmente caracteristicos.

Assim nenhum cocheiro assentiria em rapar o bigode, porque na *sua cara*, ao contrario do que succede ao preto, *é elle*, branco, *quem governa*.

Por motivo identico nenhum moço de café se rebaixa a usar, como no resto do mundo, o avental branco. Attributo distincto dos que *servem* á mesa, o avental é considerado um stygma infamante. Entre os referidos cidadãos igualmente se considera coerciva da independencia e da dignidade do homem livre toda a regulamentação do vestuario. Os moços de café reservam-se o inauferivel e como que sagrado direito de trajarem como lhes apraz, uns de fraque, outros de jaquetão, outros de sobrecasaca, e alguns, mais negligentemente, em sem-ceremonia de alcova, de pijama e chinelas. De resto, nos hoteis, nos restaurantes, nos botequins, todos os moços se denominam *caixeiros*, e offendel-os-hia qualquer appellidação que elles considerassem hierarchicamente inferior a essa. O *maître d'hotel* dá-se a burocratica importancia correspondente á categoria de *guarda-livros*.

O creado grave, creado de quarto ou creado de mesa, tem

o nome de *copeiro*. Se alguem lhe chamar *creado*, de modo que elle ouça, arrisca-se a uma desfeita.

Viajei na provincia de Minas Geraes levando ao meu serviço um dos *copeiros* a que me reporto. Era um antigo creado lisboeta, que tres annos de Brazil haviam habituado a mandar fazer por escravos seus subalternos todos ou quasi todos os serviços de que o encarregavam. Este funccionario tinha propostos de sua confiança, mas pagos por mim, para me chamar uma carruagem, para me transportar uma maleta, para me engraxar o calçado, para me escovar o fato, para me ir comprar charutos ou para me trazer um copo d'agua. A primeira conta de hotel que recebi, viajando com *copeiro*, constava de duas partes. Primeira parte: *sua conta;* parte segunda: *conta de seu empregado*. A conta do meu *empregado* era de quasi o dobro da minha. Fiz-me então annunciar ao meu companheiro, que a esse momento tomava cale no seu quarto, em frente do que eu habitava, e, tendo tido a honra de ser recebido, liz-lhe saber que por varias razões de melindre, puramente economico, não poderiamos continuar a viajar em companhia, senão sendo eu o copeiro d'elle. Como não tivesse annuencia esta equitativa proposta, tomei a liberdade de me despedir do serviço do meu copeiro, apressando-me a evacuar o mais velozmente que pude aquelle resvaladiço territorio, em que o *empregado* era elle e eu o *emprego*.

No serviço dos tramways, organisado no Rio de Janeiro com uma perfeição sem rival, foi preciso inventar um contador mecanico preso ao cinto dos conductores para o fim de registrar o numero de bilhetes vendidos, porque nenhum passageiro se sujeitava á fiscalisação por meio da apresentação do bilhete comprado. A altivez do publico considerar-se-hia melindrada em ter que dar satisfações aos fiscaes d'uma companhia.

No theatro de D. Pedro II ha em muitos lugares grandes letreiros prohibindo fumar no interior do edificio. Estes letreiros achavam-se todos cancellados pelos riscos dos phosphoros, e fuma-se por toda a parte. Seria um desdouro para o publico obedecer a esse edital,

Uma noite de representação no referido theatro, entrando a familia imperial no seu camarote de *avant-scène*, fronteiro áquelle em que eu me achava, tive occasião de notar que um só espectador se levantou em signal de deferencia pelo chefe de Estado. Esse espectador fui eu. Para o resto da sala este acto de urbanidade, de uso commum em todos os paizes da Europa, pareceu-me ser tido por uma extravagante affectação palaciana ou por uma servil bajoujice.

De uma vez, n'um «bonde» (assim chamam no Rio de Janeiro ás carruagens tramways) tendo-se queixado um passageiro de que estava sujo um dos bancos, sendo obrigação do conductor limpal-o, o empregado recriminado, resmoneando o seu mau humor pela advertencia de que fôra objecto, disse junto de mim esta phrase: *Obrigação é de escravo!*

Essa palavra é expressivamente symptomatica! Ella traduz o grito espontaneo e ingenuo de todo um povo, em cuja consciencia nacional o feudalismo negro perverteu em pleno seculo XIX a noção do trabalho e a comprehensão do dever, segundo o criterio industrial das sociedades contemporaneas.

No dia immediato ao da minha chegada ao Rio de Janeiro, descendo, para vêr a cidade, do arrabalde das Laranjeiras, onde habitava, e apeando-me d'uma carruagem no largo de S. Francisco, eis-aqui o primeiro espectaculo humano que feriu os meus olhos, deslumbrados, através dos jardins que atravessára, pela mais prodigiosa pompa de luz magnificente, de folhagens eternas e de flores immortaes:

Em frente d'um dos passeios, sentados em cadeiras de braços, dois pretos faziam-se engraxar as botas. De sobrecasaca e chapéo alto, charuto nos beiços, anneis scintillantes de pedras preciosas, com o pé estendido, o busto alto, recostados ao espaldar das poltronas, os dois negros conversavam e sorriam com a ingenua e infantil bondade caracteristica da sua raça, de grandes olhos luminosos e bellos dentes de jaspe. Aos pés d'elles, de joelhos no chão, dois italianos manejavam fervorosamente as escovas. Um d'elles de jaleco de velludo côr de passa, chapéo de copa agudo carregado a um lado, represen-

tava cincoenta annos, e era um dos mais bellos e mais nobres typos romanos, de poeta, de guerreiro ou de artista, legitimo compatriota do Tasso ou de Miguel Angelo, do tenor Tamberlick ou do general Garibaldi. Alto e esbelto, com um fino sorriso ironico, arqueado a cada canto da bocca n'um gancho de bigode, ao meio de uma barba loura, annelada, polvilhada de branco, esse toscano da mais pura raça engraxava as botas do preto com a espiritualidade physionomica de quem estivesse esculpindo ou pintando, n'um atelier de Genova ou de Florença, os pés d'uma figura exotica e barbara. O negro remunerou-o esfolhando da carteira, com aristocratico abandono, uma nota de banco.

Perguntei n'esse dia e n'essa noite a todos os meus amigos do Rio de Janeiro, se haveria um brazileiro livre, branco ou de côr, que se prestasse a substituir no exercicio da sua profissão o engraxador italiano. Não, nem por todos os thesouros da terra, nem por todos os diamantes das suas minas, nem por todo o assucar dos seus engenhos, nem por toda a borracha dos seus seringaes, nem por todo o café dos seus morros, um brazileiro, por mais obscuro, por mais humilde, por mais esfomeado, se ajoelharia no chão para escovar as botas de um transeunte nas ruas da sua terra!

Por outro lado, sendo tão profundo o abysmo que separa na civilisação brazileira o homem livre do homem escravo, por effeito d'essa mesma distincção social, acontece que de escravo para cima, desde a mais banal profissão, desde o mais subalterno emprego, até o que na Europa se chamaria a mais alta categoria social, não ha distincção hierarchica sensivel de classe para classe, de cidadão para cidadão. Na opera de S. Petersburgo nenhuma senhora que não seja titular occupa um camarote de primeira ordem. Na plateia a primeira e a segunda fila de cadeiras são para os nobres, para os embaixadores e secretarios de embaixada, para os altos funccionarios, e para os estrangeiros de distincção; a terceira e quarta para os artistas illustres, para os escriptores celebres, para os grandes financeiros, banqueiros, etc. Os homens de negocio, qualquer que seja

a sua fortuna, só têm assento na quinta ou sexta bancada. Não ha perscripção policial que determine esta separação. Ella existe porém tradicionalmente, enraizada no uso, e não ha ninguem que se atreva a transgredil-a. Outro tanto, aproximadamente, succede em Londres, succede um pouco menos mas succede ainda em Berlim, em Vienna, em Madrid, em Roma. Nada de semelhante no Rio de Janeiro. De cima a baixo, em toda a ordem social, promiscuidade completa, confusão absoluta.

O meu *copeiro*, durante os tres dias em que me dotei com o luxo d'esse adminiculo platonico, fez-me sempre o favor, quer nos bufetes das gares, quer nos restaurantes dos hoteis, de escolher invariavelmente uma mesa ou um talher defronte de mim. Como vi outros *copeiros* fazerem o mesmo com relação aos proprietarios das respectivas copas hypotheticas, não testemunho aqui o meu agradecimento especial a essa prova de benevolencia. Consignarei apenas que pela lhaneza de suas maneiras e affabilidade do seu trato, aquelle meu ex-*empregado* timbrou sempre, com singular fervor, em fazer desapparecer qualquer distancia que pudesse humilhar-me na presença do publico, não cessando de animar-me, pela familiaridade com que me distinguia, a tratal-o eu mesmo a elle — e assim ouso exprimir-me — como de igual para igual.

Nos caminhos de ferro — e n'este ponto elles são a fiel imagem reduzida da sociedade brazileira — ha carruagens de primeira, segunda e terceira classe, mas não ha viajantes correspondentes a essas tres categorias. Um administrador da linha de D. Pedro II explicava-me: — É impossivel manter o asseio nos primeiros wagons; os individuos que na Europa constituem os passageiros de terceira classe, invadem aqui tudo, tornam extremamente desagradaveis as viagens aos passageiros de primeira classe, ennodoando e deturpando estofos e tapetes com os restos dos balaios, de que sempre se premunem para as refeições do caminho. Eu mesmo fui testemunha d'essa promiscua conglobação de viajantes distanciados uns dos outros pelas mais fundas differenças de educação e de habitos. Ao lado de um passageiro correctamente abotoado no seu traje europeu,

gravemente alojado a um canto, lendo o ultimo numero d'uma revista de Paris ou de Londres, estatela-se na mesma banqueta um mascate ou um feitor, desabugachado, obeso, flatulento, com roupa branca de tres dias e barba d'um exercicio mais longo ainda. Este passageiro, de chinelas, chapéo coberto por uma *housse* de linho, guarda-pó mascarrado pela poeira rôxa das estradas, pelo carvão da machina e pelo sebo do Rio Grande com que se untam os eixos e as rodas das carruagens, viaja em familia com amas, mucamas, e meninos, seguido de dois ou tres moleques, ajoujados de frituras envoltas em jornaes engordurados, de pão de ló, de picheis com vinho, de côcos verdes e de samburás de canas ennastradas, cheios de jabuticabas. E o banquete installa-se, com um desafogo de rancho no sertão, depois d'uma queima de floresta, pelo modo mais invasivamente expansivo, com uma sem-ceremonia que na Europa se consideraria implicante e provocativa, mas que no Brazil está nos usos geraes, e não surprehende ninguem. É o que o viajante Coster chama a «habitual familiaridade brazileira».

Por occasião de uma excursão a S. Paulo — indo no mesmo trem que eu um destacamento de infanteria — um tenente, acompanhado de um soldado, subiu ao compartimento em que eu estava. O soldado depoz a um lado, no banco, a mochila, o bornal, o cantil, a cartucheira, a baioneta e a espingarda; o official collocou na prateleira de rêde a barretina, a espada, o saco de couro e o frasco empalhado que trazia ao tiracollo; e em seguida, desabotoando ambos alguns botões da farda, sentaram-se defronte um do outro. Pouco tempo depois, sendo o soldado advertido pelo revisor do trem de que as peças do equipamento que elle collocára junto de si tomavam demasiado espaço, occupando o logar d'um passageiro, o soldado reagiu com desprezo á admoestação do revisor. D'ahi uma longa disputa em que o official interveio, contemporisando, e acabando por metter elle mesmo a mochila debaixo do banco, emquanto o soldado, estomagado, amuava, de braços cruzados, de costas para o revisor.

Poderia transcrever das minhas notas muitos outros factos

igualmente sugestivos. Os que indico bastarão talvez para allumiar um dos mais singulares aspectos da população brazileira.

Sob o antigo regimen colonial o despotismo era para os effeitos da ordem uma lesão compensadora do morbo servil. Sob as instituições democraticas subsequentes á independencia, a corrupção do virus negro, até então localisada por obstaculos impostos á circulação da seiva nacional, alastrou-se a toda a periferia da sociedade.

Viciada pelo servilismo, a liberdade no Brazil dissolveu o sentimento da hierarchia, base de toda a organisação d'um estado. E um axioma em sociologia que toda a subordinação de obreiros a uma auctoridade ou a um principio de interesse commum, só póde ser consistente, duradoura e efficaz quando tenha a fórma hierarchica em que se baseia a disciplina militar. Onde não ha hierarchia não ha auctoridade, e onde não ha auctoridade não ha governo. Em todo o aggregado humano, de paiz ou de classe, nacional, civil, ecclesiastico, industrial ou militar, o regimen que não é hierarchico é anarchico.

A escravidão, que no seculo XVI, como em todas as civilisações incipientes, foi um instrumento indispensavel á fundação do trabalho, á organisação da propriedade, á creação da riqueza, tem sido sempre fatal ao Brazil moderno, independente, autonomo e civilisado.

Além do grande mal, a cujos symptomas me refiro, a escravidão produziu ainda, por meio do *abolicionismo*, um novo elemento de desordem.

O abolicionismo, cujo primeiro grito foi — creio eu — lançado no seculo passado pelo padre Rocha na sua obra *Ethiope resgatado*, converteu-se ha cerca de dez annos em partido politico, tendo por programma a abolição incondicional, absoluta e immediata. Este novo movimento, iniciado pelos espiritos mais desinteressados e mais generosos, foi rapidamente seguido — como é proprio de todos os partidos de negação e de revolta — pelos desempregados de toda a especie, medicos sem doentes, advogados sem causas, jornalistas sem leitores, oradores sem ouvintes. Depois de explorado pelos fazendeiros, o negro

passou a ser explorado pelos politicos. Tendo passado tres seculos no eito, roçando o matto, plantando o café e a cana sob o azorrague dos feitores, a pobre raça captiva errou dez annos no parlamentarismo e na imprensa, n'um ergastulo scenico, n'um latifundio theatral, arrastando pelo discurso gargalheiras e algemas, sob o latego da metaphora, entre os grilhões da rhetorica.

Para muitos dos abolicionistas o abolicionismo tornou-se uma carreira politica, uma profissão liberal, tendo por lucro os reditos da popularidade, por guia a agitação e por meio a loquella. De sorte que, ao cabo de pouco tempo d'essa campanha oratorica, o problema do trabalho livre se achou desdobrado em dois: Primeiro — que se ha de fazer aos libertos? Segundo — que se ha de fazer aos libertadores?

Outro legado da escravidão é o parasitismo social, attingindo desenvolvimentos e profundidades de que não é facil ter idéa nas civilisações europèas contemporaneas. É preciso reler nas cartas de Beckford a descripção da casa do marquez de Marialva em Lisboa, no seculo passado, para encontrar na vida portugueza um leve termo de comparação á existencia ordinaria do grande fazendeiro senhor d'escravos no Brazil.

Nas grandes propriedades que visitei na provincia do Rio de Janeiro, a mesa de jantar tinha as dimensões da de um grande hotel. N'este foco do antigo patronato rural tomavam assento cincoenta ou sessenta commensaes, pela maior parte improductivos e ociosos, vivendo das prodigalidades do patrão.

Além do hospede propriamente dito, do negociante, do naturalista, do economista estudioso, ou do amigo em viagem, *sinhô* e *sinhá* folgavam de sentar á sua mesa e de reter em sua casa todos aquelles que de algum modo os podiam servir ou simplesmente entreter nos longos e bocejados ocios da roça, sob os pesados e debilitantes effluvios da lethargia tropical, á hora do trabalho no engenho ou no cafesal, quando os escravos estão no eito, e no pastorejo a boiada, quando em torno da casa senhorial emmudece a senzala deserta, quando na vasta natureza circumstante, com o sol a pino, a luz ardente trepi-

dando como chamma no cabeço dos morros, tudo parece desmaiar na implacavel hysteria torrida, vendo-se apenas, como indicio de vida, ondular ao longe o fumo azul sobre o colmo de um rancho, e ao pé, no capim verdejante e morno, ou sobre as folhas sumarentas de um talhão de tabaco, perto de um fio de agua, voejarem aos pares, em fugitivas intermittencias, as grandes borboletas setinosas e translucidas, côr de laranja, mosqueadas de negro.

Além dos *rendeiros* e dos *aggregados*, permanentemente mantidos e cevados na babugem das grandes fazendas, algumas das quaes mediam dez, quinze e vinte leguas de circuito, eram convivas habituaes de sua excellencia o «visconde» ou de sua senhoria o «brigadeiro», o coronel ou o «commendador», varios individuos, de que particularisarei algumas figuras dominantes e typicas.

Apparecia o *capanga*, espadaúdo e marcial, sempre de botas altas, esporas e rebenque, especie de *bravo* assalariado da antiga Italia, intermediario nas intrigas eroticas do senhor, recenseador e guarda do respectivo harem, prompto a desarcaboiçar com uma sova, a sangrar com uma picada de faca, ou a expedir para a outra vida com quatro zagalotes nos rins o temerario que arrostasse com a ira do fazendeiro.

Concorria o *arrieiro* anecdotico, meio veterinario, meio leitor da cavallariça, chefe dos tropeiros e commandante das marchas, incumbido de escolher os pousos, de velar pelas cavalgaduras e bestas de carga, de prover no rancho, e de guiar nos caminhos, trilhado nos carregos que tornejam os morros e nas picadas que atravessam os capoeirões ou as mattas virgens.

Era certo o *caipira* malicioso, e o *capadocio* sentimental, variante nortista do lazarone napolitano, fadista e musico, encarregado de soluçar ao violão os *lundús* chorados e as modinhas bahianas.

Não faltava nunca finalmente o joven bacharel, de lunetas de ouro e gravata de Paris, ameno e disserto, recemchegado de S. Paulo ou de Olinda, aspirante a promotor ou a deputado

pela influencia do fazendeiro, através das feijoadas, das moquecas, dos angus e dos vatapás da sua mesa, e dos sobrehumanos esforços de uma conversação captivante ao lado da cadeira de balouço, em que o grande contribuinte digere e dormita, pela sesta, na varanda aberta, chupando cigarros fortes de negro fumo bahiano envoltos em palha de milho.

Taes são os pontos fracos da civilisação brazileira, aliás tão pujantemente prospera e rica, de um tão vasto destino na futura hegemonia do mundo novo.

Recapitulo em quatro palavras: Abastardamento do trabalho, constituição da ociosidade organisada, decomposição da disciplina, deshonra do respeito.

Essa lesão organica em que terá fatalmente de prender-se e de aggravar-se toda e qualquer crise funccional e transitoria, não tem evidentemente origem geographica, nem ethnica, nem propriamente politica. É a resultante de um puro vicio de educação, determinado pela intervenção destructiva do escravo antigo no mecanismo da vida moderna.

D'este facto culminante resulta que na sociedade em que elle se dá, sob quaesquer instituições, sob qualquer fórma de governo que seja, a questão summa, a questão vital é a da reforma dos costumes e a da reconstituição dos caracteres por meio da educação nacional.

Vejamos rapidamente qual foi n'este sentido a acção do governo imperial durante o reinado do senhor D. Pedro II.

II

A instrucção, que faz uma parte—ainda que não a mais importante—da educação publica, teve largos desenvolvimentos, principalmente no grau superior. Os gabinetes de estudo experimental, os laboratorios, os museus, as bibliothecas foram dotados com os mais modernos e mais perfeitos instrumentos. A bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, a imprensa nacional, os diversos observatorios, o museu de ethnologia e de historia

natural são estabelecimentos perfeitamente providos e exemplarmente administrados. A escola de medicina é, pela organisação dos seus programmas e das suas diversas officinas, um instituto comparavel aos mais perfeitos da Europa.

A instrucção secundaria offerece um quadro de estudos extremamente amplo, concebido n'um largo espirito positivo, mas ao qual não corresponde, por effeito do mais latitudinario regimen de frequencia, contrario aos interesses do estudo sob a indolencia equatorial, um proporcional derramamento de cultura.

Apesar da existencia de artistas distinctos, á frente dos quaes dois de primeira ordem — Pedro Americo e Bernardelli, o ensino artistico é deficiente e atrazadissimo. O mau gosto dos modernos monumentos e edificios publicos na capital do imperio, flagrante e afflictivo, distinge no plano de muitas edificações particulares, e tornaria grotesco o aspecto architectonico de alguns dos arrabaldes do Rio de Janeiro, se a exhuberancia da vegetação tropical, os penachos das palmeiras, a torrente de folhagens e de flores, que parece desdobrar-se em catadupa, com a agua espumosa das cachoeiras, do alto dos morros, de quebrada em quebrada, de ravina em ravina, até á planura dos valles, não envolvesse tudo na avassalladora, na hypnotica magia da natureza.

A instrucção primaria, deploravelmente organisada e servida, classifica-se n'uma palavra cruel, mas justa: orça por aquella que Portugal nos ministra.

Outrotanto diria, sem grande receio de exagerar o meu rigorismo, da disciplina escolar nos diversos estabelecimentos de ensino publico.

No Brazil, como em Portugal, o liberalismo empyrico da administração moderna aboliu nas escolas a disciplina ecclesiastica dos jesuitas, nossos primeiros e mais competentes mestres, sem cuidar em a substituir por outra coisa. É incalculavel o atrazo que de tal desleixo tem resultado para o aperfeiçoamento physico e moral de umas poucas de gerações. O jesuita, por meio de um complexo e integral systema pedagogico, abran-

gendo a educação intellectual, a educação moral e a educação physica, preparava completamente o mais perfeito homem para a concorrencia no conflicto social em que era destinado a intervir.

Para os effeitos da adaptação do cidadão á sociedade a que pertence, os educadores modernos nunca souberam fazer, entre portuguezes e brazileiros, senão séres ou passivamente banaes ou descomedidos, refractarios, contraditorios e rebeldes. Prendados da theoria de Darwin e do systema de Comte, como de estereis virtuosismos de Academia, nunca pensamos em applicar á educação publica a lei da adaptação ao meio e a da solidariedade da vida especulativa, da vida affectiva e da vida organica de cada individuo perante a ordem e o progresso da communidade humana. E todavia foram precisamente essas leis, ainda então por definir e por enunciar, as que serviram de base ao systema da educação jesuitica.

Uma casa provida de bons livros, de bons laboratorios, com bons programmas de ensino, bons mestres, bom ar, boa mobilia e boa luz, é, quando muito, uma fabrica de sciencia.

Para que se transforme n'um instituto de educação é preciso que n'elle se imponha á mocidade, por meio da mais rigorosa disciplina, o sentimento da solidariedade social, o espirito de esforço e de sacrificio na subordinação ao dever, a regularidade, a exactidão, a firmeza do porte, de accôrdo com a firmeza do caracter, em todos os actos da vida. Só assim se formam cidadãos, o que é uma coisa differente de formar bachareis.

Ora as sociedades civilisadas ainda não conseguiram determinar com rigor senão duas formulas de disciplina: a formula ecclesiastica e a formula militar. A pedagogia tem de escolher uma d'ellas. Todo o alumno é fundamentalmente ou um noviço ou um recruta. Em nome do céo ou em nome do mundo, ao toque do sino ou ao rufo do tambor, cantando no côro com a collegiada, ou marchando no campo com o batalhão, é preciso que elle comece por aprender a servir obedecendo, isto é, antepondo ao instincto individual o impulso da sympathia adquirida no interesse collectivo da especie e da sociedade.

Não compararei o estado em que se acham as coisas da instrucção no Brazil com o que se passa nos paizes mais civilisados da Europa ou nos Estados norte-americanos. Direi apenas aos que se não deram a estes estudos que, pelo que respeita á organisação da instrucção primaria e á disciplina das escolas publicas, a simples Republica Argentina se acha um seculo adiante de nós outros, isto é, adiante de Portugal e do Brazil. E ouso accrescentar que é a mais perfeita noção pedagogica da escolaridade e a mais sabia organisação da instrucção primaria a base verdadeira do progresso para a mentalidade de um povo. A alta cultura das classes mais elevadas, contrastando n'uma civilisação com a ignorancia quasi absoluta da grande massa, dá um mal-estar permanente, um latente ou expresso conflicto constante de sentimentos e de idéas, perturbando o equilibrio geral pela incidencia da justa aspiração de uns sobre a inerte e inamovivel indifferença dos outros. Não foi talvez outra a principal causa da explosão do nihilismo na sociedade slava.

A imprensa brazileira é servida por artistas superiormente delicados, por criticos de grande sagacidade e subtileza e por pensadores de alta cultura e de uma consideravel força de raciocinio. Citarei ao acaso os nomes de Machado de Assiz, Luiz Guimarães, Theophilo Dias, Ezequiel Freire, A. Azevedo, Raymundo Correira, Silvio Romero, Escragnolle Taunay, D. Gama, Valentim de Magalhães, José do Patrocinio, Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Sant'Anna Nery, Ferreira de Araujo, José Carlos Rodrigues, Ruy Barbosa, Eduardo Prado, José Verissimo, Quintino Bocayuva, Miguel de Lemos, Teixeira Mendes, Benjamim Constant, Alberto Sales. O espirito mercantil de algumas emprezas de publicidade, explorando a pequena intriga local, as rivalidades de classe, as paixões burguezas, as malquerenças pessoaes, tem todavia determinado no jornalismo brazileiro uma desoladora corrente de mexeriquismo, que frequentemente asphixia o interesse da controversia philosophica e da delicadeza artistica. As *publicações a pedido* e as famosas *mofinas*, secções em que cumulativamente se trata das mais se-

cretas questões domesticas, dos espartilhos mais bem feitos, dos remedios á moda e dos mais importantes negocios da politica e do estado, são uma vergonha da litteratura local. É além d'isso, particularmente sensivel no regimen da mentalidade brazileira a falta de uma grande Revista, de um «magasine», que, resumindo mez a mez o movimento intellectual da nação, a sua historia economica, politica e litteraria, fornecesse um nucleo de opinião desinteressadamente informada e esclarecida, mandando da côrte aos confins do grande imperio, e transmittindo de espirito a espirito, a mais aguda, a mais vibrante nota do pensamento nacional. O jornal propriamente dito, versando em grande parte sobre questões de um interesse restricto a determinadas zonas de familiaridade intellectual, é insufficiente para a circulação das idéas em regiões tão vastas como as que abrange o Brazil. Em Manaos, em Cuyabá ou em Marajó ninguem entende a lingua do dilettantismo da rua do Ouvidor, e é-se completamente insensivel aos successos de theatro, de salão ou de familia que mais inflammam a imaginação ao habitante do Rio ou de Petropolis. A Revista é a fórma periodica mais util aos paizes de grande extensão geographica. D'ahi a importancia que sempre têm tido as publicações d'essa ordem na Inglaterra e na Russia. Foi por uma grande Revista que, durante vinte e cinco annos, sob o imperio tão despotico e tão repressivo do czar Nicolau, se espalharam na Russia muitas idéas justas, e pôde o habitante longinquo do Ouesk e de Tolbosk ler as novellas de Dickens e de George Sand dois mezes depois de ellas terem apparecido em Londres ou em Paris.

Não fallo da educação physica, porque ella é desconhecida como instituição no Brazil. Algumas meritorias mas rarissimas sociedades de esgrima e de skating procuram debalde introduzir no gosto publico os exercicios de força e de destreza. Não ha gymnastica, não ha jogos athleticos, não ha exercicios militares nas escólas publicas.

No Rio de Janeiro, em consequencia do uso geral de tomar o *bonde* para transpôr as mais pequenas distancias, da falta de largos passeios nas ruas, e de uma avenida extensa e plana,

que obrigue o viandante a erguer a cabeça para olhar ao longe, os habitantes desaprenderam de andar a pé. Ninguem trilha o sólo sob o vigor de passadas regulares e firmes. Caminham todos sinuosamente, sem perpendicularidade e sem força, como quem vai convalescente e debilitado, com os pés doloridos, por um terreno escabroso.

De resto na maioria dos homens do Rio de Janeiro, os hombros são estreitos, os pulsos finos, as mãos esguias, fragilmente articuladas e molles.

A influencia da côrte nos usos, nos costumes, no gosto do publico, sempre que não era nulla, era prejudicial.

O imperador é um homem bom, na mais larga accepção d'esta palavra, dotado de todas as grandes e bellas qualidades oppostas ás que deveria ter o chefe de um estado adolescente, rico, imaginoso, romanesco e poetico, qual o Brazil.

Um rei moço — não digo de idade mas de temperamento — dotado do espirito de aventura propria de um paiz prospero e novo, tendo essa especie de alegria sugestiva e triumphal determinada pela plenitude da fé n'um destino glorioso, como a do renascimento europeu no seculo XVI, um rei, accumulando a percepção da indole juvenil, impetuosa de seiva, um tanto impaciente e tumultuaria das nações americanas, com o sentimento europeu da disciplina, do prestigio e do commando, poderia talvez ser ainda no Brazil um penhor de ordem, uma influencia de civilisação, um agente de progresso.

A vida de côrte, mantendo uma aristocracia, desenvolvendo a polidez dos costumes, a alta cultura do espirito, o amor das artes e das letras, a mais perfeita comprehensão do conforto e da elegancia, o sentimento mais espiritualisado da vida, corrigiria na evolução do americanismo, que, a pouco e pouco, por uma especie de refluxo pendular, começa a invadir a Europa, a influencia regressiva do Yankee e do Gaucho, assegurando á raça brazileira, de mais delicada phantasia e de mais homogeneidade ethnica e social, a preponderancia hegemonica no futuro desenvolvimento moral da America.

Um exercito disciplinado, aguerrido e brilhante, seria um

factor consideravel na educação nacional, um foco de aperfeiçoamento physico, de destreza e de força, uma escóla pratica de disciplina e de respeito, de marcialidade e de brio, um viveiro emfim, de cidadãos correctos, saudaveis, endurecidos e valorosos.

Um genio emprehendedor e arrojado, dispondo da auctoridade, do prestigio e da acção permanente que exerce um soberano, poderia ter determinado, entre outras d'essas grandes obras em que a riqueza se multiplica por meio da progressiva valorisação das coisas aperfeiçoadas, o saneamento systematico das povoações do littoral e a reedificação da cidade do Rio de Janeiro, a qual, pelas condições de insalubridade que hoje a distinguem, é um dos mais consideraveis obstaculos ao augmento a que estaria destinada a corrente da emigração europeia.

Em vez de ter esses requisitos de dominação jubilosa, de expansibilidade, de brilho vibrante e communicativo, o senhor D. Pedro II é um recluso, é um especulativo, e é um inesthetico.

Nos dias de recepção no palacio de S. Christovão havia á porta um creado, de *veston* d'alpaca, que detinha as pessoas que chegavam para lhes apontar o nome, com uma ponta de lapis humedecida na lingua, sobre um pedacinho de papel. Este criado, que me disseram accumular as funcções de famulo da casa imperial com as de reporter do *Jornal do Commercio*, era o unico com quem se encontravam os individuos que iam apresentar as suas homenagens á familia imperial. Ao cimo da escada, desguarnecida de todo o ornato, sem tapete, sem flôres, sem esculpturas, atravessava-se um salão deserto, unicamente guarnecido ao longo dos muros por alguns trumós em mogno do tempo do imperio napoleonico; tomava-se no fundo á esquerda; percorria-se uma das quatro galerias de um triste claustro de convento pobre, ao centro de cujo pateo mesquinhamente ajardinado chapinhava monotona a agua de um repuxo; e penetrava-se finalmente na ante-camara de um salão pintado a fresco no tempo de D. João VI, e guarnecida da mais banal e mais incaracteristica mobilia de mogno moderno. Ahi o imperador recebia.

Não se via uma libré de criado, nem um uniforme de official. Refractario á marcialidade, de nervos antipathicos ao ruído dos sabres, o senhor D. Pedro II não tinha casa militar.

Para evitar os solavancos da estrada, o corpo diplomatico ia ao paço em *bonde*. As carruagens vazias, que faziam parada á porta, levavam para lá os chapeus e os espadins. No trajecto em *tramway* os ministros e os addidos iam de chapeu côco, encerrados dos pés á cabeça em guarda-pós alvadios.

Na elegante villegiatura de Petropolis, ao *rendez-vous* da manhã, junto da *gare*, via-se por vezes, no meio das côres alegres dos vestuarios de campo, surgir e mover-se, entre os chapeus de palha, as umbellas brancas, as flôres e os leques, uma grande mancha negra e austera. Era sua magestade que vinha familiarmente conversar com as pessoas das suas relações, ás oito horas da manhã, vestido de casaca e chapeu alto, trazendo debaixo do braço um guarda-sol, e ao peito a insignia do tosão de ouro, que me disseram ser uma reliquia de Carlos V. De ordinario um segundo vulto, de um somnambulismo não menos estranho, seguia de longe os passos do soberano. Era o sanscritologo ou o egyptologo de sua magestade, a quem faziam sequito dois camaristas, de casacas tão matinalmente estremunhadas para o decoro da corôa, com uma placa no peito e uma chave dourada no quadril.

A imperatriz, o mais puro modelo de esposa e de mãe, encerrada na familia como na mais estreita, na mais humilde, na mais rigorosa clausura, nunca viveu senão para o amor, para a obediencia, para a sujeição, para o sacrificio. Nunca a publicidade absorveu nas suas indiscrições habituaes o nome d'essa adoravel senhora, por natureza inviolavel. Ella era verdadeiramente amada no publico do modo mais delicado, mais discreto, mais dôce e mais simples. Uma noite, depois de uma doença grave que a retivera de cama por algum tempo, a imperatriz reappareceu pela primeira vez, vestida de escuro, pallida, resignada e meiga, sob os seus bandós brancos, ao canto do camarote do imperador no theatro de D. Pedro II. Um homem velho, desconhecido, occupando um logar de plateia, tirou

respeitosamente o seu chapeu, e disse, n'um tom quasi familiar, sem explosão, sem emphase: — «Viva sua magestade a Imperatriz do Brazil!» Sua magestade, em pé, tremula de commoção, apoiada ao peitoril do camarote, acenando com o mesmo lenço branco a que enxugava as lagrimas do seu enternecimento, agradeceu a unanime e estridente salva de palmas que a saudou. Foi talvez essa a unica manifestação publica de que ella foi objecto.

O conde d'Eu, tendo dado na guerra do Paraguay as mais assignaladas provas de bravura, privado pela politica imperial de exercer na reconstituição do exercito brazileiro o papel a que o destinava a sua vocação e a sua indole, submetteu-se á estreita condição de consorte burguez, desenvolvendo no amor da sua familia e na administração da sua casa as obscuras virtudes tão raras e tão preciosas no lar domestico quão nocivas á popularidade dos principes, que a imaginação da nossa raça folga de aureolar com alguma lenda romanesca, de libertinagem sentimental e dissipadora.

A princeza imperial era uma d'essas delicadas constituições moraes que definham, como certas plantas por insufficiencia de luz, no encerro da banalidade ordinaria da vida, precisando do refugio de ideal, que, levados por instinctos e por aspirações communs, uns procuram na arte e outros na religião.

No dia 2 de janeiro de cada anno, o senhor D. Pedro, para o fim de ir abrir o parlamento, vestia um costume do seculo XVI, em setim branco, com topes nas ligas e nos sapatos. Sua magestade punha aos hombros n'esse dia um manto transparente guarnecido de pennas de tucano; e de corôa na cabeça e sceptro em punho, sentado ao centro de uma traquitana do senhor D. João VI, sua magestade percorria em estado, á luz do dia, as ruas da sua capital. Era a unica pompa do imperio, e não havia já ninguem, em todo o Brazil, a começar pelo proprio imperador, que a não achasse burlesca.

Comprehende-se que uma côrte assim presidida não offuscasse as imaginações com a perspectiva do seu encanto. Sem

mundanismo, sem arte, sem moda, sem equipagens, sem uniformes, sem festas, sem flôres, sem bibelots, o palacio de S. Christovão era um desterro mortifero para toda a gente alegre, para todos os homens novos, para todas as mulheres bonitas. Por esse motivo se tornou consideravel a emigração da aristocracia. Muitos dos brazileiros mais educados, portadores dos mais illustres nomes do Imperio, vivem habitualmente em França, na Inglaterra ou na Belgica. Aquelle que quizesse conhecer as mais distinctas, as mais elegantes senhoras da nobreza brazileira, não seria no palacio do imperador em S. Christovão, mas sim no do snr. Carnot em Paris que teria de procurar o distincto prazer de uma apresentação.

Para as emoções da arte o imperador era um inerte. Nas especulações da philosophia era um espirito forte do tempo de Voltaire e de Rousseau, espiritualista, eclectico, philanthropo, panglossista. Na sciencia era um academico de numero, socio effectivo ou socio correspondente de todas as sociedades sabias da America e da Europa, e como tal, menos propriamente um iniciador do que um iniciado professo e official. Esta circumstancia por muitas vezes restringiu penosamente o seu soberano papel de protector, acorrentando-o como illustre e submisso confrade ao destino commum dos protegidos. Na politica era uma especie de liberal portuguez de 36: liberdade sem licença, religião sem fanatismo, pacto social, direitos do cidadão garantidos na carta, descentralisação, votismo, abaixo as algemas da superstição, guerra aos abutres do Vaticano e anathema aos despotas em geral. De resto, caracter sinuoso mas fundamentalmente justo, consciencia recta, coração compadecido, generoso e terno.

Infelizmente porém os mais graves, os mais difficeis problemas sociaes e economicos preoccupam n'este momento todos os espiritos que dirigem a civilisação brazileira: a rehabilitação do escravo para a dignidade da vida civil, a eliminação do parasitismo e a reconstituição do trabalho, a remodelação da propriedade rural e dos systemas de cultura, a reforma da educação publica, a descentralisação federativa como unico recurso

contra o espirito separatista das provincias mais progressivas, mais adiantadas e mais ricas, a grande naturalisação e as complexas questões que d'ella derivam — registro civil, secularisação dos cemiterios, liberdade de cultos, separação da igreja e do estado, etc. Perante essa crise as qualidades que a opinião publica requeria do chefe do governo, e d'elle só, uma vez demonstrada a profunda viciação do suffragio e a esteril estagnação rhetorica do parlamentarismo, não eram precisamente aquellas que tão sympaticamente exornavam o coração e o caracter do snr. D. Pedro II.

Quando Luiz Couty, o insigne publicista que mais lucidamente expoz a equação do destino brazileiro, perguntava quem teria o valor de a resolver, Ferreira de Araujo, um dos primeiros jornalistas do imperio, referindo-se á iniciativa e á auctoridade do imperador, dizia: *Não é já de um «homem de bem» que o Brazil precisa, é de um «homem»*. E esta palavra, de uma concisão epigraphica, de um julgamento definitivo, ficará na historia brazileira como a synthese critica do seu ultimo reinado.

III

Dados os aspectos sociaes que procurei esboçar nas precedentes paginas, o golpe d'estado do dia 15 de novembro e os acontecimentos que se lhe seguiram são de facil explicação.

Quem lê em Taine ou em Toqueville a historia dos precedentes da Revolução Franceza reconhece que foi o excesso de governo, o abuso de regulamentação, a absorpção no Estado da direcção de todas as actividades sociaes o que determinou a explosão de 1789. No Brazil dava-se precisamente o contrario. O movimento de 15 de novembro no Rio de Janeiro não foi uma *revolução* no sentido politico d'esta palavra, e muito menos no seu sentido philosophico. A revolução brazileira fez-se de direito e de facto no dia em que pela abolição da escravatura cessou de existir o feudalismo territorial, constituido pela propriedade

dos grandes fazendeiros senhores de negros, e base da unica aristocracia poderosa e conservadora do Imperio.

Em todo o systema representativo onde o poder monarchico se não alicerça na intervenção coerciva de uma forte classe rica, preponderante e *privilegiada* como elle, é o parlamentarismo quem unicamente e incondicionalmente reina, não sendo o soberano mais que uma pura abstracção da metaphysica politica, uma imagem, um tropo, uma flor de oratoria constitucional, sem especie alguma de valor positivo ou de realidade pratica.

O advento da republica no Brazil estava de ha muito tempo previsto e annunciado. O proprio imperador era declaradamente republicano, e seria singularmente estranho que no partido monarchico brazileiro alguem nutrisse a pretensão de ser mais realista do que o rei.

Nos seus bellos *Estudos Brazileiros* (1877-1885), um escriptor superiormente distincto, o snr. José Verissimo, escrevia: «Que republicano venha ser o governo do Brazil, é coisa que me parece certa. A republica no Brazil, sobre encontrar a influencia poderosa do meio americano, tem com Beckmann, no Maranhão, em 1684, com os pernambucanos, em 1710, 1817 e 48, com os mineiros, em 1789 e 1842, antecedentes historicos. A obra da unidade e integridade da patria, que aos olhos de todo o pensador serio tornará benemerita á historia a monarchia brazileira, dado o desigual desenvolvimento das provincias, a geographia do paiz e um certo espirito separatista que nos infiltrou a organisação colonial portugueza, não sei se se poderá manter sem a federação. Pela geographia, pela historia, pela ethnographia, e ainda pelas tradições e sentimento intimo do povo, a federação parece ser a fórma definitiva—se definitivo ha alguma coisa—da patria brazileira.» Expondo, em seguida, que a federação é irrealisavel dentro do systema monarchico, o snr. José Verissimo conclue: «Forçosamente republicano, não porque acredite na efficacia e infallibilidade da republica, na qual vejo apenas uma resultante e não um factor, uma fórmula na evolução governamental, mas não a fórma definitiva

que ainda escapa ás nossas previsões, porém por julgal-a determinada pelas nossas circumstancias politicas e evolução historica, é, senão com hostilidade, ao menos sem nenhuma sympathia, que encaro o actual movimento republicano, fadado porventura a não remoto triumpho.»

Se, portanto na opinião e no sentimento mais conservador e mais aristocratico do povo brazileiro, a republica tinha fatalmente de ser, os homens que determinaram o accidente militar de 15 de novembro, tão diversamente julgados pela critica europeia, não fizeram — me parece — perante a historia e perante a philosophia, senão accelerar o progresso, simplificando pela suppressão de quantidades superfluas, a resolução do problema social na civilisação brazileira.

Dezembro — 1889.

Ramalho Ortigão.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VI

TANGER

Assim que D. João I fechou os olhos, o infante D. Henrique precipitou-se como um falcão sobre D. Duarte, reclamando uma segunda campanha em Africa. «Era proposito que atára em sua alma com firmes nós de muita fé.» Dominado por esta obsessão, pensava em mudar o motto da sua vida, *Talent de bien faire*, para a palavra IDA (a ida a Africa) aggregação symbolicamente fatal das iniciaes do seu nome *Inffante Dom Anrrique* [2].

A opinião geral era, porém, contraria a essa aventura, e do fundo das suas terras, em Guimarães, o conde de Barcellos, sabedor da teima do irmão, escrevia ao pai, dois mezes e meio antes da morte d'este, uma longa carta politica acerca das emprezas marroquinas, mostrando-lhe a série de argumentos ditados pelo bom senso, que as condemnavam [3].

[1] Continuado da pag. 719 do 1.º volume.

[2] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XIV.

[3] A empreza do infante D. Henrique «das proveitosas não é, porque se seguem logo grandes despezas em muitas guisas: primeiramente o *pedido* que se

Mas a verdade, tambem, era que em volta de D. Duarte, sem fallar no irmão bastardo desviado da côrte e absorvido pela faina de consolidar os vastos dominios do seu senhorio, havia quatro principes na flôr dos annos, cheios de força e talentos, e cuja fama dava brado na Europa. O paleologo de Byzancio, o imperador romano, o papa, os reis de Castella e de Inglaterra, convidavam-nos a ir a suas côrtes, offerecendo-lhes largas mercês e postos eminentes.

Haviam de ficar de braços cruzados em Portugal, inuteis? Pois não seria preferivel empregar em beneficio da sua terra

não póde escusar do qual veem muitos choros e muitas más orações. Vede se á gente natural será isto proveitoso: certo não, mas antes não proveitoso; e tomando as náos não é muito proveito aos mercadores, nem é muito proveitoso á terra quando forem os lavradores apurados; e isso mesmo officiaes, que todos ou a maior parte são bésteiros, e se tomarem galeotes assás creio que dirão isto geralmente; em especial o que nos toca a nos perder a boa vontade do povo, da qual de razão vós não podeis escapar, porque de duas não se póde errar, ou assim é que d'este feito descahireis, ou não: se descahirdes vede se terão que dizer, isto será que vos movestes por vontade a cousa que não podia haver bom fim; com isto os que perderem seus amigos não cuido que vos deem muitos louvores ante Deus, nem ante o mundo; se houverdes vosso intento então será grande damno, que muito bem sabeis que o damno de cada dia, este não se póde esquecer especialmente se é com perda, e já vós vedes o damno de Ceuta: ora olhae se mais carga tomasseis como o poderieis supportar. Tenho que todo se perderia assim o d'Aquem como o d'Alem.

«Senhor, o thesouro do rei no coração do povo é por Deus: guardae-o bem pois o tendes, e ainda não vos parece perderdes muito se perderdes os bons que lá irão. Certo, a perda dos bons homens não se póde cobrar porque ainda que outros venham não veem em tempo assim que pois que estes damnos nascem d'este feitio, e elle não é proveitoso, nem saboroso é de ver se é bom, esta bondade se pode tomar de duas guisas: ou será boa e agradecente ante Deus: a mim parece que o não deve ser, porque o que quer obrar bem tendo sempre o olho naquella bemaventurança que é sobre todas as bondades, não deve começar de obrar em cousas que escandelisem as gentes, e como assim seja que vós não podeis em isto obrar que não façaes aggravos, primeiro agravar e depois gançar gloria não é muito santa via; e com isto quando se fizesse em fim havia se de perder e sempre com grande damno e vergonha do reino, assim que a mim não parece serviço de Deus e do mundo...» V. a Carta do C. de Barcellos a D. João I (Guimarães, 29 de maio de 1433) em Sousa, *Hist. Geneal.*, v, 23 e segg.

essa força cuja fama enchia o mundo? D. Pedro era pai e era philosopho; D. Henrique, porém, não tinha familia: vivia a vida casta de um monge, e o ascetismo accendia-lhe a imaginação. Dos infantes mais novos, D. João casára com a filha do conde de Barcellos; mas D. Fernando seguia o exemplo do irmão Henrique, e tambem virgem, excitado pelo ascetismo militante, devorava impaciente os impetos dos seus trinta e tres annos.

Quando morrera o velho mestre d'Aviz, João Rodrigues de Siqueira, regente do reino durante a jornada de Ceuta, o rei D. Duarte dera o commando d'essa Ordem ao irmão mais novo, que á morte do pai tinha apenas Atouguia e Salvaterra, do campo de Santarem. Portugal era em verdade pequeno para fazer casas a tantos infantes; mas D. Fernando, comparando-se com os irmãos, queixava-se. Um dia, em Almeirim, declarou ao rei D. Duarte a sua decisão de ir correr terras em busca de fortuna, ou para França, ou junto do Santo Padre, ou do Imperador. O rei pediu-lhe brandamente que o não deixasse: tivesse paciencia, lembrando-se de que o reino era pobre e pequeno, e o pai tivera de repartir grande porção d'elle com quem lh'o ajudára a ganhar. D. João, continuava o rei, está contente com o mestrado de Santiago, e todavia rende menos que o de Aviz; a Coroa não lhe dera mais do que o paço de Bellas, porque as outras rendas e terras que tinha houvera-as, bem o sabia, pelo casamento com a filha do conde de Barcellos... A isto D. Fernando respondia não ser a cobiça que fallava por sua bocca, mas que em verdade seus irmãos maiores se tinham enchido de gloria na tomada de Ceuta; e elle, um homem feito, via-se ninguem, inutil, de braços cruzados [1].

O rei, afflicto por essa fatalidade que sentia arrastal-o, tornou-se para D. Henrique, pedindo-lhe de mãos postas que, em vez de excitar, applacasse o animo do moço infante. Reparasse na pobreza do reino e nas opiniões geraes; tivesse dó d'elle e da sua atribulação. Mas D. Henrique, descaroavel como quem

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, x.

vivia incendiado em fé, respondeu-lhe seccamente que não. A tenção de seu pai fôra outra: alargar Portugal para além dos mares, afim de todos encontrarem campo vasto á sua ambição; buscar taes emprezas e conquistas a seus vassalos, com que não perdessem o exercicio das armas e cavallaria. Portugal era uma legião e um campo de torneio: *caput*, cidadella de um larguissimo imperio futuro! Estavam no reino ambos, D. Fernando e elle proprio, ociosos, sem impedimento de mulher e filhos: deixasse-os el-rei ir com os seus creados e servidores, com os cavalleiros de Christo e Aviz: deixasse-os ir a guerrear os infieis em Africa!

D. Duarte, consumido por este ardor que via no irmão, respondeu-lhe com as objecções repetidas: a fazenda estava pobre, o reino pedindo socego. Reparasse nas difficuldades crescentes para a conservação de Ceuta. Pelo amor de Deus, não exaltasse, socegasse o animo do infante D. Fernando... [1]

Concebe-se o desespero de D. Henrique perante esta resistencia passiva. Para as recusas do pai, havia em primeiro logar o muito respeito que lhe tinha, e em segundo a consideração da idade, com a vaga esperança de uma breve mudança de coisas. Mas agora, no começo d'um reinado novo! mas do irmão cuja fraqueza de animo conhecia de perto! Tanta cegueira e teima punham-no fóra de si. Estava pobre o reino, e era pequeno? pois justamente por isso queria elle tornal-o grande e rico, enorme, opulentissimo! O seu parecer sempre esquivo confrangia-se ainda mais com a scisma constante no meio de vencer esta campanha. Violencias não valiam contra um fraco: os tibios são os mais teimosos; e contra a teima usaria de arte. Tinha a colera fria.

Sabia muito bem que imperio exercia no rei o infante D. Pedro, principal oppugnador dos seus planos; mas sabia melhor ainda como a rainha aragoneza, D. Leonor, fielmente amada pelo esposo, e gravida sempre [2], detestava o cunhado com um

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XI.

[2] 1429, n. D. João (m. em criança); 1430, D. Philippa (m. 39); 1432, D.

odiosinho feminino, por ter casado com a filha do conde de Urgel, irreconciliavel inimigo da sua familia, a quem disputára a corôa de Barcelona [1]. Calculou o infante que o piedoso rei nada recusaria á esposa, mormente no estado em que se achava; calculou mais que a rainha estimaria essa occasião de contrariar D. Pedro; contou ainda com o effeito que produziria n'ella a offerta de lhe perfilhar o infante D. Fernando, que tinha tres annos apenas, elegendo-o seu herdeiro. Tudo isto calculou, contando com a fraqueza do rei, com o despeito e com o amor maternal da rainha. E tudo lhe sahiu certo, porque D. Leonor entrou de corpo e alma na conspiração tramada para impôr ao rei uma annuencia. Adivinham-se os meios de que lançaria mão para vencer esse pobre leal conselheiro, tão deslealmente aconselhado, ou seduzido.

Ainda assim D. Duarte resistira dois annos. No principio de 1436 o papa Eugenio IV, porém, mandou a bulla da Cruzada, pedida pelo rei, para quando podesse mover guerra aos infieis; e D. Henrique aproveitou logo esse incidente, a vêr se as baterias assestadas pela rainha teriam já aberto brecha no muro espesso da teimosia do irmão. Foi perdido o assalto. O rei objectou-lhe que não havia dinheiro: só o casamento da infanta D. Izabel em 1428 custára duzentas mil corôas [2], fóra os

Affonso V, rei (m. 81); 1432, D. Maria (m. á nascença); 1433, D. Fernando, duque de Vizeu, herdeiro de D. Henrique (m. 70); 1434, D. Leonor, imperatriz de Allemanha (m. 67); 1435, D. Duarte (m. criança); agora, 1436, D. Catharina (m. 63).

D. Joanna que foi rainha de Castella, mulher de Henrique IV e mãi da *beltraneja* ou *excellente senhora*, sobrinha e mallograda esposa de Affonso V, nasceu posthuma em 1439 (m. 75).

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, II.

[2] A corôa (velha, ou de França) equivalente á dobra (valedia, ou de banda) apparece no seculo XV com valores diversos. Em 1436 e 38 a lei dá-lhe o valor de 120 reaes brancos; em 1453 o de 144 e 168; e em 1473 o de 216. Não sendo já a corôa moeda legal, isto mostra o progressivo encarecimento da prata metallica, pois o real branco conserva o seu valor intrinseco de 11 reis da moeda actual. (V. Aragão, *Descrip. geral*, I, 221, 36 e 7 e II, 240).

Assim, em 1428, que foi quando se effectuou o casamento da infanta, as duzentas mil corôas representariam, a 1$320 reis, 264 contos de reis de hoje.

gastos das festas e viagens; lembrasse-se quanto custára a recepção da embaixada que o duque de Borgonha, Philippe III, o Bom, mandára a Portugal com o senhor de Roubaix e d'Eizelles para levar a infanta D. Izabel [1]; depois, a despeza do casamento d'elle proprio, D. Duarte; depois, o do infante D. Pedro no mesmo anno; e as exequias de D. João I, transportado para a Batalha... Não podia ser!

— Todavia, observava despeitado D. Henrique, não faltava dinheiro quando mandastes offerecer auxilio a Castella para a guerra de Granada...

Elle, D. Henrique, não se casara, não houvera gastos de bodas: o que lhe propunha era o seu consorcio com a Africa portentosa, como os romanos lhe chamavam, portas doiradas do imperio que via alargar-se por um mundo inteiro. Se o rei estava prompto a gastar o dinheiro fóra, gastasse-o antes em casa. Tanger convidava-nos a tomal-a. Ceuta custava a conservar, por isso mesmo que era um baluarte isolado e só entre as praças de guerra de Marrocos. Quando todas, Tetuão para um lado, Alcacer, Arzilla e Tanger para o outro: quando todas fossem nossas, a difficuldade desappareceria e teriamos outro Portugal, um segundo reino... «Vamos a filhar Tanger: o reino de Fez é nosso!»

Este assalto da eloquencia ardente do infante foi perdido. Tombaram em hastilhas as escadas, e retirou cabisbaixo. Virou-se então para o trabalho de sapa, lavrando com a rainha a mina pela qual conseguiu por fim entrar na praça. D. Duarte — são assim os homens indecisos! — optou pela temeridade e disse que sim, afinal, sem ter sequer ouvido o conselho [2]. O consenti-

[1] Na embaixada que em 1428 o duque de Borgonha Philippe III, o Bom, mandou a Portugal buscar a infanta D. Izabel, cuja mão D. João I lhe dera, vinham, com o embaixador, Balduino de Lanoy, senhor de Molembai, o dr. Gil de Tournay, e, além de varios gentis-homens, o criado do duque João Van Eyck, o celebre pintor. A infanta chegou a Bruges no fim de dezembro de 1429. — Cf. o *ms.* n.º 10:245 da Bibliot. Nacion. de Paris, cit. por Rackzynski, *Les arts en Port.*, 197.

[2] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XII, XIII.

mento foi naturalmente arrancado n'alguma hora de ternura dôce.

Formou-se o programma da expedição; quatorze mil homens era o que o infante D. Henrique reclamava: tres mil e quinhentos homens d'armas, quinhentos besteiros de cavallo, dois mil e quinhentos de pé, sete mil peões e quinhentos serviçaes. Como não havia dinheiro, reuniram-se no meado de abril em Evora as côrtes, lançando-se *pedido e meio*, «não sem grande murmuração e descontentamento do povo, cujas vozes e lamentações feriam a alma delrei com muita tristeza [1].» D. Duarte, arrastado pelo remoinho da agitação do infante que não cessava agora de cantar louvores e de o encher de afagos, sentia o coração ferido pelo golpe que o matava. Os carinhos da rainha não lhe desannuveavam o espirito. Esquecia-se a pensar na morte, e as lagrimas corriam-lhe ás vezes espontaneamente dos olhos. Outras vezes tinha deliquios e fluxos de sangue, como succedera no conselho em Almeirim. Minava-o uma tristeza prophetica. Desdobrado em duas vontades, ambas impotentes, queria e não queria ao mesmo tempo, no meio das crueis lançadas da memoria, agitando-lhe o remorso pungente de ter decidido talvez por fraqueza de paixão amorosa.

N'esta tortura dilacerante, o seu grande desejo seria desmanchar o que fizera; mas não por decisão propria, antes por algum obstaculo invencivel, imprevisto, para que angustiosamente appellava o seu desejo impotente. Em agosto reuniu os irmãos a conselho em Leiria, a vêr se o remiam da paixão amarga em que andava. Tanger apparecia-lhe em sonhos como um calvario.

Primeiro fallou o infante D. João: nos conselhos era praxe começar-se pelos menos graduados, e D. João era mais novo. Fallou sem dizer nada. Foi um discurso lucido e habil em que mostrou as duas pontas do dilemma: o *siso* e a *honra*, com todos os argumentos pró e contra a expedição. Era uma obrigação a Cruzada? «Por mil dobras que enviemos a um cardeal para

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XIV.

fazermos uma mui pequena obra de misericordia, nol-as enviará outorgadas pelo papa com graças muito maiores.» Tendo em vista a razão e o siso, a jornada de Tanger não devia emprehender-se. Ainda que seja tão certa e segura como a de Ceuta provou ser, fazendo-se bem as contas, do bem e do mal, das perdas e dos ganhos, o resultado não aproveita a vós, nem ao vosso reino — dizia ao rei. «Dareis causa a se perder o d'aquem, por não ganhar o d'alem.» E desenvolvia, insistia, amplificava todos os argumentos contra, deixando vêr bem qual era a opinião do seu proprio espirito. Mas no fim citou Alexandre e Roma, e os povos que jogam tudo n'uma carta, concluindo por dizer que a honra aconselhava e approvava esta guerra, que o siso condemnava. Decidissem.

A propria trama do discurso mostrava o estado de espirito do infante, pois quando se raciocina com lucidez, não se praticam d'essas loucuras que a *honra* leva os homens a commetter, sómente quando não discorrem. A *honra*, isto é, o enthusiasmo não se obtem por decisões do pensamento: é mister que a alma inteira esteja arrebatada pelo Inconsciente, como succedia a D. Henrique. D. João era um rapaz cordato, discreto, leal e firme, como o tempo veio a mostral-o: inclinava portanto para D. Pedro, e tambem para o sogro que agora navegava ainda nas mesmas aguas.

Foi elle que fallou depois. O conde de Barcellos, com uma certa auctoridade filha dos annos (tinha quasi sessenta) e com a eloquencia rude de homem educado n'outra escóla, sem os requintes da côrte letrada, portuguez pesado e pé-de-boi, que levára a vida batalhando e arredondando os bens da sua casa accrescidos com a herança do Condestavel, chãmente disse, respondendo ao pé da letra ao discurso do genro, que as taes razões da honra eram «frolidas e apparentes» apenas, e que só nas do siso havia «froll verdadeira e sem fingimento.» O siso, a verdade e a honra, tudo condemnava a guerra — tudo!

Fallou então D. Pedro; e as suas palavras, nitidas, simples, breves, sem *frolls* ou flôres, eram escutadas n'um silen-

cio ávido. Sentiam que a sabedoria se lhe escoava pelos labios. A lealdade e o singular e perfeito amor que tinha pelo rei obrigavam-no a fallar verdade, ainda contrariando-o. (Contrariava-o? sim e não; nem sim, nem não.) Guerrear mouros era bom, mas só quando não trouxesse males maiores. Sabidamente, faltava o dinheiro que era o nervo principal e a parte formal d'este negocio. Como ladrão de casa, segundo o dizer vulgar, sabia a penuria do rei. E dos povos não devia el-rei tomar dinheiro sem grande cargo de consciencia: não fizesse tal. «Mudar (enfraquecer) a moeda não podeis como rei, nem deveis como justo e christão.»

— Mas supponhamos, continuava o infante, que tomasseis Tanger, Alcacer, Arzilla: quereria saber que lhe farias? Povoal-as com reino tão despovoado e minguado de gente como o vosso, é impossivel; e se o quizesses fazer seria torpe comparação como de quem perdesse boa capa por mau capello, pois era certo perder-se Portugal e não se ganhar a Africa. A conquista de Granada, sim, porque tudo se enche de christãos; mas lá na mourisma podeis ter as praças, mas não tereis o campo sem o qual toda a conquista será de muito perigo e pouco proveito. Cercar Tanger é uma temeridade e uma empreza immensa: acudirão os mouros de Tripoli e da Berberia até Meca, e de sitiantes ficaremos cercados. A conquista de Africa seria empreza difficil até para todos os reis de Hespanha juntos e postos em um accordo... Pelo qual, senhor, concluo que meu parecer é que agora, nem em algum tempo, Vossa Mercê não se deve intrometter n'esta guerra de Africa [1].

E calou-se no meio d'um silencio geral, levantando-se a sessão, partindo o rei mais afflicto, mais indeciso, mais infeliz do que viera. Que fazer em taes apuros? De que modo resistir á obsessão do Infante D. Henrique e da rainha? Se houvesse alguem que podesse mandar, e a quem tivesse de obedecer por força! Lembrou-lhe então o papa e escreveu a Roma pelo conde

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XIV a XIX.

de Ourem, seu embaixador no concilio de Basilea [1]. D. Henrique desde logo procurou aparar o golpe. A opinião do papa podia destruir todas as suas combinações. Era necessaria uma decisão immediata. Acudisse-lhe a rainha! Salvasse a empreza! Votava-se-lhe de corpo e alma! Quanto tinha [2] dava-o, perfilhando esse infante de tres annos que ao lado ria, batendo as mãos, na ignorada esperança da irmã prestes a vêr a luz...

A rainha estava em Torres-Vedras; toda a côrte para lá partiu. A 18 de setembro nasceu a infanta D. Catharina, e da crise do parto nasceu tambem a condemnação do rei ao sacrificio cruel de Tanger. No aperto das dôres, a rainha não esquecia, nem as promessas de D. Henrique, nem o seu odio pela cunhada, nem o despeito contra o infante D. Pedro pelo poder que lhe via no animo do rei. A mulher é muitas vezes um capricho com fórma humana. D. Duarte curvou mais ainda a cabeça e disse afinal que sim, com o coração duas vezes despedaçado, pela consciencia de commetter um erro, e pela fraqueza de não poder resistir ás supplicas da esposa, n'esse momento effectivamente sublime em que a mulher, balouçando-se entre a vida e a morte, apparece victima consagrada ao instincto da conservação da especie.

Disse que sim D. Duarte, sem esperar pelo conselho do papa; e immediatamente se deu ordem aos preparativos da expedição, ficando encarregado dos armamentos no Porto o conde de Arrayolos, filho do de Barcellos, e indo el-rei para Lisboa a dirigil-os pessoalmente.

A resposta que depois, já tarde, chegou de Roma foi outra estocada em cheio no espirito atribulado de D. Duarte. Escrevia-lhe o papa que para illuminar o entendimento tinha o rei

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, xx.

[2] Além do mestrado de Christo, as descobertas tornavam D. Henrique riquissimo. No seu testamento diz: «as quaes rendas som as que segue. s. o meu assentamento e as saboarias e as Ilhas da Madeira e porto santo e deserta e Guinea com suas illias e toda sua renda e o quinto das exavegas e as corvinas e lagos e alvor.» Era seu o quinto das pescarias do Algarve.

os livros dos Santos Canones da Santa Sé e o conselho dos letrados. Dar-lhe-hia porém a sua opinião: Se a questão era de infieis que occupavam antigas terras christãs, com abatimento da religião, tornando as igrejas em mesquitas e fazendo outras abominações, não havia duvida de que se lhes podia e devia fazer guerra. Por cautela mandavam todavia os theologos que se usasse primeiro de admoestações e prégações, recorrendo-se por fim á guerra só quando se visse a inutilidade dos meios suasorios. Mas se pelo contrario a questão era de terras nunca antes christãs, cumpria distinguir. Ou os infieis faziam damno ou não. Se o fazem, licitamente se podem guerrear; do contrario, não, porque a terra e a abundancia d'ella é do Senhor, que faz nascer o sol sobre os bons e os maus e dá de comer ás aves do céo. Salvo, se fossem idolatras ou peccassem contra a natureza, porque então deviam ser punidos, pois a lei da natureza manda adorar a um só Deus. Em todo o caso, a guerra devia fazer-se com piedade e discreção, não expondo o povo christão a manifestos perigos sem necessidade evidente, porque se por sobeja audacia ou má previdencia se seguissem mortes e damnos, gravemente peccaria o principe. A guerra justa e necessaria podia o principe fazel-a á custa do seu povo; mas não a voluntaria, que devia sahir da sua propria fazenda; e portanto para esta guerra d'Africa não se podiam lançar pedidos... [1]

Adivinha-se que angustia lancinante poria no piedoso coração do rei este conselho em que transparecia uma reprovação total, inspirada pelo *siso* que ditára os votos dos irmãos no conselho. Os tempos da Cruzada militante e do enthusiasmo pietista via-se que tinham passado em Roma: outras idéas que nos peitos hespanhoes não conseguiam vingar e contra as quaes a alma peninsular protestaria mais tarde a seu modo: outras idéas ditavam o conselho do papa — um humanismo ecclectico, dizendo que o sol nasce para os bons e para os maus; uma theologia nova, distinguindo entre mouros e idolatras, allegando

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XX.

a lei da natureza que manda adorar um só Deus, insinuando o parallelo entre Mafoma e Christo; uma doutrina philantropica pregando a paz, dando á guerra um papel exclusivo de defeza fundado na necessidade evidente. Com todo o respeito devido ao papa, D. Duarte fez decerto reservas sobre estas opiniões, e D. Henrique, sem duvida, ao lêr o papel pontificio (porque o irmão não deixaria de lh'o mostrar) rangeu os dentes, lamentando uma tão grande tibieza de fé.

Como quer que fosse, a sorte estava lançada. Ir-se-hia a Tanger! E para dissipar remorsos, para animar esperanças, o rei occupava-se em redigir memorias e consultas, registando diffusamente os motivos que desejava convencer-se de o terem decidido, formulando o programma da aventura com a ingenua convicção de que D. Henrique o seguiria.

Esses motivos eram varios e enumerava-os methodicamente, enganando-se a si proprio porque escondia o decisivo: as supplicas da rainha e a sua propria fraqueza perante as dôres de um parto. Esses motivos eram a necessidade de manter o exercicio das armas por cuja mingoa muitas gentes e reinos se perderam, « tirando o nosso povo de vida ociosa fóra de virtudes »; eram o desejo de bem fazer que via nos principaes do reino, abalançando-se a viagens e aventuras, e o parecer-lhe que, pois haviam de trabalhar e dispender, melhor era « em tal coisa por serviço de Deus e meu, que fóra. » Accresciam as guerras em que andavam os principes christãos, guerras para que podiam pedir-nos auxilio, o qual, a não as fazermos nós por nossa conta, não poderia ser recusado. Finalmente, depois de varias razões mais ou menos concludentes, vinha a ultima: « Porque considerava como governavamos Ceuta com tão grandes perigos de mortes, prisões de homens e assim muitas despezas e todo com o proposito de proseguir por avançar o serviço de N. S. Deus e reduzir os infieis d'aquella terra á obediencia da Santa Madre Igreja, gançando senhorio e terra por acrescentamento da nossa honra e tal renda, porque a dita despeza fosse relevada no todo ou em boa parte, como entendo, prazendo a N. S. que assim será, por sua grande misericor-

dia, se aquestos logares de Tanger e de Alcacer forem filhados [1].»

Queria o rei convencer-se para desannuvear o espirito das sombras que n'elle deixavam os conselhos de D. Pedro, as admoestações do papa, as invectivas do conde de Barcellos, e tambem os presentimentos da sua propria alma, contrariados pela imperiosa vontade de D. Henrique e pela terna seducção da rainha. E para se convencer escrevia... escrevia, pretendendo que a acção reflexa dos argumentos enumerados lhe introduzisse no espirito uma decisão socegadora. No trabalho procurava tambem o esquecimento. Não lhe dava a alma para querer ir em pessoa, como fôra o pai a Ceuta, como o filho havia de ir a Alcacer; mas dava-lhe para apontar burocraticamente o plano da campanha, formulando sabias providencias, recommendando muito a D. Henrique a sua leitura repetida e a sua execução pontual.

Logo que chegasse a Ceuta, dividisse a frota em tres partes conservando a bordo o minimo possivel de gente. Uma parte, mandasse-a sobre Tanger, outra sobre Arzilla, outra sobre Alcacer, para impedir que o mouro reunisse em Tanger todas as suas forças «por tal que uns, por se segurarem não hajam razão de soccorrer os outros». Marchasse por terra contra Tanger com uma avançada de quinhentos ginetes. Pozesse o cêrco «com duas pontas que venham beber ao mar»; e se a gente não fôr bastante, com uma, pelo menos, para em todo o caso haver constantes relações com a armada. Désse, no maximo, tres assaltos; e se ao terceiro Tanger não cahisse, retirasse para Ceuta, a hibernar até março: «Então irei com quantos haja em meus regnos [2].» De contrario, expôr-se-hia a ser esmagado por toda a força de Marrocos, desde Tripoli até Meca, segundo dizia o infante D. Pedro que andára por esse vasto e vago Oriente.

O temor do rei era tão manifesto, como a sabedoria discreta dos seus conselhos; e a insistencia com que recommendava a

[1] Pap. de D. Duarte, em Sousa, *H. G.*, *Provas*, I, 538.

[2] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXI.

D. Henrique o pontual cumprimento d'elles, mostra igualmente a duvida que tinha na prudencia do irmão. Com effeito D. Henrique fazia pouco dos conselhos da prudencia. Estava cego pela fé. Lembrava-se que Ceuta fôra coisa nenhuma: assim Tanger seria! Quantos medos, que louca somma de receios! E forte em si, enchia-se de uma compaixão benevolente pelos homens temerosos. Insistindo, sem o deixar, perseguindo-o, D. Duarte, todo escrupulos, accrescentava: «Vos encommendo que façaes grande guarda na virtude da castidade, porque bem sabeis quanto N. S. Deus d'ella praz e mormente em taes feitos; e olhae os inglezes que ainda no tempo da paz sejam muito embrulhados com mulheres, tanto que são em guerra são d'ellas mui guardados, de tal guisa que no arrayal não são consentidas [1].»

D. Henrique encolhia os hombros.

*
* *

A vinte e tres de agosto (1437) partiu de Lisboa a armada contra Tanger, com as tropas que se poderam recrutar: dois mil cavalleiros, mil besteiros, tres mil peões, seis mil homens escassos ao todo, em vez dos quatorze mil reclamados. A confiança de D. Henrique cegava-o completamente; a fraqueza do rei matava-o. A gente do reino «houve esta ida por tão pesada que a mais quiz incorrer nas penas de perda das fazendas, antes de se arriscarem a perder com ellas as vidas [2].» Por isso faltaram soldados; dinheiro faltou porque, nem a fazenda d'el-rei o tinha, nem os *pedidos* bastaram, nem o cofre dos orfãos que para a expedição se tomou. Faltaram os navios contratados a frete pelos feitores d'el-rei: os de Flandres e da Allemanha não vieram por causa da guerra do imperio contra a França depois da restauração da monarchia em Paris, e os da Biscaia porque o rei de Castella os não deixou vir. Parte da gente teve de ir por terra a Gibraltar para de lá passar a Ceuta.

[1] Pap. de D. Duarte, *Instr. de Tanger;* em Sousa, *H. G.*, *Provas*, I, 533.

[2] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXII.

Parecia missa de finados a do embarque, na capella que o infante D. Henrique mandára fazer em Restello a N. S. de Belem, pondo lá alguns freires de Christo para os navegantes se confessarem e commungarem [1]. Havia em todos o presentimento de uma catastrophe; mas o proprio dos genios como o de D. Henrique, feitos de teimosia cega por ser illuminada, é tornarem-se tanto mais hirtos e resistentes, quanto maiores são as contrariedades. Tinha a alma temperada como aço, e da côr do bronze era o seu rosto arrugado, saltando do batel para bordo, seguido pelo infante D. Fernando a quem os trinta e tres annos davam mais esse ar de Christo.

O moço infante, passados os dias de esperança e desejo em que insistira com el-rei pela empreza de Tanger, partilhava o sentimento de desanimo commum. Ia preparado resignadamente para a morte. Fizera o seu testamento distribuindo o que tinha, e era bem pouco, pelas igrejas da sua devoção; indicando os desejos piedosamente simples da sua alma de pomba. «Se eu morrer em esta armada onde agora vou... façam-me minhas exequias de offerta e tochas e das outras coisas, assim como fariam a um simples cavalleiro e mais não... e se porventura o infante D. Henrique, meu irmão, quizer fazer alguma mais honra em minhas exequias... peço-lhe por mercê que a despeza que em ello ordenar de fazer, que o mande dispender por minha alma em missas cantar, ou remir captivos, ou em outras esmolas feitas a algumas boas pessoas que roguem a Deus por mim [2].» Não previa o desgraçado que as

[1] Barros, *Dec.*, I, IV, 12. «*Item:* estabeleci e ordenei a igreja de Santa Maria de Bethlem situada em Restello, termo da cidade de Lisboa.» *Test. do inf. D. Henrique.*

[2] V. o testamento do infante D. Fernando, lavrado antes de partir para Africa (1437), em Sousa, *H. G.*, *Provas*, I, 501; alli vem o catalogo dos livros de uso do infante, que é o seguinte:

Huma Brivia pequena per latim.
Flos Sanctorum.
Hum livro de pregações de Fr. Vicente per lingoagem.
Hum livro que chamam Crimaco.
Huns Evangelios.

exequias lhe seriam feitas pelo rei de Fez, expondo-lhe o cadaver á irrisão da mourama...

A viagem durou quatro dias apenas. A vinte e sete chegavam a Ceuta, onde o fronteiro D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, enfermava da doença que em breves dias o matou [1], depois de vinte annos de combates incessantes para conservar esse baluarte da força portugueza levantado no promontorio de Africa. Um terror negro se espalhou nas comarcas ruraes da cidade, e a noticia da vinda dos christãos reboou por todo o Maghreb [2]. Não era menor porém o receio dentro de Ceuta, perante a exiguidade dos meios com que se queria arrostar contra Tanger. A opinião unanime no conselho reunido foi que se demorasse o feito, informando-se el-rei; mas D. Henrique, hirto, esquivo, tragico, respondeu:

—Bem sei que a gente é pouca, mas Deus ordena! Ainda que fosse menos, iria por diante [3].

E sahiu como um Fado, automaticamente. Sempre que o

Hum caderno de canto de Santa Maria das Neves.
Hum caderno do officio da Victoria.
Id. do Corpo de Deos.
Id. de benzer as uvas.
Id. do officio de Santa Elisabeth.
O livro das collações dos padres *Statuta Monachorum*.
Os sermões de Santo Agostinho em latim.
Um livro de linhagem que chamam Rozal David.
Um livro das meditações de S. Bernardo.
Um livro de linhagens que chamam Stimulum Amoris.
Os soliloquios de S. Agostinho e suas Meditações, em linguagem.
Um livro de papel, per latim de muitas cousas mysticas, que foi do thesoureiro d'Evora.
Um livro que chamam Isaac, em linguagem.
Um livro da vida de S. Jeronymo, em linguagem.
Um livro da vida dos santos, id.
O livro da rainha D. Elisabeth.
Um livro de linhagens chamado Ermo espiritual.

[1] Azurara, *Chron. do conde D. Pedro*, XI..
[2] Pina, *Chron.*, XXI.
[3] *Ibid.*, XXII.

Inconsciente, apossando-se de um homem, faz d'elle o vehiculo da alma de um povo, creando-o heroe, a humanidade que se compõe de intelligencia e amor soffre. D. Henrique era um destino: por isso era cego e desapiedado. A sua descuidosa confiança do principio succedia agora a vaga suspeita da catastrophe que lhe entenebrecia a alma em vez de lh'a esclarecer, e lhe empedernia a vontade em vez de lh'a tornar docil á força das circumstancias. Os do conselho ficaram mudos, n'aquella apathia submissa de homens perante um Fado. Deus manda!

O promontorio da Africa avança contra o Estreito n'uma costa em cujo centro está Alcacer, fronteira a Tarifa. Para a direita, dobrada a ponta do Leão e já nas aguas mediterraneas, fica Ceuta; para a esquerda, ainda no boqueirão de Gibraltar, limitado pelo cabo de Espartel, fica Tanger. De oeste, a costa atlantica vai descendo por Arzilla até Azamor; de léste, recurva-se n'uma volta breve em cujo seio está Tetuão. A serra Ximeira, ou dos Monos, ossatura do grande promontorio da Africa, vem correndo obliquamente de Tanger até Ceuta, acabando aqui de repente sobre o mar, desdobrando-se além nas encostas doces das campinas de Andjera. Dois caminhos havia para de Ceuta ir contra Tanger: ou galgar logo a serra e seguir ao longo do Estreito, ou descer pela costa mediterranea até Tetuão e tomar ahi a estrada obliqua de Tanger que vai transpôr a serra nas suas quebradas de oeste, entrando em cheio no valle de Andjera. O primeiro era mais rapido, o segundo mais prudente.

Immediatamente o infante destacou um pelotão de um milhar de homens commandados por João Pereira para irem reconhecer o primeiro dos dois caminhos. Logo no porto da Calçada tiveram uma escaramuça com os mouros, e avançando até á ponta do Leão foram repellidos pela agrura da serra. Esta primeira investida, mallograda, fez perder uns dias. Só a oito de setembro o infante D. Henrique largou de Ceuta, pela costa mediterranea, direito a Tetuão. D. Fernando que enfermára foi, nos navios, por mar. A esquadra, sem se repartir como D. Duarte aconselhára, seguiu completa de Ceuta para Tanger. No dia dez, uma terça-feira, entrou D. Henrique em Tetuão

que os mouros tinham evacuado: entrou, e destruiu-lhe as portas. Partiram logo. No dia seguinte, transposta a serra, a columna portugueza fazia alto na Atalaya do Leão, já no valle de Andjera; na sexta-feira treze, dia e numero nefastos, occupava Tanger-velho e assentava o arraial na praia. Chegava o momento desejado.

Na propria tarde de sexta-feira, o infante, lembrando-se do dia de Ceuta, suppondo que os mouros fugiriam, ordenou o assalto que foi todavia rechaçado. No desfraldar das bandeiras, uma rajada de vento levou pelos ares a do infante, partindo-lhe a haste em pedaços. A soldadesca bisonha franzia a testa, murmurando: «Agoiro!» E a noite cahiu pesadamente sobre a imaginação amedrontrada...

Uma longa semana, desde o funesto dia treze até ao dia vinte, entre duas sextas-feiras, levou o desembarque de armas e mantimentos e a construcção aturada dos vallos e repairos para o cêrco. Já se via que era caso diverso do de Ceuta. Fechado na sua couraça, o mouro não bolia, preparado para uma defeza brava; e entre a nau de pedra erriçada de ameias e a armada balouçando-se no mar, o arraial do infante sobre a praia, começava a parecer um naufragio. Porque não seguia elle as instrucções do rei? Não dividira em tres a armada, decerto porque não dava para tanto o numero dos navios. Arriscára o primeiro assalto, e logo vira que seria inutil repetil-o, como D. Duarte mandára, sem se reforçar com medidas defensivas. Mas por tal fórma dava tempo a que as forças da mourama viessem em soccorro de Tanger, e depois... N'este momento já decerto se começava a dissipar a nuvem espessa da illusão que o cegára. Tanger não era Ceuta.

No dia vinte, outra vez á sexta-feira! repetiu-se o assalto, e renovou-se o desaire. Tiveram de retirar com quinhentos feridos, deixando vinte mortos. E faltavam mantimentos. Houve que mandar por elles a Ceuta. No sabbado divisaram-se pelas cumiadas da serra as primeiras lanças rebrilhando com o sol; no domingo, os novellos de poeira rolavam levantados pelos cavalleiros que vinham em phantasias reconhecer o arraial; na

segunda, valle e serra, todo o campo apparecia manchado de mouros chegados de Arzilla e de Alcacer, congregados em torno da bandeira verde do Propheta, para soccorrer Tanger. Diz-se que eram quarenta mil homens: dez mil de cavallo, trinta mil de pé. Os sitiantes principiavam a estar cercados. Realisavam-se as prophecias; vencia o siso. D. Henrique chorava de raiva, pelos annos de longa esperança, dezoito annos levados a condescender com a velhice do pai, dezoito annos desfeitos no pó de um dia, sobre a areia ardente da praia africana.

No primeiro de outubro, uma terça-feira! investiu como um touro com os esquadrões da mourama branca; mas os mouros sumiam-se, evitando o choque, e cresciam por vezes como onda, ameaçando varrer para o mar a phalange portugueza. Na quinta-feira seguinte inverteu-se a scena. Os da cidade fizeram uma sortida, ao mesmo tempo que os da campina assaltavam o arraial. Embora fossem ambos repellidos, a crueza da situação definia-se: não havia mais esperança do que as naus, balouçando-se dolentemente no mar! Fugir... Mas o infante, ainda no dia immediato, outra vez á sexta-feira! ordenou novo assalto. Tinha mandado construir uma torre alta de madeira d'onde começou por bater os muros todo o dia. No sabbado precipitaram-se contra as escadas n'uma furia atroadora. Só D. Henrique andava a cavallo, vestido de cota de malha, negro como um destino, negro como a côr da sua alma envolvida em desespero. As trombetas despedaçavam os ares para tapar os ouvidos dos soldados ás vozes do medo que vinham no vento. Os trons e bombardas estoiravam no alto dos muros envolvendo a cidade em nuvens de fumo branco da polvora, e das setteiras transformadas em fontes desciam rios de alcatrão incendiado com balas de linho em chammas. As escadas vergavam, ardiam, e vinham a terra com os assaltantes, desfeitas em brazas. O infante, vendo tudo perdido, mandou retirar. Não comprehendia aquella traição da sorte; sentia esvasiar-se-lhe o cerebro...

Mas ainda não desistia. A teima do seu genio punico do-

minava-o. Tinham ardido umas escadas? mandou por outras a bordo; e emquanto insistia na sua temeridade, sem lembrança das instrucções do rei, sem attenção pelos conselhos de D. Pedro, realisaram-se as previsões d'este. O valle inteiro e toda a encosta da serra até aos cumes appareceu coalhado de mouros. Eram os reis de Fez e de Belez, de Lazarague, de Marrocos e de Tafilete, os mouros de todo o Maghreb que vinham em guerra santa, congregados sob o estandarte verde do Propheta, defender Tanger, vingar Ceuta, exterminar os christãos. Diz-se que contavam setenta mil de cavallo e o decuplo de pé. Eram nove de outubro, tinha começado o cerco a treze de setembro: durára apenas vinte e seis dias, porque agora podia dizer-se acabado, tristemente findo. Os marinheiros recolheram com pressa ás naus, os soldados encerraram-se como um rebanho no seu redil, os da cidade vieram assaltar o arraial, emquanto pela campina inteira o mar dos mouros se alastrava em vagas de gente sobre que fusilava o aço das lanças como flocos de espuma branca, scintillando nas volutas de ondas. N'esse dia o infante perdeu o cavallo, e a noute cahiu sombria sobre a phalange portugueza estrangulada no seu palanque. Do mar para a terra, através da praia, ainda em partes livre, houve essa noute corridas simultaneas de medo cobarde e de sacrificio heroico. Uns fugiam assaltando os bateis, remando vigorosamente para os navios; outros largavam-nos para vir a terra pôr-se ao lado dos condemnados.

Mantimentos não havia no arraial para mais de dois dias. Se não morressem pelo ferro, morriam pela fome. Por isso muitos clamavam por uma sortida feroz, desesperada, que os libertasse, ou lhes consentisse morrer matando, como cavalleiros.

O annel de ferro da mourama soldára-se na praia e, cortados do mar, viam perdido o refugio oscillante dos navios que os desesperavam como uma negaça cruel. Apertava-se cada vez mais o circulo do seu destino fatal. Na madrugada de quinta-feira, o dia dez, ouviram missa. O infante de joelhos, com as mãos e os olhos erguidos para o céo, pedia ardentemente um milagre. No seu cerebro estonteado o sentimento da jus-

tiça rebellava-se, recordando a piedade dos seus intentos, a firmeza da sua fé, tão cruelmente illudida. Deus esquecia-o? dormia? cegara? Acordasse, e visse que sorte se preparava ao seu povo; que premio lhe era dado pelo heroismo com que arrostava contra o poder de Mafamede... O assalto poz ponto á oração. Como ondas do mar em tempestade, as ondas dos mouros espadanavam partindo-se contra os muros do arraial, firme e forte como uma rocha.

Vencido esse dia, quando veio a noute resolveram romper pela praia direito ao mar para embarcarem; mas um traidor e, caso mais grave ainda, um padre, denunciou o plano ao inimigo que litteralmente coalhou a praia de gente. No dia seguinte, sexta-feira onze, houve tregoas; mas no sabbado, logo de manhã, ás sete horas, repetiu-se o assalto que felizmente foi rechaçado. De que servia porém fugir a uma das mortes, se a outra estava de guela aberta para os tragar? Já não havia lenha, nem carne, senão a do cavallo, que devoravam quasi crúa, assada nas palhas das albardas e sellas. Também não havia agua, e enganavam a sêde chupando o lodo infecto da praia. A noute de sabbado passaram-na alongando um palanque para o mar. Os navios eram a sua esperança, e nos estonteamentos da sêde viam-nos multiplicados e colossaes ondear como miragens. Ao fragor dos combates succedera o silencio tragico dos naufragios; e o ar só se ouvia cortado pelos uivos gutturaes das esculcas mouras, soando como pios de aves agoirentas. O grande espectro da morte enchia o céo inteiro, toldando o sol com as suas azas de vampiro, orladas de garras aduncas.

A fome, a sêde, a inacção e a desesperança, excitada pela negaça constante das naus balouçando-se no mar, desmoralisavam-nos. Decididos a tudo para salvarem a vida, já sem coragem para morrer, aceitaram as propostas do mouro. Embarcariam a salvamento, mas sem armas; entregariam Ceuta com todos os captivos mouros; tratariam pazes por um seculo, renunciando á conquista da Berberia. D. Henrique disse que sim; e n'esta resposta se vê o seu genio punico. Não hesitou peran-

te um engano, porque nunca lhe passou pela idéa entregar Ceuta. Nem hesitou perante o engano, nem perante o sacrificio do irmão, porque o mouro exigiu refens: o infante D. Fernando seria o penhor da entrega de Ceuta; e para garantia das mais estipulações ficava comnosco o filho de Çalabençala, antigo senhor de Ceuta, cheik de Tanger, em troca de D. Pedro de Athayde, João Gomes de Avellar, Ayres e Gomes da Cunha que acompanhariam o infante D. Fernando. É verdade que, ouvidas as propostas do mouro e opinando todos, incluindo os infantes, por que Ceuta não devia ser entregue, com a consciencia portanto de que os refens seriam sacrificados, D. Henrique pretendeu ficar, elle, em logar do irmão; mas nem D. Fernando, nem o conselho o permittiram, nem D. Henrique protestou [1]. Não valeria porventura mais terem morrido?

A vida consiste no proposito da acção pratica, ou no exercicio do exemplo virtuoso. Morrer, para o segundo caso póde ser um acto de virtude, quando seja uma lição memoravel; no primeiro caso, morrer é sempre um erro. Dos dois irmãos, o que preferiu viver e o que abraçou quasi alegremente a morte, o que era heroe e o que ficou martyr, o que esperava a desforra e o que se immolou em sacrificio: qual dos dois irmãos nos parece n'este momento maior? O nosso coração, o nosso amor, a sympathia irresistivel da nossa alma vão para D. Fernando; e, por grande que nos pareça á acção dos heroes, vale mais, porque é superior a tudo, a modestia sublime dos martyres. Se a vida humana consiste na acção, o heroismo porem não é propriamente um fim: o fim está na bondade augusta que faz dos homens o combustivel em que arde a chamma viva d'essa alma etherea do Universo.

A grandeza do povo aryano e o que lhe deu já, póde dizer-se, a supremacia em todo o mundo, consiste precisamente em conceber a vida como o exercicio do exemplo virtuoso, santificando os heroes da bondade, consummando a apotheose d'aquelles que de caridade e de amor fizeram a rosa mystica

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXI a XXXIII.

da existencia. De ferro, de bronze, de fogo, de sangue, o semita, ardente e duro, concebeu a vida como uma tortura, e fez do heroismo a carreira cega para um destino illusorio, esmagando desapiedadamente tudo quanto se oppõe ao seu caminhar, curvando-se para vencer quando encontra perante si um obstaculo insuperavel.

Foi o que fez D. Henrique. Na quinta-feira, desezete, começou o embarque; mas os mouros não respeitaram as condições do tratado. Houve refregas que os cheiks a custo reprimiam. No sabbado, afinal, prolongado o palanque até ao mar, precipitaram-se confusamente sobre os bateis, lançando-se á agua com desespero, afogando-se no tumulto, perseguidos pelos tiros perdidos da chusma dos mouros que de terra assistiam á scena, acompanhando-a com uma algazarra atroadora. Morreram n'esta catastrophe quinhentos portuguezes, ao cabo de cincos semanas [1]. D. Henrique navegou para Ceuta, os restos da expedição fizeram-se de vela para Lisboa, e D. Fernando e os seus companheiros foram para Tanger começar a paixão expiatoria da temeridade do nosso heroe.

*
* *

Quando a expedição de Tanger largou de Lisboa, D. Duarte e D. Pedro ficaram na capital, inquietos, esperando noticias; e o infante D. João partiu para o Algarve a reunir gente e mantimentos com que soccorresse os irmãos, no caso mais que previsto de um desaire. Em Lisboa, D. Pedro aprestava uma esquadra. Mas n'isto accendeu-se a peste, e o rei foi recolher-se em Santarem. Ahi recebeu, a dezenove, no proprio dia em que em Tanger se liquidava a catastrophe, as primeiras noticias do cerco, terriveis noticias que lhe confirmavam as previsões funebres. Porque não cumprira o irmão as instrucções que lhe dera? Terrivel cegueira! Todos os presagios do seu co-

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXXIV.

ração enlutado não attingiam porém ainda a enormidade do desastre. Chorava, accusava-se da sua condescendencia tibia, cheio de dôr por se sentir culpado, elle, que tão claramente prégava, escrevendo, a firmeza recta da vontade [1]. O remorso pungente enroscava-se, com a agudez da humilhação, como um cabo repuxado a estrangular-lhe a alma. Via-se peccador e mesquinho: nem o orgulho do erro podia ter, como D. Henrique. Peccára por fraqueza, o desgraçado. Em vão D. Pedro o consolava com o seu grande coração e a sua magnanima humanidade, desfazendo-lhe os escrupulos, enxugando-lhe as lagrimas com carinhos, dissipando-lhe os terrores exagerados, procurando introduzir-lhe no espirito atribulado alguma alvorada de esperança tenue. A desolação do rei era completa. Chamava para o pé de si toda a gente. Horrorisava-o achar-se a sós comsigo mesmo. Queria medicos, pois se julgava morto; queria bem perto o velho Mem de Seabra, creado antigo de seu pai, que o trouxera ao collo nos dias dourados, dias infelizmente perdidos, da sua infancia ditosa! O velho Mem veio arrastado do seu oratorio de Setubal, onde se enterrára para morrer na penitencia austera da regra da serra d'Ossa [2].

Tinha o infante D. Pedro regressado a Lisboa, para ultimar os aprestos da frota de soccorro a Tanger, quando entraram no Tejo os restos miseraveis da expedição, e se soube a grandiosa extensão da catastrophe. Perdera-se o infante D. Fernando! E perguntava-se pelo infante D. Henrique. Não vinha? Onde se sumira? O povo oscillava entre a condemnação e o medo de tambem o vêr perdido. A chusma desembarcava esfarrapada, sem armas e espavorida; faziam gala da sua miseria, exagerando instinctivamente, para desculpa, o poder incommensuravel dos mouros. Entre os naufragos de Tanger, achava-se, porém, um excentrico, socio do infante D. Pedro nas suas viagens, cavalleiro destemido que nas guerras de França ganhára a Jarreteira, capitão-mór do mar, de quem já

[1] *Leal Cons.*, III.

[2] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXXVI.

fallámos no decurso d'esta historia e que n'ella terá ainda um papel eminente. Era Alvaro Vaz d'Almada, conde de Avranches [1], typo singular que via todas as coisas por um angulo humoristico, misturando a extravagancia ao heroismo, e o grutesco aos lances crueis, a ponto de produzir effeitos tragicos.

Alvaro Vaz, desembarcando, vestiu-se de gala, a si e aos seus, barbeou-se, perfumou-se, e com a cara alegre, o riso nos labios, em ar de festa, foi-se a Carnide, onde estava a côrte, cumprimentar o rei e o infante D. Pedro. Ao espanto do começo succedeu um riso amargo. Alvaro Vaz queria que os sinos tocassem em som de gloria: Tanger fôra uma façanha acabada! E dizia isto com um ar tão grave e tão convicto, que ao riso começou a succeder a confiança quando assegurava a facilidade de pôr termo ao captiveiro do infante [2]. As suas palavras eram um balsamo para o coração debil do rei, sempre aberto ás illusões consoladoras.

Infelizmente os ditos de Alvaro Vaz não passavam de

[1] Avranches, cidade antiga que os romanos chamavam Ingena e depois Abrincatui, é hoje cabeça de comarca (*arrondissement*) do departamento da Mancha. Tomada por João-sem-Terra e arrasada em 1203, o santo rei Luiz fortificou-a de novo; mas logo no principio das guerras iniciadas em 1415 voltou a cahir nas mãos dos inglezes que a tiveram até 1450.

O condado de Alvaro Vaz era pois inglez, apesar de localisado no continente, em França; nem se concebe como um homem fosse ao mesmo tempo feito cavalleiro da Jarreteira pelo rei da Inglaterra e conde de Avranches pelo de França, pois os dois reis sempre foram inimigos. Quem lhe deu, portanto, o titulo foi Henrique VI, terceiro e ultimo rei da casa de Lencastre, e não Carlos VII de França, como diz erradamente o snr. Major na sua *Vida do Inf. D. Henrique*, erro que passou para a trad. port., pag. 287.

Era corrente na Edade média darem os reis aos soldados de fortuna que vinham combater com elles, trazendo as suas hostes, praças fronteiriças para as guardarem e defenderem. Henrique VI deu a Alvaro Vaz a fronteira ou *marka* de Avranches contra a França, como o imperador Segismundo dera ao infante D. Pedro a *marka* de Treviso contra Veneza. Abundam exemplos d'estes na historia da reconquista peninsular, e o primeiro d'elles é o proprio condado portucalense, *marka* de Portugal contra os mouros, doada pelo rei de Leão ao conde D. Henrique, seu genro.

[2] Pina, *Chron.*, XXXVI.

um generoso embuste suggerido pela sua imaginação extravagante. As noticias que chegavam diariamente mostravam, como era obvio, que o mouro não daria o infante se lhe não dessem Ceuta. Do Algarve, D. João partira com os soccorros, mas os ventos contrarios em temporal detiveram-no, pondo-o em risco de naufragio; e quando foi surgir em Arzilla já lá encontrou captivo o irmão. Entrou em tratos com o cheick de Arzilla e Tanger, expulso de Ceuta, Çalabençala (cujo filho nós retinhamos) mas o rei de Fez, temendo alguma fraqueza, levou o infante comsigo [1]. Por seu lado, os esforços de D. Henrique em Ceuta, onde o remorso o consumia, provavam igualmente inuteis. Não vendo meio de obter o escambo dos refens, mandou para o Algarve o principe mouro, mas teimou em ficar em Ceuta, apesar das instancias de D. Duarte para que voltasse. Não tinha animo de lhe apparecer [2].

De Arzilla o rei de Fez levou D. Fernando para a sua côrte. A estrada de Fez, descendo de Tanger quasi parallela á costa, encontra o ramo que vem de Arzilla, e dirige-se a Alcacerquibir onde cruza o Lukkus, que vai cahir no mar em El Araich (Larache); d'ahi galgando os montes de El-Charbie obliqua para o interior por Basra e Vezzan, em direcção de Fez, no alto curso de Uad Sebu. Captivo, D. Fernando pisou pois o chão mais tarde sagrado, em que outro heroe nosso, audaz e temerario como D. Henrique, mas menos afortunado do que elle, viu desmanchada em pó e sangue a chimera que para o infante oscillava agora n'um remoinho atroz de remorsos. No dia cruel de Alcacerquibir, naufragio total da nossa historia, D. Sebastião, perdido, respondia — «Morrer!» áquelles que lhe perguntavam — «Que resta?» É que pelas veias de D. Sebastião corria o sangue generoso dos aryanos, e no seu cerebro palpitavam os instinctos da raça eminente, alegre no sacrificio, por vêr raiar a luz meiga da verdade moral do mundo no vacuo diaphano das coisas. D. Fernando, immolado á ambição ardente de um povo que encarnára na alma realistamente punica de

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXXVI.

[2] *Ibid.*, XXXVIII, IX.

D. Henrique, esse precursor dos nossos heroes similhantes aos phenicios, era tambem o precursor de D. Sebastião, soluço da agonia heroica desfeito no mytho em que talhamos a mortalha nacional. Queria assim o destino que, no prologo e no epilogo da nossa epopeia histórica, dois martyrios encerrassem o circulo das façanhas em que mostramos um ardor semita, acaso para fazer sobresahir bem claramente o outro ramo da arvore ethnica dos portuguezes, verde como o mar, vago como o vento que murmura por entre os carvalhos sagrados da floresta celtica...

D. Duarte, esmagado pelo peso cruel da catastrophe convocou de Thomar as côrtes para janeiro seguinte (1438) em Leiria [1]. O resultado foi nenhum: dividiram-se as opiniões attonitas entre a dôr da perda de um infante e a vergonha de perder Ceuta. Os infantes D. Pedro e D. João, com a maior parte dos procuradores das villas e cidades do reino, votaram pela entrega immediata de Ceuta: honrasse-se o tratado feito, que o contrario seria infamante. A nobreza absoluta fallava, como sempre pela bocca de D. Pedro que, além d'isso, não seguia a politica da expansão ultramarina. Grande numero, porém, dos nobres, tendo á frente o conde de Arrayolos, allegavam que de modo algum Ceuta devia entregar-se, até porque o infante D. Fernando não consentia n'esse escambo, preferindo morrer. Entre estas duas opiniões definidas, a timidez punha alvitres dilatorios. O arcebispo de Braga, D. Fernando, e grande parte do clero allegavam que a entrega de Ceuta não podia fazer-se sem permissão do papa, por virtude das muitas igrejas e altares que ahi havia erguidos. Outros não procuravam esconder a timidez com este argumento, e aconselhavam que se tentasse primeiro a redempção do infante por dinheiro, ou por escambo de captivos, e só quando tudo fosse provadamente inutil, então se desse Ceuta, ouvidos os theologos e canonistas. Eis o que as côrtes disseram ao rei, deixando-o mais perplexo e opprimido ainda. Um só parecer acalmaria a sua alma: era o da entrega de Ceuta, porque valiam mais n'elle os sentimentos de caridosa

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXXVIII.

fraternidade do que os motivos de ordem politica. Sacrificar o irmão, era-lhe o mesmo que morrer; mas entregar Ceuta não se atrevia a fazel-o, havendo tantos votos contrarios em côrtes. N'esta situação cruel, tomou o conselho dos timidos, dilatando, consultando por cartas o papa e os reis christãos, que lhe mandaram grande copia de palavras consoladoras, opinando todos pela conservação de Ceuta [1].

E D. Henrique? Não havia arrancal-o de lá. Cartas, rogos, supplicas, eram inuteis. Cinco mezes inteiros, até fevereiro de 38, se conservou em Africa, na esperança de conseguir a redempção do irmão que victimára. Cosiam-no remorsos como facadas. Desenganado por fim e vergando ao peso da desgraça, veio ao Algarve e enterrou-se na sua thebaida de Sagres, a engulir as lagrimas de desespero e raiva, sem se atrever a vir á côrte. Considerava-se um homem perdido. Tremia de apparecer diante da face placidamente severa de D. Pedro, e de ouvir as queixas doloridas de D. Duarte.

Queria este ouvil-o tambem, depois de ter ouvido as côrtes, e insistia por cartas com elle a que viesse a Evora onde estava o paço. Só em junho, porém, D. Henrique se resolveu a sahir de Sagres. Veio até Portel, seis leguas ao sul d'Evora, carregado de luto; e de lá escreveu ao rei que por mercê o escusasse de entrar na côrte. Não podia com a idéa de ir mais adiante. D. Duarte foi a Portel. Que disseram os dois irmãos? Ao depois soube-se que D. Henrique, resaltando como aço em folha de sob o proprio peso da catastrophe, coberto de luto e de vergonha, não só insistia com o rei para que se não entregasse Ceuta, como lhe propunha outra expedição. Bastavam seis mil cavallos, seis mil besteiros, doze mil peões, para vingar o desastre de Tanger e conquistar a Africa inteira. Enlevado na sua ambição, o infante esquecia o luto e a vergonha, pela esperança de prear de novo a caça que voára; e outra vez se deixava prender elle proprio nos laços da chimera, desfazendo os obstaculos, reduzindo a nada as difficuldades, com aquelle

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXXIX a XLI.

poder de illusão commum nos homens vulgarmente chamados visionarios, gente allucinada por uma idéa que o futuro depois diz, ás vezes caprichosamente, se era falsa ou verdadeira.

Mas pedia de mais a D. Duarte que se recordava amargamente da sua fatal condescendencia, e cujo coração vertia sangue. Separaram-se tristemente os dois irmãos: um para Evora, outro para Sagres. E facil que o rei começasse a duvidar da integridade do juizo do irmão, cuja exaltação desvairada, cujas palavras propheticas, cujos planos inteiramente falhos de siso, lhe tinham atordoado a cabeça. Uma segunda expedição! uma nova catastrophe! depois do dia cruel de Tanger! quando o infante immolado jazia em ferros! Seria o mesmo que decretar-lhe a morte... Um véo roxo de sangue, negro de treva, passava diante dos olhos do rei, que os cerrava para não vêr a loucura deshumana de D. Henrique. Vagamente esperava achal-o penitente, e vira-o empedernido. O pobre rei não podia com tamanhas violencias. Quando entrou em Evora, reparou-se que trazia o gesto mais acabrunhado ainda, e um ar de pasmo, de mau agouro [1].

Pouco tempo se demorou: um mez, se tanto. Em agosto estava em Thomar, no paço da Ribeira, onde ao cabo de muito soffrer, o corpo disse afinal que não podia mais. Os medicos laziam a etiologia da febre que o matou em doze dias, attribuindo-a á «desigual tristeza e contínua paixão que pela desventura do succedimento do cerco de Tanger tomou.» Acabou a nove de setembro, quando completava cinco annos e vinte e cinco dias de reinado ou de tortura, com quarenta e sete de idade. Morreu de remorso, por ter cedido, contra o voto quasi unanime, aos impulsos de um terno coração de esposo e pai. Revolta em lagrimas e burel, a rainha que fôra a causa inconsciente da catastrophe, pedia ao infante D. Pedro que abrisse o testamento do rei. Abriu-se, leram-no. Ordenava que por dinheiro, ou por algum outro partido, tirassem aos mouros o in-

[1] Pina, *Chron.*, XLII.

*

fraternidade do que os motivos de ordem politica. Sacrificar o irmão, era-lhe o mesmo que morrer; mas entregar Ceuta não se atrevia a fazel-o, havendo tantos votos contrarios em côrtes. N'esta situação cruel, tomou o conselho dos timidos, dilatando, consultando por cartas o papa e os reis christãos, que lhe mandaram grande copia de palavras consoladoras, opinando todos pela conservação de Ceuta [1].

E D. Henrique? Não havia arrancal-o de lá. Cartas, rogos, supplicas, eram inuteis. Cinco mezes inteiros, até fevereiro de 38, se conservou em Africa, na esperança de conseguir a redempção do irmão que victimára. Cosiam-no remorsos como facadas. Desenganado por fim e vergando ao peso da desgraça, veio ao Algarve e enterrou-se na sua thebaida de Sagres, a engulir as lagrimas de desespero e raiva, sem se atrever a vir á côrte. Considerava-se um homem perdido. Tremia de apparecer diante da face placidamente severa de D. Pedro, e de ouvir as queixas doloridas de D. Duarte.

Queria este ouvil-o tambem, depois de ter ouvido as côrtes, e insistia por cartas com elle a que viesse a Evora onde estava o paço. Só em junho, porém, D. Henrique se resolveu a sahir de Sagres. Veio até Portel, seis leguas ao sul d'Evora, carregado de luto; e de lá escreveu ao rei que por mercê o escusasse de entrar na côrte. Não podia com a idéa de ir mais adiante. D. Duarte foi a Portel. Que disseram os dois irmãos? Ao depois soube-se que D. Henrique, resaltando como aço em folha de sob o proprio peso da catastrophe, coberto de luto e de vergonha, não só insistia com o rei para que se não entregasse Ceuta, como lhe propunha outra expedição. Bastavam seis mil cavallos, seis mil besteiros, doze mil peões, para vingar o desastre de Tanger e conquistar a Africa inteira. Enlevado na sua ambição, o infante esquecia o luto e a vergonha, pela esperança de prear de novo a caça que voára; e outra vez se deixava prender elle proprio nos laços da chimera, desfazendo os obstaculos, reduzindo a nada as difficuldades, com aquelle

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XXXIX a XLI.

poder de illusão commum nos homens vulgarmente chamados visionarios, gente allucinada por uma idéa que o futuro depois diz, ás vezes caprichosamente, se era falsa ou verdadeira.

Mas pedia de mais a D. Duarte que se recordava amargamente da sua fatal condescendencia, e cujo coração vertia sangue. Separaram-se tristemente os dois irmãos: um para Evora, outro para Sagres. E facil que o rei começasse a duvidar da integridade do juizo do irmão, cuja exaltação desvairada, cujas palavras propheticas, cujos planos inteiramente falhos de siso, lhe tinham atordoado a cabeça. Uma segunda expedição! uma nova catastrophe! depois do dia cruel de Tanger! quando o infante immolado jazia em ferros! Seria o mesmo que decretar-lhe a morte... Um véo roxo de sangue, negro de treva, passava diante dos olhos do rei, que os cerrava para não vêr a loucura deshumana de D. Henrique. Vagamente esperava achal-o penitente, e vira-o empedernido. O pobre rei não podia com tamanhas violencias. Quando entrou em Evora, reparou-se que trazia o gesto mais acabrunhado ainda, e um ar de pasmo, de mau agouro [1].

Pouco tempo se demorou: um mez, se tanto. Em agosto estava em Thomar, no paço da Ribeira, onde ao cabo de muito soffrer, o corpo disse afinal que não podia mais. Os medicos laziam a etiologia da febre que o matou em doze dias, attribuindo-a á «desigual tristeza e contínua paixão que pela desventura do succedimento do cerco de Tanger tomou.» Acabou a nove de setembro, quando completava cinco annos e vinte e cinco dias de reinado ou de tortura, com quarenta e sete de idade. Morreu de remorso, por ter cedido, contra o voto quasi unanime, aos impulsos de um terno coração de esposo e pai. Revolta em lagrimas e burel, a rainha que fôra a causa inconsciente da catastrophe, pedia ao infante D. Pedro que abrisse o testamento do rei. Abriu-se, leram-no. Ordenava que por dinheiro, ou por algum outro partido, tirassem aos mouros o in-

[1] Pina, *Chron.*, XLII.

*

fante D. Fernando, e que, sendo impossivel, se désse Ceuta [1]. Só tivera a coragem posthuma. Morreu victima do choque das vontades que se lhe neutralisavam no espirito. Foi enterrado com o Santo Lenho que a mãe lhe déra, ao fallecer, na vespera de Ceuta, e que toda a vida trouxera comsigo; a rainha viuva, porém, quiz para si esse legado piedoso, e abriram de novo a cova: até d'isso foi despojado o infeliz rei! [2]

Cinco annos sobreviveu ainda a victima de Tanger: cinco annos de paixão nas masmorras do paço de Fez. Como Jesus na vespera do supplicio, pedindo ao Padre Eterno que lhe afastasse dos labios, se era possivel, o calix da amargura, assim o desgraçado infante D. Fernando, ainda em Arzilla, escrevia aos irmãos que o remissem [3]. Levado para Fez, conforme dissemos, o infante e os seus companheiros de captiveiro foram tratados desapiedadamente. D. Duarte morreu; succederam os casos complicados da regencia que depois contaremos; mas entretanto D. Pedro empregou os meios possiveis para cumprir o testamento do rei. Depois de esgotadas as diligencias prévias, em 1441 partiu de Lisboa D. Fernando de Castro com uma armada para effectuar a entrega de Ceuta e trazer ao reino os captivos; mas essa armada foi assaltada pelos piratas genovezes, o almirante morreu no mar, a sua nau sossobrou, tendo a armada que regressar desfeita a Tavira. Parecia que tudo se conjurava contra os desgraçados. D. Alvaro, porém, filho do almirante, tomou o commando dos navios que foram com effeito a Ceuta; mas o mouro de Fez, ou desconfiado, ou preferindo já conservar os refens, disse que entregassem primeiro a cidade: jurava por Mafamede que logo entregaria o infante. D. Alvaro voltou a Lisboa convencido, ou affectando a convicção, de que o mouro de Fez já não queria Ceuta, pois a irritação d'essa guerra chronica na fronteira convinha á saude quebrantada do seu imperio [4]. Fosse verdade, ou fosse apenas a satisfação pla-

[1] Pina, *Chron. de D. Duarte*, XLIII, IV.

[2] Azurara, *Chron. de D. João I*, III, 40.

[3] Pina, *ibid.*, XLII.

[4] Pina, *Chron. de Affonso V*, LIV.

tonica dada pela politica ao remorso nacional, Ceuta não se entregou; e em 1443, depois de cinco annos de paixão, com trinta e oito de idade, o desgraçado infante morreu. Enforcaram-lhe o cadaver pelos pés nas ameias das muralhas de Fez e quatro dias ficou exposto aos insultos do povo; depois metteram-no n'um ataude e penduraram-no por cadeias sobre uma das portas da cidade. Lugubres tropheus de victoria eram esses, porque fazia milagres o ataude do infante, a que até os verdugos chamavam santo em vista de tão crú soffrimento [1]. A sua paixão dolorosa enternecia os proprios inimigos. Cinco dos companheiros de captiveiro morreram com elle, e entre os resgatados voltou fr. João Alvares para escrever a chronica do martyrio [2]. A fama d'esta funebre tragedia correu pela Europa, e Calderon (1601-81) no seu drama do *Principe Constante*, celebrava-a ainda após mais de dois seculos decorridos. A impossibilidade de cumprir o testamento de D. Duarte entregando Ceuta, a resignação de D. Fernando, a heroicidade de D. Henrique, constituem o fundo do drama. «Porque me não dás Ceuta?» pergunta o mouro a D. Henrique. «Porque é de Deus e não minha!»

¿Como fuera, como fuera
Posible entregar a un moro
Una ciudad que le cuesta
Su sangre, pues fue el primero
Que con sola su rodela
Y una espada enarboló
Las quinas en sus almenas?

Trinta annos depois, com as voltas que o mundo dá, conquistada Arzilla por Affonso V, os ossos de D. Fernando vieram dormir para Portugal.

Oliveira Martins.

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXXIII.

[2] *Cronica do sancto e virtuoso iffante dom Fernando, filho del Rey Dõ Johã primeyro deste nome, que se finou em terra de mouros.* Por Fr. João Alvarez, corrigida por Jeronymo Lopes. Lisboa, 1527.

OS ACONTECIMENTOS DO BRAZIL

O Telegrapho Submarino continúa a ser o grande orgão pelo qual se manifesta ao mundo a vitalidade da nova Republica dos Estados, mais ou menos Unidos, do Brazil.

Ainda não volvemos a dizer — *Os Brazis* — como cá no Reino se dizia nos velhos tempos, mas talvez a força das coisas traga em breve o antiquado termo ao uso da linguagem corrente. Isto succederá se, dentro de alguns annos, a palavra — *Brazil* — por fatalidade historica, deixar de ser a expressão da integridade de uma nação, para ter o valor de uma designação geographica.

Até hoje, o publico da Europa sabe do Governo Provisorio do Brazil apenas o que esse governo quer que d'elle se saiba. O snr. Ruy Barbosa, ministro das finanças (e, ao que parece, ministro do fio electrico) tem o telegramma facil, fluido, longo, monotono, por vezes infeliz e frequentemente contraditorio. É natural, de resto, que sejam extensos e repetidos os telegrammas de quem telegrapha á custa da Nação, para se pôr bem em evidencia perante a Europa, deixando n'uma modesta sombra os collegas bem-amados.

Que valor, porém, tem estas mensagens do snr. Ruy Barbosa, que tão sonoramente se dirige assim ao mundo? O novo

e ardente ministro, sob a garantia do seu nome, ainda então desconhecido na Europa, affirmou que o Imperador, ao partir do Rio de Janeiro, tinha recebido a quantia de cinco mil contos que lhe fôra offerecida pelo Governo Provisorio. Emquanto o velho soberano se achava entre o Brazil e a Europa, isolado no mar, sob a placidez estrellada das noites do Atlantico, a sua calma consciencia de homem justo que viu, perdoou e esqueceu tantas miserias, não lhe exprobrou decerto essa falta de caracter com que o snr. Ruy Barbosa no entanto, o maculava pelo telegrapho. Depois o Imperador chegou a Lisboa e o mundo soube que uma das primeiras palavras do Governo Provisorio tinha sido uma cruel falsidade.

Depois d'essa estreia telegraphica, tudo era de esperar da bacharelice revolucionaria. E (coisas d'este fim de seculo!) a electricidade, *fulmen cœli*, passou a servir de transmissor aos arrazoados de um letrado repentinamente volvido em interprete de um soldado.

Os militares que no dia 15 de novembro necessitaram de alguns bachareis com boa prosodia para reduzirem a escripta a revolução do quartel, não andaram mal chamando, entre outros assessores, o snr. Ruy Barbosa. O *Times* que ha mais de um seculo tem visto nascer e morrer tantos governos, que está cansado de noticiar *pronunciamientos* hespanhoes, revoluções de mestiços hispano-americanos, massacres de Haitïs, deposições de tyrannos, fuzilamentos de patriotas, exaltações de coroneis, deportações de generaes, constituições feitas por grandes oradores, juradas por doutores, perjuradas por marechaes, tudo entre os triumphos e as desapparições de grandes Homens, todos mais ou menos por algum tempo *salvadores de la patria*, *restauradores de la libertad*, etc., — o *Times* repetimos, chamou o snr. Ruy Barbosa o *garrulo dr. Barbosa*, tanta impressão lhe causou este revolucionario novo que conseguiu, pela sua facunda maneira de argumentar com a Europa, dar um pouco de interesse e relevo ao typo já banal e gasto do Estadista sul-americano, em épocas de *gloriosas revoluções*, de *salvações de patria*, etc. É que a zarzuela hespanhola, traduzida em bra-

zileiro, póde parecer, a principio, coisa original. Ai de nós! ai do Brazil! bem pouco original é ella.

O snr. Ruy Barbosa dá-nos um prompto exemplo de incorrecção hespanhola sempre que trata das relações exteriores do Brazil e tantas são as suas communicações para a Europa, que o seu collega dos negocios estrangeiros, annullado, deverá talvez, para matar o tempo, ir tratando das finanças. Mas, a feição mais interessante da electricidade politica do snr. Ruy Barbosa é a sua ingenuidade. Assim, elle telegrapha ao representante financeiro do Brazil em Londres ordenando-lhe que desminta *todos* os telegrammas desfavoraveis á Republica. Esta ordem de desmentido incondicional cria para o funccionario uma extraordinaria obrigação de mentir! E se vier um telegramma incontestavelmente verdadeiro, embora desfavoravel á Republica?—Desminta! manda o ministro, e o agente, desmentindo, publica a *ordem de desmentir* com espanto e galhofa de toda a imprensa ingleza.

Quando foi revelada ao mundo a intenção em que estava o Governo Provisorio de se conservar no governo o mais definitivamente que pudesse, o snr. Ruy Barbosa declarou que a imprensa brazileira apoiava essa desinteressada resolução. Que valor tem a opinião dos jornaes, se, n'esse mesmo dia, era annunciada a suppressão da imprensa da opposição? É desoladora a posição dos jornaes no Brazil; os mais independentes, a custo arriscam a sombra de uma observação ao governo, diluida em longas e cautelosas phrases; os caricaturistas desenham apotheoses do vencedor; a espirituosa *Gazeta de Noticias* deixa passar os mais soberbos assumptos e o grande *Jornal do Commercio* applaude desageitado a dictadura. Elles sabem que um artigo contrario ao governo seria para elles a suppressão e a ruina, e não ignoram que só são publicados por méra condescendencia do poder militarisado. A Republica, assim, em menos de dois mezes, destroe a liberdade de imprensa que o Imperio garantiu e sustentou durante sessenta annos.

Todas as instituições representativas estão abolidas. A liberdade do cidadão está confiscada. Hoje, no Brazil, não ha

tribunaes, não ha leis que protejam o individuo contra a violencia quando ella vem do governo. O cidadão é preso, deportado, sujeito a todas as aggressões officiaes, sem ter recurso nenhum contra ellas. O poder, armado dos soldados e dos marinheiros, não tem outro limite além da sua vontade. E o regimen da suspeita, da delação, as scenas de perseguição politica, cidadãos eminentes transportados pelas ruas entre as bayonetas, espectaculos desconhecidos da população brazileira, tudo mostra que está destruida a civilisação politica do paiz.

E o Governo Provisorio ousa pretender que commette todos estes crimes contra a liberdade por motivos de salvação publica! Mas, se os brazileiros todos adheriram á Republica, como o governo annuncia para a Europa, qual a desculpa para esse confisco da liberdade? Não será difficil descobril-a.

O militar que por sua propria deliberação tomou o logar de chefe do governo marcou a si mesmo um ordenado superior ao de todos os Presidentes de Republica do mundo, excepto o da Republica Franceza. E o paiz ainda lhe deve ficar grato porque se elle quizesse levar o Thesouro Nacional para a sua casa ninguem o poderia impedir. Os cidadãos que se constituiram ministros dobraram os ordenados antigos de ministro. Estes simples actos indicam claramente que o Governo Provisorio, em materia de delicadeza e de escrupulo se parece com as demais tyrannias militares da America. Os prets dos soldados, os soldos dos officiaes, que crearam a nova ordem de coisas, foram augmentados; e foram constituidas novas pensões militares. Um sumptuoso palacio foi comprado para residencia do marechal chefe do Estado. O cavalheiro mandado ultimamente ao Rio pelos snrs. Rothschild para assessorar o ministro da fazenda e para velar pelos interesses dos credores do Brazil, estranhará o ir encontrar n'um paiz civilisado quasi que os mesmos estylos d'elle conhecidos outr'ora no Egypto e na Tunisia. Dirá talvez o enviado dos snrs. Rothschild que muito grande deve ser o patriotismo dos revolucionarios, a julgar pela largueza com que, por suas mãos, elles se vão recompensando.

A alegria da tropa é naturalmente muito grande tambem. Foi, sem duvida, esta alegria que motivou a revolta do dia 18 de dezembro que o snr. Ruy Barbosa explicou á Europa como uma *grande bebedeira de soldados*. E não se reuniu, como outr'ora, o Club Militar para lavrar um protesto contra essa injuria que um ministro civil, perante o estrangeiro, lança assim a todo o exercito do Brazil!

O Governo, que ainda tão impropriamente se chama Provisorio, trata por todos os meios, de afastar o mais possivel a época da prestação de contas á nação legitimamente representada por uma Assembléa Constituinte. Os estrangeiros accusam o brazileiro de «tudo addiar para o dia seguinte»: e aos viajantes impressiona desagradavelmente, o eterno *ámanhã! ámanhã!* que se ouve através do Brazil. O Governo Provisorio não diz *ámanhã*. Diz: *Para o anno!*

A reunião da Constituinte, deixada entrever na primeira proclamação da Republica e tacitamente promettida ao paiz como coisa inadiavel, foi marcada para o dia 15 de novembro de 1890, ou antes, segundo o calendario da seita positivista d'onde sahem os capellães da republica, para tantos de Descartes de 102! A sêde do despotismo é a explicação unica d'essa sonegação do poder, retido a todo o custo quando devia ser, sem demora de um dia, restituido ao seu legitimo e unico senhor, a soberania nacional.

O governo declara que concede o direito de voto a todos os homens, maiores de 21 annos e que souberem lêr e escrever; e diz mais, que esse direito caberá tambem a todos os estrangeiros «que não fizerem declaração formal do proposito de conservar a sua primitiva nacionalidade». Firmado n'esse decreto e exagerando hypocritamente as dilficuldades de transporte no territorio brazileiro, o governo militar affirma que a reunião da Constituinte não seria possivel antes de doze mezes; e cita o exemplo da lei eleitoral de 9 de janeiro de 1881 cuja difficil applicação forçou a eleição a ser adiada para o fim d'esse anno. Mas quem decidiu esse adiamento? Foi a representação nacional e soberana, quando o paiz se achava organisado,

constituido, em plena paz, com um governo legal, legitimamente munido dos poderes necessarios para governar. O adiamento interessado de hoje só tem por motivo a vontade e a vantagem dos occupadores do poder. Fallam na difficuldade de organisar as novas listas eleitoraes, homens que não acharam difficil o mudar n'uma manhã todas as instituições do seu paiz! A lei de 1881 estabelecia novas circumscripções, alterava todo o systema eleitoral e exigia do eleitor uma prova judiciaria de renda, prova complicada e lenta. O decreto novo só exige do eleitor o saber lêr e escrever, coisa de prova facil e rapida. De 1881 para 1890 melhoraram muito os meios de communicação no Brazil; e a prova d'isso é que, em tres semanas, segundo proclama o snr. Ruy Barbosa, a Republica ficou aceita e installada em todo o paiz. Parece porém que as estradas, os caminhos de ferro, os vapores, os telegraphos, os correios que transportam os governadores militares para as provincias, que transmittem o advento da Republica militar, não servem, não funccionam, quando se trata de organisar legalmente essa republica e de apressar o fim do militarismo arbitrario.

A população do Brazil, segundo os calculos optimistas, orça por 14.000:000 de habitantes. Nos paizes onde é forte a proporção masculina, essa proporção é de 48 %; no Brazil é certamente inferior; mas, se adoptarmos 48 % temos 6.720:000 homens no Brazil. A proporção nas idades da população masculina é de 40 % para os maiores de 21 annos, sejam: 2.698:000. Ora, a estatistica geral brazileira mostra que, na população masculina, apenas 23 % sabe lêr e escrever, o que dá, como numero de eleitores 621:000. Ora, já são eleitores actualmente, estão alistados, e são portadores de diplomas perpetuos 220:000 eleitores. Restariam pois a alistar 401:000 novos eleitores. O numero de estrangeiros capazes do direito eleitoral está comprehendido n'este algarismo. A população estrangeira no Brazil não se acha afastada do littoral e vive nas cidades ou ao longo dos caminhos de ferro. É preciso ter em vista que a maioria dos immigrantes italianos e portuguezes não sabem lêr e que a população colonial italiana e allemã apresenta uma forte per-

centagem de mulheres e creanças. Haverá grande numero de estrangeiros que quererão conservar a sua nacionalidade; e a grande maioria dos que tacitamente aceitarem a nacionalidade brazileira será composta dos estrangeiros pobres e illetrados não dispondo nem de tempo nem de recursos para ir fazer declarações ás auctoridades. Será muito extraordinario se o novo regimen eleitoral dér ao Brazil mais 300:000 eleitores. E esses novos eleitores residem quasi todos nas povoações porque, no sertão, o homem que sabe lêr e escrever tem sempre uma situação que já o fazia eleitor pela lei antiga.

Esta simples exposição basta para mostrar a inanidade das razões em que o Governo Provisorio se fundou para protelar a época da sua prestação de contas á nação. Com este adiamento, elle obedeceu apenas á ambição propria e ao jacobinismo sectario que, nos jornaes do Rio, em artigos officiosos, aconselha ao governo que trate a nação como a um vencido, excita as paixões e os odios, e pede, implora, mais despotismo, mais arbitrario, com a mesma exaltação com que a mocidade nobre, de outras éras e de outros paizes, pedia mais liberdade.

A Republica, que a principio se dizia tão federal, conserva sob o dominio directo e arbitrario do Rio de Janeiro, as antigas provincias a que chama Estados. A centralisação revolucionaria faz-se sentir muito mais do que a centralisação imperial.

O Brazil de hoje póde chamar-se a si mesmo — Estados-Unidos — tanto quanto quizer. Os unicos Estados-Unidos que na historia corresponderão sempre á idéa de liberdade, de dignidade e de força moral, são os Estados-Unidos da America. E por isso, a imprensa d'aquelle grande paiz tem mostrado o maior desprezo pela aventura jacobino-militar do Brazil.

Não estranhará isso quem comparar o nascimento das duas republicas.

O povo brazileiro está hoje debaixo de uma tyrannia militar que elle não elegeu; e o direito de lançar impostos que, ha 500 annos, o povo inglez contestava ao rei de Inglaterra.

está usurpado no Brazil, em pleno seculo XIX, pelo snr. Ruy Barbosa.

O povo das colonias norte-americanas, no seculo passado, revoltou-se, passou pelos sacrificios de uma guerra cruel, porque, não tendo representantes no parlamento inglez, contestava a este o direito de lhe lançar impostos. A fórmula *No representation, no taxation*, que aquelle povo adoptou, é o lemma caracteristico dos povos civilisados.

O povo brazileiro está privado hoje da sua representação; e, desde que elle se organisou como nação independente, é a primeira vez que paga impostos creados por outras entidades que não as nomeadas por elle. A entidade que hoje lança impostos no Brazil, é um simples advogado, commissionado por alguns soldados.

A Republica Brazileira começou destruindo o principio que foi a gloria e é o fundamento da Republica Norte Americana.

E que entre ellas medeia mais do que um seculo, mais do que a distancia que vai de Boston ao Rio de Janeiro. Divide-as o immenso abysmo que separa um Washington de um Deodoro da Fonseca.

Os individuos que usurparam o poder publico no Brazil não se limitam a dispôr da fortuna dos cidadãos.

Elles fazem leis sem consultar o paiz; elles se arrogam o direito de regular tudo, sem audiencia da nação, com uma auctoridade a que nem o Czar ousa pretender. Membros d'esse Governo Provisorio fazem discursos em que ridicularisam as eleições e fallam do regimen e das liberdades parlamentares com o mais cynico desprezo.

Com a confiança que o chefe selvagem tem na violencia, como unico systema de governo, os republicanos, empossados dos altos cargos governativos, parecem nada temer; mas, na realidade, tudo lhes mette medo; e a prova está em que os no-

vos secretarios de Estado estão sempre a decretar novas medidas de rigor com o fim de consolidar uma situação que proclamam inabalavel.

Tudo lhes parece simples, tudo imaginam possivel. O direito de fazer leis não pertence mais á nação. Uns officiaes e uns civis quaesquer investiram-se a si mesmos d'essa suprema attribuição. E, se alguem lhes falla na futura Assembléa Constituinte, respondem com sarcasmos.

Os Terroristas francezes apoiavam-se no concurso dos Clubs e das Secções; os jacobinos militares do Brazil recebem o applauso dos sectarios rancorosos e dos seus proselytos da ultima hora, ainda mais ardentes. E o Governo registra os parabens dos empregados publicos, ouve os maus versos que lhe dizem e a musica mal contraponteada dos hymnos encommendados.

E, quando a febre amarella começa terrivel no Rio de Janeiro, quando sahem pela barra fóra cidadãos deportados, os ministros remedeiam aquella desgraça e zombam dos violentados escrevendo em baixo dos officios: — Saude e fraternidade!

E se cada dia não lhes traz uma idéa, como ao jornalista celebre, cada dia é assignalado por uma grande reforma social e politica, ingenua e simplesmente concebida, com uma confiança fetichista nos milagres de que é capaz uma lei desde que, para fazel-a, haja papel, pena e tinta.

«Art. 1.º Está separada a Igreja do Estado.» — Escripta esta linha, está resolvido todo o problema da vida religiosa de um paiz!

Mas, o Governo Provisorio não diz qual a Igreja é a que fica separada do Estado. Será talvez a Igreja Catholica, mas não é com certeza a Igreja Positivista que é a da religião do Governo, apesar de dizer talvez o marechal Deodoro que, mysterio por mysterio, entende tanto o da Santissima como o da Philosophia de Augusto Comte.

A Igreja Positivista está no Brazil com todos os privilegios e foros da religião official. É intolerante, dominadora, exclusiva e o Governo impõe a opinião d'ella, manifestada em suas divisas, em seu culto, em seu calendario. Ella regulou o

pavilhão republicano e dá interpretações legaes e religiosas dos actos do Governo, nos editoriaes do *Diario Official*. E o peor é que não ha Igreja sem Padres e estes, tonsurados ou não, precisam viver. Os padres catholicos podem viver do altar, segundo o conselho de S. Paulo; os positivistas, não tendo altar, mas tendo necessidades, terão de viver do Thesouro. Emquanto a nova religião official não entra no gozo de uma larga subvenção, o que não tardará, vai desde já desfructando o monopolio dos empregos publicos vagos naturalmente ou pela demissão ou aposentação dos titulares.

Esta situação privilegiada dos membros de uma seita é o que o Governo Provisorio chama a liberdade de cultos. Privilegio por privilegio, preferimos as vantagens nominaes que tinham outr'ora os catholicos; ao menos, eram alguns milhões a gozar d'essas vantagens, emquanto que os altamente favorecidos de hoje são apenas algumas centenas de pedantes e pedintes de empregos.

E assim, no Brazil, o desvio cerebral de um genio francez, phantasia que, no Quartier Latin, foi, ha 40 annos, uma *blague* sem espirito, já velha e fóra de uso em Coimbra, ha 25 annos, está grassando tardiamente na Republica Brazileira. Verdade é que viajantes têm visto, ultimamente, no centro da Africa, mulheres de chefes, mettidas dentro de *crinolines* do Segundo Imperio que lhes são vendidas por missionarios inglezes!

O lado comico não deve comtudo fazer esquecer o que ha de odioso n'esta intolerancia religiosa propria das religiões novas quando se tornam officiaes. Entre este christianismo novo que vivia no Rio de Janeiro, não nas catacumbas, mas sim nos cafés e nas salas dos escreventes de secretarias, entre a nova seita e Constantino-Deodoro, ha laços de gratidão, compromissos sérios e solidariedades naturaes.

O clero numeroso e o pequeno numero de fieis da nova religião official dirigiram uma mensagem ao dictador, elogiaram-lhe a violencia, pediram-lhe que não tivesse medo de ser despota, suggeriram-lhe que não fizesse caso nem de eleições nem de representação nacional. Contaram-lhe n'essa mensagem que,

em França, o parlamentarismo por pouco que não foi derrubado ultimamente, mas que o seria em breve. Esta apreciação era natural porque os positivistas brazileiros, deodorianos na sua terra, devem ser boulangistas em França.

Aos militares governantes e aos advogados ambiciosos, que se vão servindo do exercito, é agradavel ouvir esta exaltação do despotismo.

A tyrannia que elles exercem necessita um pouco de apoio moral e a dictadura julga encontral-o no pedantismo da clerezia positivista, discipula fanatica do apologista do crime de 2 de dezembro e do philosopho que convidou Nicolau da Russia a conquistar a Europa e a reduzil-a ao despotismo. No Brazil, os positivistas de seita applaudem esse despotismo, quando elle apparece, e quer destruir o passado, escravisando o presente, para dominar no futuro.

No Brazil a questão hoje não está já posta entre a Republica e a Monarchia.

A lucta é entre a liberdade e a tyrannia. A lucta vai ser entre o exercito servido por seus escribas e que não quererá largar a rendosa tyrannia, e a sociedade civil que terá de reagir ou de se anniquilar. A nação terá de devorar o exercito ou o exercito acabará de devorar a nação.

O Brazil, se não sahir da tyrannia militar, convencerá o mundo de que não era digno da liberdade de que gozou durante sessenta annos. As instituições liberaes, a segurança individual, a liberdade de pensamento, a paz, a tranquilidade que o distinguiam tão nobremente na America do Sul, parecerão então resultados ficticios e transitorios de uma organisação politica artificial, superior ao verdadeiro fundo de civilisação dos brazileiros. Haverá quem diga que os povos não podem fugir á fatalidade das leis da sua vida e a tyrannia militar do Brazil de hoje deverá talvez ser considerada o periodo ineluctavel de barbaria, já transposto pelo Chile, apenas terminado

para a Argentina e sob o qual vivem, mais ou menos afflictas, as demais nações latino-americanas.

Até ha pouco tempo, o Brazil destacava-se entre as nações christãs e civilisadas por uma anomalia singular e humilhante. Uma pequena parte da população brazileira era escrava. Os patriotas brazileiros e com elles D. Pedro II apagaram essa vergonha e no Brazil não houve mais senão homens livres. A tyrannia militar entendeu de outro modo a sua missão; e, hoje, se viver sem leis, sempre á mercê do capricho alheio, é viver sem liberdade—póde-se affirmar que, no Brazil, não ha senão escravos.

Frederico de S.

Nota. — A direcção da Revista de Portugal lembra aos seus leitores que esta Publicação, á maneira das outras Revistas europêas, acolhe imparcialmente, em questões de principios, ou em apreciações de factos, todas as opiniões. A Revista apenas exige que os estudos que insere provenham de quem cabalmente possue o conhecimento das coisas; e exige ainda (quando se trate de apreciar acontecimentos como a Revolução do Brazil) que esses estudos não sejam a expressão d'um pensar individual e isolado, mas resumam largas e serias correntes de opinião.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

A maior dôr humana, livro organisado por João de Deus, e offerecido a Theophilo Braga, etc.

Com este titulo, que é tambem o do bello soneto com que Camillo Castello Branco abre o livro, foi ha pouco dado á estampa o volume de poesias offerecido a Theophilo Braga e sua esposa como corôa de saudades para a sepultura de seus filhos.

A iniciativa d'esta publicação, que assim reveste um caracter de affirmação piedosa, de culto poetico pela dôr, partiu de João de Deus, do lyrico encantador cujo temperamento vibra a todos os soffrimentos.

Em frente de paginas d'esta natureza a Critica, n'um discreto recolhimento, quasi não deve analysar curiosamente; regista apenas, como homenagem aos que o inspiraram, o apparecimento do livro, não obstante o valor de alguns dos seus trechos, e vê-o através d'um prisma differente e superior a todos os pontos de vista estheticos, a todas as idéas d'arte: vê-o através d'essa Emoção generosa e imperativa, por cujo impulso somos levados a acompanhar e a consolar os que soffrem, e que é, no meio da melancolica decadencia dos tempos que correm, um dos mais vivos, se não o mais vivo dos clarões que ainda porventura brilhem no horisonte pardo e triste.

A desgraça que feriu um homem de talento, trabalhador e digno, achou ecco em todos, e muitos dos que a sentiram quizeram traduzir-lhe o sentimento de respeitoso dó, mas n'uma fórma artistica, para dar-lhe mais luminosa expressão e vida.

O grande valor do livro está, pois, sobretudo no seu intuito moral. Vale sobretudo como expressão da solidariedade na Dôr — um dos sentimentos que a nossa época comprehendeu melhor do que todas as outras épocas. É uma estrophe delicada do bello e disperso poema da Bondade humana!

Intelligentemente arranjado pela mão de João de Deus, esse ramo de goivos quasi nos conta claramente, só pela sua disposição, o angustioso drama d'essas duas mortes tão proximas, a marcha d'essa desgraça caminhando rapida e esmagando brutalmente os corações de dois pais, cujo livido martyrio nos faz estremecer.

Sem querer estabelecer preferencias entre as diversas poesias do livro, algumas das quaes não foram expressamente escriptas, mas enfeixadas com as outras pelo seu caracter elegiaco, — não deixaremos, no entanto, de mencionar: as de João de Deus, o soneto de Alfredo de Moraes Pinto, que fecha o livro com estes tercetos tão delicados:

«E a dura argilla em torrão,
Temendo ao corpo de neve
Pisar as carnes tenrinhas.

Ao cahir sobre o caixão,
Fez-se leve... leve... leve,
Como pennas de andorinhas,»

as de Luiz Guimarães, algumas estrophes da *Poesia da morta*, de Gomes Leal, a de F. Leal, a de Narciso de Lacerda, as duas ultimas estrophes da de Alvaro de Castellões, e superior a todas o soneto de Camillo Castello Branco, a que já nos referimos, e que reproduzimos:

«Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o céo que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!...
Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos,
Es coração que a dôr empederniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.»

O livro, editado com esmerado amor, termina pelos artigos da imprensa diaria, publicados na occasião da morte dos filhos do nosso amigo e eminente collaborador Theophilo Braga.

Que este considere como uma homenagem de respeito e affecto estas linhas que aqui deixamos, ao fallar d'essa obra dedicada á sua infelicidade...

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

Nota. — O presente numero da REVISTA DE PORTUGAL, que inesperadas circumstancias forçaram a publicar com maior atrazo, achando-se preparado e composto na sua quasi totalidade desde o começo do mez de janeiro, não poderia referir-se aos graves acontecimentos que hoje preoccupam o espirito publico senão em paginas supplementares, e em resumos apressados.

A critica reflectida d'esses acontecimentos fica, pois, reservada para o numero de fevereiro onde ella, de resto, tem por ordem chronologica o seu adequado logar.

TENDENCIAS GERAES

DA

PHILOSOPHIA

NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX [1]

II

O Hegelianismo tinha de ser a ultima grande explosão do dogmatismo na philosophia moderna. Era inevitavel uma reacção. E direi mais: essa reacção era salutar. As idéas fundamentaes do espirito moderno tinham sido affirmadas pelos grandes philosophos allemães do primeiro quartel d'este seculo com uma pujança incomparavel: tinham elles escavado o chão do pensamento a uma profundidade enorme, para lhes procurarem alicerces mais firmes: tinham-nas ligado entre si com a cadêa d'uma deducção logica de resistencia sem exemplo: tinham-lhes, finalmente, feito abranger, no seu prodigioso circuito, um ambito igual ao do proprio universo. Todavia aquella gigantesca construcção não podia sustentar-se por muito tempo de pé e inteiriça. Se as idéas eram as do espirito moderno, a fórma rigidamente systematica que revestiam é que o não era. Ao espirito moderno repugnam-lhe taes systemas fechados e inflexiveis.

[1] Continuado da pag. 20, do numero de janeiro.

Recebe d'elles, de mãos abertas, quanto elles podem dar de bom e novo, mas com a condição de os abandonar depois. O realismo, que o penetra, leva-o a identificar-se com os aspectos cambiantes das coisas, a comprazer-se com a linha sinuosa das realidades; e, se não prescinde de modo algum das idéas como fio conductor no labyrintho da natureza, e até, pelo contrario, o seu naturalismo está todo impregnado de idealismo. não quer todavia que esse fio conductor das idéas se transforme n'uma pesada cadêa, a tolher-lhe a liberdade dos movimentos. Quer receber as suas inspirações immediatamente da realidade, e que essas inspirações então, por uma lenta e surda elaboração, se transformem em idéas e theorias, de que é, de resto, avido: mas não quer que idéas e theorias lhe cáiam já feitas e concatenadas de nenhum laboratorio especial de taes productos. Quer que a sua philosophia tenha alguma coisa de espontaneo e organico, como a mesma natureza que a inspira. Vê-se, afinal, muito mais genuinamente representado por um homem como Gœthe, poeta, artista, naturalista, por cima d'isso viajante e homem do mundo, tendo tambem uma clara orientação philosophica, mas seguindo-a livre e humanamente, do que por um pesado e tenaz constructor de syllogismos, sejam embora esses syllogismos gigantescos e chame-se Hegel o prodigioso constructor d'elles.

Por tudo isto, já uma reacção contra o dogmatismo da philosophia allemã do primeiro quartel d'este seculo era inevitavel. Mas havia mais alguma coisa e mais grave. O *a-prioris-mo* absoluto da philosophia transcendental, aquella pretensão exorbitante de *construir* o universo deductivamente e só com o poder da dialectica, e de reduzir todas as espheras do conhecimento a casos particulares das suas formulas supremas e inquebrantaveis, pareceu (e devemos dizer que não foi sem razão) um verdadeiro attentado contra as sciencias modernas, levantadas, com um labor de tres seculos, pedra a pedra, pela paciente observação e pela inducção cautelosa. O illustre Humboldt, esse naturalista encyclopedico, protestava já contra a impertinencia d'aquelles philosophos, que, nas suas cathedras

de Yena e Berlim, «pretendiam fazer chimica sem molharem as pontas dos dedos.» Era effectivamente arrogancia excessiva: era peor, era um profundo erro. A sciencia é irmã da philosophia, não sua serva. O terreno da especulação está limitado aos primeiros principios das coisas e á analyse das idéas fundamentaes: o grande e variado mundo dos factos pertence inteiro á observação, á experiencia e á inducção. A hypothese, que, geradora da theoria, fecunda a sciencia, é por certo filha legitima da especulação: mas a hypothese não se impõe á sciencia, alumia-a; nem, em todo o caso, se lhe substitue. É necessario que a observação, governada pelos methodos especiaes de cada sciencia, confirme a hypothese, para que ella tenha então fóros de verdade scientifica. A hypothese é pois simplesmente o ponto de contacto e de intersecção da philosophia com a sciencia. É por meio d'ella que as idéas metaphysicas d'uma época, as suas noções fundamentaes, penetram nas sciencias, affeiçoam as suas theorias geraes e lhes fornecem pontos de vista para o seu ulterior desenvolvimento. Outra especie de influencia, influencia directa e particular da philosophia nos dominios da sciencia, é contra a natureza das coisas, que fez com que philosophia e sciencia nascessem no mesmo dia, logo ao alvorecer do pensamento reflectido, irmãs e iguaes, cada uma com sua feição, seus predicados e sua missão bem definida. A cada sciencia, isto é, ao estudo de cada ordem de phenomenos, preside uma idéa fundamental. Póde a philosophia, e é essa uma das suas funcções, apropriar-se d'essa idéa e de todas ellas, para as tornar materia das suas especulações: mas o desenvolvimento *real* d'essas idéas no mundo dos phenomenos só a sciencia o póde seguir e determinar methodicamente, porque só ella tem instrumentos e auctoridade para isso. Á sciencia, a missão de desenhar, com os traços firmes das leis positivas, o quadro do universo na sua variedade e complexidade phenomenal: á philosophia, a missão de interpretar superiormente a significação d'esse quadro e de descobrir ou tentar descobrir a chave do grande enigma.

E quando ousava a «philosophia transcendental» invadir

*

os dominios da sciencia e impôr ou pretender impôr as suas construcções dialecticas á observação e á experiencia? Exactamente quando as sciencias modernas, tomando novo folego na sua carreira tres vezes secular, inventariando á pressa as riquezas já adquiridas, viam alargar-se diante da sua ambição um novo e immenso horizonte e se precipitavam n'aquella direcção com a alacridade de quem conta com o triumpho. Ahi por 1830, que maravilhoso espectaculo! Um novo periodo, com effeito, se abria na historia das sciencias, e abria-o justamente a grande idéa philosophico-scientifica do seculo, a idéa de *evolução*. Ella irrompia, quasi ao mesmo tempo, no chão de todas as sciencias, desde a astronomia, que, passando da mecanica para a physica celeste, e dos movimentos no espaço para as transformações no tempo, se inspirava d'ella na grande hypothese cosmogonica da condensação da nebulosa primitiva, até á anthropologia, a ethnographia e a linguistica apontando em commum, na historia do homem, das suas raças, costumes e linguas, uma série de desenvolvimentos e um progresso, que, por ser muitas vezes tortuoso, não é por isso, no conjunto, menos patente. A physica, banindo a velha opinião dos *fluidos imponderaveis*, encaminhava-se já para a doutrina capital da unidade e correlação das forças physicas e, restaurando a hypothese cartesiana do ether, ia dar-lhe, ligando-a áquella doutrina, um alcance imprevisto: emquanto a chimica, não contente com ter surprehendido as affinidades intimas da materia, as dominava e como que disciplinava, passando da analyse á synthese, e pelas mãos de Berzelius, Dumas, Davy, Gay-Lussac, Liebig, *criava* corpos, corpos inorganicos a principio, mais tarde corpos organicos, demonstrando assim praticamente a circulação, no universo, d'uma mesma materia disfarçada na variedade das formas. Mas é no campo da geologia e das sciencias da organisação que a renovação intellectual provocada pela idéa de *evolução* se torna mais evidente. A geologia, depois de Cuvier, Leopoldo de Buch, Alex. de Humboldt, E. de Beaumont, Buckland, Lyell, C. Prévost, encontra a base da sua construcção theorica e torna-se essencialmente geogenia, isto é,

a sciencia d'uma evolução: o globo é quasi um sêr vivo, que se desenvolve. E pela paleontologia, que é um dos seus ramos, liga-se a geologia ás sciencias da organisação, onde a idéa de *evolução* ia provocar a mais fecunda das revoluções. Os grandes precursores de Darwin, Lamarck e Geoffroy Saint-Hilaire, tinham já apparecido: e se o *transformismo* se não precisára ainda no rigor das suas leis mecanicas, a theoria estava já todavia esboçada e a famosa discussão, na Academia das Sciencias de Paris, entre Cuvier e Saint-Hilaire revelou ao mundo scientifico o poder e alcance da nova doutrina. Finalmente, a anthropologia transformava-se n'uma verdadeira sciencia natural e começavam a apparecer irrecusaveis os testemunhos das origens animaes do homem, emquanto a linguistica, na sua subtil analyse e caminhando de inducção em inducção, apontava, na linguagem humana, para um periodo remoto em que á simplicidade e pobreza extrema das formas de expressão devia corresponder a rudeza primordial do pensamento, todo dominado ainda pelo instincto. O vasto quadro do universo e da humanidade, desenhado pela mão da sciencia, completava-se rapidamente com traços cada vez mais firmes, e uma concepção geral da natureza, animando o quadro, dava-lhe uma expressão não só de vida mas de alta intelligencia. As sciencias, na segunda metade do seculo XIX, tendo-se assenhoreado de idéas capitaes e fecundissimas, possuindo methodos proprios e de grande rigor assim como uma logica sua, a da inducção, julgavam achar-se com direito e com força bastante para desenharem esse quadro segundo as suas proprias inspirações. Reconheçamos que era, pelo menos, mal escolhido o momento pela philosophia transcendental para vir impôr a essas diligentes e poderosas obreiras os seus planos *a priori*.

Mas não eram só as sciencias positivas que repelliam as pretensões da nova metaphysica. A historia, que durante a primeira metade d'este seculo se tinha apossado d'um dominio immenso deixado quasi vacante pelos seculos anteriores; que renovára os seus methodos e com esses methodos renovados abrira um largo sulco de luz no tenebroso passado, resuscitando civi-

lisações esquecidas e interpretando-as com uma lucidez imprevista, com um espirito novo, nas suas instituições, no seu sentir, no seu genio, e estava então representada por homens como Guizot e Thierry, como Niebuhr, Savigny, Bœckh, Bunsen, Movers, Ewald, Voigt, Baur, Ranke, Otfried Mueller—para só nomear os mais illustres; a historia protestava contra a imposição das inflexiveis *construcções*, pretendidas historicas, de Hegel e da sua escola. A historia tinha encontrado, é certo, n'esse seu revolver de tanta poeira humana, leis naturaes e leis moraes, uma certa regularidade e necessidade na grande trajectoria dos factos: mas, ao lado d'isso, encontrára tambem alguma coisa que não parecia depender de lei ou necessidade conhecida e que theoria alguma da humanidade, por mais ampla e complexa, lograria nunca prever: tinha encontrado o *fortuito*. Providencia? acaso? liberdade humana? Tudo é possivel: mas o certo é que estava ahi um elemento irreductivel á theoria, elemento consideravel, de mais a mais, mas ainda que o não fosse, bastante, só pelo facto de existir, para despedaçar os systemas historicos mais bem *construidos* e para inhibir qualquer espirito recto de se embrenhar no estudo do passado com idéas preconcebidas e systematicas. Não ha philosophia da historia, diziam esses grandes historiadores: ou, se uma philosophia da historia é possivel, será só pela analyse e comparação dos factos, pela inspiração immediata do genio da humanidade, latente nas suas obras, e por uma vasta cadêa de inducções, que ella poderá ser estabelecida. As civilisações succedem-se: mas onde está a necessidade d'essa successão? Em virtude de que lei é que uma raça virgem apparece, á hora precisa e no logar marcado, para addir a herança d'outra raça que desfallece no caminho da civilisação? E os grandes homens, agentes livres no drama da historia, que necessidade os faz nascer no momento aprazado e lhes protege a existencia. durante a infancia e depois, para que não desappareçam antes de terem cumprido a sua missão? Se Napoleão tivesse morrido em Arcole? Se Alexandre não tivesse contrahido uma febre paludosa bordejando nos charcos de Babylonia? Se Paulo, o

verdadeiro fundador do Christianismo, na sua vida errante de operario, nunca tivesse ouvido fallar em Jesus de Nazareth? Se os Persas tivessem vencido em Marathona? Se um cyclone tivesse afundado o navio de Colombo no meio do *gulf-stream?* Se... se... se...?

Onde está a necessidade em tudo isto? E todavia, a teia da historia é urdida com estes accidentes. Se d'elles abstrahirmos, poderá ainda subsistir uma historia, mas por certo tão outra do que é e tem sido, tão essencialmente outra, que nem sequer conseguimos formar uma idéa do que possa ser uma historia necessaria como o desenvolvimento d'um syllogismo ou d'uma equação.—Assim diziam aquelles grandes historiadores, e diziam bem. Hegel, decididamente, não tinha razão.

A historia não é a metaphysica. As idéas metaphysicas dominam e penetram a historia, não a fazem. Na ordem dos factos, não se póde construir *a priori* o que não se conheça já *a posteriori*. Sem direcção metaphysica não poderá nunca haver verdadeira e superior comprehensão da historia: mas, comtudo isso, os historiadores continuarão a procurar o encadeamento e a lei *real* dos factos no estudo critico dos mesmos factos e deixarão sempre uma larga margem áquelle factor—necessario, sem duvida, como tudo, mas d'uma necessidade que escapa á razão, embora provavelmente não esteja fóra da razão—a que chamarão, cada um conforme a cambiante philosophica do seu pensamento, Providencia, acaso, liberdade, ou simplesmente, o desconhecido.

Se a historia protestava em nome do que ha de não-necessario na ordem dos factos humanos, contra a grande *construcção* hegeliana, protestava contra ella a psychologia em nome da liberdade moral e da consciencia. Protesto de significação bem grave! Aquella voz da consciencia, obscura e sumida como parece no meio dos mil rumores do mundo, se póde sempre, e ás vezes quasi só com um suspiro, fazer cahir algemas e derrubar bastilhas seculares, será potente bastante para desmanchar e dissolver os systemas mais tenazmente entretecidos dos philosophos. Ora a sciencia que pretende, escutando ás portas da con-

sciencia, revelar ao mundo os seus mais intimos segredos, chama-se a psychologia. É a sciencia da alma. Mas o que é a alma? Todos o sentem mais ou menos vagamente, mas ninguem logrou ainda definir com clareza essa mysteriosa entidade, nem até dissipar completamente as duvidas que sempre tem havido a respeito da sua existencia. Não pensavam por certo assim os graves Escocezes, que, durante a segunda metade do seculo passado, fundaram a mais illustre entre as escolas da psychologia moderna — Reid, Dugald-Stewart e os discipulos d'estes. Puritanos convictos, excellentes cidadãos, paes de familia exemplares, homens de fé ao mesmo tempo que homens de meditação, a alma para elles não era uma hypothese, fluctuando ao capricho das argucias dos sophistas, mas uma realidade, uma suprema realidade, que affirmavam continuamente, tanto na virtude das suas vidas sãs e rectas, como nas immortaes esperanças d'uma outra existencia. Professores d'uma universidade protestante afamada pela honestidade da sua disciplina intellectual, quizeram pôr um dique á onda do scepticismo, que, depois de Locke e Hume, ameaçava, no seu entender, subverter os bons principios e, com elles, os bons costumes. A isso mesmo os convidava a sua fé de christãos e o seu zelo de patriotas. E como eram, ao mesmo tempo, homens de grande saber e espiritos penetrantes e meditativos, resolveram fazer uma sciencia d'essa voz do proprio sentimento intimo. Fecharam os livros e interrogaram a consciencia. A consciencia respondeu-lhes, como era de esperar que respondesse a taes homens, confirmando-os em todos os seus nobres sentimentos, affirmando a existencia, autonomia, espiritualidade e immortalidade da alma, affirmando o dever e a liberdade humana. Eram grandes affirmações estas, sem duvida alguma, mas não bastavam a constituir uma sciencia. Responderia com igual clareza a consciencia interrogada sobre as diversas faculdades da alma, a sua essencia, a sua relação com o corpo a que anda ligada, a origem das idéas, a determinação da vontade pela razão e a conciliação d'esse determinismo com a liberdade, a raiz da moral, finalmente, e a sua sancção? Infelizmente não respondeu. A psychologia esco-

ceza perdeu-se n'um dedalo de distincções, divisões e sub-divisões, de analyses subtis e contradictorias, e o que parecia simples acabou por se tornar extremamente obscuro e duvidoso. A famosa sciencia não se constituiu e a psychologia escoceza ficou-se afinal n'uma especie de metaphysica vaga, acanhada e, para tudo dizer, inferior.

Não importa. Não se tinha constituido uma sciencia da alma e, pelo caminho da observação directa da consciencia, resolvido o problema do sêr. Mas, em face do scepticismo e do sensualismo, um momento triumphantes, em face lambem do fatalismo das sciencias da natureza, que já deixavam adivinhar as suas tendencias, e d'esse outro fatalismo mais seductor dos systemas metaphysicos, que iam surgir em breve, não foi perdido aquelle protesto da consciencia. O que ficára liquido, se era pouco comparado com as ambições d'uma sciencia definitiva do espirito, era ainda assim alguma coisa, era até muito, humana e historicamente fallando: era o reconhecimento da unidade e autonomia do *eu* e d'aquelle fundo sentimento da sua propria liberdade e intima dignidade moral, que, sob pena de decadencia e degradação, nunca no homem se poderá obliterar. E quem bem considerar talvez encontre que ainda n'esta esphera reservada do sentimento intimo se fazia sentir a influencia omnipotente das noções capitaes da *força* e *immanencia:* infiltrando-se, do pensar geral, n'essa região profunda, ellas teriam, não inspirado, por certo, mas estimulado o sentimento innato da autonomia e da liberdade do *eu*. Pouco importa que, scientificamente, a psychologia dos Escocezes tivesse um valor só muito relativo: ella representa entretanto um facto historico consideravel, uma grave affirmação da alma moderna reivindicando, por assim dizer, o seu direito sobre si mesma, proclamando-se obreira do seu proprio destino, criadora da sua propria finalidade, espontanea nas suas determinações, e repellindo, como sugestões degradantes, as idéas ainda as mais subtis e engenhosas, que possam entibiar a sua energia moral. Ora, se o sentimento moral não é a philosophia nem se póde substituir á philosophia, é muito certo tambem que philosophia algu-

ma, que o sentimento moral reprove, poderá prevalecer contra elle. N'este sentido, póde dizer-se que os Escocezes conseguiram o seu fim.

Uma grande nação, que acabava de dar ao mundo um exemplo assombroso d'aquella energia que a paixão do direito inspira e que tem no sentimento moral as suas raizes mais fundas, mas que, esquecendo bem depressa esses dictames do senso intimo, ebria com a propria força e cega de orgulho, precipitando-se através de terriveis aventuras, cahira afinal sob o peso da reprovação geral e sob o peso maior ainda da sua má consciencia, essa grande nação, desnorteada, duvidando de si, duvidando do direito, revoltada ainda, mas já inclinada á contrição, foi buscar ás suas placidas cathedras de Edimburgo e Aberdeen aquelles mestres graves e meditativos e quiz fazer d'elles seus directores espirituaes. Precisava com effeito d'uma direcção prudente e temperada e de ser aplacado pela voz dos sabios aquelle espirito dorido mas sempre inquieto. Servia-lhe, n'aquella hora de incerteza, o ensinamento humano e calmante dos pensadores da Escocia. Mas como a França, que imita quasi sempre, é sempre original na sua maneira de imitar, succedeu que o discipulo não tomou do mestre senão aquillo que lhe agradou e pareceu convir-lhe. Tinha por outro lado em casa, na tradição do seu grande seculo XVII, alguma coisa que se parecia um pouco com as doutrinas dos Escocezes e que, em todo o caso, ia bem com ellas: tinha Descartes, Malebranche, Fénelon. Misturando uma coisa com a outra, criou aquelle producto curioso e bem francez, fragil mas elegante, de pouco peso mas de boa apparencia e util commodo: o espiritualismo do seculo XIX. Não desdenhemos todavia d'esse espiritualismo. A fé philosophica de homens como Royer Collard, Maine de Biran, Jouffroy, Cousin, Ravaisson, não é para provocar desdens. Inspirou um grande e brilhante cyclo litterario: amparou milhares de consciencias vacillantes, n'um periodo de transição cheio de incerteza, de amargos pezares, de inquietas aspirações: criou uma escola de moralistas eloquentes: identificou-se com as causas mais nobres, pugnando pelo direito e pela liberdade dos po-

vos: forneceu o pão do espirito, não só em França mas por toda a Europa latina, a duas gerações por certo não indignas da historia. Nada d'isto é para provocar desdens. Mas, em summa, esse espiritualismo nunca chegou a ser uma philosophia. Em primeiro logar, não tem methodo. Eclectismo para uns, psychologia para outros, ora invocando o processo da analyse intima (os famosos *factos de consciencia*), ora o processo historico, ficou sempre no estado de tendencia, sem poder definir rigorosamente a sua verdadeira direcção. Depois, o que é uma philosophia que se concentra toda no estudo do homem moral e n'uma ontologia de mythos e abstracções realisadas, Deus, a alma, o finito, o infinito? Dir-se-hia que para taes philosophos nao existiam corpos, nem natureza, nem leis naturaes. O espiritualismo de Descartes, justamente porque era systematico e porque era de natureza metaphysica, levou-o á physica, procurando aquella intelligencia penetrante encontrar alli a comprovação dos seus principios transcendentes, e encontrando-a, pois foi um dos fundadores da physica moderna. Estes seus pretendidos discipulos, não sendo nem metaphysicos nem systematicos veem-se condemnados a ignorar o universo real, que entregam, como coisa estranha á philosophia, aos homens de sciencia, escapando-lhes assim a comprehensão e até quasi a noção das idéas capitaes do espirito moderno. Comprehende-se a indifferença ou o desdem com que o espiritualismo da escola de Cousin foi sempre olhado pelos homens de sciencia. Nada lhes dizia: era para elles, segundo a expressão de Taine «uma philosophia litteraria.»

Mas essa psychologia, na qual, a bem dizer, se concentrava isso a que os espiritualistas denominavam tão vaga quanto ambiciosamente «as sciencias philosophicas» (como se todas as sciencias não fossem philosophicas, ou houvesse algumas que o fossem mais especialmente), era ella ao menos uma verdadeira sciencia? E, suppondo a affirmativa, por que razão ainda assim seria ella, essa sciencia d'um mundo tão particular de phenomenos, a reguladora de todos os nossos conhecimentos e a chave da abobada da philosophia? Mas a psychologia, tal como os

espiritualistas a conceberam, nem sequer era uma sciencia. O seu methodo, a analyse intima e immediata, é uma pura illusão: ninguem póde *sentir* e estudar ao mesmo tempo *scientificamente* os proprios sentimentos. E depois, quando podesse, onde estava a verificação? como era ella possivel? Os famosos «factos de consciencia» reduzem-se pois a um certo numero de affirmações fundamentaes do senso moral ou de operações simples, constantes e frequentes do entendimento, do sentimento ou da vontade, chão mil vezes trilhado, mil vezes explorado, desde a antiguidade, por philosophos, moralistas, litteratos e poetas, e onde por certo não ha descobertas a fazer. Resta a ideologia propriamente dita: mas n'esse terreno, que os levaria á metaphysica, nunca os espiritualistas ousaram dar um passo. Finalmente, o seu dualismo, em vez de ser, como o de Descartes, preciso e fecundo em applicações, porque radical e systematico, é vago e por conseguinte esteril. O seu Deus é um Deus de poetas, não de philosophos. E nem bem de poetas: faltou-lhes, para o fazerem tal, o vigor da imaginação rica e independente, o calor de sentir virgem, a liberdade do grande sonho poetico. Por um lado, a religião positiva constrangia-os, obrigava-os a uma prudente reserva: pelo outro, as sciencias, pouco credulas, intimidavam-nos, gelavam-nos. Só poderam produzir um mytho de escola e um simples Deus official.

Quer isto dizer, por conseguinte, que seja de pouco alcance e pouco peso o protesto lavrado pelos espiritualistas, em nome da consciencia, contra as tendencias fatalistas e o panlogismo da nova philosophia allemã? De modo algum. Para fallar em nome da consciencia humana lesada, não é necessario ser-se philosopho. Tal protesto, ainda na bocca do homem mais rude, deveria sempre ser escutado com respeito. A auctoridade das consciencias não se pesa na balança das escolas. Para fallar em nome do que é essencialmente humano basta ser-se homem. Mas, além d'isso, esses que erguiam a voz contra as temeridades da nova philosophia allemã eram não só intelligencias cultissimas, mas altos e nobres espiritos muitos d'elles, caracteres rectos, homens em quem a humanidade podia bem de-

legar os seus poderes e achar-se dignamente representada. Tanto bastava e era até já de sobejo. A verdade é que, no fundo d'esta questão de philosophos, estava uma questão humana, de larga e fundamental importancia humana. A metaphysica, na sua absorvente dialectica, é atreita a esquecer que os individuos não são abstracções, simples determinações logicas d'uma idéa, mas seres reaes, autonomos, cujo principio de acção reside nas profundezas da sua propria natureza, constituindo um verdadeiro *em si*, distincto e irreductivel, e não um momento transitorio de alguma substancia só e verdadeiramente existente na sua vaga universalidade. Pelo menos, tal tem sido sempre a universal affirmação da consciencia humana, e não parece que dialectica alguma possa destruir no homem este intimo e energico sentimento. Mais do que outro qualquer systema metaphysico, o da nova philosophia allemã, arrastando e como que triturando todos os seres na sua poderosa engrenagem, substituindo á realidade a dialectica, parecia annullar os individuos, fundidos na absoluta unidade do sêr-idéa, e supprimir a liberdade como incompativel com a necessidade logica dos desenvolvimentos d'esse sêr. Por muito profunda que fosse a concepção hegeliana da historia, da politica, da ethica—e era-o, sem duvida alguma—, por muito subtis que fossem as suas distincções—e eram-no tambem—, esta objecção surgia irresistivelmente e, ainda quando não ia até condemnar o systema em globo, apontava em todo o caso para uma lacuna gravissima, um aleijão de nascença que tornava suspeita a sanidade de todo o organismo. E, torno a dizel-o, essa objecção não era só philosophica: era *humana:* d'ahi a sua grande força. Em face d'essa necessidade superior dos desenvolvimentos do sêr-idéa, substituindo-se nos individuos ao seu principio intimo de acção, onde ficavam, o que eram o esforço intrepido dos heroes, as luctas secretas da virtude e os seus dolorosos triumphos, a abnegação sublime dos martyres, a renúncia voluntaria dos bons e dos justos, onde ficava o dever e a liberdade e toda a nobreza moral que estas duas palavras exprimem? Coisa curiosa, aqui n'esta profunda região do senso in-

timo e da verdadeira realidade humana, os espiritualistas, pouco philosophos, nada metaphysicos, pareciam representar mais genuinamente essas idéas de *força* e *immanencia*, de que o Hegelianismo é a mais vasta e poderosa systematisação, do que o mesmo Hegel e o seu systema!

Dentro de que limites exactos têm razão os espiritualistas contra a metaphysica? E o que logo verei se posso precisar. Mas abre-se aqui uma questão mais vasta. Esse protesto da consciencia abrangia não só a philosophia transcendental dos allemães e, em geral, toda a metaphysica systematica, como, por outro lado, as tendencias mecanistas e deterministas das sciencias. Era pois uma verdadeira crise do pensamento contemporaneo que se manifestava. Metaphysica e sciencia, uma pelo caminho da deducção, a outra da inducção, chegaram ambas a um resultado, que, aos olhos dos espiritualistas — representantes n'este particular, deve reconhecer-se, do sentir mais geral da maioria não philosophante mas entretanto pensante — parece pôr em risco as verdades mais caras ao sentimento moral e dever envenenar as mesmas fontes da vida espiritual dos homens. A crise póde exprimir-se por esta antithese: espiritualismo e liberdade, d'um lado, mecanismo e determinismo, do outro. Poderá resolver-se esta formidável antithese? E, se não póde, onde fica então aquella synthese do pensamento moderno, que eu atraz não só declarei possivel mas até annunciei como altamente provavel? Talvez o problema não seja tão difficil como parece á primeira vista. Em todo o caso, antes de entrarmos no coração d'elle e de nos precipitarmos *in medias res*, convirá examinar mais de perto a situação presente e vêr com que elementos devemos contar.

Os dois factos mais consideraveis da historia da philosophia na segunda metade do seculo actual são, por um lado, o descredito da especulação metaphysica systematica e das ambiciosas construcções *a priori*, e o consequente predominio do processo inductivo e do espirito scientifico; por outro lado, a transformação ou antes visceral renovação do caduco espiritualismo, retemperado no criticismo Kantiano e n'uma psychologia

de tendencias verdadeiramente scientificas. Dois factos do maior alcance. Comecemos pelo primeiro.

O descredito em que cahiu o *a-priorismo*, representado sobretudo pela «philosophia transcendental» dos allemães, era justificadissimo. Já atraz disse o que ás suas exorbitantes pretensões oppunha tenazmente o espirito scientifico. Accrescentarei agora que, ainda no campo dos metaphysicos, elle provocava, e com razão, vivos protestos. Não está tudo, com effeito, em admittir a «identidade do sêr e do saber», esse como que dogma da moderna metaphysica. Para que, em virtude d'essa identidade, nos considerassemos auctorisados a extrahir do *saber* (a razão), deductivamente e sem recorrer a outra fonte do conhecimento, o *sêr* (o mundo objectivo), fôra ainda necessario que essa razão, que *se sabe*, se soubesse completamente e com igual segurança e nitidez em todas as suas espheras, de tal sorte que não só visse em si mesma o *sêr*, (o que se admittia), mas o visse igualmente claro em todos os seus elementos e na ordem e relações necessarias d'elles. Ora era isso o que não se admittia. A razão não tem de si mesma esse conhecimento total e infallivel. Seria sempre temerario suppol-o; mas a temeridade tomava proporções inauditas em contemporaneos e discipulos de Kant, do homem que, vindo depois de mais de 2:500 annos de sondagem philosophica do entendimento e tendo chegado mais ao fundo do que todos os seus antecessores, acabava de mostrar quanta incerteza e quanta ignorancia se envolve n'esse conhecimento que a razão tem de si propria. A verdade, tudo o attesta, é que a razão só imperfeitissimamente se conhece: com uma certa intimidade, só nos seus elementos fundamentaes, nas suas grandes faculdades e noções. E, se ella é a expressão superior do sêr, isso mesmo nos leva a crêr que, immensa como deve ter sido a sua evolução até esse ponto culminante, estará tão longe d'aquella região inferior, que é o mundo objectivo, (e ainda do subjectivo das sensações, das paixoes e dos sentimentos, que para a razão é tambem *objecto*), que a noção dos estados obscuros e rudimentares d'onde partiu, mas que lhe ficam tanto para traz, se deve ter obliterado e

confundido na sua actual consciencia superior: da mesma fórma, se é licita a comparação, que um homem adulto só muito vagamente conserva a noção (quando a conserva) das idéas e sentimentos da sua primeira meninice. Evidentemente a metaphysica, arrastada no vôo da poderosa imaginação poetica allemã, extraviara-se e era necessario chamal-a cautelosamente ao bom caminho.

Mas este descredito das grandes construcções *a priori* não significava falta de confiança no poder e auctoridade da razão, nem implicava uma renúncia á especulação e á philosophia. Pelo contrario, póde bem dizer-se que um recrudescimento de espirito philosophico é uma das caracteristicas da segunda metade do nosso seculo. Somente, a par com esse recrudescimento, dá-se uma mudança no temperamento da philosophia: de metaphysica torna-se scientifica; de transcendental, realista; de deductiva, inductiva. Querem-se idéas, mas que as idéas se adaptem o mais perfeitamente possivel aos factos, não que pairem, em largo vôo, por cima d'elles. É esta nova tendencia que se patenteia na *Philosophia Positiva* de Augusto Comte, na *Philosophia da Evolução* de Herbert Spencer, na *Logica* de Stuart Mill, no livro *Da Intelligencia* de Taine e n'outras obras consideraveis d'este tempo. Procura-se chegar á synthese pelo caminho da inducção; procura-se até construir a metaphysica partindo da experiencia só e dos factos. Todos almejam por imprimir á especulação um caracter positivo.

E se os philosophos se fazem homens de sciencia, os homens de sciencia dão-se resolutamente a philosophar. As sciencias, no decurso do seculo actual e particularmente depois de 1830, tendo completado o seu immenso quadro collectivo e senhora cada qual das idéas fundamentaes e do methodo proprio da ordem de phenomenos que estuda, adultas, apoiando-se umas nas outras e cada uma na base prodigiosa de myriades de factos accumulados e classificados, as sciencias acharam-se robustas bastante para emprehenderem no seu proprio terreno uma larga generalisação, concatenando entre si os seus principios capitaes. Ou antes, esta generalisação e systematisação

dos principios das sciencias fez-se por si e espontaneamente, sahiu como que por um processo organico do mesmo desenvolvimento do espirito scientifico chegado á sua idade adulta e tomando plena consciencia de si mesmo. Brotou assim, do chão das sciencias, como seu espontaneo producto, uma philosophia da natureza bem diversa d'aquella a que os metaphysicos nos tinham acostumado. Se na outra circulava um sopro de idealismo, que tudo penetrava e vivificava, n'esta o realismo é o caracter dominante, é a sua mesma alma. Filha da sciencia, reproduz as feições da sua austera mãe. D'essas feições a mais fundamental é o mecanismo. A sciencia é levada, pela mesma natureza das faculdades que a geram, a procurar os elementos irreductiveis dos phenomenos complexos, decompondo a apparencia enganosa das coisas e resolvendo-a em factos ultimos, os unicos que podem ser apreciados com rigor, até ao ponto de entrarem em formulas mathematicas, expressão completa da perfeição scientifica. Explica pois o complexo pelo simples.

Mas esses factos ultimos, justamente porque foram despojados das *qualidades segundas* que revestem nos phenomenos, caem completa e exclusivamente no dominio da mecanica. O residuo objectivo de toda a sensação é sempre, em ultima analyse, um movimento: os factos ultimos da sciencia são pois simples movimentos, forças elementares, nada mais. Tal é a razão da inevitavel tendencia mecanista da sciencia, tendencia que uma philosophia scientifica da natureza não podia deixar de reproduzir. Mas do mecanismo sae necessariamente o determinismo, e é essa com effeito a segunda feição caracteristica que a nova philosophia da natureza herdou da sciencia, sua mãe. O mundo da mecanica é o mundo da necessidade. Reina alli, d'uma maneira absoluta, o principio da causalidade mecanica. Não se concebe movimento que não tenha atraz de si outro movimento: nenhum se cria, assim como nenhum se destroe. Uma acção é provocada por outra e a sua intensidade é medida pela intensidade da que a provocou. Tudo alli se passa segundo leis simples e ferreas, nem ha lá logar para o acaso ou a Providencia, assim como o não ha para a espontaneidade:

uma série de factos chama outra série de factos, e os phenomenos succedem-se n'uma ordem invariavel e fatal, ordem que por isso mesmo póde ser rigorosamente conhecida, descripta e prevista. A precisão da sciencia funda-se n'esta ancora, e uma philosophia scientifica da natureza tinha de ser determinista, pela mesma razão por que tinha de ser mecanista.

Se os factos ultimos a que a sciencia chega, como ao seu fundo alicerce, são simples e uniformes, os phenomenos que d'elles resultam é que são todavia complexos e variadissimos. Mas esse mundo phenomenal, multiplo nos seus aspectos, é ao mesmo tempo regular. Os phenomenos apresentam-se em séries, e estas conservam-se entre si n'uma ordem determinada. As séries encadeiam-se e succedem-se, sahindo cada uma da anterior e apoiando-se n'ella. O mais simples precede o mais complexo, este é uma transformação d'aquelle. A fórma geral do universo é pois a d'uma evolução. As sciencias, na sua série hierarchica, desde a mathematica até á sociologia, representam abstractamente essa evolução e, como um espelho, reflectem a ordem e desenvolvimento do mundo phenomenal. Uma philosophia scientifica da natureza tinha pois de ser uma philosophia evolucionista, e é esta com effeito a terceira feição caracteristica da grande generalisação scientifica dos nossos dias. Mas ha duas maneiras de comprehender a evolução. A dos metaphysicos allemães caminhava sim do simples para o complexo, mas ajuntando, em cada momento da evolução, ao typo inferior, para o fazer passar a superior, um elemento novo, um *augmento de ser*, que lhe provinha da virtualidade infinita da *idéa* (da substancia) no seu processo de desenvolvimento. A evolução tinha pois, segundo elles, um conteúdo verdadeiro, era essencialmente substancial. Para a philosophia scientifica da natureza, porém, não ha tal virtualidade, visto não haver tal *idéa*. O seu ponto de partida não é nenhuma substancia metaphysicamente concebida e previamente dotada de um poder de renovação incessante de si mesma nas suas manifestações, mas sim só aquelles factos ultimos da sciencia, elementos mecanicos simples, nada contendo em si além da sua mesma natureza mecanica e

por isso destituidos de toda a virtualidade. Ella tem pois, fiel mais uma vez ao espirito da sciencia, de explicar o superior pelo inferior, o que equivale, no fundo, a reduzir o superior ao inferior, e de conceber o complexo como resultando puramente d'uma accumulação de simples, o que equivale ainda a admittir que o mesmo ajuntado ao mesmo produz o diverso. A evolução, n'este ponto de vista, é propriamente um estado progressivo de complicação e nada mais. É, por conseguinte, só formal. No fundo, a evolução, segundo a philosophia scientifica da natureza, é uma apparencia e nada contém em si de substancial: o substancial e o verdadeiramente existente são só aquelles elementos mecanicos de que tudo é feito, em que tudo se resolve e cuja complicação gera a phantasmagoria do mundo phenomenal. Arrastados nas espiraes sem termo de um turbilhão incessante, esses elementos chocam-se, reagem, aggregam-se e desaggregam-se, encadeiam os seus movimentos, combinam-se mais e mais: mas, considerados em si mesmos, conservam-se sempre simples, uniformes, inalteraveis e estranhos, por assim dizer, á diversidade e riqueza de aspectos que produzem, diversidade e riqueza que só são taes no espirito de quem as contempla, em si não existentes, puro phenomeno. Reduzido assim a uma illusão subjectiva o que dava á evolução a sua substancialidade, excluido qualquer augmento de ser, qualquer superioridade verdadeira, o universo, aggregado uniforme regido por leis mathematicas, dissolve-se n'uma vasta mecanica de forças elementares.

Esta concepção do universo, resultado da elaboração scientifica de quatro seculos, apparece-nos como alguma coisa simples e grandiosa e, ao mesmo tempo, tenebrosa e desolada. É immensa e todavia falta-nos o ar. É que esta concepção não é o producto harmonico de todas as faculdades do espirito humano, mas sómente o producto especial de certas. O que lhe falta é o que falta á intelligencia scientifica. A intelligencia scientifica, sendo positiva, tem de se collocar, e sem nunca sahir d'elle, no terreno dos factos; sendo precisa, tem de ir procurar debaixo dos phenomenos complexos e cambiantes aquelles ele-

mentos irreductiveis e constantes, os unicos susceptiveis de avaliação rigorosa; sendo realista tem de aceitar esses elementos taes como se lhe apresentam, sem indagar se n'essa idéa immediata que d'elles fórma não haverá porventura alguma grande illusão, se ella não envolve algum fundo problema ontologico, que lhe escapa. D'esta sua attitude em face da realidade resulta um ponto de vista limitado, o que quer dizer incompleto. É a experiencia no seu maximo de organisação, mas é sempre a experiencia. A base do seu edificio é estreita: generalisa impressões e d'ellas tira inferencias, mas os resultados mais elaborados d'esse processo lá trazem sempre o cunho da origem, que é sensual. D'ahi, o ponto de vista por excellencia sensual, o do mecanismo. O mecanismo é o maximo grau de abstracção de que a intelligencia é capaz dentro dos limites e com os dados da sensibilidade, mas é só isso. Reduzindo tudo, por este processo, a elementos mecanicos, reduziu tudo aos elementos primitivos da sensibilidade e nada mais. Limitou por conseguinte o sêr á sua esphera primeira e inferior. Por mais que faça e quanto mais fizer é só isso o que ha de achar no fundo do seu formidavel cadinho. O universo da sciencia, feito á imagem d'essa intelligencia que opera só sobre dados primitivos e elementares, é pois um universo inferior e elementar: foi como que amputado dos seus orgãos mais nobres. É, pela mesma razão, um universo abstracto. A verdadeira realidade, concreta, viva, espontanea, falta-lhe: faltam-lhe as idéas superiores, as que alumiam, interpretando-as, as inferiores, as fornecidas pela sensibilidade. É por isso que as grandes explicações da sciencia, no fundo, nada explicam. Um profundo mysterio continua a envolver o universo que ella acaba de explicar: o mysterio das idéas, que é o mysterio do que na consciencia está para além da sensibilidade, região obscura onde assentam essas explicações. Assim como o movimento, a que tudo reduz, é um movimento sem causa e sem fim, e a necéssidade, a que tudo submette, é destituida da razão e incomprehensivel, assim tambem a evolução, em cuja espiral faz mover-se esse mundo cego e fatal, privada de verdadeira substancia, explicando o concre-

to pelo simples e reduzindo o superior ao inferior, não tem realidade propria e é, no fundo, uma apparencia vã e uma pura illusão subjectiva.

De tudo isto resulta uma concepção das coisas extremamente precisa, mas limitada á esphera inferior do sêr e por isso abstracta e inexpressiva. D'ahi o que quer que é de glacial e morto na sua lucidez. É um universo que se move nas trevas, sem saber porque nem para onde. Não o alumia a luz das idéas, não lhe dá vida a circulação do espirito. Paira sobre elle um mudo fatalismo. A inerte serenidade, que inspira a sua contemplação, é muito semelhante ao desespero. A sua belleza puramente geometrica tem alguma coisa de sinistro. Nada nos diz ao coração, nada que responda ás mais ardentes aspirações do nosso sentimento moral. Para quê, um tal universo? e para que, viver n'elle? Nada alimenta tanto o morbido pessimismo dos nossos dias como este gelido fatalismo soprado pela sciencia sobre o coração do homem. Esta desoladora impressão quão bem a exprimiu o poeta das *Chimeras* n'estes versos admiraveis:

Dieu n'est plus! Tout est mort! J'ai parcouru les mondes,
Et j'ai perdu mon vol dans leurs chemins lactés,
Aussi loin que la vie, en ses veines fécondes,
Répand des sables d'or et des flots argentés:

Partout le sol désert côtoyé par des ondes,
Des tourbillons confus d'océans agités...
Un souffle vague émeut les sphères vagabondes,
Mais nul esprit n'existe en ces immensités.

En cherchant l'œil de Dieu, je n'ai vu qu'une orbite
Vaste, noire et sans fond, d'où la nuit qui l'habite
Rayonne sur le monde et s'épaissit toujours;

Un arc-en-ciel étrange entoure ce puits sombre,
Seuil de l'ancien cahos dont le néant est l'ombre,
Spirale engloutissant les mondes et les jours!

N'esse abysmo, «onde se engolfam os mundos e os dias», quantos hoje, desesperando das divinas promessas da voz interior, que tudo parece contradizer, não desejam afundar-se e sumir-se, esquivando-se á cadêa fatal dos sêres e fugindo para sempre ao phantasma gigante da necessidade e ás suas ferreas leis!

Mais si rien ne répond, dans l'immense étendue,
Que le stérile écho de l'éternel désir,
Adieu, déserts où l'âme ouvre une aile éperdue!
Adieu, songe sublime, impossible à saisir!

Et toi, divine Mort, où tout rentre et s'efface,
Accueille tes enfants dans ton sein étoilé;
Affranchis-nous du temps, du nombre et de l'espace,
Et rends-nous le repos que la vie a troublé.

LECONTE DE LISLE.

É pois um erro, uma illusão monstruosa esta concepção mecanica do universo, que resulta da grande synthese scientifica dos ultimos 40 annos? De modo algum. É uma verdade fundamental, mas circumscripta, positiva dentro dos seus limites, mas incompleta na medida da estreiteza d'esses limites. Já vimos que estes são os da mesma intelligencia scientifica. E assim como os dados empyricos sobre que opera a intelligencia scientifica são o *substratum* sobre que assentam as mais altas operações da razão, assim a sua concepção mecanica será o *substratum* do conhecimento racional do universo. Esse quadro rigido do mecanismo universal exprime a dynamica das coisas no que ella tem de exterior e abstracto, por isso mesmo de simples eixo. E necessario, porque é elementar: e, porque é elementar, é incompleto. Mas, em si, sendo a formula definitiva da experiencia, é verdadeiro, e verdade alguma superior póde prescindir dos dados positivos por elle fornecidos. Tal como é, representa um resultado enorme: a synthese do espirito moderno

no terreno do conhecimento scientifico. Outros elementos do mesmo espirito, que aqui faltam e que, pela propria natureza das coisas, aqui deviam faltar, mas que abundam n'outra esphera, virão amplial-o, fecundal-o, alumial-o com a penetrante luz transcendental, que necessariamente lhe fallece. Mas antes de vermos como isso póde realisar-se, viremo-nos agora para o outro grande facto philosophico contemporaneo acima indicado, a transformação do velho espiritualismo.

Anthero de Quental.

A PHILOSOPHIA DE TOLSTOI

Summario

Advertencia.

I — Aspiração ao bem, contradicção da vida — A vida segundo a sciencia — Erro d'essa concepção — A vida consiste na submissão á razão — A sua lei de actividade é o amor — Verdadeira natureza do amor — A vida eterna — Os soffrimentos humanos são um bem — A doutrina de Tolstoi é a doutrina de Jesus — Os seus mandamentos — Obstaculos á pratica da doutrina christã — A Igreja — Erros do seu ensino — Inutilidade da sua existencia — A doutrina christã não contraría a natureza humana — A renúncia á individualidade—O que é a fé — A pratica da doutrina christã é a que nos dá maior felicidade.

II — Significação da vida — Um equilibrio — O erro de Tolstoi está na negação do equilibrio das actividades oppostas da natureza humana e compromissos consequentes — Amor e repartição — A Igreja, confusão de instituições e principios — Um compromisso entre as duas tendencias oppostas da natureza humana — Explica-se a existencia da Igreja — A civilisação contemporanea — O seu erro capital, physiologicamente considerada, é o divorcio entre a natureza e o homem.

Estive na Russia no outomno de 1888 e, levado por uma viva admiração do romancista, visitei o conde Leão Tolstoi. D'essa visita, de que em outro logar dei conta [1], resultou o presente

[1] *Cidades e paizagens.* Porto, 1889.

estudo; pois procurava um romancista e encontrei um philosopho, levemente preoccupado das coisas de arte.

Para ir a Yassuya Polyand, habitação de Tolstoi, a dezenove kilometros de Tula, precisei de ser acompanhado por um interprete, pois não conheço a lingua russa e por essas terras nenhuma outra se falla. Cheguei cedo, cerca das oito horas da manhã, depois de uma hora de carruagem n'essas planicies infindas, correndo doidamente como só na Russia se sabe correr; e em breve, na pequena sala em que se juntavam um divan esfarrapado, instrumentos de lavoura, a tripeça de sapateiro e os retratos de Schopenauer e da condessa Tolstoi, n'esse canto desordenado, frio e sem arte, em que vagueava um perfume de trabalho e de pobreza, entrava a figura athletica do conde.

Disse-lhe em francez o que me trazia alli, a admiração das suas obras, e quando proseguia pedindo que me perdoasse não ter vindo acompanhado d'alguem que me apresentasse, bruscamente, interrompendo-me, perguntou — A sua profissão? — Proprietario e jornalista. — E a d'este homem? accrescentou apontando o interprete. — É meu interprete. — O que ha de melhor, disse severa e duramente, é pedir esmola; ser interprete já é melhor do que ser proprietario, mas ser proprietario é o que conheço de peor.

Não repetirei agora os pontos capitaes da discussão que teve origem n'estas palavras que, como disse, deixei escripta em outro logar; basta-me dizer que poupando-se a fallar dos seus romances, mostrando-me com ardente enthusiasmo a aldeia russa e sempre chamando a minha attenção ás coisas da agricultura e a materias culminantes da philosophia, Tolstoi terminou pedindo-me que lêsse a sua obra *Ma Religion*, e que depois lhe dissesse o que sobre ella pensava.

Cumpro agora o que então lhe prometti, fazendo o estudo presente a que juntei o estudo de *La Vie*, um dos ultimos livros de Tolstoi, publicado em francez já depois que estive na Russia. Pareceu-me que a identidade da materia requeria o estudo simultaneo.

Como ultima advertencia, devo ainda dizer que o primeiro

paragrapho é quasi litteralmente traduzido dos dois livros que deixo citados; de fórma que, se ha erro na exposição da doutrina, é de comprehensão e de logica na ordem por que liguei os pensamentos de Tolstoi, mas não quanto a cada um considerado separadamente. O segundo paragrapho, a critica da doutrina, é que inteiramente me pertence na substancia e na fórma.

I

A vida do homem, como individualidade, aspirando apenas ao seu proprio bem entre o numero infinito das individualidades semelhantes destruindo-se e aniquilando-se entre si, é um mal e um absurdo; e a verdadeira vida não póde ser esta.

Desde os tempos mais antigos o homem disse isto e os sabios da India, da China, do Egypto, da Grecia e de Israel exprimiram-se sobre esta contradicção intrinseca da vida da maneira mais clara e intelligivel. Desde a mais alta antiguidade o espirito humano procurou descobrir para o homem um bem de tal natureza que nem a lucta dos séres entre si, nem os soffrimentos, nem a morte podessem destruil-o. E é na evidencia cada vez mais clara d'este bem do homem, bem indiscutivel e incapaz de ser destruido pela lucta, pelos soffrimentos e pela morte, que consiste todo o adiantamento da humanidade desde que conhecemos a vida.

Por mais que o homem procure persuadir-se e os outros lhe affirmem que a vida não póde ser feliz e racional senão além do tumulo, ou que só a vida individual póde ser feliz, repugna-lhe crêl-o. Sente no fundo do seu coração a necessidade irresistivel d'uma vida feliz e racional, e considera como um absurdo a que não tem outro fim senão a existencia d'além-tumulo ou o bem impossivel de adquirir da sua individualidade.

Viver para uma vida futura? Diz o homem. Mas se esta vida, esta unica amostra da vida que eu conheço, se a minha vida presente é absurda, longe de confirmar-me a possibilidade

d'uma outra vida racional, prova-me pelo contrario, que a vida na sua essencia é absurda.

Viver para si? Mas a minha vida individual é um mal e um absurdo. Viver para a sua familia? Viver para a communidade? Para a patria, para a humanidade mesmo? Mas se a vida da minha individualidade é desgraçada e absurda, o mesmo acontece á vida de qualquer outra individualidade humana; por conseguinte a reunião d'um numero infinito de individualidades absurdas e desarrazoadas jámais poderá formar uma unica vida feliz e racional. Viver isoladamente sem saber porque, fazendo o que os outros fazem? Mas eu sei que os outros, da mesma maneira que eu, não sabem porque fazem o que fazem.

Chega um tempo em que a consciencia reflectida começa a levantar-se acima das falsas doutrinas e o homem pára no meio da vida pedindo explicações.

Só aquelle que não tem relações algumas com os que têm um genero de vida differente do seu, e aquelle cujas forças estão occupadas n'uma lucta incessante com a natureza para sustentar a sua existencia physica, só esses podem crêr que os actos insensatos que praticamos constituem e encerram todo o dever da vida.

Viver não é o apparecimento no espaço e no tempo de determinada fórma e determinados movimentos, viver não é essa aggregação e desaggregação que chamaremos existencia; viver é qualquer coisa superior e independente d'essa existencia animal.

No nosso tempo, a doutrina dos escribas que se chama a sciencia, admitte como a unica verdadeira esta representação da vida que é a mais primitiva e a mais grosseira.

Não podemos definir a vida na nossa consciencia, diz esta doutrina; perdemo-nos examinando-a em nós mesmo. Esta concepção do bem, d'este bem cuja descoberta constitue a nossa vida, para a nossa consciencia é miragem enganadora; n'esta consciencia não podemos conceber a vida. Para comprehender a vida basta considerar as suas manifestações como consideramos todo o movimento da materia. Só por estas observações e

pelas leis que d'ellas resultam, encontraremos ao mesmo tempo a lei da vida em geral e a da vida do homem em particular.

E eis que esta falsa doutrina depois de ter substituido a concepção da vida completa do homem, d'esta vida de que elle tem consciencia, pelo que d'ella vemos, quer dizer, pela existencia animal, põe-se a estudar estas manifestações visiveis, primeiro no homem como animal, depois nos animaes em geral, nas plantas, emfim na materia, sustentando constantemente com isso que é a vida que estudamos e não algumas das suas manifestações somente. Pouco e pouco esquecem o erro primordial que consiste em tomar a parte pelo todo e convencem-se completamente de que o estudo das propriedades visiveis da materia, das plantas e dos animaes é o estudo da vida, d'esta vida que o homem só reconhece na sua consciencia.

A perfuração das montanhas, as viagens á volta do mundo, a electricidade, o microscopio, o telephone, a guerra, o parlamento, a philantropia, a lucta dos partidos, as universidades, as sociedades scientificas, os museus, não é isto a vida? Toda a actividade febril e complicada dos homens com o seu commercio, as suas guerras, as suas vias de communicação, não é o mais das vezes senão a agitação insensata da multidão que se precipita e opprime no limiar da vida.

D'aqui a alguns seculos, a historia do que chamamos a actividade scientifica do nosso famoso tempo será materia fecunda de hilaridade e de piedade para as gerações futuras. Durante muitos seculos, dirão, os sabios d'uma parte occidental do grande continente achavam-se n'um estado de demencia epidemica: imaginavam possuir uma vida eterna de beatitude e occupavam-se em diversas elucubrações tendo por fim precisar, como, porque leis esta vida se realisará para elles, sem jámais elles fazerem coisa alguma nem se preoccuparem do que haveria a fazer para melhorar a sua vida particular. E o que parecerá ainda mais afflictivo ao historiador futuro — é que ha de achar que este grupo humano tinha tido um mestre que lhe tinha ensinado regras simples e claras, precisando o que tinham a fazer para tornar a sua vida feliz, e que as palavras d'este

mestre tinham sido commentadas por uns, no sentido de que viria sobre uma nuvem organisar tudo, por outros de que as palavras d'este mestre são admiraveis mas pouco praticas porque a vida humana não é tal qual a concebemos e por conseguinte não vale a pena occupar-nos d'ella; quanto á razão humana — deve concentrar-se no estudo das leis d'esta vida — sem se preoccupar do bem de cada homem.

Este estado de erro é porém transitorio na humanidade e no individuo, porque breve, por uma irresistivel evolução, a razão lhe indica nova via e lhe revela a verdadeira vida. Quando o homem observou que as outras individualidades são da mesma natureza que elle, que os soffrimentos o ameaçam, que a sua existencia é uma morte lenta, quando a consciencia reflectida produziu a decomposição da existencia da sua individualidade, então não póde mais pôr a sua vida n'esta individualidade em decomposição, deve forçosamente pôl-a n'esta nova vida que se abre diante de si.

A verdadeira vida do homem que se manifesta na relação entre a sua consciencia reflectida e a sua consciencia animal, não apparece senão quando renuncia ao bem da individualidade animal. Ora esta renúncia só tem logar quando a consciencia reflectida desperta. Mas o que é a consciencia reflectida? O evangelho de S. João diz que o Verbo «Logos» (Logos, quer dizer razão, sabedoria, Verbo) é o principio, que tudo está n'elle e procede d'elle; por conseguinte, a razão, o que determina tudo o mais, não póde de fórma alguma ser definida.

O erro ordinario da vida consiste em tomarmos pela vida humana a submissão do nosso corpo á sua lei, submissão visivel, mas que não é produzida por nós, emquanto que esta lei do nosso corpo se effectua n'elle, d'uma maneira tão inconsciente como na arvore, no mineral, no corpo celeste. Mas a lei da nossa vida, quer dizer, a submissão do nosso corpo á razão é uma lei invisivel, que não podemos vêr porque ainda não se effectuou, mas está em via de ser effectuada por nós em nossa vida. Só no cumprimento d'esta lei, na submissão da nossa natureza animal á lei da razão, com o fim de alcançar o bem,

consiste a vida. Quando não comprehendemos que o bem e a vida consistem n'esta submissão, quando fazemos consistir o bem e a vida na individualidade animal, privamo-nos do verdadeiro bem e da verdadeira vida e substituimos-lhes a existencia da nossa actividade animal, que é independente de nós e que por conseguinte não póde ser a nossa vida.

Só n'este movimento progressivo que procura o bem pela submissão á razão consiste a vida humana. Sem esta progressão na submissão, a vida humana segue as duas direcções visiveis da duração e da extensão e não é mais do que a existencia. Quando tem logar este movimento ascendente, quer dizer, esta submissão progressiva á razão, estabelece-se uma relação entre estas duas forças d'um lado e uma terceira de outro, e produz-se, segundo a resultante das forças, um movimento maior ou menor que eleva a existencia do homem nas regiões da vida.

Todos os raciocinios do mundo seriam incapazes de occultar ao homem esta verdade evidente e indiscutivel, a saber— que a sua existencia individual é qualquer coisa que morre, que tende a morrer e que por conseguinte a vida não póde residir n'esta individualidade.

O homem não póde deixar de reconhecer que a existencia da sua individualidade, a partir do nascimento e da infancia até á velhice e á morte, não é outra coisa senão um dispender continuo e um diminuir d'esta individualidade que fatalmente termina pelo soffrimento e pela morte. Por conseguinte, a consciencia de que a sua vida reside na individualidade, que encerra em si o desejo de crescimento e de indestructibilidade e a aspiração ao bem não póde ser mais do que uma contradicção incessante.

Qualquer que seja o verdadeiro bem do homem deve forçosamente renunciar ao bem da individualidade animal; e esta renúncia é a lei da vida humana. Se esta lei não se cumpre livremente manifestando-se pela submissão á consciencia reflectida, cumpre-se á força em cada homem pela morte carnal do seu animal, quando, vergado ao peso dos soffrimentos, não deseja mais do que uma coisa: livrar-se do sentimento doloroso da sua

individualidade que morre e passar a uma outra fórma de existencia.

Pensa-se e diz-se ordinariamente que a renúncia ao bem individual é um acto de heroismo e uma acção meritoria. A renuncia ao bem individual não é nem uma acção meritoria, nem um acto de heroismo, é uma condição necessaria da vida do homem. Ao mesmo tempo que o homem se conhece como individualidade distincta do mundo inteiro, conhece tambem as outras individualidades, o laço que as une entre si; vê a illusão do bem individual e a realidade do unico bem capaz de satisfazer a sua consciencia reflectida.

O homem não póde deixar de reconhecer que renunciar progressivamente á sua propria individualidade e deslocar o fim da sua propria actividade, empregando-a em beneficio dos estranhos, é o que constitue o progresso da humanidade e dos sêres vivos que mais se aproximam do homem. A historia prova-nos, d'uma maneira irrefutavel, que o movimento da vida em geral não consiste na recrudescencia e no augmento da lucta dos sêres, mas pelo contrario na diminuição da discordia, no enfraquecimento da lucta, e que a vida não progride senão quando o mundo, submettendo-se á razão, passa da discordia e da inimizade á concordia e á união. Admittindo isto, não podemos deixar de reconhecer que os massacres, as guerras e a escravidão cessam e devem cessar; e que até mesmo começamos a domesticar os animaes e a alimentar-nos do seu leite e da sua carne em logar de os matarmos pela caça e poupamos a destruição do reino vegetal [1]. Vêmos que os melhores dos nossos similhantes reprovam a avidez de prazeres e pregam a temperança; vêmos que os homens mais eminentes, os que a posteridade admira, dão o exemplo do sacrificio da sua vida pelo bem dos outros. Vêmos que os conselhos da razão são apoiados pela historia da humanidade e pela sua vida presente.

[1] *Associação e concorrencia* nos *Estudos sobre a litteratura contemporanea*, do auctor.

E não é tudo. O homem possue um sentimento que lhe mostra a mesma coisa, d'uma maneira muito mais persuasiva e convincente do que a razão e a historia, e provindo por assim dizer d'uma outra origem; o homem descobre a mesma coisa nas aspirações do seu coração que o arrastam, como para um bem immediato, a esta mesma actividade que a razão lhe indica e que no seu coração se traduz pelo amor.

Affirmar que o homem não sente as necessidades da sua consciencia reflectida, mas sómente as da sua individualidade, é affirmar que os desejos brutaes, no augmento dos quaes empregamos toda a nossa intelligencia, se apossaram de nós e occultam aos nossos olhos a verdadeira vida humana.

Um sêr racional não poderia consagrar a sua vida á satisfação dos fins da individualidade. Não póde fazel-o, porque o fim a que tende a sua individualidade animal lhe é evidentemente inaccessivel. A consciencia revela-lhe outros fins que não só estão ao seu alcance, mas que a satisfazem plenamente.

A doutrina que sempre se chamou a sciencia do bem (o Evangelho) ensinou aos homens que em logar do bem enganador que procuram pela individualidade animal, em logar d'esse esforço sempre banhado de soffrimento e de dôr e que por isso condemna a existencia como absurda, em vez d'esse bem inattingivel podem obter immediatamente, onde se encontram e não n'uma época e logar determinados, o bem real imprescriptivel que sempre está ao seu alcance.

Todos os homens sabem, desde a mais tenra idade, que além do bem da individualidade animal, existe ainda um bem superior na vida; sabem que não só este bem não depende da sociedade dos appetites individuaes, mas cresce quanto mais completa é a renúncia ao bem da individualidade animal.

Todos os homens conhecem o sentimento que resolve todas as contradicções da vida humana e dá o bem supremo ao homem: este sentimento é o amor.

A vida é a actividade da individualidade animal submettida á lei da razão. A razão é a lei á qual deve ser submettida

a individualidade animal do homem para adquirir o seu bem. O amor é a unica actividade racional do homem.

A individualidade animal tende para o bem; a razão mostra ao homem a illusão do bem individual e só lhe deixa um caminho. A actividade n'este caminho é o amor.

A individualidade animal do homem reclama o bem; a consciencia mostra-lhe o miseravel estado de todos os sêres luctando uns contra os outros; mostra-lhe que o bem é inaccessivel á sua individualidade animal, que o unico bem que poderia estar ao seu alcance seria aquelle que não provocasse nem a lucta com os outros sêres, nem a interrupção da felicidade, nem a saciedade nem a apprehensão e o horror da morte. E eis que o homem descobre na sua alma um sentimento que é como a chave que só serve n'esta fechadura, um sentimento que lhe dá o bem que a razão lhe indica como unico possivel e que não só resolve a contradicção precedente da vida, mas em certo modo encontra mesmo n'esta contradicção a maneira de manifestar-se.

As individualidades animaes esforçam-se, para chegar aos seus fins, por se servirem da individualidade do homem; e eis que o sentimento do amor leva o homem a consagrar a sua individualidade ao bem dos outros sêres.

A individualidade animal soffre: e é justamente o allivio d'esses soffrimentos que fórma o principal objecto da actividade do amor.

Aspirando ao seu bem, a individualidade animal precipita-se a cada passo para o mal supremo, a morte, cuja apprehensão perturba todo o goso individual; e eis que o sentimento do amor não só dissipa esse terror mas leva ainda o homem a sacrificar inteiramente a sua existencia carnal ao bem dos outros.

Não é pelo amor d'um pai, d'um filho, d'uma mulher, de amigos, dos homens bons, como d'ordinario se julga, que os homens renunciam á individualidade, é unicamente pela consciencia do nada da existencia individual, da impossibilidade da felicidade d'essa existencia; por conseguinte, só renuncian-

do á vida individual o homem chega a conhecer o verdadeiro amor, a poder amar verdadeiramente o seu pai, o seu filho, a sua mulher e os seus amigos.

O sacrificio dos interesses immediatos da individualidade com a mira em alcançar o fim remoto d'esta mesma individualidade, como tem logar no falso amor que não se baseia na renúncia ao proprio individuo, este sacrificio é apenas a acção de preferir estas áquellas pessoas no seu interesse individual, não é o amor. Antes de tornar-se um sentimento activo, o verdadeiro amor deve ser um estado da alma. O principio do amor, a sua raiz, não é como d'ordinario se imagina um impulso de paixão que obscurece a razão; é pelo contrario o estado d'alma mais racional e luminoso e portanto o mais sereno e alegre; é o estado proprio das creanças e dos sabios. Esse estado é natural na creança; no homem feito só apparece e cresce na proporção da renúncia ao bem da individualidade.

O amor que não se baseia na renúncia á individualidade e na consequente benevolencia para os outros não é mais do que a vida animal; e esta vida está exposta aos mesmos males e a males ainda maiores que a vida sem este pretendido amor. Este sentimento de parcialidade, que se chama amor, não sómente mantem a lucta pela existencia e o esforço pelo prazer individual, mas obscurece a vida, activa a lucta, augmenta a séde de gosos para si e para outrem e o temor da morte propria e da morte de outrem. Antes de amar é preciso deixar de odiar, isto é, de fazer mal; devemos deixar de preferir uns aos outros pelo bem da nossa individualidade. Da mesma maneira que a planta não póde perguntar e não pergunta de que lado deve crescer, se a luz é boa e se não deve esperar outra melhor, mas aproveita a unica luz que se espalha pelo mundo e cresce para ella—assim o homem que renunciou ao bem da individualidade não se inquieta a saber quanto deve restituir do que tirou aos outros homens e a que séres amados deve restituil-o, não se inquieta a saber se ha um amor preferivel ao que o solicita; mas abandona-se e consagra a sua existencia ao amor que está ao seu alcance e que vê diante de si. Este é o

unico amor que póde satisfazer plenamente a natureza racional do homem.

Esta relação racional do homem com o mundo, que se manifesta pelo amor, eis a vida, a vida eterna.

A vida é um movimento incessante. O homem que não muda as suas relações com o mundo, que fica no mesmo grau d'amor que tinha quando entrou na vida, sente a morte. Toda a sua existencia é uma morte continua; vê-a e teme-a não só no futuro, mas no presente, cada vez que se manifesta a decadencia da vida animal, desde a infancia até á velhice. A marcha da existencia parece um augmento temporario das forças physicas, mas na realidade os membros endurecem-se, a flexibilidade e vitalidade do corpo diminuem, do nascimento á morte, dia a dia, hora a hora, a existencia declina e nada póde varrer do pensamento a idéa da morte.

Mas não é assim para o homem que comprehende a significação da vida. Esse sabe que trouxe á vida presente, de um passado que lhe é desconhecido, a sua relação particular com o mundo, quer dizer o seu amor por uma coisa, a sua aversão por outra. Sabe que estes sentimentos formam a essencia da vida e que o amor não é uma particularidade accidental da sua vida, mas aquillo mesmo em que faz consistil-a.

Para o homem que vê a sua vida onde ella reside verdadeiramente, affligir-se ao vêl-a diminuir pelas doenças e pela velhice é como se se affligisse por vêr diminuir a sua sombra ao aproximar-se da luz. Crêr que a destruição do corpo póde fazer cessar a vida, é imaginar que a desapparição da sombra de um objecto, desde que está á luz, é signal certo da sua destruição. Uma tal conclusão só póde ser admittida por aquelle que tanto tempo olhou para a sombra que acabou por tomal-a pelo seu objecto.

Se dermos o nome de vida ao que realmente ella é, se a verdadeira vida é o principio de tudo, o seu curso não póde ser perturbado por modificações que sobrevenham na sua manifestação visivel. O movimento da vida do homem n'este mundo, movimento começado mas não acabado, não póde parar por

causa d'um abcesso, d'um microbio ou d'um tiro de pistola. A razão mostra-nos o principio supremo que constitue a vida e mostra-nos mais que esse principio, essa relação do homem com o mundo não começou quando nascemos, mas existe e existiu sempre.

Que importa comprehender a significação da vida?! O soffrimento physico, a dôr existe e existirá sempre.

Para o homem que faz consistir a sua vida na submissão da sua individualidade á lei da razão, a dôr não sómente deixa de ser um mal, mas é uma condição indispensavel tanto da sua vida animal como da sua vida racional. Se a dôr não existisse, a individualidade animal não perceberia as transgressões da sua lei, se a consciencia não experimentasse o soffrimento, o homem jámais conheceria a verdade e ignoraria a lei do seu sêr.

Todo o mundo dos homens e dos animaes soffre e não cessa de soffrer; as feridas, as mutilações, a fome, o frio, as doenças, os accidentes de toda a especie e principalmente o parto sem o qual nenhum de nós entrou no mundo — são as condições necessarias da existencia. Mas a diminuição, o allivio dos soffrimentos que fórma a essencia da vida racional, é para ahi que tende a verdadeira actividade da vida.

Só existe um soffrimento para o homem e é o que o obriga de boa ou má vontade a viver esta vida que lhe dá o seu unico bem.

Este soffrimento é a consciencia da contradicção que existe entre o meu estado de peccado e o de todo o mundo, e não só a possibilidade mas a obrigação de realisar por mim e não por intermedio d'um outro toda a verdade na minha vida e na do mundo. E não podemos minorar este soffrimento nem participando do peccado do mundo, nem fechando os olhos sobre o proprio peccado, nem ainda menos deixando de crêr não só na possibilidade, mas na obrigação, minha e não de outrem, de realisar a verdade na minha vida e na do mundo. Participando do peccado do mundo e fechando os olhos aos nossos peccados, só augmento o soffrimento; deixando de crêr na possibilidade e na obrigação de realisar a verdade na minha vida e na do

mundo, privo-me da força de viver. Este soffrimento só é suavisado pela consciencia e pela actividade da verdadeira vida que supprimem a desproporção, existindo entre a vida individual e o fim entrevisto pelo homem. De bom ou mau grado o homem vem a reconhecer que a sua vida não se limita á sua individualidade do nascimento á morte; vem a reconhecer o seu verdadeiro fim e procura realisal-o. Á falta de consciencia, o soffrimento que resulta do erro sobre a significação da vida conduz o homem pela unica estrada da vida, onde não ha obstaculos nem mal, mas um bem sempre crescente, que nada póde perturbar, que não teve principio e não póde ter fim.

Esta doutrina é a doutrina de Jesus, que os seus apostolos ensinaram e de que deduziram as regras moraes da existencia humana.

Cada homem, diz Jesus, possue além da consciencia da sua vida material, individual, e do seu nascimento carnal de um pai e de uma mãi, a consciencia do seu nascimento de cima (S. João, III, 5, 6, 7), a consciencia do que n'elle é livre, do que existe por si; é o que nasce de cima, do infinito, que chamamos Deus (S. João, III, 14-17); ora é isto mesmo, o que nasceu de Deus, este filho de Deus no homem, que devemos possuir e fazer crescer dentro de nós, para possuirmos a vida verdadeira. O filho do homem é filho *homogeneo* de Deus.

Todo aquelle que dentro de si elevar este filho de Deus acima de tudo e identificar a sua vida com elle, esse não alienará a verdadeira vida. Os homens alienam a vida porque não crêem na vida que está dentro d'elles e de que falla S. João no seu Evangelho, quando diz: «N'ella estava a vida, e a vida é a luz dos homens.»

Jesus oppõe á vida pessoal não a vida d'além tumulo, mas a vida commum que se funde com a vida presente. Segundo a doutrina hebraica, não podiamos salvar da morte a vida pessoal senão cumprindo a vontade de Deus, formulada na lei de Moisés. Só com esta condição a vida dos judeus deixava de morrer e passava de geração em geração no povo eleito de Deus. E n'este ponto a doutrina de Jesus differia da doutrina

hebraica, em que a primeira dava á humanidade o que a segunda reservava a um povo.

Na parabola dos trabalhadores da vinha (S. Matheus, XXI, 33-34), Jesus põe evidentes as coisas que levam o homem a tomar a sua vida pessoal pela verdadeira vida.

Uns homens que se estabeleceram no jardim cultivado de um proprietario imaginam que são seus inteiros senhores. E esta illusão foi para elles a fonte de uma série de acções insensatas e crueis de que lhes resultou o exilio, a exclusão da vida. É assim que cada um de nós imagina que a vida é a sua propriedade pessoal, que tem direito a ella e póde gosal-a como melhor lhe parecer, sem reconhecer obrigação alguma para quem quer que seja. E a consequencia inevitavel d'esta illusão é igualmente para cada um de nós uma série de actos insensatos e crueis, seguidos de catastrophes e da exclusão da vida. E assim como os trabalhadores da vinha matam os enviados e os filhos do proprietario, imaginando que quanto mais forem crueis, melhor garantia terão, assim nós imaginamos que á força de crueldade encontraremos melhores garantias.

A sentença inevitavel que fere os trabalhadores da vinha por se terem apoderado dos fructos do jardim, o exilio, é exactamente a mesma para os homens que imaginam que a vida pessoal é a verdadeira vida. A morte expulsa-os da vida, são substituidos por outros; consequencia do erro que lhes fez desconhecer a significação da vida. Como os trabalhadores da vinha esquecem ou não querem recordar que receberam um jardim cercado de um muro e com um poço, que alguem trabalhou para elles e conta com elles para trabalharem por sua vez; assim aquelles que querem viver para si esquecem ou não querem lembrar tudo o que por elles foi feito durante a sua vida; esquecem que têm por conseguinte a obrigação de trabalharem por sua vez e que todos os bens da vida de que gosam são fructos que devem partilhar com outros.

Esta nova maneira de considerar a vida é a pedra angular da doutrina de Jesus; os homens devem comprehender e sentir que são devedores insolventes d'alguem como os trabalhadores

da vinha devem comprehender que são devedores insolventes do proprietario; esta divida insoluvel é contrahida pelas gerações de homens passados, presentes e futuros com aquelle que é o principio de tudo. Devem comprehender que cada hora da sua existencia é uma amortisação da divida e que todo o homem que por uma vida egoista repelle esta obrigação desliga-se do principio da vida e por conseguinte perde a vida. Cada um deve lembrar-se de que, esforçando-se por conservar a *sua* vida, perde *a* vida, o que Jesus repete muitas vezes.

A verdadeira vida é a que accrescenta alguma coisa ao bem accumulado pelas gerações passadas, que augmenta esta herança no presente e que a lega ás gerações futuras.

A pratica da doutrina de Jesus estabelece na terra o reino de Deus; e o reino de Deus na terra é a paz de todos os homens entre si. É assim que todos os prophetas hebreus concebiam o reino de Deus. A paz entre os homens é o maior bem na terra que esteja ao alcance de todos.

Assim o concebia e concebe invariavelmente o coração humano. Todas as prophecias promettem a paz aos homens.

Toda a doutrina de Jesus tem um unico fim: *dar o reino de Deus aos homens — a paz.*

No sermão da montanha, fallando a Nicodemus, instruindo os Discipulos, em todo o ensino, Jesus só falla d'isto, do que divide os homens, do que os embaraça de ter a paz — de entrar no reino de Deus. Todas as parabolas não são mais do que uma descripção do reino de Deus, e da unica maneira de lá penetrarmos que é amar os nossos irmãos e estar em paz com elles. S. João Baptista, precursor de Jesus Christo, diz que o reino de Deus se aproxima e que Jesus Christo o dará ao mundo.

Jesus diz que trouxe a paz á terra: S. João, XIV, 27 « Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vol-a dou como a dá o mundo. Que o vosso coração se não perturbe, que não seja presa do temor. »

E eis que os seus cinco mandamentos dão, com effeito, a paz ao mundo. Todos elles têm este unico fim: a paz entre os

homens. Basta que os homens tenham fé na doutrina de Jesus, que a pratiquem para que a paz reine na terra, não esta paz que é a obra dos homens, parcial, precaria, á mercê do acaso, mas a paz geral, inviolavel, eterna.

O primeiro mandamento diz: «Que estejas em paz com todo o mundo, que não consideres ninguem como vil ou insensato; S. Matheus, v, 22. Se a paz fôr violada trabalha para restabelecel-a. O culto de Deus está todo na extincção da inimizade entre os homens, 23, 24. Reconciliai-vos á menor discussão, para não perder a paz interior que é a verdadeira vida.» N'este mandamento está tudo comprehendido; mas Jesus prevê as tentações mundanas que perturbam a paz entre os homens, e dá o segundo mandamento contra a tentação das relações sexuaes que perturbam a paz: Que não consideres a belleza do corpo como um instrumento de volupia; que te livres d'essa tentação; 28, 30, que cada homem tenha uma mulher, cada mulher um homem, e que jámais se separem sob qualquer pretexto, 32. A segunda tentação é o juramento que arrasta os homens ao peccado — sabe que é um mal e nunca te ligues por promessa alguma (34-37). A terceira tentação é a vingança que se intitula justiça humana; renuncia á vingança, não a exerças sob pretexto de teres sido molestado, supporta as offensas e não pagues o mal com o mal (38-42). A quarta tentação é a differença de nacionalidades, a hostilidade entre os povos e os estados — sabe que todos os homens são irmãos e filhos do mesmo pai; não rompas a paz com quem quer que seja em nome da nacionalidade.

Porque acontece porém que os homens não fazem o que Jesus lhes disse e que lhes daria a maior somma de felicidade possivel? De todos os lados me respondem: A doutrina de Jesus é admiravel e é verdade que, praticando-a, veriamos estabelecer-se na terra o reino de Deus, mas isso é difficil e por conseguinte impraticavel.

Desde que os homens entendem que uma coisa vale mais do que a outra, por mais difficil que seja fazem-na. Que póde pois significar: A doutrina de Jesus é admiravel, e a vida, segundo

a sua lei, vale mais do que a vida que temos, mas é impossivel realisal-a, porque é difficil.

Se a palavra «difficil» deve ser comprehendida no sentido de que é difficil renunciar á satisfação passageira dos nossos appetites para adquirir um *bem* maior, porque não dizemos que é difficil lavrar para ter pão, plantar uma macieira para ter maçãs? Cada sêr dotado da mais rudimentar razão sabe que é preciso supportar difficuldades para alcançar algum bem superior ao que anteriormente gosavamos. E de repente acontece dizermos: a doutrina de Jesus é admiravel, mas praticamente impossivel, porque é difficil. Dir-se-hia que nunca ouvimos que ás vezes vale mais supportar difficuldades e privações do que nada soffrer e satisfazer sempre os nossos appetites.

Deve haver n'isto qualquer concepção chimerica. Só uma concepção chimerica que toma o que não existe pela realidade e toma a realidade por qualquer coisa que não existe póde levar os homens a esta singular negação da possibilidade de praticar o que, confessam, lhes dá o verdadeiro bem.

A concepção chimerica que reduziu os homens a esta condição chama-se a religião christã dogmatica, a que é ensinada desde a infancia a todos os que professam o christianismo da Igreja conforme os differentes catechismos orthodoxos, catholicos e protestantes.

Eis o resumo d'essa doutrina: Um Deus pessoal que existe e existiu eternamente, lembrou-se de crear o mundo de espiritos. Deus criou esses espiritos para o bem, mas um d'elles espontaneamente tornou-se mau. Passou muito tempo e Deus creou outro mundo immaterial; creou tambem o homem, igualmente para seu bem. Deus creou o homem feliz, immortal e sem peccado. A felicidade do homem consistia em gozar a vida sem trabalho; a sua immortalidade consistia em que este genero de vida devia durar eternamente, a sua innocencia em que elle não tinha a noção do mal.

Este homem foi seduzido no paraizo pelo espirito mau e d'ahi nos vem a queda d'essa vida feliz e as doenças, os soffrimentos, a morte, a lucta physica e moral. O estado do homem

que trabalha, que soffre, que escolhe o bem e repelle o mal, que morre, este estado que é a realidade e fóra do qual nada podemos conceber, não é segundo a doutrina d'esta religião o estado normal do homem, mas um estado que não lhe é natural, um estado temporario, posto que dure desde toda a eternidade, antes e depois de Christo nas mesmas condições. Christo fôra mandado á terra para reintegrar os homens no estado de immortalidade, de innocencia e de ociosidade anterior ao peccado de Adão e pela sua morte e pelos seus soffrimentos resgatou o peccado.

A doutrina é breve sobre a parte pratica da redempção em virtude da qual, segundo Jesus, a terra teria recomeçado para os crentes a ser fertil sem trabalho, as doenças teriam cessado e os filhos teriam começado a nascer das mães sem dôres, porque é difficil assegurar aos homens extenuados pelo trabalho e assaltados de soffrimentos, por maiores que sejam as suas crenças, que o trabalho é leve e o soffrimento inoffensivo. Mas a parte da doutrina que proclama a abrogação da morte e do peccado é affirmada com redobrada força. Affirma-se que os homens continuam a viver e, como os mortos não fallam, toma-se como prova positiva a ausencia de negação; e affirma-se com mais solemnidade ainda que desde a vinda de Jesus á terra o homem que tem fé n'Elle está isento de peccado, quer dizer, que desde então o homem não tem necessidade da razão para escolher o que é melhor para elle, basta-lhe crêr.

Esta doutrina parece innocente, mas os desvios da verdade jámais são inoffensivos e são tanto mais graves quanto importante a materia a que se referem: e aqui a materia do erro é o homem na sua vida inteira.

O que n'esta doutrina se chama a verdadeira vida é a vida pessoal, feliz, ociosa, uma vida que ninguem conheceu porque não existe. E a vida, como vimos, não é isso.

Não são só estas as culpas da Igreja catholica na perversão da doutrina christã. Outras e muito graves vamos vêr.

A doutrina de Jesus, como toda a doutrina religiosa, contém duas partes: 1.ª uma parte moral, ethica, onde se ensina

como os homens devem viver cada um separadamente e todos juntos; 2.ª uma parte metaphysica em que se explica porque é preciso que os homens vivam assim e não d'outra fórma. Uma é a consequencia e ao mesmo tempo a razão da outra. O homem deve viver assim porque este é o seu destino, ou então: o destino do homem é este, por conseguinte deve viver assim.

Estas duas partes de toda a doutrina existem em todas as religiões do mundo, na religião dos brahmanes, de Confucius, de Buddha, de Moisés, como na religião de Christo. Mas aconteceu á doutrina de Jesus como a todas as outras, judaismo, buddhismo, brahmismo; os homens desviam-se da doutrina que regula a sua vida e apparece sempre alguem que se encarrega de justificar estes desvios. Esta gente que, segundo a expressão de Jesus, se senta na cadeira de Moisés, explica a parte metaphysica de tal modo que as prescripções ethicas da doutrina deixam de ser consideradas como obrigatorias e são substituidas pelo culto externo, pelo ceremonial.

(Continúa).

Jayme de Magalhães Lima.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VII

OS TRATOS DA GUINÉ

Esmagado pela catastrophe de Tanger, perseguido pelas sombras do rei que matára e do moço irmão que morria torturado nas masmorras do mouro de Fez, vergando ao peso da animadversão do reino inteiro, D. Henrique, só dentro em si, no calor da fé em que ardia, encontrava força para reagir contra a enormidade da sua desgraça. Outro homem, por tal fórma victima da fatalidade, bateria contricto nos peitos, e, como disse mais tarde Magalhães, esconder-se-hia para morrer «com sette varas de pano e umas contas de bugalhos» na serra de Ossa, que era já no seculo XV uma thebaida. Elle, não. Tinha o genio que, por successão collateral, renasceu em Carlos-o-Temerario, seu sobrinho, e mais afortunado do que este, esmagou a adversidade hostil. Tinha a energia animal preponderante, e oração, penitencia, contemplação e piedade, tudo isso transformava em trabalho ardente.

Não se escondêra em Sagres para gemer, passivo, a incle-

[1] Continuado da pag. 133, do numero de janeiro.

mencia da sorte: fugira para lá, porque a desforra do mundo inimigo havia de tiral-a persistindo no seu plano. Contra elle não valiam, nem o sizo da gente sabia e prudente, nem as queixas da gente sentimental, nem os escarneos da gente vulgar [1]. A sua idéa tinha duas faces como Jano: uma, a conquista de Marrocos, estava por agora prejudicada; mas não assim a outra, a descoberta maritima da costa d'Africa para o sul. Dando pois tempo ao tempo, fechou-se ainda mais em si, fechou-se de todo em Sagres, e formando o balanço do que havia feito, deitou-se a urdir as traças de novas aventuras. A sua villa ia pedra a pedra levantando-se do chão [2], os seus projectos tomavam gradualmente corpo. Sentia renascer-lhe uma vida nova e desfazerem-se pouco a pouco as sombras da sua alma, como os nevoeiros da manhã quando sobem e se dissipam ao aquecer dos raios do sol.

O passado era este: depois de doze annos de viagens successivas, em 1433, partira de Lagos Gil Eannes, escudeiro do infante, e voltára das Canarias sem ter dobrado o cabo Bojador; mas no anno seguinte, reprehendendo-o D. Henrique por hesitar diante de «umas lendas boas para crianças», Gil Eannes foi de novo, passou o cabo, saltou em terra que achou deserta, e trouxe em signal d'ella «estas hervas, as quaes nós em este regno chamamos rosas de sancta Marya.» Largou de novo Gil Eannes na sua barca mais Affonso Baldaya n'um varinel, e, além do cabo, foram até á angra dos Ruivos. Em terra encontraram rasto de homens e camellos [3]. Em 1436 voltou Baldaya e desceu até á angra dos Cavallos onde desembarcou, ba-

[1] «Logo nos primeiros annos, vendo as grandes armações que o infante fazia com tamanhas despezas, deixavam o cuidado de suas proprias fazendas e occupavam-se em departir, o que pouco conheciam; e quanto a cousa tardava mais de vir a fim, tanto suas representações eram maiores. E o que peor era, que além dos vulgares do povo os outros maiores fallavam em ello casi por maneira de escarneo, tendo que eram despezas e trabalhos de que não podia vir proveito algum.» Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII.

[2] Depois de Tanger «o infante communalmente sempre estava no reino do Algarve por razão da sua villa, que então mandava fazer e as prezas que aquelles traziam descarregavam em Lagos.» Id. *ibid.*

[3] *Ibid.*, VIII e IX.

tendo n'um encontro os indigenas e regressando ao Algarve com redes de casca, dos gentios, por trophéos [1].

Eis-ahi o que se conseguira até á data funesta de Tanger. Comprehende-se, pois, que houvesse descrenças e murmurios. Os resultados não compensavam. Esporeado pela desgraça. obrigado a protrahir a idéa da conquista de Marrocos, o infante applicou todos os seus cuidados ás navegações. Alguns dizem ser d'esta época a vinda de Jayme de Mayorca para a escola ou academia de Sagres. E Cadamosto põe logo em 1439 ou 40 a viagem de Diniz Fernandes, escudeiro do infante D. João, que teria descido na costa até á foz do Quedec ou Ouedec, Sanagá ou Senegal [2]. No anno seguinte partiram Antão Gonçalves e Nuno Tristão que, tendo ido até ao porto do Cavalleiro, voltaram com os primeiros captivos [3].

Esta viagem trazia um resultado positivo da exploração da costa africana. Sabia-se claramente já que nem o mundo acabava n'um mar tenebroso, nem as terras eram deshabitadas. Havia gente, portanto havia riquezas, sobre esses territorios vagos para que no direito do tempo se não encontrava dono, a não ser o papa, chefe de toda a christandade, suzerano de todos os principes, representante de Deus na terra, que de Deus era. Ao papa [4] mandou, pois, o infante D. Henrique uma

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, x; Barros, *Decada* i, 1, 5.

[2] *Naveg.*, rel. i, na *Coll. de Not.* da Academia, ii. V. Goes, *Chron. do Pr. D. João*, e Barros, *Dec.* i, 1, 3.

[3] Azurara, *Conq. de Guiné*, xiv.

[4] Barros, *Dec.* i, 1, 4, diz Martinho V, erradamente. Martinho V governou a Igreja de 1417 a 1431. Em 1440, ou 1441, o papa era Eugenio IV (1431-49). V. em Sousa, *H. G.*, *Provas*, i, 442, a bulla de Eugenio IV, 1445, confirmando as doações de D. Duarte e D. Affonso V ao infante D. Henrique e á ordem de Christo, da jurisdicção espiritual das conquistas. No mesmo tomo i, 444-5, v. tambem as doações do espiritual das ilhas e do ultramar, em 1449 e 1454, por D. Affonso V a D. Henrique, grão-mestre de Christo; bem como a pag. 446 a bulla de Nicolau V (1449-55) confirmando a doação de 1454, e a de Callisto III (1455-8) ratificando a precedente. É de 8 de janeiro de 1450 a bulla de Nicolau V concedendo a D. Affonso V a soberania em todos os territorios descobertos por D. Henrique, e de 1454 outra bulla do mesmo papa ratificando as descobertas á corôa portugueza.

embaixada, como Mestre da ordem de Christo, encarregando da missão o cavalleiro da mesma ordem Fernão Lopes de Azevedo. Pedia o infante ao papa que as terras descobertas fossem doadas á corôa portugueza, e que os rendimentos ecclesiasticos d'ellas se repartissem com a ordem de Christo [1]. As descobertas eram, com effeito, uma fórma nova de conquista, e as conquistas e descobertas, intimamente ligadas nas emprezas d'Africa, a continuação das Cruzadas nas quaes o papado exercera uma especie de hegemonia sobre os principes christãos, para fóra dos dominios dos estados herdeiros do velho Imperio romano. Já para Ceuta, já para Tanger, o papa tinha emittido bullas de Cruzada, e portanto as pretensões do infante, embora novas, por se referirem a um caso tambem novo, filiavam-se naturalmente na tradição. Annuindo Eugenio IV ás propostas de D. Henrique, e confirmadas ao depois as primeiras bullas pelas de Nicolau V (1449-55) e Sixto V (1471-84), impetradas por Affonso V e João II, chegou-se á famosa sentença de Alexandre VI, em 1493, que dividiu entre Castella e Portugal todo o mundo desconhecido por um meridiano traçado 370 leguas a O. de Cabo-Verde: sentença, todavia, não reconhecida nem pela França, nem pela Hollanda, nem pela Inglaterra, os paizes que nos disputavam á Hespanha e a nós o imperio maritimo.

Antão Gonçalves tornou a Africa, visitando esse golfo que lhe pareceu um rio e a que chamou do Ouro, porque de lá trouxe ouro em pó, mais escravos, e ovos de emma «que vieram um dia á mesa do infante tres iguarias d'elles tão frescos e tão bons como se foram de algumas outras aves domesticas» [2]. Já os maldizentes não escarneciam nem desdenhavam das emprezas de D. Henrique. «Constrangidos pela necessidade, confessavam sua mingua, havendo-se por nescios pelo que antes não conheceram, pois manifestamente diziam que o infante não podia ser senão que era outro Alexandre, e d'ahi a cobiça começava-lhes a crescer, vendo as casas dos outros cheias

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XV; Barros, *Dec.* I, 1, 7.
[2] Azurara, *ibid.*, XVI.

de servos e servas e suas fazendas acrescentadas »[1]. Deve reconhecer-se que é este o momento em que a vida nacional muda de rumo. O ouro e os negros arrebatam-na. Denuncia-se a febre da cobiça; e todos os motivos antigos de acção collectiva ficam obliterados, ou pelo menos subalternisados, por este outro motivo — norte que o infante D. Henrique, dobrado sobre os seus mappas, esquecido das torturas de Tanger, aponta fatidicamente ao povo portuguez, indica propheticamente ás nações modernas: o norte da conquista nova, utilitaria e chrematistica da Terra, convertida em concessão a explorar pelos homens [2].

* * *

Desde a tomada de Ceuta, havia já mais de um quarto de seculo que Lagos se tornára o centro de uma navegação activa para a costa fronteira. Os algarvios serviram sempre com seus corpos e navios na guerra dos mouros [3]; e em parte alguma do reino soavam mais alto os trabalhos do infante. Agora que se viam os resultados positivos da navegação e do resgate do rio do Ouro, cumpria dar um novo impulso ás expedições e ampliar-lhes os recursos para assegurar o exito. A novas emprezas tinham de corresponder instituições novas. Emquanto o empenho era conquistar terras á moda antiga, as formulas das velhas doações, ainda usadas nas ilhas atlanticas, serviam para conso-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII. — Barros, *Dec.* I, 1, 8, diz assim: «Porque das guerras passadas entre este reino e o de Castella e assim das idas de Ceuta e Tanger e outras despezas e lançamentos de fintas, estava a gente tão necessitada, que com grande trabalho se podia manter.»

[2] Gaspar Fructuoso, nas suas *Saudades da terra*, diz do tumulo do infante D. Henrique, na Batalha, o seguinte:

«Tem por divisa este Infante D. Henrique huma sepultura dourada e humas bolças e lettras douradas, tudo já gastado; e dizem ter isto assi por ser elle o per cuja industria se descobrio a mina da qual veio e vem a Portugal muito ouro.» (Pag. 9 da ed. Azevedo). A descoberta da Mina foi posterior á morte do infante, mas não assim o *resgate* do ouro que já se fazia na costa de Arguim.

[3] Azurara, *Conq. de Guiné*, XLIX.

lidar os leitos da cavallaria e da fé; porém agora não se procurava assentar o dominio em terra, mas sim desfloral-a apenas, saqueando as costas, fazendo escravos, *resgatando* nos productos do sertão: sobretudo em ouro! Espontaneamente se revetia a historia; e as barcas e varineis de Lagos iam como tinham ido, em remotas idades, as gaulos do carthaginez pelas costas atlanticas da Hespanha caçar escravos, e até ao mar do norte, ás Cassiteridas, buscar estanho. E se d'estas excursões maritimas veio a extensão do imperio á cidade em que os Barcas reinavam, como depois reinou D. Manoel em Portugal, primeiro negociante n'uma republica de mercadores: tambem nos veio a nós, das excursões ao longo d'Africa, o dominio sobre essa parte enygmatica do mundo, *Africa portentosa* segundo a tinham denominado os romanos. Espontaneamente, formava-se tambem, para uma acção determinada por motivos novos, a fórma nova das companhias.

Imitadas, sem duvida alguma, das companhas dos pescadores, as sociedades de navegação e commercio, que tiveram na companhia de Lagos o seu primeiro typo, provaram ser instituições tão adequadas á exploração precaria e arriscada das regiões ignotas, que todas as nações coloniaes fizeram como nos, ampliando e desenvolvendo o typo, a ponto de o transformarem em molecula politica de uma nação, qual foi a Hollanda, federação de companhias ultramarinas, ou em alicerce da riqueza publica, fundamento de um imperio, como succedeu na Inglaterra com a companhia das Indias orientaes.

Taes consequencias estavam implicitas na primeira companhia fundada em Lagos pelo infante, para o resgate do rio do Ouro. Conferida a soberania á corôa portugueza pelo papa, o rei doára a D. Henrique o quinto de todas as producções trazidas ao reino pelos exploradores das regiões novas, onde ninguem podia ir com navio armado sem especial permissão do infante concessionario [1]. O mar era o seu dominio, exclusivo como um couto, *mare clausum*. Os iniciadores da companhia de Lagos para a

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVIII.

Africa foram Lançarote, almoxarife do rei e antigo escudeiro do infante; Gil Eannes, o velho marinheiro que dobrára o cabo Bojador; Estevam Affonso, homem nobre que depois veio a morrer nas Canarias; Rodrigo Alvares, João Bernaldes e João Dias, armador de navios. Cada um dos seis commandava a sua caravella bem armada em guerra. Pela primeira vez partia uma esquadra: até ahi tinham ido apenas barcos de pesca [1].

Pela primeira vez, tambem, nos tempos modernos, os exploradores de Lagos praticaram em regra a caça de escravos. Descendo a costa até ao cabo Branco, o theatro das suas façanhas foi aquella depressão da terra, limitada ao sul pelo cabo do Resgate e pela bahia de S. João. Ao norte, junto de Arguim, fica a ilha de Naar, ao sul a ilha de Tider ou Tidra: em ambos estes pontos cahiram sobre as populações miseraveis. Saltando em terra e vendo que os mouros fugiam com as mulheres e os filhos, «chamando por Santiago, San Jorge e Portugal davam sobre elles, matando e prendendo quanto podiam.» Viam-se as pobres mães desamparar os filhos e os maridos as mulheres, trabalhando cada qual de se salvar. Uns afogavam-se no mar, outros, com uma simplicidade de rezes, escondiam-se nas suas cabanas, outros mettiam os filhos debaixo dos limos e algas. «E emfim Nosso Senhor Deus, que a todo o bem dá remuneração, quiz que pelo trabalho que tinham tomado por seu serviço aquelle dia cobrassem victoria de seus inimigos e galardão e paga de seus trabalhos e despezas, captivando d'elles, entre homens, mulheres e moços, cento sessenta e cinco, afora os que morreram e mataram [2].» Isto foi na ilha de Naar: na de Tider repetiu-se o feito, vindo para Lagos ao todo duzentos e trinta e cinco captivos, dos quaes o quinto pertencia ao infante D. Henrique [3].

O desembarque dos carregamentos de escravos em Lagos é um quadro effectivamente novo, que nos transporta em imaginação aos tempos remotos. A escravidão historica, filha prin-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XIX.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, XX, XXI.

cipalmente da guerra, porque as suas outras origens tinham cahido condemnadas pela philosophia na Antiguidade e pela caridade christã nos tempos modernos, não tinha já na população portugueza do seculo xv mais do que um papel subalternissimo. Reconhecido porém ainda na lei esse facto que reduz o homem á condição miseravel de coisa, a exploração da Africa ia dar-lhe rapidamente um papel decisivo, não só para a população do reino, como para a economia das suas colonias. Ás companhias de navegação, junta-se, pois, o trafico dos escravos, na série dos phenomenos sociaes novos que espontaneamente sahem da iniciativa energica d'esse homem, em cujo cerebro renascia o genio mercantil de Hannon e o genio militar de Annibal.

Na praia de Lagos, o infante a cavallo presidia ao desembarque e á partilha. O campo em volta escurecia com a gente apinhada para assistir ao estranho espectaculo; e o ar cortado pelos gemidos dos miseraveis corria, levando a noticia do grande facto que se consummava. Os captivos desciam dos bateis sobre a praia, onde ficavam como manadas de gado. «Entre elles havia alguns de razoada brancura, formosos e apostos; outros menos brancos, querendo similhar pardos; outros tão negros como ethiopes e tão desaffeiçoados, assim na cara como nos corpos, que quasi parecia aos homens que os guardavam que viam as imagens do hemispherio mais baixo [1].» Eram azenegues: não se chegára ainda á região dos jolofos e mandingas do Senegal; explorára-se a zona extrema das raças brancas da Africa do norte, em que ellas começam a apparecer cruzadas, sem todavia produzirem ainda o typo negroide da Senegambia, transição para a nigricia plenamente caracterisada na Guiné.

«Uns tinham as caras baixas e os rostos lavados em lagrimas, olhando uns contra os outros; outros estavam gemendo mui dolorosamente, esguardando a altura dos céos, firmando os olhos em elles, bradando altamente como se pedissem soccorro ao padre da natureza; outros feriam seu rosto com suas pal-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, xxv.

mas lançando-se tendidos em meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto [1].» Arregimentados na praia, o infante a cavallo passava-lhes revista: aquelle dia desforrava-o de Tanger! Se fôra vencido pelos homens, vencia a natureza: porque esse rebanho de bipedes com aspecto humano, não lhe fazia bem o effeito de gente. Além da côr, não conheciam Deus. Tinham na alma a mesma escuridão da pelle. Tambem as ovelhas baliam e os bois mugiam, com vozes de enternecer as pedras... Mas, como tinha o coração de bronze, o infante seguia adiante, mandando proceder á repartição do gado humano. «Começaram de os apartar uns dos outros afim de porem seus quinhões em igualeza, onde convinha de necessidade de se apartarem os filhos dos padres, as mulheres dos maridos e uns irmãos dos outros. A amigos nem a parentes não se guardava nenhuma lei: somente cada um caía onde a sorte o levava [2].» A crueldade dos dados esmagava os infelizes, cujo murmurio de lamentações se tornava de repente n'uma explosão de choro desesperado, ao verem que «o padre ficava em Lagos, a madre traziam para Lisboa, e os filhos para outra parte [3].»

Dos quarenta e seis captivos que á sorte couberam ao infante, pelo seu quinto, «muy breve fez d'elles sua partilha» pois na satisfação da vontade punha a mira da riqueza; e o chronista accrescenta piedosamente: «Ora vede que galardão deve ser o do infante ante a presença do Senhor Deus, por trazer assim á verdadeira salvação, não somente estes, mas outros muitos que ao diante n'esta historia podeis achar!» [4] Com effeito, no espirito do tempo, ainda o motivo proselytico da tradição, predominava sobre o motivo nascente da cobiça que veio a tornar-se exclusivo, como era de sua natureza, no trafico dos escravos e na escravidão colonial; e a consciencia religiosa, achando na salvação eterna a sancção da deshumanidade, instinctivamente condemnada, influia para moderar a crueza. O

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XXV.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, XXVI.
[4] *Ibid.*, XXVI.

chronista affirma que, baptisados todos, nunca a nenhum d'elles se puzeram ferros. Mas depois chegou-se a marcal-os a fogo, como bestas.

Sobre a praia, o infante armou cavalleiro a Lançarote.

*
* *

Esta caça de especie nova, incomparavelmente mais productiva, desvairou o juizo á gente algarvia. Gonçalo de Cintra partiu logo (1445), mas, dando o nome á sua angra, morreu assassinado pelos azenegues da ilha de Arguim: a maré vasava, o batel ficou em sêcco, os barbaros trucidaram-no [1]. No mesmo anno vão a salvamento ao rio do Ouro, Antão Gonsalves, Gomes Pires e Diogo Affonso; depois Nuno Tristão, e afinal Diniz Dias, que prosegue ávante, até Cabo Verde, em cheio na terra dos jolofos [2]. Como se vê, o movimento accelerava-se, desde 1439 ou 40, data da primeira viagem de Antão Gonsalves. Com este periodo em que a exploração africana tomava calor, realisando as previsões do infante, coincidia a crise da regencia pela morte de D. Duarte, conforme contaremos depois; e comprehende-se como por incuria D. Henrique deixou que a lucta entre D. Pedro e o conde de Barcellos chegasse ao ponto de ter de liquidar-se em Alfarrobeira, n'uma tragedia. A cobiça e a ambição do conde de Barcellos, o genio ordenado e justo do infante D. Pedro, haviam de parecer-lhe coisas mesquinhas para a sua allucinação, como lhe parecia decerto mesquinho o reino perante a vastidão do mundo que via abrir-se-lhe. De Portugal só queria barcos, mareantes e dinheiro para expedições; e tudo isso obter-se-hia melhor de um rei creança e assonado, regido por fidalgos ávidos, cuja avidez tinha a certeza de saciar, do que d'um regente discreto e sabio. Comprehende-se pois, tambem, como deixou que o victimassem.

Lançarote, cavalleiro, engrandecido com o exito da viagem

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XXVII.
[2] *Ibid.*, XXIX, XXX, XXXI.

de 1445, desde logo planeou outra empreza maior. Casára com a filha de Soeiro da Costa, alcaide de Lagos, homem nobre, creado de moço na camara d'el-rei D. Duarte, que estivera na batalha de Monvedro (1412) com el-rei D. Fernando de Aragão (pai da rainha D. Leonor) contra os de Valença, depois no cêrco de Balaguer (1413) onde ficou prisioneiro o conde de Urgel (pai da infanta D. Izabel, mulher de D. Pedro); que antes fôra com Ladisláo de Napoles na entrada de Roma (1404) para suffocar a insurreição contra Innocencio VII; e com o conde de Provença, Luiz II (1409-12) alliado ao Malatesta e ao legado de Bolonha, Balthazar Cossa; que combatera em Azincourt (1415), em Valmont, achando-se com o conde de Foix na batalha de Monseguro, na tomada de Soissons (1410-11) no cêrco de Arraz (1414) e finalmente com D. João I em Ceuta. Era o personagem mais importante do Algarve, carregado de annos e de batalhas, arvore da gente guerreira antiga, na qual pelo casamento da filha se enxertava a nobreza nova da navegação e do commercio, iniciada por Lançarote, o inquieto aventureiro.

Em 1447, D. Henrique tivera de deixar o Algarve para ir de fugida a Coimbra acudir ao chamamento de D. Pedro, que banido da côrte, entrevia já o fim desgraçado que lhe preparavam. Lançarote ficou organisando a companhia e a expedição. No syndicato entrava toda a gente do Algarve: Soeiro da Costa, Alvaro de Freitas, commendador de Aljezur, da ordem de Santiago; Gomes Pires, patrão d'el-rei; Rodrigueannes de Travassos, creado do infante D. Pedro, escudeiro mui ardido, e outros mais. O requerimento da concessão a D. Henrique fôra feito por Lançarote, almoxarife de Lagos, juntamente com os juizes, alcaides e officiaes da vereação da villa [1]. Lagos, segundo se vê, precedia o que depois fizeram os senados de Londres e Amsterdam, quando se constituiam em emprezas armadoras de exploração colonial.

A frota de Lagos, sahida a dez de agosto, era a maior que até então se armára: iam quatorze caravellas; e a estas se ha-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XLIX, LI.

viam de juntar na ilha de Tider, em Arguim, mais doze equipadas em Lisboa e na Madeira. Diniz Dias e Nuno Tristão, o que em 1443 fôra pela primeira vez ao cabo Branco e á ilha de Arguim, centro do resgate do Senegal e do Gambia [1], levavam uma caravella; Alvaro Gonçalves de Athayde, ayo d'el-rei e que depois foi conde de Athouguia, levava outra; outra, João Gonçalves Zarco, o descobridor da Madeira; e assim por diante até vinte e seis, fóra a fusta de Pallenco. O infante dera a Lançarote a bandeira da Cruzada, á cuja sombra todos os que morressem «eram absoltos de culpa e pena, segundo o outorgamento do Santo Padre [2]». A piedade christã conspurcava-se de tal modo, a ponto de copiar o islamismo grosseiro.

Arguim apresentava na costa, defendido pelo cabo Branco o remanso de extensas bahias, a estação adequada ao estabelecimento de uma feitoria como as que os genovezes e venezianos, continuando tempos antigos, tinham fundado pelos confins remotos do Mediterraneo oriental, na terra dos turcos. O dominio portuguez na Africa descoberta deitava ferro, tornando-se amphibio, desde que o infante mandava, em 1448, contruir um forte em Arguim [3]; e aos caracteres anteriores da empreza, o commercio maritimo por companhias e o trafico dos escravos, juntava-se mais um traço novo — a feitoria littoral, guardada por uma fortaleza. Passo a passo, o systema se ia completando.

O traço que immediatamente apparece como remate dos precedentes e complemento da instituição das companhias de navegação é o do monopolio do commercio maritimo colonial. Assente em Arguim a primeira feitoria, o infante contrata logo o *resgate* n'esse ponto, pelo praso de dez annos. Ninguem, salvo os contratadores, poderia entrar no golfo de Arguim para traficar com os indigenas; e os contratadores, ao abrigo da fortaleza, teriam a sua feitoria e feitores, com as mercado-

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, XVII.
[2] *Ibid.* LV.
[3] Cadamosto, *Naveg.*, X.

rias do trato sertanejo: como pannos, tecidos, prata, alquizeis (tunicas), tapetes e sobretudo trigo, para a compra de negros e ouro [1]. O primeiro contrato de Arguim foi dado necessariamente a Lançarote, organisador da companhia de Lagos, representante d'essa cavallaria nova do commercio ultramarino que ia transformar por completo o organismo e com elle o temperamento da sociedade portugueza.

Em 1469, já depois da morte do infante, e tendo regressado á corôa a doação ou concessão que ella lhe fizera das rendas da Guiné, D. Affonso V deu o contrato d'esse commercio por cinco annos a Fernão Gomes, com a obrigação de descobrir quinhentas legoas de costa para o sul, a contar da serra Leoa. A renda era de duzentos mil reis em cada anno. Todo o marfim seria comprado ao preço de mil e quinhentos reaes o quintal, por el-rei que tinha contratada a venda d'elle com lucro a Martim Annes Boaviagem. Cada anno podia resgatar um gato d'algalia [2]. O contrato de 1469 excluia a terra firme fronteira ás ilhas do Cabo-Verde por ser do infante D. Fernando (a quem D. Henrique deixára em testamento esse legado) e o resgate da feitoria de Arguim por ser do principe D. João, filho do rei. Mas Fernão Gomes conseguiu haver da

[1] «As cousas seguintes não foram tratadas com tanto trabalho e fortaleza como as passadas, cá depois d'este anno ávante sempre se os feitos d'aquellas partes tratavam mais por tratos e avenças de mercadoria que por fortaleza nem trabalho d'armas.» Azurara, *Conq. de Guiné*, LXV.

[2] O almiscar do gato d'algalia (*viverra*), a que os arabes chamam *zabad*, e na India *zibeth*, d'onde os francezes fizeram *civette*, era um dos perfumes mais estimados. O animal tem abaixo do cocix uma cavidade maior ou menor contendo uma materia gordurosa, similhante ao almiscar, a principio branca, mas que escurece com o tempo. Pietro Della Valle, nas suas viagens, conta como viu, no Mar Vermelho, fazer-se a cria do gato d'algalia, ordenhando-o regularmente como para a extracção do leite:

«Quei che chiamano Gatti dal zibetto; animali fieri, della grandezza quasi di un bracco da quaglie, ma piú grossolani e di forma in vero simili a gatti. de' quali vidi un giorno molti en casa de um venetiano, che li tenea nelle gabie; e vidi cavarne in mia presenza il zibetto, che non é altro, che il sudore, che dopo havergli alquanto affaticati, raccolgono loro con un cucchiaio fra le gambe sotto al coscie. E per poter ció fare, che non mordano, tengono ciascuno animale den-

casa do principe o direito do resgate mediante o preço de cem mil reaes cada anno [1].

Felicissimo, Fernão Gomes descobriu o *resgate* do ouro «onde ora chamamos a Mina» reconhecendo a costa até ao cabo de Santa Catharina [2]. Estava torneada a grande protuberancia que a Africa faz no Atlantico; e encerrada a primeira época das navegações, ficava-nos patente o grande golfo da Guiné com as suas ilhas e a costa para o sul até ao extremo do continente. Estavam consolidados os titulos da nobreza nova que appareceu triumphante em Fernão Gomes. Militára com Affonso V em Alcacer e em Tanger, fôra armado cavalleiro, e teve nobreza com novas armas: «um escudo timbrado com o campo de prata e tres cabeças de negros cada um com tres anneis de ouro nas orelhas e no nariz e um collar de ouro ao collo». O appellido ficou sendo Mina [3]. Havia ainda a confiança espontanea: glorificava-se o acto, sem remorsos, nem equivocos inherentes. A nobreza nova não era uma parodia. Esses traficantes de escravos julgavam-se ainda tão dignos de

tro una gabbia forte di legno, ma tanto angusta e stretta, che l' animale non vi si puó voltare, e quando voglione il zibetto, dopo haverlo fatto sudare, agitandolo qualche poco dentro alla stessa gabbia con una brachetta, aprono un poco la gabbia per de dietro, quanto ne possono tirar fuori le gambe posteriori, senza che l' animale si possa voltare ad offender chi lo tira: e tratto el zibetto nel modo che ho detto di sopra, le rimettono poi dentro, tenendo sempre l' animale bem serrato». Della Valle, *Viaggi*, I, 375.

[1] Barros, *Dec.* I, 2, 2. A renda do monopolio do commercio africano na segunda metade do seculo XV attinge uma somma consideravel. Trezentos mil reaes, a 114 reis, valor intrinseco d'essa moeda no tempo de Affonso V (Aragão, *Descripção geral*, etc., II, 240-1) representam 34:200$000 reis da nossa moeda, que segundo Leber (*Essai sur l'appr. de la fortune privée*, etc., 103) é seis vezes mais fraca do que a da época a que nos referimos. A receita colonial equivaleria pois a duzentos contos de reis. Do mesmo modo, o preço do quintal de marfim orçaria por um conto de reis. No começo do seculo XVII Cabo Verde e a Mina, que veio substituir o velho trafego de Arguim, rendiam para o thesouro o equivalente de 300 ou 350 contos de reis. V. *Portugal nos mares*, do auctor, 126.

[2] Barros, *ibid.*

[3] *Ibid.*

ennobrecimento, como os seus antepassados, que tinham conquistado Portugal lanceando mouros.

Todavia a inveja, accesa em todo o reino com a riqueza subita dos contratadores de Africa, expandia-se em queixas contra os afortunados caçadores de negros. Nas côrtes de 1473, em Coimbra, um anno antes de expirar o contrato de Fernão Gomes, os povos reclamam, sem ser attendidos, que os tratos da Guiné se arrematem em praça, *a lanços*, para que os beneficios possam servir a todos; que findo o contrato do melaço da ilha da Madeira, seja livre a compra e venda do assucar da mesma ilha [1]; e que se não levem para fóra do reino escra-

[1] O contrato do assucar da Madeira tem uma accidentada historia, facil de extrahir dos diplomas publicados nas notas á ed. das *Saudades da Terra*, do snr. Azevedo.

Começa pelo contrato de dezembro de 1452, feito em Albufeira entre o infante D. Henrique e Diogo de Teive, seu escudeiro, para a construcção de um *emgenho daugua* que desse *despacho a todos hos canaueaees*, mediante o pagamento da terça parte do producto do infante, *sem lhe eu dar ninhũa coisa* (pag. 665). Ao mesmo tempo o foral primitivo da ilha mandava pagar *metade*, de todas as canas que não fossem reduzidas a assucar. De tudo isto veio a generalisação das prensas ou *alçapremas* em que, mediante o imposto de arroba e meia por mez, os lavradores faziam o assucar em casa. E da generalisação seguiu-se o infante D. Fernando (herdeiro da ilha por morte de D. Henrique) mandar cobrar em 1461 o terço nas *alçapremas* como no *emgenho daugua*.

Os cultivadores resistiram, deixando de fabricar assucar. É o que se vê da carta do infante a pag. 666-7, de 21 de janeiro de 1462, em que elle transige e cede. Já porém o assucar da Madeira era batido na concorrencia pelo das Canarias. Nova carta do infante (14 de julho de 1469, a pag. 668-9) propõe a instituição de um monopolio *bindo todo o acuquar assy o meu como bosso a huna mão* para ser vendido a *estes mercadores da cidade de lixboa que sam para ello bem abastantes* e decididos a *tomarem todo ho acuquar que se em essa ylha fezer*.

A resposta dos madeirenses (pag. 669-70) foi contraria aos desejos do infante, e a idéa não foi por diante. O assucar baixara, de cinco cruzados a arroba, ao maximo de 800 e minimo de 650 reis, que eram os preços de 1469.

No fim do seculo (1489 ou 90) o imposto achava-se reduzido ao *quarto* e organisada a fiscalisação da cultura e fabrico; e pelo mesmo tempo prohibia-se a refinação dos melaços que haviam de ser transferidos para Lisboa. Em 1493, a Madeira produzia 80:000 arrobas de assucar, isto é, quarenta vezes a producção de 1455 (pag. 670-2).

vos da Guiné sem licença [1]. Portugal estava francamente transformado n'uma Carthago, e no seu tumulo o infante D. Henrique devia nadar em satisfação, se os cadaveres podessem sentir.

*
* *

No declinar da sua vida, o infante gozou a velhice feliz. Foi com o sobrinho a Alcacer, conforme diremos já; viu a desforra de Tanger, embora os vinte annos decorridos tivessem mudado completamente a face das coisas, desligando de todo o que a principio parecia inseparavel: a conquista de Marrocos e as descobertas africanas. Tinha-se andado muito, depois da installação da feitoria de Arguim e da instituição das primeiras companhias maritimas. Aventureiros vinham de fóra offerecer ao infante os seus serviços, que não eram desdenhados. Nacionaes ou estranhos, serviam todos a D. Henrique para levar por diante a empreza da sua vida.

Tinha já sessenta annos, sentia-se extinguir, quando em agosto (8) de 1454 veio parar ao cabo de S. Vicente uma galé de Marco Zeno, de Veneza, trazendo a bordo Alvisi Cadamosto, ou Luiz da casa de Mosto, gentil-homem tambem veneziano. D. Henrique enviou-lhe o seu secretario Antonio Gonçalves e o consul de Veneza, Patricio de Conti, com amostras dos productos de Africa, convidando-o a partir para lá. Cadamosto indagou as condições. Eram que, sendo a caravella armada á custa do explorador, na volta pagaria ao infante o quarto de toda a carga, e se o infante a armasse, metade seria sua. O veneziano aceitou, e D. Henrique mandou-lhe armar uma caravella de noventa toneis dando-lhe por capitão a Vicente Dias. Largaram a 22 de março de 1455, e tres dias depois chegavam a Porto Santo [2]. N'essa primeira navegação os genovezes fo-

[1] Santarem, *Mem. para a hist. das Cortes*, II, 2, 39.

[2] *Naveg. de Cadamosto*, na *Coll. de not.* da Academia, II; Major, *Vida do Inf.* 304-6 da trad. port., põe tambem a partida em 1455; Goes, *Chron. do Pr. D. João*, VIII, dá o anno de 1445.

ram até ao Senegal e a Gambia, descobrindo na segunda o archipelago de Cabo-Verde. No Senegal já Lançarote tinha entrado oito annos antes, com a expedição da sua segunda companhia, julgando que entrava nas aguas do Nilo dos negros, o Niger, supposto braço destacado do verdadeiro Nilo que os geographos do tempo acreditavam ligar no seu regime a hydrographia de toda a Africa. Do Senegal descera Lançarote pela costa até ao Cabo-Verde, emquanto João Gonçalves Zarco desgarrado ia parar a Gorea [1]. Finalmente dez ou doze annos depois da primeira viagem de Cadamosto, e nove depois da morte do infante, Pero de Cintra e Soeiro da Costa, participes do syndicato de Lançarote, e ultimos contratadores do commercio e descoberta, antes de Fernão Gomes, tinham levado o reconhecimento da costa até á serra Leoa. D'esse ponto começavam as quinhentas legoas do novo contrato. Foi porém o mesmo Soeiro da Costa que, depois ainda, galgando o cabo das Palmas, torneou o grande cotovello da Africa, indo dar o seu nome ao rio que fica junto ao cabo das Tres-pontas, e iniciar a descoberta da Mina, origem da riqueza e fidalguia nova de Fernão Gomes [2].

Taes foram os momentos successivos da expansão portugueza em Africa, já como progresso geographico [3], já como

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, LVI, LVIII, LXXV.

[2] Barros, *Dec.* I, 2, 2.

[3] Eis-aqui, não um indice de todas as viagens d'este periodo, mas um schema da marcha progressiva dos exploradores:

I. *Região deshabitada:*

26°6′	Cabo Bojador	1434, Gil Eannes.
24°50′	Angra dos Ruivos	1435, Id. e Baldaya.
24°30′	Angra dos Cavallos.....	1436, Baldaya.
23°45′	Rio do Ouro.....	1436, Antão Gonsalves.
23°	Porto do Cavalleiro.....	1440, Id. e Nuno Tristão.

II. *Região dos mouros azenegues:*

20°48′	Cabo Branco	Bahia de Arguim	1442, Nuno Tristão.
	Ilha de Arguim		1445, Lançarote, com a primeira companhia de Lagos.
	Ilha de Tider		
19°24′	Cabo do Resgate		

desenvolvimento parallelo de instituições novas, adequadas á fórma tambem nova de exploração chrematistica. E emquanto na Africa succedia isto, surgia do mar o archipelago dos Açores, depois de descoberto e povoado o da Madeira. Em 1435 mandára D. Henrique a Gonçalo Velho á descoberta: essa viagem só desencantou as Formigas; mas no anno seguinte, voltando, o navegante achava Santa Maria [1]. De Santa Maria via-se outra ilha, cuja povoação o regente D. Pedro tomava a seu cargo, pondo-lhe o nome de S. Miguel «pela singular devoção que elle sempre houvera n'aquelle santo [2].» Pelo mesmo

III. *Região dos negroides, jolofos e mandingas:*

16°10′	Foz do Senegal.....	1447, Lançarote, com a segunda companhia.
14°48′	Cabo-Verde	1454, Diniz Dias.
	Archipelago de Cabo-Verde...	1456, Cadamosto (2.ª viagem).
13°30′	Foz do Gambia	1455, Id. (1.ª viagem).
12°30′	Foz do Casamansa	1455, Id.
11°50′	Foz do Rio Grande.....	1461, Pedro de Cintra.
8°30′	Serra Leoa.....	1465, Id. e Soeiro da Costa.

IV. *Região dos negros:*

4° S	Cabo das Palmas Rio de Soeiro da Costa Cabo das Tres-pontas	1469, Soeiro da Costa.
	S. Jorge da Mina	1469, Fernão Gomes.

[1] V. o *Arch. dos Açores* (riquissima publicação em que o snr. E. do Canto colligge tudo quanto respeita á primeira historia do archipelago) I, 444, onde cita Gaspar Fructuoso, no seu inedito das *Saudades da Terra.*

[2] Azurara, *Conq. de Guiné*, LXXXIII. — Em 1507, S. Miguel andava arrendada por 5:000 arrobas de assucar. — Arch. nac. *Lic. das ilhas*, 126 v. Carta de mitt. transcr. no *Arch. dos Açores*, I, 51. — O mesmo periodico reproduz varios doccs. relativos ao regimen da soberania e propriedades n'essas ilhas: Carta regia de 2 de julho de 1439 para a povoação dos Açores (I, 3). Id. de 5 de abril de 1443 isentando os colonos do dizimo e portagem (5). Id. de 20 de abril de 1447 estabelecendo a mesma isenção para S. Miguel, doada ao infante D. Pedro (6). Id. de 10 de março de 1449 para o infante D. Henrique povoar as sete ilhas dos Açores (7). Id. de 20 de janeiro de 1453 doando o Corvo ao duque de Bragança (9). Doação de 2 de setembro de 1460 pelo infante D. Henrique a seu filho ado-

tempo, em 46, o infante voltava a insistir no plano das Canarias que o regente lhe deu «outorgando-lhe o quinto de tudo o que de lá viesse [1]»; as circumstancias não permittiram, comtudo, que este segundo projecto fosse mais bem succedido que o anterior. As Canarias tambem nos não vieram com a doação do regente!

*
* *

Pobre regente, porém, cujo governo (1439-46), coincidindo com o periodo em que a fundação das companhias de Lagos para o *resgate* de Arguim, trazia absorvido o infante D. Henrique, se achou abandonado por elle á furia intrigante dos seus inimigos! Entre salvar outro irmão, elle que já sacrificára dois! collaborando na empreza dura de resgatar o reino das garras da fidalguia ávida, e evitando o desenlace tragico de mais tarde, com o punhal e o cutello, ás mãos do Principe-perfeito: entre esta empreza, e a de extrahir do mar um mundo, o infante D. Henrique não podia com effeito hesitar, dominado como trazia desde todo o sempre o espirito pela allucinação dos descobrimentos.

Exactamente quando a sua abstencção condemnavel tinha levado as coisas, conforme veremos, ao ponto critico, destrinçado pela morte na catastrophe de Alfarrobeira (1449), andavam Soeiro da Costa e o seu genro Lançarote, com a frota de vinte e seis caravellas, caçando negros em Arguim, resgatando ouro pelas praias da Guiné! E assim que o regente morreu, assim que o duque de Bragança se sentou no throno, reinando com o pseudonymo de Affonso V, assim que o infante viu surgir uma era nova, depois da velhice de D. João I, da timidez de D. Duarte e da prudencia de D. Pedro: outra vez largou o

ptivo, o infante D. Fernando, das ilhas de Jesus Christo e Graciosa (11). Carta regia de 3 de dezembro de 1460, transferindo para o infante D. Fernando, duque de Vizeu, a doação dos archipelagos da Madeira e Açores, vaga por morte de D. Henrique.

[1] Azurara, *Conq. de Guiné*, LXXXIV.

seu vôo de Sagres, como um condôr, para vir reclamar a conquista de Marrocos. Ninguem se lhe oppunha agora: nem o rei, uma creança adoidada; nem a côrte, matilha de lebreus açulada no regabofe. Pelo contrario: guerras, aventuras, saques, era o que lhes estava pedindo a gula accesa pelo banquete.

Soou então pelo mundo, até estes remotos confins do Occidente, a noticia aterradora da queda de Constantinopla ás mãos de Mahomet II (1453); e os gritos da Italia em que o papa se via ameaçado, com todo o mundo christão, de morrer afogado na onda dos turcos, incitavam á Cruzada os animos ingenuamente piedosos [1]. Era uma resurreição de tempos antigos.

D. Henrique, tremendo por Ceuta que lhe custára a mais negra amargura da sua vida, apesar dos sessenta annos feitos, branco mas tão rijo no corpo como foi sempre na alma, queria ir para Africa defender o baluarte ameaçado do imperio portuguez. Não lh'o consentiu o sobrinho [2]; mas talvez, decerto, veio d'aqui a decisão de terminar a empreza encetada com tamanha fortuna em 1415, e tão lastimosamente proseguida em 1439.

Aos nove annos depois de Tanger, cinco passados sobre a queda de Byzancio, D. Henrique levava o sobrinho a Alcacer-ceguer (1458). Perante a assustadora catastrophe do Oriente, quando o turco, devorada a Grecia, ameaçava a Hungria, o papa convocára todos os principes christãos, e em 1457 mandou-nos por embaixador o bispo de Silves com a bulla da Cruzada. Accendeu-se o animo do rei que entrou na colligação offerecendo ir com doze mil homens e mandando cunhar a nova moeda do *cruzado* [3]; mas a liga dos principes christãos não proseguiu, e os planos voltaram-se decididamente contra a Africa. A mocidade do rei, a sua valentia e ardimento, educado como fôra na longa crise da regencia, e a geração nova que o cercava e applaudia, fizeram o milagre de improvisar a expedição e cahir de repente sobre os mouros. No outomno de 1458, a tres

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXXVIII.
[2] Azurara, *Conq. de Guiné*, V.
[3] Aragão, *Descripção geral*, etc., I, 230, onde cita Pina.

de outubro, de manhãsinha, surgiu em frente de Sagres a armada em que o rei sahira de Lisboa tres dias antes; e D. Henrique, hirto sobre sessenta e cinco annos de um pensamento fixo, embarcou, tomando a direcção da empreza e conquistando Alcacer [1], prologo das conquistas successivas de Tanger e Arzilla (1471) que deram o cognome ao Africano.

Na vespera de morrer, o infante D. Henrique via realisarem-se ambas as faces do plano que lhe enchera a vida. Devia acabar feliz, e com a consciencia tranquilla pelos males que causára. Extrahira a ferros o continente africano do ventre do mar, e era certo que os passos andados seriam proseguidos: havia de chegar-se ás Indias! Por outro lado, reparára-se o desastre de Tanger, e tambem era seguro que Marrocos seria em breve um Portugal d'além-mar.

Enganou-se porém n'esta idéa, que decerto lhe adoçou a morte. Nem a descoberta da India e o imperio nos mares do Oriente se prendiam com a posse da Africa de noroeste, como a nebulosa geographia do tempo imaginava, relacionando as duas emprezas; nem Portugal, podendo como pôde, realisar a primeira com o genio audaz dos seus capitães, tinha forças, nem recursos para levar a cabo a segunda. A lucidez das vistas do infante D. Pedro foi confirmada pela historia, nossa e alheia. Uma coisa era avassallar os mares, plantando feitorias ao longo de costas habitadas por populações mais ou menos caducas, e isso foi o que um punhado de portuguezes fez no Oriente; outra coisa era estabelecer firme o imperio sobre uma região povoada por gentes espessas e vigorosas, accesas n'uma fé tão proselytica e viva como a nossa, e além d'isso confiadas na victoria final do Islam que a tomada de Constantinopla e a expansão dos turcos em toda a Europa oriental, pareciam assegurar. Para supprimir os mouros, substituindo-nos a elles, faltava-nos gente n'um reino pequeno e sempre mal povoado. Dominar ou exterminar essas populações, era impossivel. Ficavamos nas praças de Marrocos, como a bordo das nossas naus;

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, CXXXVIII. 16 de outubro.

porém as naus iam, vinham, livremente pelos mares, multiplicando a força, distribuindo o castigo; ao passo que as praças da Africa eram pontões immoveis, ancorados, constantemente batidos pelas vagas da mourama tempestuosa.

A situação cruel em que primeiro esteve Ceuta sósinha, foi a que depois tiveram, além de Ceuta, Alcacer, Tanger, Arzilla, Azamor, até que por fim a politica sabia de D. João III resolveu abandonal-as, seguindo os conselhos relembrados do infante D. Pedro. A experiencia cruel ratificára-os. Dissera elle que nem o poder de todos os reis da Hespanha seria de mais para a conquista da Africa musulmana; e via-se com effeito que, se nós tinhamos de a abandonar, o poder reunido da Hespanha já unificada faria ainda menos do que nós, pois as duas investidas do cardeal Jimenes (1509-10) contra Oran ficaram inuteis, e mallogrado o cêrco de Carlos V a Argel (1541). Só nos nossos tempos, depois de tres seculos de progressivo decahir do mundo musulmano, a França com todo o seu poder conseguiu á custa de rios de sangue e despezas incontaveis firmar em Argel um imperio, que todavia se debate ainda indecisamente com a força embora já passiva da densidade da população arabisada. Marrocos mantem-se, e se é certo que succederá ahi o mesmo que succedeu em Argel, não é menos verdade que para tanto se necessita de meios incomparavelmente superiores áquelles de que nós podiamos dispôr nos seculos auteos da nossa historia...

Bom foi, porém, que D. Henrique morresse (1460, em Sagres [1]) com a crença de que Marrocos ia ser nosso, com a consolação de vêr tirada a desforra de Tanger. D'esse modo a sua existencia fecha um cyclo, tem uma unidade e uma apotheose, e serve para mostrar como, por illusorias que as coisas sejam em si, nem sempre o é o esforço dos heroes. Consola, quando vemos alguem sahir vencedor do combate da vida, ou pelo menos julgar que o sae, porque assim temos a prova de que a felicidade não é uma expressão inteiramente vã. Se é subjecti-

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, CXLIV.

va, porque está exclusivamente em nós, subjectivo é tambem tudo, pois o mundo só consiste realmente n'aquillo que imaginamos conter. Acima do grande nevoeiro de supposições em que nos agitamos, paira apenas, como um sol, a verdade absoluta da razão, e como nebulose, o instincto do bem que ora nos apparece feito justiça, ora transformado em belleza, ora docemente expresso como caridade e amor.

Victimas d'amor e caridade acabaram D. Fernando e D. Duarte; e vamos ver acabar D. Pedro victima da razão, a ponto de a perder. D. Henrique morre victorioso, e victorioso veremos tambem finar-se o bastardo de Barcellos. Assim variamente assistimos ao cahir dos ramos da arvore de Aviz, tombando para a terra que tudo confunde, menos a memoria, alma alada inextinguivel!

A memoria de D. Henrique não é feita de humanidade, mas de genio. Teve o instincto creador e socialmente genesiaco, esse homem a quem os votos impediram a geração. Iniciando uma fórma ignota de expansão territorial, repellido pela fórma classica da conquista, Alexandre de uma especie nova, deu a Portugal, com as descobertas, a extensão dos mais vastos imperios, abrindo-nos um logar eminente no épico pantheon da historia. Como tudo era mister crear para dar consistencia e realidade social á sua invenção, transformou as instituições, indo ao arsenal do velho direito buscar as formulas em que podia introduzir um outro espirito. Attribuindo ao papado uma soberania mystica sobre o mundo, foi pedir-lhe titulos de propriedade politica para os territorios descobertos, utilisando nas aventuras novas a bulla da Cruzada, escripta para as aventuras religiosas e cavalheirescas de outros tempos. Sanccionadas por tal fórma as acquisições, com um direito parallelo ao direito classico da conquista, fez da sua ordem de Christo, instituida para a Cruzada, um instrumento de commercio, applicando-lhe os redditos ao armamento de navios. Transformou a Cruzada n'um negocio, tornando a ordem de Christo commanditaria das companhias de navegação. As velhas instituições militares e monasticas, as velhas idéas guerreiras e religiosas, viram-se

transformadas na sua essencia, sem se alterarem no seu aspecto [1]. O freire achou-se um piloto, o cavalleiro um mercador, e Portugal foi como a Carthago de outras idades: nas mãos dos Inquisidores, o Deus de Ourique parece Moloch, ardendo em chammas consumidoras de carne humana. Uma nação rural, guerreira e piedosa, transformou-se n'uma grande companhia de commercio accesa em fanatismo cruel.

Indubitavelmente o nivel moral baixou, porque o movel da ganancia, embora poetisado pelo espirito de aventura e obscuramente arrebatado pela religião, dá menos nobreza aos homens do que os motivos guerreiros ou proselyticos, feitos de ingenuidade corajosa e de abnegação pura. Sem refolhos, o chronista confessa que «as cousas seguintes não foram tratadas com tanto trabalho e fortaleza, porque os feitos se tratavam mais por tratos e avenças de mercadoria, que por fortaleza nem trabalho d'armas.» Mas desde que os povos modernos entravam com a Renascença no naturalismo novo, força era que o commercio, e em geral os motivos chrematisticos, se substituissem aos antigos motivos transcendentes. O que caracterisa, não só o nosso infante

[1] As doações recebidas dos papas, quanto ao espiritual das descobertas, transferia-as o infante á ordem de Christo. V. a de 7 de junho de 1454 em que Affonso V lhe transfere a jurisdicção espiritual de Gazulla, Guiné, Nubia e Ethiopia, e o decreto de 26 de dezembro de 1458, datado pelo infante da sua villa, determinando que a ordem de Christo receba o tributo de vintena, em vez do dizimo, de todas as mercadorias da Guiné, ou fossem escravos, ouro ou qualquer outra coisa, e o mais pertença a quem houver senhorio, como o infante então o havia por concessão real. V. tambem em 1460 (18 de setembro) a transferencia para a mesma ordem do espiritual da Madeira. Sousa, *H. G.*, *Provas*, I, 454. É de 1485, depois da morte do infante, a sentença de Estevam Gomes, vigario geral, servindo de arcebispo de Lisboa, confirmando as doações á ordem de Christo, conforme as bullas de Sixto IV, ratificação das de Nicolau V e Calixto III, atraz citadas. V. Sousa, *Ibid.*, 455.

Pelo que respeita ao temporal, D. Henrique, em 1451, perfilhou o sobrinho D. Fernando, cumprindo assim a promessa feita á cunhada, deixando-o seu herdeiro (V. a Carta em Sousa, *Ibid.*, 562) e como, na doação de 1460, o infante transferia tambem o temporal da Madeira para a corôa, D. Affonso V, em Carta do mesmo anno, dôa esse senhorio ao mesmo D. Fernando, filho adoptivo do infante. V. a Carta, em Sousa, *Ibid.*, 562.

como homem, mas Portugal como povo, é a alliança hybrida e estreme, do maximo vigor da fé com o espirito mais tenaz do lucro. É isto o que dá aos portuguezes da nossa grande época um ar quasi punico de apostolos de uma religião tão sanguinaria e devastadora com as velhas religiões phenicias, embora mystica e piedosa como a faziam um Xavier ou um Anchietta. Foi isto o que não concorreu pouco para a ruina do nosso imperio oriental, desde que nos achámos em competencia com povos unicamente inspirados pelos motivos chrematisticos.

Esse caracter punico, adquirido pelo movimento das descobertas, accentuou as invenções do genio do infante, invenções que a todos serviram, porém, ao depois para a exploração das colonias, e sobre as quaes se póde dizer que assentou a edificação da riqueza europêa nos nossos tempos: as companhias de navegação e commercio; o trafico dos negros escravisados; o systema phenicio e grego das feitorias littoraes; e os estancos ou monopolios regios, fórma de imposto ou co-participação dos estados metropolitanos na exploração das regiões ultramarinas. Mas se todos estes typos chrematisticos, consciente ou inconscientemente, eram reproduzidos da historia, porque já em volta do Mediterraneo e na Hespanha, em remotos seculos, houvera trafico de escravos, fazendas e minas trabalhadas por elles, companhias de navegação e commercio, e feitorias protegidas por fortalezas, embora taes fórmas primordiaes da exploração de terras novas se tivessem obliterado com a civilisação na Europa: não é menos verdade que em mais de um ponto, mas particularmente nas ilhas desertas do Atlantico, se propunha á imaginação creadora do infante um problema inteiramente novo.

Esse problema era o da povoação. E a iniciativa que tivemos n'esta fórma de exploração, serviu tambem de typo a todos os povos que depois de nós entraram na lavra de colonias. Assim como repetiram o typo das nossas feitorias, e o das nossas fazendas de escravos: assim tambem procederam nas colonias de povoação, creadas, ou por pensamento politico, ou por exiguidade de territorio na metropole.

Tambem n'esta especie o infante foi ao arsenal das insti-

tuições tradicionaes, e, transplantando para as ilhas atlanticas o regimen quasi feudal das doações, repetindo o que na metropole tinham feito para a povoar os reis da primeira dynastia, levou para lá sementes ou colonias de gente do reino. Procedeu como Roma fazia, transportando as leis e os penates, estendendo o seu fôro proprio aonde quer que se installava; e do exito d'esse processo dão um testemunho vivo, embora modesto, as nossas ilhas, precursoras das vastissimas colonias saxonias da America e da Australia. Os Açores e a Madeira eram pedaços de Portugal fundeados no Oceano, e não havia ahi as complicações inherentes á existencia prévia de populações indigenas: não houve por isso nenhum dos traços *punicos* do avassallamento das regiões mais ou menos habitadas.

Assim, do cerebro poderoso do infante D. Henrique, duro para as affeições, desapiedado e esquivo, sahiu todo o systema colonial moderno, de pé e armado, qual Minerva da cabeça de Jupiter. E se para Portugal o titulo de nobreza no concurso epico das nações são os seus dois seculos de expansão maritima, e são-no, é incontestavel que o infante D. Henrique foi o nosso Hercules. Encarnou o genio latente de um povo inteiro, tornou-se o interprete do destino de uma nação filha da vontade civica, e á força de heroismo tenaz conseguiu vencer. Para vencer, porém, teve de despedaçar, não talvez o coração proprio, porque a sua natureza genial era rebelde ao sentimento, mas a felicidade, a paz e até a propria vida de tres irmãos que acabaram, mais ou menos por culpa d'elle, um desfeito em dôr, outro immolado no captiveiro, outro varado por uma setta no tumulto da guerra civil. O genio é descaroavel: se no mundo a acção e a bondade podessem andar juntas, o mundo seria um paraizo.

Oliveira Martins.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO VI

PENETRAMOS NO REINO DOS KAKUANAS

Toda essa tarde trilhamos a larga, magnifica estrada que seguia infindavelmente para o lado de noroeste. Alguns dos negros marchavam adiante (uns cem passos) como vedetas. Outros seguiam levando as nossas bagagens. Nós iamos no meio, entre Infandós e Scragga.

Pouco a pouco, Infandós e eu descahimos n'uma palestra familiar e amigavel. O velho era esperto e loquaz.

— Quem fez esta estrada, Infandós?

— Foi feita ha muito tempo, meu senhor. Ninguem sabe quando; nem mesmo uma mulher que tudo sabe, Gagula, que tem vivido através de gerações... Já ninguem póde fazer estradas assim... Mas o rei não consente que se desmanche, nem que lhe cresça a herva por cima.

— E ha quanto tempo vivem aqui os kakuanas, Infandós?

— A nossa gente, meu senhor, veio para aqui de grandes

[1] Continuado da pag. 78, do numero de janeiro.

terras que estão para além (indicava o Norte) ha mais de dez mil milhares de luas. Para baixo não puderam seguir, segundo diziam nossos avós, que o disseram a nossos paes, e segundo conta Gagula, a mulher que tudo sabe. Não puderam por causa das altas montanhas que estão em redor, e do deserto onde tudo morre. De modo que, como a terra era fertil, aqui assentaram; e tantos e tão fortes se tornaram que agora, quando Tuala, nosso rei, chama os seus regimentos, o chão treme todo com o seu peso, e até onde a vista alcança só se vêem plumas de guerreiros e lanças.

— Mas se a terra está murada de montanhas, e se não tendes visinhos, para que são tantos soldados?

— A terra está aberta para além (e indicava o Norte). E ás vezes descem de lá multidões, que não sabemos quem são, e que nós destruimos. Já correu a terça parte d'uma vida de homem desde a ultima guerra. Depois houve outra guerra, mas foi entre nós, irmão contra irmão.

— Como foi isso, Infandos?

Infandos começou então uma d'essas historias de pretendentes e de guerras dynasticas, que abundam em todos os continentes. O pae d'elle, Kapa, que era o rei dos kakuanas, tivera por primeiros filhos, da primeira mulher (elle, Infandos, era filho d'uma concubina) dois gemeos. Ora a lei dos kakuanas manda que de dois gemeos reaes o mais fraco seja sempre destruido. Mas a mãe, por piedade e amor, escondeu o gemeo mais fraco, que se chamava Tuala, e, ajudada por Gagula, educou-o em segredo n'uma caverna. Quando Kapa morreu, o gemeo mais velho, que se chamava Imotú, foi portanto rei; e logo depois teve da sua mulher favorita um filho por nome Ignosi. Ora por esse tempo passára a guerra com os povos do Norte: os campos não tinham sido semeados; veio uma fome; e havia grande miseria e dôr entre o povo, que, como uma fera esfaimada, rosnava, procurando com os olhos sangrentos alguma coisa em redor para despedaçar. Foi então que Gagula, a mulher que tudo sabe e que não morre, rompeu a dizer que os males todos provinham de que Imotú reinava sem ser rei. Imotú a esse

tempo estava doente na sua cubata, com uma ferida. Começou a correr um clamor entre o povo. Por fim, Gagula um dia reune os soldados, vai buscar Tuala, o gemeo mais novo que ella e a mãe tinham escondido nas cavernas, apresenta-o ao povo, descobre-lhe a cinta, e mostra a marca real com que entre os kakuanas os reis são marcados ao nascer — uma tatuagem representando uma cobra, que se enrosca em torno do ventre real, e vem reunir, sobre o umbigo real, a cabeça e o rabo. E ao mesmo tempo, Gagula gritava: «Eis o vosso verdadeiro rei, que eu salvei e que escondi, para elle vos vir salvar agora!» O povo, tonto de fome, ignorando a verdade, espantado com a evidencia da marca real, largou a bradar: «Este é o rei! Este é o rei!» Alguns sabiam bem que não — e que n'este só havia impostura. Mas n'esse momento, ouvindo os alaridos, o rei Imotú sae doente e tropego da sua cubata, com a mulher e com o filho que tinha tres annos, a saber porque vinham tantos brados e porque pediam elles «o rei!» Immediatamente Tuala, o irmão, corre para elle e crava-lhe uma faca no coração! E o povo, que as acções decididas e bruscas sempre fascinam, gritou logo: «Tuala é rei! Tuala provou que é rei!» Diante d'isto a pobre mulher de Imotú agarrou o filho, o seu Ignosi, e fugiu. Ainda appareceu, passados dias, n'uma aringa, pedindo de comer. Depois viram-na seguir para os lados dos montes e nunca mais voltou.

— De modo, observei eu interessado por esta pagina de historia negra, que Tuala não é o verdadeiro rei.

O velho respondeu com prudencia:

— Tuala, o grande, é rei. Mas se Ignosi vivesse ainda, só esse tinha o legitimo direito de reinar sobre os kakuanas. A cobra sagrada foi-lhe marcada em torno da cinta. O rei é elle. Sómente decerto ha muito que Ignosi morreu...

Casualmente n'esse instante, voltando-me para fallar aos camaradas que marchavam atraz — esbarrei com Umbopa, que quasi me pisava os calcanhares, absorto n'aquella historia de Imotú e de Ignosi, com uma curiosidade, um interesse que lhe punham nos olhos um brilhar desusado, lhe davam a expressão

de quem de repente lembra coisas vagas, remotas, semi-esquecidas, perturbadoras. N'essa occasião permaneci indifferente. Mas, depois, através da jornada, muitas vezes pensei n'aquella anciosa, esgazeada curiosidade do Zulú.

No entanto já trilharamos algumas fortes milhas d'estrada. As montanhas de Saba ficavam para traz envoltas nos seus mysticos véos de nevoa. E o paiz cada vez se offerecia mais formoso e mais rico.

Ao começo da tarde avistamos emfim uma grande povoação,—que, segundo Infandos nos declarou, pertencia ao seu commando militar e continha uma vasta guarnição. O velho guerreiro mandára mensageiros adiante, correndo, n'um passo de gazella a annunciar a nossa vinda. E quando nos aproximamos da aldêa, descobrimos com effeito, sahindo das portas e marchando ao nosso encontro, densas companhias de soldados.

O barão tocou-me no braço, com um receio que «as coisas se apresentassem desagradavelmente». Infandos decerto comprehendeu, pelo tom, pelo franzir de sobrancelhas do barão, o sobresalto que o tomára (e a mim), porque acudiu anciosamente, com redobrada reverencia:

—Que os meus senhores não suspeitem de mim! Aquelle é um dos regimentos que eu commando! Mandei-o sahir e desfilar, para prestar as honras aos que vêm do mundo das estrellas...

Esbocei um gesto e um sorriso de soberana indifferença. Realmente estava bem inquieto!

A povoação ficava á direita da estrada, separada d'ella por um declive de terreno areado e bem pisado, onde o regimento se formára em parada. Havia alli talvez uns tres mil homens. E quando nos acercamos, podemos vêr com admiração e assombro, de que esplendida, de que formidavel raça eram estes guerreiros kakuanas! Nenhum media menos de seis pés d'altura; e todos eram veteranos de quarenta annos, ageis,

experientes, prodigiosamente robustos, endurecidos por exercicios perpetuos. Sobre a cabeça todos traziam a corôa d'altas e pesadas plumas negras, sempre tremendo ao vento. Em volta da cinta pendia-lhes um saião feito de rabos de boi, muito juntos uns aos outros e brancos; e no braço esquerdo sustentavam escudos redondos de ferro, recobertos de couro pintado de branco. Por armas tinham uma azagaia semelhante á dos Zulús—e tres facas (uma no cinto, duas em presilhas no escudo), facas enormes que elles chamam *tollas* e que arremessam a distancias de cincoenta jardas e mais, com uma certeza terrivel.

As companhias conservavam-se mais immoveis que estatuas de bronze. Mas, á medida que iamos passando em frente d'ellas, cada official (que se distinguia por uma capa de pelle de leopardo) dava um signal: e os homens, brandindo a azagaia no ar, soltavam a saudação real, a grande voz: «krum! krum! krum!»

Assim penetramos na povoação ao rumor de acclamações. A aldêa devia ter uma milha de circumferencia; e era defendida por um largo fosso e por uma alta estacada feita de troncos d'arvores. Na porta central, do lado da estrada, havia uma ponte levadiça.

Parecia uma aldêa admiravelmente bem ordenada. Ao centro, entre arvores, corria uma ampla, extensa rua, cortada em angulos rectos por outras mais estreitas, formando séries de quarteirões, cada um dos quaes alojava uma companhia. As cubatas, redondas, feitas d'uma grossa verga entrelaçada, findavam á maneira da dos Zulús por tectos de colmo em fórma de zimborio agudo: mas, differentes n'isto das dos Zulús, tinham uma porta, larga e facil, e eram cercadas por uma varanda, cujo chão de cal dura rebrilhava ao sol. Os dois lados da grande rua apinhavam-se de mulheres, que tinham corrido de todas as cubatas para nos admirar. Era uma bella raça de mulheres—altas, airosas, esplendidamente feitas, com o cabello mais ondeado que encarapinhado, as feições por vezes aquilinas, e os beiços sempre finos. Mas o que mais nos impressio-

nou foi o seu ar grave e serio. Nem pasmo selvagem, nem risos, nem injurias, ao vêrem-nos desfilar, tão estranhos e differentes de todos os homens que até ahi tinham encontrado. Nem mesmo a singular figura de John lhes arrancou uma exclamação: apenas os largos olhos negros se lhes arregalavam para as pernas niveas do pobre amigo, que, roído de vergonha, praguejava baixo.

Quando chegámos ao centro da aldêa, Infandos parou em frente d'uma espaçosa e rica cubata, cercada de dependencias menores, entre arvoredo. E com palavras grandiosas, á maneira dos Zulus, offereceu-nos a hospitalidade:

— Aqui habitareis, meus senhores. E não tereis de apertar o ventre com fome! Em breve vos traremos mel, leite, uma ou duas vaccas, alguns carneiros. Não é muito, oh espiritos! Mas é dado por corações, que se regosijam de vos vêr.

— Bem, bem, Infandos, murmurei eu. O que precisamos sobretudo é descançar, fatigados da nossa descida através dos espaços e dos reinos do ar...

A cubata era muito confortavel, com herva aromatica espalhada no chão, grandes pelles servindo de leitos, e vistosos cantaros para a agua. D'ahi a pouco, entre cantos e risos, appareceu á porta um bando de raparigas trazendo leite, mel em covilhetes, fructas em cestos:—e atraz dois rapazes seguiam, arrastando um vitello pelos cornos. Um dos rapazes, tirando a faca do cinto, matou o vitello de um golpe: e logo o outro, agil e destramente, o esfolou e retalhou.

Ajudado por uma das raparigas (que era extremamente bonita), Umbopa passou a coser a carne n'uma panella de barro, sobre uma alegre fogueira accesa á porta da cubata: e nós mandamos convidar Infandos e Scragga para partilhar do nosso repasto. Quando entraram, notei que, para comer, se não encruzavam no chão á maneira dos Zulus — mas se sentavam em pequenos bancos, que abundavam na cubata encostados ás paredes. O jantar foi longo e affavel. O velho guerreiro todo elle exhibia doçura e respeito. Mas o rapaz Scragga parecia olhar para nós, e para cada um dos nossos gestos, com

singular desconfiança. Talvez, ao vêr que nós comiamos, bebiamos, e tinhamos as necessidades de qualquer kakuana, começava a suspeitar da nossa origem divina. Não me agradou este sentimento, tão real e logico. Que nos poderia assegurar as vidas, perdidos entre aquellas turbas negras, senão o terror supersticioso?

Depois de jantar accendemos os cachimbos — o que encheu os nossos amigos d'espanto. Na terra dos kakuanas, como na dos Zulús, a planta do tabaco cresce em abundancia — mas elles só a sabem usar torrada e sêcca, pulverisada. Só conhecem o rapé.

No entanto conversamos a respeito da nossa jornada. Infandos já tudo organisára para que ella continuasse na madrugada seguinte, mandando adiante emissarios a prevenir Tuala da nossa chegada ao seu reino. Tuala estava então na sua grande cidade de Lú, preparando-se para a revista de tropas, a dança das flores e «caça aos feiticeiros», que constituem a maior solemnidade religiosa e militar dos kakuanas, na primeira semana de junho. E segundo affirmava Infandos, nós deviamos (a não ser que nos detivessem os rios transbordados) entrar as portas de Lú ao fim de dois dias de marcha.

Depois, como começavam a luzir as estrellas e a aldêa ia cahindo em silencio, os nossos amigos deixaram a cubata. E tres de nós atiraram-se logo para cima dos leitos de pelles, emquanto outro, com as carabinas carregadas, velava, no seu turno de sentinella, para prevenir as traições.

Mas essa primeira noite na terra dos kakuanas foi muito calma e segura.

(Continúa).

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

VII

Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro proposito de abstenção e silencio — eu, publicando as suas Cartas, pareço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, n'esse «ruido e Publicidade» a que elle sempre se recusou por suprema e rigida probidade de espirito. E assim seria — se eu não possuisse a evidencia de que Fradique incondicionalmente approvaria uma publicação da sua Correspondencia, organisada com discernimento, com gosto e com saber. Em 1888, n'uma carta em que lhe contava uma romantica jornada na Bretanha, alludia eu a um livro que me acompanhára e me encantára, a *Correspondencia de Xavier Doudan* — um d'esses espiritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só deixou vestigios da sua intensa actividade pensante na sua Correspondencia colligida com reverencia e carinho pelos confidentes da sua intelligencia.

Fradique, na carta que me volveu, toda occupada dos Py-

[1] Continuado da pag. 29, do numero de janeiro.

renéos onde gastára o verão, accrescentava n'um *post-scriptum:* — «A correspondencia de Doudan é realmente muito le-«givel; ainda que através d'ella apenas se sente um espirito «naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no dou-«trinarismo da escola de Genebra, e que depois, cahido em so-«lidão e doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e «o mundo. Li em todo o caso essas cartas — como leio todas «as collecções de Correspondencias, que, não sendo fria e di-«dacticamente preparadas para o publico (como as de Plinio), «constituem estudo excellente de psychologia e de historia. Eis-«ahi uma maneira de perpetuar as idéas d'um homem que «eu affoutamente approvo — publicar-lhe a correspondencia! «Ha desde logo esta immensa vantagem: — que o valor das «idéas (e portanto a escolha das que devem ficar) não é de-«cidido por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de «amigos, de criticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu «julgamento quanto estão julgando um morto que só desejam «mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos. «Além d'isso uma Correspondencia revela melhor que uma obra «a individualidade, o homem; e isto é inestimavel para aquel-«les que na terra valeram mais pelo caracter do que pelo ta-«lento. Accresce ainda que se uma obra nem sempre augmenta «o peculio do saber humano, uma Correspondencia, reprodu-«zindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os «gostos, o pensar contemporaneo e ambiente, enriquece sempre «o thesouro da documentação historica. Temos depois que as «cartas d'um homem, sendo o producto quente e vibrante da sua «vida, contêm mais ensino que a sua philosophia — que é apenas «a creação impessoal do seu espirito. Uma Philosophia que se «desenrola dá uma conjectura mais que se vai juntar ao immen-«so montão das conjecturas: uma Vida que se confessa faz a «constatação d'uma realidade humana, que, posta ao lado das «outras constatações, alarga o nosso conhecimento do Homem, «unico objectivo *accessivel* ao esforço intellectual. E finalmente «como *cartas são palestras escriptas* (assim affirma não sei «que classico), ellas dispensam o revestimento sacramental da

«*tal prosa como não ha*... Mas este ponto precisava ser mais «desembrulhado — e eu sinto parar á porta o cavallo em que «vou trepar ao pico de Bigorre.»

Foi a lembrança d'esta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade d'aquelle camarada adoravel, a reunir as suas cartas para que os homens alguma coisa podessem aprender e amar n'aquella intelligencia que eu tão estreitamente amára e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei reverentemente um anno — porque a correspondencia de Fradique, que, desde os quietos habitos a que se acolhera depois de 1880 aquelle «andador de continentes», se tornára a mais preferida das suas occupações espirituaes, apresenta a vastidão e a copiosidade da correspondencia de Cicero, de Voltaire, de Proudhon, d'outros caudalosos remexedores de idéas.

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas na lôima do papel — esplendidas folhas de Whatman, eburneas bastante para que a penna corresse n'ellas com o desembaraço «com que a voz corta o ar»; vastas bastante para que n'ellas coubesse o desenrolamento da mais complexa idéa; fortes bastante, na sua consistencia de pergaminho, para que não prevalecesse contra ellas o carcomer do tempo. «Calculei já, ajudado «pelo Smith (affirma elle a Carlos Mayer), que cada uma das mi«nhas cartas, n'este papel, com enveloppe e estampilha, me custa «250 reis. Ora suppondo vaidosamente que cada quinhentas «cartas minhas contêm uma idéa — resulta que cada idéa me «fica por *cento e vinte e cinco mil reis*. Este méro calculo «bastará para que o Estado, e a economica Classe-Média que «o dirige, empeçam com ardor a educação — provando, como «inilludivelmente prova, que fumar é mais barato que pen«sar... Contrabalanço *pensar* e *fumar*, porque são, ó Carlos, «duas operações identicas que consistem em atirar pequenas «nuvens ao vento.»

Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto as iniciaes de Fradique — F. M. — minusculas e simples, em esmalte escarlate. A letra que as enche, singularmente desigual, offerece

a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada, fina, funda, parecendo morder o papel como um buril para contornar bem rigorosamente a idéa; ora hesitante, demorada, com riscos, separações, como n'aquelle esforço tão seu de tentear, espiar, cercar, apanhar a real realidade das coisas: ora mais fluida, rapida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundancia e de veia que Fontan de Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sobrio se lhe desmanchava, n'um esvoaçar de flammula ao vento.

Fradique nunca datava as suas cartas: e, se ellas vinham de moradas familiares aos seus amigos, notava méramente o nome do mez. Existem assim cartas innumeraveis com esta resumida indicação — *Paris*, *Julho: Lisboa*, *Fevereiro*... Frequentemente tambem, restituia aos mezes as alcunhas naturalistas do kalendario republicano — *Paris*, *Floreal; Londres*, *Nivoze*. Quando se dirigia a mulheres, substituia ainda o nome do mez pelo da flôr que melhor o symbolisa; e possuo assim cartas com esta bucolica data — *Florença*, *primeiras violetas* (o que indica fins de fevereiro); *Londres*, *chegada dos Chrysanthemos* (o que aponta para começos de setembro). Uma carta de Lisboa offerece mesmo esta data atrocissima — *Lisboa*, *primeiros fluxos da verborreia parlamentar!* (Isto denuncia um janeiro triste, com lama, tipoias no largo de S. Bento, e bachareis em cima bolsando, por entre injurias, fézes de velhos compendios).

Não é portanto possivel dispôr a Correspondencia de Fradique por uma ordem chronologica: nem de resto essa ordem importa desde que a sua Correspondencia não apparece n'aquella integridade que a tornaria uma historia continua e intima da sua vida e da sua intelligencia. Os seus amigos melhores julgaram com effeito que, para apresentar uma imagem moral de Fradique, bem concreta, sólida e comprehensivel — convinha operar, nos maços de cartas que accumulei, uma escolha exigente e sagaz.

A correspondencia de Fradique, como finamente diz Alceste, — *c'est son génie qui mousse*. N'ella vemos apenas a

espuma ligeira, irradiante, ephemera, que fervia e transbordava, emquanto em baixo jazia o vinho rico e substancial, que nao foi distribuido, nem aproveitou ás almas sedentas. E vão seria certamente procurar n'estas cartas de Fradique a summa do seu pensar tão alto e tão livre, do seu saber tão fundo e tão certo.

N'uma correspondencia pois que não constitue, como a de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e constante commentario que acompanha e illumina a obra, cumpria sobretudo destacar as paginas que com mais visivel saliencia revelassem a *personalidade*—o conjunto de idéas, actos, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem. Por isso, entre as cartas de Fradique, escolhemos de preferencia aquellas que mostram traços de caracter, estados de alma, relances da existencia activa: as que deixam entrever algum instructivo episodio da sua vida de coração; as que, revolvendo noções geraes sobre a litteratura, a arte, a sociedade e os costumes, proprias a prender todo o espirito culto, caracterisam o feitio do seu pensamento; e ainda, pelo interesse especial que as realça, as que se referem a coisas de Portugal, como as suas «impressões de Lisboa», tão pittorescamente transcriptas para regalo de madame de Jouarre.

E assim publicadas, sem data, esparsamente, vão estas cartas dando a impressão d'uma vida de homem, que se desenrola nas suas manifestações simultaneas e sempre superiores—de pensamento, de paixão, de sociabilidade, de acção.

Além do meu impaciente desejo que os contemporaneos venham a reverenciar e a amar este espirito, que eu tanto amei e reverenciei,—obedeço, publicando as cartas de Fradique, a um intuito de levantado e puro patriotismo.

Uma nação só vive porque pensa. *Cogitat ergo est.* A Força e a Riqueza não bastam para provar que uma nação vive d'uma vida que mereça ser glorificada na Historia,—como rijos musculos n'um corpo e ouro farto n'uma bolsa não bastam

para que um homem honre em si a Humanidade. Um reino d'Africa, com guerreiros incontaveis nas suas aringas, e incontaveis diamantes nas suas collinas,—será sempre uma terra bravia e morta, que, para lucro da Civilisação, os Civilisados pisam e retalham tão desassombradamente como se sangra e se corta a rez bruta para nutrir o animal pensante. E por outro lado se o Egypto ou Tunis formassem resplandecentes centros de Sciencias, de Litteraturas, de Artes, e através de uma serena legião de homens geniaes incessantemente educassem o mundo—nenhuma nação, mesmo n'esta idade de ferro e de força, ousaria occupar como um campo maninho e sem dono esses sólos augustos d'onde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame sublime das Idéas e das Formas. Nenhuma tanto ousaria. É necessario ser turco, e surgir das *steppes* bravas, para metralhar o Parthenon. É necessario ser Huno, e descer dos gelos rudes, para arrazar o Capitolio. E Turcos e Hunos já passaram.

Só na verdade o Pensamento e a sua creação suprema, a Sciencia, a Litteratura, as Artes, dão grandeza aos Povos, attrahem para elles universal reverencia e carinho, e formando dentro d'elles o thesouro de idéas, de verdades e de bellezas que o mundo precisa, os tornam perante o mundo sacrosantos. Que differença ha, realmente, entre Paris e Chicago? São duas palpitantes, productivas cidades—onde palacios, escólas, instituições, parques, riquezas, se equivalem soberbamente. Porque fórma pois Paris um fóco crepitante de Civilisação que irresistivelmente fascina a humanidade—e porque tem Chicago apenas sobre a terra o valor de um rude e formidavel celleiro onde se busca a farinha e o grão? Porque Paris, além dos palacios, das instituições e das riquezas de que Chicago tambem se gloria justamente, possue a mais um grupo especial de homens—Renan, Pasteur, Taine, Coppée, Bonnat, Falguieres, Gounod, Massenet—que pela incessante producção do seu cerebro convertem a banal cidade que habitam n'um centro de soberano ensino. Se as *Origens do Christianismo*, o *Fausto*, as telas de Bonnat, os marmores de Falguieres, nos viessem d'além

dos mares, da nova e monumental Chicago, — para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas para o sol, os espiritos, as almas e os corações da Terra.

Se uma nação portanto, só tem grandeza porque tem pensamento, todo aquelle que venha revelar na nossa patria um novo homem de original pensar, concorre patrioticamente para lhe augmentar a unica grandeza que a tornará respeitada, a unica belleza que a tornará amada; — e é como quem aos seus templos juntasse mais um sacrario ou sobre as suas muralhas erguesse mais um castello.

Michelet escrevia um dia, n'uma carta, tratando de Anthero de Quental: — «Se em Portugal restam quatro ou cinco homens «como o auctor das *Odes Modernas*, Portugal continua a ser «um grande paiz vivo...» O mestre vidente da *Historia de França* com isto significava — que emquanto viver pelo lado da Intelligencia, mesmo que jaza morta pelo lado da Acção, a nossa patria não é inteiramente um cadaver que sem escrupulo se pise e se retalhe. Ora no Pensamento ha manifestações diversas: — e se nem todas irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de versos póde sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo Genio Poetico: um conjunto de leis salvadoras, emanando de um espirito positivo, póde solidamente comprovar que um povo vive ainda pelo Genio Politico: — mas a revelação de um espirito como o de Fradique, assegura que um paiz vive tambem, pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da phantasia, do humorismo e do gosto...

Nos tempos incertos e amargos que vão, Portuguezes d'estes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um marmore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos — como uma consolação e uma esperança.

AS CARTAS

(1.ª Série)

I

AO VISCONDE DE A.-T.

Londres, maio.

Meu caro patricio. — Só hontem á noite, já tarde, ao recolher do campo, encontrei o bilhete com que consideravelmente me honrou, perguntando á minha experiencia — «qual é o melhor alfaiate de Londres.» Depende isso inteiramente do fim para que V. deseja esse Artista. Se pretende simplesmente um alfaiate que lhe cubra a nudez com economia e conforto, então recommendo-lhe aquelle que se achar estabelecido mais perto do seu Hotel. São tantos passos que forra — e, como diz o *Ecclesiastes*, cada passo encurta a distancia da sepultura.

Se porém V., caro patricio, deseja um alfaiate que lhe dê consideração e valor no seu mundo; que V. possa citar com orgulho, á porta da Havaneza, rodando lentamente para mostrar o talho firme e fino da cinta; que o habilite a mencionar os Lords que lá encontrou, escolhendo d'alto, com a ponta da bengala, cheviotes para blusas de caça; e que lhe sirva mais tarde na sua velhice, á hora gêba do rheumatismo, como recordação consoladora de elegancias moças — então, com ardente instancia lhe recommendo o Cook (o Thomaz Cook) que é da mais extremada moda, absolutamente ruinoso, e falha tudo.

Para subsequentes conselhos de «fornecedores», em Londres ou outros pontos do Universo, permanece sempre ao seu gostoso serviço o seu grato admirador — FRADIQUE MENDES.

II

A MADAME DE JOUARRE

(*Trad.*) [1]

Paris, dezembro.

Minha querida madrinha. — Hontem em casa de Madame de Tressan, quando passei, levando para a ceia Libuska, estava sentada, conversando comsigo, por debaixo do atroz retrato da Marechala de Mouy, uma mulher loura, de testa alta e clara, que me seduziu logo, talvez por lhe presentir, apesar de tão indolentemente enterrado n'um divan, uma rara graça no andar, graça altiva e ligeira de Deusa e de ave. Bem differente da nossa sapiente Libuska, que se move com o esplendido peso de uma estatua! E do interesse por esse outro passo, possivelmente alado e *dianico* (de Diana), provém estas garatujas.

Quem era? Supponho que nos chegou do fundo da provincia, d'algum velho castello do Anjou com herva nos fossos, porque me não lembro de ter encontrado em Paris aquelles cabellos fabulosamente louros como o sol de Londres em dezembro, e aquelles hombros descahidos, dolentes, *angelicos*, imitados de uma madona de Montegna, e inteiramente desusados desde o reinado de Carlos X, do *Lyrio no Valle*, e dos corações incomprehendidos. Não admirei com igual fervor o vestido preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarellas. Mas os braços eram perfeitos; o sorriso vinha a custo, cançado, como de muito longe, do fundo d'alma, trazendo ainda a sombra das nevoas secretas que atravessára; e nas pestanas, quando as baixava, parecia pender um romance triste. Deu-me assim a impressão, ao começo, de ser uma elegiaca do tempo de Chateaubriand. Nos olhos porém surprehendi-lhe depois uma faisca de

[1] Muitas das cartas de Fradique Mendes, aqui publicadas, são naturalmente escriptas em francez. Todas essas vão acompanhadas da indicação abreviada *trad.* (traduzida).

vivacidade sensivel — que a datava do seculo XVIII. Dirá a minha querida madrinha: — «como pude eu abranger tanto, ao passar, com Libuska ao lado fiscalisando?» É que voltei. Voltei, e da humbreira da porta, readmirei os hombros dolentes de virgem do seculo XIII; a massa de cabellos que o molho de velas por traz, entre as orchideas, nimbava d'ouro; e sobretudo o subtil encanto dos olhos — dos olhos finos e languidos... Olhos *finos e languidos*. E a primeira expressão em que hoje apanho decentemente a realidade.

Porque é que não me adiantei, e não pedi uma «apresentação?» Nem sei. Talvez o requinte em *retardar*, que fazia com que La-Fontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo. Sabe o que dava tanta seducção ao palacio das Fadas nos dias do bom rei Arthur! Não sabe. Resultados de não lêr Tennyson... Pois era a immensidade d'annos que levava a chegar lá através de jardins encantados, onde cada recanto de bosque offerecia a emoção inesperada d'um *flirt*, d'uma batalha, ou d'um banquete... (Com que morbida propensão acordei hoje para o estylo asiatico!) O facto é que, depois da contemplação junto á humbreira, voltei a cear ao pé da minha radiante tyranna. Mas por entre o banal sandwich de *foie-gras*, e um copo de Tokay em nada parecido com aquelle Tokay que Voltaire, já velho, se recordava de ter bebido em casa de Madame d'Etioles (os vinhos dos Tressans descendem em linha varonil dos venenos da Brinvilliers), vi, constantemente *vi*, os *olhos finos e languidos*. Não ha senão o homem, entre os animaes, para misturar a languidez d'um olhar fino a fatias de *foie-gras*. Um cão, de boa raça, não o faria. Mas seriamos nós desejados pelo «ephemero feminino» se não fosse esta nativa e providencial brutalidade? Só a porção de Materia que ha no homem faz com que as mulheres se resignem á incorrigivel porção d'Ideal que n'elle ha tambem — para eterna perturbação do mundo. O que mais prejudicou Petrarcha aos olhos de Laura — foram os *Sonetos*. E quando Romeu, já com um pé na escada de sêda, se demorava, exhalando o seu extasi em invocações á Noite e á

Lua — Julietta batia os dedos impacientes no rebordo do balcão, e pensava: «Ai, que palrador que és, filho de Montaigus!» Este detalhe não vem em Shakspeare, — mas é comprovado por toda a Renascença. Não me amaldiçoe por esta sinceridade de meridional sceptico, e mande-me dizer que nome tem, na sua parochia, a loura castellã do Anjou. A proposito de castellos: cartas de Portugal annunciam-me que o kiosque por mim mandado erguer, em Cintra, na minha quintarolla, e que lhe destinava como «seu pensadoiro e retiro nas horas de sésta» — abateu. Tres mil e oitocentos francos achatados em entulho. Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é deputado, e escreve no *Jornal da Tarde* estudos ardentes sobre a musica de Wagner. O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o kiosque, um estimavel rapaz, de boa familia, que entende de construcções e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa. Não sei se com estes elementos alegres nós refariamos o imperio do Oriente. Servo sempre humilde e devoto — FRADIQUE.

III

A OLIVEIRA MARTINS

Paris, maio.

Querido amigo. — Ahi remetto emfim a photographia da mumia de Ramèzes II (que o francez banal, continuador do grego banal, teima em chamar Sezostris), recentemente descoberta nos sarcophagos reaes de Medonet-Abou, pelo professor Maspero. Não acha V. picarescamente suggestivo este facto — *Ramèzes photographado?* Mas ahi está justificada a mumificação dos cadaveres, feita pelos bons Egypcios com tanta fadiga e tanta despeza, para que os homens gozassem na sua fórma terrena, segundo diz o Escriba, «as vantagens da Eternidade!» Ramèzes, como elle acreditava e lhe affirma-

vam os metaphysicos de Thebas, resurge effectivamente «com todos os seus ossos e a pelle que era sua» n'este anno de 1886. Ora 1886, para um Pharaoh da decima-nona dynastia, mil e quatrocentos annos anterior a Christo, representa muito decentemente a *Eternidade* e a *Vida-Futura*. E eis-nos agora podendo contemplar as «proprias feições» do maior dos Ramezidas, tão realmente como Hokem seu Eunuco-Mór, ou Pentaour seu Chronista-Mór, ou aquelles que outr'ora em dias de triumphos corriam a juncar-lhe o caminho de flôres, trazendo «os seus chinos de festa e a cutis envernisada com oleos de Segabai». Ahi o tem V. agora diante de si, em photographia, com as palpebras baixas e sorrindo. E que me diz a essa face real? Que humilhantes reflexões não provoca ella sobre a irremediavel degeneração do homem! Onde ha ahi hoje um, entre os que governam povos, que tenha essa soberana fronte de calmo e incommensuravel orgulho; esse superior sorriso de omnipotente benevolencia, d'uma ineffavel benevolencia que cobre o mundo; esse ar de imperturbada e indomavel força; todo esse esplendor visivel que a treva de um hypogeo, durante tres mil annos, não conseguiu apagar? Eis-ahi verdadeiramente um *Amo de homens?* Compare esse semblante augusto com o carão sôrno, obliquo e bigodoso d'um Napoleão III; com o focinho de *bull-dog* acorrentado d'um Bismark; ou com o perfil do czar russo, um perfil de negociante de trigos, de Odessa! Que chateza, que fealdade tacanha d'estes rostos de poderosos!

D'onde provém isto? De que a alma modela a face como o sopro do antigo oleiro modelava o vaso fino: — e hoje, nas nossas civilisações, não ha logar para que uma alma se affirme e se produza na absoluta expansão da sua força. Outr'ora um simples homem, um feixe de musculos sobre um feixe d'ossos, podia erguer-se e operar como um elemento da Natureza. Bastava ter o illimitado querer — para d'elle tirar o illimitado poder. Eis-ahi em Ramèzes um sêr que tudo quer e tudo póde, e a quem Phtah, o Deus sagaz, diz com espanto: «a tua vontade dá a vida e a tua vontade dá a morte!» Elle impelle a seu bel-

prazer as raças para norte, para sul ou para leste; elle altera e arraza, como muros n'um campo, as fronteiras dos reinos; as cidades novas surgem das suas pegadas; para elle nascem todos os fructos da terra, e para elle se ergue toda a esperança dos homens; o logar para onde volve os seus olhos é bemdito e prospera, e o logar que não recebe essa luz benefica jaz como «o torrão que o Nilo não beijou»; os deuses dependem d'elle, e Amnon estremece inquieto quando, diante dos pylones do seu templo, Ramèzes faz estalar as tres cordas entrançadas do seu latego de guerra! Eis um *homem* — e que seguramente póde affirmar no seu canto triumphal: — «Tudo vergou sob a «minha força: eu vou e venho com as passadas largas d'um «leão; o rei dos deuses está á minha direita e tambem á mi«nha esquerda; quando eu fallo o céo escuta; as coisas da «terra estendem-se a meus pés, para eu as colher com mão li«vre; e para sempre estou erguido sobre o throno do mundo!»

«O mundo», está claro, era aquella região, pela maior parte arenosa, que vai da cordilheira Libyca á Mesopotamia: e nunca houve mais petulante emphase do que nas Panegyrias dos Escribas. Mas o homem é, ou suppõe ser, inigualavelmente grande. E esta consciencia da grandeza, do incircumscripto poder vem necessariamente resplandecer na physionomia e dar essa altiva magestade, repassada de risonha serenidade, que Ramèzes conserva mesmo além da vida, resequido, mumificado, recheado de betume da Judêa.

Veja V. por outro lado as condições que cercam hoje um poderoso do typo Bismarck. Um desgraçado d'esses não está acima de nada e depende de tudo. Cada impulso da sua vontade esbarra com a resistencia d'um obstaculo. A sua acção no mundo é um perpetuo bater de craneo contra espessuras de portas bem defendidas. Toda a sorte de convenções, de tradições, de direitos, de preceitos, de interesses, de principios, se lhe levanta a cada instante diante dos passos como marcos sagrados. Um artigo de jornal fal-o estacar, hesitante. A rabulice d'um legista obriga-o a encolher precipitadamente a garra que já ia estendendo. Dez burguezes nedios e dez professores gue-

delhudos, votando dentro d'uma sala, estatelam por terra o alto andaime dos seus planos. Alguns florins dentro d'um sacco tornam-se o tormento das suas noites. É-lhe tão impossivel dispôr d'um cidadão como d'um astro. Nunca póde avançar d'uma arrancada, recto e seguro: tem de ser ondeante e rastejante. A vigilancia ambiente impõe-lhe a necessidade vil de fallar baixo e aos cantos. Em vez de recolher as coisas da terra, com mão livre — surripia-as ás migalhas, depois de longas intrigas. As irresistiveis correntes de idéas, de sentimentos, de interesses, trabalham por baixo d'elle, em torno d'elle: e parecendo dirigil-as, pelo muito que braceja e ronca d'alto, é na realidade por ellas arrastado. Assim um omnipotente do typo Bismarck vai por vezes em apparencia no cimo das grandes coisas: — mas como a boia solta vai no cimo da torrente.

Miseravel omnipotencia! E o sentimento d'esta miseria não póde deixar de influenciar a physionomia dos nossos poderosos dando-lhe esse feitio contrafeito, crispado, torturado, azedado e sobretudo *amolgado* que se nota na cara de Napoleão, do czar, de Bismarck, de todos os que reunem a maior somma de poder contemporaneo — o feitio *amolgado* d'uma coisa que rola aos encontrões, batendo contra muralhas.

Em conclusão: — a mumia de Ramèzes II (unica face authentica do homem antigo que conhecemos) prova que, tendo-se tornado impossivel uma vida humana vivida na sua maxima liberdade e na sua maxima força, sem outros limites que os do proprio querer — resultou perder-se para sempre, no typo physico do homem, a summa e perfeita expressão da grandeza. Já não ha uma face sublime: ha carantonhas mesquinhas onde a bilis cava rugas por entre os recortes do pêllo. As unicas physionomias nobres são as das feras, genuinos Ramèzes no seu deserto, que nada perderam da sua força, nem da sua liberdade. O homem moderno, esse, mesmo nas alturas sociaes, é um pobre Adão achatado entre as duas paginas d'um codigo.

Se V. acha tudo isto excessivo e phantasista, attribua-o a que jantei hontem, e conversei inevitavelmente, com o seu correligionario P., conselheiro d'estado, e *muchas cosas más. Más*

em hespanhol; e *más* tambem em portuguez no sentido de pessimas. Esta carta é a reacção violenta da conversa conselheiral e conselheiriíera. Ah, meu amigo, desditoso amigo, que faz V. depois de receber o fluxo labial d'um conselheiro? Eu tomo um banho por dentro — um banho lustral, immenso banho de phantasia, onde despejo como perfume idoneo um frasco de Shelley ou de Musset. Amigo certo *et nunc et semper* — FRADIQUE MENDES.

Eça de Queiroz.

Errata. No ultimo capitulo das CARTAS DE FRADIQUE MENDES, publicado no numero de Janeiro, o nome da depositaria dos manuscriptos de Fradique appareceu, erradamente escripto, como *Madame de Lobrinski*. Erro duplo. A terminação *ski* é ella propria a particula *de*, que, tendo em polaco dous generos, toma, ligada a um nome de mulher, a fórma feminina de *ska*. Portanto a mulher de Paulo Lobrinski é — *Madame Lobrinska*.

O BRAZIL

FASTOS DA DICTADURA

A attenção publica na Europa não abandonou de todo os negocios do Brazil onde a revolução, sempre pacifica, mas continua, revelada a 15 de novembro, se vai desenvolvendo em toda a naturalidade das suas consequencias. Não custa muito aos historiadores o assignalar as datas do inicio das revoluções; é mais incerta, porém, a época do seu termo natural. Carlyle encerra a Revolução Franceza no dia 15 vindimiario quando a metralha, á voz de Bonaparte, varreu das portas das Tulherias e esmagou nos degraus de Saint-Roch a anarchia popular. No Brazil não houve sangue nem haverá decerto metralha; a anarchia não é popular, a revolta não sahiu da população. Os revolucionarios foram os soldados, os anarchistas foram os generaes e coroneis. E por isso, os cartuchos podem continuar azinhavrados nas espingardas, a polvora humedecida nos armazens, entre montões de balas de artilheria cobertas de bolor. O calor que arruina as armas abate os temperamentos. Não serão os cidadãos que se deixaram privar de um governo livre que, por verem a liberdade supprimida, hão de sahir á rua para reclamar justiça ou reivindicar direitos. Os tempos não comportam másculas virtudes nem espartanismos perigosos, na

republica do snr. Deodoro, republica que não é tambem atheniense nem pela cultura nem pela agitação; e, Pisistrato das Alagoas, o snr. Deodoro não colleccionará versos de Homero nem mesmo os maus sonetos e as quadrinhas chôchas com que os bachareis pretendentes e os alferes (tão fracos na disciplina metrica como na militar) lhe exaltam os sublimados meritos. No sumptuoso palacio, onde, á custa do thesouro, elle se installou; quando percorre as ruas levando atraz de si a numerosa escolta galopando em cavallos comprados no Rio da Prata (escolta que os republicanos tanto exprobravam ao Imperador), o Marechal ha de pensar que no officio de fundador de republica e de salvador da patria, a dez contos por mez, não deixa de haver encantos. Elle tem pelo menos e com certeza a segurança de espirito que é o dom dos satisfeitos, e a contente afouteza de quem, por suas mãos, obteve o poder, o fausto, a fortuna. O bravo Marechal que, ha tres mezes, derramou pela liberdade o sangue do barão de Ladario, acredita decerto na immortalidade da sua tyrannia!

Hoje, no Rio de Janeiro, em conversas particulares, apparecem, a todo momento, individuos reclamando para si todas as glorias do glorioso 15 de novembro. Pela imprensa, já começaram as reivindicações, e já os officiaes discutem entre si prioridades de heroismo incruento n'essa memoravel data. Na discussão, os interessados desassombradamente assignam pseudonymos por baixo dos seus artigos; trocam-se galhardamente epithetos impertinentes e, com bizarra fraternidade, fazem-se pouco honrosas insinuações.

Os jornaes chegados nas primeiras semanas depois da pacifica epopeia, vinham todos negros de retratos, mais ou menos desenhados, formando uma série interminavel de heroes, cujas feições tinham sido votadas á immortalidade de um dia, no centro da primeira pagina, com a promptidão que o enthusiasmo requer, a nitidez que a stereotypia barata permitte, e a rapidez que as condições da venda avulsa impõem. E, no texto, o jornalista, enthusiasmado, explicava a gravura á nação: «Este é aquelle major que viverá para sempre na historia e

«que tinha resolvido dar a sua vida pela republica, que, feliz-
«mente, não lh'a pediu! — Este é aquelle tenente que tão heroi-
«camente não morreu no dia 15 de novembro, mas que, não
«morrendo, se cobriu de gloria! — Este é aquelle tenente-coro-
«nel que, com jamais igualada bravura, declarou que recusava
«bater-se contra os regimentos revoltados! etc., etc., etc.».

E a mocidade das escolas, que tão pouco estuda, aprende assim quão pouco custa e quanto rende o ser heroe revolucionario.

O enthusiasmo de certos jornalistas não cessou nem com a instituição das commissões militares destinadas a reprimir o delicto da expressão de qualquer pensamento contrario aos interesses do governo. O decreto applicando aos escriptores publicos os artigos 15 e 16 do Regulamento do Conde de Lippe é todavia um monumento da mais desgraçada brutalidade, e a prova do terror que o governo tem da verdade. São decerto duras as penas de forca e de trabalhos de fortificação consignadas n'esses artigos; não serão porém mais crueis do que as condemnações da historia contra os governantes militares do Brazil, militares que o conde de Lippe, agora resuscitado, arcabuzaria logo por indisciplina e traição.

Todos os homens de espirito limpo, de alma decente, em todos os paizes onde chegar a noticia da reacção barbara effectuada hoje nos costumes politicos do Brazil, hão de stygmatisar o procedimento dos membros do governo provisorio. Será porém injusto quem só condemnar os militares; menos dignos e mais audazes, nas valentias sem perigo, são os bachareis ministros, antigos advogados e jornalistas encanecidos na pratica inveterada do artigo em favor de todas as liberdades e do arrazoado em defeza dos direitos do homem em geral (e dos raros clientes em particular).

Os militares, como grande parte da população do Rio de Janeiro e das cidades do Brazil, soffrem de um nervosismo especial, talvez proprio dos paizes quentes, onde a ociosidade é commum; onde a raça é de impressões laceis; onde a palavra, sob a fórma de discurso, é um prazer, quer na funcção activa

de orador quer na funcção passiva de ouvinte, e é, em todo o caso, a mais barata das distracções. Este nervosismo não toma a fórma tragica de sangrentas insurreições, nem é causa de explosões de sentimentos fortes. A corrente nervosa diffunde-se em expressões de alta admiração, de carinho, de affecto, de gratidão, de apreço, por todas as formas. O nervosismo intenso dos anemicos do Rio de Janeiro apresenta fórmas quasi hystericas nas suas manifestações collectivas. O abolicionismo serviu durante muito tempo de derivativo para esta molestia social. Aquelle povo doente chorou nas ruas quando o Imperador partiu enfermo para a Europa, e 100:000 pessoas, em delirio, saudaram-no á sua volta.

Ha no Brazil individuos e associações que vivem vigilantes, a espreita de que em qualquer parte do mundo surja um acontecimento, fausto ou desgraçado, que sirva de pretexto ao furor exhibicionista, de motivo para vir á praça publica, para correr aos jornaes, manifestar, externar, seja o que fôr, odio, affecto, patriotismo, indignação ou simples cumprimentos. E quando esta mania da praça publica, esta *ágoramania* apparece larvada de caridade ruidosa, abrem-se subscripções, organisam-se kermesses, formam-se bandos precatorios que percorrem as ruas a pedir esmola. Esta fórma delirante é, comtudo, a menos duradoura; a subscripção fecha-se por si mesma, sem a pompa com que se abriu; e muitas vezes a precaria collecta do bando precatorio tem mysteriosos destinos. Ao ser proclamada a Republica foi aberta uma subscripção nacional para o pagamento da divida interna da nação. O ministro da fazenda presidiu a uma sessão de patriotas em que o projecto se lançou, os jornaes occuparam-se do assumpto com fervor, e o assumpto cahiu no mais completo esquecimento, rendendo a subscripção, em todo o paiz, seiscentas e tantas libras! Quando o nervosismo na sua fórma manifestante não é contrariado pelo desembolso de dinheiro (que logo acalma os espiritos), o enthusiasmo não conhece limites. Um viajante francez, chegando ao Rio de Janeiro poucos dias depois da revolução, ao desembarcar, achou suspenso o serviço da alfandega, e as salas d'aquella

repartição atapetadas de flôres, com grinaldas de folhagem pelos muros. Era o dia de annos do guarda-mór. E os empregados faziam-lhe uma manifestação: discurso! resposta commovida! abraços ardentes! offerecimento de album! etc., etc.— Dous mezes antes da revolução chegou ao Rio de Janeiro um encouraçado chileno. Existem laços de sympathia entre o Brazil e o Chile porque os governos dos dois paizes se consideram alliados provaveis em caso de guerra contra a Republica Argentina. Havia pouco tempo, os officiaes de um navio brazileiro tinham sido muito festejados no Chile. Não foi preciso mais. Durante dois mezes, todo o Rio de Janeiro, desde o Imperador até ao mais obscuro sujeito, não fez outra coisa senão obsequiar os chilenos. Recepções, bailes, almoços, jantares, ceias, *garden-parties*, lunchs, presentes, visitas, discursos, poesias, artigos. *marches aux flambeaux*, corridas, regatas, pyrotechnicas, tudo! Foi um delirio sem nome, e sem fim!

Esta superexcitação da sensibilidade, molestia propria dos tempos agitados e das sociedades em crise, enfermidade que a sciencia reconhece, e que na Idade-Media tomava as fórmas estranhas de verdadeiras epidemias mentaes, como a dos flagellantes, dos adamitas e outras, é, nas suas fórmas attenuadas d'este seculo, uma epidemia reinante em certa parte da população brazileira. Nenhuma classe deixa de pagar-lhe tributo mais ou menos largo.

A profissão das armas que é no Brazil quasi que uma profissão sedentaria, porque no regimen dos quarteis não ha os rigores viris da disciplina nem o habito fortificante dos exercicios energicos, como nos exercitos europeus, é uma profissão que não escapa a estas morbidas e especiaes condições physiologicas.

O soldado brazileiro que, na guerra do Paraguay, mostrou uma bravura tão constante, uma abnegação tão commovente nos maiores soffrimentos, tem ainda hoje as mesmas qualidades. Infelizmente, não é boa a direcção dada a essas qualidades. O official novo é d'um typo bem differente do antigo. Já não existe mais o velho militar, descendente directo da milicia

portugueza das campanhas peninsulares, raça de officiaes aguerridos nas luctas do Sul do Brazil, que salvou a unidade do paiz sulfocando as revoltas, sustentou a honra brazileira, e defendeu a civilisação, destruindo as tyrannias militares de Rosas e de Lopez. Não eram talvez muito instruidos, esses bravos; mas eram claros exemplos de fidelidade á honra dos seus juramentos. As suas idéas simples, feitas mais de sentimento e de habitos de dedicação do que de complicados raciocinios, não lhes permittiam subtilezas e distincções quando se tratava do dever militar. O official novo, no Brazil, ouviu nas escolas maior numero de professores. Esses professores (pelo menos muitos d'elles) ou são bachareis discursadores, ou são militares de livro francez, philosophantes do positivismo, d'esses que para a exposição d'essa escola tiveram a habilidade de crear no Brazil uma rhetorica especial. Da natureza d'esse ensino dá uma idéa a seguinte anecdota contada pelo barão de Hübner, antigo ministro dos negocios estrangeiros do Imperio Austro-Hungaro. M. de Hübner foi assistir a uma aula na Escola Militar do Rio de Janeiro, e o professor, para lhe fazer honra, resolveu fallar em francez apesar do barão comprehender perfeitamente o portuguez. O que disse diante d'aquelle estrangeiro illustre o professor da Escola Militar do Imperio? Durante mais de uma hora fallou o verboso homem, fazendo o elogio do Nihilismo! O barão retirou-se, inteiramente edificado sobre a instrucção dada aos militares brazileiros.

O governo monarchico commetteu um erro immenso deixando ao ensino militar o seu caracter exclusivamente theorico. O snr. D. Pedro II, tão occupado das sciencias, não fez senão bacharelar o official do exercito que agora naturalmente revela um tão pronunciado furor politicante, discursante e manifestante. O resultado seria outro, se o governo olhasse para as escólas do exercito, se mantivesse na Europa constantes missões militares, se promovesse o bem-estar, a boa educação, o conforto, a confraternidade bem entendida, o mutuo respeito, creando para o official uma atmosphera de distincção, reformando e organisando com decencia e ordem os quarteis, dando

uniformes mais elegantes aos jovens officiaes, augmentando-lhes o soldo, creando clubs com a installação que exige o decoro da officialidade d'um paiz civilisado.

Ao sahir da escola o joven official não encontrava nada d'isto, nem recebia do governo nada que concorresse a completar-lhe a educação. E a maior boa vontade, as melhores disposições do official esterilisavam-se ou tomavam direcção inconveniente. D'ahi a razão de muitas aptidões se desviarem da carreira das armas, d'ahi o falseamento do espirito militar. Muitos dos officiaes brazileiros são apenas bachareis de espada; elles prezam mais do que tudo as graduações do seu curso mathematico, e o titulo de bacharel ou de doutor é por elles mesmos anteposto á designação das suas patentes. O official allemão, francez ou inglez, que antes do almoço tem andado vinte ou trinta milhas a cavallo, feito uma hora de sala d'armas, atirado ao alvo, tomado uma ducha, que pisa rijamente o sólo respirando com largos pulmões o ar frio das manhãs, e que passa ainda depois o dia em exercicios, — esse official europeu difficilmente comprehenderá a nenhuma educação physica e profissional do official brazileiro. Para elle será sempre incomprehensivel o capitão dr. Fulano, o segundo-tenente bacharel Sicrano e o tenente-coronel dr. Beltrano.

Não é, pois, extraordinario que, no dia 15 de janeiro, alguns officiaes brazileiros tenham praticado mais um acto de ruidoso bacharelismo. Foram elles, encorporados, á frente de gente do povo e de soldados, fazer uma manifestação ao snr. Deodoro, salvador da patria e dispensador de altos postos militares, de pensões e de commissões. O ministerio rodeava o chefe definitivo do Governo Provisorio. Houve muitos discursos; e um dos oradores propôz que o snr. Deodoro fosse proclamado generalissimo das tropas de mar e terra; outro propôz para brigadeiro o tenente-coronel dr. ministro da guerra; e um terceiro, para não ficar atraz, lembrou o posto de vice-almirante para o chefe de divisão ministro da marinha. E, scena de opereta, que seria simplesmente comica, se não revelasse um desgraçado estado de coisas, os agraciados, cada um por sua vez.

appareceram ás janellas do palacio Deodoro, e agradeceram commovidissimos, aceitando! O dr. ministro da guerra declarou que não podia resistir ao desejo do povo, do exercito e da marinha: e o governo provisorio alli reunido fez lavrar immediatamente os decretos, abstendo-se apenas e generosamente cada um dos favorecidos, de assignar os decretos da sua propria exaltação. Até que ponto poderá conduzir o paiz um governo que só sabe ceder *á opinião* em casos d'estes?

Esta farça tumultuaria e pretoriana deve entristecer muito os brazileiros que prezam os seus fóros de povo civilisado. O titulo de generalissimo, como observou o *Times*, é o titulo preferido dos tyranniculos militares da America Central que o snr. Deodoro, tardiamente e em ponto grande, pretende imitar. Generalissimo não é um posto; os officiaes manifestantes que expuzeram levianamente a sua patria á galhofa da Europa, mostraram ignorar que o titulo de generalissimo é assumido, e somente em campanha, pelo general que commanda forças alliadas e que, das potencias unidas em guerra, recebe esse titulo. Foram generalissimos Wallenstein, Montecuculli, o principe Eugenio de Saboia, o principe de Schwartzenberg. Na Europa, hoje, só ha um generalissimo, que é o grão-vizir da Turquia. N'este seculo, grandes generaes, chefes de poderosos exercitos não tomaram o pomposo titulo assumido e ganho pelo snr. Deodoro, na rua Larga de S. Joaquim. Não foi generalissimo Wellington, não o foi o velho von Moltke, nem o foram Mc Clellan, nem Grant, homens que estiveram á frente de milhões de soldados. Foram porém generalissimos os Rosas; os Lopez; os Barrios de Guatemala; os Daza, os Melgarejo da Bolivia; os Gusman Blanco de Venezuela; e, no Mexico, Sant'Anna, que tinha o tratamento de Alteza e que fez enterrar com supremas honras militares a perna que perdeu no assalto de Vera Cruz; e, ultimo de todos, é finalmente generalissimo o snr. Deodoro que tudo ganhou e no dia 15 de novembro nada perdeu, a não ser a cabeça quando, á uma hora da tarde, desthronou o soberano a quem dava vivas ao meio-dia!

Comprehende-se Bonaparte glorioso acclamado *Le petit*

Caporal pelas suas tropas victoriosas, depois de Lodi e de Arcole; mas, quaes os novos feitos dos snrs. Deodoro e Benjamim Constant? Aquelle, commandou uma revolta de que tirou honras e proveitos, e onde não correu perigo algum a sua existencia; o tenente-coronel dr. (hoje brigadeiro) Benjamim Constant, emquanto os seus collegas se batiam no Paraguay, accumulava empregos no Rio de Janeiro, ensinava o positivismo, e dirigia o Instituto dos Meninos Cegos.

Quando o Brazil ficar seriamente organisado, estas promoções tumultuarias, que importam gravissimas preterições, serão mantidas? Em França, depois da ultima guerra, as promoções feitas no campo de batalha, embora com a justificação do enthusiasmo pela bravura, foram sujeitas a uma commissão revisora.

É de esperar que a representação nacional sujeite tambem á revisão o tratado que o Governo Provisorio celebrou com a Republica Argentina, para pôr um termo ao antigo litigio diplomatico entre o Brazil e aquelle paiz, a respeito do territorio de Missiones. O *Tempo* occupou-se com grande profundeza de vista d'esta magna questão. A 29 de janeiro dizia elle:

«O governo provisorio, escrevem-nos, teme uma sublevação do Estado do Rio Grande do Sul, sublevação que não poderia reprimir com as reduzidas e indisciplinadas forças militares, indispensaveis para a sustentação da dictadura.

«Para conseguir a pacificação do Rio Grande em caso de revolta o governo provisorio lembrou-se de solicitar o auxilio e a intervenção armada da Republica Argentina, ou contra o Rio Grande isoladamente, ou contra esse Estado unido á Republica do Uruguay.

«Em troca d'este auxilio armado, o governo provisorio propõe-se ceder desde já á Republica Argentina metade do territorio contestado de *Missiones* e no caso do Brazil vir a necessitar da intervenção argentina, consentir na annexação do Uru-

guay, desinteressando-se tambem o Brazil do Paraguay que os argentinos poderão igualmente annexar, realisando assim a sua ambição de unificarem n'uma republica todas as dependencias do antigo vice-reinado de Buenos-Ayres.

«Por aqui se vê como a queda do Imperio inverteu a situação respectiva das nações americanas do sul. Em 1870, o Brazil, exercendo a hegemonia, libertava o Paraguay, n'uma campanha em que tinha por alliados os argentinos; agora, vinte annos depois, é elle o protegido que pede aos argentinos para lhe fazerem a policia interna, abandonando as pequenas republicas do Prata á ambição do povo que em breves annos será absoluto senhor da America meridional.»

No dia seguinte, um correspondente do *Tempo* resumia a questão nos termos seguintes:

«Os tratados antigos entre Portugal e Hespanha (1750-1777) e o tratado argentino-brazileiro de 1857 estabeleceram como fronteira do Brazil na região o curso do Iguassu desde a sua embocadura no Paraná até á confluencia do Santo Antonio; segue d'ahi a fronteira até ás nascentes do mesmo Santo Antonio, ganha as nascentes do Pepiri-Guassú, segue este rio até ao Uruguay que separa os dois Estados, desde esse ponto até á foz do Quarahim.

«Os argentinos, porém, dão os nomes de Santo Antonio e de Pepiri-Guassú a dois rios situados mais a E. e chamados pelos brazileiros Chopim e Chapecó. D'essa differença de designações nasceu a divergencia internacional que é para o Brazil da maxima importancia para o presente e mais ainda para o futuro.

«A fronteira aceita pelo Brazil é já muito desvantajosa, a reclamada pelos argentinos será desastrosissima para os interesses brazileiros. Uma larga porção de territorio argentino entraria assim pelo Brazil a dentro e encravada ao SO. do paiz, cortaria quasi completamente a communicação entre dois ricos e grandes Estados, os do Paraná e do Rio Grande do Sul. Este

territorio, em mãos da Republica Argentina, cuja grande força de expansão é conhecida, ligada á sua rede de caminhos de ferro, offerecendo, pela salubridade do clima, pela fertilidade do sólo, um riquissimo campo á immigração europêa, será uma ameaça constante á melhor parte do Brazil. Chegados a uma distancia relativamente pequena do mar, os argentinos aspirarão a apoderar-se do bello porto de Santa Catharina que lhes dará sahida pelo Atlantico.

«O litigio diplomatico achava-se proximo da sua solução quando rebentou a revolução de 15 de novembro. A exploração da commissão mixta terminára em 1888; a 25 de maio ultimo o Brazil propoz á Republica Argentina a resolução da difficuldade por meio de arbitramento e a 7 de setembro foi celebrado no Rio de Janeiro o tratado estipulando que, se no fim de 90 dias, a contar d'essa data, a questão não estivesse resolvida entre as partes contratantes, seria sujeita á decisão do presidente dos Estados-Unidos.

«Hoje, a situação peorou muito para o Brazil, se são exactas as nossas informações. O governo provisorio não vai a Buenos-Ayres defender somente os direitos do Brazil. As grandes manifestações feitas em Buenos-Ayres ao ministro de uma nação amiga, ministro que é quasi um compatriota dos manifestantes, não devem cegar o governo da Republica Brazileira. E, se esse governo solicita o auxilio dos argentinos para a possivel emergencia de uma revolta no Rio Grande do Sul, esteja o Brazil certo de que terá de pagar caro esse auxilio. Terá o Brazil de ceder o territorio de Missões; terá de consentir talvez na conquista de Montevideu e na annexação do Paraguay á Republica Argentina.

«Se tão fatal accôrdo se realisar, o Brazil terá abdicado para sempre a hegemonia por elle até agora exercida na America do Sul [1].»

[1] O correspondente do *Tempo* accrescenta:

«Por outro lado, o snr. Quintino Bocayuva, actual ministro brazileiro dos negocios estrangeiros, como redactor do *Paiz*, advogou durante largos annos uma

Tudo isto é muito grave. A rivalidade entre o Brazil e a Republica Argentina tem uma razão de ser historica que ha de perdurar mau grado todas as palavrosas manifestações de apreço e de amizade, outros tantos phenomenos do hysterismo que reveste a fórma da monomania da fraternidade americana que o Governo Provisorio tanto exalta e na qual finge acreditar.

Se são sinceras as expansões fraternaes dos governos das duas republicas, porque dobrou o Governo Provisorio do Brazil o exercito do paiz? porque ainda ultimamente abriu um grande credito para compra de navios de guerra? Se não ha o perigo de uma aggressão externa, não tem uma explicação honrosa este novo encargo imposto ás finanças que o snr. Ruy Barbosa pinta em tão grandes aperturas. Parece, porém, que os estadistas da republica brazileira estão convencidos da eterna fraternidade americana. Elles estão esquecidos de que, se essa fraternidade estivesse na natureza das coisas, se a identidade de fórma de governo fosse causa de perpetua paz entre os paizes, a historia da America não registraria as aggressões dos Estados-Unidos contra o Mexico, nem as sangrentas luctas em todo o continente entre as republicas, sempre irmãs, mas muitas vezes inimigas.

A contradicção flagrante de um governo que dobra o seu exercito ao mesmo tempo que pratica actos de espectaculosa fraternisação com os seus visinhos, tem uma explicação bem triste para o Brazil. O governo militar não se arma contra o estrangeiro; o que elle pretende é fortificar-se contra o proprio povo brazileiro mantido em rigorosa sujeição. O governo militar precisa de mais soldados porque necessita dar mais postos a officiaes; precisa de mais navios para ter commandos a distri-

politica, a que era naturalmente levado pelas suas sympathias republicanas e pessoaes pelos argentinos, sympathias tanto mais naturaes quanto o snr. Bocayuva é de descendencia argentina.

«Agora que o snr. Quintino Bocayuva, com todo o prestigio do poder, faz-se transportar a bordo de um poderoso couraçado, em custosa pompa official, a Buenos-Ayres, para ultimar a negociação de Missões, é natural e logico que elle faça tudo que lhe fôr possivel em prol das suas velhas idéas de liberalidades, concessões e outras facilidades favoraveis aos argentinos.»

buir. Um exercito movido do patriotismo, marcha ao sacrificio, affronta o inimigo, sem pensar na recompensa; um exercito que derruba instituições e que cria um governo, exige tudo da sua creatura. Era d'esse typo o exercito peruano; exercito de *pronunciamientos*, de plumas e galões, que vivia a salvar todos os dias a patria, de acclamar generalissimos, a encher-se de marechaes e generaes e que, finalmente fugiu, dispersou-se, sumiu-se diante dos voluntarios chilenos. O exercito brazileiro não será, porém, um novo exercito do Perú; elle ha de renovar as tradições gloriosas do seu passado. Tendo sido o exercito de um paiz livre e ganho victorias sobre os inimigos da sua patria, o exercito do Brazil ha de indignar-se contra os que lhe querem fazer tudo esquecer. O snr. Benjamim Constant, que mandou entregar ao Paraguay os trophéos ganhos pelos soldados brazileiros, trophéos que aquelle dr. brigadeiro não ajudou a conquistar, o snr. Quintino Bocayuva, o partidario da hegemonia argentina, não podem representar a alma da nação reflectida no seu exercito. Esses dois homens esquecem o passado do Brazil e não têm a intuição do seu futuro.

Entre o Brazil e a Republica Argentina ha conflictos de interesses e de influencia. Nem bellas palavras nem cortezias internacionaes podem destruir este facto.

A Republica Argentina tem uma grande força de expansão. Ella recebe perto de 300:000 immigrantes todos os annos; os seus caminhos de ferro estendem-se aos confins do paiz. O Brazil acompanhava com passo firme este progresso. Acontece porém agora que o Brazil retrocede e inicia o militarismo, de que a Republica Argentina está hoje liberta. A este facto corresponde uma phase fatal e estacionaria no desenvolvimento do paiz. O militarismo é arbitrario, é despotico, é agitado, e destruidor da confiança e da liberdade, quando o exercito não possue disciplina. O militarismo é ruinoso e, quando não tem por fim defender a patria contra o estrangeiro, mas só visa á conservação de uma tyrannia proveitosa, é o mais desmoralisador dos regimens. E o Brazil está agora debaixo d'este regimen que os Argentinos já conseguiram aniquilar. Os Argenti-

nos têm a liberdade politica que a sua civilisação comporta; e recebem o immenso auxilio das forças estrangeiras que lhes augmentam a riqueza presente, dilatando o horisonte a todas as aspirações futuras da sua nacionalidade. A primeira d'essas aspirações é, pela reconstituição do vice-reinado platino, a formação de uma nação poderosissima. O Brazil militarisado não recebe immigrantes; as discussões politicas terão de absorver a attenção da Constituinte se esta jámais se reunir; e todas as aspirações nacionaes se resumirão no desejo de reconquistar a liberdade politica hoje confiscada pela dictadura.

N'estas condições a concorrencia pacifica com a Republica Argentina estabelece-se, ficando em grande inferioridade o Brazil.

Temos já um indicio d'essa situação no phenomeno que o chronista financeiro do *Times* assignalou. O ouro que está voltando do Brazil para Londres, toma logo o caminho de Buenos-Ayres, e por isso o cambio, ha mezes altamente favoravel no Rio de Janeiro, vai sensivelmente baixando, e o desastroso cambio argentino vai-se erguendo pouco a pouco.'

Disse uma grande verdade o presidente Rocca quando, n'uma mensagem, affirmou que a entrada de 200:000 immigrantes na Republica Argentina, equivalia ao ganho de uma batalha. Elle não disse contra quem seria essa victoria; mas todos que conhecem a America do Sul sabem que essa victoria é ganha contra o Brazil, cujo futuro politico está problematico, cujo credito está abalado só porque as suas finanças se acham sujeitas aos azares do arbitrio de um soldado.

Viamos outr'ora no Brazil uma gloria da nossa raça e, hoje, assistimos á diminuição do seu prestigio. Os fundos brazileiros, sempre ao abrigo das especulações, emprego seguro das economias europêas, patrimonio das familias, oscillam hoje em Londres e em Paris, como quaesquer fundos turcos, hespanhoes ou mexicanos.

E cada vez que o snr. Ruy Barbosa telegrapha á Europa, a baixa é certa nos fundos brazileiros. A velha imagem da espada de Brenno fazendo baixar a concha da balança, póde ser

substituida pela do telegramma do snr. Ruy Barbosa. O algaravio financeiro que elle escreveu no seu funesto relatorio veio tirar as ultimas illusões aos que esperavam ainda na competencia do ministro das finanças do snr. Deodoro. O juizo dos jornaes do Brazil foi que as finanças, segundo os algarismos do snr. Barbosa, estavam florescentes a 15 de novembro. O que os jornaes do Brazil não ousaram dizer com receio ao conde de Lippe, mas o que disseram todos os escriptores financeiros da Europa, foi que a linguagem do snr. Ruy Barbosa é a menos patriotica e a mais impropria que jámais se leu n'um documento official. E, por infelicidade, este desazo não se limita á linguagem; elle passa ao dominio dos actos e os financeiros europeus que têm interesses no Brazil, tremem ao lêr o terrivel nome do ministro das finanças por baixo dos telegrammas com que esse ministro tem o costume de sobresaltar, periodicamente, os capitaes. Quando da Europa vão reclamações, o snr. Ruy Barbosa responde que a sua medida financeira está sendo muito applaudida em Buenos-Ayres e nos Estados-Unidos. Este applauso não enthusiasma o capitalista. Os Argentinos e os Americanos, esses podem, na verdade, applaudir o snr. Ruy Barbosa; não é o dinheiro d'elles que no Brazil está arriscado ás phantasias do jacobinismo. E, como critica da politica financeira, basta a coincidencia já assignalada, da baixa dos fundos como commentario logico á verbosidade do snr. Ruy Barbosa.

O que a Republica, porém, não póde impedir, nem por um decreto, é um facto de ordem astronomica, isto é, a fatalidade de vir um dia depois do outro. O Brazil vai-se lentamente (o tempo parece mais longo ao afflicto!) aproximando do dia 15 de setembro, data para a qual o governo provisorio annunciou a eleição da Constituinte.

Houve gente no Brazil que se manifestou favoravel á continuação indefinida da dictadura. A resolução de convocar a

Constituinte não foi adoptada unanimemente em conselho de ministros. Afinal, veio a tardia convocação para época longinqua. Hoje, algumas semanas depois d'esta convocação, ha indicios que põem em duvida a sinceridade que porventura dictou aquelle decreto chamando a nação a organisar-se por meio de seus representantes. Já chegam telegrammas do Brazil dizendo que o *povo* tencionava ir offerecer a dictadura por cinco annos ao generalissimo chefe do governo. O generalissimo recusará, diz um telegramma. Para quem conhece a historia dos differentes militarismos sul-americanos, esta abnegação é coisa bem pouco tranquillisadora. Como as dictaduras militares se estabelecem, ainda ha pouco o Brazil mostrou ao mundo; e os contemporaneos viram n'aquelle paiz uma coisa que a civilisação do tempo do Imperio parecia ter tornado impossivel. Como estas dictaduras se mantêm e se esforçam por durar, a historia das republicas latino-americanas nol-o ensina. Começando por fallar em nome da liberdade ella derruba o governo existente e substitue-se a elle. Feito isto, a dictadura muda de linguagem, de rumo e de modo de acção. É preciso, diz ella, consolidar a nova ordem de coisas, é indispensavel esmagar toda a idéa de reacção, toda a possivel tentativa de uma contra-revolução. Eis-ahi achada uma prompta e facil *razão de Estado* para justificar todos os actos de força, todas as manifestações de violencia.

A dictadura militar no Brazil está já n'esta segunda phase. Agora, os seus partidarios já annunciam que o *povo* offerece aos dictadores o mando absoluto por cinco annos. A dictadura faz-se rogada; mas, quem poderá affirmar que, de um momento para outro, ella não virá a aceitar o que até agora apparenta querer recusar? Os militares que aceitam altos postos, que lhes são conferidos da rua, podem muito bem aceitar, e no intimo estimar, a prolongação da dictadura que a rua lhes vier offerecer!

E quem sabe se essa resolução não encontrará no governo a unanimidade que lhes tem já faltado em tanta occasião? Já dous membros do governo tiveram de abandonar os seus loga-

res; e um d'elles, que o telegrapho nos disse ter divergido do snr. Deodoro, embarcou para a Europa no mesmo dia em que divergiu. Esta retirada muito se parece com o exilio!... Dois governadores de Estado foram já exonerados; um d'elles, o visconde de Pelotas, a mais alta personalidade do exercito brazileiro, não quiz auctorisar com a sua presença no governo a arranjada acclamação do generalissimo Deodoro; outro, o governador do Maranhão tem tido a coragem de contar ao publico como a republica se estabeleceu n'aquelle Estado. Vejamos como esse funccionario, homem escolhido pela confiança da Republica, conta as coisas republicanas do Maranhão que deveriam ser de novo pintadas n'um sermão de Antonio Vieira. O governador Pedro Tavares chegou ao Maranhão para substituir o governo de um tenente-coronel que se apossára d'aquelle Estado no dia 15 de novembro, e que formára uma especie de junta á sua feição. Diz o governador:

«A população sabia que o meu governo ia ser melhor, mesmo porque nada peior era possivel esperar.

«A junta inaugurára a republica com o fusilamento em massa de cidadãos, cujos protestos contra a nova ordem politica eu soube depois que se podiam perfeitamente abafar sem o derramamento de sangue.

«Os excessos de toda a ordem seguiram-se logo ao crime. Os cidadãos, principalmente os de côr, de que a junta suspeitava, eram presos e logo arrastados ao xadrez, onde se lhes cortavam os cabellos e onde eram barbaramente espancados. Muitos receberam duzias de bolos nos pés. Mulheres publicas, com que alguns soldados tinham contas a ajustar, soffreram de igual modo esses affrontosos e incomportaveis castigos.

«O terror enchia todos os corações e tolhia todas as consciencias; e para que nada transpirasse, e nenhuma voz honesta e patriotica se fizesse ouvir, foi trancado o telegrapho.

«Começando por decretar grandes vencimentos para os proprios membros, a junta esgotou o Thesouro do Estado e abriu creditos numerosos na thesouraria geral.

«Os antigos districtos eleitoraes do Estado foram distribuidos entre esses néo-republicanos. A politicagem baixa e indigna que se desenvolveu não se descreve nem se imagina.

«Creou-se uma secção nova na secretaria do governo, outra no Thesouro, outra de collaboradores na alfandega; não se fallando na multiplicidade de empregos e commissões inventadas.

«O pessoal com que foram providos esses logares, constitue, salvas poucas excepções, a gente que se incompatibilisára com a lei, com a moral e com a sociedade no Estado do Maranhão [1].»

Esta revoltante amostra do que começa a ser nas suas applicações o systema da tyrannia militar diz mais do que todos os argumentos. As demissões do visconde de Pelotas e do snr. Pedro Tavares indicam que não ha para continuar a revolução a harmonia que se disse ter havido para a fazer. O esquecimento do direito, a força como lei e o capricho feito systema, levam sempre os governos ao absurdo das contradicções e preparam aos Estados a ruina.

Um exemplo d'essa politica foi o acto de mais que magestatica soberania, exercida pelo snr. Deodoro, designando como seu successor no governo o snr. Ruy Barbosa e transmittindo-lhe o poder como se este fosse sua propriedade particular. O Imperador do Brazil estava preso pela Constituição e faltava-lhe o poder de eleger o seu successor. Os reis do mundo civilisado, inclusivè o Czar, não têm este direito; a Igreja Catholica não quiz conferil-o ao Papa; e, para não nos referirmos ás adopções dos Cesares romanos que necessitavam aliás da Lei Regia resultante do consentimento do senado e da plebe, não encontramos na historia moderna esse direito de designação de successor exercido pelo chefe do Estado, senão no pobre Paraguay, onde o primeiro Lopez designou o seu filho para lhe succeder na dicta-

[1] Protesto do governador do Maranhão snr. Pedro Tavares, publicado na *Gazeta de Noticias* de 30 de janeiro.

dura. Infeliz Paraguay, bem vingado estás tu n'este momento vendo que o Brazil, teu orgulhoso vencedor de outr'ora, é hoje o imitador do que tu fostes ha trinta annos! Os brazileiros que tanto desprezavam os costumes semi-barbaros da politica paraguaya, têm hoje em casa o que tanta compaixão lhes inspirava na casa dos seus inimigos. Nem mesmo faltam os aduladores da dictadura, como os tinha Lopez II. Jornalista houve no Rio de Janeiro que qualificou o acto do snr. Deodoro, escolhendo o seu successor á moda paraguaya, como—*um acto de sublime magnanimidade!*

A imprensa brazileira, hoje tão submissa, nem sequer lamenta a perda da propria e antiga liberdade com que ella n'outro tempo ridicularisava, e ás vezes insultava, o velho Imperador, sympathica e generosa physionomia, uma das mais bellas d'este seculo, uma das que o mundo civilisado mais admira. Que terrivel lição recebe todos os dias a consciencia dos jornalistas brazileiros, reduzida sómente á liberdade da apotheose, quando tenham agora de fallar d'um soldado ambicioso, para quem elles não passam de um rebanho encarceravel ou fusilavel á vontade, e que só se mantem livre e vivo, com a condição de elogiar, de elogiar ainda, de elogiar sempre...

Só Tacito acharia uma phrase verdadeiramente justa para esta situação afflictiva da maior nação latina além do Atlantico!

Frederico de S.

NOTAS DO MEZ

Durante o desagradavel mez de janeiro, Portugal atravessou uma crise — que é incontestavelmente a mais severa, talvez a mais decisiva, que esta geração tem affrontado.

Através dos ultimos dez annos, a Inglaterra, por uma sequencia de factos, alguns imprevistos (occupação do Egypto, pacificação temporaria do Sudão, marcha d'um exercito até Karthoum, reoganisação das missões do Nyassa, descoberta dos jazigos auriferos na terra do Lobengula, etc., etc.), começou a entrever, como sonho realisavel, a fundação d'um grande Imperio Africano. E, com aquella viva clareza de proposito e segura tenacidade de execução, que constituem a sua força, encetou uma série de actos, que, terminando ha tempos pela creação da *East-African Company*, auctorisam os seus Estadistas e os seus Publicistas a considerar esse Imperio como uma realidade esplendida, de que gozarão os filhos dos homens sem justiça e sem escrupulo que lhe lançaram as primeiras bases. Esse imperio, segundo o traçam nos seus largos contornos as publicações inglezas, estender-se-ha de Alexandria ao Cabo. O Nilo, desobstruidas as cataractas, será a grande estrada d'agua até aos Lagos Centraes: dos lagos um systema de caminhos de ferro abrirá communicações para Zanzibar e para a embocadura do Zambeze: duas Vice-Realezas, uma estabelecida no

Cairo, outra em Zanzibar (que, pela população e pelo commercio, é quasi uma feitoria India), governarão e manterão ordem n'essa vasta Colonia, por meio d'um exercito organisado (á maneira do exercito indigena da India) com negros e Sudanezes, e por meio de allianças com as tribus mais aguerridas (á semelhança das allianças feitas na India com os Afredis e os Chittagongs): um imposto territorial (ainda pelo systema Indio) e a multiplicação dos portos fornecerão o orçamento: e a gradual dominação dos districtos do interior, as explorações bem organisadas e com objectos definidos terminarão a conquista d'esta nova India e firmarão sobre ella, como diz o *Spectator* com o seu habitual pedantismo, a «Immensa magestade da Paz Britannica.»

O povo duro que britannisou a India póde talvez justificadamente conceber, e tentar mesmo, esta empreza portentosa. Mas, na sua execução, elle tinha necessariamente de encontrar obstaculos—d'esses que eram outr'ora considerados pelas solemnes regras do Direito Internacional como insuperaveis.

Portugal offerecia á Inglaterra um d'esses obstaculos. Entre os actos differentes, mas logicamente relacionados, com que a Inglaterra lenta e progressivamente prepara desde já a realisação remota do seu sonho, houve (para simplificar, sem inutil desenrolamento de detalhes geographicos e historicos) dois que, sem remedio, collocaram a actividade colonisadora da Inglaterra face a face com a nossa propriedade historica. Um foi a creação da *East-African Company*, com dominio sobre uma região conhecida pela terra de Lobengula (que é um velho rei e um malandro) e que comprehende um territorio immenso chamado Mashona, na margem sul do Zambeze. O outro acto consistiu na apropriação ou reclamação d'uma região entre a margem norte do Zambeze, o rio Chire e a margem occidental do lago Nyassa, conhecida pela região do Nyassa ou do Chire. A posse d'estes territorios excitava furiosamente a cubiça da Inglaterra, porque assim lhe ficava aberto o caminho politico e commercial desde a colonia do Cabo até ao lago de Tanganyika, e d'ahi até ao Victoria Nyassa e ao Nilo Branco. E

esse caminho creava, ainda que frouxa em partes, a espinha dorsal do futuro Imperio Africano. Sómente occorria esta difficuldade:—que Portugal ha duzentos annos possuia, trilhára, explorára, occupára essa região de Mashona e essa região do Nyassa. Se nós fossemos fortes, ou se ainda reinasse o Direito Internacional, este impedimento seria como uma montanha que se não transpõe. Mas a sciencia do Direito Internacional acabou como a Astrologia e a Escholastica; nós somos, por nossa maxima culpa, deploravelmente fracos;—e o obstaculo foi transposto pelo Leão Britannico, com aquella simplicidade sobranceira com que elle tradicionalmente salta por cima dos muros alheios, desde que não haja do outro lado o cano d'uma espingarda.

Em todo o caso, ao principio, esta difficuldade deu apenas origem a uma longa e lenta troca de communicações e de notas entre Lord Salisbury e o snr. Barros Gomes—acompanhada nos jornaes de Inglaterra e de Portugal por uma serena discussão geographico-historica dos nossos direitos e das pretensões inglezas. Quando se desenrolava esta controversia (que já em setembro começava a impacientar os inglezes), um incidente sobreveio inesperadamente, que transformou essa argumentação quasi academica n'uma pendencia quasi sangrenta. Uma expedição nossa, que, sob o commando do major Serpa Pinto, estudava o traçado do caminho de ferro do rio Chire (que ultimamente nós resolveramos construir para supprir as obstrucções da navegação no Zambeze), tendo penetrado na terra dos Makololos, antigos vassalos da Corôa, encontrou um gentio hostil que lhe impediu a passagem, arvorou no topo das cubatas bandeiras inglezas, e terminou por fazer fogo sobre os nossos com aquellas espingardas do valor de cinco *shillings*, que são um dos commercios inglezes mais rendosos no interior da Africa.

Para desempedir o caminho, affirmar a soberania e castigar o ultraje, os nossos (depois de tentarem conciliação) dispersaram o gentio — matando infelizmente uma centena d'esses negros, que são no fundo os verdadeiros senhores da região. Todos os dias succedem estes casos na Africa; — e em cada uma das suas viagens, Stanley, heroe acclamado nos dois hemispherios, pratica d'estas execuções de pretos, em proporções que as tornam, segundo a caracteristica expressão commercial dos inglezes, *wholesale slaugters* (matanças por grosso). O incidente dos nossos foi logo telegraphado para Londres pelo secretario da *African-Lakes Company*, com aquella concisão do telegrapho, que é por vezes tão fatalmente prejudicial á justa comprehensão das coisas como a redundancia da Rhetorica: — e a imprensa conservadora, ou mais especialmente aquella abominavel parte da imprensa conservadora de ha muito ridicularisada e desacreditada sob a alcunha de *Jingo*, já impaciente pelas demoras da controversia geographica e historica, rompeu n'um d'esses furores arrogantes a que é vezeira quando falla a nações desarmadas — e ameaçou Portugal com uma frota de couraçados, uma occupação da Madeira, o bloqueio de Lisboa, e outras bravatas das que ordinariamente lançam, de punho na cinta, esbrazeados de vinho, os rufiões de feira. Os pretextos d'esta indignação da imprensa *Jingo*, sempre falha em boas maneiras e bom gosto, eram — que a expedição portugueza invadira dominios britannicos pisando a terra dos Makololos; affrontára a humanidade trucidando cem negros; e injuriára a bandeira ingleza dispersando o gentio que a hasteára entre guinchos. A resposta acudia facilmente. A expedição, achando-se no territorio dos Makololos, pisava um territorio tão portuguez, que os Consules e Missionarios inglezes, para lá ir mercadejar ou intrigar, pediam salvo-conducto ás auctoridades de Moçambique: a expedição, dispersando os Makololos, antigos vassallos da corôa, e matando (infelizmente) cem no conflicto, procedia como todas as nações colonisadoras para com indigenas sublevados — e especialmente como a Inglaterra, mestra em colonisação, e destruidora encartada das raças inferiores do globo:

e finalmente a expedição, encontrando a bandeira ingleza nas maos de negros que não eram soldados inglezes, ou sobre cubatas que não eram cidadellas inglezas, não lhe devia mais respeito que a outro qualquer pedaço de panninho vermelho e azul. A bandeira tira a sua significação da mão que a empunha; e se um homem é aggredido n'um caminho por outro, que traz ás costas a Tricolor, não offende decerto a França atirando ao chão com uma paulada o aggressor que assim se embandeirou a si-proprio com jovial phantasia.

Em todo o caso, o incidente em breve passou dos ataques e defezas da imprensa para a região mais serena e grave das Notas Diplomaticas. Lord Salisbury lançou reclamações que a imprensa portugueza considerou moderadas. O snr. Barros Gomes offereceu explicações que a imprensa ingleza considerou conciliadoras. E as negociações proseguiam assim, em cordura e cortezia — quando uma manhã, bruscamente, sem razão, sem incidente lateral, o Ministro Inglez em Lisboa, Mr. Petre, apresentou ao snr. Barros Gomes um *ultimatum*, com aquella brutal surpreza com que outr'ora José do Telhado, ou outro dos nossos salteadores lendarios, apontava, n'um caminho de pinheiral, o bacamarte ao peito d'um marchante em jornada. Esta comparação, já muito usada, tem todo o relevo safado. Mas não ha outra mais precisa e graphica.

O *ultimatum*, curto e sêcco, exigia que dentro de onze horas o Governo Portuguez fizesse sahir as suas tropas e as suas auctoridades das regiões disputadas do Chire e de Maslona. Se o Governo Portuguez não accedesse, o representante da Inglaterra retiraria com o seu pessoal para bordo do aviso *Enchantress*, deixando toda a ulterior acção ás esquadras inglezas reunidas em Lourenço Marques. Cabo Verde e Gibraltar.

Foi durante horas uma pavorosa crise. O Conselho d'Estado reunido — decidiu que se passasse sob a exigencia de Lord Salisbury, visto que a resistencia importaria uma occupação de Moçambique e de Lourenço Marques (d'onde a Inglaterra não sahiria mais, como não sahiu mais do Egypto) feita

por essas esquadras, que, emquanto o *Foreign-Office* elaborava Notas cortezes, se acercavam dos nossos portos, á sorrelfa, em silencio, exactamente como as galeras de Barbaruiva deslisavam para dentro das enseadas da Italia ou da Sicilia á busca da prêsa christã. Occupam-se recentemente n'estes feitos as frotas que commandou Nelson. Portugal n'essa noite perdeu dois consideraveis territorios d'Africa. De manhã o Ministerio cahiu. E assim findaram tres annos de politica colonial.

Já não interessaria porém apreciar essa politica, mesmo que para isso possuissemos uma documentação completa e positiva:—porque, na realidade, as questões d'Africa perdem do seu valor diante do inesperado movimento nacional que, através de todo o paiz, tão vasta e ruidosamente rompeu, sob o espinho das humilhações que essa Africa negra nos trouxe. É com effeito mais importante para Portugal possuir vida, calor, energia, uma idéa, um proposito—do que possuir a terra de Mashona: mesmo porque, sem as qualidades proprias de dominar, de nada serve ter dominios. Se, como Nação, estamos findos, sem força, sem alma, sem vontade, os Makololos, o Mashona, o Nyassa, os lagos e toda a Africa serão para nós tão inuteis, como inuteis eram ao pobre rei Shenacherib, que tinha cento e dez annos e tremia de frio sob o sol da Assyria —as virgens esplendidas que os seus intendentes lhe iam buscar á Africa, terra de todos os ardores e de divina fecundidade. «Como posso eu produzir vida, tartamudeava o pobre Shenacherib, se vida em mim já não tenho?» Sem vida em nós mesmos, como poderiamos nós levar vida á Africa?

Por isso na verdade a questão do Nyassa e de Mashona, desapparece perante este movimento, tão real, tão intenso, tão persistente—primeira e unica affirmação de vida que Portugal tem dado n'estes ultimos trinta annos, mollemente estragados na mudez e na inercia.

Bello e de bom presagio se nos apresenta este movimen-

to! Mas todavia, por ora, não ha n'elle senão os symptomas materiaes de vida. É o respirar, o mover, o palpitar, o fallar d'um corpo que muitos julgavam morto, gelado, facil de pisar, e talvez de retalhar. E resta agora saber em que séria e util occupação, em que fim de alto patriotismo, se vai empregar essa vida que tão inesperadamente o paiz em si surprehende, e que tão dispersamente manifesta na primeira e immensa alegria de a sentir correr, quente e forte, nas veias?

That is the question, se esta citação ainda é permissivel... Porque se todo o patriota se alegrou, como nós, ao vêr o esplendido movimento da nação—nenhum verdadeiro patriota póde conservar alegria ao verificar que esse movimento se começa a perder em direcções desviadas, transversaes, inuteis—á maneira d'uma torrente que, em logar de correr direita ao moinho para o fazer trabalhar, se espalha pelos lados em riachos esguios e lentos que bem depressa a areia suga!

As primeiras manifestações d'este movimento foram as instinctivas, as da irreflectida colera do homem que subitamente na rua leva com lama na face. Todas as multidões, em todas as capitaes, se têm um dia abandonado a estas violencias classicas. Mas, encadeadas com estas e n'uma rapidez de rastilho accêso, começaram logo as manifestações de individuos e de corporações contra a Inglaterra—cada um sinceramente, na sua possibilidade, praticando um acto de desforra ou tomando uma decisão de hostilidade. E aqui, começamos a assistir a actos menos justificaveis. O sentimento inspirador era sempre muito bello, muito nobre—mas a expressão exterior e especial d'esse sentimento nem sempre participava d'essa belleza e d'essa nobreza. Com effeito, quando homens respeitaveis devolviam á legação de Inglaterra as medalhas ganhas ao seu serviço, ou se demittiam de empregos remunerados por companhias inglezas, estavamos claramente em presença de actos de seriedade e dignidade. Quando porém professores dos Ly-

ceus reclamam, como defeza nacional, que se elimine a lingua ingleza do ensino das linguas vivas—estamos já diante, não d'um acto de patriotismo, mas de ignorantismo. E quando as actrizes dos theatros, para mostrar como Portugal sabe repellir um ultraje, resolve por declaração publica retirar do palco os seus sorrisos desde que surja na plateia um espectador inglez—estamos diante d'um acto positivamente risivel. Os jornaes registrando d'estes e d'outros protestos, bem-intencionados e desastrados, exclamavam por vezes com inquietação: «Meu Deus! não tornemos as nossas manifestações ridiculas ou odiosas!» Mas por causa de indescriminadamente se registrarem os protestos dignos e os protestos comicos (que a imprensa estrangeira reproduzia)—estivemos nós arriscados a que a Europa misturasse ao respeito pelo nosso brio, algum desdem pela nossa extravagancia.

Tudo isso porém passou:—e bem depressa os protestos individuaes se fundiram, desappareceram, na vasta, magnifica e consoladora unanimidade das manifestações collectivas vindas dos Municipios, das Escolas, das Associações, dos Institutos, das Assembléas, de Villas inteiras, de todo um povo que acorda, se levanta, e ainda tropego do seu extenso somno, affirma claramente que *pensa* e affirma fortemente que *quer*.

O que? Porque isto sobretudo se nos afigura essencial: o verificar o que o paiz, emfim desperto e decidido á acção, pensa e quer—e em que direcção vai desenvolver essa idéa, e sobre que objecto vai applicar essa vontade. Ora, a julgar pelos incontaveis protestos, declarações, manifestos, cartas, appellos, etc., que transbordam na imprensa, não nos parece que por ora o pensar e o querer do paiz se estejam exercendo para fins verdadeiramente sérios, uteis, praticos e patrioticos. De todos esses documentos com effeito em que o paiz, decerto reflectidamente e serenamente (porque n'um longo mez sobra tempo para serenar e reflectir), tem exprimido a sua idéa

e a sua vontade—que proposito exacto e definitivo resalta com saliencia? Um só—*fazer mal á Inglaterra*. Como? Injuriando a Inglaterra; fomentando o odio á Inglaterra; *bocoytando*, tirando a freguezia á Inglaterra.

Tres actos naturaes, legitimos, supremamente justificaveis. Mas bastam? É n'elles, só n'elles, que se deve empregar e consumir o pensar e o querer da nação? Quando tivermos accumulado sobre a Inglaterra todos os vocabulos affrontosos do nosso diccionario; quando tivermos penetrado o coração dos nossos filhos d'um odio tão complexo á Inglaterra que elles não possam encontrar um volume de Shakespeare sem empallidecer de furor; quando tivermos retirado totalmente a nossa freguezia ás carvoeiras de Cardiff ou aos teares do Lancshire—estará realisado o fim immenso d'uma nação que, abalada por uma crise brutal, desperta, se ergue e desesperadamente affirma que vive e que quer viver? Ou muito erramos, ou esse fim, longe de estar obtido, está perdido.

Injuriar a Inglaterra. De que serve? Se o fazemos por meio d'aquelle processo que se denomina *chamar nomes* (e que parece exclusivo a Portugal e á Inglaterra porque só estas duas nações possuem nos seus idiomas essa expressão) não aproveitamos decerto os primeiros dias do nosso despertar patriotico em obra muito bella, nem muito digna. Resurgir d'um longo adormecimento para *chamar nomes* é de pessimo presagio para a seriedade e fecundidade d'esse resurgimento. E por outro lado se o fazemos d'um modo mais grave, denunciando e verberando todo o mal da Inglaterra (onde o mal tanto abunda), dissiparemos o tempo a repetir, com pallida superfluidade, tudo o que contra a Inglaterra já demasiadamente vociferaram os seus proprios filhos, os melhores, os mais illustres, com soberba eloquencia e certeza impeccavel. Quem mais grandemente do que os escriptores d'Inglaterra tem flagellado os vicios da Inglaterra? Quando mal findava a litteratura ingleza do secu-

lo XVIII limitada, conservadora, respeitosa e insular — logo um poeta surge, o maior dos seus poetas, que da Italia onde o levára o tédio da sua patria, austeramente pedante e mercantilmente egoista, a cobre de maldições e de sarcasmos. E depois de Byron e de Shelley, a legião dos accusadores segue, implacavel e genial. E Dickens (para citar os mais populares) ridicularisando as suas instituições: é Thakevay revelando com fria ferocidade todo o seu convencionalismo social e maculando-a com o nome que lhe ficou de *country of snobs;* é Carlyle, com clamores de propheta, fulminando o seu egoismo, o seu mercantilismo, o seu materialismo; é Ruskin acabrunhando de ironias a grossa materialidade da sua civilisação; é Arnold accusando-a da sua insipidez, do seu azedume, da sua aspereza; é ainda toda uma cohorte de publicistas, de pamphletarios, de *ensaistas*, de artistas, de caricaturistas, fulminando o seu pietismo, o seu *caut*, a sua hypocrisia, a sua deshumanidade... E que faz a Inglaterra? A Inglaterra cobre d'acclamações estes accusadores que a illustram pelo genio; dá-lhes, quando elles morrem, uma sepultura d'honra no Pantheon Real de Westminster; — e continúa a cultivar com cuidado e a desenvolver estes defeitos de convencionalismo, de egoismo, de mercantilismo, que a tem tornado por esse mundo tão vasta, tão forte e tão rica. Faz mais. Pela voz do seu maior orador n'este seculo, proclama o egoismo como programma politico, justifica-o pela «lucta pela vida», e affirma em plena Camara dos Communs, entre universaes acclamações — «No dia em que «déssemos aos outros a justiça, chamariamos sobre nós a ruina!»

Empregar o tempo a chamar a uma nação d'este feitio nomes feios em prosa e verso — *pirata*, *ladra*, *infame*, etc., — é uma puerilidade de fracos.

Odiar a Inglaterra. Sentimento bem legitimo — porque, por muito christão que se seja (e nós somos inteiramente pagãos),

não podemos abençoar quem nos brutalisou. Mas o odio fixo, em perpetuidade, cultivado e organisado como Programma Nacional (e assim o pregam os Manifestos) que significa? O odio póde formar um factor na vida de um povo quando apaixonadamente incite e aqueça a actividade que prepara a desforra. Ora a desforra consiste em derrotar quem nos derrotou, humilhar quem nos humilhou. E que esperança póde ter este fragil Reino de abater o mais forte dos Imperios, dura resurreição do duro Imperio romano? Se nós presentissemos razoavelmente a possibilidade de um dia, por nossa vez, mandar á Inglaterra um *ultimatum* sublinhado com esquadras — então, sim, por Deus, que o odio fosse o nosso inspirador! Mas, para que tal se realisasse, teriamos de esperar até aos tempos (entrevistos justamente por um humorista inglez) em que o Imperio Britannico ficará reduzido ao condado de Middlessex. Esses tempos jazem muito longe, nas profundidades do futuro; e não podemos realmente passar os seculos que d'elles nos separam, quedos, hirtos, de dentes cerrados, de olhos flammejantes, absortos e immobilisados n'essa unica e estranha funcção social — *odiar!*

O odio é um sentimento negativo que nada cria e tudo esterilisa: — e, quem a elle se abandona, bem depressa vê consumidas na inercia as forças e as faculdades que a Natureza lhe déra para a acção. O odio, quando impotente, não tendo outro objecto directo, nem outra esperança senão o seu proprio desenvolvimento — é uma fórma da ociosidade. É a uma ociosidade sinistra, livida, que se encolhe a um canto, na treva.

Não, por Deus! O povo alegre e franco, que outr'ora em Diu (segundo dizem) atirava por entre as bombardas gracejos aos mouros, e que é hoje ainda na Europa o unico que trabalha cantando — não póde empregar e estragar os seus dias n'essa negra e funebre occupação, o *odio!*

Detestemos a Inglaterra, d'accôrdo, toda a Inglaterra — mesmo sem distinguir se foi a Inglaterra como Nação, ou apenas um partido inglez como Governo, que nos ultrajou. Mas que esse sentimento seja secundario na vasta obra que temos diante de nós, agora que acordamos — e não essencial, supremo e

tão absorvente que só elle occupe a nossa vida, e se substitua a propria obra.

Os que affirmam (e muitos affirmam) que «o unico dever de Portugal agora é odiar a Inglaterra», ou se contentam com um desabafo vão—ou sinceramente aconselham ao paiz que nada faça, permaneça na sua inferioridade, e accentue mais a sua impotencia final entregando a direcção da sua vida a um sentimento impotente.

Se taes conselhos são considerados como nobres expressões de patriotismo,—então o patriotismo, como idéa, tem mudado desde as idades em que, nas praças d'Athenas, os patriotas que iam, em Platèa e Salamina, dar ao mundo o inigualavel exemplo do patriotismo heroico, exclamavam:—«Não se trata de parolas, e de odiar a Persia—trata-se de actos, e de salvar a Grecia!»

Temos depois, como plano, *bocoyttar* a Inglaterra. Idéa bem natural e bem logica. A Inglaterra é uma immensa loja. Nós somos dos seus mais antigos freguezes. A prosperidade de uma loja depende da sua freguezia: retirando portanto a nossa freguezia á Inglaterra, compromettemos a sua prosperidade. É perfeito. Resta averiguar se é efficaz.

Os homens positivos, experimentados e praticos, affirmam que desgraçadamente este plano, tão tentador na sua simplicidade, não dará resultado que nos console e vingue—porque ao fim de um tempo, para a Inglaterra, não será sensivel a conta do seu prejuizo, emquanto para nós montará pavorosamente a conta do nosso damno. Se nós hoje, que não possuimos industrias nacionaes, fórmos buscar a outros mercados o que costumamos trazer de Inglaterra,—encheremos a nossa casa de productos *peores e mais caros*, o que duplamente augmentará o custo da nossa vida. Logo este começo é pessimo. Por outro lado, quebrando as relações commerciaes com a Inglaterra, deixamos logicamente de ser freguezes da sua marinha mercante.

Ora os inglezes, que possuem a maior marinha mercante e de maior tonelagem de todas as nações, são os grandes transportadores do Universo, os que através dos mares levam e trazem mais homens e mais fazendas. E não admittindo nós que navios inglezes entrem nos nossos portos a buscar ou a trazer—matamos o grande plano dos ultimos tempos, que era tornar Portugal o rico e forte centro do movimento commercial entre o velho e o novo mundo. Para isso, com sacrificios enormes, estamos construindo o porto de Lisboa e o porto de Leixões. Mas esses portos, excluindo das suas docas dois terços dos navios que sulcam os mares não obterão rendimento apreciavel:—e nós teremos de pagar o que essas obras custaram, sem poder embolsar o que ellas por si renderiam. E ha mais. Assim como não queremos comprar nada aos inglezes, nada lhe queremos tambem vender. Ora o inglez é o nosso maior freguez: e não teremos pois d'ora em diante quem nos consuma na sua quasi totalidade o nosso vinho do Porto, os nossos minerios, as nossas fructas, o nosso sal, a nossa cortiça. Para não arruinar o Porto, Aveiro, Setubal, o Alemtejo, etc., seremos forçados a procurar novos freguezes—o que, n'este seculo d'aspera, feroz, tumultuosa concorrencia, se vai tornando a mais pavorosa das difficuldades humanas. Ora, insistem os homens praticos, como nós já frequentemente tentamos, sem resultado, obter pequenos mercados para artigos parciaes da nossa producção—não lograremos agora decerto alcançar um vasto mercado que substitua a vasta Inglaterra. De sorte que, em resumo, ao fim de um ou dois annos de quebrar as relações commerciaes com a Inglaterra, teriamos as nossas despezas consideravelmente elevadas, os nossos rendimentos consideravelmente diminuidos, obras collossaes a pagar, e nenhum lucro a tirar d'ellas.

Assim dizem os experimentados. Resta porém saber se estes sacrificios não seriam bem pagos pelo justo regalo de ferir a Inglaterra n'um ponto, que é n'ella mais vivo que o orgulho —o interesse: e se não compensariamos, amplamente, o desgosto de vêr os transtornos que sobre nós acarretamos—pela

delicia de constatar as ruinas que na Inglaterra accumulámos.

E, aqui, voltam os experimentados (verdadeiramente patriotas) explicando que a Inglaterra, para o nosso caso, é uma loja, cuja prosperidade ou decadencia se verifica pelo seu balanço e pelos seus livros. Ora, examinando as contas correntes de Inglaterra (pelo ultimo balanço feito, o de 1888), vemos que o seu movimento commercial com Portugal, isto é, o valor do que nos comprou e do que nos vendeu, monta à somma redonda de *trinta mil contos*. Verba consideravel. Mas em que proporção entra ella no movimento geral da loja? A falta de um freguez d'este valor dará á loja um golpe definitivo e mortal, ou fará apenas uma arranhadura insensivel e reparavel? Examinado o balanço total do Imperio Britannico, verificamos que o seu movimento monta á somma, que quasi custa a lêr em cifras, de *quatro milhões de contos, novecentos e vinte mil setecentos e cincoenta contos!* Como estas sommas disformes estonteam, quasi não têm realidade para um meridional — digamos, tornando as cifras mais accessiveis, que a nossa abstenção como freguezes de Inglaterra diminue *trinta contos* no seu movimento de *quatro mil novecentos e vinte contos*. É portanto como se um particular egoista e brutal, possuindo uma renda de *quatrocentos e noventa e dois contos*, fosse prejudicado em *tres pobres contos de reis* por um visinho offendido, que, para tomar essa desforra que elle julgava mortal, se sacrificasse até á ruina!

Decerto, esses trinta mil contos de menos vão momentaneamente prejudicar certas industrias inglezas. Mas essas industrias são justamente as mais fortes (carvão, ferro, tecidos, etc.). Todas ellas têm affrontado crises infinitamente mais terriveis, que atravessaram com triumphal serenidade. E quando nós começarmos apenas a penar as primeiras dôres do nosso sacrificio — já ellas terão galhardamente reconstituido o seu equilibrio.

De resto Portugal não desceu ainda tanto na universal jerarchia, que se levante todo, n'um esforço unido de nação unida, com o fim unico de encalacrar os snrs. Fulano & C.ª carvoeiros de Newcastle ou os snrs. Sicrano & Filhos com fabrica

de lanificios em Bradford. O unico objecto porque dignamente poderiamos soffrer perdas e angustias seria, como se tem dito nos Manifestos e Protestos, matar o Leão Britannico. Mas que conseguimos? Arrancar-lhe alguns pêllos da juba bruta, que bem cedo renascerão — mais duros e fortes.

Todo este movimento publico, pois, que, para *fazer mal* á Inglaterra, se impõe como missão odiar a Inglaterra, offender a Inglaterra, *bocoyttar* a Inglaterra — a si mesmo se esterilisa, errando a sua direcção: porque, evidentemente, como movimento nacional, nascido da alma da nação, para proveito da nação, nunca lhe cumpriria tomar por fim unico o *fazer mal á Inglaterra*, mas, antes de tudo e sobretudo, *fazer bem a Portugal*.

Uma vez que, segundo tão altamente se proclama, acordamos do nosso lethargo, urge empregar este alento que nos volta, não na teima improficua de destruir o que é indestructivel — mas de reconstruir tudo o que em torno de nós se deteriorou e derrocou durante o nosso immenso somno. Esta seria a direcção unica a imprimir ao movimento nacional — que se não deve dispersar em tentativas ou brados ephemeros contra a Inglaterra, mas concentrar em obras sólidas a proveito de Portugal. Até agora nada se fez, porque (como todos violentamente constatam, por experiencia propria) jaziamos resonando, no esquecimento de todo o dever civico. Pois bem! agora que todos se declaram despertos, e saltam para a arena bradando, de braços arregaçados, promptos á faina — comece a empreza, unica verdadeiramente patriotica, que é a de reconstituir a Patria. Se as forças e as vontades abundam (como affirmam Manifestos e Protestos) não faltará tambem obra urgente e boa em que ellas se empreguem com gloria. Temos quasi tudo por fazer — tudo teriamos a refazer. Teriamos antes de tudo de crear Riqueza, porque, sem esse instrumento, o braço mais forte fraqueja. Teriamos de crear a riqueza, como povo

agricola que somos, pelos meios que o saber positivo tem indicado e que a Politica tem desdenhado. Crear riqueza, através do fomento rural — repovoando o reino pela colonisação interior; methodisando as culturas; congregando a propriedade excessivamente fragmentada; creando o credito rural; dirigindo o aproveitamento das aguas publicas e organisando a economia hydraulica; fazendo a repovoação florestal do paiz; regulando o exercicio da caça e da pesca, etc., etc. Teriamos ainda de fundar industrias, nacionalisando os fornecimentos publicos para as fazer viver, e nacionalisando os transportes para as fazer circular... Obtidos estes primeiros recursos teriamos então de alargar a nossa marinha de guerra, reorganisar o nosso exercito, construir as defezas dos nossos portos. Teriamos ainda a reformar o ensino scientifico, e fundar seriamente o ensino technico. Teriamos emfim (para não desanimar as boas vontades com um programma muito pesado) de preparar, por meio da educação physica, gerações que possuam o musculo, o vigor, a saude e o poder de arrostar trabalhos — que a nós nos falta tão lamentavelmente. E teriamos ainda (só este detalhe mais!) de crear em nós mesmos habitos de energia, disciplina, ordem, força, perseverança — reflectindo que sem bons costumes de nada valem as boas instituições, e que já um poeta, que era todavia o mais risonho dos scepticos, disse:

Quid leges, sine moribus
Vanae, proficiunt?

Eis, na nossa idéa, talvez excessiva e errada, o que deveriam fazer esses patriotas que com tanta esperança nossa se declaram acordados do seu somno historico, e promptos a trabalhar na regeneração da Patria. Tudo isso depende d'elles, só d'elles. Não dos Governos ou dos Ministerios. Depende meramente da sua iniciativa, do seu esforço, da sua constancia, da sua propaganda. Depende do seu honesto proposito de escolher homens capazes que no Parlamento vão emfim crear as leis exactamente correspondentes ás nossas necessidades — e, no Go-

verno, vão emfim assegurar a execução exactamente indispensavel a essas leis salvadoras.

Assim julgamos que devia ser utilisada e regularisada essa bella effervescencia de vida, a que se denomina o «movimento nacional». Porque de resto, bradar nas ruas contra a Inglaterra, elaborar manifestos, fundar commissões, agitar archotes, desfraldar bandeiras, abater taboletas, não nos parecem na verdade os modos d'um povo, que, sob o impulso do patriotismo, se prepara para a regeneração:—antes se nos afiguram os modos d'um povo, que, através do patriotismo, se está educando para a insurreição.

E que a mocidade das Escolas dê ella o exemplo mais directo e melhor. Por toda a parte se affirma que da sua paixão generosa e pura partiu o primeiro arranque d'este movimento. Honra grande lhe seja mais tarde na Historia. Mas a Mocidade já manifestou amplamente. Que agora se retire das ruas e dos comicios, se recolha, e offereça ella, esperança de todos, messe rica do futuro, o modelo superior do patriotismo, passando a cumprir com sereno amor esse dever patriotico que tão especialmente cabe a estudantes—e que consiste em estudar.

E deixemos a Inglaterra, que, quieta na sua ilha, digere sombriamente, como nação de rapina, a presa que rapinou. Clamar pelas praças *Delenda Carthago!* é excellente—quando já estão reunidas no porto d'Ostia as galeras que vão levar Scipião á Africa. Mas nós não nos podemos ufanar por ora nem de galeras nem de Scipião. De que valem pois brados vãos? O grande grito a gritar não é—*Delenda Britannia!* O grande grito a gritar é—*Servanda Lusitania!* Porque se não trata infelizmente de destruir a Inglaterra—mas de conservar Portugal.

Através d'estas suggestões, que vimos timidamente arriscando, de proposito omittimos o facto magnifico da Subscripção

Nacional. Só elle todavia, e o sentimento collectivo que elle revela, as justificam — porque, sem elle, todas as nossas considerações montariam á puerilidade de querer dirigir, regularisar e aproveitar para um fim permanente uma chamma que passa e que morre! A forte, sólida e tenaz unanimidade, porém, com que a Nação inteira, que tão pobre é, acode a abrir a sua bolsa para um alto objecto nacional, prova que este Movimento, tendo raizes na razão e na consciencia do Paiz, não sómente na sua imaginação mobil, constitue uma força duradoira e viva que convem dirigir para onde ella possa fecundar e crear. E indicar a sua direcção é concorrer para a sua fecundidade — porque decerto aquelles que tão ardentemente querem preparar a defeza exterior não se mostrarão menos promptos a trabalhar na ordem interior. De pouco serviria ter muralhas novas por fóra e só velhas ruinas por dentro. A peito doente nada vale couraça de bronze.

João Gomes.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Chronicas de Valentina, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, com uma carta de *Ramalho Ortigão.* — Editores, Tavares Cardoso & Irmão

A snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho acaba de publicar um volume com este titulo, reunindo n'elle alguns artigos e estudos, escolhidos d'entre os muitos que publicou em jornaes portuguezes e brazileiros. — Todos os que lêem, e se interessam ainda pela mais bella e complexa das artes — a que pela escripta fixa todas as idéas e illumina reveladoramente todos os sentimentos — devem agradecer á tão justamente querida escriptora o ter junto n'um livro essas chronicas.

A existencia do artigo, da chronica de jornal, participando da natureza d'este, é ephemera e passageira. Se commenta um facto, que por momentos accendeu as curiosidades, se dá todo o relevo a um successo, a um caso que poz uma dobra na unida e continua superficie d'uma vida banal e monotona. se regista o apparecimento d'uma obra de sciencia ou de phantasia, a affirmação de alguma virtude, de algum merito, ou de alguma monstruosidade, é lida soffregamente mas, passado o momento do intenso interesse, ninguem volta a procural-a. E no entanto essa chronica póde ser o mais sincero e o mais acertado commentario, póde ser a mais intima revelação das mysteriosas ou distantes causas e motivos que determinaram o acontecimento, escandalo, drama pungente, ou o trabalho valioso para que todas as attenções se voltam: póde reunir as mais elevadas condições de um producto d'arte, as mais raras e altas qualidades de uma obra de justiça e de exame; póde dar a medida d'um espirito nobre e d'um temperamento afinado ; póde ser o resultado d'um arduo labor, d'um agitado esforço de nervos, d'uma concentrada e vibrante vida extenuadora e cruel.

E tudo isso morrerá passado um instante, e esquecerá, como uma gota

de generoso vinho, feito trabalhosamente dos mais preciosos succos, e que se toma d'um trago.

Quando, por isso, a chronica contenha as elevadas qualidades que a distinguem do *fait divers* e da *reportage* facil para a tornarem uma verdadeira obra d'arte — é justo que uma nova existencia se lhe dê, reunindo-a no volume, engastando-a para que brilhe ainda, e com mais nitido lume, depois de apanhada do meio das mil coisas bellas e fugidias que a vida moderna deixa rolar sobre o caminho que percorre velozmente, na sua fuga febril...

Ora os estudos que agora nos dá a snr.ª D. Maria Amalia mereciam o engaste do livro, onde cada um d'elles figura como capitulo independente, dando ao volume, d'umas 350 paginas, um aspecto interessante e variado. Consta elle de vinte e um capitulos que, se têm desigual valor entre si, revelam tambem todas as finas qualidades litterarias da auctora.

Na carta com que precede esses trabalhos, e em que, a largos traços, nos desenha tão viva e sympathicamente a figura moral da escriptora, Ramalho Ortigão aponta, entre os outros artigos, os estudos intitulados: *Soror Marianna, A vida e as cartas de G. Eliot, A mulher de Carlyle, A princeza Mathilde, A eterna questão do amor, Historia d'um crime, Pauline de Beaumont* e a *Marqueza de Custine*, como sendo, talvez, aquelles em que as especiaes tendencias e recursos d'arte e critica da auctora se revelam mais completamente, demonstrando que ella possue: «a paciente laboriosidade de uma analyse commovida e terna, a visão de todos os pormenores compensadores e de todas as concordancias attenuantes no conflicto dos sentimentos, a viva comprehensão dos mais diversos estados d'alma, a vibratibilidade nervosa da sympathia, o dom culminante de querer bem».

N'essa esmaltada e luzente pagina do prologo de Ramalho Ortigão tem a snr.ª D. Maria Amalia a apreciação justa do seu valor.

Na curta e simples menção que aqui fazemos do seu livro, ao mesmo tempo que encontramos nos periodos do critico, que tão encantadoramente a prefacia, a indicação d'essas superiores qualidades que a distinguem — não podemos, no entanto, deixar de apontar-lhe, como sendo as energias predominantes entre todas, do seu caracter e do seu temperamento: a vibratibilidade nervosa, e a sympathia poetica, commovida, bondosa e larga, que lhe dá a possibilidade de abrir o seu coração ás mais diversas emoções, e a fecunda elasticidade, graças á qual o seu espirito se interessa pelos assumptos e pelos problemas os mais oppostos. Estas energias intimas ou qualidades são as mais proprias para que um escriptor, e sobretudo um escriptor moderno, possa ter a comprehensão de tudo, e para que assim caibam, na sua critica lesta, adaptavel, sinuosa, ondulante, verdadeiramente comprehensiva e justificadora, todas as modalidades, todos os aspectos e cambiantes, todas as apparencias, todas as suggestivas e todas as divergentes revelações da vida, do pensamento, da phantasia e da emoção,

Mas se essas energias ou qualidades são as mais proprias, não são todas as proprias e necessarias. Sem ellas a critica será sempre dogmatica, inflexivel, hirta, e por isso falsa e estreita, dando incompletamente a interpretação das idéas e dos sentimentos.

Mas sem as outras qualidades que tornem effectivas essas primordiaes aptidões, a critica será um pouco *vaga* e tenderá, n'um effeito contradictorio, a dar um caracter *uniforme*, a attribuir — pela influencia da sympathica attracção para uma qualidade superior encontrada na personalidade ou na obra que se estude, e pelas affinidades que essa mesma sympathia e attracção façam sentir como existentes entre o critico e o criticado — aos mais diversos artistas e escriptores, energias e qualidades que são de uns, mas não são de outros, e energias e qualidades que o critico, por possuil-as ou desejal-as, julga vêr reflectidas n'aquelles que quer interpretar e explicar.

Ora, para que a critica não seja *vaga*, é necessario que no critico haja erudição, pelo menos a indispensavel á ordem de estudos a que elle se dedique; e para que a critica se não torne *uniforme* e confusa, á força de enlear pela sympathia o que possa ter reconditas e intimas differenças, é indispensavel que o critico tenha um vigoroso poder de analyse psychologica e notaveis aptidões de exegese.

Posto isto, e tendo em frente de nós um livro, que por muitos titulos se torna digno da mais viva attenção e interesse, cabe-nos perguntar se a sua auctora possue absolutamente todas essas qualidades de critico. Parece-nos que não. Faltam-lhe: essa completa ou vasta erudição litteraria e philosophica, essa complexa faculdade psychologica, e, por vezes, o poder de penetrante interpretação. Não obstante possue, como dissemos, as mais fecundas qualidades, as que logo determinam em quem a lê, tambem uma irresistivel sympathia. Para isto concorre, além da elevação moral, e da bondosa emoção que nutre as suas paginas, o seu temperamento delicado e poetico, que envolve tudo n'uma leve e dôce trama de fina e melancolica phantasia, onde brilha sempre um raio de graça inconfundivelmente aristocratica e captivantemente feminina. Tudo dado n'uma fórma limpida, suave, ondulante e que, se desmaia por vezes e se dilue, tem comtudo raras qualidades de facilidade, de elegancia, de mimo, sobretudo quando enlaça nas espiraes dos seus periodos flexuosos alguma dôr ou soffrimento que carece de consolação e lagrimas redemptoras.

É por isto que, entre todas as paginas das CHRONICAS DE VALENTINA, que criticam livros, que commentam biographias e memorias, que retraçam existencias do *élite*, que analysam correspondencias, que interpretam crenças e idéas, que estudam casos sociaes, que desenham figuras litterarias e caracteres — preferimos, como Ramalho, os estudos que especialmente indicámos, pois é n'esses que a auctora põe sobretudo em evidencia as nobres energias e cambiantes do seu elevado espirito, juntamente com as finas intuições do seu coração feminino.

Além d'esses estudos encontramos no livro os seguintes capitulos: *O immortal, O conde Léon Tolstoi, O crime e o castigo, A vida e a correspondencia de Darwin, Pierre Loti, Henri Martin, O bezerro de ouro, Caro, Pranzini e Flaubert, A imprensa para o snr. de Bismarck, Um infanticidio, Alexandre Herculano, Relatorio de Pinheiro Chagas, O hospital de crianças, O «Reve» de Zola.*

Como se vê pelos titulos, raros são os capitulos que no livro nos fallam de coisas e assumptos da vida ou da litteratura portugueza. Conhecendo o senso e fino criterio de *Valentina de Lucena* chega a sentir-se que ella não queira, de preferencia aos assumptos que nos são estranhos, colher mais directamente na vida que a rodeia, não obstante ser bem pequeno este nosso meio, as impressões, e os motivos de muitos dos seus bellos artigos, que teriam assim para nós ainda, se é possivel, maior interesse.

A edição das CHRONICAS DE VALENTINA foi correcta e cuidadosamente feita pelos snrs. Tavares Cardoso & Irmão. O typo escolhido, largo e grande, lê-se com facilidade e dá ás paginas um aspecto claro e nitidamente attrahente.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

TENDENCIAS GERAES

DA

PHILOSOPHIA

NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX [1]

III

Em face dos resultados positivos das sciencias, da constituição d'uma psychologia de orientação bem diversa da dos Escocezes e, sobretudo, do trabalho de exploração e sondagem intellectual do criticismo, que, depois de Kant, tomára uma actividade e direcção novas, o velho espiritualismo, ao qual sem desacato ousaremos chamar mythologico, não podia manter-se. O seu dualismo, renovado de Descartes, tornára-se, no tocante á sua concepção da materia, insustentavel perante a physica moderna: no outro pólo d'esse dualismo, o seu Deus real e pessoal, abalado pelas sciencias da natureza, cahia ás mãos do criticismo, que não podia vêr n'elle mais do que uma idéa pura — a «categoria do ideal», segundo Kant — e o typo da vida espiritual. A mesma analyse despojava a alma d'aquella personalidade realista, com que só a imaginação primitiva a dotára, e que os espiritualistas apenas subtilisavam e refinavam, mantendo-a no fundo, quando definiam a alma como uma substancia

[1] Continuado da pag. 171, do numero de fevereiro.

sui generis, um ser espiritual opposto a um ser material e só momentaneamente (e incomprehensivelmente) a elle ligado. O criticismo, porém, assim como a nova psychologia não podiam vêr na alma essa substancia de natureza excepcionalissima e todavia real, mas apenas a unidade, quando não simplesmente a somma dos factos intimos da consciencia. O influxo do Kantismo é bem sensivel em todo este processo de dissolução do velho espiritualismo. É o seu subjectivismo e a sua inexoravel analyse que deitam abaixo, como pulverisado, o realismo dogmatico em que se apoiavam as *substancias* e os *principios* dos novos escolasticos. Todas essas entidades phantasticas são reduzidas a um facto unico, a uma unica realidade: a consciencia. Através da poeira de muitas discussões, creio que é este o resultado liquido da evolução da psychologia e do criticismo nos ultimos quarenta annos.

Desfeitos assim os mythos em que se consubstanciára, cahiu pois aniquilado o espiritualismo? Não cahiu. Soffreu uma crise profunda, mas sahiu d'ella renovado e mais sólido. A consciencia, que aquella nevoa mythologica obscurecia envolvendo-a, appareceu mais nitida: reduzida a um facto intimo, esse facto ficou inabalavel e soberano. A difficuldade capital, que surgia irresistivelmente da concepção realista da alma—a união incomprehensivel de duas substancias radicalmente diversas e a dependencia em que a alma está do organismo—essa difficuldade desappareceu com aquella personificação, que a gerára. N'este novo terreno, assim limpo da antiga vegetação parasita, a realidade e autonomia do espirito não offerecem já lado algum vulneravel, tanto faz ao scepticismo como ao materialismo. Ao scepticismo oppõe a nova doutrina espiritualista o testemunho da consciencia, e não precisa de mais. Ao materialismo oppõe a impossibilidade racional de fazer sahir da materia, não se diz já uma idéa ou uma volição, mas o facto de consciencia mais elementar, uma simples sensação. A accumulação de extensão não póde dar senão extensão: a accumulação de movimento não póde dar senão movimento. Do mesmo não se póde extrahir senão o mesmo, nunca o diverso. Ora, na mais

elementar sensação ha já implicada alguma coisa que não é a extensão nem o movimento, que não é, por conseguinte, materia. Assim pois, não só é impossivel extrahir da noção de materia (extensão e movimento) a noção de espirito, mas o mesmo ponto de partida do materialismo, a sensação, que elle toma confiadamente na sua fórma concreta, como se fosse um dado simples e irreductivel, presuppõe e envolve um estado mais intimo e profundo do sêr, presuppõe essa realidade de ordem e comprehensão superior, que é o espirito. N'este sentido, o materialismo póde dizer-se a confirmação e até o melhor argumento do espiritualismo.

Laplace, n'uma pagina justamente celebre do seu *Ensaio Philosophico sobre as probabilidades*, exprime-se assim: «Os acontecimentos actuaes têm, com os precedentes, uma ligação fundada sobre este principio evidente: coisa alguma póde começar de sêr, sem uma causa que a produza. Este axioma applica-se ás acções ainda as mais indifferentes. A vontade a mais livre não póde dar-lhes nascimento sem um motivo determinante; porquanto, sendo todas as circumstancias de duas posições exactamente as mesmas, se a vontade actuasse n'um caso e no outro se abstivesse de actuar, a sua determinação seria um effeito sem causa. A opinião contraria é uma illusão do espirito, que, perdendo de vista as razões fugitivas da determinação da vontade nas coisas indifferentes, acaba por se persuadir de que ella se determinou por si mesma e sem motivos. Devemos pois encarar o estado presente do universo como effeito do seu estado anterior e como a causa d'aquelle que se lhe ha de seguir. Uma intelligencia, que, n'um momento dado, conhecesse todas as forças que animam a natureza, e a situação respectiva dos sêres que a compõem, se além d'isso fosse assás poderosa para submetter esses dados á analyse, abrangeria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os dos atomos os mais tenues: nada para ella seria incerto, e futuro como passado seria a seus olhos presente. O espirito humano offerece na perfeição que conseguiu dar á astronomia um leve esboço d'esta intelligencia. As suas descobertas em meca-

nica e em geometria, conjuntamente com a da gravidade, tornaram-lhe possivel comprehender nas mesmas expressões analyticas os estados passados e futuros do systema do mundo. Applicando o mesmo methodo a outros objectos dos seus conhecimentos, conseguiu reduzir a leis geraes os phenomenos observados, e prever aquelles que em dadas circumstancias se devem produzir. Todos os seus esforços na pesquiza da verdade tendem a aproximal-o sem cessar da intelligencia que acabamos de conceber, mas da qual ficará sempre infinitamente afastado. Esta tendencia racional da especie humana é o que a torna superior aos animaes; e os seus progressos n'este genero distinguem as nações e os seculos e fundam a sua verdadeira gloria.»

O illustre mathematico e astronomo, definindo admiravelmente n'esta pagina o ideal e a mais alta potencia do conhecimento mecanico, marcou ao mesmo tempo, com não menor precisão, a natureza e os limites d'esse conhecimento. A intensidade, a direcção e o encadeamento das forças que n'um dado momento actuam no universo, eis tudo quanto o mecanismo sabe, ou antes, quanto póde aspirar a saber. Ora, n'essa prodigiosa cadeia de movimentos mathematicamente concatenados, o que o mecanismo ignora e ignorará sempre são as vontades, os pensamentos, os sentimentos, n'uma palavra, a actividade interna de todos esses sêres, elementares ou não elementares, arrastados no giro da causalidade mecanica. Porque cahiu esta pedra? Porque a sua energia passou do estado potencial ao de força viva. E porque passou? porque uma energia maior actuou sobre ella, desmanchando o equilibrio anterior. Mas que relação de verdadeira causalidade ha entre um facto e o outro? Porque actúa uma força sobre outra força? Porque gera um movimento outro movimento? Que mysteriosa influencia é essa dos elementos mecanicos uns sobre os outros? E essa mesma energia, origem dos movimentos, d'onde provém ella? Ha aqui um elemento fundamental e primordial—um facto intimo do sêr—que a mecanica presuppõe, mas que inteiramente desconhece. Desconhecendo-o, tem de ignorar eternamente a relação que

existe entre a natureza profunda dos sêres e essas energias reaes, cujo desenvolvimento as suas formulas comprehendem e avaliam rigorosamente, mas cuja origem absolutamente lhe escapa. Conhece pois a mecanica os movimentos, mas não a causa do movimento. Conhece as acções dos sêres, mas não a actividade interna que as produz. Conhece o universo como série de factos abstractos, não como série de realidades verdadeiramente substanciaes.

Ora, isso que a mecanica ignora—as verdadeiras causas, o sêr intimo e a realidade substancial das coisas—é justamente o que conhece a consciencia. E conhece-o, não pelo mundo, mas por si mesma, porque só n'ella reside a noção do que não é sensivel, mas que o sensivel presuppõe, só ella tem a percepção immediata d'esse *estrato* mais fundo do sêr, inaccessivel da região superficial da pura sensibilidade. O espirito, com effeito, não é já para a consciencia uma actividade obscura e indeterminada, percebida só por fóra, só nas suas relações exteriores, como méro movimento e resistencia, mas uma actividade que se percebe no intimo do seu proprio sêr, que mergulha nas profundezas da sua natureza e se possue na totalidade dos seus movimentos: é uma força consciente e na plenitude da sua realidade, a força typo. Na consciencia temos o sentimento claro e evidente de que a nossa verdadeira individualidade é essa energia simples, autonoma e espontanea: sentimos que em esphera alguma do seu sêr, ainda nas mais inferiores, em movimento algum do seu desenvolvimento, ainda nos mais elementares, o espirito é puramente passivo. A espontaneidade é a sua essencia, e ainda as impressões exteriores que o modificam, modificam-no segundo as suas mesmas leis: uma sensação é uma modificação da sua substancia, assim como uma idéa é uma modalidade d'essa substancia, assim como uma volição é uma determinação do seu mesmo sêr. O espirito percebe o universo, não adaptando-se a elle, mas adaptando-o a si. O universo, tal como elle se nos representa, é, no fundo, uma creação do espirito: se existe para nós, é porque o concebemos: apparece-nos, não reflectido na intelligencia, mas verdadeiramente visto n'ella. To-

dos os factos do universo accumulados não produzem uma idéa. Os factos são o ponto de partida das idéas, cuja virtualidade está no espirito: em si são inertes e inexpressivos. O que lhes dá a expressão e verdadeiro sêr é a intelligencia, em cujas categorias entram, fundidos pela elaboração mental, como em outros tantos moldes, ordenando-se n'ellas e por ellas. O conhecimento é pois um facto intimo e proprio do espirito, e o universo conhecido o producto da sua espontanea actividade. E assim como o espirito é espontaneo na esphera do conhecimento, não o é menos na da vontade. Determina-se esta em vista de motivos, mas não a determinam elles. Tem em si a raiz ultima das suas determinações. Ser causa é a propria essencia da vontade. Não ha volição, ainda a mais elementar, que seja absolutamente passiva: a determinação da vontade nunca é assimilavel á determinação mecanica, porque tem um fim, e esse fim (em ultima analyse) está n'ella mesma. Por detraz da determinação limitada está uma virtualidade illimitada. O sêr que alli momentaneamente se determina, obedecendo, dir-se-hia passivamente, a um motivo, é, em si, sempre identico comsigo mesmo, e não ha motivo algum, ainda no instante em que o determina, que o possa privar d'esta communicação constante com a parte espontanea e infinita da sua natureza e impedil-o de tender, seja por que caminho fôr, para a realisação do seu fim, que é a plena affirmação d'essa natureza infinita. Assim como na esphera das idéas, assim tambem n'esta da vontade o mundo objectivo não fornece ao espirito mais do que um ponto de partida e a occasião do seu espontaneo desenvolvimento.

O espirito é pois uma força espontanea: mas é, por cima d'isso, uma força consciente. É esse predicado que vem completar a sua plenitude e fazer d'elle a força typo. Conhecendo-se, possue-se na identidade fundamental de todos os seus momentos, vê-se na sua unidade e propõe a si mesmo o seu proprio fim. Este conhecer-se tem graus: é mais ou menos intimo: mas, ainda nos infimos graus, a unidade do espirito apparece já, encerrando o mais elementar a virtualidade do mais pleno. Fazendo-se toda a evolução do espirito dentro da sua propria na-

tureza e não sendo mais do que a gradual realisação de si mesmo em si mesmo, ha opposição entre as successivas espheras do seu desenvolvimento, nunca contradicção. É assim que o espirito, sem sahir de si, se cria e fecunda continuamente, compenetrando-se cada vez mais com a sua propria essencia, extrahindo d'ella, da sua infinita virtualidade, momentos cada vez mais complexos e ricos de sêr, até attingir a mais alta consciencia de si. Reconhece-se então identico com o *eu* absoluto e independente de toda a phenomenalidade: concebe Deus como o typo da sua mesma plenitude, concebe e sente a vida moral como a esphera da realisação d'esse ideal. A realisação d'esse ideal apparece-lhe agora como o seu fim ultimo, aquelle de que os fins anteriormente propostos, limitados e transitorios, eram só imagem e preparação. Este fim ultimo, porém, sendo immanente, confunde-se com a perfeição do seu mesmo sêr: na attracção d'elle reconhece a causa de toda a sua evolução, que so para realisal-o tendia. Pela realisação d'elle é livre — livre na medida exacta em que o realisa — porque, quanto mais o realisa, mais realisa a potencia e a perfeição do seu proprio sêr. Reunindo d'este modo na sua unidade, agora consciente, a causa e o fim, a sua autonomia é completa.

Assim pois, segundo o nosso espiritualismo, o espirito define-se como uma força autonoma, que se conhece na sua intima natureza, que é causa dos seus proprios factos e só ás suas proprias leis obedece, que a essas leis submette os factos objectivos e só assim lhes dá significação e realidade, que a si mesma determina o seu proprio fim, que existe em si e em si encontra a sua plenitude. Sendo a força autonoma, consciente e plena, é a força por excellencia, a força typo. O espiritualismo resolve-se pois n'um dynamismo psychico, assim como o materialismo da philosophia scientifica da natureza se resolvera n'um dynamismo mecanico.

Na simples aproximação d'estes dois termos: dynamismo mecanico e dynamismo psychico, estão indicadas ao mesmo tempo a posição actual do problema philosophico e a sua resolução. Se a synthese do pensamento moderno é possivel, não

póde ella realisar-se senão n'este terreno do dynamismo, que é justamente o da idéa moderna fundamental, a idéa de *força*. Partindo de pólos oppostos e seguindo cada qual as suas naturaes tendencias, sciencia e especulação vêm encontrar-se n'um mesmo ponto. Para uma como para a outra, o verdadeiro sêr, a causa e substancia d'este complicado mundo de apparencias é essencialmente *força:* um systema de forças é em que, para ambas, se resolve toda a realidade. Sómente, emquanto para a sciencia essas forças são abstractas, cegas e passivas, são ellas para a especulação concretas, racionaes e espontaneas. Por conseguinte: forças imperfeitas n'um caso, perfeitas no outro. Ora, como é a força perfeita, que é o typo da força imperfeita, é esta naturalmente que tem de ser explicada por aquella: é a fórma superior do sêr, que fará comprehender a inferior, e não o inverso. O dynamismo psychico será pois a chave do dynamismo mecanico. O espiritualismo dará ao materialismo o que lhe falta, completando-se, por esta insufflação do espirito na materia, a comprehensão ao mesmo tempo positiva e especulativa do universo.

Esta explicação da essencia occulta do mundo phenomenal pela essencia do espirito, potente na consciencia, é perfeitamente legitima. Não é uma generalisação arbitraria, ou apenas mais ou menos plausivel, mas a fórma rigorosa e completa do processo necessario de inducção, que resalta da mesma constituição do nosso entendimento. Pensar sobre o mundo é já suppôr n'elle alguma coisa de fundamentalmente analogo aos principios da razão, é suppôl-o racional. Ora, esta supposição implica a da identidade fundamental do objecto e do sujeito. Supposição tambem: é verdade; mas supposição necessaria, absolutamente irresistivel, sem a qual não havia pensamento possivel sobre a realidade, nem propriamente haveria realidade, e que por isso se não deve considerar como um problema (o famoso problema da certeza), mas como um facto ultimo, irreductivel e como tal, expressão da mesma natureza das coisas. O «problema da certeza» não é propriamente problema, porque consiste em procurar a demonstração categorica d'um facto

primordial, que é indemonstravel no terreno da dialectica, mas que na espontaneidade da consciencia tem o caracter da evidencia. O puro subjectivismo de Kant, já atraz o disse, ou é nada, sendo méramente negativo, ou então envolve, como Fichte, Schelling e Hegel o entenderam, a affirmação e o que se poderia chamar a demonstração immediata e intuitiva da «identidade do sêr e do saber». Essa demonstração está contida no mesmo acto do pensamento, e é quanto basta. Mas, se pensar é affirmar a *racionalidade* do universo, e se, por outro lado, a razão está contida na unidade do espirito e é d'ella indissoluvel como o acto é indissoluvel da sua substancia, a *racionalidade* do universo presuppõe necessariamente uma semelhante unidade. A razão do universo presuppõe por conseguinte uma substancia de que seja acto, e essa substancia não póde ser concebida senão como fundamentalmente analoga ao espirito. Vê-se pois que, se é legitimo o emprego dos principios da razão como medida do mundo objectivo, tem de sel-o igualmente a generalisação das noções do nosso sêr intimo, isto é, dos elementos fundamentaes do espirito tomado na sua unidade, como processo de interpretação da substancia occulta d'esse mesmo mundo. Aquelle mysterioso *noumenon*, que Kant procurou em vão pelo caminho da critica e declarou inattingivel, existe em nós mesmos, contém-se no espirito, ou antes, é o proprio espirito. Será pois com a segurança da mais bem fundada inducção e na região mais alta em que o processo inductivo póde ser empregado, que a synthese do pensamento moderno partirá do conhecimento do espirito para o conhecimento do verdadeiro sêr d'essa apparencia phenomenal, que a concepção scientifica apenas deixa vêr pelo seu lado exterior e mecanico.

Voltamos então, por este caminho, ao idealismo transcendental e ao methodo de *construcção* da philosophia allemã do principio do seculo? Não voltamos. A critica d'esse methodo está feita, e tão bem feita, que não é crivel que o *a-priorismo* possa ainda seduzir mais uma vez o pensamento moderno. Atraz deixei já expostos os principaes argumentos d'essa critica. Em

todo o caso, o processo indicado nas tendencias do espiritualismo renovado e do neo-kantismo, que acima tentei esboçar, bem longe de ser uma volta ao *a-priorismo* transcendental, procede justamente da reacção do criticismo que o condemnou. Em primeiro logar, esse processo, como ha pouco disse, é essencialmente inductivo; e, dada a natureza *sui generis* do problema da certeza, isto é, dada a constituição do entendimento humano, essa inducção é não só legitima, mas necessaria. Em segundo logar, essa inducção, não sendo mais do que uma indicação geral, não póde substituir uma construcção puramente especulativa aos factos da experiencia: tem, pelo contrario, de se deixar guiar por esses factos, recebendo-os na ordem e relações em que a experiencia, na sua fórma systematica e definitiva, isto é, a sciencia, os apresenta. Resulta de tudo isto que este processo constitue propriamente uma *interpretação* da realidade no ponto de vista do espirito, e nada mais. O universo não é creado pela especulação: é anterior a ella e é a experiencia que lh'o fornece, mas fornece-lh'o como um symbolo obscuro que ella, a especulação, tem de interpretar á luz das noções da consciencia. Assim como só a consciencia explica a sensação, ponto de partida da sciencia, assim tambem só o espiritualismo, que parte da consciencia, póde explicar a concepção mecanica do universo, ultimo resultado da elaboração scientifica. A metaphysica e a sciencia não são pois rivaes, mas collaboradoras na obra do conhecimento, e a concepção metaphysica e a scientifica não devem ser representadas como duas espheras oppostas, mas como dois circulos concentricos. Finalmente, e como consequencia do que fica dito, só este processo tem o caracter do verdadeiro *realismo:* elle constitue o saber total, ao mesmo tempo positivo e metaphysico, experimental e especulativo, tomando o sêr na sua unidade, da qual o espirito só arbitraria e violentamente póde ser amputado, e na ordem de desenvolvimento dos seus momentos, dos quaes o espirito é o superior e typico.

Temos pois já conhecido o terreno da synthese do pensamento moderno, o dynamismo, e o processo adequado á realisação d'ella, a interpretação do mecanismo pelo psychismo. Ora,

o ponto nodal d'essa synthese (já por certo o leitor o percebeu) é aquella formidavel antithese determinismo-liberdade, que atraz indiquei ao esboçar a situação actual do problema philosophico. Mas esta antithese, considerando-se bem, está longe de ser tão formidavel como parece á primeira vista, e o que já ficou dito da verdadeira natureza do espirito faz presentir o sentido da solução. O que vimos nós, com effeito? Vimos, em primeiro logar, que a noção de *espirito* envolve as de *força* e de *causa*, e vimos, em seguida, que esta *força-causa* é aquelle typo da força, do qual, no ponto de vista synthetico a que somos chegados, temos de induzir a natureza intima de todas as forças, ainda as mais elementares e, na apparencia, mais completamente passivas. Por outras palavras: se todas as forças do universo são, no fundo, analogas ao espirito (á força-espirito) e participantes, em grau mais ou menos pleno, da sua essencia, todas ellas, sem excepção, têm de ser concebidas como essencialmente *forças-causas*. Ora, dizer *força-causa* é dizer força cujas determinações partem radicalmente da sua mesma natureza e têm, para dentro da esphera dos motivos externos, apparentes e mecanicos, por verdadeiros motivos estados intimos. É dizer, por conseguinte, força espontanea. É pois no terreno da idéa de espontaneidade que se resolve a antithese determinismo-liberdade. Não ha sêr totalmente passivo e em cujos actos se não envolve algum elemento, por infimo que seja, da sua natureza absoluta: não ha sêr completamente determinado por outro e reduzido a uma núa fórma sem essencia. Palpita em tudo uma vontade propria, a vontade de realisar o proprio fim. Ha pois alguma coisa de espontaneo e um accôrdo do sêr com a sua verdade profunda e com a sua infinita virtualidade ainda nos phenomenos mais elementares da materia, onde o determinismo mecanico parece triumphar. Ainda ahi se mantem aquella communicação do acto com a virtualidade e, no grau infimo do sêr, se entrevê a idéa e o fim soberano. A pedra que cae para o centro da terra, a molecula que se une a outra molecula, a gota de agua que se vaporisa, o vapor que se condensa, não obedecem passivamente ás condições que determinam

essas fórmas de actividade, porque não são as condições que criam essa actividade em si mesma, nem ainda modalidade alguma d'ella, mas é a natureza autonoma dos seres que, em dadas condições, produz aquella fórma de actividade que a ellas corresponde, e está d'accôrdo com as condições justamente porque está d'accôrdo comsigo mesma. Por outras palavras: o phenomeno antecedente não *cria* o consequente, é só *condição* para que elle se produza. A *causa* do phenomeno está na mesma natureza do sêr onde elle se dá, ou antes, do qual elle é essencial modalidade. A necessidade da determinação é pois interna e a lei, na sua constancia, exprime apenas a constancia d'aquelle accôrdo do sêr comsigo mesmo, que, em identicas relações, se manifesta por identicas modalidades. No fundo, o sêr, ainda apertado no circulo mais estreito da condicionalidade exterior, é sempre causa: a sua idéa latente, a virtualidade da affirmação plena de si mesmo, que é o seu fim ultimo, vem já envolvida, como um presentimento, como um sonho obscuro, mas tenacissimo, nas suas determinações mais elementares. E bem pouco ainda: as condições d'esse seu infinito desenvolvimento não dispõe d'ellas o sêr n'essas espheras infimas da realidade, não as cria, tirando-as de si mesmo, são-lhe dadas de fóra e impostas: a sua espontaneidade tem de se affirmar dentro d'esses estreitissimos limites. Esse pouco, porém, é quanto basta para alluir a esmagadora fatalidade do determinismo mecanico e para introduzir no seu mundo tenebroso e passivo um raio de luz e um raio de vida. Não é ainda a liberdade, no alto sentido espiritual d'esta palavra: mas é o prenuncio d'ella e o seu germen. Na espontaneidade inconsciente da materia está a raiz do que na consciencia e na razão se chama verdadeiramente liberdade.

A liberdade, no rigoroso sentido da palavra, é pois a espontaneidade quando plena, isto é, quando o sêr, não já espontaneo apenas na sua actividade exteriormente condicionada (o que sempre é, como acabamos de vêr) o é ainda n'essa mesma condicionalidade, creando conscientemente os motivos das suas determinações e creando-os em vista do proprio fim. N'este ponto

culminante, o motivo da determinação identifica-se com a essencia e o fim do sêr que se determina: este, conformando-se com o motivo, conforma-se exclusivamente comsigo mesmo. A sua determinação é agora um facto absolutamente seu, é elle mesmo, na plenitude da sua essencia reflectindo-se na realidade, é essa essencia, substituindo-se a todas as leis exteriores, feita lei unica da sua actividade. Agora, quanto mais se determina, mais livre é, porque as suas determinações, motivadas só pelo seu proprio fim, não envolvendo elemento algum estranho á sua substancia e tirando d'ella a sua materia e a sua fórma, são actos perfeitamente adequados á sua potencia e outras tantas realisações da sua mesma unidade. Agora, o determinar-se já não é limitar-se: é expandir-se, é desdobrar-se indefinidamente n'uma intima actividade, que, creando um mundo seu, se cria ao mesmo tempo com esse mundo. Mais um passo ainda e, n'esse estado sublime, o universo phenomenal desapparece como uma phantasmagoria: a realidade unica verdadeira é agora o acto simples d'um sêr todo elle idéa pura e causa e fim da propria idéa, creador em todos os seus momentos e em cada um d'elles pleno e uno, como se a sua infinita virtualidade estivesse presente toda inteira em cada uma das suas determinações.

Este sêr, que está todo em cada um dos seus actos, cuja essencia se substitue ao universo e cuja actividade não reconhece outros limites senão as leis da sua propria natureza, realisa por certo o ideal de ser livre. É por isso tambem que é um sêr só ideal. Deus, se Deus fosse possivel, seria esse sêr absolutamente livre. Mas, por isso que não é *real*, é que é *verdadeiro*. Elle é o typo da plenitude do sêr, typo de que a nossa liberdade moral, aquella que com tamanhos esforços conseguinos realisar, é só vaga imagem, longinqua semelhança. Esse ideal da nossa essencia, esse *eu* do nosso *eu*, ultimo e mais profundo, é o centro de attracção de toda a vida espiritual: é na união com elle que nos sentimos livres, livres na medida exacta d'essa união. Segredo mais intimo do sêr, mas tão sepulto na inconsciencia das coisas, não o descobre o mundo: re-

vela-o a consciencia e é a razão o seu interprete soberano. Só pela razão *somos* verdadeiramente. Por ella se nos torna patente o mysterio da nossa intima actividade e nos conhecemos como força simples, espontanea e creadora das proprias determinações. Na plenitude d'essa espontaneidade reconhecemos o nosso verdadeiro fim: elle se substitue, como motivo interno, ultimo e absoluto motivo, aos motivos exteriores. A vontade, condicionada agora só pela sua propria essencia, é livre. A lei da causalidade reduziu-se á lei da razão, d'essa razão, que, exprimindo a verdade total do nosso sêr, é ella mesma o mundo da liberdade. Liberdade, é certo, só virtualmente perfeita. Mas o acto limitado tem a sua raiz n'essa virtualidade infinita; e quanto mais pela razão a vontade communica com essa região profunda e se identifica com o seu fim absoluto, tanto mais rico de elementos proprios é a sua determinação e tanto mais livre é. Fixando em si esses elementos do seu proprio ideal, esses principios geradores do seu espontaneo desenvolvimento, este pobre *eu* que somos, ou parecemos ser, tão estreitamente condicionado pelo organismo, pelos instinctos, pelas relações exteriores que o comprimem n'um circulo fatal, este pobre *eu*, que assim começa captivo e quasi esmagado, transpõe gradualmente esses limites, transborda, por assim dizer, sobre o mundo que o continha, substitue motivos proprios aos motivos alheios, faz-se fim onde era meio e, de particular e limitado, transforma-se finalmente no que se diria um outro *eu*, impessoal, absoluto, todo razão e vontade pura. Identificado com o proprio ideal, só agora é *elle mesmo*. Não concebemos que outra coisa seja ser livre.

A liberdade tem pois graus. Se é só na consciencia que a conhecemos, o inconsciente não é todavia absolutamente destituido de razão. Deve pois encontrar-se já n'elle algum elemento de liberdade, por infimo, por diminuto que seja. Entre os dois extremos a distancia é enorme, mas não tal que a intelligencia não possa transpôl-a. Já vimos que a transpõe e por que caminho: não repetiremos o que ficou dito. Chamemos-lhe só espontaneidade, pois assim convem, a esse impulso obscuro que determina os movimentos moleculares, as simples attracções mate-

raes: mas não esqueçamos que esse impulso parte do centro do sêr e que a espontaneidade é a propria raiz da liberdade. Assim pois, a distancia que vai da vaga espontaneidade da molecula, que vibra na attracção ou repulsão d'outra molecula, á liberdade do homem que se determina pela razão, não é incommensuravel: ella é a medida exacta da distancia que vai do momento inferior do sêr ao superior, da força elementar e abstracta á força complexa e completa. A todas ellas, elementares ou complexas, conscientes ou inconscientes, uma mesma vontade as anima: transpor o limite fatal, ascender mais um grau na grande escala da realisação da sua infinita virtualidade. Eterno, immoto, absorvente, um mesmo typo de perfeição e plenitude, só diversamente entrevisto — sonho, presentimento, idéa pura — é o centro commum de attracção de todas as vontades dispersas, de todos os movimentos do universo. A cadeia universal das existencias, na sua prodigiosa espiral de espiraes, apparece-nos como a ascensão dos sêres á liberdade, na qual descobrimos a causa-final de tudo.

Assim se dissipa, á luz do espirito, a grande illusão do mecanismo. Formula da percepção elementar, dando só o aspecto abstracto das coisas, reduz-se propriamente ao systema das condições exteriores da actividade dos sêres e á ordem das suas relações formaes. Para além d'esta abstracção do mecanismo, está a vida propria dos sêres, a sua substancia activa, o mundo das causas effectivas, a razão concreta d'aquella ordem formal e o fim immanente na espontaneidade das forças. Onde o mecanismo vê *transformação de forças*, vê a razão *correlação d'estados*, que derivam de energias intimas e as exprimem como modalidades suas, momentos logicos do seu desenvolvimento. Tanto basta para que o quadro da realidade desenhado pela philosophia scientifica da natureza, visto a uma luz nova, nos appareça como que transfigurado. Os traços são os mesmos, a expressão é inteiramente outra. Interpretado pelo espirito, espiritualisou-se. A evolução universal só agora é intelligivel: parte d'uma verdadeira causa — a virtualidade infinita do sêr; dirige-se a um fim — a realisação d'essa virtualidade, a

plenitude e perfeição do sêr. A sua lei não é fatal, cega, inexpressiva: analoga á razão, é uma lei racional. Porque é uma razão immanente que preside a esse universal movimento, que se exprime n'elle, que n'elle palpita. Uma idéa instinctiva lateja surdamente, como uma pulsação de vida, n'esse universo que a sciencia mede e pesa, mas não explica: é a aspiração profunda de liberdade, que abala as moles estellares como agita cada uma das suas moleculas, que anima o protoplasma indeciso como dirige a vontade dos séres conscientes. E esse fim soberano, realisado em espheras cada vez mais largas, que torna effectiva a evolução das coisas. Por elle, essa evolução, não já puramente formal e apparente, mas real, substancial, é um verdadeiro *progresso:* cada nova esphera de desenvolvimento traduz um *augmento de sêr*, algum novo elemento, até então só virtual, addicionado agora á realidade, feito fórma, acção e lei no universo. Por um gradual desdobramento da sua infinita virtualidade, o sêr-causa, immanente nas fórmas limitadas, junta ao typo inferior preexistente esse *quid* novo e diverso, com que produz o typo superior. Este não o é só formalmente, ou só na ordem de successão: é-o substancialmente e em toda a verdade, porque é mais rico de idéa, mais completo de relações e mais livre, porque realisa mais plenamente o fim commum, porque, n'uma palavra, *contém mais sêr.* É só assim que o concreto póde sahir do abstracto, o complexo do simples; não porque o concreto e o complexo sejam, como os representa a abstracção materialista, uma mera accumulação de simples e abstracto e já n'elles se contivessem, mas pela virtude d'aquelle principio de diversidade e superioridade, desentranhado das profundezas do sêr, que se lhe veio juntar a fecundal-os. É pois o typo superior que explica o inferior: é para aquelle que este gravita, é a sua irresistivel attracção que o faz mover-se, procurando realisar a idéa mais alta que elle representa. A evolução não é apenas uma complicação crescente de forças elementares: é um alargamento de idéa, isto é, de existencia verdadeira. E se o ideal supremo, que a tudo attrae, para que tudo gravita, é razão, vontade pura, plena liberdade, a evolução só

será perfeitamente comprehendida definindo-se como a espiritualisação gradual e systematica do universo.

Eil-a pois desfeita, aquella cadeia de elementos cegos, sem vida propria, que a abstracção materialista fazia girar sem termo no mesmo circulo fatal. Comprehendida a necessidade como lei e a lei como a expressão do desenvolvimento intimo e espontaneo dos sêres, reconhece-se que a fatalidade é só a mascara da razão: sob aquella mascara terrivel, ella conduz o universo, por mil caminhos sombrios, para a luz e a liberdade. E já tambem, em face d'esse universo onde lateja a razão, onde circula a seiva da idéa, não experimenta o coração do homem aquella impressão de vacuidade e morte, aquella tristeza funebre, que o mundo fatal e eternamente mudo do materialismo lhe infundia. O espirito humano sente agora palpitar nas coisas o que quer que é analogo á sua propria essencia. Isolado como no vertice de pyramide prodigiosa, sente-se todavia em communicação com a mole immensa que o supporta. Já não é o enigma incomprehensivel, desesperador, que a si mesmo parecia, quando olhando em volta via em tudo a negação do seu pensamento, do seu ideal, da sua essencia: pelo contrario, elle proprio é que é agora a chave do enigma universal; só elle conhece a causa e o fim de tudo, e esse segredo sublime é a sua verdade mais intima, é o seu mesmo sêr.

O universo aspira com effeito á liberdade, mas só no espirito humano a realisa. E por isso que a historia é especialmente o theatro da liberdade. Os que vêem na historia um simples prolongamento da natureza, um phenomeno natural, só mais complexo, desconhecem inteiramente o verdadeiro caracter da evolução. O direito, devemos suppôl-o, é já a aspiração inconsciente do animal: mas só ás sociedades humanas preside effectivamente o direito. Esta linha de demarcação está dizendo que com a humanidade se entrou n'um mundo novo. A razão, dando um passo decisivo, deixou cahir de vez a mascara da fatalidade. Dormente e profundamente soterrada no mundo inorganico, meio acordada já, mas só instinctiva no mundo organico, é nos sêres conscientes, é na sociedade humana que a

razão encontra o seu orgão. O progresso da humanidade é pois essencialmente um facto de ordem moral: a obra tão maravilhosamente começada pelo inconsciente só pela consciencia podia ser levada a cabo. Tendo o seu ponto de partida na pura animalidade, na esphera da paixão e do instincto, a humanidade substitue gradualmente, á medida que se revela a si mesma na sua natureza e no seu fim, áquelles impulsos originarios energias espirituaes, elementos cada vez mais ricos e puros, desentranhados d'essa esphera racional em que vai penetrando, e o direito, interprete da razão na sociedade, é a lei d'esse mundo novo que surge. O progresso presuppõe o acto constante d'aquellas energias: sem o esforço sempre renovado do pensamento para a razão, da vontade para a justiça, de todo o sêr social para o ideal e a liberdade, o caminho andado escorrega debaixo dos pés e a animalidade toma outra vez posse do terreno onde o espirito, adormecendo, não soube manter-se. Enganam-se pois singularmente os que sonham no progresso como que mecanico, caminhando por si e beatificando os homens independentemente da energia moral d'elles: por outras palavras, um progresso realisado fóra do espirito e sem a sua intervenção. Enganam-se, porque a essencia do progresso está justamente n'essa intervenção, cada vez mais larga e intensa, do espirito na humanidade. A natureza é o theatro da historia, não o seu agente. As leis da historia têm a sua ultima raiz nas leis da consciencia. A creação da ordem racional e o alargamento indefinido do dominio da justiça, tal é a definição do progresso. Facto da liberdade, elle consiste intimamente n'um desdobramento incessante da energia moral, numa reacção continua da vontade sob o estimulo do ideal, e é por isso que a virtude é a verdadeira medida do progresso das sociedades.

Mas a ordem creada pelo direito, ampla e harmonica como é e com toda a somma de moralidade e liberdade que já em si contém, é ainda assim só formal. Não é esse ainda o fim ultimo, mas apenas condição para a realisação d'elle. Na consciencia individual é que este se realisa, n'ella só tem o seu desfecho o drama divino do universo. N'ella e por ella se conhece a

força universal na sua pura essencia, n'ella e por ella consegue a perfeita identificação comsigo mesmo: despojando-se das fórmas que successivamente revestira na sua longa ascenção, fórmas limitadas, relativas e nunca isentas, ainda nos degraus superiores da evolução, ainda na propria ordem social e juridica, do cunho de fatalidade, *é agora verdadeiramente*, porque só agora é puramente espirito. No mundo da consciencia dissolvem-se todas as leis naturaes e sociaes na unica lei moral. A lei moral, creada pelo espirito para si mesmo, ou melhor, expressão da unidade final realisada pelo espirito em si mesmo, da inteira compenetração da vontade com o seu ideal, é lei perfeita de liberdade, porque o proprio dever, á medida que a sua idéa se aprofunda, perde gradualmente o rigido caracter de obrigação, que lhe dava não sei que longes de fatalidade, e transforma-se em attracção pura, puro amor. A autonomia da vontade, só virtual até este momento, é agora real e completa: determinação, motivo e condicionalidade confundem-se com o seu proprio sêr. Só agora é plenamente causa, porque só agora é plenamente fim de si mesmo. Esta perfeita identificação do *eu* com a sua essencia absoluta, por onde a sua primitiva espontaneidade se define finalmente como liberdade, é que é a essencia do bem. O bem é o momento final e mais intimo da evolução do sêr, em que o espirito se liberta na consciencia de todas as limitações, creando em si, de si e para si um mundo completo, transcendente e definitivo. O individuo natural subsiste ainda, mas subsiste apenas como o ponto em que se dá este processo espiritual. O *eu* limitado, refluindo, se assim se póde dizer, para o seu centro verdadeiro, dissolve-se n'alguma coisa de absoluto, já não individualisado mas ainda ligado ao individuo: transição do sêr para o não-sêr, que equivale, quanto cabe na realidade, á plenitude e perfeição do sêr. É o que, na linguagem (que para nós não póde ser senão symbolica) do mysticismo, se chama a união da alma com Deus: nós diremos simplesmente que é a união do *eu* com o seu typo de perfeição, ou, talvez com maior simplicidade ainda, a realisação na consciencia do seu momento ultimo e mais verdadeiro.

É por isso que só as obras do bem são verdadeiras na sua totalidade: em tudo mais ha sempre uma parte maior ou menor de limitação, de necessidade, de erro, e, para tudo dizer n'uma palavra, de não-existencia. Só quem, dissolvendo a propria vontade na vontade absoluta e identificando-se com ella, renuncía ao *eu* limitado e a tudo quanto é d'elle — o seu egoismo, as suas paixões, o seu erro profundo e a sua innarravel miseria — só esse alcançou a vida eterna. Confundido com o que sempre permanece, com o que é em si e por si, entrou no illimitado, no inalteravel, e subsiste como elle eternamente. Esta renúncia, verdadeira immortalidade, é por isso mesmo a fonte de toda a virtude. O justo, na sua união com o sêr perfeito, só vê no individuo limitado, que é segundo a natureza, um resto d'escravidão, de particularismo, de erro, que o impede, até onde subsiste, de realisar plenamente aquella união: é renunciando a elle que torna essa união effectiva, tanto mais effectiva quanto mais constante, mais completa fôr a renúncia. A renúncia a todo o egoismo é para elle o caminho direito que o leva á liberdade, á perfeição, á beatitude. Como não ha de então o justo dar-se aos outros, dar-se a todos os sêres, se com cada acto de dedicação conquista e firma a propria beatitude? Libertando-os, liberta-se: aperfeiçoando-os, aperfeiçôa-se: beatificando-os, beatifica-se. Para conseguir o proprio bem, tem de se fazer como que o instrumento do bem universal. E nem verdadeiramente para conseguir o proprio bem: porque, despojado de personalidade e egoismo, morto para o *eu* individual, o bem attrae-o em si ou fóra de si, indifferentemente, e tende a realisal-o seja onde fôr, seja sob que fórma fôr, simplesmente porque é o bem. A sua existencia agora já não é a de uma individualidade particular, circumscripta no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, pela raça, pela nação, pelo periodo historico, pela educação, por mil circumstancias fortuitas: não: é como que a existencia d'um principio universal, impessoal, absoluto, actuando indifferentemente n'um ponto do espaço, e a sua obra, a virtude, não é tambem uma obra particular e transitoria, mas universal e absoluta. A virtude, liberdade suprema,

e por isso a realidade por excellencia, a unica realidade plena. Tudo mais são vagas, incertas aproximações do ideal, pallidas imagens, grosseiros symbolos do sêr verdadeiro. A consciencia do justo é o unico templo do unico Deus; e, n'esse templo, a renúncia ao egoismo é o unico culto. Cessasse um só instante esse culto, esse holocausto do egoismo nas aras do ideal, e immediatamente toda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-hia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ella enche de intrepidez o coração dos heroes, de constancia a vontade dos justos, de uncção a alma dos santos. Ella dá aos simples a candura e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alardes: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ella é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça, que consegue penetrar n'este mundo de lucta, cegueira e egoismo, vem toda d'alli, porque só alli tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda a sciencia e toda a especulação, só ella torna patente o intimo segredo das coisas e é, em si mesma, a unica verdade evidente, o unico saber sem duvidas nem obscuridades. Ella vence a morte, porque faz comprehender a significação do exito final e apreciar quanto elle vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoismo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim ultimo do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do sêr termina na libertação final pelo bem.

Tal se me afigura, nas suas grandes linhas e no seu processo logico, essa synthese do pensamento moderno, que a critica, apoiada na historia, parece desde já auctorisada a induzir das tendencias da philosophia e da sciencia na segunda metade do nosso seculo, tendencias expressas na posição actual dos problemas e na direcção convergente das principaes escolas. Partindo, vai em mais de quatro seculos, na alvorada d'uma idade nova do espirito humano, d'uma noção fundamental, a idéa de

força, noção que era já o resultado da elaboração dez vezes secular dos principios legados pelo pensamento antigo e para a genese da qual concorreram, ao lado da evolução dialectica d'esses principios, a accumulação crescente dos conhecimentos positivos e a maior complexidade da nova civilisação, o pensamento moderno, aprofundando essa idéa, desenvolvendo-a, enriquecendo-a com elementos novos e estendendo a sua área de influencia á ordem de factos cada vez mais largos, começou por tirar d'ella uma mecanica e uma physica, ou seja uma theoria da natureza; fel-a depois penetrar mais e mais na metaphysica, na psychologia, na biologia, na historia; e tudo faz suppôr que se encaminha rapidamente para construir sobre essa unica base uma philosophia completa, uma concepção systematica do mundo, da razão e da humanidade. Tanto continha em si esta idéa capital, tão largos e ricos desenvolvimentos comportava! É certo que essa synthese das idéas modernas se acha por ora apenas indicada nas tendencias do fundamento contemporaneo e que, se o seu espirito, no que tem de essencial, penetra mais ou menos todas as escolas e quasi se confunde já, em certas espheras, com o espirito da nossa civilisação, em parte alguma foi ella ainda exposta em corpo systematico de doutrina, nem se definiu e completou a ponto de se impôr como a formula intellectual definitiva do nosso periodo historico. Até que grau de precisão conduzirá o pensamento moderno a definição das suas proprias idéas? É que só o tempo poderá mostrar. Mas, desde já, podemos calcular as proporções do edificio em construcção e caracterisar o typo architectonico a que pertence.

Antes de tudo, essa synthese terá essencialmente o caracter inductivo. Não será uma nova construcção *a priori*, depois de tantos outros, mais um systema — o ultimo e definitivo systema — mas a coordenação superior e, como já atraz se mostrou, a interpretação dos factos positivos no ponto de vista dos ultimos principios fornecidos ao mesmo tempo pela analyse da razão e pela analyse da consciencia. Será, se assim se póde dizer, um espiritualismo idealista, enxertado, para florir e fructificar, no tronco robusto do materialismo. Superior á sciencia como idéa

e como criterio, estará todavia na dependencia da sciencia, que so lhe fornece a materia prima que tem de ser elaborada especulativamente. N'este sentido, parecerá mais, exteriormente, a realisação do programma dos positivistas do que a do programma hegeliano, embora no fundo tenha muito mais do espirito fecundo do idealismo allemão do que do espirito logico-formal do positivismo. Quero dizer que, sendo realista, será ao mesmo tempo transcendental: realista nas suas bases inductivas, transcendental nas idéas metaphysicas que a inspiram e dominam. Reunirá assim, na sua unidade, as duas tendencias divergentes da intelligencia moderna, resolvendo n'essa unidade superior, por uma mutua penetração, a antithese da razão e da experiencia. Sendo synthese, será conciliação; e todas as grandes correntes do pensamento philosophico do nosso seculo se acharão igualmente representadas n'ella, cada uma por aquillo que tem de legitimo: o positivismo, pela condemnação logica dos dados scientificos n'uma ordem de evolução formal; o idealismo dos allemães, pela affirmação fundamental da «identidade do sêr e do saber» e pela concepção d'uma evolução dialectica da realidade; o espiritualismo, pelos elementos psychicos fornecidos á especulação, pela idéa capital de *força*, que só na consciencia tem a sua origem, e pela reducção da finalidade, em ultima analyse, á lei moral, que é a solução da antithese determinismo-liberdade; o criticismo, finalmente, pela verificação severa dos principios, pela duvida systematica, estimulo continuo da razão, que representa aquella parte salutar do scepticismo, sem a qual a intelligencia, enlevada na propria contemplação, esquece o que ha de contingente e relativo em toda a verdade e se esterilisa, immobilisando-se n'aquella especie de fanatismo intellectual, que é o dogmatismo.

Dir-me-hão agora alguns, e não dos somenos, que essa pretendida synthese não passa, afinal, d'uma certa unidade de vistas geraes e uma conformidade de tendencias, que póde, sem duvida, accentuar-se ainda mais e ampliar progressivamente o terreno neutro ou commum onde se encontram irmãs as doutrinas rivaes, mas não chegará nunca a constituir uma verdadeira

unificação systematica, o *symbolo* uniforme e completo do pensamento moderno. Dentro d'essa unidade mal determinada, objectam elles, ficará sempre logar para graves divergencias de opinião, permanecerão em aberto questões importantes e, fóra d'ella, subsistirão sempre pontos de vista inconciliaveis, verdadeiras heresias em face do novo dogma philosophico: ora, concluem, não é isso o que se tinha direito a esperar das seductoras promessas d'uma synthese final!

Respondo que assim é, mas que está isso na natureza das coisas e, sobretudo, que é excellente que assim seja. Uma synthese philosophica não é um *symbolo* theologico. Uma igreja póde muito bem, nos seus concilios, definir com rigor extremo a sua doutrina e fixal-a canonicamente até aos ultimos pormenores, justamente porque é uma igreja: dispõe, pela natureza da sua instituição, da auctoridade que decreta e conta com a fé, que aceita e não raciocina. Mas a philosophia não é a theologia, da mesma fórma que a sociedade moderna não é uma igreja. A sociedade moderna é uma larga communhão de intelligencias e de sentimentos, fecunda na medida da sua mesma variedade e liberdade, rica de impulsos diversos, que são outras tantas manifestações da actividade sempre creadora da natureza humana. A sua unidade não é essa abstracta, exterior e material, contida em formulas sem vida, violenta á natureza, e que por isso só firmada em decretos e imposições auctoritarias se póde manter. E concreta, intima e espontanea: é a unidade organica d'um sêr vivo e é ainda aquella harmonia superior que resulta do accordo das vontades e dos pensamentos, tendendo para um fim commum, mas cujos aspectos são variados, e que póde por isso mesmo realisar-se igualmente bem sob fórmas diversas. A extrema fixidez e uniformidade na ordem espiritual repugna á sociedade moderna, e é essa uma das suas excellencias. Unidade na variedade, tal é a sua divisa: e só essa unidade é fecunda, porque só ella permitte a expansão da natureza humana em toda a riqueza das suas faculdades. A verdade é para a nossa intelligencia forçosamente cambiante: a reunião d'esses cambiantes constituirá ainda assim uma ima-

gem mais fiel d'ella do que uma côr unica e uma feição uniforme e rigida. Depois, o que torna creadora a influencia d'um principio é a sua comprehensão e plasticidade, não o seu rigor de definição. Uma idéa vastamente comprehensiva e profunda, como e a idéa moderna fundamental, é por isso mesmo diversissima de aspectos e póde consistir em fórmas que se oppõem, em que por isso se contradigam. E uma prova da superioridade do espirito moderno o poder conter em si, sendo uno, uma tal variedade de contrastes. O que seria da civilisação moderna, se todas as intelligencias entrassem no mesmo molde e como que se crystallisassem n'uma fórma definitiva? Desceria ella para logo ao nivel das civilisações inferiores e simplistas. Não desejemos pois uma synthese que seja um *symbolo* canonico, mas contentemo-nos com aquella harmonia geral dos espiritos, que resulta d'um *tom* fundamental, por onde tudo se afina, mas variada e livremente. É necessario vêr estas coisas, porque são as coisas humanas por excellencia, á grande luz da vida collectiva, no meio complexo e movediço da sociedade, e não no recinto estreito e artificial da escola. Que um constructor de systemas aspire ao rigor geometrico e á absoluta deducção logica, entende-se perfeitamente: é esse o seu officio, ou, fallando mais dignamente, a sua missão. Mas a humanidade não é esse «abstractor de quintas essencias», encarcerado voluntariamente nas masmorras da pura logica. A sua vida é mais ampla, mais agil e mais accidentada: precisa por isso de maior liberdade, e as suas idéas directoras devem ter elasticidade bastante para poderem acompanhal-a nas curvas e meandros dos seus complicados movimentos.

Bem sei que pondo assim a questão sáio do terreno da philosophia propriamente dita para o da sociologia e da historia. Mas, em summa, a philosophia não é uma nova curiosidade de espiritos especulativos: no conjunto das coisas humanas tem o seu logar marcado, desempenha a sua funcção e não vale senão pelas suas applicações. O que d'ella aceitam e fazem seu os que não são philosophos de profissão constitue afinal, historicamente fallando, o que ella é realmente. A synthese do pen-

samento moderno, preparada pelos philosophos, tem de ser a obra collectiva da humanidade culta. Só assim terá o caracter d'um phenomeno historico e d'um grande facto humano. Não será (custa-me pouco reconhecel-o) um grande e perfeito systema, uma impeccavel crystallisação dialectica; mas será mais e melhor do que isso, um alto ideal commum, um principio universal de inspiração, fallando a todas as potencias da alma humana, e a cada uma na sua lingua, accessivel e facil ao coração dos simples como profundo á penetração das altas intelligencias, e tão rico de luzes para a sciencia como de estimulos para a consciencia. O espirito creador da civilisação moderna vêr-se-ha n'esse ideal como n'um espelho, e cada vez com maior clareza. Ou antes, para me expressar em linguagem mais exacta, será elle esse mesmo espirito, que é já o espirito da humanidade (pois a civilisação moderna absorve já todas as raças e nações na sua catholicidade) tornado consciente e progressivamente realisado em factos — nas instituições, nos costumes, na vida moral. E, se definir o espirito d'uma civilisação e tornal-o conscio de si mesmo é a obra essencial da philosophia, não se poderá dizer que a philosophia moderna tenha mentido á sua missão.

Anthero de Quental.

O DISCIPULO

POR

PAUL BOURGET

O auctor dos *Estudos de psychologia contemporanea* attingiu a maturidade do seu talento. O seu ultimo romance o *Discipulo* manifesta em alto relevo e coordena n'um conjunto harmonico todos os variados e superiores dotes que compõem essa rica organisação de artista e de critico. Pela sciencia profunda dos caracteres, pela originalidade e valor typico das figuras estudadas, pela verdade e intensidade dramatica da acção, pela arte consummada de descrever e narrar, pela abundancia dos juizos geraes que *explicam* e dos pormenores suggestivos que *mostram*, pela magia d'um estylo tão nervoso como nitido e que guarda através das innovações modernas as grandes tradições da prosa franceza, e finalmente pela importancia capital e actual do caso de consciencia debatido, este livro ficará como um dos acontecimentos litterarios do anno e uma das obras-primas da litteratura franceza de todos os tempos. Philosophos de officio descobrirão porventura incoherencias nas poucas paginas destinadas á especulação pura. Moralistas esclarecidos contes-

tarão com fundamento a ligação logica entre os dados de observação contidos no livro e a intenção geral manifesta no prefacio. Mas feitas estas reservas, é impossivel não admirar a superioridade innata e a plenitude de cultura que se revelam ao longo de toda essa narração. E quando se compara a nitidez, a subtileza, a sobriedade, a elevação, os recursos de sciencia e de arte com que foram escriptas essas trezentas e sessenta paginas, á psychologia summaria, ao descosido da composição, á confusão de generos, ao charlatanismo grosseiro, ás lacunas de cultura e á barbarie de lingua de alguns dos mais illustres representantes do romance francez contemporaneo, é impossivel não marcar um logar á parte a esse nobre espirito e declarar que desde *Madame Bovary* não se fez nada semelhante.

Um grande philosopho moderno, propugnador do determinismo universal e do automatismo humano; um aprendiz de psychologo, feito de sensualidade e orgulho, e a quem uma herdada morbidez de organisação aggravada por uma perigosa direcção de cultura conduz ás peores experiencias; uma donzella de nobre raça, em cujo caracter se combinam a sensibilidade exaltada e a imaginação romanesca com a reserva feminina e a altivez patricia; o conde seu irmão, bello typo de energia corporal e de honra militar, eis os personagens do romance. Uma tentativa de seducção planeada pelo joven psychologo contra a filha da familia onde entrára como preceptor, e instituida como uma experiencia sobre o coração feminino; a dramatica historia da paixão calculadamente provocada e exacerbada e o seu desfecho tragico pelo suicidio da joven seguido na execução do seductor pelo irmão da morta; as duas crises de consciencia do philosopho e do soldado subitamente envolvidos na mesma catastrophe e reagindo cada um segundo a logica das suas naturezas intimas, eis a acção nas suas phases capitaes. O antagonismo affirmado entre a concepção fatalista do universo e do homem e os interesses da vida moral, e a necessidade insinuada de subordinar a investigação intellectual á consideração das consequencias praticas, eis a intenção não completamente explicita do livro. — É preciso analysar estes

tres pontos para comprehendermos o pensamento e medirmos o alcance d'esta obra superior em toda a sua plenitude.

I

Dos quatro caracteres, entre os quaes se trama e resolve a acção, o primeiro estudado é o do philosopho Adrien Sixte, mestre dilecto e guia intellectual do protagonista que dá nome ao romance. Porventura é pela primeira vez que se estuda n'uma obra d'arte o mecanismo interior d'essa classe de espiritos a que o auctor chama a especie social dos philosophos de profissão, e que se descreve com tanta mestria uma fórma de existencia humana, que a sua propria natureza torna tão pouco accesivel como interessante em extremo. Com os dados extrahidos da biographia dos grandes philosophos, em especial da vida de Spinosa por Colerus, e completados pela observação pessoal, o romancista construiu e fez mover um maravilhoso exemplar do pensador que vive unicamente para o pensamento, e que se poderia definir: uma curiosidade servida por uma intelligencia. Basta comparar esse admiravel primeiro capitulo do *Discipulo* com as magras paginas consagradas por Octave Feuillet na *Morta* a um typo da mesma familia para medir a distancia que vai d'um narrador habil capaz de interessar, a um grande analysta capaz de vêr e mostrar. Paulo Bourget conservou-se á altura do seu talento n'essa magistral analyse. O seu Adrien Sixte é uma figura que prende tanto pela originalidade dos aspectos como pela logica das reacções pessoaes. Todas as circumstancias da sua vida collaboram na producção do seu caracter e todas as manifestações da sua actividade concordam na expressão d'esse caracter. Os pormenores accumulados pelo romancista convergem para gravar na imaginação do leitor uma figura typica, e estudando as séries d'esses pormenores acha-se que a sua escolha e a ordem em que estão

dispostos obedecem a uma logica profunda e derivam todos da concepção geral d'uma alma. É preciso pesar uma por uma essas phrases tão cheias de intenção e alcance, é preciso medital-as e commental-as para avaliar os recursos de que já hoje dispõe para a comprehensão e pintura da Vida o romance experimental moderno, e para medir a efficacia do instrumento de analyse applicado pela curiosidade contemporanea a todas as provincias do espirito humano.

Uma curiosidade servida por uma intelligencia, eis a definição do Philosopho. E esta definição assenta com uma perfeição inexcedivel no Adrien Sixte do romance. A Vida apresenta exemplares, ainda que raros, do pensador exclusivamente votado á invenção das idéas e á comprehensão das coisas; mas os accidentes d'ella impedem muita vez que elles attinjam a plenitude de expansão e crescimento compativeis com a especie. É proprio da Arte corrigir a natureza, e substituir á confusão resultante das influencias encontradas ou eventuaes a bella convergencia das causas e a perfeita jerarchia das forças. Paulo Bourget viu isto. O seu Adrien Sixte é actuado por forças que collaboram d'um modo unanime para a determinação do seu caracter e favorecido por circumstancias que permittem a expansão plena da sua natureza. Oriundo da fronteira allemã, herdou com o sangue o genio d'essa gente que estanceia nas margens do Rheno, a mais eminente entre os europeus para a comprehensão e a producção das idéas geraes. Filho d'um relojoeiro, as primeiras impressões que recebeu foram as da regularidade automatica dos mecanismos que seu pai montava e desmontava, e porventura um pouco de minuciosidade do industrial se transmittiu na capacidade analytica do pensador. — Filho unico e estremecido, e herdeiro de uma pequena fortuna, pôde durante a vida e após a morte de seus paes libertar-se de todo o trabalho d'ordem pratica e votar-se exclusivamente á especulação pura. — Nascido em 1839 teve os seus 25 annos em pleno segundo imperio, quando a inanidade demonstrada do eclectismo official tornava possivel a renascença da grande invenção independente; os progressos das sciencias positivas

preparavam os materiaes para as futuras construcções; e o estreitamento das relações commerciaes e diplomaticas que assignala essa época abria a França e o seu pensamento ás influencias estrangeiras. — Dotado d'uma excepcional capacidade philosophica, servida por uma energia de trabalho infatigavel e estimulado por um ardor concentrado de paixão, a sua aptidão completa-se em vocação. — Destituido de observação exterior, de memoria dos pormenores physicos, e de interesse pelas coisas particulares e pelos individuos, o seu espirito indifferente ao sortilegio da Belleza, e ao imperio do Bem, permanece accessivel somente á seducção das idéas, e philosopho pelo alcance da sua intelligencia é-o tambem pela especie da sua imaginação e pelos instinctos do seu coração.

Quando um homem é d'um certo modo, *procede* d'uma certa maneira e *apparece* sob uma certa fórma, e as qualidades do nosso sêr se reflectem nos actos da nossa vida como nas linhas do nosso aspecto. Paulo Bourget sabe-o e faz vêr que o sabe. Physionomia, vestuario, alojamento, costumes, gostos, opiniões, estylo e biographia tudo concorda para manifestar e accentuar o mesmo caracter. Essa face rapada e inexpressiva, essa bocca de labios finos e firmes, esses olhos doentes e munidos de lunetas escuras, esse corpo esgalgado com grandes ossos, pintou as longas influencias da vida sedentaria e estudiosa sobre um organismo capaz de ser o instrumento d'um trabalho obstinado e o supporte d'uma vontade energica, como a vastidão do frontal e o tom bilioso da tez annunciam a superioridade da intelligencia especulativa e o ardor da paixão concentrada. Esse longo casaco mal feito, esses sapatos atados com cordões, esses cabellos compridos, esse chapeu molle e dobradiço revelam a perfeita indifferença do pensador preoccupado e distrahido, pelas considerações de elegancia ou conveniencia. Essa letra clara e symetrica torna visivel como a regularidade da marcha bem coordenada o equilibrio estavel dos nervos domesticados. O exiguo alojamento situado n'um bairro tranquillo de Paris, junto ao jardim das Plantas, e de cujas janellas se domina

um vasto horisonte abriga e distingue como a concha ao mollusco, o pensador amigo da tranquillidade cuja natureza meditativa se compraz na contemplação longinqua do amplo campo em que se debate a actividade dos homens, e o psychologo moderno nutrido de sciencias naturaes, e que procura no estudo da vida animal a explicação do enigma humano. E tal é o seu aspecto, taes são a sua vida e os seus habitos. Nascido em Nancy em 1839, manifestára desde pequeno um caracter taciturno e uma intelligencia precoce. Seguindo os estudos distinguiu-se na classe de philosophia por uma capacidade extraordinaria. O seu professor, surprehendido com o seu raro talento de metaphysico, quiz decidil-o a preparar-se para a Escola Normal. Na sua qualidade de verdadeiro philosopho, Adrien Sixte recusou-se, preferindo o trabalho manual que pelo menos não deforma o espirito imprimindo-lhe uma attitude fixa. Seus paes, desolados com esta resolução, não consentiram comtudo que elle aprendesse um officio. E assim o joven pensador pôde passar os dez melhores annos da vida estudando em plena liberdade. Esses dez annos empregou-os em aprofundar o conhecimento da philosophia ingleza e allemã, e em aperfeiçoar-se tanto nas sciencias mathematicas como nas naturaes, nomeadamente na psysiologia cerebral. Em 1869 publicára o seu primeiro livro, a *Psychologia de Deus*, que causára escandalo pela audacia das soluções e pela energia da negação. Em 1872, tendo perdido seus paes e herdado uma pequena fortuna a um parente, viera estabelecer-se em Paris resolvido a levar uma vida inteiramente consagrada ao estudo. Estava decidido a permanecer solteiro, a não frequentar a sociedade, a não solicitar honras nem dignidades, e o que é mais raro, a não se importar com a reputação. Emfim a seguir um programma de vida inteiramente monastica.

E esse programma de vida havia quinze annos que o cumpria á risca com a tenacidade propria das naturezas concentradas. Partindo d'este principio, que a ordem liberta o pensamento, todos os seus actos submettia-os a um horario inflexivel, como os de um collegial ou d'um soldado. Levantava-se ás

seis, trabalhava até ás dez. Almoçava rapidamente e dirigia-se ao jardim das Plantas, onde estava até ao meio dia passeando e observando, ordinariamente em frente da gaiola dos macacos. Ao meio dia voltava a casa e tornava a sentar-se á banca onde se conservava até ás quatro da tarde. Das quatro ás seis recebia, tres vezes por semana, algumas visitas; outras tres sahia a fazer as visitas indispensaveis. Ás seis jantava, e tornava a dar um passeio. Ás oito voltava e lia ou punha em dia a sua correspondencia. Ás dez apagavam-se as luzes e deitava-se para recomeçar no dia seguinte. Este viver monacal soffria uma interrupção ás segundas, dia que o philosopho escolhera para passar no campo, visto os domingos estarem sujeitos á affluencia da população em feriado, e á sua promiscuidade turbulenta, repugnante ao pensador. Durante quinze annos nunca aceitára um convite para jantar nem entrára n'um theatro. Nunca lia um jornal e o seu desprezo pela politica só era excedido pelo que votava á philosophia official. Conhecedor dos obstaculos que a sensibilidade oppõe á comprehensão cabal das coisas, nomeadamente no dominio das sciencias moraes, supprimira em si todo o sentimento de compaixão ou amizade. Cortara as relações com a familia, nunca dava uma esmola, e derradeiro traço que accentúa o seu caracter e resume a sua concepção da vida: detestava o Christianismo.

A vida e os costumes d'um homem fazem corpo com as suas opiniões. E quando estas são elevadas, de vasto alcance, entre si coherentes e apoiadas em argumentos constituem uma philosophia. A de Adrien Sixte está exposta em tres livros. São tres tratados de psychologia, dos quaes o primeiro se intitula *Psychologia de Deus*, o segundo *Anatomia da vontade*, o terceiro *Theoria das paixões*. Todos estes livros estão escriptos n'um estylo que impressiona nas passagens transcriptas pela nitidez perfeita e o vigor contido. Elle é um documento acabado do espirito que vimos analysando. Quanto á intelligencia, essa prosa manifesta um raro dom de abstracção alliada a habitos d'analyse, e a preponderancia de idéas nitidas. Quanto ao caracter, ella annuncia o amor ex-

clusivo da verdade, a perfeita indifferença ás considerações de gloria ou exito, o desdem pelos artificios oratorios, e a convicção que ornar a verdade é deshonral-a. Firme e fria, tranquilla na sua deshumana dureza, essa prosa constituida de curtas phrases descontinuas ou de sêccos periodos que nenhum sopro oratorio anima, parecem construidos com aquellas nuas pedras com que Spinoza levantou a architectura cyclopica da *Ethica*.

Essa prosa serve de vehiculo a um corpo de idéas que convem expôr para a perfeita comprehensão do caracter do pensador e da acção do romance. Mas se na composição do caracter e na descripção da vida e costumes do seu heroe, Paulo Bourget mostrou-se magistral e profundo, não foi igualmente feliz na exposição da doutrina do philosopho. Alguma coisa de incoherente e vago transparece em toda essa analyse. Dir-se-hia que, dado o alargamento do campo do saber contemporaneo, é hoje impossivel possuir simultaneamente muitas erudições; e que Paulo Bourget conhecendo cabalmente a litteratura franceza e algumas das litteraturas estrangeiras, e conservando-se ao corrente dos progressos da psychologia experimental moderna, não lhe restou tempo para aprofundar os seus conhecimentos no dominio da philosophia e da sua historia. Mas ainda assim é forçoso confessar que dos romancistas francezes contemporaneos só este seria capaz de escrever o primeiro capitulo do *Disciple*.

Um philosopho francez da segunda metade do seculo XIX, educado no convivio das sciencias naturaes e na frequentação dos pensadores inglezes e allemães, eis como nos apresenta Paulo Bourget o seu Adrien Sixte. Vindo depois da revolução operada por Kant, elle affirma com a escola critica que o espirito é impotente para conhecer as causas e as substancias, e que se deve limitar a coordenar os phenomenos. O seu primeiro livro, a *Psychologia de Deus*, é uma these tendente a demonstrar que a idéa d'uma causa primaria é uma illusão do espirito cuja producção necessaria se explica pelo simples jogo das leis da intelligencia. Isto é claro e preciso. Não o é igual-

mente o que segue. Paulo Bourget attribue ao seu heroe um trabalho pessoal que elle chama «uma analyse negativa de aquillo que Herbert Spencer denomina o Incognoscivel». E explica: «É sabido que o grande pensador inglez admitte que toda a realidade repousa sobre um fundo que é impossivel penetrar; portanto, é preciso, para empregar a formula de Fichte, comprehender este fundo como incomprehensivel. Mas como o attesta com energia o começo dos *Primeiros principios*, para Spencer este Incognoscivel é real. Elle vive, por isso que nós vivemos por elle. D'ahi vai apenas um passo a conceber que este fundo de toda a realidade envolve um pensamento, por isso que o nosso pensamento sae d'elle, um coração, por isso que o nosso coração d'elle deriva. Muitos bons espiritos entrevêem desde já uma reconciliação provavel da sciencia com a religião n'este terreno do Incognoscivel. Para Adrien Sixte é esta uma derradeira fórma da illusão metaphysica que elle se encarniçou em destruir com uma energia de argumentação que se não tinha admirado em tão alto grau depois de Kant». Esta pagina é ambigua. A prosa tão nitida de Paulo Bourget torna-se confusa, e perde aqui a sua precisão habitual. Não salta aos olhos se o que o seu Adrien Sixte nega é a existencia do Incognoscivel ou a sua personalidade. E esta confusão nas idéas fundamentaes propaga-se ao resto da doutrina. Não se vê bem em que o philosopho baseia a sua categorica affirmação da fatalidade das leis naturaes. Observa-se, e observa-se com razão, que uma tal constancia so póde derivar d'uma necessidade logica ou de uma vontade omnipotente. Que Adrien Sixte se priva do primeiro recurso pela sua desconfiada timidez em metaphysica, e do segundo pelas suas prevenções anti-religiosas de livre-pensador. Certamente um romancista não é responsavel pelas incoherencias dos seus personagens, mas a creação de Adrien Sixte seria mais completa se a mesma logica que se admira no desdobramento da sua biographia se manifestasse na economia do seu systema. De resto era facil dar á doutrina do pensador a mesma grande coherencia que se manifesta na sua vida. Bastaria para isso attribuir-lhe as idéas

d'um Spinoza, e uma selecção nas obras d'este grande metaphysico lhe seria tão proveitosa como provou a Bourget ser-lh'o a da sua biographia. E, se uma tal audacia especulativa repugna á concepção d'um philosopho contemporaneo, educado no convivio das sciencias experimentaes e philosophando um seculo após Kant, encontrára o romancista em Taine o modelo do pensador, em que a prudencia propria do espirito educado no cultivo das sciencias naturaes e historicas se allia ao desassombro peculiar ás intelligencias que se condecoram com a grande designação de philosophicas. No livro dos *Philosophos classicos* e no tratado da *Intelligencia* que o romancista mostra conhecer, acharia elle os elementos d'uma doutrina que satisfaria ás condições exigidas, pela sua dupla affirmação da realidade como um grupo de phenomenos, e dos phenomenos como a exteriorisação d'uma logica, conduzindo a uma concepção geral em que o mundo apparece como uma grande variavel, necessaria na sua existencia e regular nas suas metamorphoses. Mas assim como estão expostos no romance, esse conjunto de idéas fundamentaes é mais digno d'um compilador como Lebon, do que um pensador eminente como Adrien Sixte.

Seja como fôr, o que o romancista attribue ao seu philosopho é a crença na universal fatalidade, e esta inflexivel fatalidade é igualmente affirmada no mundo physico e no mundo moral. Profissionalmente este pensador era um psychologo, e lê-se com o mais vivo interesse os trechos transcriptos da sua *Anatomia da vontade* e da sua *Theoria das paixões*, paginas crivadas de observações profundas sobre a natureza e origem dos sentimentos e a sua ligação com os actos. Profundamente imbuido da idéa de evolução inventada pelos grandes allemães dos principios do seculo e popularisada sob o nome d'alguns illustres inglezes contemporaneos, Adrien Sixte tentára sobre as paixões um trabalho analogo ao de Darwin sobre as formas animaes, e esforçára-se por mostrar que todos os nossos sentimentos, os mais nobres como os mais baixos, derivam de raizes instinctivas cuja continuidade se póde seguir ao longo de toda

a série animal. Entre essas analyses avulta uma theoria do amor, duplamente interessante pelo alcance e novidade das observações como pela sua ligação com a acção do romance. Para o grande psychologo o amor é um producto, e como tal determinado por condições fixas, de sorte que quem conhecer os elementos d'esta paixão e as leis definidas segundo as quaes elles se combinam, poderá obtel-o com segurança como qualquer producto industrial. E a ternura não é para elle uma emoção espontanea recahindo n'um dado objecto por livre eleição, mas um estado da alma que é possivel prever e provocar.

O mesmo espirito que anima a *Theoria das paixões*, inspira d'uma ponta a outra a *Anatomia da vontade*. Como logo o indica o titulo, a Vontade não é para o auctor essa energia, una, constante, eminentemente simples e idealmente autonoma, que os moralistas e os juristas tomam para base das suas deducções, mas um verdadeiro conflicto entre forças, no qual vencem as mais poderosas. Ora como estas forças são os instinctos herdados, os habitos adquiridos e as impulsões activas determinadas pelas imagens presentes, segue-se que não ha mais liberdade dentro de nós que fóra de nós, e que o automatismo humano não é mais que um caso do determinismo universal. E que em summa o homem póde ser definido, segundo a forte expressão d'um pensador, como um theorema em marcha.

Assim um philosopho de vocação e profissão, philosopho na vida, nos costumes, nos sentimentos, nas opiniões, no vestuario e no estylo, é a primeira figura que deparámos no romance. E é a influencia d'este philosopho, propugnador do fatalismo universal, d'este psychologo que considera a alma como uma machina, que se faz sentir d'um modo soberano ao longo de todo o livro, urdindo a acção e determinando a catastrophe.

II

O retrato que acaba de se lêr mostra que perspicacia de observação e que segurança de methodo presidiram á escolha e á disposição dos traços que o accentuam. O retrato que se vai lêr manifesta os mesmos dotes em grau mais alto.

Com effeito, a historia de Robert Greslou, discipulo de Adrien Sixte o protagonista do romance, é sob a sua fórma de auto-biographia uma obra-prima de analyse e de synthese e um modelo insigne da arte de decompor e recompor. A fórma mesmo adoptada de confissão pessoal é superiormente adequada á exposição e á explicação das phases d'essa historia, reduzindo ao minimo a intervenção do romancista e tornando possivel a presença dos commentarios que a elucidam e cuja appariçao, d'outro modo, não se faria sem quebra do fio da narração e transtorno grave da harmonia do conjunto. E este artificio introduzido por um calculo extremamente feliz é aproveitado com uma sagacidade superior. Todas as forças e circumstancias que podem concorrer para formar e modificar um caracter, todos os accidentes eventuaes e casos fortuitos que podem intervir para suggerir tal pensamento ou determinar tal acto estão descobertos e dispostos no logar que lhes compete com uma justeza de olhar e uma firmeza de mão que surprehendem e satisfazem. Vê-se uma a uma todas as grandes causas que collaboram na producção d'um espirito, qualidades herdadas, impressões de infancia, influencias de educação, acção dos livros, especie das companhias, aspectos das paizagens trazerem o seu contingente de influxos convergentes para a formação da unidade viva em que ellas se fundem. E com estas causas capitaes, ao longo de toda essa narração, succedem-se as circumstancias miudas que só uma psychologia aguda não deixa escapar, imperceptiveis mas efficazes, como os incidentes de conversação ou as variações atmosphericas. E sob a acção combinada

de todos estes agentes o caracter accentua-se, as opiniões arraigam-se, os habitos adquirem-se, as maneiras de pensar e de sentir harmonisam-se e completam-se e por seu turno estes effeitos geraes transformam-se em causas, d'onde deriva a cada instante a multidão das innumeraveis manifestações em que estas formas fixas da intelligencia e da vontade se traduzem e se pintam, recordações, resoluções, gestos, attitudes, expressões de physionomia, inflexões de voz, linhas do vestuario, configuração da escripta. E da collaboração perpetua d'estas causas permanentes com estas circumstancias eventuaes resulta nas suas phases capitaes e nos seus momentos particulares a marcha geral d'esse destino. É um trabalho de balistica moral. E como a trajectoria d'uma bala é determinada na sua direcção, figura, grandeza e velocidade pela qualidade e quantidade do explosivo, fórma e peso do projectil, construcção e pontaria da arma, resistencia do meio atravessado e do alvo percutido, assim a historia d'essa vida humana é determinada pelo trabalho constante e efficaz das tendencias e aptidões hereditarias ou adquiridas na primeira infancia reagindo sob a acção do meio natural e social através do qual ella se desenrola.

É com esta abundancia de dados e com esta plenitude de intelligencia que está composto o retrato de Robert Greslou. Logo o primeiro traço marcado, a capacidade de se desdobrar, accentua fundamente a qualidade capital do seu espirito. É ella, persistente e innata, que define a especie moral em que o seu possuidor deve ser incluido, determinando-lhe a vocação de psychologo como o dom da visão topographica determina o genio estrategico, ou a capacidade da visão colorida determina o talento pittoresco. Ella consiste, essa faculdade, na tendencia e na aptidão para encarar os estados da propria intelligencia e sensibilidade como se fossem estranhos ao espirito que os contempla, em permanecer alheio a si mesmo e espectador desinteressado do seu proprio drama intimo; em resumo, no habito de tomar o mundo interior como um mero campo de observação e o sujeito do conhecimento como um puro objecto de conhecimento. É por ella que um psychologo é psychologo, e o estudo

do espirito uma sciencia natural. Ella se manifesta no protagonista por uma multidão de traços e mantem-se intacta em todas as phases da sua vida. Essa perspicacia terrivel não o abandona um instante e nada é capaz de a suspender ou perturbar: nem as illusões do amor-proprio, nem as influencias dos affectos naturaes, nem as prevenções da aversão entranhada, nem o delirio do amor e do desejo, nem a eminencia da morte physica, nem o pudor da dignidade pessoal. É uma especie de cynismo sublime, estranho á gratidão, ao respeito, ao amor, ao medo, ao odio, que desfia as componentes remotas dos caracteres e as causas occultas dos sentimentos, e fita no fundo do coração alheio ou proprio uma pupilla immovel e sem palpebras. É esta probidade suprema da intelligencia, mixto de abnegação e descaro, que dicta as estranhas paginas d'essa confissão em que a longa autopsia d'uma alma se desenrola acompanhada de autopsias agudas d'outras almas, sem que nenhum movimento de paixão venha prejudicar a nitidez da analyse e o valor dos resultados.

Essa capacidade de se desdobrar, que é o traço fundamental do espirito do protagonista, resulta da acção combinada da herança, da educação e das circumstancias de infancia e de adolescencia. E é ainda da acção combinada d'estas tres ordens de causas que derivam os outros traços capitaes da intelligencia e caracter cujo conjunto constitue uma individualidade singularmente original e interessante.

Estes outros traços são: a intemperança do desejo e a violencia das paixões, a incapacidade de acção e o amor da vida contemplativa, a preponderancia morbida do systema nervoso n'um corpo franzino, um precoce espirito de analyse posto ao serviço d'uma curiosidade infatigavel, o sentimento da solidão em frente dos outros homens e de irremediavel derrota em presença do mundo, e um mixto de orgulho e sensualidade que o leva a não vêr nas coisas e nas pessoas mais do que simples instrumentos de prazer ou amor-proprio. Junte-se uma concepção do universo em que a percepção do mysterio incomprehensivel que existe no fundo de tudo se allia á convicção da in-

flexivel fatalidade que governa tanto os corpos brutos como os seres pensantes, e uma concepção da vida que faz do individuo o centro do mundo e dá como typo e modelo á sua actividade o dilettantismo desdenhoso que vê em tudo uma occasião para experiencias capazes de enriquecer o thesouro interior de pensamentos e sentimentos. Traços estes que é facil encontrar dispersos em varios exemplares da decadencia contemporanea, doente pelo abuso da intelligencia e pela anemia da vontade, mas que só uma creação artistica póde apresentar coordenados n'um conjunto harmonico, ampliados até á importancia d'um typo e explicados nas suas origens e consequencias.

De duas maneiras influem os paes na formação do caracter dos filhos: pela transmissão das qualidades herdaveis e pela influencia da educação e do exemplo. O pae de Roberto Greslou era um engenheiro de pontes e calçadas, homem de saude fraca e inapto para a acção, mas dotado d'uma grande cultura e d'uma pronunciada vocação scientifica. D'elle herdára o filho a debilidade physica, os nervos morbidos, a violencia das paixões e a intemperança do desejo, a curiosidade e a capacidade scientifica, e a inaptidão para a vida activa. D'esse pae, loreno e oriundo d'uma fluctuante e complexa população de fronteira, recebera ainda provavelmente a capacidade de se desdobrar e essa estranha tendencia para as metamorphoses, que o levava em pequeno nas conversações com os condiscipulos a contar de si toda a sorte de historias imaginarias, não para se gabar, mas pelo prazer de *ser outro*, e mais tarde a simular e sustentar opiniões contrarias ás suas só pelo gosto de fazer revestir novas fórmas á sua alma. É ainda d'esse pae e da sua indifferença em materia de religião, contrastando com a piedade fervente da mãe e as praticas de devoção a que esta submettia o filho, que a creança recebera o germen d'esta convicção, que o homem superior não está obrigado aos mesmos deveres que o homem ordinario e que ha duas moraes, uma para norma do vulgo, outra para uso dos pensadores. Finalmente, é ao pae que o protagonista deve a sua idéa do mundo tal como ella resulta do conjunto de verdades adquiridas, accu-

muladas pelas sciencias positivas nos ultimos trezentos annos. Os longos passeios que os dois davam através d'essa paizagem verdejante e vulcanica da França central eram verdadeiras excursões de naturalista. Tudo que lhes cahia sob a vista era occasião para um trabalho de explicação racional, desde as flores e os insectos jazendo aos seus pés até o horisonte torvo de montanhas, a magnificencia calma do céo crivado de estrellas que os circumdava e cobria. Os astros, sua origem e estructura, a formação da Terra destacada do nucleo central e projectada como um globo incandescente; o torvo drama da agua e do fogo, e a historia d'essas forças, que através de catastrophes, como estatuarios sobrehumanos, riscaram o vulto e as feições das montanhas; a successão das floras e das faunas substituindo-se umas ás outras sobre o scenario convulso ou já tranquillo do planeta; a apparição do Homem, suprema corôa e derradeiro producto da evolução dos sêres; taes seriam as visões que a palavra lucida do sabio evocaria perante a imaginação precocemente inflammada d'uma creança de dez annos. Este ensino dado na presença da Natureza, em perpetua confrontação com a paizagem ambiente e com o caracter d'uma verdadeira liçao das coisas, depositára no espirito da creança o germen das suas futuras convicções scientificas e a preponderancia de habitos de analyse.

A influencia materna exerceu-se não directamente, mas por um effeito de reacção. A mãe de Roberto Greslou era uma mulher do meio-dia, curta e imperiosa, em cuja cabeça as idéas appareciam nitidas e pouco numerosas, produzindo uma consequente incapacidade para penetrar no entendimento e no coração dos outros e uma tendencia para impôr a sua vontade aos outros. Estreita, ignorante, cheia de preconceitos religiosos e de respeitos mundanos, a pobre mulher era a menos propria para educar uma creança singularmente complexa, d'uma precocidade assustadora e a quem o ensino paternal já abrira uma concepção da vida, superior ás superstições e ás conveniencias. Duas anecdotas finamente escolhidas pintam os inicios d'este antagonismo natural, que mais tarde devia degenerar n'um ir-

remediavel divorcio, aggravando-se todos os dias, graças á inintelligencia da mãe e ao caracter reservado do filho. Corajosa e dedicada, a excellente senhora quiz, após a morte do marido, occupar-se da educação de Roberto, unico objecto da sua affeição. Mas todos os seus passos não faziam senão profundar cada vez mais o abysmo que a separava d'esse moço coração, tão differente e tão inimigo de se abrir. Mil pequenos factos contribuiam para accentuar este antagonismo, que teve como resultado capital depositar na alma da creança o germen d'um sentimento e d'uma faculdade: o sentimento da solidão do *eu* e a faculdade da analyse interior.

Esta faculdade da analyse interior foi ainda exacerbada pela influencia da educação catholica. Roberto entrou na adolescencia por esses annos de 78 a 80, em que uma minoria audaciosa, empolgando o poder, impoz á França as suas convicções ou antes as suas negações em materia religiosa. Mas essa propaganda racionalista, assignalada na reforma do ensino, não exerceu acção sobre um joven, educado fóra do collegio, em companhia de sua mãe. Essa mãe catholica fervorosa, quando o filho attingiu a idade conveniente, submetteu-o ás praticas prescriptas. A preparação para a primeira communhão foi o grande facto inicial d'essa adolescencia. É facil prever, dada a imaginação e a sensibilidade do joven, que elle devia atravessar uma crise de mysticismo. O seu confessor, educado na tradição jansenista e dotado d'uma ferocidade de imaginação extraordinaria, contribuiu para o perturbar ainda mais pela pintura atrozmente realista dos supplicios eternos. Esta convicção, cahindo n'um espirito já preparado para a analyse interior, deu em resultado exames de consciencia d'uma subtileza e d'uma minucia infinitas. O confessionario transformou-se n'um curso de psychologia. O escrupulo, essa doença dos fracos, apoderou-se d'essa alma morbida e inspirou-lhe um trabalho de dissecção intima levado até o extremo. Depressa a confissão tornou-se um prazer em vez d'uma penitencia, e uma curiosidade profana sobstituiu a contricção das faltas. Ajunte-se que a vivacidade da imaginação esgotava de antemão as delicias do extase,

a ponto de fazer da primeira communhão uma verdadeira decepção.

Este accesso de sentimento religioso não podia porém durar muito. Tres causas contribuiram para a desaggregação da fé christã em Roberto Greslou. A primeira foi a applicação da faculdade critica exercida sobre o seu proprio confessor, trabalho que teve como resultado destruir a confiança do joven no sacerdote zeloso, mas pouco intelligente, que escolhera para director espiritual, como já tinha destruido toda a intimidade moral entre a creança e a mãe. A segunda causa que operou no mesmo sentido, foi a convicção da incompatibilidade entre a superioridade do espirito e as crenças catholicas, convicção cujo germen fôra depositado pela indifferença paterna em materia religiosa e cuja energia foi augmentada pelo scepticismo prestigioso dos jovens professores, chegados de Paris, contrastando com a curteza de idéas das devotas que frequentavam a casa de sua mãe. A terceira causa e a mais grave porque atacou não só as crenças religiosas, mas ainda as suas convicções moraes, foi a descoberta da litteratura contemporanea, abrangendo n'esta designação os monumentos da floração romantica e as obras que continuam esse movimento até os nossos dias. O que caracterisa este periodo é a preponderancia do individualismo, manifestando-se, como é natural, nas organisações poeticas pelo abuso da imaginação e da sensibilidade, caracteres que distinguem a litteratura franceza do seculo XIX da dos dois seculos que o precedem, dominada a do seculo XVII pela influencia da Monarchia e da Igreja, a do seculo XVIII por um ideal de Humanidade e Justiça. Este individualismo sem freio, assignalado na anarchia das idéas e na perversão dos sentimentos, faz da litteratura franceza contemporanea, qualquer que seja a abundancia e esplendor dos seus monumentos, um poderoso agente de corrupção. A sua influencia em Roberto Greslou foi não só fomentar o seu scepticismo religioso, mas ainda perverter-lhe a consciencia moral pelo contraste accentuado entre a magnificencia de certas faltas e a mesquinhez dos deveres quotidianos. Musset sobretudo, o poeta mordente da paixão pura e seductor

incomparavel dos corações moços, exerceu uma influencia decisiva sobre elle, inoculando-lhe na alma o virùs das curiosidades carnaes e desenrolando ante os seus olhos de quinze annos as perspectivas d'uma vida superior, passada n'um scenario de luxo e opulencia, entre as crises e os conflictos do sentimento. O esplendor e a graça do peccado, o prestigio soberano da impiedade deslumbraram-no e conquistaram-no. E n'este coração ainda tenro já eivado do veneno do scepticismo e do egoismo philosophico pelo abuso da reflexão precoce, a eloquencia fascinante dos grandes poetas contemporaneos veio atear a febre do orgulho e das concupiscencias carnaes.

Este appello á imaginação, feito por intermedio das obras litterarias, teve, ao primeiro ensejo, a sua repercussão na vida dos sentidos. Uma rapariga de condição humilde que ia trabalhar ás ordens da mãe de Roberto, aproveitou-se da circumstancia de se achar a sós com o joven para o encher de beijos soffregos e convidal-o a que a procurasse em sua casa. A curiosidade e os desejos arrastaram-no a uma primeira entrevista depressa seguida de outras. Porque apesar da nausea e dos remorsos que uma tão baixa ligação provocavam n'esse moço impregnado de ensino religioso e cultura poetica, a tyrannia do temperamento tornava vã todas as resoluções do espirito. A incapacidade de resistir ás paixões, que era um dos traços herdados do seu caracter, manifestava-se agora pela derrota repetida e constante da Vontade e da Razão. No conflicto de motivos travado no campo da sua consciencia todas as considerações de nobreza ou delicadeza cahiam por terra á simples apparição da imagem impura. E ao lado do adolescente mystico, educado nas praticas catholicas e do joven romanesco desvairado por leituras perigosas, surgiu e cresceu, complicando essa natureza já tão multipla, uma creatura instinctiva corrompida pelas experiencias clandestinas da carne.

Mas complicando essa complexidade ia intervir um elemento poderoso, cujo germen já fôra depositado em Roberto pelo ensino paternal: o espirito scientifico. A continuação dos seus estudos secundarios conduziu-o á classe de Philosophia. E

logo ás primeiras lições o encanto das idéas geraes subjugou-o. A Psychologia sobretudo, bem que limitada a proporções mesquinhas e curvada aos preconceitos do ensino official, fascinou esse espirito que as circumstancias da vida e uma capacidade innata destinavam de ha muito para o estudo dos factos mentaes. Depressa a leitura dos compendios e as prelecções dos professores foram incapazes de satisfazer a sua avidez intellectual. E entre os numerosos expositores que a sua sêde de saber o levou a consultar, cahiu-lhe entre as mãos um dia a *Psychologia de Deus*. O effeito foi fulminante. Arrastado pela curiosidade crescente foi conduzido a lêr a *Theoria das paixões* e a *Anatomia da vontade*. A audacia do grande analysta fascinou-o, a sua doutrina conquistou-o. O rigor inexoravel da sua analyse, manifesta na nitidez e na ordem da sua prosa, seduziu este filho de mathematico pelo prestigio que exerce a semelhança dos genios, como o cuidado do philosopho em estribar toda a sua argumentação em factos tomados das sciencias experimentaes, seduzia o antigo aprendiz de naturalista pelo encanto d'um velho habito intellectual, exercido após longos annos de interrupção. Ao mesmo tempo a doutrina a que esses livros serviam de vehiculo vinha coordenar n'uma concepção do mundo e da vida os elementos esparsos que fluctuavam n'esse espirito actuado por influencias tão encontradas. A *Psychologia de Deus* transformava o seu scepticismo religioso em negação critica, allegando que a hypothese d'uma Causa primeira é um absurdo, e que a crença n'este absurdo é-nos imposta pela propria construcção da nossa intelligencia, desenrolando assim ante os seus olhos o espectaculo terrivel de um Universo, governado pela fatalidade das leis naturaes, na ausencia de Providencia ou Finalidade—*A Theoria das paixões* e a *Anatomia da vontade* vinham explicar e cohonestar, explicando as suas miserias interiores: a solidão moral e o consequente egoismo pela consideração de que todos os affectos repousam sobre illusões e que o *eu* é impotente para sahir fóra de si; a escravidão sensual pela consideração da força preponderante do temperamento e do instincto; os requintes de com-

plicação e a falta de franqueza pela influencia da herança e da educação; a curiosidade e sympathia para com os estados morbidos da alma pela presença d'uma vocação innata de psychologo. Esta philosophia encontrava um commentario vivo n'essa paizagem vulcanica da França central, antigo scenario das convulsões da Terra, circo torvo de montes levantados e abatidos pelo jogo cego de forças fataes.—E d'esta concepção do Mundo derivou uma concepção da Vida. No meio d'uma Natureza indifferente ou hostil, na ausencia d'um Deus paternal e justiceiro, na convivencia de almas humanas que a lei mesma da sua estructura separa de nós por um abysmo, só podemos contar com o nosso *eu*. Exaltar a vida d'esse *eu* ephemero, transformando as coisas e as pessoas em meras fontes de pensamentos e sentimentos, tal era para Roberto Greslou a regra de proceder, propria d'um espirito esclarecido. E n'este desgraçado corrompido por tantas coisas diversas, e que transformava tudo em agentes corruptores, o Pensamento veio a ser o derradeiro e mais poderoso principio de perversão.

Que o leitor recue agora um passo para abranger n'um relance d'olhos os resultados d'esta longa analyse. Represente-se um espirito d'um valor e d'uma cultura rara, psychologo por instincto e por gosto, destinado pela natureza e pelo alcance da sua intelligencia a uma gloriosa carreira no dominio das sciencias mentaes. Mas dotado d'uma sensibilidade exagerada e morbida, destituido de senso moral e de sympathia humana, tendo o amor da mentira gratuita e das perversas experiencias, corrompido por baixos appetites e habitos, egoista por natureza e por systema, e duas vezes desvairado pela incontinencia de paixões freneticas e pela adhesão a um naturalismo corruptor. Complete a percepção dos traços moraes pela visão dos aspectos physicos e imagine esta alma cuja estructura já conhece possuida por um moço de vinte e um annos, de constituição franzina, voz um pouco surda, olhos demasiado vivos n'uma physionomia insinuante, e no qual os gestos bruscos, a mobilidade de physionomia, o descahido da letra, as alternativas rapidas de enthusiasmo e desanimo annunciam a desordem do sys-

tema nervoso. Reflicta que todos estes traços moraes e physicos fazem corpo entre si e concorrem todos para accentuar uma figura unica. Considere que os aspectos varios d'essa figura estão explicados um por um pela influencia da herança, da educação, das companhias, das leituras, das paizagens e dos homens com um rigor e uma ordem inexcediveis. Ajunte emfim que nenhum d'estes traços está marcado em vão, mas que todos elles isolados ou combinados entre si e com as circumstancias intervêm efficazmente na marcha da acção e motivam cabalmente o proceder do heroe e diga se ha no romance francez contemporaneo alguma coisa que se lhe compare, e se não é preciso remontar até Flaubert, talvez mesmo até Stendhal para encontrar uma tão magistral analyse.

Moniz Barreto.

A PHILOSOPHIA DE TOLSTOI

I

Este phenomeno é commum a todas as religiões, mas nunca, parece-me, se manifestou tão vivamente como christianismo. Manifestou-se mais vivamente: 1.º porque a doutrina de Jesus é a doutrina mais elevada; e digo que é a mais elevada porque a metaphysica e a ethica, na doutrina de Jesus, estão tão indissoluvelmente ligadas uma á outra que é impossivel desligal-as sem despojar a doutrina da sua razão de ser; 2.º porque a doutrina de Jesus é de si um protesto contra toda a fórma, quer dizer a negação, não só do ceremonial judaico, mas mesmo de toda a especie de culto exterior. É por isso que no christianismo a separação arbitraria da metaphysica e da ethica devia desfigurar completamente a doutrina e despojal-a de todo o sentido; e foi o que de facto aconteceu. Esta separação começou com a predica de S. Paulo que conhecia imperfeitamente a doutrina ethica formulada no Evangelho de S. Matheus, e que prégava uma theoria metaphysico-cabalistica estranha á doutrina de Jesus, e foi consummada sob Constantino quando

[1] Continuado da pag. 191, do numero de fevereiro.

se achou possivel proclamar christã toda a organisação social pagã sem mudança alguma, cobrindo-a com o manto christão. Desde Constantino, pagão por excellencia (que a Igreja admitte entre os santos da christandade por todos os seus vicios e crimes), começam os concilios, e o centro de gravidade do christianismo desloca-se definitivamente e repousa sobre a parte metaphysica da doutrina. E esta doutrina metaphysica com o ceremonial que lhe anda ligado, afastando-se progressivamente da sua significação primitiva, chega a ser o que é actualmente: uma doutrina que nos explica os mysterios da vida celeste mais inaccessiveis á razão humana, que nos dá as formulas mais complicadas, mas nenhuma doutrina religiosa regulando a nossa vida terrestre.

Em logar de guiar o mundo na sua vida, a Igreja por complacencia com o mundo explicou a seu modo a doutrina metaphysica de Jesus, de maneira que não derivava d'ella nenhuma obrigação para a vida e por conseguinte nenhuma necessidade para os homens de viverem melhor do que viviam. A Igreja capitulou perante o mundo, e, depois de ter cedido uma vez, deixou-se levar a reboque. O mundo fazia tudo o que lhe agradava deixando á Igreja o cuidado de desembaraçar-se, como podesse, nas suas explicações sobre a significação da vida. O mundo organisava a sua vida d'uma maneira absolutamente contraria á doutrina de Jesus, e a Igreja imaginava compromissos com o fim de demonstrar que os homens, vivendo contrariamente á lei de Jesus, vivem d'accordo com esta lei. D'ahi resultou por fim que o mundo pôz-se a viver uma existencia peor que a existencia dos pagãos e que a Igreja não só justificou essa vida, mas provou que é precisamente n'ella que consiste a doutrina de Jesus.

Mas chegou um tempo em que a verdadeira doutrina de Jesus, que se achava nos Evangelhos, veio á luz não obstante a Igreja que, sentindo-se culpada, procurava abafal-a (por exemplo, prohibindo a traducção da Biblia); veio um tempo em que esta luz penetrou até ao povo por intermédio dos sectarios, mesmo livres-pensadores mundanos, e a falsidade da doutrina

da Igreja veio á luz diante dos homens que começaram a mudar a sua antiga existencia justificada pela Igreja.

Assim os homens, independentemente da Igreja, aboliram a escravidão justificada pela Igreja, aboliram o poder dos imperadores e dos papas, e procedem agora á abolição da propriedade e do Estado. E a Igreja nada d'isto prohibiu nem póde prohibir agora, porque a abolição d'estas iniquidades está conforme essa mesma doutrina christã que a Igreja préga e tem prégado depois de a ter falseado.

Assim a doutrina da vida dos homens emancipou-se da Igreja e ganhou auctoridade independente d'ella. A Igreja guardou apenas as suas explicações, mas explicações de quê? Uma explicação metaphysica só tem importancia quando ha uma doutrina da vida que serve para explical-a. Mas a Igreja não possue mais que a explicação d'uma organisação que ella outr'ora sanccionára e que já não existe; nada tem senão os templos, as imagens, as vestes douradas e as palavras.

A Igreja alimentou a luz da doutrina christã através de dezoito seculos, e querendo occultal-a nos seus vestidos, incendiou-se n'essa luz. O mundo, com a sua organisação santificou-se pela Igreja, repelliu a Igreja em nome d'esses mesmos principios do christianismo que ella involuntariamente nos guardou.

Tudo o que vive é independente da Igreja. O poder do Estado é baseado na tradição, na sciencia, no suffragio popular, na força bruta, em tudo o que quizerem menos na Igreja; as guerras, as relações entre os Estados, apoiam-se no principio de nacionalidade e de equilibrio; a sciencia não só não sustenta a Igreja mas sem querer hostilisa o seu desenvolvimento; a arte que outr'ora servia a Igreja abandonou-a; só o desprezo lhe resta quando a Igreja não contraria a vida humana, e o odio se a contraria. Se a formula que nós chamamos Igreja existe ainda, é unicamente porque os homens receiam quebrar o vaso que outr'ora continha qualquer coisa preciosa. É a unica maneira de explicar a existencia na nossa época do catholicismo, da orthodoxia e das differentes Igrejas protestantes.

A união entre a Igreja e o mundo já não tem razão de ser.

A doutrina da Igreja com os seus dogmas, os seus concilios, a sua hierarchia, está indubitavelmente ligada á doutrina de Jesus Christo. Este laço é como o que liga á mãe a creança recem-nascida; mas assim como o cordão umbilical se torna depois do nascimento pedaço de carne inutil que se enterra com cuidado por respeito pelo que continha, assim a Igreja se tornou um orgão inutil cujo tempo passou, mas que devemos conservar em quaesquer archivos pelo respeito, pelo que foi. Apenas se estabeleceu a respiração e a circulação do sangue, o laço que d'antes era a fonte da nutrição tornou-se um obstaculo. Seriam insensatos os esforços para manter esse laço e forçar a creança que vê a luz a nutrir-se pelo cordão umbilical e não pela bocca e pelos pulmões.

Mas a creança recem-nascida não vive ainda; a vida depende do novo laço que se estabelece entre ella e a sua mae para sua alimentação.

É o que deve acontecer no nosso mundo christão. A doutrina de Jesus deu a luz a este mundo. A Igreja, um dos orgãos da doutrina de Jesus, cumpriu o seu mandato e tornou-se inutil, um obstaculo. O mundo não póde ser guiado pela Igreja, mas a emancipação da tutela da Igreja ainda não é a vida. A vida começará quando o mundo tiver consciencia da sua fraqueza e sentir a necessidade d'um novo alimento. E é o que vai realisar-se no mundo christão: gritará sentindo a sua impotencia, e a consciencia da sua impotencia, a consciencia da impossibilidade de alimentar-se como d'antes, e da impossibilidade d'outro alimento que não seja o leite, ha de leval-o ao seio da mãe farto de leite.

O que se passa no mundo europeu, na apparencia tão seguro de si, tão ousado e decidido, e no fôro interior com tanto susto e desatino, assemelha-se á situação d'uma creança recem-nascida; toca-se-lhe e grita, parece encolerisar-se e não póde comprehender o que ha de fazer. Sente que seccou a fonte do seu antigo alimento mas não sabe ainda onde procural-o de novo,

As artes, a sciencia, a industria, a actividade politica, tudo vive com desusada energia e vigor; mas não vivem ainda porque ha pouco ainda se alimentavam pelo cordão umbilical, a Igreja, por intermédio da qual a verdade da doutrina de Jesus se communicou ao mundo. A Igreja cumpriu a sua tarefa e atrophiou-se, e o mundo deve comprehender que o periodo da antiga alimentação inconsciente acabou e necessita um novo processo de alimentação consciente. E esse novo processo consiste em reconhecer conscientemente a verdade da doutrina de Jesus que outr'ora se infiltrava inconscientemente no mundo por intermédio da Igreja; porque as verdades d'essa doutrina foram sempre a força vital da humanidade.

A doutrina de Jesus não será, porém, contraria á natureza humana? E contra a natureza, diz-se, apresentar a face depois de nos terem dado uma bofetada, dar o que possuimos, trabalhar não para si mas para os outros; é natural ao homem defender a sua segurança, a da sua familia e da sua propriedade, luctar pela propria existencia. Um sabio que estudou direito prova scientificamente que o dever mais sagrado do homem é a defeza dos seus direitos, a lucta.

Mas basta desligar-nos um instante da idéa que a organisação estabelecida pelos homens é a melhor de todas as organisações, que é sagrada, para que a objecção que a doutrina de Jesus é contraria á natureza se volte immediatamente contra quem a fez. Ninguem negará que matar ou atormentar um cão ou uma gallinha que seja, é um soffrimento que a natureza humana reprova. E todavia toda a nossa existencia está organisada de maneira que cada gozo pessoal compra-se por soffrimentos contrarios á natureza humana.

Diz-se ordinariamente que é impossivel por contrario á natureza renunciar á individualidade, confundindo-se a renúncia com a sua submissão á razão e á sua lei. Não se trata de renunciar á individualidade, qualquer coisa de inevitavel e inconsciente como a respiração e a circulação do sangue no animal, o homem não póde renunciar á sua individualidade como não póde renunciar a qualquer outra condição da sua existencia;

mas não póde nem deve tomar essas condições pela vida, consideral-as como o fim ultimo e unico da vida. Não renunciar á individualidade, mas renunciar á felicidade da individualidade, deixar de consideral-a como a vida, eis o que o homem deve fazer para que a felicidade lhe seja accessivel.

Onde porém encontrar a fé para praticar a doutrina de Jesus? A base da fé é a significação que damos á vida e que determina o que n'ella julgamos importante e bom, ou pouco importante e mau; a fé é mesmo a apreciação do bem e do mal.

Para ter fé é preciso não contar com promessa alguma de recompensa e comprehender que o unico meio de fugir ao inevitavel naufragio da vida, é a vida conforme a vontade do Senhor. Quem o tiver comprehendido não procurará mais fortificar-se na fé, mas trabalhará por salvar-se sem necessidade de exhortação alguma.

Quando os discipulos lhe pediam que os fortificasse na fé, Jesus disse: Quando o proprietario volta dos campos com o trabalhador, não lhe ordena que jante logo mas que o sirva e trate o gado, e só depois o trabalhador se senta á meza e janta. O trabalhador faz tudo isto sem considerar-se lesado nem gabar-se dos seus trabalhos, e não pede reconhecimento nem recompensa, porque sabe que assim deve ser e não faz mais do que deve, que aquella é a condição inevitavel da sua existencia e ao mesmo tempo o verdadeiro bem da sua vida. Assim, diz Jesus, quando tiverdes feito tudo o que vos é ordenado, contai que não fizestes mais do que o que devieis. Quem comprehendeu a sua posição relativamente ao Senhor, comprehenderá que só tem a vida emquanto obedece á vontade do Senhor, saberá em que consiste o seu bem e terá esta fé para a qual o impossivel não existe. Eis o que Jesus ensina. A fé, segundo a sua doutrina é baseada sobre a consciencia perfeita da verdadeira significação da vida.

A doutrina de Jesus Christo é a doutrina da verdade: e é por isso que a fé em Christo não é a crença n'um systema sobre a pessoa de Jesus, mas o conhecimento da verdade. Não

podemos persuadir ninguem a crêr na doutrina de Christo, não podemos estimular ninguem por qualquer promessa a pratical-a. Quem *comprehende* a doutrina de Christo *terá* fé n'elle porque esta doutrina é a verdade. E quem conhece a verdade indispensavel á sua felicidade não póde deixar de crêl-a; e é por isso que um homem, que comprehende que se afoga, não pode deixar de agarrar-se á corda de salvação. Assim a pergunta—Que fazer para crêr?—mostra que não se comprehendeu a doutrina de Jesus Christo.

Profundando abstractamente a questão de saber qual das duas situações será melhor, se a dos discipulos de Jesus, se a dos discipulos do mundo, não podemos deixar de reconhecer que é preferivel a situação dos discipulos de Jesus, unicamente porque fazendo bem a todo o mundo não provocarão o odio dos homens. Os discipulos de Jesus não fazendo mal a ninguem só pelos maus podem ser perseguidos; os discipulos do mundo, pelo contrario, devem ser perseguidos por todos, visto que a lei dos discipulos do mundo é a *lei da lucta*, isto é, a perseguição mutua. Quanto aos soffrimentos accidentaes, são iguaes para uns e outros, com a differença de que os discipulos de Jesus estão preparados para elles, e que os discipulos do mundo empregarão todas as suas forças em evital-os, e ainda com a differença de que os discipulos de Jesus, soffrendo, são uteis ao mundo, e os discipulos do mundo não sabem porque soffrem. Raciocinando em abstracto, a situação dos discipulos de Jesus é melhor do que a situação dos discipulos do mundo. Mas acontece assim na realidade?

Lembre-se cada um de todos os momentos dolorosos da sua vida, de todos os soffrimentos physicos e moraes que padeceu e padece, e pense em nome de quem soffreu todas essas calamidades. Em nome da doutrina do mundo ou da doutrina de Jesus? Que todo o homem sincero se lembre bem de toda a sua vida e descobrirá que nunca, nem uma só vez, soffreu praticando a doutrina de Jesus; a maior parte das desgraças da sua vida provieram de que ao contrario da sua inclinação, seguiu a doutrina do mundo que o attrahia.

Não vemos as difficuldades e perigos da pratica da doutrina do mundo, unicamente porque estamos persuadidos de que não póde ser d'outra fórma. Estamos persuadidos de que todas estas calamidades que a nós mesmos infligimos são as condições inevitaveis da nossa vida, e não comprehendemos que Jesus ensina precisamente o modo de nos libertarmos d'ellas e sermos felizes.

Para podermos responder a esta pergunta — Qual das duas condições é melhor?—carecemos de poder desembaraçar-nos d'este falso modo de vêr, e sem premeditação reflectir no que se passa em nós e em torno de nós.

Atravessai as multidões da cidade e observai essas figuras pallidas, doentias e inquietas; lembrai-vos da vossa existencia e da de todas as pessoas cuja historia conheceis, lembrai-vos de todas essas mortes violentas, de todos esses suicidios de que ouvis fallar e perguntai em nome de quem são esses soffrimentos e desesperos que levam ao suicidio? E vereis, por muito que a principio vos espante, que os nove decimos dos soffrimentos humanos são supportados pelos homens em nome da doutrina do mundo, que todos esses soffrimentos são inuteis e poderiam deixar de existir, que a maioria dos homens é martyr *da doutrina do mundo.*

Nas cidades, desde a manhã até á tarde, milhares de homens, esfomeados e esfarrapados, calcam a lama, injuriam-se, odeiam-se e roubam-se uns aos outros; passam parte da noite no jogo e na taberna e o resto nas suas tocas.

Pensai na vida de todos esses homens, na situação que abandonaram para escolher esta outra em que por si se collocaram; pensai no trabalho sem treguas que pesa sobre essa gente, homens e mulheres, e vereis que são verdadeiros martyres.

Todos abandonaram a sua casa, o seu campo, os seus parentes, os seus paes, e muitas vezes as mulheres e os filhos; renunciaram ao que constitue a vida e vieram para as cidades adquirir o que, segundo a doutrina do mundo, passa por indispensavel a cada um d'elles. E todos esses desgraçados que se contam ás dezenas de milhares dormem em abrigos de noite e

nutrem-se com aguardente e alimentos pôdres. A começar pelos operarios das fabricas, os cocheiros, as costureiras e as *lorettes* até aos mercadores ricos e aos ministros com as suas mulheres — todos soffrem a existencia mais penosa e mais anormal sem ter podido adquirir o que passa por lhes ser indispensavel, segundo a doutrina do mundo.

Procurai entre estes homens, do ricaço ao maltrapilho, um que se contente com o que ganha para ter tudo o que considera indispensavel segundo a doutrina do mundo, e não encontrareis um por mil. Cada um esgota-se querendo adquirir o que lhe é inutil, mas que é exigido pela doutrina do mundo e por cuja falta se sente desgraçado, e apenas alcançou este objecto deseja outro, depois um outro ainda e assim dura sem fim este trabalho de Sisypho, que destroe a vida dos homens. Attentai na escala das fortunas desde os individuos que têm para dispender 300 rublos por anno até aos que têm 50:000, e raro encontrareis algum que não se consuma e vergue sob o esforço feito para ganhar 400 se tem 300, 500 se tem 400 e assim seguidamente.

Não ha um só que possuindo 500 rublos adopte voluntariamente o genero de vida do que tem 400. Quando este facto se encontra, vemos que não tem por causa o desejo de facilitar a existencia, mas sim o de amontoar dinheiro e collocal-o com segurança. Cada um quer carregar cada vez mais o fardo já muito pesado da sua existencia, e entregar a sua alma inteira e sem reserva á doutrina do mundo. Hoje compra-se uns sapatos e um casaco, amanhã um relogio e uma cadeia, depois de amanhã habita-se uma sala com ottomana e lampada de bronze, depois compram-se tapetes, vestidos de velludo, uma casa, trotadores, e quadros e molduras, depois adoece-se consumido por um trabalho excessivo — e morre-se. Um outro continua a mesma tarefa e sacrifica a sua vida a este mesmo Moloch: — morre sem elle mesmo saber porque viveu d'esta fórma.

Mas talvez esta existencia encerre qualquer attractivo? Comparemol-a com o que os homens sempre chamaram a

felicidade e vereis que é abominavel. Com effeito, quaes são as condições principaes da felicidade, aquellas a que ninguem fará objecção?

Uma das primeiras condições de felicidade geralmente admittidas é uma existencia que não rompa os laços do homem com a natureza, isto é, uma vida em que goze do céo, do sol, do ar puro, da terra coberta de vegetaes e povoada de animaes. Em todo o tempo os homens consideraram uma grande infelicidade estarem privados d'isto. Vêde pois o que é a existencia dos homens que vivem segundo a doutrina do mundo; quanto mais felizes, mais privados estão d'estas condições de felicidade, quanto maior é o seu successo mundano, menos goza da luz do sol, dos campos, do arvoredo, da vista dos animaes domesticos e selvagens. Muitos d'elles, quasi todas as mulheres, chegam á velhice sem terem visto mais de duas ou tres vezes na sua vida o nascer do sol, a manhã, e sem nunca terem visto os campos e as florestas senão da sua carruagem ou d'um wagon do caminho de ferro; nunca plantaram nem semearam coisa alguma, nunca crearam nem uma vacca, nem um cavallo, nem uma gallinha e não têm a menor idéa da maneira por que nascem, crescem e vivem os animaes.

Esta gente não vê senão tecidos, pedras, madeiras talhadas pelo trabalho dos homens, e isso mesmo não é á luz do sol mas sob uma illuminação artificial; não ouvem senão o ruido das machinas, das equipagens, dos canhões, o som dos instrumentos de musica; respiram perfumes distillados e o fumo do tabaco; comem, graças á fraqueza dos seus estomagos e ao seu gosto depravado, alimentos na maior parte pesados e fermentados. A sua deslocação d'um logar para outro não muda a sua situação; viajam em caixas fechadas. No campo, em qualquer parte para que vão, têm sempre debaixo dos pés os mesmos tecidos, as mesmas pedras; as mesmas tapeçarias lhe occultam a luz do sol, os mesmos creados, cocheiros e porteiros lhe interceptam toda a communicação com os homens, a terra, a vegetação, os animaes. Para qualquer parte que vão, estão privados como captivos d'estas condições de felicidade. Como

os prisioneiros se consolam com a pequenina herva que cresce no pateo da sua prisão, com uma aranha ou um morcego, assim esta gente consola-se algumas vezes com plantas de casa estioladas, com um papagaio, um cão, um macaco que da mesma fórma não criam nem alimentam por suas mãos.

Uma outra condição indubitavel de felicidade é o trabalho; primeiramente o trabalho que escolhemos livremente e que amamos, em segundo logar o trabalho physico que dá appetite e um somno tranquillo e profundo. Muito bem, aqui ainda, quanto maior é parte d'esta pretendida felicidade que cabe aos homens segundo a doutrina do mundo, mais esses homens estão privados d'esta condição de felicidade. Todos os felizes do mundo, os dignitarios, os ricaços, estão completamente privados de trabalho como os prisioneiros e luctam sem resultado com doenças provenientes da ausencia de trabalho physico, assim como com o enfado que os persegue (digo sem resultado, porque o trabalho só é um prazer quando é necessario e elles não têm necessidade de coisa alguma), ou então fazem um trabalho que lhes é odioso, como os banqueiros, os procuradores, os ministros e as suas mulheres que organisam bailes e festas, e imaginam toilettes para si e para seus filhos (digo odioso porque nunca encontrei entre elles ninguem contente com o seu trabalho e que se occupasse d'elle com uma satisfação igual pelo menos á do porteiro que limpa a neve diante da casa). Todos estes favorecidos da fortuna estão ou privados de trabalho ou ligados a um trabalho de que não gostam, quer dizer, acham-se na situação dos condemnados aos trabalhos forçados.

A terceira condição indubitavel de felicidade — é a familia. Pois bem, quanto mais os homens são escravos dos successos mundanos menos partilham d'essa felicidade. A maioria são libertinos que renunciam scientemente ás alegrias da familia e d'ella só têm os cuidados. Se não são libertinos, os filhos não são uma alegria para elles, mas um fardo, e privam-se d'elles, esforçando-se por todos os meios, às vezes os mais crueis, por tornar a sua união infecunda. Se têm filhos, privam-se da alegria de estar em communhão com elles.

Conforme os seus costumes, devem confial-os a estranhos a maior parte do tempo; ao principio, a homens completamente estranhos á sua nação, depois a estabelecimentos de instrucção publica, de maneira que da vida de familia não têm senão os pezares dos filhos que desde a sua juventude se tornam tão desgraçados como os paes, e que relativamente a estes só têm um sentimento, desejar-lhes a morte para recolher a herança. Não estão fechados n'uma prisão, mas as consequencias do seu genero de vida, relativamente á familia, são mais dolorosas que a privação da familia que se inflige á gente fechada nas prisões.

A quarta condição da felicidade — é o commercio livre e affectuoso com os homens que povoam o mundo. Pois quanto mais alto se está na escala social, maior é a privação d'esta condição essencial da felicidade. Quanto mais se sobe mais se estreita o circulo das relações, que nos é permittido sustentar; quanto mais se sobe mais baixo é o nivel intellectual e moral dos homens, que formam o circulo das nossas relações.

O lavrador com a sua mulher tem a liberdade de entrar em relações com qualquer, e se um milhão de homens não querem ter nada de commum com elles, restam-lhes oitenta milhoes de operarios com quem podem fraternisar de Archangel a Astrakan, sem esperar visita ou apresentação. Para um empregado e para a sua mulher ha centenas de homens que são seus iguaes; mas os empregados superiores não os admittem e por sua vez estes excluem os seus inferiores. Para um homem do mundo opulento e para sua mulher, só existem algumas dezenas de familias da sociedade; o resto é-lhes estranho. Para o ministro, para o ricaço e para as suas familias não ha mais do que dez pessoas tão ricas e importantes como elles; para os imperadores e reis, o circulo é mais estreito ainda. Não é a detenção cellular que só admitte ao prisioneiro relações com dois ou tres carcereiros?

Emfim, a quinta condição da felicidade, é a saude e a morte sem doença. E novamente quanto mais alto um homem subiu na escala social mais privado está d'esta condição de felicidade.

Observe-se e compare-se um casal de fortuna mediana na sociedade, e um casal de gente do campo nas mesmas condições; não obstante as privações e o trabalho pesado da gente do campo, não por sua culpa mas graças á injustiça da sorte que lhe dámos, encontrareis n'estes só homens e mulheres robustos, nos outros homens e mulheres cada vez mais doentes. Enumerai na memoria os ricaços e suas mulheres que conheceis e tendes conhecido, e vereis que a maioria se compõe de doentes. Entre estes um homem robusto que não se trate constantemente e periodicamente no verão é uma excepção tão rara como um doente entre os trabalhadores. Todos estes favorecidos da fortuna começam pelo onanismo que se tornou nos seus costumes uma condição natural de desenvolvimento. Estão todos desdentados, brancos ou calvos, n'uma idade em que o operario começa a adquirir todo o seu vigor. Quasi todos são affligidos por doenças de nervos, do estomago ou das partes genitaes, provenientes de excessos de gula, de embriaguez, de luxuria ou de tratamento medico perpetuo; e os que não morrem novos passam metade da sua existencia a tratarem-se, a injectarem-se com morphina, e tornam-se desgraçados entrevados, não podendo subsistir por si e tendo uma existencia de parasitas como as formigas que são alimentadas por escravos. Vejam-se os mortos: um suicida-se, outro apodrece de syphilis, outro roido de vermes, e innumeros miseraveis morrem de excessos sensuaes de toda a ordem. Uns sobre outros morrem victimas da doutrina do mundo. E atraz d'elles vai correndo a multidão; como martyres, caminha ao encontro dos soffrimentos e da perdição.

Uma vida atraz da outra é lançada debaixo do carro d'este idolo, o carro passa esmagando as suas existencias, e novas victimas precipitam-se em massa debaixo das rodas com maldições, gemidos e lamentos!

A doutrina do mundo é pois mais difficil, mais perigosa e mais cruel que a doutrina de Jesus.

II

Se o leitor seguiu no paragrapho antecedente a exposição dos pontos capitaes da doutrina de Tolstoi, ou que se me afiguram capitaes, terá percebido que se referem a tres ordens de idéas differentes posto que dependentes: primeiro a discussão do que seja a vida, depois a Igreja christã e finalmente a civilisação contemporanea, consideradas estas materias na sua dependencia real e logica.

O homem aspira ao bem; a expansão da sua natureza animal não póde dar-lhe senão o soffrimento que termina na morte; é necessario procurar fóra d'ella o bem a que aspiramos e que encontramos na submissão d'essa natureza animal á razão, cuja lei de actividade é o amor; este é a vida e só attingindo este estado alcançaremos a felicidade e o bem; entreguemo-nos pois sem reserva ao que nos fará felizes e tranquillos.

Quem alguma vez soffreu e intimamente perguntou para que lhe servia a existencia, reconhecerá a verdade d'esta concepção da vida que constitue o ponto inicial das doutrinas de Tolstoi. Reveja cada um na memoria todas as horas da sua existencia e se as teve amargas, se teve já uma grande dôr em que, anciando pelo somno eterno, tivesse estado á beira do suicidio, recordar-se-ha que foi um motivo de amor, uma ligação externa, independente do interesse da sua individualidade, que o amparou e lhe prendeu as mãos para cortar a existencia; que fosse o amor d'um pae, d'um irmão, d'um filho, pouco importa o objecto, o essencial é reconhecer que houve um momento em que a existencia lhe foi tão penosa, que desejaria terminal-a, e todavia manteve-a para a consagrar a estranhos.

Que este estado se tenha dado uma só vez que seja e é quanto basta para comprehendermos que individualmente, como aggregação material constituindo um individuo vivendo para si, somos nada, a existencia não se justifica, não vale as suas dôres; e só á maneira que nos desligamos do proprio individuo

para ligar e consagrar a sua existencia aos outros, só pela communhão progressiva na familia, na patria, na humanidade e em Deus poderemos justificar a existencia e aferir o valor do individuo.

Fallo porém aos que soffreram, porque a lei de Deus, o amor, é uma revelação feita no soffrimento e na experiencia da vida, luz intima que só póde surgir na dôr tirada do sangue do proprio coração, e que nenhum conselho, nenhum ensino, póde transmittir-nos; cria-se, não se recebe das mãos dos homens. D'ahi vem o erro de Tolstoi quando accusa a Igreja de embaraçar a diffusão do christianismo pelos mythos que acompanham o seu ensino e d'ahi vem a nenhuma influencia dos livros philosophicos do auctor sobre a sociedade russa, conforme asseveram os escriptores que melhor conhecem aquelle povo; as palavras não podem dar o que ha de vir do proprio esforço, da experiencia, condição inalteravel da comprehensão da vida. Responder-me-hão apontando os prophetas e precursores do christianismo, e eu direi que elles foram não agentes mas symptomas da larga transformação que derivava da experiencia das sociedades na civilisação e na historia; a experiencia não se refere apenas ao individuo, refere-se igualmente ás sociedades e esses, cujas palavras nos diziam o que era a vida, não ensinavam, apenas definiam em termos precisos o que no pensamento existia e se vinha elaborando obscura, lenta e vagamente. É assim de todos os prophetas, é assim de todos os precursores, em todos os tempos e em toda a ordem de idéas; são espiritos em que primeiro se revela o pensamento, que outros contêm, inconsciente, como necessidade indeterminada.

Não é este todavia, a meu vêr, o erro principal das doutrinas de Tolstoi; nem podia sel-o pois se refere a um incidente de pratica e diffusão da verdade. Examinemos a propria substancia da sua doutrina, e reflectindo veremos que injustamente põe de parte qualquer elemento essencial na comprehensão da vida.

O seu erro está não na affirmação do principio superior da vida que reconhecemos verdadeiro, mas na negação d'um prin-

cipio parallelo subordinado, o seu erro não está em dizer-nos que o amor é a lei da actividade, a sua religião, mas sim em recusar attender as indeclinaveis necessidades individuaes e d'ahi tirar a condemnação de instituições e dependencias que chamámos civilisação.

O amor, a perfeita e absoluta communhão em Deus, suppõe o aniquilamento da familia, da patria e de tantissimos laços sociaes, dando logar ao imperio d'uma lei unica que regula as relações do homem com toda a natureza organica e inorganica, e Tolstoi, como se vê dos seus livros e ouvi da sua bocca, é muito logico quando rejeita a divisão do mundo em nações e estados, e ataca a familia dizendo-nos que «o homem, que renunciou ao bem da individualidade, não se inquieta a saber se existe um amor preferivel ao que o solicita, mas abandona-se e consagra a sua existencia ao amor que está ao seu alcance e vê diante de si.» Mas logo se contradiz quando limita esse amor, quando reconhece a necessidade do casamento e condemna o adulterio, iniciando ahi a repartição e a convenção. Pois se o amor é a lei unica, porque não reconhecer como iguaes para mim os meus filhos e os filhos alheios, a propria mulher e a dos estranhos? Para que repartir dando uma mulher a cada homem? Para evitar o mal que provém do adulterio, o odio e o sangue que espalha entre os homens, responde-me. Mas uma vez iniciada a repartição, e a propria fraqueza humana, o limite da força, induz no limite do trabalho e do amor, uma vez presente ao espirito humano a idéa de posse, a idéa do *meu* e do *teu*, porque motivo limital-a a certas necessidades sensuaes e não a estender a todos os demais bens, á repartição do trabalho e da terra? As razões que podem allegar-se n'um caso e que se resumem em evitar o mal entre os homens, podem igualmente allegar-se para as outras necessidades humanas; e evidentemente Tolstoi, tão ousado nas suas conclusões logicas, não teve coragem de affirmar a ultima e mais perigosa. Não é a logica que governa o mundo nem póde governal-o desde que a vida participa de duas naturezas differentes que chamarei divina e humana; significando por estes dois termos o desenvol-

vimento individual na sua capacidade animal e organica, e a subordinação do individuo a um principio racional, inorganico.

A vida é pois um equilibrio entre duas forças oppostas, e Tolstoi implicitamente reconhece esta verdade quando incorpora nos mandamentos da lei de Deus a fidelidade conjugal, porque d'esta fórma se satisfazem os instinctos sensuaes e simultaneamente se evita o mal entre os homens; ora desde o momento em que formulamos regras para uma determinada ordem de acções, porque não havemos de formulal-as tambem nas demais ordens da actividade humana? Tolstoi reconhece o dualismo da natureza humana, e subordinando a vida a um principio unico, abandona ao acaso a actividade do principio opposto. Este é o pensamento que lhe faz condemnar toda a organisação social existente, contradizendo-se porém quando reprova o adulterio e julga o casamento indeclinavel necessidade de ordem.

Ora a sciencia e a historia, o conhecimento das leis da actividade animal em si e no seu exercicio em todos os tempos, provam-nos que o caracter que distingue as sociedades humanas da vida puramente animal é a sujeição consciente ou inconsciente das leis naturaes a um regimen de convenção com um fim superior, eterno. Em todos os tempos historicos encontramos certa repartição dos bens do mundo e certa dependencia dos homens entre si com o fim de manter na sociedade o amor e a paz; e ao mesmo tempo os que mais têm meditado sobre a natureza animal de toda a creação vêm dizer-nos que o moderador da lucta pela existencia entre os homens é esse mesmo regimen de convenção que enfreiando todas as paixões nos impede de descermos á pura animalidade. Tão espontaneo e natural é semelhante estado que só uma adiantada capacidade intellectual do individuo e das sociedades pôde sentil-o conscientemente; pois em tempos primitivos e presentemente para os espiritos incultos revela-se como necessidade inconsciente, tradição e costume aceites sem replica ou reflexão, instinctivamente reconhecidos necessarios. Só muito tarde, nos ocios do animal satisfeito, repousado o corpo com a riqueza amontoada, e enriquecido o espirito com as longas meditações transmittidas

de geração em geração, só muito tarde o homem vê bem a lucta que vai dentro de si, induzido por mil instinctos ao desenvolvimento e á conservação individual, e por outro lado levado a desinteressar-se d'esse primeiro impulso por uma força mysteriosa. No apparecimento d'essa força o critico vê apenas um phenomeno como a respiração e a circulação do sangue, de tanta importancia e valor como os demais phenomenos; mas a maioria dos homens sente-a imperativa e absoluta, e a vida apparece-lhe como um equilibrio instavel, voltando ao mesmo norte, ao mesmo rumo, á mesma obediencia, a essa *vis intima*, mysteriosa e desconhecida através de todos os desvairamentos, de todas as vicissitudes da fortuna. Em dias de tempestade a agulha magnetica que através das ondas temerosas guia o marinheiro ao porto onde vai repousar seguro, desvia-se, endoidece e ás vezes mesmo os pólos invertem-se, e conduz ao naufragio em logar de conduzir á salvação; mas tarde ou cedo o erro se conhece, para alguns tão tarde que as trevas da morte são inevitaveis, para outros a tempo de salvarem-se seguindo em luminosa esteira. Assim vai a vida humana guiada pelo amor; desvaira-se e perde-se no meio das paixões e ás vezes tanto enlouquece que sem norte, sem rumo, vai perder-se nas trevas do egoismo animal, insensato e cruel; mas tarde ou cedo descobre o erro e avista novo horisonte que ha de guial-a, para uns tão tarde que já não ha salvação, para outros a tempo ainda de alcançarem o repouso e a luz da vida eterna.

Este equilibrio fundamental da natureza humana traduz-se praticamente por compromissos de differente natureza, já individualmente na diversidade de caracteres moraes conforme circumstancias de clima, de raça, de profissão e de hereditariedade e tantas outras, já socialmente na diversidade de instituições. D'estas talvez nenhuma tenha tão accentuados caracteres de compromisso como a Igreja christã, e Tolstoi, negando o equilibrio, logicamente a condemna por não encontrar n'ella a traducção exacta da doutrina christã.

Confundindo uma instituição com um principio absoluto, não vê que pelo proprio facto de ser absoluto é inaccessivel,

pois necessita dar logar a actividades simultaneas concorrentes. Assim pasma de que a Igreja santifique em certo modo os tribunaes, as guerras e muitos outros actos e instituições que prejudicam a pratica da doutrina de Jesus, o amor entre os homens; mas esses actos e instituições de facto procedem de um outro principio e a Igreja não faz mais do que reconhecel-os, dando-lhes um logar de facto indisputavel. Os sacramentos, as ceremonias e ritos da Igreja são ainda instituições alheias ao principio fundamental da vida, mas uma necessidade da natureza humana, sendo certa a tendencia a traduzir em actos todos os sentimentos; e quando estes não encontram immediatamente expressão nos actos mais ordinarios da vida, é forçoso que criemos por convenção actos que lhes correspondam. O baptismo, a confissão, a communhão, a extrema-uncção e outras ceremonias e sacramentos, marcam de facto momentos importantes na vida; conheço poucas ceremonias que tão intimamente nos penetrem como é a da communhão, recordando-nos a humildade e o erro que só a voz de Deus póde sanar. O materialismo reinante riu-se de todo o ceremonial da Igreja e a breve trecho cahiu no mesmo viver, substituindo os santos pelas estatuas de sabios, as procissões religiosas por cortejos civicos e as festas annuaes pelos centenarios e commemorações de toda a especie. Diz-se que o ritual da Igreja e os seus templos muito devem ao paganismo; e não será menor a divida do materialismo á Igreja. É que na verdade não ha doutrina philosophica e religiosa que possa alterar a natureza humana, e que possa por conseguinte banir a necessidade de dar fórma externa a todo o sentimento.

Por isso a Igreja subsiste com todas as suas contradicções, fundindo n'um mesmo corpo mythos da creação do mundo, christianismo e tantas outras necessidades humanas de differente especie. Subsiste por isso mesmo que contém não a média mas elementos diversos da natureza humana.

Não fallarei da sua evolução historica, não discutirei em que pontos e até onde a Igreja devia transformar-se para melhor se adaptar ás differentes civilisações, discussão interminа-

vel que careceria de longo estudo e cuja conclusão ficaria sempre dependente do valor particular que cada um désse á idéa de conservação. Pretendo apenas que, abstractamente considerada, a existencia da Igreja é de todo o ponto justificada e natural.

Vindo finalmente a discutir os prazeres do que chamamos civilisação, comparados com os que nos offerece uma vida segundo a doutrina de Jesus, Tolstoi aponta com inteira clareza o erro capital do viver do nosso tempo, o divorcio entre a natureza e o homem, o repudio fatal do amor da terra. São dois os grandes males que semeiam de dôres a nossa vida contemporanea: um, de natureza moral, é o desconhecimento do que seja a vida, a treva religiosa, que desprendendo-nos de um apoio com que possamos calcar todas as vaidades, nos deixa constantemente á mercê da tortura das insaciaveis ambições de toda a especie; o outro, de natureza animal, é o rompimento dos laços que prendem o homem á terra, modos de viver tão absolutamente artificiaes, que breve conduzem á debilidade e ao soffrimento physicos, á esterilidade e á morte prematura.

Com effeito, um dos caracteres do nosso tempo é a distancia cada vez mais longa interposta entre o homem e a natureza; essa vida primitiva em que o homem tirava da terra o pão de cada dia á custa do proprio esforço, é cada vez menos frequente. Milhares e milhares de pessoas nunca pisam senão a terra que os homens cobriram de pedra ou de madeira, nunca semearam um só grão de trigo; a riqueza accumulada, as sobras das gerações que nos precederam, junta á economia do trabalho humano que o nosso engenho fez por meio das machinas, estas e outras causas secundarias permittiram a muitos que do nascimento á morte existam sem propriamente trabalharem, considerando como o trabalho por excellencia a creação do pão. D'essa riqueza vem a dissipação da actividade humana; dissipa-se o sentimento no amor d'um gato, d'um cão ou d'um papagaio, dissipa-se mesmo n'um exaggerado culto dos mortos ou n'uma dedicação imbecil e egoista aos vivos, dissipa-se a intel-

ligencia empregando-a nos mais futeis estudos, e dissipa-se a força physica em inauditos esforços de toda a especie, na devassidão e em peloticas a que se chama *sport*. A habitação moderna é d'um extremo ao outro uma revelação de ociosidade na inadaptação dos moveis a qualquer fim que não seja o prazer; os instrumentos do trabalho degeneram em objecto de adorno, a idéa de trabalho substitue-se pela idéa de goso. Consomem-se existencias inteiras a descobrir combinações de alimentos que não deixem cessar o appetite; e este que deveria vir da necessidade de reparar as perdas organicas produzidas pelo trabalho, que deveria ser um indicio natural para a conservação da existencia, procura reduzir-se a um instrumento de prazer.

Mas a natureza não perdôa uma vida tão inteiramente anormal e por isso com esta depravação coincidem a tuberculose, a dyspepsia, a syphilis e tantas outras molestias que sem cessar lançam á sepultura a gente pervertida, não obstante os esforços estereis e as ephemeras esperanças dos que anceiam por dar-lhe remedio sem alterar o viver presente. Se o mundo podesse ser convertido em cidades, como as que vemos presentemente, a humanidade correria á sua propria aniquilação; mas foi a terra que nos creou, somos seus filhos e não perdôa aos que se apartam do seu seio e vão beber um outro leite envenenado e dôce. Esses succumbem victimas do seu crime e por isso a civilisação moderna tal qual está, encerra dentro de si a propria condemnação a que só poderão fugir os que se mantiverem fieis ao amor da terra; e essa lei da selecção natural que o homem de genio, que se chamou Carlos Darwin, formulou tão claramente, mais uma vez ha de realisar-se para bem da humanidade, banindo da terra os depravados e entregando-a aos que nunca a esqueceram.

Perguntam-me talvez o que será então da civilisação e dos thesouros de saber que accumulou? Decerto não morrerão estando tão largamente disseminados; mas decerto tambem a fórma actual da civilisação é physiologicamente insustentavel e novas formas deverão surgir. Quaes? Quem sabe se estaremos

mesmo destinados a um regresso a qualquer coisa de barberie ?!

Seja porém qual fôr esse destino luturo e ignorado ainda, bem hajam os que como Millet e Tolstoi, com toda a luz brilhante do seu genio, sentiram a eterna epopêa do trabalho da terra e nos inspiraram uma vida isenta de ambição e de odio, repousada, tranquilla e santa. E é sem duvida symptoma importante e grave que no fim d'este seculo, em meio de tamanho frenesi e escuridão, essa luz tenha podido brilhar.

Jayme de Magalhães Lima.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VIII

O REGENTE

Ora voltemos atraz, acercando-nos do termo da historia d'estas vidas, para contar como as coisas se passaram logo que D. Duarte morreu. Taes casos, monotonamente tristes, ensinar-nos-hão muito ácerca dos motivos que em geral inspiram os homens, permittindo-nos vêr até ao fundo o caracter pessoal dos infantes que restam.

O rei tinha seis annos apenas quando o pae lhe morreu; e a mãe, viuva, sempre inimiga do cunhado D. Pedro, teimava agora em imaginar que era seu proposito substituir o sobrinho no throno [2]. A rivalidade antiga, originada no casamento com a filha do conde de Urgel, azedára-se nas divergencias de opinião ácerca de Tanger, exacerbando-se com a popularidade do infante e com as queixas contra ella, rainha, provenientes do proprio resultado da funesta expedição. Não parece que D. Leo-

[1] Continuado da pag. 217, do numero de fevereiro.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, II. V. tambem, Azurara, *Conq. de Guiné*, XI.

nor fosse mais do que uma d'estas mulheres pequeninas d'alma, em quem o despeito impera, e o mau genio leva a fazer tolices sempre que podem.

D. Henrique estava ausente em Sagres; D. João doente de febres em Alcacer do Sal, que lhe pertencia pelo mestrado de Santiago; o conde de Barcellos pelo norte, nas suas terras: só D. Pedro se achava ao lado da rainha, quando ella enviuvou. Aberto o testamento que a nomeava regente do reino, reuniu-se o conselho, votando-se em sentido contrario pela entrega do poder aos tres infantes D. Pedro, D. Henrique e D. João. «para a rainha se não vêr forçada a deixar-lhes o governo movida por forças maiores». Esta decisão brutal maguou, como é de vêr, a viuva; mas offendeu mais ainda o conde de Barcellos que vinha correndo para o sul, a disputar um quinhão de influencia e poder. Com os seus sessenta annos, riquissimo, levára a vida ruminando o despeito a que o impellia a posiçao subalterna de bastardo. Via agora chegado o momento de, na velhice, obter a desforra d'uma existencia tanto mais azeda quanto maior era o seu effectivo poderio. Em Ceuta, os irmãos tinham sido armados cavalleiros: e elle? Em Tavira, tinham sido elevados a duques: e elle? Com D. Duarte, eram quasi reis: e elle? Terras, dinheiro, vassallos, nada lhe faltava, pois juntára aos haveres proprios a herança do Condestavel, seu sogro; mas essa posição eminente na côrte, primacial na nobreza, não lhe satisfazia o orgulho obscuro. Queria tambem ser principe, estar nos degraus do throno. E por isso vinha do norte, esbaforido, a jornadas forçadas; emquanto do sul vinha tambem com ambições d'outra ordem o infante D. Henrique. A morte do rei D. Duarte congregava os actores do drama que ia representar-se.

D. Pedro, no vigor da vida [1], na plenitude da sua intelligencia lucida, com aquella serenidade d'um animo superior ás coisas porque as raciocina, aconselhava lealmente a rainha, sabendo bem que os seus conselhos não seriam seguidos. Começa

[1] 46 annos.

agora o equivoco inherente á disparidade do espirito de ambos: d'elle que percebia os limites da capacidade da cunhada; d'ella por não poder comprehender o alcance do pensamento d'um homem que a irritava, ferindo-lhe inevitavelmente o amor proprio com o simples facto da sua superioridade. Nos primeiros momentos de confusão, a rainha, dolorida com a sua viuvez, entregou-se aos dois cunhados, D. Pedro e D. Henrique, pedindo-lhes que estudassem o que se devia fazer já, deixando a solução do resto ás côrtes convocadas para Torres Novas. Acclamar D. Affonso V era urgente; e D. Pedro fel-o, não sem recommendar a mestre Guedelha, o physico e astrologo da côrte, que regulasse a ceremonia segundo as influencias e cursos dos planetas, fixando a melhor hora, para não succeder outra vez o que succedera em 1433 e tanto impressionára o povo. D. Pedro entendia que este preito á crença popular era necessario, e dava-o por lealdade, embora um tanto facticia, pois, de si para si, não acreditava na influencia dos astros. Este pequenino caso revela outra vez o equivoco a que a sua propria superioridade o condemnava, e que tão funesto lhe seria. Como philosopho, propunha-se guiar o barco do estado lealmente: não segundo as inclinações espontaneas do seu genio, pessimistas e por isso inadequadas, mas sim conforme os preceitos objectivamente dictados pelo pensamento. Não ha palavra para definir com exactidão este estado psychologico em que a lealdade, completa nas intenções, não o é nos juizos; em que não ha hypocrisia por não existir fim occulto diverso do que se prosegue, mas em que tambem não ha franqueza absoluta porque o homem intimo se mantem fechado e impenetravel. O poeta pessimista que conhecemos, era agora ao mesmo tempo o politico, por um acto da vontade reflectida, não por um movimento espontaneo do temperamento; e esta dualidade, em que se desdobrava o espirito do infante, havia de por força trazer-lhe resultados funestos, pois o commum da gente não attinge estes caprichos da natureza com a simplicidade inteira da intelligencia corrente; e porque o interesse explora com vantagem as contradicções e os enigmas. Foi o que o conde de Barcellos e seu

filho, o de Ourem, fizeram depois, levando facilmente o rei a considerar traidor seu tio e sogro, e precipitando D. Pedro no abysmo da loucura.

Não precipitemos, porém nós, os acontecimentos.

A rainha, preoccupada com a idéa de que D. Pedro queria usurpar o throno ao pequenino rei Affonso, tirar-lh'o, matal-o talvez, para lhe succeder, ficou pasmada quando D. Pedro lhe fallou em declarar e jurar herdeiro presumptivo da Corôa o infante D. Fernando, irmão mais novo do rei, que tinha apenas cinco annos; e tão pasmada, que n'um d'estes movimentos excessivos de volubilidade feminina, de mais a mais frequentes na gravidez (a rainha enviuvára n'esse estado [1]), logo alli tratou o casamento de Affonso V com a filha, tambem creança ainda, do infante D. Pedro. Jurou-se pois herdeiro presumptivo o infante D. Fernando, precisamente aquelle que D. Henrique perfilhára, cumprindo a promessa feita antes de Tanger, e ficou tratado o casamento do rei com D. Isabel [2].

Mas n'isto chegou á côrte, esbaforido, o conde de Barcellos. Contando com a inimizade da rainha e de D. Pedro, architectára sobre essa hypothese os planos da sua ambição, propondo-se casar o rei com a neta, Isabel tambem, filha do infante D. João, para se introduzir d'esse modo na alcova do paço, e d'ahi reinar. Á maneira que as monarchias se enraizavam com o absolutismo do direito romano, as questões familiares dos dy-

[1] Em nove annos de casada, a rainha déra oito filhos ao rei; mas tres não vingaram: D. João, o primogenito (1429), que morreu de tenra idade, D. Maria (1432), fallecida á nascença, e D. Duarte (1435), que morreu pequeno. Os orphãos de D. Duarte eram portanto cinco: D. Philippa (1430), fallecida de nove annos no immediato á morte do rei; D. Affonso V (1432-81), D. Fernando, perfilhado pelo tio e que herdou d'elle o titulo de duque de Vizeu (1433-70), D. Leonor que casou com o imperador da Allemanha (1434-67) e D. Catharina (1436-63) — cinco creanças de nove annos a dois. A rainha estava gravida de D. Joanna (1439-75), filha posthuma, que depois foi rainha de Castella.

Além dos filhos legitimos, D. Duarte deixou um filho natural de D. Joanna Manoel, o bispo da Guarda D. João Manoel que veio a fallecer em 1476.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, II a VI.

nastas tomavam um valor politico eminente. Astuto e dissimulado, porém, como homem que ruminára o seu despeito durante sessenta longos annos, o conde de Barcellos não fez escandalos. Pelo contrario, celebrou a excellente paz que encontrava na côrte; e foi logo d'alli vêr-se com o arcebispo de Lisboa, D. Pedro, figadal inimigo do seu homonymo, e a quem a rainha dava grande fé. Desabafou com elle [1]. Talvez do arcebispo viesse o plano da Liga contra D. Pedro, porque ainda lhe queria mais mal do que o conde. Fosse de quem fosse a idéa, certo é que para servir os intentos do conde de Barcellos, e tambem os seus proprios, os fidalgos do reino, quasi todos, se ligaram sob a presidencia de Vasco Fernandes Coutinho, que depois foi conde de Marialva, e na vespera do dia das côrtes, reunidos n'uma igreja em Torres Novas, juraram alliança contra D. Pedro — o que todavia não impediu muitos d'elles de se bandearem com o regente quando as coisas lhe deram vencimento. Juraram os da liga um pacto ou compromisso escripto, cuja perda é muito para sentir, pois a franqueza ou cynismo com que estava feito seria eminentemente instructiva para a historia. Não queriam o governo de D. Pedro, porque, sendo como era justo e amigo do povo, inclinaria contra elles. A nobreza, com effeito, decahida da sua antiga eminencia, agora que as condições do tempo subalternisavam a funcção da defeza nacional e com ella o caracter militar da sociedade, conspirava para rehaver illegitimamente uma influencia que de direito possuíra. A monarchia, representada no infante D. Pedro, apoiava-se no interesse publico, e no povo como classe. A sociedade apparecia outra. Na Idade-Média existira semelhante a essas formas rudimentares da animalidade, os annellides, justaposição, amalgama ou federação de entidades autonomas; agora, na Renascença, levanta-se como um cupula ideal, em que todos os segmentos têm um logar indispensavel, em que a unidade e harmonia da composição são absolutas, em que o rei é a chave da abobada politica. Ao pensamento dos principes o Estado appa-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, VIII.

rece como uma obra d'arte, uma creação do espirito, animada pela idéa da utilidade social.

Bem vimos como esta idéa, esboçada já no pensamento iniciador de D. João I, se formulava nitidamente no espirito de D. Pedro. O drama que agora começa, primeiro episodio da revolução politica da Renascença em Portugal, mostra-nos como o bastardo de Barcellos, encarregando a outro o papel do duque de Guise, pela posição equivoca em que o nascimento o collocava, foi todavia o chefe da nobreza rebelde; mostrando-nos tambem como o povo tinha o sentimento claro do caracter do movimento revolucionario.

Não queriam os conjurados o governo de D. Pedro, e declaravam francamente quererem o da rainha porque, sendo estrangeira e mulher, lhes deixaria a elles o usufructo do reino. Certos do apoio do conde de Barcellos, diziam ter o do infante D. Henrique; o que não é provavel, pois o infante, bem o sabemos, dava importancia menor ás questões da politica do reino — embora, ao expirar, a mãe lhe tivesse commettido a defeza da fidalguia. A sua attitude quasi indifferente era porém favoravel para o exito. Tudo isto podia ser grave; mas o peor foi que a rainha, sabendo-o (o proprio Barcellos seria o primeiro a dizer-lh'o directamente, ou por via do arcebispo), teve um ataque de ambição e tomou a sério o seu papel de chefe de partido [1].

A prova de que D. Henrique não pactuava com os conjurados é que, desesperado pelo tempo que perdia com estas intrigas, procurava todos os termos de conciliação; e com a sua muita influencia no animo da rainha levára-a a mudar de rumo, consentindo em entregar a D. Pedro o regimento da justiça com o titulo de «Defensor do reino por elrei», ficando ella com o da fazenda e com a creação dos filhos. E o que nos mostra que a intervenção de D. Henrique não era o resultado de uma cumplicidade com os conjurados, é o desespero do conde de Barcellos, perante esta solução que, além de tudo o mais,

[1] Pina, *Chron. d' Affonso V*, VII a X.

mantinha os ajustes do casamento do rei; e tambem a intervenção directa dos proprios conjurados que foram ter com a rainha e a convenceram de que não devia largar uma parcella sequer do governo [1]. A pobre senhora não tinha o juizo forte.

Foi n'este estado que as côrtes se abriram. Não admira pois o resultado infeliz que deram. Perante uma creança de seis annos — tanto podem os symbolos, tanto a realidade é uma supposição! — encanecidos guerreiros, pesados bispos e graves procuradores dos povos, desenrolaram monotonamente os seus discursos convencionaes, formulando o que estava na natureza das coisas, sem chegarem a nenhum resultado pratico. Estes queriam que tanto a rainha como D. Pedro fossem excluidos da regencia; aquelles que regessem conjuntamente; uns pediam que dividissem entre si os ramos do governo; outros votavam pela regencia exclusiva da rainha, e já sabemos quem eram; ao passo que os procuradores dos povos, tambem naturalmente, declaravam querer a regencia exclusiva de D. Pedro.

Como não havia pensamento nem força dominante que se impozesse, succedia o que sempre succede quando se discute. Nada se resolve. Sabemol-o hoje de mais por uma experiencia tão aturada de parlamentos, que é ocioso insistir sobre o caso. Então D. Henrique, tambem n'isto precursor, ancioso de voltar a Sagres, a tratar de coisas uteis, fez intervir o accordo, substituto inevitavel da deliberação. As bases d'esse accordo em que o infante parecia, com effeito, procurador dos conjurados, eram que a rainha teria, com a tutoria dos filhos, a administração das rendas e officios — ahi estava o busilis! — ; que a administração da justiça seria dada ao conde de Arrayolos, filho do de Barcellos; que D. Pedro ficaria Defensor do reino (sem meios todavia para o defender); que o conselho funccionaria em permanencia e todos os annos se reuniriam côrtes. Evidentemente este accordo, como é frequente, não concordava nada; e só se explica pela pouca importancia dada á politica e pela ancia de voltar a Sagres em que o infante ardia.

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XII, XIII.

— Farei o que meu irmão quizer — foi a resposta de D. Pedro, quando lhe communicaram o accordo.

Não podia ser outra. Era o que estava na logica do seu caracter. Se não fosse um critico em quem o pensamento se desdobrava, analysando as proprias acções; se não tivesse essa duplicidade intellectual que quando se transporta para a imaginação produz o humorismo e quando para o caracter a hypocrisia; se fosse um homem simples e voluntarioso de intelligencia, D. Pedro teria respondido: É um erro que me annulla, sem proveito de ninguem. Mas a philosophia e a critica têm a virtude e o inconveniente de embotarem o impulso da vontade espontanea. E nos homens de bem, como era D. Pedro, a serenidade intellectual, filha do desdobramento da personalidade, dá logar a que, por abnegação reflectida, se aceitem muitas soluções reconhecidas como absurdas e até pessoalmente funestas. Com um impeto de vontade inteira, D. Pedro, se fosse um ambicioso, provocaria talvez a guerra civil. Se se tratasse d'elle, e o seu desejo não estivesse posto n'outro objecto, era o que succederia com D. Henrique, homem d'acção heroica e não de pensamento agudo.

Obtida a annuencia de D. Pedro, lavrou-se um termo do accordo que foi assignado perante notarios, e para maior solemnidade sobre um altar. Mas os juramentos e firmas foram acompanhados de taes reservas e palavras cautelosas que bem mostravam a intenção de as quebrar sem desaire, sendo necessario. O arcebispo de Lisboa, honra lhe seja, foi o unico a recusar terminantemente a sua assignatura. Nomear defensor do reino a D. Pedro, nunca! [1] Fecharam-se as côrtes, e D. Henrique voltou a correr para Sagres. Que succederia?

*
* *

O conde de Barcellos, esfregando as suas mãos já tremulas, n'um contentamento quasi infantil de velho, imaginava ga-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XIV, XV.

nha a victoria, e sorria com desdem marcial da simplicidade do defensor do reino e das phantasias do seu irmão Henrique. Ambos os filhos da ingleza, cada qual pelo seu modo, lhe deviam parecer creaturas singularmente excentricas. Os instinctos populares do sangue e os habitos de rapina fidalga, compondo todo o seu caracter, mostravam-lhe chãmente a vida como a satisfação immediata da vontade de governar no proximo, e de accrescentar terras, terras sem fim. Depois de tantos annos a roer impaciente o freio da sua ambição, batia a hora, chegava-lhe tambem a vez de mandar, levando pelo beiço a aragoneza, boa pessoa, esposa fiel e fecunda d'essa outra creatura singular que fôra D. Duarte, sempre a escrever, o desgraçado!

Esmoendo na cabeça os seus planos, viu chegado o momento de dar o segundo golpe. O das côrtes fôra o primeiro: agora o casamento! Era necessario que esse pequeno rei tivesse ao lado a neta d'elle para o guiar, fallando conforme o avô lhe mandasse. Queria-se um rei á moda antiga, cavalleiro, e não da especie nova trazida a Portugal com a ingleza, que, dando volta ao juizo do pae, creára uns filhos cujas idéas extravagantes ameaçavam acabar com tudo. Casar Afonso V com a filha de D. Pedro, fazel-o genro d'esse visionario, embriagado com as suas estravagantes congeminações de justiça e bem dos povos — nunca! A justiça era a espada; o bem dos povos a sujeição fiel á vara dos meirinhos. As pretensões dos villãos punham-no fóra de si; mas agora, alegre com a victoria, ria benevolamente. Foi fallar á rainha e disse-lhe que era indispensavel romper o ajuste do casamento do filho, reclamando de D. Pedro a restituição do alvará de promessa. Havia ainda um respeito fetichista pela palavra escripta.

D. Leonor não quiz; teve medo. A serenidade de D. Pedro amesquinhava-a; sentia-se pequena diante d'elle. Não quiz, mas disse ao Barcellos:

— Pedi-lh'o vós.

E o conde de Barcellos, cheio de sufficiencia, marchou para D. Pedro, e repetiu-lhe o arrazoado e o pedido. Está-se

vendo o gesto do defensor do reino, e a onda negra de amargura que inundou o seu animo pessimista. Com um desdem de principe, com uma nobreza de philosopho, com um sorriso amargo de critico, D. Pedro respondeu-lhe que poderia recusar, mas não o faria. E abrindo um cofre, tirou o alvará, rasgou-o, e em pedaços entregou-o ao irmão [1].

Certamente não era um politico. O politico despreza o proximo, amesquinhando-se porém a si, conscientemente, até ao ponto de perder a noção clara da dignidade. O amor-proprio philosophico é uma tolice na vida pratica. D. Pedro, com todo o seu saber das coisas e dos homens, não estava feito para a situação que reclamava um ambicioso. O conde de Barcellos, sendo-o, não tinha tambem a capacidade necessaria para um papel que a sua imaginação confusa só vagamente desenhava. Não lhe chegára o momento de *querer* o sceptro! Como semente, obscura ainda no seu cerebro, essa idéa foi germinando em successivas gerações... Mettendo no bolso os pedaços do alvará rasgado, partiu sem caber em si, pasmando da sua fortuna, e mais ainda da simplez do irmão. E para isto andára por tão longes terras. E para isto se dessorava a lêr os livros! Incontestavelmente as leituras transtornavam o juizo...

Mas com grande surpreza sua veio-lhe o mal d'onde menos o esperava. A côrte fôra para Lisboa, e logo depois da ida, chegou o infante D. João, meio curado das febres que por mezes o tinham tido enfermo em Alcacer do Sal. Perdido como estava D. Fernando em Fez (embora só viesse a acabar em 1443), D. João era o mais moço dos infantes: tinha agora trinta e nove annos, pois nascera com o seculo. O conde de Barcellos, muito senhor de si, como velho que podia ser seu pae, e como seu sogro que era, nem sonhava com obstaculos por esse lado. Mas D. João, que tinha por D. Pedro um respeito filial e uma confiança absoluta na sua discrição, abertamente, na presença da propria rainha e da côrte, declarou que o accordo de Torres Novas fôra um erro, que D. Pedro devia governar sósi-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XVI.

nho, pois as coisas iam de mal a peor e não havia outra solução. Effectivamente faltava governo. D. Leonor, nos ultimos periodos da gravidez, não podia despachar. Eram geraes os clamores contra um tal estado de coisas; e em Lisboa o povo que já dizia claramente ser necessario tirar o governo á rainha e dal-o a D. Pedro, alvoroçou-se todo quando soube as opiniões de D. João [1].

Era no estio de 1439, em agosto; ia fazer um anno da morte de D. Duarte; nascera a infanta D. Joanna, que mais tarde veio a ser a foliôna esposa do rei Henrique IV de Castella, mãe da *excellente senhora*, victima innocente das travessuras maternas que deram o throno a Izabel a catholica, e á *Beltraneja*, depois de mallogrado o seu casamento com Affonso V e depois do fiasco de Toro, o destino melancolico da clausura fria. Mas nem por ter acabado a gravidez da rainha, melhorára o estado geral. Instava-se com D. Pedro para que interviesse energicamente. Porém elle, com uma repugnancia natural a passar por ambicioso, diminuindo-se a seus proprios olhos; elle, que desdenhava do poder pelos gozos que a outros seduziam, estava tentado a abandonar o cargo de defensor do reino, e ir-se para suas terras em socego. Alvaro Vaz, o capitão do mar, nosso conhecido, que pelo humorismo chegava á philosophia, concordava. Ou se demittisse, ou tomasse o caso a peito chamando a si o governo. Assim, com taes escrupulos, compromettia-se, sem utilidade para ninguem.

N'estes apuros, resolveram consultar o infante D. João. D. Henrique, sempre em Sagres, conservava-se estranho ao que passava. Quando D. Pedro communicou ao irmão a idéa em que estava de se demittir, este, inflammado, protestou.

— Pois eu, respondeu vivamente, eu, senão fosse o ter dois irmãos, como vós e D. Henrique, reclamava para mim a regencia, e se m'a não dessem, morreria sobre isso! Não se trata das virtudes pessoaes da rainha que são muitas; mas sermos

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XVII, XIX.

regidos por uma mulher e por uma estrangeira — nunca vi maior vergonha e abatimento!

O generoso sangue de Aviz pulava-lhe nas veias. E deve notar-se que excluia do throno a filha, para quem o conde de Barcellos obtivera a mão de Affonso V. Como podia este suppôr no genro tão inconcebivel desprendimento! D. Pedro temia uma revolução, previa uma guerra civil, e assustava-o a sua sabedoria de philosopho, costumado a vêr a inanidade de tudo que não fosse o bem-estar do pobre povo.

— A guerra é certa, respondia D. João com verdade, porque a gente que aconselha a rainha não procede por amor do reino, mas sómente por se segurarem, escapando ao castigo do crime de encurtarem o patrimonio real.

A lei *mental* de D. Duarte era o terror de todos os detentores de bens da corôa, pilhados durante o tumulto das guerras de Castella. Depois havia ainda o perigo dos infantes de Aragão, irmãos de D. Leonor, que se sentavam com a outra irmã no throno de Castella: homens inquietos e amantes de novidade, interviriam sem duvida nas questões portuguezas. Tivesse portanto decisão e coragem, chamasse a si o governo. Era esse o unico meio de evitar a guerra. E se de todo em todo não quizesse, appellasse-se para o infante D. Henrique. Não houvesse temor, ainda quando as coisas fossem a mal. Ourem, Arrayolos, os rapazes, seus cunhados, por esses ficava elle. O pai havia de estar com os filhos. Veria que todos appareceriam concordes nas côrtes proximas. Houvesse firmeza.

D. Pedro, pensando que talvez o irmão acertasse, concordou em esperar para as côrtes, desistindo da idéa de se demittir. Talvez até a propria rainha propozesse algum alvitre aceitavel! [1] Muitas vezes as questões mais arduas e mais apparentemente insoluveis cahem assim inesperadamente.

Ora a rainha estava em Sacavem enleiada n'uma espessa teia de intrigas; e como, ao saber-se a decisão de D. Pedro, Lisboa exultára em gaudio, ella, por desforra, expulsou da

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XXI, XXII.

corte as damas sympathicas ao infante [1]. Com este novo destempero rompia as hostilidades; e sobre a queda commetteu um erro, que determinou a explosão. Foi dar a um seu aio, Nuno Martins da Silveira, a concessão dos varejos a que os mercadores de Lisboa eram obrigados todos os sete annos. O povo em tumulto correu á casa da camara, invadindo-a, na sessão em que os dois procuradores do concessionario, Bartholomeu Gomes contador e Alvaro Affonso escrivão da siza dos pannos, apresentavam a carta regia. Deixaram-na lêr, e, ao ouvirem a assignatura da rainha, sem a do infante co-regente, deitaram Alvaro Affonso pela janella fóra. O desgraçado salvou a vida por ter cahido sobre um telhado, e Bartholomeu Gomes deveu-a á força do seu pulso [2]. N'uma vozeria atroadora, acclamavam o infante D. Pedro, vociferavam contra a rainha. Estava iniciada a revolução. Debalde o conde de Arrayolos, a quem o accordo de Torres Novas dava o cargo da justiça, veio a Lisboa para a pacificar. O tumulto era cada vez maior, e os parciaes da rainha exacerbavam-no, acreditando que o Arrayolos vinha a vingal-os. Já diziam que cedo se veriam as gigas da Ribeira cheias de mãos e pés, á maneira de pescado. Promettiam mortandades, meio infallivel de precipitar os contrarios no desespero da defeza. Já se fugia de Lisboa: já nem os padres nas igrejas eram respeitados, quando queriam defender o governo, como succedeu em S. Domingos a Fr. Vasco da Alagoa, corrido do pulpito pela populaça. O conde de Arrayolos teve de retirar para não ser desfeiteado [3]. Lisboa estava em plena rebeldia.

D. Pedro veio de Camarate á capital e socegou o povo; mas a camara disse-lhe terminantemente que todo o mal estava na regencia ser de muitos: ou governasse elle só, ou só a rainha. E esta, apesar dos conselhos accordes de D. Pedro e do conde de Arrayolos, instou com os fidalgos para que trouxessem gente e armas ás côrtes proximas [4]. A pobre senhora pen-

[1] Rina, *Chron. de Affonso V*, XXIII.
[2] *Ibid.*, XXIV.
[3] *Ibid.*, XXV.
[4] *Ibid.*, XXVII.

sava em fazer das côrtes uma batalha. Para D. Pedro, as coisas precipitavam-se por modo que forçosamente tinha de abandonar as suas inclinações contemplativas de sabio. Chegava o momento agudo em que o philosopho se via forçado a ser um homem de acção. E sentia ao seu lado a falta do infante D. João, cuja inteireza simples e rectilinea lhe aquecia o animo indifferente. O infante cahira outra vez com febres, em Alcochete. D. Pedro foi lá vêl-o.

Á cabeceira do enfermo estava o primo e cunhado, conde de Ourem, que assistiu á entrevista. O conselho de D. João foi o mesmo; que D. Pedro se nomeiasse regente do reino. Viessem os conjurados, viessem os infantes de Aragão defender sua irmã, viesse quem viesse... Elle, Ourem — o primo annuia com a cabeça — todos, e Lisboa que lh'o pedia, saberiam defendel-o.

— Esperemos as côrtes, voltava D. Pedro com a sua prudencia, inimiga da politica, sempre feita de audacia. Não precipitemos as coisas. As côrtes decidirão.

Mas D. João objectava que se podia perder o momento propicio da disposição dos animos em Lisboa.

— Será como Deus quizer, concluiu D. Pedro. Eu nada farei sem côrtes; mas, pois a rainha escreve aos fidalgos seus parciaes que venham com tropas, eu, como defensor do reino, farei saber ás villas que estejam prestes para qualquer movimento e novidade [1].

Tudo isto levou menos de um mez. Setembro ia em principio, quando D. Pedro, antes de partir para Coimbra, sua casa, a retemperar-se na soledade para a crise que se aproximava, entendeu dever ir antes a Sacavem despedir-se da rainha e do rei seu sobrinho. Entrou no paço mais como juiz do que como vassallo. O reisinho, de sete annos, veio para elle a rir, e elle beijou-lhe a mão. Depois voltando-se severamente para a cunhada disse-lhe:

— Fiz quanto pôde, a bem: só recebi odio e má vontade.

[1] *Chron. de Affonso V*, XXVIII.

Até aqui tivestes-me como querieis: de agora em diante, tomar-me-heis como me achares [1].

E partiu sem esperar resposta, satisfeitissimo comsigo mesmo, por essa occasião de fallar com sinceridade completa. Julgava ter mettido uma lança em Africa, e praticára apenas mais um erro palmar; porque, se queria a submissão amiga da rainha, perdia-a para sempre, ferindo-a mortalmente no seu amor proprio; e se estava decidido á guerra, as palavras ditas eram um pleonasmo. De astucia e audacia ha de compôr-se o homem destinado a mandar no proximo.

Com os seus ardis de velha raposa, o conde de Barcellos, melhor politico, dissipadas as primeiras illusões, vendo turvos os ares, e os filhos de mãos dadas ao genro, que — parecia incrivel! — deitava pela janella fóra o throno patente; o conde de Barcellos abstinha-se, sumia-se, deixando o tempo deslindar as meadas, receiando algum passo dado em falso que o compromettesse gravemente.

Por seu turno, D. Pedro, de volta a Camarate, antes de partir para Coimbra, pela primeira vez exercia o cargo de defensor dos povos. Com igual titulo, o pae salvára a independencia do paiz, fazendo-se rei, porque achou o throno vasio; e decerto a lembrança da revolução de 1383 acudia agora á memoria do filho de D. João I. Tambem era Lisboa que o impellia, não a usurpar a corôa, porque a philosophia vaccinava-o d'essas ambições vãs, mas sim a salvar a ordem ameaçada pela turbulencia ávida da fidalguia e pela insensatez da rainha. O cargo de defensor do povo, em que se via investido, era para elle, que conhecia a historia romana, como a antiga magistratura dos tribunos; e a sua perspicacia dizia-lhe que as funcções d'esse cargo iam ser o attributo soberano dos principes, e os reis os verdadeiros defensores do povo contra a prepotencia da nobreza.

Tudo isto lhe ia pela cabeça, emquanto com mão firme escrevia a carta ás villas do reino, recommendando-lhes que

[1] *Chron. de Affonso V*, xxx.

estivessem precavidas para quando vissem seu recado [1]. Expedidos os mensageiros, de modo que as cartas fossem todas entregues no mesmo dia, partiu. Em Lisboa, um povo espesso corria ás portas da Sé a lêr a carta do defensor que corria de bôca em bôca e era decorada sofregamente. De noite, com candeias, vinham lel-a, porque o dia não chegava. N'um alvoroço immenso, n'uma sympathia e confiança estremes, os populares acclamavam o infante seu defensor, cobrindo de vituperios a rainha que pretendia appellar para a intervenção estrangeira e esperava o auxilio dos infantes do Aragão para os esmagar. Surriadas de palmas, gritos de alegria, clamores de vivas, acolhiam cada phrase da carta de D. Pedro ao povo, que se sentia seguro com a protecção de um principe.

Todas as camaras do reino responderam que ficavam precavidas, e o Porto accrescentou querer que o infante, só, sem outra ajuda ou companhia, «fosse regedor» [2]. Tremendo de susto, a rainha fugiu de Sacavem para Alemquer. Declaradamente em revolta, Lisboa, na ausencia do defensor do reino que em Coimbra esperava a reunião das côrtes, entregou-se nas mãos do nosso conhecido Alvaro Vaz d'Almada, o fiel Achates de D. Pedro, elegendo-o seu alferes, general ou chefe. Já se contava que o pleito se não liquidaria ás boas. O alferes, ao receber solemnemente a bandeira da cidade, jurou o termo de condições que os populares impunham ao mandato. Em S. Domingos, velho *forum* da Lisboa medieval, reuniu-se a assemblea dos mecanicos, representação dos officios, decidindo que sómente D. Pedro fosse regedor e defensor: assim promettiam requerel-o em côrtes, «morrendo por elle se necessario fôsse». Por seu lado o arcebispo D. Pedro, façanhudo contrario do infante e unica pessoa que recusára jurar e assignar o accordo de Torres Novas, homem bulhento e crivado de dividas a quem o governo prudente e honesto de D. Pedro não podia tirar de embaraços, amontoava armas na alcaçova da Sé, onde se forti-

[1] *Chron. de Affonso V*, XXXIX.

[2] *Ibid.*

ficava ameaçando a cidade. A camara intimou-lhe a demolição da fortaleza; e ondas de povo encolerisado assignavam essa ordem de um modo tão ameaçador, que o arcebispo, entrouxou as vestes, o baculo e a espada, e emigrou para Castella. Lembrava-se do que succedera ao seu predecessor, nos dias da execução do conde Andeiro. Estava muito viva essa data para arriscar temeridades. Logo que chegou a Castella, porém, mandou de lá um cartel de ameaças promettendo a Lisboa uma invasão, promessa em paga da qual a cidade sequestrou as rendas do arcebispado de Lisboa, applicando metade para dotação do arcebispado effectivo, e a outra metade para pagamento das dividas que o fugido deixára [1]. Vê-se aqui o humorismo de Alvaro Vaz, e tambem a sua habilidade politica: tiravam-se ao arcebispo as rendas e os parciaes, desde que se pagava aos credores. Restabelecido, o infante D. João veio de Alcochete para Lisboa pôr-se á frente da cidade [2].

Ao manifesto de D. Pedro respondeu a rainha com outra carta, pedindo aos povos que nas côrtes proximas mantivessem o estabelecido em Torres Novas; mas estas cartas por toda a parte eram rasgadas; e em Lisboa o escrivão da chancellaria, quando as foi collocar nas portas da Sé, a custo escapou com vida [3]. Por outro lado a rainha tentava seduzir o infante D. João. Chamando-o a Alemquer, D. Leonor implorava-lhe que abandonasse o irmão, offerecia-lhe a propria regencia, o throno para a filha, dava tudo, no seu desespero de mulher offendida. Mas não obteve melhor resultado. D. João firmemente respondeu:

— Nunca Deus queira, nem quererá que entre os filhos d'el-rei D. João I, que nas mocidades em tanto amor e concordia se crearam, seja agora semeada tal sizania. Haveria temor de Deus e vergonha do mundo, não digo em aceitar, mas só-

[1] V. o alvará de 8 de dezembro de 1439, nos *Annaes do mun. de Lisboa*, do snr. Freire de Oliveira, I, 321.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, XXXI a IV e XL.

[3] *Ibid.*, XXXV.

mente em lembrar-me de aceitar o regimento do reino, tendo dois irmãos mais velhos e taes para isso, como são D. Pedro e D. Henrique. E emquanto ao casamento d'el-rei com minha filha, não sendo o caso como é, certo seria a maior honra e o maior accrescentamento que eu poderia desejar. Com melhor vontade e menos sentimento meu soffreria vêl-a no mundo em uma publica dissolução do que casal-a por tal maneira contra a honra e vontade de meu irmão. Iria contra elle e contra a vontade de D. Duarte que Deus tem [1].

A resposta do infante, por cuja bôca fallava a honra ingenua e forte, deixou interdicta a rainha. Surprehendia-a encontrar de tal modo firme o respeito pelos mais velhos, de tal modo vivo o sentimento do amor fraterno, elevado ás proporções de um culto, e superior a todos os instinctos de ambição e de amor paternal. Tinha uns cunhados tão susceptiveis e exigentes em nobreza, que lhe pareciam estouvados: não podia entendel-os. Mas, femininamente teimosa, não desistiu ainda. Apellou para D. Henrique. Escreveu-lhe, e por mau conselho, provavelmente, dos que lhe governavam a cabeça leve, julgou que o melhor era assustar o visionario de Sagres. Dizia-lhe que D. Pedro, coisa horrorosa! queria assenhorear-se do governo para o prender e para o perder. Quando em Sagres D. Henrique leu essa carta, o despauterio da cunhada provocou-lhe decerto o riso; e largando para Coimbra, foi ter com o irmão, informar-se do estado das coisas.

— Vêde, senhor irmão, dizia-lhe ao apeiar-se do cavallo rindo alegremente; vêde, senhor irmão, que temor é o meu! Venho assim percebido e seguro...

E abrindo os braços, contou-lhe o que a rainha lhe mandára dizer.

— Não me espanto, observou D. Pedro com a sua habitual serenidade melancolica, taes tempos e taes vontades crearem fructa tão nova... [2]

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XLI.

[2] *Ibid.*, XLIII.

Proseguiu contando o que passára ao irmão, que acompanhava pelos pateos do palacio, levando-o á sala onde a duqueza de Coimbra e a familia do defensor estava reunida placidamente. Achava-se alli o conde de Barcellos, um tanto esquivo, como quem se sente pequeno. Os tres irmãos abraçaram-se, e, depois de conversarem sobre a situação geral, decidiu-se que o Barcellos, como quem melhor se dava com a rainha, a fosse decidir a não deixar de ir ás côrtes de Lisboa, em novembro, d'alli por um mez. O conde veio n'um galope a Alemquer, onde se encontrou com o seu filho Arrayolos, chegado de Lisboa. Os ares turvavam-se cada vez mais; a sorte parecia inclinar-se para o lado de D. Pedro. Alemquer estava transformada n'uma praça de guerra, atulhada de armamento, cercada de velas e toldas que no seu vigiar constante denunciavam o grande medo que ia lá por dentro. Franzindo a testa, retorcendo a boca, o velho conde foi-se ter com a rainha e transmittiu-lhe o recado. A paz do reino e o livramento do infante D. Fernando (pobre martyr esquecido em meio d'esta comedia!) reclamavam as côrtes; os infantes pediam-lhe que não deixasse de ir a Lisboa. D. Leonor, cheia de orgulho, entendendo o pedido como uma capitulação, respondeu que iria se as cidades e villas revogassem a tenção dada por D. Pedro. Com esta resposta voltou o velho conde a Coimbra, inteiramente convencido de que os dias da rainha estavam contados. Por isso, quando partiram ambos, deixando o defensor, um para Sagres, outro para Guimarães, este que era senhor do Minho e de boa parte de Traz-os-Montes, com um calor proporcional ao seu desejo de destruir o effeito dos passos que mezes antes dera em falso, afadigava-se a convencer os parciaes da rainha a que não fossem ás côrtes de Lisboa [1]. Que havia a ganhar com isso? Deixassem-nos resolver essas pendencias, e depois ficariam elles sempre ao lado do vencedor, para lhe impôr as arrhas do triumpho. Sentia-se agora á larga, entre os seus, o conde de Barcellos. No seio da familia D. Pedro, com os livros, enchia-se

[1] Pina, *Cron. de Affonso V*, XLIV.

de força. Na paz do tumulo D. Duarte dormia o somno eterno. Em Sagres D. Henrique armava navios para Africa. Em Fez, D. Fernando gemia sob o açoite do mouro. E em Lisboa, D. João guiava a plebe amotinada.

Guiava é um modo de dizer. As revoluções ninguem as guia; os chefes são sempre servos. A revolta de Lisboa tomava corpo. Esperar a decisão das cortes, como queria D. Pedro, era arriscar muito. O Porto anticipára-se, declarando desde logo a sua terminante e absoluta vontade. O comicio de S. Domingos fizera o mesmo. Podia, devia a camara ficar de braços cruzados? De resto, o parecer de D. João era de ha muito favoravel aos actos decisivos. Por isto resolveu-se passar o Rubicon. Em Alvaro Vaz tinha Lisboa o seu condestavel, outro Nunalvares, como o de 1383; em Lopo Fernandes, tanoeiro velho e abonado, de que o povo «fazia grande cabeceira», tribuno da plebe, muito chegado ao infante D. João, tinha outro Alvaro Paes; e outro João das Regras, finalmente, no doutor Diogo Affonso Mangancha «em quem havia letras e ardideza com pouco repouso». Era um fura-vidas, letrado astuto, que viu o seu futuro ligado ao exito da revolução e lhe deu por isso quanto podia: não era porém um aventureiro, porque já no tempo de D. Duarte andava no desembargo, nem um insignificante, pois legou o que tinha para subsidiar a instrucção [1].

[1] *Leal Cons.*, LVIII. Este Mangancha, desembargador, é o que por seu testamento fundou um collegio em Coimbra, em sua casa, instituindo uma bibliotheca em que, á moda do tempo, os livros estavam presos por cadeias aos muros. «E que os meus livros se ponham por cadeias».

O testamento do desembargador Mangancha, datado de 4 de janeiro de 1448, foi transcripto por J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, II, 260. Eis-aqui alguns trechos referentes á instituição do collegio:

«em que se recebam dez escholares pobres de todo e quatro servidores, sem nunca ter azemola, nem besta, havendo pela renda dos ditos bens duas tavolas a dia, sem outra consoada, nem cama, nem al, que não for vigilia, e quando a for, uma tavola e á noute consoada... se ordenem dez camaras e n'ellas se armem dez leitos de madeira e dez estudos... E ahi sejam recebidos a primeira vez dez escholares ja grammaticos e passantes dezeseis annos, porem se forem sacerdotes ainda que não sejam grammaticos recebam-nos... E d'esses dez seja um reitor do collegio... E cada escholar começante grammatico e por conseguinte nas ou-

Com estes elementos de primeira ordem, um cavalleiro estreme, um tribuno querido, e um letrado astuto, pôz em scena a camara de Lisboa o seu acto revolucionario. O desembargador Mangancha pronunciou um discurso, argumentando com a velha lei dos frankos salianos, chamada salica, admittida em toda a Hespanha e que excluia as mulheres do throno: n'isto fundava o impedimento a D. Leonor reger o reino; e, dado esse impedimento, instava por que Lisboa reclamasse a regencia para o infante D. Pedro. Foi victoriado. Anticipadamente estavam conformes todos, e os fidalgos e homens bons da cidade, assignaram o accordão, segundo as conclusões do desembargador. Levado processionalmente, no meio das acclamações unanimes do povo, o auto ao infante D. João, este approvou-o com alegria.

Notificaram-no depois á rainha, aos infantes e condes, e ás terras do reino. Lisboa fazia com isto acto positivo de capital, tornando-se o cerebro da nação. O Porto annuiu logo, declarando que isso mesmo votára já. D. Pedro, transposto o Rubicon, disse que sim, que aceitava com prazer o mandato. D. Henrique, esquivo e reservado, absteve-se, declarando subversivo o procedimento da capital e aguardando as côrtes para se decidir. Devemos recordar que era o auctor do accordo de Tortes Novas, de facto despedaçado, embora vigente, como lei; e o povo que não distingue como os letrados, apesar de todo o seu respeito, murmurava, rosnando contra D. Henrique a ponto do infante D. João ter de intervir, promettendo que ia escrever-lhe e que as coisas se accommodariam.

Quando porém a noticia dos casos de Lisboa chegou a Guimarães e o conde de Barcellos a soube, teve um ataque de furia senil. O irmão levava a melhor! É verdade que aconselhára á gente da rainha a que não fosse ás côrtes; mas isso

tras sciencias possa estar dez annos, e o que ja for grammatico sete, e o que ja deixa a Logica, cinco e mais não.»

«N'este collegio nunca possam ser recebidos ricos, barregueiros, tafues, bebedos, volteiros, gagos, nem doutros maos costumes, peitudos e de narizes tortos, bochechudos, que teem rosmaninhos nos rostos, ainda que sejam bons...»

era para que nem D. Leonor, nem D. Pedro, podessem vencer de todo. Só a desordem lhe podia ser productiva. Um governo forte destruia-lhe todas as esperanças. E de mais a mais na mão de D. Pedro! Amor, dedicação pela aragoneza, não tinha decerto; e o bem do reino consistia na fortuna dos seus fidalgos. Diz o chronista que «segundo juizo commum e especiaes que se depois seguiram» o desgosto do conde era apenas «com respeito do seu interesse particular» [1].

Taes noticias e respostas chegavam a Lisboa, onde provisoriamente reinava o infante D. João, e Alvaro Vaz hasteava o pendão soberano da cidade. A guarnição do castello, pela rainha, teve ainda velleidades de resistencia; mas o alferes foi lá, cercou-os, mais com chufas do que com tiros, e logo os levou a renderem-se.

Oliveira Martins.

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XXXV a IX e XLI.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO VII

O REI TUALA

Não me dilatarei nos incidentes da nossa jornada até Lú — que nem foram consideraveis nem pittorescos. Durante dois longos dias trilhámos a estrada de Salomão, por entre ricas terras cultivadas, e alegres povoações que nos encantavam pelo seu ar florescente e calmo. A cada instante passavam por nós troços de gente armada, regimentos emplumados marchando tambem para a cidade, para o grande festival sagrado. No segundo dia, ao pôr do sol, parámos n'uma collina, que a estrada galgava por entre dois renques d'arvores em flôr: — e em baixo, n'uma planicie deliciosamente fertil, avistámos emfim Lú, a capital dos Kakuanas.

Para cidade d'Africa era enorme, — com seis milhas talvez de circumferencia, toda ella defendida por estacadas, e rodeada de pomares e de vastas aringas onde se aquartelavam tropas. Pelo centro corria um largo e claro rio, vadeado

[1] Continuado da pag. 224, do numero de fevereiro.

por pontes. Para o norte, a duas milhas, erguia-se uma collina, que offerecia a fórma singular d'uma ferradura: e, mais longe, a umas sessenta milhas, surgiam bruscamente da planicie, em triangulo, tres serras isoladas, escarpadas, todas cobertas de neve.

— A estrada (explicou Infandos, vendo que contemplavamos com estranheza os tres montes) acaba além n'essas serras, que se chamam as *Tres Feiticeiras*.

— E porque acaba além, Infandos?

— Quem sabe! murmurou o velho encolhendo os hombros. As tres montanhas estão todas furadas por cavernas. Ha no meio d'ellas uma cova immensa. É lá que se sepultam agora os nossos reis. E era alli que os homens antigos, que sabiam tudo, vinham buscar certas coisas...

— Que coisas, Infandos? exclamei eu, cravando n'elle um olhar que o sondava.

O velho sorriu, com uma grossa malicia de negro:

— Os espiritos que vêm das estrellas sabem decerto mais do que um Kakuana...

— Com effeito! acudi eu, n'um tom sciente e profundo. E por isso te posso dizer, Infandos, que esses homens antigamente vinham procurar um ferro amarello que rebrilha, e umas pedras brancas que faiscam.

— Talvez fosse, talvez fosse! balbuciou Infandos, embaraçado, afastando-se bruscamente para lançar uma ordem aos carregadores da bagagem.

— Acolá, disse eu aos companheiros mostrando as *Tres Feiticeiras*, estão as minas de Salomão!

Todos tres, commovidos, ficámos a olhar aquelles montes tão proximos, onde jaziam ainda talvez (se o velho D. José da Silveira contára a verdade) os mais ricos thesouros da terra... A que prodigioso momento chegára a nossa aventura!

De repente, quando assim pasmavamos, o sol desappareceu — e a noite cahiu, sem transição, visivelmente, como uma coisa tangivel. N'aquellas latitudes não ha crepusculo. A luz

acaba como a chamma d'um bico de gaz que se fecha: e, n'um instante, a terra toda fica envolta n'uma cortina de treva.

N'essa occasião porém, durou pouco a escuridão, porque bem cedo a mais larga e esplendida lua que me lembro de ter visto subiu magestosamente ao céo, derramando uma tão sublime refulgencia, tão divinamente serena, que, sem saber porquê, cada um de nós tirou o chapeu, como n'um templo, ante uma imagem sagrada.

Infandos, porém, quebrou a nossa contemplação, dando o signal de descer para a cidade, que agora, batida de luar, cheia de lumes, parecia infindavel através da planicie.

E d'ahi a uma hora, tendo passado a ponte levadiça, entre piquetes de sentinellas a quem Infandos deu baixo o *santo e senha*, seguiamos calados pela rua central de Lú, toda ladeada de sombras d'arvores e de senzalas onde se cosinhava. Levou uma hora antes de chegarmos á grade d'um pateo redondo, com o chão muito batido e duro, todo caiado de branco. Em volta erguiam-se cubatas espaçosas, cobertas de colmo. Eram alli (segundo declarou Infandos) os nossos «humildes pousos».

Cada um de nós tinha, só para si, uma cubata. Havia dentro um grande asseio. Os leitos eram feitos com pelles estendidas sobre enxergões de herva aromatica. Uma esteira tapetava o sólo. Tripeças pintadas alternavam com frescas vasilhas d'agua. Não podiamos esperar mais cuidadosa hospedagem! E apenas nos lavámos, sacudimos o pó, appareceu logo um bando de raparigas, das mais bellas que até ahi encontraramos no paiz, trazendo leite, carnes assadas e bolos de milho em vistosos pratos de madeira.

Depois da ceia fizemos reunir todas as quatro camas na maior das cubatas (precaução que encheu de riso as raparigas), — e não tardamos em adormecer com grata tranquilidade. Acordámos quando o sol ia nado — e a primeira e aprazivel impressão que recebemos foi a do bando das raparigas, acocoradas no chão, a um canto, á espera que despertassemos «para nos ajudar a lavar e a vestir».

Quando uma d'ellas, a mais alta (e que figura! que braços!) fez esta amavel offerta, o capitão John teve uma exclamação, um gesto d'atroz desespero:

— Vestir! É bom de dizer! Quando uma pessoa não tem senão uma camisa e um par de botas!... E com estas raparigas todas, bonitas raparigas, ahi por essa cidade... Não! isto não póde continuar! Eu não arredo pé d'aqui da cubata, senão de calças! Quero as calças!

Vi o meu amigo tão decidido, que reclamei as calças. Mas uma das raparigas voltou d'ahi a momentos declarando que essas sagradas e maravilhosas reliquias tinham sido já mandadas ao rei!

O furor do nosso John foi immenso. Teve de se contentar em barbear a face direita; porque, na esquerda não consentimos nós que elle eliminasse um só pêllo á farta suissa que já lhe crescera. Aquella cara espantosa, rapada d'um lado, barbuda do outro, era uma das evidencias da nossa raça sobrenatural. Todos nós, de resto, tinhamos aspectos estranhos. Os cabellos do Barão, amarellos e sempre longos, desciam-lhe agora até aos hombros, n'uma juba rude, que lhe dava o ar d'um barbaro dos tempos do rei Olloff.

O almoço já esperava, fóra, no terreiro, em caçoulas que fumegavam. Mas, primeiramente, quizemos tomar o nosso *tub*, atirar pelas costas alguns frios baldes d'agua. E o assombro, a desconsolação das raparigas foi consideravel, quando lhe pedimos pudicamente que se retirassem, cerrando a porta de vime...

Logo depois do almoço, Infandos appareceu annunciando que el-rei Tuala nos mandava muito saudar, e esperava a nossa comparencia em Palacio. Declarei immediatamente, com indifferença e altivez, que ainda nos achavamos cançados, tinhamos ainda um cachimbo a fumar, etc., etc.

Convem sempre, tratando com potentados negros, não mostrar pressa nem respeito. Tomam invariavelmente a polidez por pavor. De sorte que, apesar da nossa anciedade em vêr o terrivel Tuala, retardámos nas cubatas uma farta hora, prepa-

rando, ao mesmo tempo, os escassos presentes que destinavamos ao rei e á côrte: a espingarda do pobre Venvogel, um bocado de seda, alguns fios de contas de vidro.

Afinal partimos, guiados por Infandos — e seguidos por Umbopa que levava as dadivas.

Ao fim d'um curto kilometro, chegámos a um immenso terreiro, com o chão duro e caiado de branco como o das nossas moradas, e cercado por uma estacada baixa. Em redor, fóra da estacada, corria uma fileira de cubatas, que (segundo nos informou Infandos) pertenciam ás mulheres do rei: e ao fundo, fronteira á porta por onde entraramos, estendia-se uma construcçao, uma cubata enorme, com varas e plumas espetadas no tecto de colmo, que era o palacio real. No recinto não crescia uma arvore: e todo elle estava n'esse dia cheio de regimentos em fórma, perfilados, immoveis, verdadeiramente magnificos, com os seus altos pennachos, os escudos brancos, as lanças a rebrilhar.

Em frente á cubata real ficava um espaço vasio, com uns poucos de escabellos de madeira. A convite do bom Infandos occupámos tres d'esses assentos privilegiados, tendo Umbopa por traz, de pé: e assim ficámos á espera, no meio d'um silencio absoluto, sentindo cravados sobre nós oito mil pares d'olhos sofregos. Finalmente a porta da cubata rangeu — e surgiu d'ella uma figura gigantesca, com um esplendido manto de peiles de tigre lançado sobre o hombro, e uma azagaia na mão. Atraz d'elle vinha Scragga e uma outra creatura estranha, equivoca, que nos pareceu uma macaca — uma macaca velhissima e friorenta, toda embrulhada em pelles. A figura gigantesca abateu-se pesadamente sobre uma das tripeças de pau. Scragga permaneceu de pé, por traz, apoiado á lança. A velha macaca arrastou-se para a sombra que lançava a cubata real, e alli se acocorou lentamente.

O mesmo silencio continuava no entanto oppressivo, afflictivo.

Então a figura gigantesca arrojou o manto que a envolvia, e ergueu-se, offerecendo ás vistas a sua real pessoa, verdadeiramente terrifica! Nunca em minha longa vida encarei um homem mais repulsivo. E ainda ás vezes revejo, ante mim, aquella face horrivel com os beiços muito grossos ressudando sensualidade, as ventas enormes e chatas de fera, e o olho unico (porque o outro era apenas um buraco negro) atrozmente brilhante, d'um brilho frio e cruel. Uma cota de malha reluzente cobria-lhe o corpo formidavel. Da cinta pendia-lhe o saião d'uniforme, feito de rabos brancos de boi. Ao pescoço trazia uma gargalheira d'ouro: e da testa, onde luzia um enorme diamante bruto, subia-lhe, ondeando no ar, um tuio esplendido de plumas d'abestruz.

O silencio ainda pesou, mais profundo, diante d'aquella presença assustadora! Mas de repente o monstro (que logo comprehendemos ser Tuala, o rei) levantou a lança no ar. Oito mil lanças faiscaram ao sol. E de oito mil peitos rompeu, atroando o céo, a grande acclamação real: — *Krum! Krum! Krum!*

Depois, no silencio que recahira, vibrou uma voz, agudissima, estridula, horripilante, e que parecia vir da macaca agachada á sombra:

— Treme e adora, ó povo! É o Rei!

E oito mil peitos de novo atroaram o céo, bradando:

— É o Rei! É o Rei! Treme e adora, ó povo!

E tudo de novo emmudeceu. Mas quasi immediatamente, ao nosso lado, houve um ruido de ferro batendo sobre pedra. Era um soldado que deixára cahir o escudo.

Tuala dardejou logo o olho cruel para o sitio onde o som retinira:

— Avança, tu! berrou, n'um tom trovejante.

Um soberbo rapagão sahiu da fileira, ficou perfilado.

— Cão infernal! rugiu o rei. Foste tu que deixaste cahir o escudo? Queres que eu, teu chefe, seja escarnecido pelas gentes que vêm das estrellas!

— Foi sem querer, ó mestre das artes negras! acudiu o rapaz cuja pelle fusca parecia empallidecer.

— Pois, tambem sem querer, vais morrer!

O soldado baixou a cabeça e murmurou simplesmente:

— Eu sou a rez do Rei!

— Scragga! bramiu Tuala. Mostra como sabes usar bem a lança. Vara-me aquelle cão!

O odioso Scragga deu um passo para diante, com um sorrisinho feroz, e levantou o dardo. O desgraçado tapou a face, e esperou, immovel. Nós nem respiravamos, petrificados.

«Um, dois, tres!» Scragga soltou a lança. O soldado atirou os braços ao ar, cahiu morto.

D'entre os regimentos subiu então um longo murmurio que rolou, ondulou, se esvaiu por fim no silencio.

O barão, livido de indignação, agarrára a espingarda das mãos d'Umbopa. E eu, afflicto, tive de o agarrar a elle, lembrar que as nossas vidas estavam á mercê do rei, e que eramos quatro todo contra um reino.

Tuala, no entanto, sorria sinistramente:

— O golpe foi bom. Arrastem para fóra o cão morto.

Quatro homens sahiram da fileira, levaram o corpo.

E então a mesma voz esganiçada, sibilante, horrivel (que evidentemente era da macaca) cortou o ar:

— A palavra do rei foi dita! A vontade do rei foi feita! Treme e adora, ó povo. E cobri bem depressa as manchas de sangue. A palavra foi dita, a vontade foi feita!

Uma rapariga sahiu de traz da cubata real com um vaso de louça, e, atirando d'elle cal ás mãos cheias, escondeu as nodoas horriveis. Tuala permanecia immovel, como um idolo.

Por fim, lentamente, voltou para nós a face medonha.

— Gente branca! disse elle. Gente branca que vindes não sei d'onde, nem sei a quê, sêde bemvinda!

— Bem estejas, rei dos Kakuanas! respondi eu, com dignidade.

*

Houve um silencio, através do qual ficamos immoveis, sentados, com os olhos cravados no monstro.

— Gente branca, volveu elle, que vindes vós procurar aqui?

— Vimos do mundo das estrellas, ó rei! Não indagues como, nem para quê. São coisas muito altas para ti, Tuala.

O rei franziu a face, d'um modo inquietador:

— Altas me parecem as vossas palavras, gentes das estrellas!... Não esqueçaes que as estrellas estão longe e a minha vontade está perto... Póde bem ser que saiaes d'aqui como aquelle que agora levaram.

Era necessario ostentar um soberbo desdem da ameaça. Comecei por lançar uma risada, muito cantada (e na verdade muito forçada):

— Oh rei, tem cautela! Não caminhes sobre brazas que podes escaldar os pés! Toca n'um só dos nossos cabellos e a tua destruição está certa. Não te disseram estes (e apontei para Infandos e para Scragga), que especie de homens nós somos, e que grandes artes temos? Viste tu alguem como nós, entre os filhos dos homens?

— Nunca vi, murmurou elle.

— Não te contaram esses como nós damos a morte de longe, através d'um trovão?

— Não creio! exclamou Tuala, batendo fortemente o joelho. Mostrai-me primeiro, vós mesmos, a vossa arte. Matai um d'esses homens que estão além (apontava uma companhia de soldados magnificos junto á porta da aringa) e eu prometto acreditar!

Repliquei que não derramavamos nunca sangue de homem, senão em justo castigo. Mas que o rei soltasse um boi para dentro do pateo, através dos soldados, e antes d'elle correr vinte passos, cahiria morto, de chofre. O rei rompeu a rir.

— Um boi! Um boi!... Não, matai um homem para eu acreditar!

— Perfeitamente! exclamei eu, com tranquillidade. Er-

gue-te tu, oh rei, caminha através do pateo, e antes de chegares ao portal da aringa rolarás morto no chão. Ou, se não queres ir tu mesmo, manda teu filho Scragga.

A isto, Scragga deu um grito, lançou um pulo, e fugiu para dentro da aringa real.

(Continúa).

CARTAS DE FRADIQUE MENDES

AS CARTAS

(1.ª Série)

IV

A MADAME S.

Paris, fevereiro.

Minha cara amiga. — O hespanhol chama-se D. Ramon Cova-Rubia, mora na Passage Saulnier, 12, e como é aragonez e portanto sobrio, creio que com dez francos por lição se contentará amplamente. Mas se seu filho já sabe o castelhano necessario para entender, e até ao amago, os *Romanceros*, o *D. Quichote*, alguns dos «Piccarescos», vinte paginas de Quevedo, duas comedias de Lope de Vega, um ou outro romance de Galdós, que é tudo quanto basta lêr na litteratura de Hespanha, — para que deseja a minha sensata amiga que elle pronuncie esse castelhano que sabe com o accento, o sabor, e o sal d'um madrileno nascido nas veras pedras da Calle-Mayor? Vai assim o dôce Raul desperdiçar o tempo que a Sociedade lhe marcou para adquirir idéas e noções (e a Sociedade a um rapaz da sua fortuna, do seu nome e da sua belleza, apenas concede, para esse abastecimento intellectual, sete annos, dos onze aos dezoito) — em quê? No luxo de apurar até a um requinte superfino, e superfluo, o mero instrumento de adquirir

[1] Continuado da pag. 239, do numero de fevereiro.

noções e idéas. As linguas são apenas instrumentos do saber — como instrumentos de lavoura. Consumir energia e vida na aprendizagem de as pronunciar tão genuina e puramente que pareça que se nasceu dentro de cada uma d'ellas, e que por meio de cada uma se pediu o primeiro pão e agua da vida — é fazer como o lavrador, que em vez de se contentar, para cavar a terra, com um ferro simples encabado n'um pau simples, se applicasse, durante os mezes em que a horta tem de ser cavada, a embutir emblemas no ferro e esculpir flores e folhagens ao comprido do pau. Sob este requintado regimen, como estariam agora os seus jardins e pomares da Touraine?

Um homem só deve fallar, com impeccavel segurança e pureza, a lingua da sua terra: — todas as outras as deve fallar mal, orgulhosamente mal, com aquelle accento chato e falso que denuncía logo o estrangeiro. Na lingua verdadeiramente reside a nacionalidade; — e quem fôr possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente soffrendo uma desnacionalisação. Não ha já para elle o especial e exclusivo encanto da *falla materna* com as suas influencias affectivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do caracter. Por isso o polyglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu patriotismo desapparece, diluido em estrangeirismo. *Rue de Rivoli*, *Calle d'Alcalá*, *Regent Street*, *Wilhem Strasse* — que lhe importa? Todas são ruas, de pedra ou de macadam. Em todas a falla ambiente lhe offerece um elemento natural e congenere onde o seu espirito se move livremente, espontaneamente, sem hesitações ou attritos. E como pelo Verbo, que é o instrumento essencial da fusão humana, se póde fundir com todas — em todas sente e aceita uma Patria.

Por outro lado, o esforço continuo de um homem para se exprimir, com genuina e exacta propriedade de construcção e de accento, em idiomas estranhos — isto é o esforço para se confundir com gentes estranhas no que ellas têm de essencial-

mente caracteristico, o Verbo — apaga n'elle toda a individualidade nativa. Ao fim de annos esse habilidoso, que chegou a fallar absolutamente bem outras linguas além da sua, perdeu toda a originalidade de espirito — porque as suas idéas forçosamente devem ter a natureza incaracteristica e neutra que lhes permitta serem indifferentemente adaptadas ás linguas mais oppostas em caracter e genio. Devem, de facto, ser como aquelles «corpos de pobre» de que tão tristemente falla o povo, que cabem bem «na roupa de toda a gente».

Além d'isso, o proposito de pronunciar com perfeição linguas estrangeiras constitue uma lamentavel sabujice para com o estrangeiro. Ha ahi diante d'elle, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos n'elle, no que elle tem de mais seu, de mais proprio, o Vocabulo. Ora isto é uma perda de dignidade nacional. Não, minha senhora! Fallemos nobremente mal, patrioticamente mal, as linguas dos outros! Mesmo porque aos estrangeiros o polyglota só inspira desconfiança, como sêr que não tem raizes, nem lar estavel — sêr que rola através das nacionalidades alheias, successivamente se disfarça n'ellas, e tenta uma installação de vida em todas porque não é tolerado por nenhuma. Com effeito, se a minha amiga percorrer a Gazeta dos Tribunaes verá que o perfeito polyglotismo é um instrumento da alta *escroquerie*. Mas, justos céos! A quem me reclama um endereço eu forneço um tratado... Que a minha garrulice ao menos a faça reflectir, e poupar ao nosso bom Raul o trabalho medonho de pronunciar *Viva la Gracia!* exactissimamente como no *Puerta del Sol*. Isto não impede que se utilisem os serviços de D. Ramon. Somente como elle, além de Zorrillista, é guitarrista, póde substituir as lições na lingua de Cervantes, por lições na guitarra de Almaviva; e o seu lindo Raul ganhará ainda assim uma nova faculdade de exprimir — a faculdade de exprimir emoções por meio de cordas de arame. Este dom não é inutil. Eu conheço um homem que se consolou ao violão da perda d'uma fortuna, das infidelidades d'uma mulher, e do fiasco d'um livro. Seu muito fiel e muito diffuso — Fradique Mendes.

V

A GUERRA JUNQUEIRO

Paris, maio.

Meu caro amigo. — A sua carta transborda de illusão poetica. Suppôr, como V. candidamente suppõe, que, trespassando mortalmente com versos (ainda mesmo seus, e mais rutilantes que as flechas de Apollo) a Igreja, o Padre, a Liturgia, a Sacristia, o bacalhau á sexta-feira e os ossos dos Martyres, se póde «desentulhar Deus da alluvião sacerdotal», e elevar o Povo (no Povo incluo os conselheiros de Estado) a uma comprehensão toda pura e abstracta da Religião — a uma Religião que consista apenas n'uma Moral apoiada n'uma Fé — é ter da Religião, da sua essencia e do seu objecto, uma sonhadora idéa de sonhador teimoso em sonhos!

Uma Religião a que se elimine o Ritual desapparece — porque as Religiões para os homens (com excepção d'uma classe transcendente de metaphysicos, de moralistas e de mysticos) não passa d'um conjunto de ritos especiaes, através dos quaes cada povo procura estabelecer uma communicação com o seu Deus e obter d'elle favores. Este, só este, tem sido o fim de todos os cultos, desde o mais primitivo, do culto de Indra, até ao culto recente do coração de Maria que tanto o escandalisa na sua parochia — ó incorrigivel beato do idealismo!

Se V. o quer verificar historicamente, deixe Vianna do Castello, tome um bordão, e suba commigo por essa Antiguidade fóra até um sitio bem cultivado e bem regado que fica entre o rio Indo, as escarpas do Hymalaia, e as arêas d'um grande deserto. Estamos aqui em Septa-Sindhou, no paiz das Sete-Aguas, no Valle Feliz, na terra dos Aryas. No primeiro povoado em que pararmos V. vê, sobre um outeiro, um altar de pedra coberto de musgo fresco: em cima brilha pallidamente um fogo lento: e em torno perpassam homens, vestidos de linho branco, com os cabellos longos presos por um aro d'ouro. São padres,

meu amigo! São os primeiros capellães da humanidade, — e cada um d'elles está, por esta quente alvorada de maio, celebrando um rito da missa Aryana. Um limpa e desbasta a lenha que ha de nutrir o lume sagrado; outro pisa dentro d'um almofariz, com pancadas que devem resoar «como tambor de victoria», as hervas aromaticas que dão o *Sômma;* este, como um semeador, espalha grãos de aveia em volta da Ara; aquelle, ao lado, espalmando as mãos ao céo, entoa um cantico austero. Estes homens, meu amigo, estão executando um Rito que encerra em si toda a Religião dos Aryas, e que tem por objecto propiciar Indra — Indra, o sol, o fogo, a potencia divina que póde encher de ruina e dôr o coração do Arya, sorvendo a agua das regas, queimando os pastos, desprendendo a pestilencia das lagôas, tornando Septa-Sindhou mais esteril que o «coração do mau»; ou póde, derretendo as neves do Hymalaia, e soltando com um golpe de fogo «a chuva que jaz no ventre das nuvens», restituir a agua aos rios, a verdura aos prados, a salubridade ás lagoas, a alegria e abundancia á morada do Arya. Trata-se pois, simplesmente, de convencer Indra a que, sempre propicio, derrame sobre Septa-Sindhou os favores unicos que póde appetecer um povo rural e pastoral.

Não ha aqui Metaphysica, nem Ethica — nem explicações sobre a natureza dos deuses, nem regras para a conducta dos homens. Ha meramente uma Liturgia, uma totalidade de Ritos, que o Arya necessita observar para que Indra o attenda — uma vez que, pela experiencia de gerações, se comprovou que Indra só o escutará, só concederá os beneficios rogados, quando em torno ao seu altar lhe forem entoados os canticos, offertadas as libações, derramados os dons. Sem dons, sem libações, sem canticos, Indra, amuado e sumido no fundo do Invisivel e do Intangivel, não descerá á terra a manifestar-se na sua bondade. E se vier de Vianna do Castello um Poeta tirar ao Arya o seu altar de musgo, o seu pau sacrosanto, o almofariz, o crivo, o vaso do *Sômma*, o Arya ficará sem meios de propiciar o seu Deus — e será na terra, como a creancinha que ninguem nutre, e a que ninguem ampara os passos.

Esta Religião primordial é o typo absoluto e inalteravel das Religiões, que todas por instincto repetem, — e em que todas (apesar dos elementos estranhos de Theologia, de Metaphysica, de Ethica que lhe introduzem os espiritos superiores) terminam por se resumir com reverencia. Em todos os climas, em todas as raças, ou divinisando as forças da Natureza, ou divinisando a Alma dos mortos, as Religiões, amigo meu, consistiram sempre praticamente n'um conjunto de praticas, pelas quaes o homem simples procura alcançar da benevolencia de Deus os bens supremos da saude, da força, da paz, da riqueza — ainda mesmo quando, já educado pela experiencia, os peça tambem parallelamente á hygiene, á ordem, á lei, ao trabalho.

O que V. observou em Septa-Sindhou poderá constatar igualmente, parando (antes de recolhermos a Vianna, a beber esse vinho verde de Monção, que V. dithyrambisa) na Antiguidade classica, em Athenas ou Roma, onde quizer, no momento de maior esplendor e cultura das civilisações greco-latinas. Se V. ahi perguntar a um antigo, seja um oleiro de Suburra, seja o proprio *Flumen Dialis*, qual é o corpo de doutrinas e de conceitos moraes que compõe a Religião, — elle sorrirá, sem o comprehender. E responderá que a Religião consiste em *paces deorum quaerere*, em apaziguar os Deuses. Na idéa do antigo isso significa cumprir os ritos, as praticas, as formulas, que uma longa tradição demonstrou serem as unicas que conseguem fixar a attenção dos Deuses e exercer sobre elles persuasão. E n'esse ceremonial era indispensavel não alterar nem o valor d'uma syllaba, nem o valor d'um gesto, porque d'outro modo a Religião não tinha realidade, falseava o seu fim supremo — influenciar o Deus. Peor ainda! Passava a ser a irreligião: e o Deus, vendo n'essa omissão de liturgia uma falta de reverencia, recolhia a sua protecção e exercia a sua inimizade. As pregas da tunica do sacrificador, um passo lançado á direita ou movido á esquerda, as gottas da libação, a lenha da fogueira, todos esses detalhes estavam prescriptos immutavelmente pelos rituaes, e a sua exclusão ou o seu desvio constituiam impiedades. Constituiam verdadeiros crimes contra a patria, —

porque attrahiam sobre ella a indignação dos deuses. Por isso Athenas castigava o sacerdote que alterasse o ceremonial; e o senado depunha os consules que commettiam um erro no sacrificio — fosse elle tão ligeiro como estender a ponta da toga sobre a cabeça, quando ella devia cahir sobre o hombro. De sorte que V., em Roma, lançando ironias d'ouro á Divindade, era talvez um grande e admirado Poeta Comico: mas satyrisando, como na *Velhice do Padre Eterno*, a Liturgia e o Ceremonial era um inimigo publico, um traidor ao Estado, votado ás penas infames.

E se, já farto d'estes tempos antigos, V. quizer volver aos nossos philosophicos dias, terá, nas duas grandes Religiões do occidente e do oriente, no Catholicismo e no Budhismo, uma comprovação ainda mais saliente e mais viva de que a Religião consiste intrinsecamente de praticas, sobre as quaes a Theologia e a Moral se sobrepozeram sem as penetrarem, como um luxo intellectual, accessorio e transitorio — flores pregadas no altar pela imaginação ou pela virtude idealista. O Catholicismo (ninguem mais furiosamente o sabe do que V.) está hoje resumido a uma curta série de observancias materiaes: — e todavia nunca houve Religião dentro da qual as intelligencias superiores erguessem mais vasta e alta estructura de conceitos theologicos e moraes. Esses conceitos, porém, obra de doutores e de mysticos, nunca propriamente sahiram das escolas e dos mosteiros — onde eram preciosa materia de dialectica ou de poesia; e nunca penetraram nas multidões para methodicamente governar os juizos ou conscientemente governar as acções. Reduzido a catechismos, a cartilhas, esse corpo de conceitos era decorado pelo povo: — mas nunca o povo se persuadiu que tinha religião, e que portanto *agradava a Deus*, *servia a Deus*, só por cumprir os dez mandamentos, fóra de toda a pratica e observancia ritual.

Para servir a Deus, que é o meio d'agradar a Deus, o essencial foi sempre ouvir missa, esfiar o rosario, jejuar, commungar, fazer promessas, dar tunicas aos santos, etc. Só por estes ritos, e não pelo cumprimento moral da lei moral, se pro-

picia Deus, — isto é se alcançam d'elle os dons inestimaveis da saude, da felicidade, da riqueza, da paz. O mesmo Céo e Inferno, sancção extra-terrestre da lei, nunca, na idéa do povo, se ganhava ou se evitava pela pontual obediencia á lei, — por isso mesmo que o premio e o castigo não eram manifestações da justiça de Deus, mas da graça de Deus. Ora a graça só se obtem pela constante e incansavel pratica dos preceitos, — a missa, o jejum, a penitencia, a communhão, o rosario, a novena, a offerta, a promessa. De sorte que no catholicismo do Minhoto como na religião do Arya, em Septa-Sindhou como em Carrazeda d'Anciães, tudo se resume em propiciar Deus por meio de praticas que o captivem. Não ha aqui Theologia, nem Moral. Ha o acto do infinitamente fraco querendo agradar ao infinitamente forte.

Idem no Budhismo. Dentro d'essa Religião foi elaborada a mais alta das Metaphysicas, a mais nobre das Moraes: mas em todas as raças em que elle penetrou, nas barbaras ou nas cultas, nas hordas do Nepal ou no mandarinato chinez, elle consistiu sempre para as multidões em ritos, ceremonias, praticas — a mais conhecida das quaes é o *moinho de rezar*, que em todos os paizes budhistas está collocado nas ruas das cidades, nas encruzilhadas do campo, para que o devoto ao passar, com duas voltas á manivella, possa fazer chocalhar dentro as orações escriptas, e louvar o Budha, que «lhe ficará grato e lhe augmentará os seus bens.»

Nem o Catholicismo, nem o Budhismo vão por este facto em decadencia. Ao contrario! Estão no seu estado natural e normal de Religião. Uma Religião quanto mais se materialisa, mais se divinisa. Não se espante! Quero dizer, que quanto mais se desembaraça dos seus elementos intellectuaes de Theologia, de Moral, de humanitarismo, etc., repellindo-os para as suas regiões naturaes que são a Philosofia e a Ethica, tanto mais colloca o povo face a face com o seu Deus, n'uma communicação directa e simples, tão facil de realisar que, por um mero dobrar de joelhos, um mero desfiar de contas, um mero balbuciar de Padre-Nossos, o homem absoluto que está no

céo vem ao encontro do homem transitorio que está na terra.

V. porém dirá (e de facto o diz): «Tornemos essa communicação puramente espiritual, e que, despida de toda a exterioridade liturgica, ella seja apenas como o espirito humano fallando ao espirito divino.» Mas para isso é necessario que venha o Millenio — em que cada cavador de enxada seja um philosopho, um pensador. E quando esse Millenio detestavel chegar, e cada tipoia de praça fôr governada por um Mallebranche, terá V. ainda de ajuntar a esta perfeita humanidade masculina uma nova humanidade feminina, philosophicamente differente da que hoje embelleza a terra. Porque emquanto houver uma mulher constituida physica, intellectual e moralmente como a que Deus tão brilhantemente fez da costella de Adão, — haverá sempre ao lado d'ella, para uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre.

Essa communicação mystica do Homem e de Deus, que V. quer, nunca poderá ser senão o privilegio d'uma *élite* espiritual, deploravelmente limitada. Para a vasta massa humana, em todos os tempos, pagã, budhista, christã, mahometana, selvagem ou culta, a Religião terá sempre por fim, na sua essencia, a supplica dos favores divinos e o afastamento da cólera divina; e, como instrumentação material para realisar estes objectos, o templo, o padre, o altar, os officios, a vestimenta, a imagem. Pergunte a qualquer mediano homem sahido da turba, que não seja um philosopho, ou um moralista, ou um mystico, o que é Religião. O inglez dirá: —«É ir ao serviço ao domingo, bem vestido, cantar hymnos.» O hindu dirá: —«É fazer *poojah* todos os dias e dar o tributo ao *Mahadeo.*» O africano dirá: —«É offerecer ao *Mulungú* a sua ração de farinha e oleo.» O Minhoto dirá: —«É ouvir missa, rezar as contas, jejuar á sexta-feira, commungar pela Paschoa.» E todos terão razão, grandemente! Porque o seu objecto, como seres religiosos, está todo em communicar com Deus; e esses são os meios de communicação que os seus respectivos estados de civilisação e as respectivas liturgias que d'elles sahiram, lhes forneceni. *Voilà!* Para V. está claro, e para outros espiritos de eleição, a

Religião é outra coisa — como já era outra coisa em Athenas para Socrates e em Roma para Seneca. Mas as massas humanas não são compostas de Socrates e de Senecas — bem felizmente para ellas, e para os que as governam.

De resto, não se desconsole, amigo! Mesmo entre os simples ha modos de ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades rituaes. Um presenciei eu, deliciosamente puro e intimo. Foi nas margens do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria, nas vesperas de entrar em guerra com um chefe visinho, communicar com o seu Deus, com o seu Mulungú (que era, como sempre, um seu avô divinisado). O recado ou pedido, porém, que elle desejava mandar á sua Divindade, não se podia transmittir através dos Feiticeiros e do seu ceremonial, tão graves e confidenciaes materias continha... Que faz Lubenga? Grita por um escravo: dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica bem que o escravo tudo comprehendera, tudo retivera: e immediatamente arrebata um machado, decepa a cabeça do escravo, e brada tranquillamente «parte!». A alma do escravo lá foi, como uma carta lacrada e sellada, direita para o céo, ao Mulungú. Mas d'ahi a instantes o chefe bate uma palmada afflicta na testa, chama á pressa outro escravo, diz-lhe ao ouvido rapidas palavras, agarra o machado, separa-lhe a cabeça, e berra: —«Vai!»

Esquecera-lhe algum detalhe no seu pedido ao Mulungú... O segundo escravo era um *post-scriptum*.

Esta maneira simples de communicar com Deus deve resosijar o seu coração. Amigo do dito — FRADIQUE.

VI

A RAMALHO ORTIGÃO

Paris, maio.

Querido Ramalho. — No sabbado, á tarde, na rue Cambon, avisto dentro d'um fiacre o nosso Eduardo, que se arre-

messa pela portinhola para me gritar: «Ramalho, esta noite! de passagem para a Hollanda! ás dez! no café da Paz!»

Fico docemente alvoroçado; e ás nove e meia, apesar da minha justa repugnancia pela esquina papalva do café da Paz, lá me installo, com um bock e com o *Standard*, esperando a cada instante que surja, por entre a turba miuda e molle do boulevard, o esplendor da Ramalhal figura. Ás dez salta d'um fiacre com anciedade o vivaz Carmonde, que abandonara á pressa uma sobremeza alegre *pour voir ce grand Ortigan!* Começa uma espera a dois, em tedio a dois, com bock a dois. Nada de Ramalho, nem do seu viço. Ás onze apparece Eduardo, esbaforido. E Ramalho? Inedito ainda! Espera a tres, impaciencia a tres, bock a tres. E assim até que o bronze nos soou o fim do dia — como ousava dizer Chateaubriand.

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorviamos as derradeiras fezes do bock, já desilludidos de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escurinho, chupadinho, apuradinho, esticadinho, que traz na mão, com respeito, quasi com religião, um soberbo ramo de cravos amarellos. É um homem d'além dos mares, da Republica Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo — que o retem e apresenta «o snr. Mendibal». Mendibal aceita um bock: e eu começo a contemplar em silencio aquella facesinha toda em perfil, como recortada n'uma lamina de machado, d'uma côr acobreada de chapéo côco inglez, onde a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escanteada foge toda para traz, timidamente. O caroço da garganta esganiçada, ao contrario, avança como o esporão d'uma galera por entre as pontas quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa perola.

Eu contemplo, e Mendibal falla. Falla n'um tom arrastado e humido, quasi dolente, em que as syllabas desfallecem, se esvaem em gemido. A voz é certamente triste: — mas, no que diz, revela a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: immensas propriedades além do mar, a

consideração dos seus fornecedores, uma casa no Parc-Monceaux, e «uma esposa adoravel». Como deslisou elle a mencionar essa dama que lhe embelleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho Inglez meu amigo, que passava, recolhendo da Opera, e que me queria simplesmente segredar que «a noute estava esplendida». Quando voltei á meza e ao bock, o Argentino encetára em monologo a glorificação da «sua senhora». Carmonde esquecera o charuto, devorando o homemzinho com olhos que riam e saboreavam, infinitamente divertido. Eduardo escutava com a compostura grave de um portuguez antigo. E o Mendibal, tendo posto ao lado, sobre uma cadeira, com cuidados devotos, o ramo de cravos, desfiava as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se alli uma d'essas admirações effervescentes, borbulhantes, que se não podem retrahir, e transbordam por toda a parte, mesmo por sobre as mezas dos cafés: onde quer que passasse aquelle homem iria deixando exhalar a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua. Comprehendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para fóra o caroço da garganta, revelou que madame Mendibal era franceza. Tinhamos alli portanto um fanatismo de preto pela graça clara e loira d'uma parisiensesinha, picante em seducção e finura. Desde que comprehendi, sympathisei. E o Argentino farejou em mim esta benevolencia critica — porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço, o mais decisivo, sobre as excellencias de Madame: «Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por «exemplo, o carinho com que ella cuidava da mamã (da mamã «d'elle), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois era «uma paciencia, uma delicadeza, uma sujeição... Oh, de cahir de «joelhos! Então nos ultimos dias a mamã apparecera tão excessivamente rabujenta!... Madame Mendibal até andava pallida. «De sorte que elle proprio, n'esse domingo, lhe pedira que se fos«se distrahir, passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella, ma«dame Jouffroy, habitava por economia. E agora viera elle de «a esperar na *gare* Saint-Lazare. Pois senhores, todo o dia em

«Versalhes, a santa creatura estivera com cuidado na sogra, «cheia de saudades da casa, n'uma ancia de recolher. Nem lhe «soubera bem a visita á mamã! A maior parte da tarde, e uma «tarde tão linda, gastára-a a reunir aquelle esplendido ramo «de cravos amarellos para lhe trazer, a elle!»

— É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma franceza. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo principe de Galles. Eu não sei se o senhor é casado. Perdoe a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo: — Case com uma franceza, case com uma franceza!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e mais ingenuamente tocante. Como V. não vinha, fugidio Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu extremoso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece — o «formoso Chambray». Encontro Chambray no fundo d'uma poltrona, derreado e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem n'esse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E, immediatamente, sem se conter, faz a confidencia que lhe bailava impacientemente no sorriso e no olhar humedecido.

Fôra a Versalhes, com tensão de visitar os Fouquiers. No mesmo compartimento, com elle, ia uma mulher, *une grande et belle femme*. Corpo soberbo de Diana n'um vestido collante de Redfern. Cabellos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves. Dous solitarios nas orelhas. Sêr substancial, solido, sem chumaços e sem blague, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente installado na vida.

E, no meio d'esta respeitabilidade physica e social, um geito equivoco de molhar os beiços a cada instante, vivamente, com a ponta da lingua... Chambray pensa comsigo: — «burgueza, trinta annos, sessenta mil francos de renda, temperamento

forte, desapontamentos d'alcova». E apenas o comboyo larga, toma o seu «grande ar Chambray», dardeja á dama um d'esses olhares que eram outr'ora symbolisados pelas flexas de Cupido. Madame impassivel. Mas, momentos depois, vem d'entre as palpebras um pouco pesadas, direito a Chambray (que vigiava de lado, por traz do *Figaro* aberto), um d'esses raios de luz indagadora que, como os da lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente timida, sobre o calor de Paris. Ella concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a Ecloga. Em Suresnes, Chambray já se senta na banqueta ao lado d'ella, fumando. Em Sevres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repellida por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sitio de Viroflay que só elle conhece, recanto bucolico, de incomparavel doçura, inaccessivel ao burguez. Depois, ás duas horas tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar — arrebata-a moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e mascula.

Eil-os no campo, com um aroma de seiva em redor, e a primavera e Satanaz conspirando e soprando sobre Madame os seus bafos quentes. Chambray conhece á orla do bosque, junto d'agua, uma tavernola que tem as janellas frescamente encaixilhadas em madresilva. Porque não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomesinha alegre, de ave solta no prado: e Satanaz, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Acham lá, com effeito, uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, meza posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. «Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque elles têm de partir pelo trem das duas horas» — tal é o brado sincero de Chambray!

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspira-

ção genial — despe o casaco, abanca em mangas de camisa. É um rasgo de bohemia e de liberdade, que a encanta, a excita, faz sahir a *garota* que ha quasi sempre no fundo da *matrona*. Atira tambem o chapeu, um chapeu de duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, e tem este grito d'alma:

— *Ah oui, que c'est bon, de se desembêter!*

E depois, como dizem os hespanhoes — *la mar*. O sol, ao despedir-se da terra por esse dia, deixou-os ainda em Viroflay; ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez á meza diante d'um *bifsteak* reconfortante, como os acontecimentos pediam muito logicamente.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar á estação, para tomar o trem de Paris. Ella aperta devagar as fitas do chapeu, apanha uma das flôres da janella que mette no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e reter — e partem. Na estação, ao saltar para um compartimento differente (por causa da chegada a Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplica-lhe que ao menos lhe diga como se chama. Ella murmura — *Lucie*.

— E é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray accendendo o charuto. E sei tambem que é casada porque na *gare* Saint-Lazare, á espera d'ella, e acompanhado por um trintanario serio, de casa burgueza, estava o marido... É um *rastacuero*, côr de chocolate, com uma barbita rala, enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando ella lhe deu um grande ramo de cravos amarellos que eu lhe mandára arranjar em Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha senão as francezas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é delicioso e não ha nos espaços outro mais bem organisado. Porque note V. como ao fim d'este domingo de maio, todas estas tres excellentes creaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um immenso prazer e uma immensa vaidade — os dous unicos resultados que elle conta na existencia como proventos solidos, e valendo o

trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou differente, que a desenervou, a desafogou, lhe permittiu reentrar mais acalmada na monotonia do lar, e ser util aos seus com rediviva applicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triumphal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, ao fim d'esse dia de primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o Argentino appetece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente gaulezas de Chambray, accresce, ao contentamento individual dos tres, um lucro effectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organisado.

Amigo fiel, que fielmente o espera á volta da Hollanda — FRADIQUE.

Eça de Queiroz.

A DICTADURA NO BRAZIL

TRATADOS DIPLOMATICOS E CREDITO FINANCEIRO

O regimen de militarismo dictatorial que no Brazil, como em toda a parte, se apresenta como encarnação da força e da ordem, conduz inevitavelmente ao enfraquecimento nacional e á desorganisação social. Faltam-lhe as duas condições indispensaveis á vida normal dos governos, nos povos civilisados: a liberdade para os cidadãos e a sancção popular para os actos do governo. A dictadura encontra por isso em si mesma o seu castigo e a sua destruição. E não ha depois talento, não ha pureza de intenções que possam salvar um dictador da irrevogavel condemnação a que o vota a consciencia universal.

O governo dictatorial do Brazil está mostrando ao mundo que é hoje impossivel governar um paiz latino sem a liberdade. A dictadura póde conseguir dominar uma nação; mas governal-a, no sentido civilisado da palavra *governo* — isto é, dirigir a mesma nação, facilitando-lhe a realisação efficaz do seu destino — é coisa que a dictadura jámais conseguirá. O governo de um paiz livre e o mesmo paiz são entidades consubstanciadas, indivisiveis: o governo é a nação, a nação é o governo. A nação dominada pela dictadura não encontra jámais n'essa dictadura a sua propria encarnação. A dictadura é o senhor;

a nação é a escrava, tratada com mais ou menos brandura, mas sempre escrava. O que constitue a tyrannia não é a effusão de sangue; é a usurpação do direito. Os brazileiros conheceram até ha pouco, na ordem domestica, o que eram estas relações entre o dominador e o dominado, entre o senhor e o escravo. A sociedade brazileira soffreu, provenientes d'essa escandalosa affronta á justiça, os males que os seus pensadores apontaram, que os seus economistas sommaram, e que os seus poetas choraram. A fatalidade reservava, porém, á geração que viu extinguir-se a escravidão domestica, o espectaculo da escravidão politica.

Temos já visto funccionar este regimen que parecia impossivel no Brazil, attentas as fórmas exteriores de civilisação que o revestiam. Continuamos hoje a acompanhar as differentes phases da estranha transformação que no Brazil se opéra. É esse um dever que se impõe a quem tem a consciencia da solidariedade humana, e a quem sabe quanto as lições da historia são uteis, ou nos venham do Passado, ou se desenrolem, ante nossos olhos, no Presente.

I

A dictadura é o enfraquecimento nacional porque é o regimen em que o poder póde tudo e em que o cidadão nada vale. A certeza de que nada é impossivel a quem tem o mando é a noção mais deprimente e corruptora que um povo póde aprender. Não ha caracter nacional capaz de resistir á acção dissolvente d'esta idéa. A dictadura installada é sempre a mestra do aviltamento, a escóla da delação e da perfidia, a realisação da imagem biblica, — *cadeira de pestilencia*. E a geração creada sob a dictadura esquecerá para sempre os deveres da liberdade.

O poder, nos paizes civilisados, tem a norma inviolavel que é a lei, expressão da vontade geral: o poder nos paizes

barbaros não tem outro limite senão a propria vontade do mesmo poder, que póde ir até onde chegar a paciencia ou a fraqueza passiva dos governados. A lei é a força harmonisadora das sociedades; o arbitrio é o desequilibrio e a contradicção. A lei tem o caracter impessoal, inatacavel que lhe dá a responsabilidade collectiva; a dictadura inaugura entre os povos o fetichismo das pessoas, negação absoluta da liberdade. No Brazil, a dictadura não se tem podido furtar a estas fatalidades da sua natureza.

A leitura dos jornaes d'aquelle paiz é altamente instructiva: e os differentes episodios da sua vida governativa, tão anormal, são proveitosos exemplos. O regimen de longa e livre discussão, tão largamente praticado no paiz durante cincoenta annos, era uma preparação nacional para as leis: hoje, o habitante do Brazil não sabe a transformação que um ministro quiz dar às leis senão pela surpreza que experimenta, pela manhã, ao lêr nos jornaes um decreto que altera subitamente as mais importantes relações sociaes. E cada dia os factos provam brutalmente que o poder tudo póde. É portanto natural que cresça entre o povo o temor de quem tem um poder tão absoluto; do temor passa-se á lisonja, da lisonja desce-se á sujeição. Os governados aviltam-se. Os governantes abusam.

O regimen republicano que depoz uma dynastia vai insensivelmente creando outra. A auctoridade está, sob muitos pontos de vista, personificada na familia do chefe do Governo Provisorio. Esta estimavel familia, mau grado seu, organisa-se em tribu dominadora. O dia anniversario da esposa do Marechal Deodoro tomou, nos jornaes officiosos, as proporções de um acontecimento nacional. O snr. Deodoro tem muita familia, sobretudo muitos sobrinhos, a quem se attribuem muitos meritos; estes meritos porém nunca foram exaltados pela imprensa que só lh'os descobriu desde que o tio reina. E os sobrinhos do poder executivo e absoluto já não podem contar os seus novos e sinceros admiradores. Os jornaes publicam os retratos dos sobrinhos do Marechal; todos os dias são offerecidos jantares, almoços, manifestações aos sobrinhos do Marechal. Nunca, em

tempo de nenhum Papa, por mais desenvolvido que tivesse o sentimento de familia, foram vistos em Roma mais adulados sobrinhos — *nepoti santissimi*, como lhes chamam os romanos. N'um grande banquete, que durou longas horas, e em que o actor comico Xisto Bahia bebeu á saude do Marechal Pae da Patria [1], numerosos oradores exaltaram minuciosa e enthusiasticamente os meritos individuaes e collectivos da familia do Marechal Fonseca, que, na sua época de sacrificios e glorias no Paraguay, jamais recebeu ovações, como as feitas agora aos drs. majores Hermes, Manoel Hermes, Percilio, e Olympio da Fonseca. Felizmente, a influencia d'esses parentes do dictador não se exerce em mau sentido; a intervenção d'elles, decisiva nos negocios publicos, tem mesmo sido em favor da moderação e da justiça. E a gratidão que lhes devem os que, graças a elles, escapam ás perseguições, é um sentimento que não se tem tambem escondido. O *Jornal do Commercio*, de 1 de fevereiro, noticía que «os empregados e subalternos da secretaria da camara dos deputados, foram, encorporados, agradecer ao dr. Hermes da Fonseca a sua intervenção para que elles ficassem nos seus logares».

O Marechal Deodoro mais de uma vez tem desfeito injustiças e corrigido disparates. Já n'esse louvavel intuito se viu obrigado a despedir o incorrecto jacobino Aristides Lobo, que espontaneamente se improvisára ministro do interior na confusão de 15 de novembro. Já de outra vez, fez cassar nomeações diplomaticas feitas pelo snr. Quintino Bocayuva que escolhia Ministros para representar o Brazil entre a reportagem necessitada e a bohemia intonsa que cerca aquelle senhor!

Estes actos (e escolhemos d'entre os factos reveladores de boas intenções, praticados pela dictadura) mostram a desordem contradictoria e fatal que está sendo no Brazil o aprendizado nacional da fórma republicana. O snr. Quintino Bocayuva declara que os jornalistas contrarios ao governo incorrerão nas penas de insurreição militar: o snr. Ruy Barbosa, em res-

[1] *Paiz* de 10 de fevereiro.

posta ás criticas feitas a um dos seus decretos bancarios, ameaça os jornalistas com as mesmas penas [1]: no Rio Grande do Sul, o jornalista Koseritz é levado á presença das auctoridades e intimado a não fazer mais opposição ao governo, porque (disse-lhe o chefe de policia) a Republica não podia tolerar a liberdade que havia no tempo do Imperio [2]. É porém mais forte de que tudo isto a boa vontade do Marechal Deodoro; e as penas de insurreição ainda não foram, graças a elle, applicadas a nenhum dos jornalistas que, pouco a pouco, vão creando coragem, passando do silencio á observação respeitosa, da observação á timida censura, sahindo assim do cauteloso retrahimento a que se abrigaram — porque, diz preciosamente o *Jornal do Commercio*, «a liberdade de imprensa é qual a mimosa sensitiva que ao menor toque se retrae», ou «como o limpido crystal que ao mais leve sopro se empana» [3].

[1] *Diario de Noticias* de 24 de janeiro.

[2] *Paiz* de 20 de fevereiro.

[3] No dia 24 de dezembro o redactor da *Tribuna Liberal* teve uma entrevista com o ministro da Republica, o snr. Quintino Bocayuva, e perguntou-lhe se o decreto de 23 de dezembro sobre insurreição militar era applicavel á imprensa. Diz o redactor: «Com a maxima franqueza logo respondeu o snr. Quintino Bocayuva que — *sim*, isto é, *que nas disposições do decreto contra os conspiradores a palavra* ESCRIPTOS *se referia a toda e qualquer publicação pela imprensa*.

« — N'este caso, ponderamos-lhe, o decreto envolve a suppressão da liberdade da imprensa, pois que outra coisa não é arvorar-se o governo em censor do caracter mais ou menos *sedicioso* de um artigo, e mandar que o jornalista seja submettido a uma commissão militar, e summaria e militarmente punido.

« — Não o contesto, disse o cidadão ministro.

« Por ultimo, e para evitar qualquer futuro equivoco, dissemos que iriamos tornar publicas as declarações do snr. ministro.

« — Estão no seu direito fazendo-o, respondeu o snr. Bocayuva.

«Só nos restava recapitular aquellas declarações e em breves termos o fizemos: 1.º que o decreto de 23 de dezembro abrange artigos ou publicações do jornalismo; 2.º que para os jornalistas increpados de sediciosos cessa o fôro civil, e ficam elles sujeitos ás penas de sedição militar, respondendo por seus escriptos a uma commissão de militares; 3.º que diante d'essas resoluções deixou de existir a liberdade da imprensa mormente para os orgãos politicos.» (*Tribuna Liberal* de 25 de dezembro).

O jornalista retirou-se, e a *Tribuna Liberal* cessou a sua publicação.

Não é difficil avaliar que effeito desmoralisador tem no caracter nacional este regimen de compressão, que intimida, e que dá a liberdade aos bocados, só por méro favor e por generosidade pessoal. Este regimen é para o povo a escola do servilismo e do rebaixamento. Para o governo é a irresistivel tentação do capricho e da vaidade — quando não seja a tentação do crime. D'ahi vem os fuzilamentos do Maranhão, os tormentos inflingidos aos prisioneiros [1]. D'ahi vem esse tenente que penetra na secretaria de policia do Paraná e, sacando da espada, espanca, a *pranchadas*, o chefe de policia, ficando o criminoso impune, e sendo a victima exonerada a exigencias da officialidade da guarnição [2].

A dictadura, quando não se notabilisa pelo crime, distingue-se pela vaidade. É o governo dando uniformes phantasiosos e theatraes ao exercito; o ministro da marinha ordenando que todos os officiaes tenham os mesmos cordões de ouro dos seneraes [3]; o governador do Rio de Janeiro viajando com pompa soberana, precedido de clarins, recebido por uma sociedade musical chamada *Lyra dos conspiradores*, para espantar pelo fausto um paiz acostumado á simplicidade de D. Pedro II [4];

A veracidade das affirmativas do redactor d'aquella folha NÃO FOI CONTESTADA nem pelo *Paiz*, orgão do ministro dos negocios estrangeiros, nem pelo *Diario de Noticias*, orgão do ministro da fazenda, nem pelo *Diario Official*. O Centro Positivista, representado pelo snr. Miguel Lemos, protestou no *Jornal do Commercio* de 26 de dezembro, dizendo — «as declarações do snr. ministro do exterior supprimem de facto a liberdade de imprensa, e a semelhante abuso do poder e a semelhante erro politico só podemos e só devemos oppôr o nosso protesto insuspeito, fazendo votos para que o governo rectifique a interpretação formulada pelo snr. ministro do interior».

O governo nada respondeu.

[1] *Gazeta de Noticias* de 30 de janeiro.

[2] Um padre italiano que tinha honras de capellão do exercito tinha sido preso por turbulento e tinha-lhe sido tomado um punhal. O chefe de policia apressou-se em soltar o padre logo que soube das suas honras militares. O tenente foi exigir a restituição do punhal, e por essa occasião espancou o magistrado chefe de policia do Estado. (*Gazeta de Noticias* de 23 e 28 de fevereiro).

[3] *Jornal do Commercio* de 1 de fevereiro.

[4] *Gazeta do Povo*, de Campos, de 3 de fevereiro.

o ministro da marinha recebendo dos *reporters* navaes da imprensa os bordados da sua farda de almirante e regando com champagne a dadiva [1]; o retrato do snr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda, estampado nos novos bilhetes de banco [2], honra que nenhum paiz sériamente republicano deu a nenhum cidadão vivo, e que nenhum outro estadista ousaria aceitar... Eis-ahi o lado comico da dictadura, — lado comico nunca percebido, ou antes sempre escondido, por uma certa imprensa que amarra systematicamente adjectivos encomiasticos aos nomes dos governantes. O respeito do Americano e do Francez pelo chefe da sua nação não os obriga a dizer mais do que Mr. Harrison, ou Monsieur Carnot; no Brazil, para os *reporters*, os adjectivos de pequena gala são pelo menos *venerando*, *inclito* e *heroico*.

Todas estas vaidades e todas estas exaggerações pertenceriam sómente ao dominio do burlesco se não revelassem um estado politico lastimavel, um verdadeiro retrocesso na dignidade e no decoro dos costumes politicos. Todo o desequilibrio moral é funesto em suas consequencias, embora risivel nas suas formas; mas quando revelado por quem governa, é uma verdadeira calamidade nacional. Nos negocios interiores d'uma nação a vaidade, o capricho, a ignorancia e a bohemia são sempre fataes. E que resultado não será o d'esses elementos applicados á solução das questões internacionaes de que tanto dependem a integridade e a honra dos paizes?

Por desgraça do Brazil, a republica militar, apenas inaugurada, quiz dar uma amostra da sua diplomacia. E escolheu a grave questão de limites com a Republica Argentina.

Estudemos os antecedentes da questão, e vejamos o modo pelo qual ella parece ter sido resolvida sob o ponto de vista da honra e do interesse do Brazil.

[1] *Jornal do Commercio* de 11 de fevereiro.

[2] *Gazeta de Noticias* de 20 de janeiro.

II

A monarchia brazileira, que na Republica Argentina foi tantas vezes accusada, pela cegueira popular, de ambição e de espirito dominador, mas que recebeu de homens da estatura de Mitre, de Sarmiento e outros, os mais irrecusaveis attestados de nobre desinteresse, deixou a chamada *Questão de Missões* para ser sujeita á decisão arbitral do presidente dos Estados-Unidos. O governo do Brazil removera pois do horisonte diplomatico da America do Sul a hypothese de uma guerra argentino-brazileira por motivos de limites. A questão historica, diplomatica e geographica, destinada a ter a pacifica solução de arbitragem, tinha sido examinada a fundo por muitos publicistas brazileiros como objecto de grande e ponderado estudo. E o governo do Brazil, conscio do seu direito (que é incontestavel aos olhos de todo o mundo que aprofunde a questão), esperava tranquillo a decisão que, pela elevada imparcialidade do juiz escolhido, não podia ser senão favoravel á causa brazileira.

O Governo Provisorio da Republica não soube e não quiz deixar que o tratado argentino-brazileiro, de 7 de setembro de 1889, produzisse todos os seus effeitos — isto é, não quiz permittir que se realisasse o juizo arbitral.

Porque? Desconfiaria da imparcialidade do arbitro escolhido pela monarchia? Esta supposição é inadmissivel para quem conhece a seriedade do governo livre da grande republica americana.

Duvidaria o Governo Provisorio do direito do Brazil? Seria preciso para admittir esta hypothese suppôr que o Governo Provisorio não tinha a menor noção do litigio. Mas, ainda n'esse caso, não era de simples bom senso, infinitamente preferivel deixar que o Brazil se sujeitasse ás contingencias da decisão arbitral, do que ceder precipitadamente um vasto territorio, abrindo mão de parte, de grande parte, do direito que o Brazil sempre reclamou para si? Se o Governo Provisorio adoptou sinceramente

a designação de — Provisorio — para que esta ancia inexplicavel de resolver a mais delicada questão de honra da nação, a questão da integridade do seu territorio? Mais simples e mais patriotico seria com certeza, ainda no caso de recusa do juizo arbitral já aceito por ambos os paizes, esperar pela constituição definitiva do governo nacional.

Ha porém em todo este extraordinario negocio de Missões, de que a REVISTA já se occupou no seu numero de Fevereiro, certos lados mysteriosos, indefiniveis, que o tornam uma verdadeira curiosidade diplomatica. A *Prensa*, grande diario de Buenos-Ayres, commentando o inesperado triumpho obtido pelo governo argentino, constatou orgulhosamente: «El Brazil se ha *apresurado* á terminar el arreglo definitivo de sus viejas cuestiones con esta Republica, y ha querido hacerlo *en formas nuevas y extraordinarias* [1].»

Novas e extraordinarias são realmente as formas diplomaticas da dictadura brazileira! É novo, por certo, é sem duvida extraordinario, que um governo, por seu gosto e sem a dura pressão da necessidade, tenha humilhado o seu paiz perante o estrangeiro, sacrificado a sua honra, os interesses da sua segurança e a integridade do seu sólo! E este sacrificio foi feito em condições particularmente humilhantes para o Brazil. O negociador brazileiro levou aos ultimos extremos a adulação do amor proprio argentino e o esquecimento da dignidade do seu paiz. Foi do snr. Quintino Bocayuva a idéa de ir ao Rio da Prata o proprio ministro dos negocios estrangeiros do Brazil para alli firmar o tratado. O publico argentino apreciou devidamente a posição de inferioridade em que o Brazil assim voluntariamente se collocou. O orgão officioso do presidente da Republica Argentina não deixou de accentuar o facto: «A vinda de Quintino Bocayuva ao Prata», diz o *Sud America*, «adiantando-se ante o nosso governo, é uma prova muito alta de deferencia que um governo presta a outro. Aos que condemnam a politica da actualidade, em todas as suas faces, como um desastre, insinuando

[1] Editorial de 29 de janeiro de 1890.

abertamente que o governo tem perdido o credito e o prestigio do paiz no exterior, a esses, oppomos este facto, como um desmentido incontestavel [1].»

Resolvido este acto de quasi subserviencia internacional, o snr. Bocayuva, enthusiasmado, telegraphou ao representante do Brazil em Buenos-Ayres annunciando que ao chegar á Republica Argentina «o seu primeiro abraço seria para dois velhos amigos de sua alma, para Luiz Varella e Carlos Guido, que, mais que nenhuns outros lhe tinham feito amar e admirar as glorias do povo argentino [2].» A opinião publica argentina, o governo, a imprensa, cantaram victoria; e deram a sua causa por ganha desde que souberam que o tratado ia ser feito pelo snr. Bocayuva, por todos indicado como «o publicista brazileiro mais amigo da Republica Argentina» [3], como «o representante caracterisado da nova politica brazileira, e o antigo amigo da Republica Argentina [4].» Um jornal lembrou que ha alguns annos o snr. Bocayuva, que «além de habil politico é tambem, *como Racine e Octave Feuillet, um excellente moralista*», fizera n'um theatro do Rio de Janeiro uma conferencia sobre a mulher argentina. Segundo esse jornal, foi ruidoso o effeito d'essa conferencia: —«Quien es este hombre que nos viene a decir novedades tan buenas?» O jornal argentino diz que esta era a pergunta feita a si mesmos pelos aristocratas brazileiros «*acostumbrados a vivir entre las fieras como Nabucodonosor, y que solo a partir de aquel momento conocieron que la virtud no era simplemente una palabra*» [5]. Assim, com desprezo mais ou menos franco fallavam do Brazil os jornaes argentinos, ao occuparem-se do enviado que vinha a caminho de Buenos-Ayres.

Emquanto esta era a linguagem da imprensa platina, no

[1] *Sud America* de 14 de janeiro.
[2] *Sud America* de 16 de janeiro.
[3] Carta do snr. Varella á *Nacion* de 14 de janeiro.
[4] *Prensa* de 29 de janeiro.
[5] *El Diario* de 29 de janeiro.

Rio de Janeiro o ministro democrata mandava fazer grandes obras a bordo do encouraçado *Riachuelo*, para acommodar a sua familia, os seus genros, amigos, *reporters*, que no meio de grande fausto o deviam acompanhar a Buenos-Ayres, formando-lhe um sequito régio — régio não pelo brilhantismo dos personagens, mas pelas grandes sommas que ao thesouro brazileiro custou esta embaixada *rastaquère!* Assim se iniciava a comica e revoltante odysséa, cheia de chato cabotinismo, abundante em disfructaveis incidentes, aliás bem tristes quando se pensa que *aquillo* pretendia representar o Brazil. A viagem custou ao paiz para mais de mil contos de reis: e não foi senão uma successão de actos de inutil adulação aos argentinos por parte do ministro brazileiro, e de mal contidos sarcasmos escapos á sinceridade argentina através do ruido das festas. O Rio de Janeiro assistiu com triste indifferença á partida da estranha expedição; e comprehendeu logo que de tal aventura não sahiriam illesos nem o prestigio nem o interesse do paiz. O povo brazileiro vira muitas vezes modestos e pobres homens de estado partirem para o Rio da Prata, como simples passageiros, em navios mercantes; e sabia que n'essas regiões, luctando contra seculares preconceitos, esses homens fariam prevalecer sempre a influencia do Brazil, preponderar a sua politica, consagrando em tratados a gloria adquirida pelas armas, e creando para a diplomacia brazileira uma legenda de habilidade e de energia. Bem diversos eram esses enviados do Brazil d'este pedantesco passageiro do *Riachuelo!* Os enviados de Roma, que intimaram a Pyrrho a retirada da Italia e que passaram á Africa desafiando Carthago, trajavam lã grosseira e eram pobres: mas iam vestidos de purpura e de sedas, cobertos de oiro, e em tudo magnificentes, os eunuchos de Byzancio, que iam ás fronteiras levar aos barbaros o duro tributo com que a grandeza romana, ao extinguir-se, comprava a paz ao inimigo!

Em Montevideu, a feição anti-patriotica e espectaculosa do regabofe diplomatico accentuou-se ainda mais. Figurou logo na viagem do snr. Bocayuva o toureador Mazzantini: e a tau-

romachia veio assim ajudar a diplomacia. Assistiam oficialmente á tourada o snr. Bocayuva e o plenipotenciario argentino. «Mazzantini offereceu a morte do terceiro touro aos ministros Bocayuva e Zeballos, brindando pela felicidade do Brazil e da Republica Argentina e pela união das republicas sul-americanas.» A espada de Mazzantini impedirá pois a historia de dizer que não se derramou sangue pela questão de limites entre o Brazil e a Republica Argentina. Houve o sangue d'um boi. E não foi pois tão incruentamente, como se affirmou, que esse paiz pelo tratado Bocayuva ganhou sobre o Brazil mais de quinhentas leguas quadradas. O jornal argentino conta ainda que o enviado brazileiro mandou chamar Mazzantini ao seu camarote, e, diante do publico enthusiasmado, desprendeu do collete a custosa cadeia e o relogio de ouro, e entregou essas joias ao toureador. «El doctor Zeballos», continúa o jornal, «quedó muy impresionado por lo del toro y por lo del regalo!»

De outra vez, uma commissão de jornalistas foi levar ao snr. Bocayuva o distinctivo dos membros da imprensa de Montevideu (?). Este distinctivo é trazido, segundo parece, na botoeira da casaca. Um jornal uruguayo conta que a pessoa encarregada de collocar a insignia ao peito do ministro teve de pedir um canivete para abrir a casa do botão, e que o dr. Alonso Criado, que se achava presente, disse, dirigindo-se ao mesmo snr. Q. Bocayuva: «Ojalá sea esta la unica herida que se le infiera al notable republicano fluminense!» [1]

A negociação entabolada em Montevideu teve sempre intermedios d'esta ordem. Emquanto ella durava, em Buenos-Ayres faziam-se preparativos para a recepção. O presidente da Republica Argentina, porém, não julgou dever esperar o extraordinario representante do Brazil; e ostensivamente partiu

[1] Telegramma de Montevideu para *El Diario* de Buenos-Ayres de 27 de janeiro.

[2] *El Diario* de 23 de janeiro.

para a sua casa de campo onde o snr. Bocayuva, que em Buenos-Ayres não encontrou o chefe do Estado, teve de o ir procurar. O jornal officioso do presidente não deixou de consignar o facto com visivel satisfação. Depois de dar o programma das festas preparadas em honra do snr. Quintino Bocayuva, disse a folha officiosa: «El presidente permanecerá en su residencia de campo Las Rosas, sin venir a esta ciudad. Se sabe ya que el dr. Quintino Bocayuva estará solo en Buenos-Ayres hasta el viernes próximo, pasando en seguida á Cordoba, á visitar al Señor Presidente de la Republica.» [1]

Na vespera, outro jornal dizia que o snr. Quintino Bocayuva, como membro do Governo Provisorio que estava organisando o Brazil republicano, fazia bem em visitar a Republica Argentina para «aprender como Sesostris, como Solon, como Licurgo, como Triboniano, etc. etc., viajando por los paises más adelantados en la ciencia del buen gobierno» [2]. Estas vaidosas e disparatadas affirmações eram um prematuro commentario ao discurso pronunciado dias depois pelo snr. Bocayuva que não trepidou em pronunciar estas indecorosas palavras: «La gran revolucion efectuada por el pueblo del Brasil, ha sido sin duda inspirada por el espectaculo de sus pueblos libres vecinos. Vosotros, pues, habeis *prestado vuestra colaboracion al triunfo de la república.* Os lo agradezco y os saludo!» [3]

Poderiamos accrescentar a este exemplo muitos outros que todos serviriam para provar até que ponto chegou o servilismo do snr. Bocayuva.

Na sua soffreguidão de entregar aos argentinos parte do territorio brazileiro, o snr. Bocayuva, em Montevideu, apressou-se em assignar o tratado, sem esperar sequer a chegada áquella cidade do coronel brazileiro Dionysio Cerqueira, membro inter-

[1] *Sud America* de 28 de janeiro.
[2] *El Diario* de 27 de janeiro.
[3] *Nacion* de 30 de janeiro.

mante que tinha explorado o territorio em litigio, e que se achava em viagem de Missiones para Montevideu! [1]

Que extraordinario tratado foi esse, assignado entre os folguedos de uma viagem burlesca, entre actos de indigna leviandade — e depois guardado em tão profundo silencio?

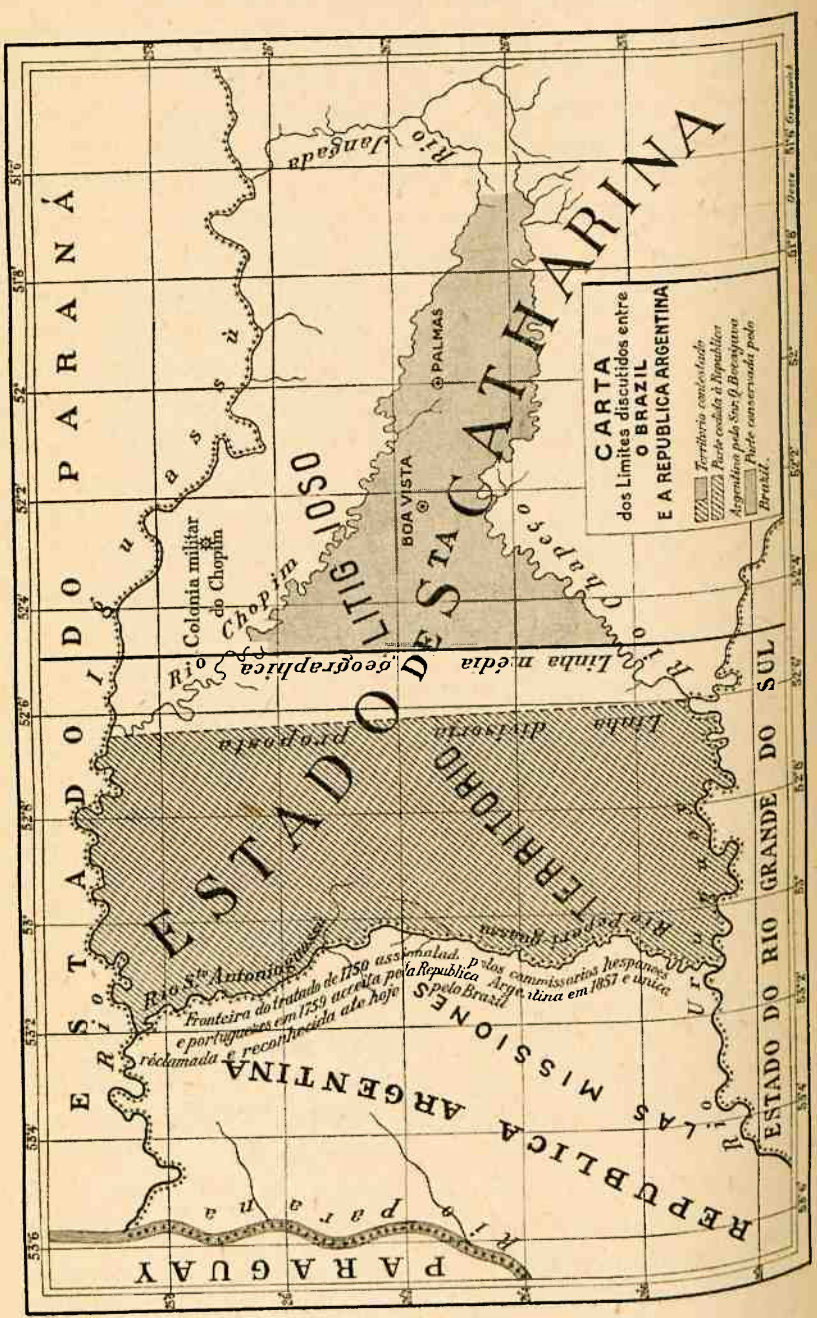
Bastaria registrar a explosão de contentamento do governo argentino, as festas feitas ao enviado brazileiro, os applausos dados aos diplomatas argentinos snrs. Moreno e Zeballos, para um observador concluir que esse tratado foi forçosamente favoravel á Republica Argentina.

O *Paiz*, orgão do snr. Quintino Bocayuva, disse: «Pelo tratado ficam salvas as povoações brazileiras existentes na proximidade da linha de demarcação de fronteira, sendo ao mesmo tempo respeitada a posse dos povoadores que por acaso fiquem de um ou de outro lado da linha. Segundo nos informam, os rios Chopim e Chapecó pertencerão ao Brazil em todo o seu curso e igualmente todo o territorio do municipio de Palmas no Estado do Paraná.»

O *Jornal do Commercio*, de 8 de fevereiro, diz:

«O tratado recentemente assignado em Montevideu, segundo as informações vagas que até agora têm chegado ao conhecimento do publico, procurou resolver a antiga pendencia, dividindo o territorio litigioso em duas partes por meio de uma linha quasi recta, traçada da foz do Chopim no Iguassú até á foz do Chapecó no Uruguay, abrangendo a parte occidental ou argentina *quinhentas leguas*, e a parte oriental ou brazileira trezentas leguas, no dizer da imprensa de Buenos-Ayres.»

[1] «El sábado, ó á más tardar el lunes, firmarán los tratados de limites. Bocayuva está resuelto á terminar la cuestion sin esperar al coronel M. Cerqueira, miembro informante que ha explorado el terreno en litigio y que está en viaje de Misiones para esta ciudad.» (*Nacion* de 23 de janeiro).


CARTA
dos Limites discutidos entre
O BRAZIL
E A REPUBLICA ARGENTINA
Territorio contestado
Parte cedida à Republica Argentina pelo Sr. D. Bernardino
Parte conservada pelo Brazil.
ESTADO DE SANTA CATHARINA
ESTADO DO PARANÁ
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
REPUBLICA ARGENTINA
PARAGUAY
TERRITORIO
Rio Pepiri Guassu
Rio S.te Antonio
Rio Uruguay
Rio Iguassu
Rio Jangada
Rio Chapecó
Rio Chopim
Rio Peperi
Rio Paraná
Colonia militar do Chopim
BOA VISTA
PALMAS
Linha media geographica
Linha divisoria proposta
Fronteira do tratado de 1750 assignalad. pelos commissarios hespanhoes e portuguezes em 1759 acceita pela Republica Argentina em 1857 e unica reclamada e reconhecida até hoje pelo Brazil
MISSIONES

O mappa do territorio litigioso que juntamos a este artigo mostra bem claramente a extensão e a importancia do territorio que a Republica Brazileira cedeu á Republica Argentina. Não podemos acreditar que o governo brazileiro fosse, pelas ameaças do seu visinho, acuado e obrigado a ceder, segundo disse o *Times*, que affirmou ter sido o governo do Rio de Janeiro *put in a corner*. Esta é todavia a impressão do estrangeiro: e é a versão que os Argentinos tem procurado fazer acreditar na Europa, como já em novembro tinham dito, antes do snr. Bocayuva, que a revolução brazileira era obra d'elles. O mais provavel porém é que esta cessão de um territorio fertil, o estabelecimento d'essa linha de fronteira tão perigosa para a segurança do Brazil, foi um acto de precipitação inconsciente.

Pelo mappa vê-se que o tratado Bocayuva prolongou o territorio argentino pelo interior do Brazil, deu ao exigente visinho do Brazil o curso inteiro do Santo Antonio-Guassú e do Pepery-Guassú, rios sempre considerados fronteira do Brazil, determinados como taes pelo tratado de 1750, assim confirmados pela commissão hispano-portugueza de 1759, e solemnemente aceitos como taes pela Republica Argentina pelo tratado de 14 de dezembro de 1857, que foi sujeito á legislatura argentina, por ella approvado e rectificado pelo Brazil! Este territorio onde os habitantes de Curitiba penetraram desde tempos immemoriaes, onde se tem estabelecido fazendas de cultura e de creações pertencentes a Brazileiros, estas margens do Pepery-Guassú junto ao qual em 1759 os commissarios de Portugal e Hespanha acharam *vestigios de roças attribuidas aos Paulistas*, este territorio foi espontaneamente cedido pelo snr. Bocayuva, entre o ruido das festas de Montevideu e Buenos-Ayres!

Mas a terra do Brazil pouco parece valer para este faustuoso diplomata da democracia brazileira, que gasta mil contos n'uma viagem, distribue relogios de ouro a toureadores, e presenteia com centenares de leguas quadradas do sólo patrio os seus amigos estrangeiros.

O Brazil, conscio do seu direito, nunca procurou impedir o

justo desenvolvimento territorial da Republica Argentina. Por intervenção do Brazil obteve a Argentina na margem direita do Paraguay o Chaco e o mesmo territorio de Missões. E quando o governo de Buenos-Ayres regulou as suas questões de limites com o Chile, em 1881, teria bastado uma palavra do Brazil para impedir que a Republica Argentina ficasse com toda a Patagonia.

Dirão os defensores do snr. Bocayuva que o territorio de Missiones é um territorio deserto e sem valor. Se essa fosse a verdade porque teriam os argentinos envidado, n'estes ultimos annos, tantos esforços para conservar esse territorio? Ate ha bem poucos annos todas as cartas argentinas, cartas officiaes, consideravam como limites da Republica os limites do territorio reclamado pelo Brazil por direito proprio que lhe provinha dos tratados e da occupação real. E a esta occupação não se póde dar o caracter de simples incursões de invasores brazileiros. O proprio snr. Quintino Bocayuva, a 25 de janeiro, telegraphou para o seu jornal, o *Paiz:* «O accôrdo de limites foi assignado hoje. Serão salvaguardadas *todas as povoações brazileiras e os direitos de propriedade*... A satisfação é geral.» E devia realmente ser geral a satisfação na Republica Argentina, esse paiz, graças ao snr. Bocayuva, ganhava um territorio que elle *não considerava seu.* É verdade que em 1882 o Congresso argentino decretou a nacionalisação do Territorio de Missões, até então pertencente a Corrientes, ahi creou departamentos e lhes assignalou limites ultrapassando as fronteiras brazileiras, e chegou mesmo ao ponto de annunciar que ia ser vendido em lotes parte do territorio que o Brazil considerava seu; mas este acto de audacia gorou, ficou inutil, em vista das energicas reclamações do Brazil.

O territorio de Missões, segundo o tratado do dr. Bocayuva, é uma verdadeira cunha entrando pelo Brazil a dentro. O conhecido escriptor chileno snr. Vicuña Mackenna, tratando da situação da America do Sul, disse uma vez que o Brazil era um animal tendo cravado nas carnes um dardo penetrante, que era o territorio de Missões. O snr. Bocayuva, trazendo

a fronteira argentina mais para dentro do Brazil, enterrou ainda mais esse dardo. Pelo tratado do snr. Bocayuva, o territorio argentino avança para o Brazil tres lados d'um quadrilatero: ao norte o Iguassu, ao sul o Uruguay, ao oriente uma fronteira aberta por onde um ataque é facilimo desde que o caminho de ferro argentino do Noroeste, hoje em construcção, chegue a Missiones, e que os argentinos se aproveitem da navegação do Uruguay e do Iguassu. Com esses meios de transporte, uma concentração de tropas em Missiones é negocio de poucos dias e, pela fronteira aberta pelo snr. Quintino Bocayuva, os argentinos entram de plano no Brazil, invadindo tres Estados, cortando as communicações entre elles, e ferindo em pleno coração o Brazil meridional. O territorio argentino, agora tão avançado para o oriente, difficulta na paz e impossibilita na guerra a communicação entre o resto do Brazil e o Estado do Rio Grande do Sul. Abandonada a fronteira do Santo Antonio e do Pepery-Guassú, unica defensavel, na opinião dos competentes, a Republica Argentina acha-se possuidora e senhora d'um grande pedaço de terra sempre considerada brazileira, e, segundo observa o escriptor o snr. Max Leclerc, do *Journal des Débats*, que ha pouco visitou o Brazil, a provincia do Rio Grande do Sul não se acha mais adherente ao Brazil senão pela estreita facha de terra da provincia de Santa Catharina, que o tratado Bocayuva veio estreitar ainda mais. O Rio Grande, segundo o escriptor francez, é um fructo maduro que todos temem venha a cahir, e o tratado Bocayuva deu-lhe ainda um talho no pedunculo enfraquecido [1].

Vê-se isto claramente n'esta carta territorial do grande paiz americano que tão soberbamente era chamado outr'ora a America Portugueza, e que se estende do norte do Equador até perto da embocadura do Prata, vasta extensão de territorio cercada pelo mar e pelos povos de descendencia hespanhola. Pequenas secções de territorio ao norte mostram as parcellas de sólo que alguns visinhos disputam; e, para o sul, está

[1] *Journal des Débats* de 19 de fevereiro.

indicado o ponto fraco, o campo onde a Republica Argentina acaba de ganhar tão assignalada victoria.

Este extraordinario tratado, tão festejado na Republica Argentina, foi recebido no Brazil com a maior desconfiança. Os argentinos chegaram a pasmar diante da attitude tão inesperada da Republica Brazileira: «La sorpresa no podia sernos mas

agradable. La nueva republica coronaba con un *hecho maravilloso* el gran suceso del 15 de noviembro.» [1]

Mas foi sobretudo a officialidade do exercito que se impressionou patrioticamente com a idéa de que, estando o Brazil inteiramente sujeito á espada d'um general, e sendo o governo militar, o territorio brazileiro, zelosamente conservado intacto durante sessenta e oito annos de governo civil, fosse cedido em parte quando governa o exercito cuja missão unica é a defeza do sólo da patria. Esta inquietação do exercito era bem natural, porque a historia ha de dizer que o exercito no Brazil era tudo, tudo podia, quando se effectuou uma cessão de territorio brazileiro! O snr. Quintino Bocayuva desappareceria em breve, perdido na grande perspectiva da historia; mas a responsabilidade do exercito omnipotente, essa, ficará!

Alguns officiaes brazileiros fundaram um jornal, o *Cruzeiro*, e pediram ao Governo Provisorio que revelasse a verdade a respeito do negocio das Missões. Diziam elles:

«Pelas noticias que nos chegam, o nosso territorio está diminuido, a nossa patria amesquinhada, a integridade do sólo esphacelada, as nossas fronteiras descobertas, o Brazil invadido.

«É por isso que emquanto os argentinos batem palmas e fazem festas estrondosas pela conclusão do *tratado*, o espirito brazileiro sente-se acabrunhado e entristecido.

«Em justa impaciencia o sangue patriota referve indignado, esperando que a luz se faça sobre os acontecimentos.

«Pela honra da patria, pelos brios do ministerio, em nome da nação, o povo quer saber ao certo a que proporções se reduz a questão das Missões.

«Se é uma negociação diplomatica, ou uma negociata particular.

«Se é uma questão de honra nacional, ou um arranjo de amigos.

[1] *El Diario* de 8 de janeiro.

«Se é uma concessão de justiça, ou uma entrega clandestina.

«Se é uma politica larga que grangeia amigos, ou uma armadilha que nos trará futuras guerras.

«Se é um tratado de alliança franca entre irmãos de hoje, ou um ajuste secreto entre republicanos de hontem.

«O paiz quer saber se em tudo isto ha luz ou trevas.

«É preciso que o governo falle. Assim o exigem os brios nacionaes e a dignidade do representante brazileiro.»

Depois d'esta intimativa que o patriotismo justifica, era natural que o Governo Provisorio dissesse alguma coisa: — e, effectivamente, um longo artigo do *Diario Official* de 18 de fevereiro informou o publico de que o tratado seria conservado secreto até á installação da Assembléa Constituinte, e que toda a discussão do assumpto era prematura!

D'onde vem reserva tão singular? O Brazil não estava acostumado a este systema. No tempo da monarchia, os seus tratados de limites, de paz, de allianças, foram todos publicados apenas celebrados, e sujeitos á mais ampla discussão. Se o tratado não offende o pundonor brazileiro porque conserval-o secreto? Se a honra, se os interesses do Brazil ficaram sacrificados, para que correu pressuroso o governo a celebrar tal tratado, sem esperar a constituição definitiva do governo nacional?

O liberalismo americano, tão apregoado pelo Governo Provisorio, não é um sentimento compativel com todas estas reservas e artificios, já cahidos em desuso entre as velhas monarchias europeias. A Republica brazileira deve estar bastante consolidada no interior para não temer as explosões d'um descontentamento nacional. Se o povo só tem motivos para rejubilar com o tratado, para que furtar ao povo o conhecimento prompto da felicidade que elle deve ao snr. Bocayuva? Para que adiar as bençãos que a nação tem de lançar sobre a cabeça d'aquelle cidadão, aquella mesma cabeça com que (disse elle n'um discurso em Buenos-Ayres) *ficava garantida* a execução do tratado?

Este silencio do governo, esta sonegação da verdade que a nação tem o direito de saber, é a prova de que nada de bom tem o Brazil a esperar do tratado secreto. O que hoje se sabe d'esse documento é o que d'elle quizeram revelar a imprensa officiosa de Buenos-Ayres, e o proprio snr. Bocayuva por meio do seu jornal *O Paiz*. Estas revelações, decerto muito attenuadas e apresentadas de conformidade com os interesses dos declarantes, só dão, como vimos, uma idéa já bastante precisa da extensão do sacrificio do Brazil. Por ora, fica suspenso o juizo dos brazileiros quanto ás outras clausulas do tratado. O campo está pois livre a todas as supposições: Teria o Governo do Brazil obtido promessa d'uma intervenção argentina em caso de revolta no Rio Grande do Sul? Teria consentido no desapparecimento do Paraguay e na conquista de Montevideu, sonho dourado dos patriotas argentinos? Ou teria apenas lançado as bases d'um novo e verdadeiro *Zollwerein* da tyrannia, obtendo, em troca de igual favor, que aos deportados e banidos do Brazil fosse interdicto o Rio da Prata? Tudo é permittido suppôr n'esse regimen de mysterio com que a Republica brazileira pretende estar praticando a maxima positivista «Viver ás claras». Tudo é de esperar do systema de oppressão e de irresponsabilidade que essa Republica, seguindo uma politica de éras tyrannicas, inaugura agora no Brazil.

Os jornaes do Rio da Prata e do Rio de Janeiro revelam-nos ainda um lado gravissimo da embaixada do snr. Quintino Bocayuva. «O embaixador brazileiro», diz um telegramma de Buenos-Ayres para o *Jornal do Commercio* de 8 de fevereiro, «submetteu ao presidente da republica um projecto de alliança pacifica entre o Brazil e a Republica Argentina.» N'um dos discursos do snr. Bocayuva em Buenos-Ayres, da janella de um hotel ou d'um palco de theatro, lê-se esta phrase: «Se o sangue brazileiro tiver de misturar-se ao sangue argentino, é porque elle será derramado em commum, em defeza da mesma causa.»

Por aquelle telegramma e por essa declaração vê-se que o Governo Provisorio, por meio do seu representante extraordinario, mostrou a intenção de ligar o Brazil á Republica Argentina n'uma estreita alliança. Não se limitou a ceder o territorio; o governo brazileiro quer ainda que o Brazil vá talvez derramar o sangue de seus filhos e gastar o dinheiro do seu thesouro em favor da Republica Argentina. Uma alliança entre os dous paizes é só em favor da Republica Argentina. O Brazil não tem questões com o Uruguay, nem com o Paraguay, nem com o Perú ou com a Bolivia. Em compensação a Republica Argentina tem no seu futuro probabilidades de grandes luctas.

Com o Chile ella terá, mais dia menos dia, de assignalar positivamente os limites designados em 1881. Pelo tratado chileno-argentino, a fronteira entre os dous paizes passará pelos cumes mais elevados da cordilheira dos Andes, e no sul da Patagonia e na Terra do Fogo será estabelecida por duas linhas astronomicas, uma em latitude e outra em longitude, que não estão ainda assignaladas na sua extensão. Ora a sciencia ainda não determinou quaes os pontos mais elevados dos Andes; mas todos sabem que elles dominam numerosos valles fertilissimos cuja propriedade póde ser duvidosa e terá de ser disputada por ambos os paizes. O sul da Patagonia e a Terra do Fogo, pelas explorações que ahi se têm feito, tambem se annunciam como regiões mineiras de grande futuro. Nos Andes tem havido já sangrentos conflictos entre chilenos e argentinos. O Chile, em violação do seu tratado, fortificou em parte, e está prompto a fortificar ainda mais, o estreito de Magalhães. Ha entre os dous paizes grande antipathia; aos Argentinos doeram immenso as victorias dos Chilenos contra o Perú. Eis-ahi plausiveis motivos para possibilidade de um conflicto entre o Chile e a Republica Argentina. Se vingar a politica do snr. Bocayuva, o Brazil terá, quem sabe se de um momento para outro? de pegar em armas, aguentar nos passes da cordilheira o embate da furia chilena, guiada pela pericia e pela disciplina exemplar dos officiaes chilenos: emquanto a esquadra brazileira terá de guardar as costas da Republica Argentina, ou terá de ir, pelos tempestuosos mares do

sul, ao encontro dos poderosos encouraçados do Chile. A ninguem escapa a noção da injustiça e dos perigos d'esta guerra contra uma nação amiga, que, dispondo de grandes recursos e sendo o governo sul-americano que de mais credito goza na Europa, poderá, graças aos seus admiraveis soldados, fazer valer os seus direitos. O governo chileno não foi indifferente ao que se disse e ao que se fez em Buenos-Ayres. Pela linguagem da imprensa chilena, coincidindo com a retirada do ministro do Chile no Rio de Janeiro, vê-se que aquelle governo intelligente e forte percebeu o perigo — mas não ficou intimidado.

Isto em quanto ao Chile. Pelo lado da Bolivia um conflicto com a Argentina é sempre imminente. Divisões mal traçadas; uma nação mediterranea, privada de communicação directa com o mundo civilisado, aspirando a ter uma sahida; e essa nação tendo por visinho um povo invasor que cresce pela emigração, que desenvolve rapidamente os seus meios de acção — eis sufficientes motivos de guerra.

O Paraguay e o Uruguay, esses tremem naturalmente diante da Republica Argentina. A constante aspiração dos homens publicos d'este paiz, a preoccupação revelada por seus escriptores, é a de formar de novo o antigo vice-reinado de Buenos-Ayres, de crear uma nacionalidade que faça frente ao Brazil e que, crescendo em importancia, deixe sempre o Brazil em posição secundaria no continente. Os dous paizes ameaçados comprehendem o seu perigo; e a sua situação tem estado varias vezes seriamente arriscada.

O que acima dizemos, póde ser resumido d'este modo:

O Brazil não tem questões perigosas a temer desde que se diz resolvida a questão de Missiones;

A Republica Argentina, ainda depois de liquidadas as suas contas com o Brazil, tem diante de si varias probabilidades de guerras;

E, apesar d'isso, a Republica Brazileira vai apressadamente a Buenos-Ayres propôr uma alliança que obrigará talvez o Brazil aos sacrificios e aos riscos de luctas com que elle só tem a perder!

Eis, em breves traços, o que em cinco mezes tem feito a diplomacia da dictadura.

Essa dictadura foi reconhecida pelos paizes americanos, justamente na razão inversa da importancia e da seriedade dos paizes. A ultima nação americana a reconhecer o governo militar foram os Estados-Unidos. A imprensa d'aquelle grande paiz, em que a lei impera, em que a liberdade inspira, em que o povo governa, estranhou a prolongação inutil do arbitrario dictatorial, reprovou as medidas de banimento, as prisões, as deportações, e admirou-se do menospreço em que era tida a representação popular pelo governo que se apoderou do Brazil. A Republica Franceza, pelo orgão do seu ministro dos negocios estrangeiros, declarára na camara franceza que o governo só reconheceria a republica brazileira quando esta estivesse constituida pelos representantes eleitos da nação. E se os Estados-Unidos abriram uma excepção a esta attitude que foi a de todos os grandes estados — é que muito bons motivos para isso tiveram o seu governo e o sagacissimo snr. Blaine, secretario de Estado. O governo americano sempre reconheceu os governos de facto; basta que foi o unico paiz do mundo que reconheceu o despotismo de D. Miguel em Portugal. Mas aqui a razão foi outra. O reconhecimento da republica brazileira só ficou resolvido a 31 de janeiro de 1890. Poucos dias antes, os jornaes norte-americanos publicavam extractos do relatorio approvado pelos representantes do congresso pan-americano reunido em Washington. A maioria dos representantes dos differentes paizes, apesar de algumas reservas, admittira a conveniencia de um ensaio de reciprocidade aduaneira entre os paizes americanos, para preparar, no futuro, o estabelecimento do livre cambio americano. Os representantes do Brazil votaram com a maioria. Os representantes do Chile e da Republica Argentina, esses, separaram-se d'ella ousadamente, e votaram pela repulsa *in limine* de toda a tentativa de accordo que, no fundo, não poderia dar outro resultado senão estabelecer para

sempre a suzerania economica e commercial dos Estados-Unidos sobre toda a America, e romper quasi que totalmente as relações economicas e commerciaes com a Europa. O governo chileno, assim como o governo argentino, sabem que a fraternidade americana é uma bella coisa; mas não se esquecem de que a civilisação lhes vai da Europa, d'onde argentinos e chilenos incessantemente recebem braços e capitaes que não podem dispensar para o seu engrandecimento e riqueza. Os representantes do Brazil em Washington, separaram-se do Chile e da Republica Argentina, dous paizes que acabam de mostrar quanto prezam a sua autonomia, quão forte têm a intuição dos seus destinos: — e com que fim? com o fim de obter dos Estados-Unidos o reconhecimento tardio do Governo Provisorio! Outra triste obra da diplomacia dictatorial.

III

Por mera solidariedade humana, pelo simples exercicio do pensar, a Europa teria o direito de estudar a revolução brazileira, ainda que no Brazil não vivessem tantos milhares de Europeus, ainda que capitaes tão avultados sahidos das economias europeias não estivessem empregados n'aquelle paiz. A nação brazileira, promovendo a emigração europeia para o seu sólo, solicitando periodicamente novos auxilios monetarios da Europa, não póde estranhar que a Europa queira examinar a condição feita a seus filhos, o destino e as garantias do seu dinheiro.

E o que póde a Europa esperar de uma dictadura creada pela revolta de uma classe armada, enthronisada manifestamente pela indisciplina do exercito e da marinha?

A dictadura brazileira nasceu de um *pronunciamiento;* e a longa experiencia de todo este seculo tem mostrado o que são as finanças dos paizes de *pronunciamientos.* Um escriptor define o *pronunciamiento* da seguinte fórma: «O *pronunciamiento* é um estado militar que, quando bem succedido, faz

avançar de um posto todos os militares que n'elle tomam parte.» E não faz mais nada de util.

No Brazil, ainda que os decretos do Governo Provisorio não começassem todos com a fórma: «O generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e pela Armada, etc., etc.»; ainda que o povo não tivesse assistido *bestificado* ao movimento, *puramente militar* [1] — as numerosas promoções publicadas dias depois viriam provar que a revolução do Brazil foi um *pronunciamiento*. O sobresalto dos capitalistas foi por isso naturalissimo; e a experiencia posterior justificou plenamente as apprehensões primitivas.

O credito é a confiança: e não podendo haver confiança n'um regimen de surprezas e de violencias, o credito brazileiro cahiu. A dictadura que no interior destruiu a liberdade, e no exterior humilhou o paiz perante a Republica Argentina, desacreditou o Brazil na Europa financeiramente.

Os capitalistas europeus guardarão triste lembrança da revolução do dia 15! As emprezas brazileiras já quasi lançadas nos mercados da Europa, ficaram indefinidamente adiadas; os emprestimos de duas provincias, emprestimos resolvidos e aceites antes da revolução, fracassaram desastrosamente; e o credito de 150 milhões de francos, aberto em Paris ao governo da monarchia por alguns banqueiros francezes, foi immediatamente cancellado. Porque?

Os capitalistas sabem o que querem. A dictadura fez-lhes promessas; mas a dictadura seguiu uma vida de arbitrio sem limite, caracterisada pelas medidas mais contradictorias, pelo esbanjamento de dinheiro, pelo prurido de legislar e de reformar, pelo systema de sobresaltar os interesses conservadores da sociedade.

A confiança desappareceu, e o descredito foi-se alargando.

Os decretos succedem-se aos decretos; e todos elles exten-

[1] Carta escripta ao *Diario Popular* de S. Paulo, de 17 de novembro, pelo snr. Aristides Lobo, ministro do interior do Governo Provisorio.

sos, escriptos com precipitação revelada na incorrecção da lingua e na confusão do methodo, nada estatuem de duravel e só desacreditam a intelligencia dos novos legisladores brazileiros, tão inferiores aos antigos. Nos decretos bancarios do snr. Ruy Barbosa, que se contradizem e tudo confundem, até ha erros de arithmetica! Ora o capital é cauteloso e prudente. É natural que elle não corra a entregar-se ao snr. Ruy Barbosa, que muito divertiu a Europa financeira com os seus milhões e milhões de contos de papel, subscriptos em quatro horas, conforme esse financeiro da dictadura se apressou em annunciar pelo telegrapho. Os milhões eram phantasticos, e a particularidade das quatro horas inteiramente imaginaria. A verdade é que os milhões do snr. Barbosa não tinham cotação na praça do Rio de Janeiro, e que individuos para quem o jantar é cada dia um difficil problema financeiro (até o servente do escriptorio de advogado do snr. Barbosa!), se apresentaram como subscriptores de milhares de acções.

O credito do Brazil soffre gravemente com estas noticias. O cambio, baixando, diminue os lucros do commercio estrangeiro, e das emprezas industriaes e commerciaes estabelecidas no Brazil com capital estrangeiro. A cotação dos fundos brazileiros baixou consideravelmente; e elles já não são aceites em caução nos bancos europeus, que, sob a garantia d'elles, não abrem sequer uma conta corrente. A depreciação dos fundos do governo brazileiro em Londres sobe certamente a 70:000 mil contos, sete milhões esterlinos perdidos para o capitalista, que assim vê a rapida diminuição do valor da sua propriedade.

A tabella seguinte demonstra a depreciação dos fundos brazileiros:

Emprestimos brazileiros em Londres

Designação dos emprestimos	Importancia primitiva £	Existente £	Cotação anterior a 15 de novembro (Maxima)	Valor total anterior a 15 de novembro £	Cotação posterior a 15 de novembro (Minima)	Valor total posterior a 15 de novembro £	Depreciação £
1863 4 ½ %	3.855:000	72:800	102	74:256	90	65:520	8:736
1879 Interno e externo (ouro) 4 ½ %	Mil reis 51.579:000	Mil reis 33.579:500	102 ¼	3.821:066 [1]	81	3.059:031	761:135
Dito 1883 4½ %	£ 4.599:600	£ 4.248:600	103	4.376:058	78 ¼	3.324:530	1.051:5[illegible]
Dito 1888 4 ½%	6.297:300	6.265:900	103 ¼	6.469:541	79	4.950:061	1.519:480
Dito 1889 Interno 4 % [2]	11.250:000	—	—	—	—	—	—
Dito 1889 4 % (Conversão)	20.000:000	20.000:00	90	8.000:000	71 ¼	14.250:000	3.750:000
					Depreciação total e perda para os capitalistas...		£ 7.090:879

Os outros fundos brazileiros, por uma natural dependencia do credito geral do paiz e da desconfiança que o seu governo inspira, baixaram proporcionalmente. Os fundos brazileiros de toda a natureza, cotados na praça de Londres, pelas cotações dos primeiros dias de novembro do anno passado, valiam £ 90.772:046, e pela cotação minima a que chegaram depois do estabelecimento da dictadura vieram a valer apenas £ 75.071:430, isto é, perderam £ 15.700:616, que representam

[1] Moeda brazileira reduzida a libras ao cambio de 27 d.

[2] Não é cotado em Londres.

perto de cento e sessenta mil contos (moeda brazileira) de depreciação, de prejuizo real causado aos capitalistas pelo descredito que ás finanças do Brazil traz a dictadura militar [1].

Cremos não errar attribuindo essa depreciação sómente á aversão que a dictadura irresponsavel e absoluta inspira a todos os mercados que dispõem de capitaes, e que desejam empregal-os com segurança e vantagem nos paizes estrangeiros. Os recursos materiaes do Brazil não diminuiram depois de 15 de novembro; o sólo fertil não póde ser esterilisado por meio de decretos por mais errados que estes sejam; o trabalho nacional não ficou paralisado; as sementes germinam; as arvores dão fructos; a chuva cae; tudo quanto é preciso para a producção crescente da riqueza continúa a existir, apesar da dictadura; e no entanto dá-se o innegavel e desastroso phenomeno da diminuição do credito brazileiro!

A razão é que o credito é a confiança — e que ninguem confia na dictadura.

IV

No momento em que escrevemos estas linhas lêmos um telegramma do Rio de Janeiro transmittido pela Agencia Havas dizendo que tropas brazileiras, que receberam ordens de partir para o Sul, recusaram obedecer, e que o Governo Provisorio teve de revogar a sua ordem! Este telegramma vai ser decerto desmentido ámanhã pelo Governo Provisorio; mas não será talvez a primeira occasião em que alguem minta desmentindo.

Ora a dictadura, se é logica, não tem o menor direito de estranhar o procedimento da tropa. O ministro da guerra, o snr. Benjamim Constant, não foi, no Brazil, o inventor da theoria de

[1] Por falta de espaço deixamos de publicar o quadro geral da depreciação dos fundos brazileiros em Londres que nos communica o nosso collaborador. Publical-os-hemos em appendice ao numero de abril.

Nota da Direcção.

*

que o exercito tem o direito de desobedecer e até o de mudar o governo? E na pratica não deu elle ao soldado o exemplo de 15 de novembro? O que era licito hontem e até louvavel ha de ser licito hoje e ámanhã. O Governo Provisorio exige dos officiaes solemnes compromissos e palavras de honra que os prendam á disciplina e á obediencia. Mas de que podem valer para o snr. Benjamim Constant todos esses protestos? Não foi elle quem ensinou á mocidade militar o perjurio como uma virtude, aconselhando-a a violar os seus juramentos? A doutrina tem hoje a auctoridade de um mestre; os soldados têm o exemplo dos seus chefes.

O povo brazileiro esse é que não tem que intervir. Excluido do governo, não tem a responsabilidade de coisa alguma. Elle só tem a missão de pagar as despezas. De tempos a tempos ouve algum sarcasmo que lhe atiram os militares e os jacobinos: é o snr. Aristides Lobo dizendo que o povo é um povo bestificado; é o *Paiz*, jornal do snr. Bocayuva, dizendo que a 15 de novembro, o povo applaudiu «porque viu que applaudiam, e depois com a sua apathia arrastou-se até á casa de sua residencia, onde a medo commentou o desmoronamento da monarchia, sem comprehender a estupenda evolução da sua patria» [1]; é finalmente o snr. Benjamim Constant, atirando tambem a sua injuria ao povo. N'um banquete offerecido ao ministro demissionario snr. Demetrio Ribeiro («homenagem, disse o *Paiz*, que se traduziu pelo presunto e pelo vinho Champagne, reunião de amigos em que foram improvisados muitos discursos decorados») [2], o snr. Benjamim Constant tomou a palavra, e depois de affirmar que o exercito não quer a dictadura, disse ao povo: — «O povo que não seja ingrato nem ambicioso; reconheça o bem que se lhe fez e não procure morder a mão que o amparou!» [3] Falla quasi como um Czar este ministro da guerra, o mesmo que foi bastante vai-

[1] *Paiz* de 17 de fevereiro.
[2] *Paiz* de 14 de fevereiro.
[3] *Paiz* de 17 de fevereiro.

doso e bastante ignorante das conveniencias internacionaes para dirigir um telegramma de exhortação republicana ao snr. Latino Coelho, telegramma em que, referindo-se ao exercito da nação brazileira, o snr. Benjamim Constant dizia: O MEU EXERCITO... Mas disse mais n'esse banquete o ministro da guerra: «Não dependo de ninguem, affirmo-o com todo o orgulho da minha pobreza [1]. Não dependo do governo, não dependo do exercito, nao dependo da armada, não dependo do povo, porque nada quero para mim. Abandonarei todas as posições officiaes, todos os proventos que porventura d'ellas possam advir; nada quero da Republica como nada quiz da Monarchia.» [2]

Quem lê esta linguagem parece que está diante da mais pura abnegação. Vejamos:

O snr. Benjamim Constant, que, sendo militar não depende do exercito e sendo brazileiro se colloca acima dos seus compatriotas — disse nada querer da Republica. É falso. Quiz o logar de ministro da guerra com poder absoluto, fazendo parte de um governo dictatorial; quiz um ordenado duplo do que tinham os ministros do Imperador; sendo um militar sedentario, havendo apenas feito nos acampamentos do Paraguay uma apparição incruenta que teve a rapidez mas não o brilho do relampago, o snr. Benjamim Constant quiz logo da Republica uma promoção; e pensam que foi uma promoção regular para o seu posto immediato? Não; o tenente-coronel Benjamim Constant, o mais pacato dos tenentes-coroneis, foi promovido por alguns officiaes, não a coronel, mas a brigadeiro, por occasião da scena da acclamação do generalissimo Deodoro da Fonseca, em que o delirio foi grande bastante para, depois de acclamado um generalissimo, fazer-se ainda um brigadeiro com o resto do enthusiasmo! O snr. Benjamim Constant declarou que não podia

[1] No Brazil, o lance oratorio da pobreza é muito vulgar. A pobreza é quasi uma virtude embora, muitas vezes, n'um paiz novo e de recursos, seja ella apenas uma prova de incapacidade e de preguiça. Devemos, dizer, no entanto, que o snr. Benjamim Constant não está n'esse caso.

[2] *Gazeta de Noticias* de 17 de fevereiro.

recusar. Porque? O snr. ministro perdeu uma bella occasião de se mostrar independente, — uma bella occasião de *não* preterir os coroneis do exercito, seus collegas e subordinados mais antigos, com serviços de guerra, muitos d'elles feridos, e tendo nas batalhas aguentado um fogo mais perigoso que o do enthusiasmo popular ante o qual succumbiram a modestia e a independencia do snr. Benjamim Constant. O que succederia ao snr. ministro se recusasse? Seria assassinado, banido, deportado? Não era provavel. A Republica é o regimen da liberdade: e um cidadão, um ministro, e um ministro tão vangloriosamente independente, não póde ser obrigado a soffrer violencias d'esta ordem. E muito menos deve depois esse ministro peccar contra a logica, estranhando que dous regimentos no Rio Grande do Sul acclamem tambem brigadeiros os seus coroneis.

Disse mais o orador: —«Nada quiz da monarchia!!!...» Da monarchia, e da preferencia quasi pedantesca que o Imperador tinha por todo o homem que entendia ou pretendia entender de sciencia, o snr. Benjamim Constant recebeu os mais assignalados favores, rendosas commissões, etc. Os numerosos empregos que elle accumulava eram, entre outros, o de professor da Escola Militar, director da Escola Normal, director do Asylo dos Meninos Cegos, casa em que a monarchia o alojou e onde elle conspirou contra a monarchia, contra o Imperador com quem pedanteava a miudo, e contra a Familia Imperial que, segundo consta, o encarregára até de parte da instrucção dos principes.

É forçoso confessar que este ministro tem um singular systema de nada querer dos regimens politicos que derruba e dos que ajuda a levantar! O que faria o snr. Benjamim Constant se fosse ambicioso? Os antigos militares, ministros da guerra da monarchia, os Caxias, os Osorio, os Porto Alegre, elevados ao cargo de ministros pela confiança do parlamento, esses eram uns ambiciosos vulgares. Ambicionavam com effeito cumprir com fidelidade os seus juramentos e cobrir-se de gloria nos campos de batalha.

Tomando a triste tarefa de escrever na REVISTA os fastos da dictadura brazileira, julgamos prestar um serviço á causa da liberdade tão compromettida no Brazil. Esta causa não pode ser indifferente a nenhum pensador; todos que têm pelo Brazil o grande amor que a patria inspira, todos que n'elle admiravam o desenvolvimento da sua livre civilisação, soffrem naturalmente com o eclipse actual que a liberdade lá soffre.

De resto é forçoso que alguem falle fóra do Brazil — visto que no Brazil ninguem póde fallar. Embora, depois de dois mezes de silencio, o governo tenha feito annunciar no *Diario Official* (23 de fevereiro) que respeitaria a liberdade de imprensa, essa liberdade não póde existir, porque existe a dictadura. Como criticar livremente um poder que se arroga o direito de prender, de deportar, de banir? Como acreditar n'um governo que tantas vezes tem mentido á sua palavra? Não póde o governo, n'esse regimen do arbitrio, n'esse regimen sem lei, mudar de opinião em 24 horas, como já repetidamente tem feito?

E justamente! mal nós acabavamos de exprimir esta duvida, eis que nos annunciam do Brazil pelo telegrapho a publicação d'um Decreto sujeitando de novo aos tribunaes militares quem escrever ou telegraphar noticias e apreciações falsas ou alarmantes a respeito do Governo Provisorio. Ora como o Governo e os seus agentes podem considerar falsas ou alarmantes todas as noticias ou apreciações que lhe não convenham, isto equivale a uma suppressão formal da liberdade de imprensa. Na França republicana, os jornaes monarchicos podem livremente atacar, e atacam, a Republica. Na monarchica Italia, na monarchica Hespanha, no monarchico Portugal, os jornaes republicanos podem abertamente combater, e combatem, a Monarchia. No Brazil o jornalista que ouse insinuar que o snr. Ruy Barbosa não é um grande financeiro, ou o snr. Benjamim Constant um grande guerreiro, terá espalhado *apreciações falsas*, e será mettido n'uma enxovia. Foi o que já succedeu (segundo as noticias de hoje) ao capitão de estado-maior Satur-

nino Cardoso. O Brazil colloca-se assim mais baixo que a Turquia. Os jornalistas que tinham sahido do silencio, arriscando-se até á *observação*, e depois até á *timida censura* — recolherão agora precipitadamente ao silencio, onde ficarão enclausurados, com sentinella á porta. Não restará ao Brazil uma unica voz livre: e a consciencia publica, que durante cincoenta annos se exerceu tão livremente, ficará apavorada e muda sob a coronha d'uma espingarda.

O militar que se entregou de corpo e alma á pequena minoria jacobina que o incitou á revolta, deverá pesar bem as suas responsabilidades perante a Patria, perante a Historia e perante a Civilisação. O momento chegou em que o antigo general Deodoro deve aconselhar em bem da sua terra, e dos homens que são seus irmãos, o Generalissimo-Dictador Deodoro. O seu interesse, como a sua gloria está *em acertar*. E que elle considere onde o vai levando essa bohemia jacobina, que rola de desacerto em desacerto!...

Que elle considere — porque d'elle, só d'elle, depende a restauração que lhe pedem os patriotas brazileiros, a **restauração da liberdade**, unica que poderá salvar a unidade, o credito, a honra do grande paiz sul-americano.

Frederico de S.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VIII

O REGENTE

D. Pedro largou então de Coimbra, cercado de muita fidalguia, com uns quatro mil homens de gente sua. Correu que iria de passagem a Alemquer para levar comsigo o rei. A mãe teve medo e destacou-lhe um emissario ao Alfazeirão. O infante descia a estrada que vem de Coimbra, pela Redinha, a Leiria, d'ahi á Batalha e Alcobaça. Ao enviado da rainha disse que não iria a Alemquer, e proseguiu, chegando ás portas de Lisboa. Acampou no Lumiar. Era principiado o inverno de 1439. Os da capital vieram pedir-lhe que tomasse a regencia, elle respondeu-lhes que esperassem pelas côrtes.

Com effeito, reuniram-se em Lisboa os tres estados do reino. A rainha recusava-se a tudo: a largar a regencia, a sahir de Alemquer, a consentir na vinda do pequeno rei a Lisboa. D. Pedro então, acompanhado pelos irmãos, D. Henrique e D. João, fez a sua entrada na cidade. As instancias de D. Henri-

[1] Continuado da pag. 372, do numero de março.

que obtiveram de D. Leonor a vinda do reisinho ás côrtes [1], que perante elle votaram a regencia de D. Pedro. O conde de Barcellos, com uma raiva que lhe escurecia a intelligencia, ainda propoz restricções, mas foi repellido; ainda reclamou o restabelecimento do arcebispo de Lisboa, seu amigo e cunhado, mas foi-lhe negado [2]. O seu despeito converteu-se em odio, vendo a partida inteiramente perdida.

Ao levantar da sessão um procurador do Porto lembrou-se de propôr que se tirasse o rei a sua mãe, porque, educado por uma mulher, ficaria fraco e além d'isso seria creado no odio a D. Pedro — e a nós, terminou dizendo. E vendo que a assembléa inteira concordava, D. Pedro pediu que parassem: não queria tal.

— Se o rei Affonso tivesse de morrer, diriam que o matei.

Os procuradores, todavia, insistiam. D. Pedro começava a ser mandado. Pediu que consultassem os irmãos, e estes opinaram que o rei devia ficar em poder do regente. Observou ainda que melhor seria andarem ambos, juntamente pelo reino, a rainha e elle; mas a isto oppoz-se D. Leonor, que durante os debates viera de Alemquer e estava em Santo Antonio do Tojal. Era, com effeito, humilhante demais para ella, andar assim, como aia dos principes, na côrte de D. Pedro, rei verdadeiro; mas a essa crueldade tinha sido levada, e a não se lhe submetter havia de forçosamente abandonar o rei. Preferiu outro extremo: não abandonou só o rei, abandonou todos os filhos, cinco creanças, a maior de sete annos, a mais nova de menos de um, D. Affonso, D. Fernando, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna. A infanta D. Philippa, mais velha dois annos que o rei, tinha morrido pouco antes em Alemquer. Deixou os filhos todos no Tojal, e partiu sósinha para Cintra.

Calculou que, com esse escandalo, provocaria a guerra civil e que os seus irmãos de Castella, uma vez liquidadas as pendencias que lá os tinham retidos, viriam defendel-a. De Cin-

[1] Dez de dezembro.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, XLV a IX.

tra, n'uma excitação aguda, partiu para Almeirim: estaria ahi mais perto da fronteira, cuidava ella que para receber os soccorros, quando foi para caminho do exilio. Todas as instancias, todos os conselhos paternaes de D. Pedro eram baldados. No intuito de a socegar, o rei e a côrte foram para Santarem, defronte, do outro lado do Tejo. Em Almeirim conspirava-se abertamente. O conde de Barcellos, deitando fóra a mascara, bandeára-se com a rainha, e instava com ella a que se recolhesse no Crato, cujo prior era fiel, cujo castello a defenderia, emquanto não chegavam os infantes de Aragão para a vingar. Publicamente se contavam com horror os tratos havidos entre o conde de Barcellos e os aragonezes; e D. Henrique, D. João, seu genro, seu proprio filho o conde de Ourem, ao lado de D. Pedro, exprobravam ao velho o desvairamento. Ainda que de Ourem diziam alguns que estava com D. Pedro, por ser de boa politica e mais seguro ficar o pae d'um lado e o filho do outro. D. Leonor, tambem por cautela, mandára á irmã as suas joias e dinheiros. E o prior do Crato, n'este côro de mentiras, mandava tambem o filho, a Santarem primeiro, prestar a sua homenagem ao regente, e depois a Almeirim, combinar a fuga da rainha.

Essa loucura consummou-se, por uma noite fria de outubro (1440), escapando-se D. Leonor com um pequeno grupo a cavallo pelas vastas planicies do sul do Tejo, como bando de ciganos foragidos. E quando na villa soou a noticia, a gente saltou das camas espavorida, gritando em choros: «Fugir, fugir! do infante D. Pedro que vos vem prender». Foi um panico atroz e ridiculo. Mal vestidos, entrouxando as roupas, soltavam-se a correr pelas charnecas fóra, como bando de ovelhas tresmalhadas. No seu desvairamento, muitos acreditavam que a carreira só havia de parar em Castella. A mulher e o filho do senhor de Cascaes, velho guerreiro já tropego, que da cama se deitára no chão, rebolavam-no para que fugisse tambem, n'uma afflicção aguda, sacando-lhe dos braços, pedindo-lhe por misericordia que se salvasse.

— Deixai-me comer a esta terra que me creou e a que

não fui nem sou traidor. Não me desterreis sem culpa, a este corpo, nem lhe deis sepultura em terras alheias [1].

Levaram-no aos tombos. E quando a manhã levantou de sobre a terra o manto escuro da noite, a charneca appareceu deserta e muda na sua immensidade. Aqui, além, um farrapo, um mantéo, perdidos, accusavam o exodo tumultoso da côrte da rainha que se fortificava no Crato.

É de vêr que ao regente não assustavam em demasia inimigos d'estes; receiára porém um conflicto com Castella [2]. Entrando na maioridade, o rei João II, em 1420, entregára o governo ao favorito D. Alvaro de Luna, que o infante D. Pedro tratára muito em Valladolid, quando partia para a sua viagem. D. Alvaro, creado de creança na côrte castelhana, onde apparece pela primeira vez, como pagem, em 1408, era o encanto das mulheres e o favorito do rei desde a infancia. Poetavam ambos ao desafio, desmanchando-se o cortezão em hyperboles. Chamava a D. João II *columna de gentileza*. Musico além de poeta, escriptor ainda por cima, D. Alvaro, que fazia a apotheose do sexo feminino no seu tratado das *Virtuosas é claras mujeres*, era o que trovando chamava á sua dona *Corona de quantas Dios padre cria*, acabando por esta quasi blasphemia genuinamente castelhana:

> Se Dios, nuestro Salvador,
> ovier de tomar amiga
> fuera mi competidor.

Tomando conta do governo, D. João II entregou-se nas mãos de Luna, e n'elle se consolidou a quasi instituição dos *privados del rey* [3]. A côrte mordeu-se de inveja, vendo esse trovador feito conde de San Esteban, com seis cidades e mais

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, L a LXV.

[2] *Ibid.*, LV.

[3] V. Ticknor, *Hist. litt. esp.*, na ed. Gayangos, I, 208. A Chronica, anonyma, de D. Alvaro de Luna, impressa pela primeira vez em Milão, 1546, é um documento celebre da litteratura castelhana. Amador de los Rios (*Hist. crit. litt.*

de setenta fortalezas. Distinguiram-se pela sua opposição ao governo os infantes de Aragão, irmãos da nossa rainha, e primos-irmãos do rei castelhano, quando em 1418, casando-se João II com a irmã de D. Leonor, os infantes se acharam cunhados do rei. A viuva do Aragão veio estabelecer residencia na côrte de Castella, junto da filha, com os dois rapazes que andavam em busca de fortuna, e a viam patente se conseguissem abater D. Alvaro e tomar-lhe o logar á frente dos fidalgos, junto do fraquissimo rei. Desde então, a Castella inteira se achou dividida em duas metades hostis que em guerra disputavam entre si D. João II; mas o rei, fiel á sua amizade, tanto mais se prendia a D. Alvaro, quanto maior eram as victorias dos seus inimigos [1].

N'esta situação, D. Pedro, quando a rainha, fugindo de Cintra para Almeirim, abertamente appellou para os irmãos, e o conde de Barcellos se bandeou com elles, encostou-se tambem á parte contraria, alliando-se a D. Alvaro de Luna e ao mestre d'Alcantara, D. Gutierres, seu socio na campanha e na protecção real, enviando-lhes logo um auxilio de tropas, com que poderam bater as dos infantes e libertar o rei que estes tinham captivo [2]. D'este modo se dissipava o perigo d'uma intervenção castelhana, porque os infantes não viriam, emquanto D. Alvaro, a quem o rei se conservava sempre fiel, os trouxesse por lá abarbados com a sua resistencia. Conseguiram apenas que de Castella mandassem uma embaixada no outomno de 1440, reclamando a regencia para D. Leonor; mas esse mesmo acto platonico era renegado pelo rei que, de accordo com Luna, secretamente mandava dizer a D. Pedro não lhe desse ouvidos. A embaixada, effectivamente, foi despedida com as cortezias do estylo logo que D. Leonor fugiu de Almeirim para o Crato [3].

esp., VI, 224-9) estudando-o, attribue-o a Alvar Garcia. O mesmo auctor analysa as producções de D. Alvaro, nomeadamente o seu tratado das *Virtuosas é claras mujeres;* ibid., 63,5 e 271 a 7.

[1] Ch. Romey, *Hist. d'Esp.*, IX, 17.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, LV e VI.

[3] *Ibid.*, LXIII e VI.

O pleito da regencia estava pois liquidado. D. Pedro, senhor do governo, tinha o rei em seu poder: esse symbolo, essencial á auctoridade politica, era uma creança de oito annos. De facto, rei era elle; e no momento em que um homem sobe á eminencia do poder, é que a sua verdadeira natureza se revela. Antes, os actos podem ser simulados pelo plano que o dirige, ou pelo impulso inconsciente que o move; depois complicam-se inevitavelmente com a saudade da vida forte, com as reminiscencias e com as dependencias creadas no periodo culminante.

No alto do throno a que as circumstancias o forçaram a subir, D. Pedro via mais claramente ainda, porque do alto sao mais largos os horisontes, essa inanidade intrinseca das cousas que lhe revelára a sua mente de poeta. O pessimismo subia com elle ao throno. De uma vez, em Coimbra, indo com o infante D. Henrique para a porta de S. Bento, que dava sobre a ponte do Mondego, e onde se viam as armas da cidade, uma mulher sobre um calix com uma corôa na cabeça e com um seio amamentando um leão, com o outro uma serpente, D. Henrique parou, e rindo, a olhar as armas, disse-lhe:

— Bem se póde, senhor irmão, comparar a vós esta figura, pois tambem de uma parte dais mantimento ao leão que é Castella, e da outra a Portugal que é a serpe do nosso timbre.

— Verdade é, respondeu D. Pedro scismando; mas vêde-a melhor e considerai que está sobre um calix que significa sangue, em que mais claramente parece que de meus trabalhos, serviços e beneficios, esse ha de ser meu galardão... [1]

De outra vez, em Lisboa, o povo da cidade queria levantar-lhe uma estatua em reconhecimento do beneficio que lhe fizera abolindo dentro d'ella o serviço da aposentadoria, um dos mais vexatorios que a Idade-Média teve. Pela aposentadoria os povos eram obrigados a aboletar a côrte e as embaixadas, fornecendo-lhes camas, roupas, louças e todos os utensilios e al-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LII.

laias necessarias á hospedagem [1]; e com os habitos de deslocação constante das côrtes, e com a frequencia das embaixadas, antes do estabelecimento de legações permanentes, este serviço era onerosissimo, mórmente nas terras como Lisboa, que se iam tornando capitaes. D. Pedro, em 1439 [2], ordenando a abolição da aposentadoria, dotou a obra do paço dos Estáos, destinado a receber as embaixadas, porque a côrte tinha em Lisboa o seu paço de apar S. Martinho, detraz da Sé, depois substituido pelo da Ribeira, onde viveu D. Manoel [3].

Pois quando vieram dizer a D. Pedro, já regente, que lhe queriam levantar a estatua sobre a porta dos Estáos, elle «com o rosto carregado de tristeza e pensamento» recusou a licença:

— Se a minha imagem alli estivesse esculpida, ainda virão dias que em galardão d'essa mercê que vos fiz e d'outras muitas que com a graça de Deus espero de vos fazer, vossos filhos a derribariam e com pedras lhe quebrariam os olhos. E portanto, Deus por isso me dê bom galardão, que de vós emfim não espero senão este que digo e porventura outro peor.

Já vimos como D. Pedro traduzira todos estes sentimentos em verso. Shakespeare, o genial adivinhador do homem na Renascença, pintou no seu Hamlet o prototypo d'esse estado extrinsecamente contradictorio, apparentemente doido, que resultava para a consciencia humana do subito desannuvear dos horisontes intellectuaes. Estonteada, como uma ave ainda implume a quem furtaram o ninho das crenças infantilmente protectoras, a alma esvoaça, geme e afinal expira. Hamlet portuguez, o regente previa o seu fatal destino no calix que signi-

[1] Viterbo, *Elucid.* V. Aposentadoria.

[2] V. a carta régia de 9 de junho fixando a dotação para o paço dos Estaos, em Oliveira, *Annaes do mun. de Lisboa*, I, 320. Pina, XLIX, data o acto das côrtes de dezembro, o que se vê não ser exacto. D. Pedro era ainda somente Defensor, e decerto esse acto lhe augmentou a popularidade na capital.

[3] Os Estáos de D. Pedro eram o edifficio em que no Rocio, em 1584, se installou a Inquisição; reconstruido depois do terremoto de 1755, em 1820, supprimida a Inquisição, foi palacio da Regencia; em 1826 serviu á camara dos Pares, em 1833 foi para lá o Erario, e por fim ardeu em 1836. No seu logar está hoje o theatro de D. Maria II.

fica sangue. O poder não o satisfazia: provava-se que não fôra um ambicioso, agora, quando podia dar largas aos seus desejos. Era no throno o mesmo philosopho precursor do pessimismo, mais poderoso ainda no alcance da vista do que o irmão, precursor tambem, do utilitarismo já hoje talvez em principio de decadencia.

*
* *

Com a fuga da rainha para o Crato declarou-se um simulacro de guerra civil. D. Pedro enviou uma carta-manifesto a todas as villas do reino, carta que foi lida depois da missa, no dia de todos os Santos. Escreveu outra vez a D. Leonor, admoestando-a, e, por não haver outro remedio, dispoz os preparativos da guerra. O infante D. Henrique foi para a comarca da Beira, o infante D. João para a d'entre Tejo e Guadiana. Ao Porto mandou-se um enviado especial, e ordens foram dadas para o Alemtejo, afim de que ninguem fornecesse para o Crato mais mantimentos do que os necessarios para o sustento da rainha e vinte pessoas de sequito.

O Crato era um d'esses velhos castellos fronteiros levantados n'um mar de charnecas, campos desolados por seculos de combater incessante. O ferro e o fogo tinham talado sem piedade essas planicies, e só de longe podia vir-lhe o mantimento. As ordens do regente equivaliam a um cêrco, pois ainda antes de irem tropas contra o castello já lá dentro havia fome. A pobre rainha pedia de mãos postas ao infante D. João que lhe acudisse; elle respondia-lhe que sahisse do Crato, cujo prior, mais a familia, não gosavam da melhor fama. N'este ponto correu voz de que os rebeldes tinham contractado gente em Castella, e era verdade. Tornava-se indispensavel acabar esse nucleo de resistencia; e no meiado de dezembro (17) as tropas do infante entravam em Belver, e publicavam-se editos de dez dias para se submetterem todos os que seguiam o prior, sob pena de morte e confisco.

Assentou-se o cêrco, e á fome juntou-se o terror dentro do Crato. Repetiam-se os prognosticos funebres. A imaginação, assustada pela consciencia da felonia, via pavores no ar. Reparou-se n'uma aguia que por tres vezes desceu sobre um ninho de cegonhas pousado na torre da casa do prior, e depois de levar os dois filhos, levava pelos ares nas garras o pae... talvez o prior! A bala de pedra do primeiro tron de um quartão dos sitiantes bateu em cheio n'um escudo d'armas, despegando-o, sem o partir, das mãos de dois anjos que o sustinham, e ao cahir por terra então se fez em hastilhas; o segundo tiro matou um homem, o terceiro foi despedaçar-lhe o cadaver já mettido no seu esquife...

O cêrco estreitava-se. Nas immediações do Crato havia ligeiras correrias, mas pelo reino não bolia uma folha. Chegaram com effeito alguns troços de castelhanos pagos com as joias e baixellas da rainha, e, não havendo outro meio de a convencer, o regente, com o infante D. João e os cunhados, Ourem e Arrayolos, filhos do conde de Barcellos, marchou para o cêrco. Nos ultimos dias de dezembro entravam em Aviz; e a rainha, vendo que nem Barcellos, nem os infantes de Aragão, nem os conjurados da liga de Torres Novas, ninguem vinha em seu soccorro, abalou, passando a fronteira, para Albuquerque de Castella, com o prior do Crato, o senhor de Cascaes e outros que, seguindo-a, acabaram emigrados. O Crato entregou-se, rendendo-se o castello com os oitocentos castelhanos que o guarneciam [1]. E assim terminou a guerra civil.

O conde de Barcellos não se levantára pela rainha, os seus filhos acompanhavam o regente; mas estava longe de ser seguro que elle se lhe submettesse. Que andava fazendo pelo norte, em grande parte seu, esse velho astuto e insaciavel? A sabel-o, e a vêr se o congraçavam, partiram para Traz-os-Montes, em fevereiro de 1441, D. Pedro e D. Henrique. O conde estava em Mesão-frio, a cavallo sobre o Douro, para lhes embargar a passagem. Villa-Marim, Mesão-frio e Cidadelhe, nas cumiadas

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXVI e LXXIV.

agrestes das serranias do norte do rio, que cahem abruptas e selvagens n'um leito de schistos terrosos, coroadas por pavorosas erupções graniticas, eram ainda behetrias, moleculas espontaneamente formadas, quasi republicas serranas da Idade-Média, que a necessidade da defeza obrigava a sujeitarem-se a um fidalgo, patrono ou senhor, mas que, com a isenção de montanhezes bravios, reservavam a eleição do protector. Essa eleiçao recahira no conde de Barcellos, que planeava porém confiscar as liberdades dos montanhezes tornando o beneficio hereditario na sua casa, como de facto conseguiu n'este proprio anno [1].

De dentro do seu ninho alpestre, como um falcão, o conde de Barcellos, receiando-se de que os irmãos viessem ajustar contas, mandára afundar os barcos do Douro; mas D. Pedro construiu uma ponte de toneis e passou. O conde de Ourem que vinha com elle, pedindo-lhe perdão para o pae, rogou-lhe licença para ir adiante convencel-o. Foi e trouxe-o. Viram-se, abraçaram-se os dois irmãos. Ouve-se o que as bôcas diriam; adivinha-se o que diriam os corações. O arcebispo de Braga D. Fernando, que era um pobre homem, malicioso porém, exclamava cheio de unccão ecclesiastica: «Ecce quam bonum et quam jocundum habitare fratres in unum!» D. Pedro «com bem na cara» impassivel de quem conhecia o interior aos homens, escutava a verbosidade contricta do conde de Barcellos, os seus protestos de obediencia, as suas affirmações de amizade e dedicação. Abandonava á sua sorte a rainha, encarregava-se até de a trazer á obediencia e amizade de D. Pedro; concordava no casamento do rei com a filha do regente; sómente pedia uma coisa: era que repozessem em Lisboa o arcebispo D. Pedro. Foi garantido; e separaram-se todos em paz, o regente para Lisboa, D. Henrique por Vizeu para o Algarve, e o conde para Guimarães [2].

Tratou-se logo do casamento do rei que tinha dez annos

[1] Fornellos, *Mem. hist. econ. do concelho de Mesão-frio*, as behetrias foram extinctas em 1550, com a reforma dos Foraes por D. Manoel.

[2] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXV.

feitos: houve côrtes em Torres Vedras e os desposorios effectuaram-se em Obidos no dia da Ascensão de 1441 [1]. Pouco a pouco, um por um, se iam desfazendo os nós. Faltava regularisar a situação da rainha que andava por Castella perseguindo os irmãos para que viessem restaural-a. O conde de Barcellos mandou-lhe com effeito um enviado, que chegou porém em má occasião. No anno precedente a rainha de Castella tinha conseguido que o filho, principe das Asturias, Henrique, casasse com a prima Branca de Navarra, cujo pae era um dos irreconciliaveis inimigos de D. Alvaro de Luna. Não pôde o condestavel impedir este casamento que todavia a fraqueza do principe lhe não permittiu consummar [2]. Mas a victoria da opposição accentuava-se e os aragonezes, omnipotentes, parecia deverem levar a melhor. Tinham cercado Medina del Campo, tinham-se apoderado outra vez do rei e batido as tropas de Luna e do mestre de Alcantara. D. Leonor estava com os irmãos em Medina, quando recebeu o enviado de Barcellos, e confiada no exito, repelliu-o. Em Portugal, o regente convocava as côrtes para Evora; e repellia tambem as successivas embaixadas castelhanas. Receiava um rompimento. Ceder seria fraqueza, insistir podia trazer a guerra. O voto das côrtes de 1442 foi porém de tal modo affirmativo, que se preparou para a lucta. Os *pedidos* que lançou, os armamentos que ordenou, foram unanimemente applaudidos; e esta unanimidade do reino contra a infeliz viuva, foi o argumento decisivo no conselho de Castella, reunido para tratar o caso de Portugal, a favor da não intervenção e pela paz, apesar dos rogos de D. Leonor e dos irmãos que assistiam ás deliberações da assembléa [3].

Pacificamente decorrera o anno de 1441 e o seguinte levava igual caminho, quando em outubro morreu de uma perniciosa em Alcacer do Sal o infante D. João que fôra o braço direito do regente no pleito do governo. Era o segundo dos filhos

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXVI.
[2] Ch. Romeu, *Hist. d'Esp.*, IX, 17.
[3] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXVII a LXXX.

de D. João I que descia á cova, na flôr dos annos: tinha apenas quarenta e dois: e se Portugal perdia n'elle um dos caracteres mais inteiros que a sua historia apresentou, o regente perdia tambem o alliado mais prestimoso e mais fiel. A sua dôr foi immensa. Estava em Coimbra, e cahiu de cama enfermo ao receber a noticia. Transferiu logo para o filho do fallecido, D. Diogo, o mestrado de Santiago com todas as rendas que o pae tinha [1]: e para a filha proporcionou-lhe o futuro um destino brilhante.

O mundo é feito de compensações e equilibrios. Parecem pratos de uma balança que sobem ou descem alternadamente, revesando-se. Quando a dôr e a immensa falta de D. João sobrecarregavam o regente que perdia, ganhava o conde de Barcellos nadando em satisfação por se vêr afinal igual dos irmãos, tambem duque, o terceiro na ordem do tempo, mas primeiro de facto, porque os seus bens eram seus e não da Corôa, e porque o seu titulo ficava hereditariamente vinculado á sua familia quasi soberana. Em 1442 morrera o senhor de Bragança, D. Duarte, sem herdeiros. A côrte estava em Evora, e para lá foram correndo, pae e filho, Barcellos e Ourem, a reclamar a herança do morto ainda quente. Ourem chegou primeiro, pediu e obteve do regente o senhorio d'esse castello; Barcellos chegou depois, pediu tambem, mas D. Pedro disse-lhe que o déra já: de modo que foi do filho que o pae obteve a terra de que foi feito duque [2]. A desforra chegava tardia, mas vinha. A velhice indemnisava-o amplamente das amarguras passadas. Sentia-se subir, no prato da balança do mundo... O regente descia. Depois da perda do irmão, n'esse anno funesto de 1443, morria tambem no seu captiveiro o desgraçado D. Fernando, terceiro dos filhos de D. João I que descia ao tumulo, se é que era vida a sua existencia cruel... Morria tambem o filho do infante D. João, logo um anno após do pae. A um tempo vagavam dois

[1] Pina, *Chron. de D. Affonso V*, LXXXI.

[2] *Ibid.*, LXXXI; e Sousa, *Hist. Geneal.*, V, 37 e segg.

mestrados, o de Santiago e o de Aviz, com o cargo de condestavel que passára do pae para o filho de D. João. O regente recusou-o ao conde de Ourem que o reclamava para si, e deu-o ao proprio filho. Allegava Ourem a supposta hereditariedade do cargo na linhagem do grande Condestavel, cujo neto era; dizia que o infante D. João fôra condestavel, não por ser infante, mas por ser casado com a neta de Nunalvares. Contestava o regente nao existir doação nem diploma que provasse a hereditariedade, e senão, que lh'o mostrasse; que á morte de seu pae, e não podia alongar-se muito, ficava duque, tres vezes conde: para a estreiteza de Portugal, bastava; tivesse paciencia [1]. — Desesperado, o conde de Ourem partiu, jurando vingar-se. Renascia-lhe na alma o appetite insaciavel do pae. E D. Pedro, considerando as coisas, reparava como se iam realisando as suas previsões. Enumerava as perdas soffridas, com a sua melancolica philosophia, resignada ou indifferentemente: a morte de D. João, o engrandecimento do conde de Barcellos, e agora o odio do conde de Ourem. A vida cada vez lhe parecia menos digna de amor.

Em Castella, a triste rainha, perdidas todas as esperanças com a victoria de D. Alvaro de Luna (Olmedo, 1445) que *libertára* o rei, pondo por uma vez termo ao poder dos aragonezes, retirára-se para Toledo, onde vivia pobremente das esmolas que de cá lhe mandavam. Afinal negociava-se um accordo por via do conde de Arrayolos, quando repentinamente chegou a noticia de que morrera [2]. Envenenada? Corria que sim, pelo condestavel D. Alvaro, inimigo figadal dos aragonezes. O facto é que aos quinze dias morria tambem, repentinamente, a rainha de Castella [3]. Vencidos os irmãos, Luna via-se livre das irmãs, e senhor absoluto do rei. O regente de Portugal mandára-lhe novos reforços, com o proprio filho, condestavel, que aos deze-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXII, III.
[2] 19 de fevereiro de 45. *Ibid.*, LXXXIV.
[3] Ch. Romey, *Hist. d'Esp.*, IX, 17.

que no seu espirito provocava o espectaculo da injustiça e da contradicção constitucional do mundo. Nem a sua philosophia nem a do tempo, davam para comprehender que essas contradicções são inherentes á propria realidade; e o seu pessimismo, como todos os pessimismos, provinha de não entender que a ordem, a paz, a justiça e a belleza estão apenas na luz diaphana da nossa razão que, voando livre, apaga os aspectos confusos das coisas para se vêr n'ellas a si propria como n'uma phantasmagoria. Talvez fosse agora, tornado á solidão do lar domestico em Coimbra, que o amigo de D. João de Mena, em tempos bem differentes seu correspondente litterario, rematasse as estrophes mais amargas do seu poema do *Menosprezo das cousas do mundo*. Deposto da regencia, accusavam-no de cumplicidade com o condestavel de Castella no envenenamento provavel das duas rainhas; accusavam-no, e com verosimilhança agora, depois da comedia do principio de 1446 (que logo contaremos) de querer usurpar o throno ao sobrinho — quando elle apenas quizera, apenas queria, dar paz, socego e felicidade a um povo, não por amor em que ardesse por elle, mas por assim lh'o prescrever a sua consciencia justa e sabia. Passava por ambicioso, nas linguas que deglutiam com ambição incessante, elle que sabia o valor mesquinho de todas as vaidades do mundo! E com este agitar de idéas que não podia resolver, esvaía-se-lhe a cabeça, e a razão começava a allucinar-se-lhe.

Oliveira Martins.

O DISCIPULO [1]

POR

PAUL BOURGET

III

Em contraste frisante com esta figura de decadente surge em seguida o vulto do conde André de Jussat. Esboçada em quatro traços, n'um escorço d'um vigor incomparavel, esta physionomia de official e fidalgo estampa-se na memoria. Um homem de estatura mediana, de construcção athletica, mãos e pés nervosos, uma testa quadrada n'um casco de cabellos pretos, bôca cerrada e firme, um queixo de córte resoluto e olhos castanhos muito chegados ao nariz aquilino dando ao perfil um vago aspecto de ave de rapina, eil-o quanto ao physico. A curteza de idéas, a energia da vontade, a pontualidade exacta, o desprezo do soffrimento e da fadiga, o horror da mentira e da covardia, eil-o quanto ao moral. Um soldado, em toda a extensão d'esta bella palavra, é o termo que resume esse caracter. A vida de bivac e de quartel, com o seu rigor chronometrico, a sua forte jerarchia, a severidade dos seus codigos, a sua fraternidade cimentada pela presença do perigo, e o estoicismo duro adquirido no habito das privações e no espectaculo

[1] Continuado da pag. 328, do numero de março.

da morte physica, produz este conjunto de sentimentos viris que se designa pelo nome de honra militar. Ajunte-se que este official é um fidalgo de velha rocha vivendo sob a terceira republica. D'ahi o seu nojo da canalha, o seu odio á Allemanha, e a sua firme convicção de que depois da guerra de 70 e do golpe de mão democratico, para um francez que se preze, o unico logar decente é — o Exercito.

Carlota de Jussat, a irmã do conde André, está esboçada com a delicadeza de toques com que Paulo Bourget costuma traçar as suas figuras femininas. É sabido que o grande romancista allia a extrema finura ao vigor da analyse e que as suas creações de mulheres se recommendam duplamente pela subtileza casuistica na pintura dos sentimentos e pela firmeza de mão com que desmonta as peças d'essas interessantes machinas. Ajunte-se que o seu estylo tem uma elegancia, um acabado, uma sciencia dos cambiantes, um mimo de graça e discrição, uma arte de insinuar sem frisar, verdadeiramente inexcediveis, e que essas phrases ditas a meia-voz deslizam com esse rumor de sedas arrastadas que se exhala da prosa de Renan. Todos esses dotes encontram um emprego conveniente na historia d'essa nobre e infortunada creatura. Carlota de Jussat não era bella, se se entende por belleza a solidez fundada na proporção, a pureza vigorosa dos contornos, o esplendor da tez e a magestade do porte, em summa a robusta harmonia de formas que faz d'um corpo humano a encarnação visivel do Canon. Pequena e franzina, com os seus cabellos castanhos e os seus olhos pardos, a fragilidade dos seus pés e das suas mãos, a expressão de modestia da sua physionomia, e a graça miuda dos seus passos e gestos, ella não se impunha á admiração de quem a via pela primeira vez. E essa solidez de raça dominadora que no irmão permanecia intacta e se manifestava com tanta nitidez, parecia ter-se obliterado passando através de tantas gerações até essa franzina herdeira dos velhos invasores francos. Mas o destaque nobre do pescoço corrigia com um toque de altivez o mimo demasiado fragil da sua estatura. E na immobilidade frequente do olhar, um observador attento leria a ten-

dencia para a idéa fixa, como na linha firme do queixo acharia o indicio d'uma vontade inabalavel nas resoluções uma vez tomadas. — Sob esse delicado involucro se abrigava uma alma de donzella d'uma nobreza acabada. Dois traços distinguiam essa alma. O primeiro era uma bondade extrema, derivada de disposições nervosas especiaes que no pae produziam a hypocondria, e na filha se manifestavam por uma sensibilidade quasi morbida. Essa sensibilidade profunda que se exprimia em presença de certos aspectos da natureza ou de certos casos da vida por longos silencios sem causa apparente, tinha a sua expressão mais perfeita no dom divino da compaixão. O segundo traço, derivado em parte do primeiro, era o gosto do romanesco. Não que o abuso da leitura de romances tivesse falseado o seu espirito, levando-a a vêr a vida através d'um véo de chimeras. Mas essa sensibilidade demasiado viva fazia-a evitar com repugnancia o contacto directo da realidade tão rude para as naturezas delicadas. Seu pae era um velho em que a hypocondria se manifestava pela preoccupação perpetua e egoista da propria conservação; sua mãe uma senhora activa e exemplar dona de casa, mas em quem essas qualidades eram compensadas por uma materialidade de vistas e sentimentos perfeitamente vulgar; seu irmão um simples animal de combate. A dôce creatura tambem era demasiado differente dos seus e não podia vêl-os ou mostrar-se a elles na realidade da sua natureza sem soffrer com isso. Mas esse sentimento da differença que, alliado á lucidez da analyse, produzia em Roberto a frieza de coração e um desdem quasi impio, tivera por effeito n'essa alma affectuosa e inexperiente leval-a a formar sobre aquelles com quem vivia, um conjunto de juizos illusorios, e mantel-a no habito de não vêr as coisas e os homens senão através das chimeras dos seus desejos. D'ahi resultava que Carlota permanecia n'uma ignorancia perigosa do seu proprio caracter e do caracter alheio, ignorancia que poderia ter consequencias funestas nas eventualidades e collisões da Vida. Mas reflectindo na energia intima do seu caracter, e no orgulho patricio que herdára com o sangue, poder-se-hia prevêr que, qualquêr falta

*

em que a sensibilidade exaggerada ou a inexperiencia dos verdes annos a precipitasse, ella saberia resgatal-a por uma determinação resoluta da vontade.

IV

Dados os caracteres desenrola-se a acção. A acção mesmo não é mais que a resultante das influencias reciprocas dos caracteres, combinando-se com as influencias dos meios ambientes e das circumstancias eventuaes. Na exposição concreta d'esse jogo de caracteres, na pintura d'esses meios ambientes, na escolha e transcripção d'essas circumstancias eventuaes, Paulo Bourget mostrou-se tão grande escriptor como perfeito analysta. Ha uma arte consummada de narrar e descrever n'essas paginas singulares em que todos os recursos d'um artista de primeira ordem são postos ao serviço do rigor consciente do critico. E o que lhes duplica o valor é que essas paizagens desenhadas com um colorido tão intenso e tão sobrio, essas scenas tocantes ou tragicas que se encadeiam e precipitam n'um crescendo irresistivel de interesse, não estão compostas n'um mero intuito decorativo ou dramatico, mas são o resultado d'uma selecção intelligente de factos que manifestam ou explicam as leis do Espirito. Essas leis do Espirito, taes como as investiga, n'este momento, a diligencia infatigavel de operarios innumeros, e as coordena a capacidade synthetica de vinte homens superiores, nenhum romancista francez contemporaneo as possue como o auctor do *Disciple*. Que imagens apparecem no interior d'uma dada cabeça, que especie habitual de imagens constitue uma certa vocação ou resulta do exercicio d'um certo officio, como estas imagens se associam para constituir séries ou grupos, como estas imagens excitam emoções ou são evocadas por emoções, que diversidade de recordações e sentimentos despertam em diversos espiritos o mesmo aspecto de paizagem ou de vida, como as emoções se ligam ás idéas e originam os actos desde os gestos até ás crises de consciencia, como toda esta popula-

ção interior está coordenada na unidade viva d'um caracter, como este caracter esculpe o corpo e cunha o rosto á sua imagem, como o homem interior é feito, e como elle é expresso pelo homem exterior, eis os problemas que ataca e resolve pelo esforço combinado da Sciencia e da Arte este analysta insigne. Psychologo e viajante, homem de livros e homem do mundo, completando voluntariamente a observação interior pela observação exterior, era preciso essa intensidade de cultura e esta experiencia da vida para colligir e pôr em acção a quantidade de verdades psychologicas que estão contidas n'este livro. Era preciso ainda os recursos d'um grande escriptor, a quem doze annos de critica desvendaram todos os segredos da technica, desde a architectura do livro até á urdidura da phrase, para revestir com a roupagem d'uma prosa tão colorida e flexivel os productos da reflexão obstinada, e ajuntar á força das deducções logicas o prestigio d'um estylo em que a fluencia iguala o esplendor.

Para verificar a verdade d'este juizo, para medir a exactidão de cada uma das phrases que deixo escriptas, é necessario lêr o romance. Á falta d'esse exame directo do texto, que o leitor se contente com a exposição que vou fazer, reduzindo essa longa e viva narração á concisão d'um resumo e á seccura de uma analyse.

O enredo é como segue:

Roberto vai servir de preceptor em casa do marquez de Jussat, nobre de antiga linhagem, que exercera um papel importante sob o segundo imperio, e que considerações d'ordem economica levavam a passar um anno no seu castello d'Aydat perdido no fundo das montanhas do Auvergne. A familia compunha-se do marquez, velho hypocondriaco e doente de scisma, da marqueza excellente e diligente dona de casa, e dos seus tres filhos, o conde André, Carlota e o pequeno Luciano, o pupillo de Roberto, creança indolente e pouco esperta. Roberto entrára n'esta casa resolvido a passar os doze ou quatorze mezes do contrato inteiramente dedicado aos seus deveres de preceptor e aos seus estudos predilectos. Esses estudos eram como

fica dito os que têm por objecto os phenomenos do espirito. As pessoas entre as quaes ia viver durante um anno, e das quaes o afastava a condição social e a sua propria innata incapacidade de sympathisar, não seriam para elle mais do que materia d'exploração intellectual, simples exemplares offerecidos á curiosidade do investigador. Um caderno em branco esperava as notas que o psychologo contava tomar sobre os caracteres que ia observar de perto. Uma existencia puramente estudiosa, toda de meditação e analyse, estranha ás ambições e prazeres de ordem material, tal era o programma de vida que Roberto traçára, seguindo o exemplo do seu glorioso mestre. E a exemplo do seu glorioso mestre, um dos artigos d'este programma era a exclusão rigorosa do amor e da mulher. Mas para os que conhecessem o seu caracter, não seria uma surpreza que a acção das circumstancias o impellisse n'uma direcção totalmente opposta.

A primeira causa que operou n'este sentido foi a impressão produzida sobre o joven pelo conde André. Conhecidos os dois caracteres é facil de vêr que entre elles não podia formar-se nenhum laço de sympathia. Entre o soldado d'habitos viris e idéas estreitas, e o analysta d'alma complexa e nervos morbidos havia a distancia que separa dois typos oppostos. Tudo n'elles era differente: naturezas, gostos, opiniões, proveniencias, profissões, posição social, concepções da vida. Seria impossivel uma opposição mais completa na ordem moral e physica. Ora a differença gera o odio e a extrema differença o odio entranhado. Tal devia ser e tal foi o sentimento que o conde André inspirou desde o primeiro dia ao joven preceptor de seu irmão. E este sentimento não fez senão aggravar-se durante os dias que o conde se demorou no castello.

Mas n'uma alma tão complicada este sentimento não podia entrar e persistir sem perder este caracter de simplicidade ideal. Desde o primeiro momento a aversão foi acompanhada d'um sentimento de inveja ao mesmo tempo desdenhosa e admirativa. Não que o joven cubiçasse as vantagens de posição ou fortuna possuidas pelo seu contrario. Mas a presen-

ça d'esse homem d'acção, tão perfeito no seu genero, como Roberto o era no seu, veio a despertar no animo d'este o pensamento de que a vida intellectual era incompleta e que a plenitude da existencia humana só se obtem combinando o espirito de analyse e o exercicio da intelligencia, com o habito da acção e a experiencia das paixões. E que em resumo elle esquecia-se de viver á força de se preoccupar com a perscrutação das leis da vida. Ora dados a idolatria do eu, a falta d'escrupulos, a curiosidade criminosa, a intemperança de desejos e as tendencias sensuaes que lhe conhecemos não é difficil perceber como dentro em pouco a idéa de seduzir a filha da casa penetrou no seu espirito e manifestou-se por actos. Observe-se ainda que a continencia a que o sujeitava o seu programma de vida e a sua reclusão no castello, junto ao odio mortal que lhe inspirava o irmão da victima, collaboravam no mesmo sentido.

Mas o que constitue a originalidade d'esta intriga amorosa e a perfeita consciencia e o frio calculo com que foi planeada e conduzida a empreza de seducção. Os precedentes intellectuaes e os habitos de analyse manifestaram-se transformando a tentativa natural n'um joven para agradar a uma mulher moça e interessante, n'uma verdadeira operação psychologica deduzida de principios e apoiada em textos. Vencer todas as repugnancias que oppõem n'um coração de donzella nobre, o orgulho, o pudor, o sentimento da honra, o temor do incognito as solicitações que a levam a abandonar-se a um homem e a um homem de classe tão inferior á sua; vencer estas resistencias, descobrindo-as por meio da analyse, medindo-as por experiencias successivas, discorrendo com solidez sobre as leis que governam o coração feminino em geral e applicando-as judiciosamente á comprehensão do caracter da sua futura amante em especial; organisar um systema de mentiras habilmente preparadas e transmittil-as por meio de actos e de palavras; utilisar-se de todas as circumstancias favoraveis no interesse do seu plano de seducção; fazer servir esta criminosa experiencia para o enriquecimento do seu proprio eu sentimental e para os progressos da sciencia a que se votára: tal era o projecto já de-

cidido no espirito do joven e que sorria particularmente ao seu orgulho intellectual e á sua curiosidade analytica. Era o programma methodico da vivissecção d'uma alma. A expressão é de Roberto, e o pequeno monstro não podia encontrar outra mais exacta.

Essa empreza de seducção foi conduzida com tanto calculo como fôra concebida. Roberto começou por prender a attenção de Carlota affectando nas suas relações com ella uma subita attitude de reserva e profunda melancolia, attitude que contrastava com a cordealidade expansiva que nos primeiros tempos mantinha entre elles a sympathia de organisações delicadas e com gostos analogos. Esta attitude prolongada com insistencia na longa intimidade d'uma inverneira de montanhas, n'um interior abafado de castello solitario que o calor do fogão sempre acceso tornava enervante, emquanto lá fóra a neve cahia e cahia com narcotisante constancia, e cá dentro os dias se succediam interminaveis e monotonos, devia produzir um certo effeito mesmo n'um espirito menos predisposto. Foi o que succedeu, e Roberto apenas viu pelas provas de interesse recebidos que o seu artificio fôra bem succedido, resolveu continuar no caminho encetado. N'este intuito inventou e contou a Carlota de Jussat uma historia explicativa da sua melancolia, historia destinada a appellar para o seu coração como essa mesma melancolia tinha appellado para a sua curiosidade.

Para compor essa historia elle partiu de tres principios tomados da *Theoria das paixões*. O primeiro consiste em observar que no phenomeno da compaixão ha um elemento physico que especialmente nas mulheres confina com a emoção sexual. O segundo significa que a maior parte das pessoas tem sentimentos só por imitação e que o amor por exemplo não seria para ellas como para os animaes mais que um instincto dissipado apenas satisfeito. O terceiro affirma que o ciume póde existir antes do amor e que portanto póde creal-o assim como póde sobreviver-lhe. Em harmonia com estes principios Roberto forjou uma historia de paixão infeliz e traição amorosa que appellava simultaneamente para o sentimento da piedade, para o espi-

rito de emulação e para o amor proprio feminino; coordenou habilmente esta historia compondo-a por escripto e á primeira occasião contou-a a Carlota de Jussat.

Mas para que uma tal audacia fosse possivel era preciso que a joven tivesse animado com provas de interesse um rapaz naturalmente timido. Não foram com effeito as sabidas combinações do psychologo que lhe ganharam a ternura da nobre creança. Carlota affeiçoára-se ao preceptor do seu pequeno irmão por motivos diversos e como de ordinario succede perfeitamente espontaneos. Arrastada pelo seu espirito romanesco ella fôra levada a fazer do seu joven hospede uma idéa inteiramente falsa. O ar de soffrimento que este apparentava resultante de estudos aturados, a finura de maneiras que lhe vinha de ter sido educado por sua mãe, a circumstancia de ter sido apresentado pelo velho professor que o recommendára como um moço de sentimentos nobres e costumes irreprehensiveis tudo concorria para fomentar e manter essa illusão. E de resto seria preciso uma perspicacia superior e uma experiencia do coração humano que a pobre creatura não podia ter, para vêr claro nos motivos e intenções que determinavam esse corruptor de vinte annos. Aproveitando d'essa inexperiencia e d'essa persuasão illusoria, Roberto porém proseguia na sua selvagem empreza de seducção comparavel á caçada d'uma alma. Depois de ter contado a sua fraudulenta historia, descobriu um novo instrumento de corrupção: os livros. Aproveitando com alacridade do ensejo que lhe deu o marquez convidando-o a fazer alguma leitura em voz alta para entreter a familia durante os interminaveis serões do inverno, Roberto apressou-se em pôr este novo instrumento ao serviço dos seus fins. Procedendo com a sua logica habitual começou por determinar qual a lei geral que preside ao phenomeno da entoxicação litteraria. Tendo achado que é a attracção do desconhecido da ordem da experiencia sentimental, applicou este principio geral, completando-o pela consideração do caracter particular sobre que ia operar. Carlota era fina, pura, affectuosa. Os livros a escolher deviam ser idyllios castos na fórma e ardentes no fundo,

capazes de irritar a sua curiosidade sem a revoltar, e de appellar para o seu espirito de imitação sem despertar as suas repugnancias. Primeira a *Eugenia Grandet*, depois a *Princeza de Clèves*, o *Lyrio no Valle*, os *Risebilder* de Heine, certas comedias de Musset, certas poesias de Sully Prudhomme e de Alfredo de Vigny, foram as obras offerecidas a essa imaginação de adolescente, com tanto mais facilidade quanto na meia intimidade da longa convivencia e no enfado da vida reclusa a pobre creança sentindo necessidade de se entreter com alguma leitura foi consultar o preceptor do seu irmão e pedir-lhe o auxilio da sua experiencia litteraria. Cada um d'esses livros, prestigiosos pela natureza do assumpto e pelo encanto da fórma, operava á maneira d'essas agulhas de injecções, joias mortiferas feitas de metal precioso e lavrado, cujas picadas homicidas conduzem-na através d'uma lethargia voluptuosa á destruição da vontade e á paz do tumulo.

Mas apesar de tantos calculos tão sabiamente combinados pelo moço psychologo, a esquivez do animal virgem e o orgulho da mulher nobre pareciam constituir um obstaculo insuperavel á satisfação dos seus desejos. Comquanto convencido pelo estudo do caracter dos seductores, e pela leitura da *Theoria das paixões* que a audacia e a familiaridade physica são os mais efficazes meios de exito junto ás mulheres, a propria timidez natural e um inexplicavel sentimento de respeito pela pureza da nobre creatura continham-no nos limites d'uma adoração platonica. E é provavel que não sahisse d'elles se circumstancias imprevistas não influissem na marcha dos acontecimentos.

D'entre estas circumstancias a primeira a operar foi a influencia physica do renascimento annual da natureza. Com a successão d'esses calculos urdidos e applicados dia a dia, a estação fria tinha passado e a primavera rompia em todo o seu esplendor. Após o duro inverno de montanhas, a resurreição da vida universal exerceu uma acção contagiosa e alliciadora sobre esse coração que se julgava resequido á força de estudo e analyse. E á medida que fóra se derretiam as neves e despon-

tavam as flôres, dentro do seu peito sentia Roberto desfazer-se como gelo o calculo e despontarem como flôres os sentimentos espontaneos. Toda esta psychologia está superiormente feita e o resultado total d'esta influencia omnipotente da natureza sobre uma organisação de adolescente foi quebrar a reserva da timidez receiosa, e levar Roberto, durante um passeio em que se encontraram a sós, a declarar os seus sentimentos a Carlota, e reconhecer pela perturbação d'esta que esses sentimentos eram correspondidos.

Mas comquanto fulminada pela inesperada revelação a joven encontrou no seu orgulho de raça e na sua nativa energia forças bastantes para afastar-se do logar a que o seu coração a prendia, e pretextando uma doença nervosa retirou-se para Paris. Então na solidão do castello, no meio da bravia paizagem, cujos mais pequenos pormenores lhe recordavam a ausente, Roberto viu com espanto e colera que tinha cahido nas proprias redes que armára, e que Carlota era indispensavel á sua vida. Esta certeza foi seguida d'um desejo vehemente de arrancar da alma esse sentimento que germinára ahi sem sua permissão. A maneira por que tentou conseguil-o é digna dos seus precedentes. Tratando a questão como um problema de psychologia pratica, partiu da definição do amor considerado como uma obsessão do sexo, e procurou destruil-o recorrendo successivamente á fadiga corporal, ao trabalho cerebral, á analyse do proprio sentimento, e á satisfação carnal dos sentidos. Toda esta operação está grandemente conduzida e seria preciso remontar até o Julien Sorel de Stendhal para encontrar um tal exemplo de engenharia moral. Mas apesar das marchas forçadas através dos escabrosos arredores do castello, e das duzentas paginas de Beaunis estudadas em quinze dias, apesar da minuciosa analyse com que pretendeu destruir a oppressão do sentimento encarando-o de frente, apesar mesmo d'uma noite passada em casa de Marianna, sua antiga amante, os seus esforços baldaram-se, e nada foi capaz de extirpar essa paixão subita, que a ausencia de Carlota transformava n'um appetite frenetico.

Uma nova circumstancia veio exacerbar essa paixão. Carlota, para quem a separação fôra um supplicio igual ao de Roberto, desesperando de arrancar do seu coração um sentimento que não podia conduzir senão á desgraça e á vergonha, resolvera pôr o irreparavel entre ella e o objecto da sua affeição, e aceitára a mão, que outr'ora tinha rejeitado, a um camarada e amigo do conde André. E Roberto viu ajuntar-se á agonia dos desejos impossiveis de satisfazer a tortura physica do ciume, complicado agora d'uma recrudescencia d'esse velho odio que votára ao irmão de Carlota desde o primeiro dia em que o vira, e que o casamento projectado d'esta, annuindo á vontade do conde, não fazia senão justificar.

Os factos porém não passariam d'ahi se a doença subita do pequeno Luciano não viesse modificar tudo. Recebendo em Paris a noticia da doença da creança, a marqueza e a filha tinham sem demora partido para o castello. E apenas a vira, Roberto percebera por uma intuição immediata toda a dolorosa historia do seu amor recalcado e do seu casamento ajustado. Esta intuição tivera como consequencia uma impossibilidade absoluta para dar um só passo no sentido de obter Carlota, elle que tão prodigo d'elles fôra outr'ora, tão activo e diligente na empreza de a seduzir. Então do fundo da sua alma atormentada e condemnada ao silencio levantou-se com uma força irresistivel o desejo da morte. N'um meio somnambulismo visinho da loucura, comprou o veneno libertador e dispoz tudo para o suicidio. Mas antes de morrer quiz marcar a memoria de Carlota com a indelevel recordação do seu amor e mesmo vêr até que ponto era amado. E assim escreveu e deixou no quarto da donzella uma carta communicando-lhe a sua resolução. Carlota leu-a e após uma crise terrivel dirigiu-se ao aposento de Roberto. Occorre aqui uma scena d'um pathetico incomparavel que termina por a joven consentir no abandono da sua pessoa mediante a condição de morrerem juntos. Mas dissipada pela posse a nuvem de illusão produzida pelo desejo, accordada no seu espirito a obliterada vontade de viver tão forte aos vinte annos, despertada no seu coração a piedade por essa franzina creatura

que lhe acabava de dar uma tão grande prova de amor, evocado emfim no seu coração, pela idéa do conde André, um feroz sentimento de orgulho satisfeito e dureza desapiedada, Roberto recusa-se a cumprir as condições d'esse pacto do amor e da morte. E dias depois, a joven indignada põe termo á vida com o mesmo veneno que Roberto comprára, não sem ter procurado e encontrado nos papeis secretos d'este a verdade do seu caracter e sem ter communicado ao conde André os resultados d'essa pesquiza.

A acção entra aqui na sua crise final. Roberto é preso e accusado de ter matado Carlota. Todas as circumstancias collaboram para o convencer do crime. Elle mesmo recusa defender-se e encerra-se n'um silencio obstinado. Porque antes de morrer Carlota contou-lhe tudo; elle sabe que o conde André conhece a sua innocencia e quer forçal-o á cumplicidade d'um homicidio judiciario por um consentimento tacito. E além d'isso, ao seu orgulho repugna salvar a vida à custa d'uma confissão deshonrosa para a memoria da morta. Mas na desolação do carcere, na angustia do supplicio eminente e dos pungentes remorsos, vira-se para aquelle que fôra o seu pae espiritual, mestre e inspirador da sua alma: compõe para desafogar-se, e envia a Adrien Sixte sob promessa de inviolavel segredo, essas paginas resplandecentes de cynismo e de verdade que é impossivel lêr sem admiração e pasmo. Duas crises de consciencia que é preciso vêr no livro para apreciar toda a exactidão com que estão compostas, passam-se então nas almas do philosopho e do soldado. Cada um reage segundo a sua natureza intima. Adrien Sixte escreve ao conde appellando para a sua honra, e o conde após uma agonia de perplexidade dirige-se ao tribunal que ia condemnar Roberto e pelo seu depoimento heroicamente revelador determina a absolvição do réo. Mas na tarde d'esse mesmo dia faz justiça por suas mãos executando o seductor com um tiro de rewolver. E este drama do pensamento corruptor e da paixão sem freio termina dignamente por um acto da vontade justiceira.

V

Não direi senão duas palavras sobre a intenção geral do livro. Ella está manifesta no prefacio, em vinte passagens da confissão de Roberto, e sobretudo no admiravel capitulo intitulado *Tormento d'idéas*, que descreve a angustia do philosopho ao vêr os seus livros servirem de causas e instrumentos da corrupção mais cynica. O romance mesmo, na sua idéa essencial, não é mais que a historia das responsabilidades terriveis que assume um homem quando pega n'uma penna para formular idéas perante outros homens. O proprio titulo da obra annuncia e como que resume o pensamento que a constitue, e a palavra discipulo applica-se certamente com exactidão ao protagonista quando se pensa que a sua educação intellectual fez-se nos livros de Adrien Sixte, que foi dos livros d'este que tomou a sua concepção do mundo e da vida, que nas theorias d'este encontrou argumentos para cohonestar os seus appetites e desfazer os seus escrupulos, e que finalmente até das observaçoes d'este recebeu subsidios para a sua criminosa empreza de corrupção. Tudo isto é verdadeiro e exacto. E se o romancista se limitasse a traçar o quadro d'estas influencias estaria ao abrigo da discussão e o critico não se veria obrigado a refutal-o depois de o ter admirado.

Mas não se limita. E no eloquente prefacio que antecede o livro, e em vinte passagens d'este, e no final da primeira edição, prejudicado nas edições subsequentes, parece querer significar que ha concepções do mundo antagonicas com os interesses da vida moral, que certas doutrinas atacam a faculdade de querer e amar, que o philosopho deve reflectir muito nas consequencias praticas d'essas malfazejas theorias, que deve hesitar antes de as espalhar e mesmo abster-se de o fazer, e que além de tudo essas theorias são contestaveis, impossiveis de demonstração e mesmo falsas. Tudo isto é inconsistente e está antes disperso ao longo do volume do que conca-

tenado n'uma argumentação seguida. Por isso o critico hesita antes de emprehender a refutação d'este ponto de vista em attribuil-o francamente ao escriptor que critica, e sente a necessidade de declarar que alguns dos argumentos mais valiosos que se podem apresentar contra este modo de vêr são adduzidos pelo proprio romancista. Mas espiritos menos versados na arte dos cambiantes e a quem a inferioridade é uma fonte de audacia, não hesitaram em proclamar o antagonismo entre a Sciencia e a Moral, em declarar subalternos os interesses da Verdade pura, e em concluir que não ha o direito de emittir certas idéas. E como esta conclusão é demasiado crúa, ajuntaram que essas certas idéas são falsas.

Ferdinand Brunetière, o critico a quem me refiro, encontrou adversarios que tentaram resalvar os direitos do livre-exame, e travou-se, em torno da questão levantada por *Disciple* uma polemica interessante, porém pouco instructiva. Com effeito, tornou-se visivel na maneira superficial e confusa por que foram conduzidos os debates, a ausencia d'um verdadeiro philosopho, capaz pelo rigor das definições, pela solidez das provas, pela perspicacia da analyse e pela plenitude das idéas geraes, de levantar o problema do terreno em que o manteve a incapacidade dos litteratos e a curteza dos especialistas.

E comtudo, para um espirito medianamente acostumado á pratica das operações abstractas, elle é susceptivel de discussão rigorosa e solução positiva. Tentemol-o, que o problema é vital e teremos concluido dignamente este longo exame d'um dos livros pelos quaes viverá o seculo.

E primeiro apprehendamos a these. Ei-la nos seus traços essenciaes. O pensamento moderno é levado, nos seus resultados finaes, a considerar o Universo como um conjunto de fórmas governadas por leis inflexiveis de producção e destruição. Esta fatalidade reina não só no mundo das coisas physicas, mas tambem na ordem dos sêres pensantes, e a Alma é como o organismo um automato. A liberdade é uma palavra sem sentido, e a responsabilidade esváe-se com a liberdade. Mesmo a existencia substancial da alma é contestada, a sua sobrevivencia ao

corpo negada e com ella o systema de penas e recompensas que compensariam as injustiças d'esta vida. Sobre o Universo, governado pela ferrea fatalidade, não paira nenhum Deus paternal ou justiceiro, capaz de satisfazer os nobres instinctos do coração humano. Esta doutrina é perigosa e as suas consequencias desastrosas na ordem pratica. Uma concepção tão terrivel e funesta não póde ser verdadeira. Não é verdadeira. E conveniente, é util, é licito affirmar com alguns pensadores contemporaneos que o pensamento não abrange toda a realidade, que ha uma região do Incognoscivel onde podemos pôr um Deus feito á nossa imagem.

Uma philosophia esclarecida responde com promptidão: É certo que o pensamento moderno affirma a fatalidade das leis naturaes e não precisava da experiencia moderna para a affirmar. É certo que o pensamento moderno contesta a existencia da alma independente do organismo, a sua sobrevivencia ao organismo, e a mythologia dos infernos e paraizos que serviam de complemento á impotencia das leis e de satisfação aos instinctos de equidade. É certo que supprimindo a liberdade suppprime a responsabilidade. É certo que pela bôca dos seus mais illustres representantes ella retira a Deus a personalidade como incompativel com a infinitude, e a omnipotencia misericordiosa e justiceira como incompativel com o espectaculo das dôres e das iniquidades da Terra. Mas na sua fórma superior elle substitue a um paraizo chimerico o divino esplendor d'um universo que se desentranha em fórmas cada vez mais bellas, e a um Deus feito á imagem do homem a visão consoladora e formidavel d'um Universo que é a estupenda encarnação d'uma Razão viva. E que em resumo não faz mais que substituir um credo por outro.

E sobretudo não corrompe. Porque não ha doutrinas corruptoras. Aquelle que se abstem do mal com a mira no céo procede por motivos tão baixos como se se resolvesse por dinheiro. O diabo póde ser util, mas é um tão triste mestre de nobreza moral como o Verdugo. O justo determina-se pelo que é justo e não precisa para que o faça d'uma approvação exterior. A

moral não depende da metaphysica, nem o merito moral das concepções do mundo. Depois de Kant a questão está julgada.

Para os que negam a liberdade e supprimem com ella a responsabilidade, a questão é outra. Trata-se de manter a Ordem e fomentar o amor entre os homens, e isto por meios naturaes. Para esta empreza, a sciencia, nomeadamente a sciencia do espirito, é o mais poderoso instrumento. Se os sentimentos e os actos estão sujeitos a leis, indagar estas é aprender a produzil-os. As doutrinas que traçam limites ao pensamento para os transpôr logo em proveito dos seus preconceitos, e forjam um incognoscivel para abrigar n'elle as suas chimeras, são meros expedientes de espiritos assustados, e expedientes sem effeito. Em vez de apoiar reacções baldadas e prolongar a dolorosa crise da consciencia moderna, mais vale entrar resolutamente n'esta gigantesca empreza do pensamento que depois de explicar a Natureza explicará o Espirito, e depois de manejar as forças da Natureza manejará as forças do Espirito, fundando em bases seguras a Pedagogia e a Politica, obras-primas da Industria humana.

Moniz Barreto.

TRADUCÇÕES DO ROMANCERO

DE H. HEINE

ADVERTENCIA PRÉVIA

Os conhecedores de Heinrich Heine nas edições allemas, nas unicas, claro está, regulares e completas edições de suas obras, sabem que o *Romancero* se compõe de tres livros distinctos: o das *Historias*, o dos *Lamentos*, — em que se comprehende uma sub-divisão denominada *Lazaro*, — e o das *Melodias Hebraicas*.

Sob a designação commum, designação pedida á lingua da nação, que justamente se reputa o berço, e mais do que o berço, o throno do Romance, incluem-se, como o estão desde logo denunciando os titulos das tres partes indicadas, os mais estranhos, inesperados, e entre si desencontrados themas. Só o poder discricionario d'uma phantasia absoluta jungira, numerára, dispozera no mesmo livro, sob o mesmo titulo, trechos de indole e ser diversos, pasmados de assim se verem, inexplicavelmente, reunidos. E todavia é indubitavel que ainda nos na apparencia mais avessos á indole do rotulo que os designa e cobre a todos, se accusam linhas, traços, feições que explicam a sua inserção em volume de tal titulo.

É por isso que reputo o *Romancero* um dos livros mais

caracteristicos do Poeta, d'esse Poeta que é, com Poe e Hoffmann, uma das tres mais livres, originaes e creadoras phantasias d'este seculo, mas que possue, como nenhum, ainda nos mais soltos devaneios, uma intenção profunda e viva, um sentir seguro e são da Arte, que os informa, os subjuga e depura. Elle mais do que nenhum se avisinhou em seus versos do conceito ideal da plena liberdade, da independencia plena, sem as quaes não ha Poesia — assumido o termo na sua accepção mais lata — e da sujeição, espontanea e consciente, ás eternas leis da Natureza e do Espirito, sem a qual a Arte não existe.

As seguintes composições pertencem ao primeiro livro do *Romancero:* ás *Historias.* Não se verteram todavia quantas formam esse primeiro livro. Tambem se não encontram lá quantas aqui se lêem. É certo que, datando a primeira edição do *Romancero* dos fins de 1851, sem embargo de existirem tanto nos *Letzten Gedichte*, estampados em 1854, como nos *Nachlass-Gedichte*, impressos em 1869, composições que por intenção e indole, por tons e rythmos, se prendem intimamente ao *Romancero*, as não incluiram os editores nas ulteriores edições do livro. Escrupulisaram. As razões d'esse escrupulo colhem para elles. Para nós, não. Assim, algumas das composições hoje publicadas, as seis ultimas, não devem procurar-se no *Romancero*, mas entre os romances dispersos pelos outros volumes do Poeta. O leitor, curioso de nonnadas mais ou menos curiosos, achará as razões a que se allude em advertencia anteposta á edição de Hamburgo de 1875.

A escolha dos versos traduzidos determinou-se por motivos varios. O *Romancero*, sabe-se, abrange os mais estranhos e desvairados tons. E todos, desde o de sabor genuinamente historico ou lendario, o que creou a meia idade e consagrou a tradição, o a um tempo épico e lyrico, até o mais imprevisto e phantastico, em thema e côr, o em que só se presente, e a custo, o traço justificativo da sua inserção sob tal titulo, todos os tons se encontram nobremente representados. Procurou-se que nas versões todos elles se reproduzissem, preferindo-se os que eram menos familiares ao leitor portuguez.

A belleza e excellencia relativa deveriam ter sido razões determinantes de preferencia: não o foram sempre. O motivo é obvio de mais para apontar-se.

Attendeu-se seriamente a um ponto serio. Disse-se algures que traduzir Heine era empalhar luar. É, por certo, a engenhosa imagem menos verdadeira com respeito ao *Romancero*. Mas como, ainda applicada ao *Romancero*, não deixa absolutamente de ser exacta, colheram-se de preferencia do incomparavel luar septentrional os raios que obsequiosamente se mostraram menos resistentes á desastrada mão que os empalhava... Que o leitor os não haja de achar de todo extinctos, é o meu desejo e a minha esperança.

RHAMPSINITO

Quando el-rei Rhampsinito entrava um dia
ás estancias douradas
da filha, ria-se esta, ria, ria,
e damas e creadas;

eunucho e servidor, de bôca espumea,
tinham perdido o siso;
se até a sphinge augusta e a sêcca mumia
rebentavam de riso!

E a Princeza: — Cuidei que de repente
prendera o réo no Paço;
mas abalou deixando-me sómente
nas mãos um morto braço.

Já na manha atinei com que o malvado
se mette no thesouro,
ri de tranca e ferrolho e cadeado,
rouba-te joias e ouro.

Tem chavinha de encanto que a seu mando
lhe abre, por horas mortas,
as portas mais escusas, inda quando
são valentes as portas.

Não sou eu porta, que resista á brava,
de roble antigo e rudo.
Veio de noite e, quando eu vigiava,
roubou-me tudo, tudo...

Parte a rir a Princeza e corre á solta
e aos pulos pelo quarto;
aias e eunuchos torcem-se d'envolta
n'um rir convulso e farto.

Riu n'esse dia á larga Memphis todo;
e o proprio crocodilo
ergueu rindo a cabeça d'entre o lodo
do amarellado Nilo.

quando, ao som do tambor, o pregoeiro
do chanceller do Egypto
annunciou no caes ao povo inteiro
este real rescripto:

«Nós, Rhampsinito el cet'ra, pela graça
de Deus rei, co'o presente
enviamos saudar a egypcia raça,
vassalla e reverente.

Este anno o quingentesimo terceiro
antes da era de Christo,
de doze para treze de janeiro,
succede em Memphis isto:

Certo moço, finorio e mettediço,
n'um saltear matreiro,
roubou do erario em barda ouro massiço
e joias e dinheiro.

No empenho de alcançar o auctor do feito,
na mais visinha sala
a Princeza dormiu; pois o sujeito
logrou tambem roubal-a.

Para dar justo pago á gentileza,
e ao roubador discreto,
conceder-lhe as vantagens e certeza
do nosso augusto affecto,

havemol-o, de modo positivo,
por genro declarado
desde hoje e nosso herdeiro presumptivo
no egypcio principado.

E como inda ignoramos a morada
de genro tão egregio,
tal rescripto ser-lhe-ha prova provada
do nosso favor regio.

Cumpra-se o augusto mandamento. Dado
em o anno acima dito
aos dez de maio em Memphis. Assignado:
Nós el-rei Rhampsinito.»

Cumpriu o promettido. Fez seu filho
a discreta pessoa
que o roubara e morreu. O illustre pilho
cingiu a egypcia c'roa.

Não foi mau rei: as artes e o talento
mereceram-lhe agrado.
Se alguem roubou, roubou com muito tento
durante o seu reinado.

O ELEPHANTE BRANCO

O audaz Mahavasant, o siamez dynasta,
sob o aureo sceptro abrange a India remota e vasta.
Doze potentes reis das regiões mais varias,
além do Gran-Mogol, prestam-lhe preito e pareas.

Todo o anno, ao rebramar de trompas e atabales,
alastram plaino e serra, os pincaros e os valles,
caravanas sem fim, trazendo lentamente
as portas de Sião as producções do Oriente.

Transportam sem cessar as recuas de camellos
montões de prata e de ouro. El-rei sorri de vêl-os.
Belisca uma só pena o augusto millionario:
arquetas e caixões não cabem já no erario.

E do thesouro regio as salas, todavia,
são, pela vastidão, salas e companhia.
Ficas-te áquem, por mais que na invenção te afoites,
lallaz papaguear das «Mil e uma noites».

Por «Aureo Alcacer de Indra» embevecida a fama
ao refulgente burgo em toda a parte acclama.
N'elle, em lavor subtil de pedra e de ouro fino,
dos deuses vãos pompeia o côro peregrino:

Uns trinta mil, ao certo: omnimodas figuras,
fórmas descommunaes, horrendas cataduras,
cabeças, pés e mãos de extravagante geito;
brutos no vil semblante, homens no arcar do peito.

Na «Sala Purpurina» apinham-se os portentos:
resurgem de coral as arvores aos centos;
e, iguaes no talhe enorme a colossaes palmeiras,
curvam, rubente selva, a copa em mil maneiras.

O solho de crystal purissimo retrata,
com exacção perfeita, a acarminada matta.
D'innumeros faisões voa, de quando em quando,
de fronde para fronde o rutilante bando.

Um simio caro a el-rei, de gesto sério e grave,
traz presa de aurea fita ao collo a argentea chave,
que descerra, mas só nas mãos do austero mono,
as portas do salão sagrado ao regio somno.

De pedraria antiga estranhas maravilhas
alteam-se no solho, aos montes, como ervilhas.
Brilhantes, a fulgir chamma insistente e crua,
ostentam bojo igual ao de ovos de perua.

Na saccaria a impar de perolas costuma
espreguiçar-se el-rei, adormecer, em summa;
e, a pouco trecho, a par resfolga tal ressono
no leito senhoril repetenado o mono.

Mas do Grão Mahavassant o gaudio mais perfeito,
o que o enamora mais, e mais lhe enleva o peito,
porque esbofava alegre em derradeiro arranco,
sua vida, e gloria, e sol—é o elephante branco.

Para hospede tamanho, esplendido hospedeiro,
ergueu faustoso paço a peso de dinheiro.
O tecto, de ouro estreme, em capiteis assenta,
onde o lotus lascivo as petalas ostenta.

Uns trezentos heroes de espada e de alabarda,
de lança e murrião, fazem contínua guarda.
De joelhos no chão, submissos e quietos,
assistem-lhe, sem voz, centos de eunucos pretos.

O sapido jantar, a appetitosa ceia
em aureos pratalhões o bruto saboreia.
Trazem o vinho em celha argentea e temperada
co'o embalsamado ardor do cravo e noz moscada.

Ungem-lhe a pelle de ambre e essencias peregrinas.
Enleiam-lhe a cabeça em tranças de boninas.
Amantilham seus pés nos mais subtis, mais bellos
chales de cachemira, em guisa de chinellos.

Vive o excelso animal vidinha regalada.
Mas a ninguem no mundo o seu destino agrada;
sem se aventar porque, nem como, em farta escala,
atroz melancolia a passo e passo o rala.

Entre a perpetua festa, ante o porvir risonho,
consome-se por dentro o alvissimo tristonho.
Propõem-lhe distracções, el-rei no empenho insiste,
almeja-o distrahido, e elle sorido e triste.

Em vão por dar-lhe gosto em rondas feiticeiras
se esfalfam a dançar lascivas bailadeiras.
Em vão rufa o tambor, atroa a tuba ovante,
sempre na mesma, sempre, o triste do elephante.

De dia para dia o misero peora.
O coração d'el-rei sangra, soluça, chora.
Ante os degraus do throno, á pressa convocados,
acode o vão tropel de astrologos provados.

Ruge ao primeiro el-rei: «Meu sabichão mofino,
responde, quando não, por paga e por ensino,
vai-te a cabeça fóra: o que é que roe, tortura,
de meu branco elephante a alma sincera e pura?»

Tres vezes dá comsigo, em prova de respeito,
em terra o sabio e após prorompe d'este geito:
«Escuta o que eu presumo a tal respeito e observo.
Teu bel-prazer depois cumpra-se em mim teu servo.

Lá muito para o norte existe creatura
de talhe egregio e tez da mais nevada alvura.
Teu elephante é bello, é nobre, sem disfarce.
Pois a tal dama, ó rei, não póde comparar-se.

Ao pé d'ella pelo ar, no forte, no tamanho,
não passa o enfermo teu de alvo subtil morganho.
Iguala a colossal Bimha do Ramayana.
Tem a estatura audaz da scythica Diana.

As fibras de seu corpo armam por dôce modo
artificio carnal, cujo ineffavel todo
assenta a vastidão das fórmas singulares
no marmor sensual de dois gentis pilares.

Do Amor, do eterno Amor a magestade ignota
tem n'ella a Sé primaz, a Cathedral devota.
Como lampada a arder na paz da muda nave,
seu coração derrama um resplendor suave.

Os poetas debalde em ideaes paragens,
por explicar-lhe o alvor caçam subtis imagens.
Nem de Gautier traduz a frase tersa e pura
os implacaveis tons de tão nitente alvura.

A vista de seu rosto a neve do Himalaya
em pardacento gris o intenso alvor desmaia.
Lyrio em que ella tocar—emulação ou zelo—
converte em flava côr a fina côr do gelo.

O nome que usa e tem a genial senhora
é de condessa Bianca, e desde infante mora
em Paris capital do grande reino franco.
Tal dama adora e quer teu elephante branco.

Em sonho unicamente a viu: a affinidade
electiva dispoz que em fórma tal lhe agrade
que de tão dôce ideal a triumphante vaga
o cerebro lhe inunda, a luz mental lhe apaga.

O intimo sêr lhe rasga e rala o desespero.
Elle, alma tão escorreita e coração tão fero,
em boreal Carlota, ingrata das ingratas,
noite e dia a scismar. — Werther de quatro patas!

Mysterioso encanto! Arcana sympathia!
Nunca a viu, sem embargo, á branda luz que envia
o dôce plenilunio, a passear sósinho,
pensa e diz entre si: — Se eu fosse passarinho!

Tem o corpo em Sião; a alma, na terra franca,
languidamente geme aos pés da amada Bianca.
Mas tal separação entre a alma e o corpo torna
muito aspera a guela, as digestões transtorna.

O mais fino manjar mal o ingeriu, damnou-se.
Só gosta de Ossian e de aletria dôce.
Anda enfezado e sêcco, e muito breve a tosse
lhe armará, co'a saudade, um tumulo precoce.

Se te propões, senhor, restituil-o ao mundo
da mammifera grei, vêl-o feliz, jucundo,
tens o remedio á mão: envia em breve termo
a Paris, capital do reino franco, o enfermo.

Se elle consegue vêr o luminoso aspecto
da mulher que provoca as ancias d'esse affecto,
em pouco o saberás tornado d'improviso
á antiga robustez, ao pristino juizo.

Onde seu labio ri, seu meigo olhar scintilla,
ha de impregnar-lhe a vida a morbida pupilla;
a sombra dissipar-se e o peito docemente
fulgir-lhe, como a noite á luz do sol rompente.

Da sua voz suave o tremulo feitiço
ha de saber curar-lhe as falhas do toutiço.
No renascido bicho exsurgirá reteza
a orelha hoje cahida á força de tristeza.

A vida é tão suave, a vida é tão serena,
na grande capital sentada a par do Sena!
Has de vêr e pasmar: sem ralho, sem pedido,
virá civilisado e muito divertido.

Mas para isso um conselho: o justo, o verdadeiro,
é, com mão larga, encher-lhe os bolsos de dinheiro,
e munil-o de carta, ó rei, que o acredite
junto á casa Rothschild e irmãos, rua Lafitte.

Quando menos, serão quinze milhões e meio.
O tal senhor Barão, ao recebel-o cheio
de financeiro garbo e espanto: Este elephante,
dirá co'os seus botões, é homem importante!»

Disse o sabio, e, segundo uso e preceito antigo,
tres vezes a seguir pregou no chão comsigo.
Despede-o el-rei por fim com fartos dons de pronto.
Foi-se depois deitar: quiz ruminar o ponto.

Pensou, pensou, pensou. O pensamento é duro
a quem rege nações com olhos no futuro.
O mono quiz pensar, a par d'el-rei deitou-se;
e ambos do meditar cahem n'um somno dôce.

Não sei da decisão. Faltou-nos o correio
das Indias; mas decerto a mala que não veio
chegada a Bombaim, em barco expresso e leve,
por via de Suez, deve chegar em breve.

José de Sousa Monteiro.

UM ROMANCISTA DA CALIFORNIA

Bret Harte é um dos escriptores que mais honram a litteratura americana. Não foi ha muito que, transpondo o novo mundo, a fama d'este fino e vigoroso contista se espalhou pela Europa. Mas desde logo a Allemanha porfiou, na publicação das suas obras, com os Estados-Unidos; a Inglaterra admittiu-o entre os seus auctores mais predilectos; e em França tem-se feito dos seus livros numerosas e interessantes traducções. Poeta e observador, as duas feições dominantes do talento de Bret Harte são o sentimento e o humorismo: os seus processos são extremamente simples, directos e sobrios; e o estylo, quando se dá ao cuidado de o trabalhar, apparece recamado de coisas delicadas e preciosas. Todos os seus assumptos foram colhidos n'uma experiencia propria de dezesete annos, durante os quaes, nas successivas condições de mineiro, de mestre-escóla, de typographo, de agente de caminhos de ferro, de empregado do thesouro, de jornalista e de professor, elle aprendeu a conhecer os homens e as coisas da California, que se devia tornar o *meio*, o fundo permanente, onde vivem as suas creações. D'estas as mais perfeitas, as magistraes, as que permanecerão como obras *representativas*, segundo a expressão ingleza, são as que se prendem com a vida mineira. Bret Harte póde-se dizer que nasceu litterariamente nos *camps*, nos acampamentos de mineiros, que

encheram a California, entre 1849 e 1855, quando foi a descoberta do ouro. De resto, parte da sua mocidade passou-se nos *camps*. E o seu organismo intellectual, já em plena florescencia, mas virgem ainda de impressões fortes e definitivas, recebeu as influencias d'aquelle viver aventuroso e pittoresco, e d'elle se impregnou para todo o sempre.

A California é um paiz de romance e de extraordinaria paizagem. Sobranceiras ao vasto Pacifico, renques e renques de serranias, *Las Sierras*, bracejam em todas as direcções, erguendo a sua massa grandiosa e rude para o céo remoto, que de dia é uma cupula dura de metal candente, e de noite uma transparencia onde as estrellas, através do ar excessivamente rarefeito, parecem enormes e frias. Á base dos montes, assentes n'um labyrintho de *cañons*, a natureza reveste um esplendor tropical: as grandes mattas de pinheiros, de cedros e de sequoias desenrolam a sua ampla espessura verde-negra: um pujante matto rasteiro amortece lá dentro os ruidos; os troncos altos e nús sobem como columnas até ás curvas musculosas dos galhos, que se entrelaçam em abobadas ou convergem em ogivas; o vento que a custo passa desprende da ramaria exhalações resinosas, que mais adensam aquelle ambiente crepuscular de nave. Á medida porém que se vai subindo, a vegetação escasseia; apenas as azinheiras, as sarças agrestes de *manzanita* e *chimisal*, cobertas de poeira avermelhada, rastejam á beira de precipicios medonhos, cavados pelo fluxo diluvial que o inverno despeja do alto das *sierras;* e logo depois começa a região de rochedos pardacentos ou rubros, onde a picareta do mineiro deixou assignalada a sua passagem devastadora.

Foi em 1849, logo depois da conquista e annexação da California, que a primeira onda de emigrantes exploradores veio bater a falda das *Sierras*. Homens de toda a condição, idade e cultura, commerciantes e camponezes, pastores e mecanicos, capitalistas e letrados, os sofregos de riquezas e os sedentos de aventuras, os impacientes das peias sociaes e os aggravados pela iniquidade alheia, os que fugiam ao mundo ou os que fugiam á justiça, toda uma desordenada massa humana se veio

arremessar sobre os filões reconditos das *Sierras*, ao saber que havia lá ouro. Aquellas nobres solidões assistiram então transidas de assombro durante annos a um espantoso referver de sonhos e de crimes, de intrigas e de paixões, de abjecções e de heroicidades. E por sobre a musica eolia do seu vento e as vozes multiplas das suas aguas, ouviram, mais forte e abafando-as, o estrepito da catadupa viva, feito de gritos de triumpho, de pragas, de risos, de cantares ebrios, de detonações de revolwer e do tilintar de ouro sobre as mezas de jogo.

Estas feições de violencia e desordem eram communs a todos os *camps*, — desde a pequena villa mineira orgulhosa das suas duas ruas symetricas, do seu theatrinho, do seu club, do seu hotel e *square* arborisado, até aos simples e rudes agrupamentos de cabanas feitas de madeira e matto ou cortiça, que, como edificios publicos, se limitavam ao inevitavel *bar-room*. De resto o *bar-room* («café» ou «bilhar», como nós diriamos) era sempre o coração d'estes organismos rudimentares de vida social. Alli se faziam ou desfaziam as amisades, as associações e as reputações; alli convergiam as noticias; alli se originavam ou se decidiam as pendencias; alli se concluiam os negocios; alli se fundavam as instituições.

O frequentador do *Bar-room* (e quem o não era nos *camps*?) trazia sempre no bolso, em significativa alliança, a bolsa do tabaco, o revolwer e o baralho de cartas. Assim nol-o pinta Bret-Harte. E por pouco se não cifravam n'isso as suas posses. A mobilia das cabanas, habitadas por dois ou mais *partners* sob um regimen de communidade absoluta, comprehendia apenas no melhor dos casos a enxerga, a manta de agasalho, o sacco de farinha, a barrica de porco salpreso, a caçadeira, a vela, o lar e o armario. Os contos do nosso auctor estão cheios d'estes interiores. Havia n'elles todavia um arremedo de conchego domestico. E muitas vezes, na intimidade d'aquelle viver singelo e rude, formavam-se entre os homens que alli viviam, e eram uns aos outros unica familia e sociedade, amizades lentas, intensas, profundas, que, ou perduravam supremas através de todas as vicissitudes, ou se deturpavam e degeneravam n'esses odios

encarniçados, que a morte immediata do adversario não bastava a extinguir—como na *Illiada de Sandy-Bar*.

D'uma d'essas amisades nos dá Bret Harte um consolador quadro no seu *Camarada de Tennessee*, commovente de bonhomia e de fidelidade, ia dizer canina; bem como no admiravel episodio *Abandonado no monte de Lone-Star*, onde um veio de tão genuino pathetico deslisa sob o humorismo e a fina observação. Não são sómente estes varonis sentimentos os unicos phenomenos do semi-barbaro viver dos *camps* que se aproximam do nosso ideal do bem. Outras bellezas moraes se encontram entre os mineiros da California. Ao gozo pleno e franco da vida allia-se n'elles a maior equanimidade e valor no arriscal-a. Á rigorosa e implacavel justiça allia-se uma tocante protecção dada ao innocente e ao fraco. Todos esses lados luminosos os vai a penna de Bret Harte fielmente pintando. Mas a par d'elles, não esconde o *reverso*, os lados sombrios ou vis: os casos em que o bello gozo sadio da vida degenera na indolencia parasitaria; em que a coragem é posta ao serviço de causas futeis ou indignas; em que a facilidade no jogar da propria vida se applica fleugmaticamente á vida alheia; em que o desassombro dos valentes descamba no egoismo dos impunes; e em que o culto da justiça cede á adoração do successo.

Essa imparcialidade do artista, patente ao leitor despreoccupado, não a percebeu Freiligrath, traductor e admirador do nosso romancista, quando lhe emprestou a intenção systematica de «procurar, para o exhibir triumphantemente ao mundo, o ouro do amor, da fidelidade e da benevolencia que jaz até nos corações mais rudes e peccaminosos». Que se lhe deparasse d'esse ouro, era inevitavel estudando homens; que o exhibisse, sempre que o encontrasse em condições artisticamente aproveitaveis, era natural, querendo fazer obra de artista; mas que apropositadamente accendesse a lanterna do trapeiro para esquadrinhar o monturo em cata de preciosas parcellas, destinadas a comprovar um systema de optimismo—não! Não está isso no seu espirito benevolamente sceptico.

Notemos que imparcial não quer dizer indifferente; Bret

Harte tem predilecções por certos caracteres, certos typos, mesmo certos estados da alma, que lhe é sempre grato reproduzir.

Uma aureola idealisadora acompanha assim a frequente apparição e o transito, através da sua obra, de certas figuras, a quem, para nol-as tornar mais familiares e intimas, elle conserva os mesmos nomes, a mesma identidade, ainda em contos de meios e épocas differentes.

É assim Juba Bill, o cocheiro, herculeo e temido, pavoroso praguejador, bom copo com mau vinho, exercendo sobre os passageiros um despotismo verdadeiramente oriental nos privilegios que contra todo o bom direito concede áquelles *que lhe calham:* — mas no fundo honrado, grande amigo do seu amigo, fazendo chegar a diligencia pontual e illesa ao seu destino através de perigos e emboscadas, protegendo sempre o fraco, dando-se por vezes o luxo d'uma boa acção. Heroe popular, se os ha!

Outro typo que Bret Harte inquestionavelmente ama é o jogador. John Oakhurst e Jack Hamlin, jogadores, são dois grandes favoritos seus. Ambos possuem a generosidade irreflectida e a frieza de animo profissionaes; ambos têm o habito de dominar, resultante de uma provada competencia no revolwer e d'essa superioridade de educação e intelligencia que seduz o vulgo, porque se emprega em o distanciar; ambos são de um asseio, de um apuro na roupa branca, positivamente insultantes no meio que habitam. Ambos são bellos, irresistiveis, universalmente queridos das damas — que, caso notavel! nunca vêm a pagar caro (que nos conste por Bret Harte) essas paixões incessantes pelos dois *calaveras*.

Ao lado d'esses perfis attrahentes, usa frequentar as paginas do nosso auctor uma silhouette esplendidamente burlesca. Fallo do illustre coronel Starbottle, pomposo, já maduro e obeso; duellista a pretexto de dignidade, e beberrão sob côr de observar os ritos do «hospitaleiro convivio»; contando os minutos pelas apostas e as respirações pelas pragas; fatuo, adamado e casquillo, ex-militar e rabula actual. Se observarmos

que o coronel se ufana de «cavalheiro da antiga escola», que detesta «o raio do yankee puritano, adorador de negros e roncador de psalmos», e que as suas conquistas, sem conta ou medida, pertencem invariavelmente ás «melhores familias», não estaremos longe de vêr n'elle uma insinuação caricatural do Americano do Sul, *the southern gentleman*, que Lowell tão franca e divertidamente satyrisou. A cada passo nos surge aquelle espadachim gotoso, offerecendo o seu prestimo como padrinho, arbitro, conselheiro ou interprete; declarando-se a torto e a direito «responsavel, pessoalmente responsavel!»; e desentranhando em anecdotas, qual d'ellas a mais extraordinaria, recolhidas na sua longa experiencia de parasita ambulante, explorador de muitas intimidades e garfo de muitas mezas.

Geralmente as figuras femininas d'essa interessante galeria de Bret Harte não se repetem através da sua obra como as dos homens. São meteoros que fulgem por momentos para logo se perderem recatadamente na sombra de onde o genio do artista as evocára. O que as distingue é que nunca apresentam um caracter sério e inteiriço. São naturezas muito complexas. Ha ainda nas mais nobres fraquezas que as humanisam; ha ainda nas menos irreprehensiveis sublimidades que as depuram. Em todas nos encanta alguma poetica manifestação de sensibilidade, de onde a intelligencia raramente é excluida. Differente das creações dos artistas que, no seu enthusiasmo pelo feminismo, por pouco não preconisam como uma superioridade feminina a ausencia do elemento pensante, as mulheres de Bret Harte são a intelligencia feita sentimento ou posta ao serviço do sentimento sob uma fórma commovente e gentil. Um traço commum a todas é a infracção occasional de certos recatos, em cuja aggravorada veneração as nossas donzellas são educadas, como n'um dos seus mais victoriosos attractivos. Bret Harte aprecia como toda a gente a modestia n'uma mulher; mas julga «fraco villão, ou peor pedante, o que se não sente vibrar, deliciado, quando a modestia avança o lindo pésinho um tudo-nada além do limiar das conveniencias». E as suas heroinas executam a cada instante esse passo picante.

*

Sem embargo de nos saber interessar por uma mulher grotescamente feia, uma estupida e vulgar creada de hotel, como Peggy Moffat, a «herdeira de Red Dog», Bret Harte tem pela graça e pela belleza uma sadia predilecção.

Sobre qual seja o seu ideal da graça dá-nos elle uma noção nos seguintes audazmente heterodoxos periodos: «Jeff nada «sabia do ideal classico; não sabia que ha cêrca de mil annos «certos idiotas sensualistas infligiram ao mundo a personifica- «ção da mais forte, mais delicada, mais dominadora e subtil «paixão humana, sob a imagem de uma femea, sem expressão, «sem aspirações, sem talho de cinta, verdadeiro animal farto e «prospero, e que, a partir de então, milheiros de idiotas que- «jandos insistem em perpetuar o modelo a bem de um mundo «que passa a vida suspirando, ardendo, luctando e occasional- «mente fazendo saltar os miolos por amor de typos muito «afastados d'esse imbecil padrão. Portanto Jeff viu apenas «uma physionomia toda possibilidades e probabilidades em- «molduradas em um oval delicado e pequeno; viu uma fragil «figura de mulher, ouviu uma voz grave toda brando orgulho «e fraqueza humana — e sentiu-se inerme.»

Apesar de que Bret Harte nunca reproduz os seus typos de mulheres ha dois estudos cujas figuras centraes nos affectam como variantes de um typo commum, talvez de entre todos o que elle estudou mais *con amore*, quer tivesse melhor ensejo de o profundar, quer entre essas naturezas e a sua propria existissem attracções mutuas. Independencia e desembaraço; dignidade arisca e melindrosa; veracidade, agudeza e, sob o exterior de salvageria, um coração apto aos grandes amores, á dedicação absoluta — eis as feições geraes d'essas adolescentes que vemos perpassando com agilidades de esquilo entre a densa ramaria aromatisada, ou perfilando contra o céo pallido, que reverbera o fulgor metallico do Pacifico, o seu garbo de nympha e a nuvem dos seus cabellos mais emmaranhados que cipós de floresta. *Mliss!* — *Flip!* — A musica dos nomes mostra o texto das indoles. Ha n'elles o quer que seja de leve, subtil e penetrante; um trinar de ave breve e incisivo; o pique de-

licioso e fugidio de um fructosinho silvestre. Essa ephemera delicia, esse perfume pungitivo e fresco, essa linha crespa e suave, Bret Harte soube-os fixar n'estas creações gemeas do modo mais intenso e seguro.

Flip! dôce creaturinha em que o sexo mal ainda se adivinha; crivada de pequeninas sardas fulvas que lhe invadem até o velludo dos grandes olhos cinzentos; aureolada de uma juba onde lampejam desde os louros alvacentos até o ruivo que tinge as barbas das espigas maduras; hamadryade yankee, «encarnação de um aroma de especiaria» — oh picante retrato, bem digno da estranha e impressionante passagem em que Bret Harte a faz mover!

Mas *Mliss* é superior.

Mliss era filha de um mineiro muito borracho de *Smith's Pocket*. Com tal pae, orphã de cuidados maternos, a pequena, desgrenhada, rota e suja, vagabundeava pelas mattas e vivia do que lhe davam nos *camps* por onde essas romagens a conduziam. A sua indole ingovernavel, as suas diabruras terriveis eram já tão proverbiaes entre os mineiros, como a borrachisse do velho Smith. E ganhára positiva popularidade pela maneira como guerreava o rapazio das escolas á força de acerada invectiva e á força de valente braço. Taes os antecedentes de Mliss quando certa noite ella se apresentou ao mestre-escóla, e fitando n'elle os seus grandes olhos pretos e destemidos:

— Vocemecê não é o mestre? pois ensine-me. O meu nome é Mliss, Mliss Smith, póde apostar a cabeça. Meu pae é o velho Smith, o odre do Smith, é o que elle é. Mliss Smith! E venho á aula.

A bondade que a acolheu foi o primeiro acto d'uma longa protecção, d'uma habil educação em que á força de affectuosa paciencia, de generosa confiança, de estratagemas carinhosos para obter a docilidade sem melindrar o amor-proprio, o mestre procurou cultivar a viva intelligencia de Mliss, amaciar-lhe as asperezas da indole nativa, e sobretudo habituar-lhe o coração á sympathia, á effusão, á dedicação pelos outros. O mestre não previra porém que o alvo d'esta sensibilidade affectiva

que desenvolvia na discipula viesse a ser elle proprio. Pois assim aconteceu. Mliss principiou por uma confiança e obediencia absolutas; depois vieram as bruscas explosões de colera sem razão, terminando em lagrimas sem motivo; depois as engraçadas represalias de ciume exercidas contra uma companheira que julgava preferida do mestre, a gorda e loura Clytie, tão correcta e semsaborona; depois a fuga desesperada pelo bosque «para *nunca*, *nunca*, *NUNCA* mais voltar», segundo ella declarava n'uma carta de despedida; depois o projecto de partir com uma companhia ambulante, ao suspeitar que o mestre ia deixar a aldeia; por fim a ameaça de se suicidar... Mas é necessario lêr em Bret Harte a intima evolução d'este puro e viçoso amor, as inquietações e contratempos que elle faz passar ao mestre. Até que um dia:

—Mliss, queres vir commigo? diz-lhe elle, tomando-lhe as mãos.

Ella atirou-lhe os braços ao pescoço e respondeu alegremente:

—Quero.

—Mas agora? já?

—Já.

E de mãos dadas partiram juntos.

Este singular e tocante idyllio, que a custo nos abstivemos de transcrever, pertence á famosa série de *Contos dos Argonautas*. Seria difficil conferir a um d'entre esses primorosos contos o premio de excellencia. Os mais citados sempre são: *Os Exilados de Poker Flat* e *O Luck of Roaring Camp*. Mas quanta belleza ainda em *Miggles*, *Brown de Calaveras* e *O Camarada de Tennessee!* Mesmo os mais passageiros esboços d'esse livro, como *O homem á toa* e *O nivel da cheia*, têm um cunho de rara e poderosa originalidade.

O *Luck of Roaring Camp* (a Fortuna do Campo Estridente) e os *Exilados*, são todavia superiormente dignos de mais

lenta attenção, pelo fino humor, a graciosa emoção, a elevação moral.

Publicados como folhetins, a estreiteza da moldura determinou-lhes o processo de composição. Um simples detalhe, um episodio em tres linhas basta por vezes a Bret Harte para suggerir o meio, iniciar-nos nos personagens. A acção vai tomando relevo e vida por meio de pinceladas curtas, quasi bruscas. A tela é avaramente aproveitada, para evitar excesso ou confusão. Ha tal caracter que se desenha todo n'um dito. Uma situação é indicada com um simples traço. D'aqui se avalia a difficuldade de resumir estes quadros, magistraes na sua singeleza.

Principiemos todavia pelos Exilados. A villa de Poker Flat, em seguida a varios assassinatos, roubos de cavallos e outras façanhas, deliberou expulsar a gente equivoca. Uma commissão secreta mandou *lynchar* dois individuos aos galhos de um sycomoro, e depôr quatro outros nos confins de Poker Flat, com ameaça de morte se voltassem: eram elles Mr. Oakhurst, jogador, o Tio Bill, notorio ladrão e borracho, e duas raparigas profissionalmente incorrectas, a mais fina de alcunha a *Duqueza*, a mais grosseira conhecida por *Mother Shipton*. A caravana acampára a meio caminho de Sandy-Bar, que era a povoação mais proxima, quando se lhes reuniu Tom Simson, conhecido como o *Innocente*, e que de lá vinha justamente, de Sandy-Bar, com Piney, sua promettida, para casarem e procurarem vida em Poker Flat. Simson conhecia e venerava Oakhurst, que, havia mezes, lhe ganhára ao jogo toda a sua pequena fortuna, e lh'a restituira depois, aconselhando-lhe que não olhasse nunca mais para um baralho de cartas.

Portanto alegrou-se immenso com o encontro e installou-se entre os mais. Trazia abundantes provisões.—«Piney póde ficar com Mrs. Oakhurst»—disse elle indicando a Duqueza, a quem, na sua qualidade de *innocente*, tomára por esposa do jogador. Certo pudor, certo respeito por tão tocante candidez, certa pena de alienar e assustar aquellas almas simples, fizeram com que Oakhurst (embora os dissuadisse de alli ficar) não ousasse desfazer o equivoco. As duas mulheres comprehende-

ram instinctivamente a intenção e os motivos, e entraram com ardor n'aquelle inesperado papel de mulheres honestas que elle lhes distribuia. Houve logo entre os exilados como o proposito tacito de *serem* (pelo menos por aquelles dias) *gente de bem*. Tanto que, quando no dia seguinte descobriram que o tio Bill fugira roubando as mulas, disfarçaram a deserção e roubo do malandro, dando uma explicação simples que tudo cohonestava. O peor é que principiára a cahir a neve. Os caminhos sumiam-se a olhos vistos sob a neve; a pé era impossivel continuar a marcha. Estavam prisioneiros da neve, talvez perdidos! Felizmente as provisões, guardadas em um casebre desmantelado onde dormiam as mulheres, poderiam, havendo prudencia, durar ainda dez dias.

Então começou para os Exilados um viver singular, atraves do qual se deu um singular phenomeno moral. Enclausurados no ermo, isolados das condições favoraveis aos seus vicios especiaes, desafogados do desconceito publico que mais que tudo separa do regresso ao bem os que já erraram, em contacto com aquelle par ingenuo, no meio d'aquella natureza austera, em face da morte possivel, os Exilados de Poker Flat identificaram-se inteiramente com o seu assumido papel de gente honrada! Nada leva a crêr que aquella regeneração se viesse a tornar definitiva: e é bem possivel que ao chegar a Sandy-Bar elles voltassem, talvez galhofando, á anterior dissipação. Mas chegariam elles jámais a Sandy-Bar? A neve cahia, cahia... E no entanto os Exilados iam-se engolphando deliciosamente na sensação, até ahi ignorada por elles, da virtude e da respeitabilidade.

Mulheres e homens, reunidos ás noites em volta da fogueira, conversavam, riam, cantavam hymnos. Piney punha a tratos um accordeon; e o Innocente encetou entre applausos uma exposição do enredo da Illiada em vernaculo de Sandy-Bar. Mas o sol enfermiço, que cada manhã os vinha espreitar dos céos, revelava sempre um estendal de neve, um mar de neve, sem rumo, sem pharol, sem esperança, alastrando as suas ondas immoveis, infindaveis, em torno ao pequenino promonto-

rio que os acolhera. Dia a dia o circulo de neve se estreitava. As provisões eram já pouquissimas. Mother Shipton, a mais forte, definhava. Á decima noite esta antiga peccadora chamou Oakhurst: —«Morro — murmurou ella com voz que já morria de fraqueza — mas não diga nada. Não acorde os pequenos (os *pequenos* eram o Innocente e Piney). Tire o embrulho que tenho á cabeceira e abra.» Oakhurst abriu. Dentro estavam as rações de Mother Shipton, dos ultimos dias — intactas.

No dia seguinte Oakhurst apresentou ao Innocente um par de alpercatas como as que os Indios do Canada usam para andar sobre a neve. Elle proprio as fabricára com uma das albardas.

—«Ha uma probabilidade entre cem de salvar a sua noiva, lhe disse elle. O unico soccorro está alli!» E indicava os telhados longinquos de Poker Flat.

—E o snr. Oakhurst, porque não vem também?

—Não, eu fico.

Os amantes despediram-se com um longo beijo.

—Também vai? — exclamou a *Duqueza* vendo que Oakhurst se preparava a partir.

—Só até alli abaixo ao *canon*.

De repente voltou-se e beijou-a, deixando-lhe em chammas a face, toda ella tremula de espanto e emoção.

A noite desceu, mas Oakhurts não voltou. O temporal cresceu de furia, e invadiu a cabana. As duas mulheres pouco dormiram. E de manhã leram nos olhos uma da outra o destino inevitavel. Como os tições esmorecessem devagarinho, a Duqueza achegou-se a Piney e quebrando um silencio de horas: — Piney, sabes rezar? — Não, filha — respondeu a outra com simplicidade. A Duqueza, alliviada sem saber por que, pousou a cabeça no hombro da sua companheira e não tornou a fallar. Abraçadas, adormeceram... «E quando mãos piedosas lhes retiraram a neve de sobre as faces macilentas, tão igual e perfeita paz as saturava que a innocente se não distinguia da peccadora». Mais longe, junto ao *canon*, por baixo da neve «sob um epitaphio, escripto em uma carta de jogar, e fixo por

uma navalha a um tronco, jazia com uma bala no coração o mais forte, e todavia o mais fraco dos Exilados de Poker Flat.»

Transportemo-nos agora a *Roaring Camp* (o Campo Estridente), onde uma infima aventureira expira dando á luz um rapaz. Que parte coube no nascimento e na morte á pericia do improvisado cirurgião, o digno mineiro Stumpy, nunca o averiguou a multidão de mineiros, que, assentada em peso fora da porta do casebre, esperava, fumando e apostando sobre o resultado, n'um recolhimento excepcional. Uma salva de revolwers saudou o primeiro vagido do orphão. E «Jinny, uma jumenta, unico sêr alli existente do sexo e condições da defunta, foi immediatamente installada nas funcções de ama. O *camp* foi então processionalmente admittido dentro do casebre. No beliche o cadaver da mãe estirava-se já rigido, por baixo do cobertor; perto sobre uma meza de pinho, o menino embrulhado n'uma flanella escarlate repousava dentro d'um caixote de velas. Ao lado d'elle Stumpy, na qualidade de expositor, guardava um silencio solemne. O cortejo desfila, fazendo commentarios bem caracteristicos. E as contribuições lançadas n'um chapeu, para ajuda da educação do orphão, não o eram menos: dinheiro em papel e metal, uma bolsa de prata para tabaco, um revolwer com armação de prata, um lenço de senhora formosissimamente bordado (do jogador Oakhurst), um annel e um alfinete de brilhantes, uma Biblia (contribuidor desconhecido), um especimen aurifero, uma espora, uma colher de prata (as iniciaes gravadas nao eram as do dador), etc. O pequeno em seguida foi unanimemente adoptado como filho do acampamento. Não havendo todavia lá uma mulher decente, e tendo-se tomado a inesperada e estupenda resolução de «não consentir alli das outras», o orphão foi definitivamente entregue aos cuidados de Stumpy e de Jinny.

— Eu e ella temos-te sido pae e mãe, dizia Stumpy apostrophando o embrulhosinho de flanella. Vê lá que nos não saias ingrato!

Roaring Camp não pôde dar ao *seu menino* uma aia, mas desforrou-se no enxoval.

— Traga do melhor, ouviu? recommendavam todos ao recoveiro, mettendo-lhe na mão um sacco de ouro em pó. Rendas, filigranas, rufos!... E o diabo leve a despeza!

A creança vingou. Tendo Oakhurst declarado que ella trouxera a sorte (*the luck*) ao *camp*, Stumpy baptisou-a solemnemente da maneira seguinte: «Eu te proclamo Tom Luck, segundo as leis dos Estados-Unidos e as da California, e assim Deus salve a minha alma!» Formula decerto absurda, mas em que o nome de Deus foi pela vez primeira proferido no *camp*, sem acompanhamento de blasphemias. E não pára aqui a reforma de costumes de que o pequenino ia sendo o instrumento involuntario. A cabana de Stumpy, consagrada ao Luck, exhibiu logo symptomas de asseio hygienico, depois de positivo conforto, e finalmente de verdadeira ornamentação. Como isto agradasse aos que visitavam Luck, a mercearia fronteira, estimulada, arriscou a extravagancia de um tapete e depois de dois espelhos; devido aos espelhos, bem como ao rigoroso asseio exigido pelo zeloso Stumpy nos que desejassem pegar ao collo no Luck, a *toilette* dos cidadãos principiou decididamente a melhorar. Sendo tambem ponto de fé que o Luck passava a vida n'uma tentativa permanente de repouso, foram prohibidas algazarras nos arredores da cabana; e como diante de Luck, por um tacito accordo não se rogavam pragas, este desafabo passou de moda no «campo estridente». A musica vocal era permittida por se lhe attribuirem propriedades calmantes; e uma cantiga do *Couraçado Jack*, marinheiro da Australia, ganhou voga como *berceuse*. Era uma narração lugubre das proezas do «Arethusa, 74», n'um tom menor abafado, terminando cada estrophe pelo estribilho «a bo-o-o-ordo do Arethusa» em estirada agonia de cadencia. Coisa digna de vêr-se era o bom do Jack, com o Luck ao collo, balouçando-se como em um navio, e ribombando a naval cantilena. Ou fosse o balanço especial de Jack, ou o comprimento da poesia (era de noventa estrophes e levada com terrivel consciencia até á dolorosissima conclusão), a *berceuse* ge-

ralmente sortia o effeito adormentador, e outros ainda: os homens, estendidos debaixo do arvoredo, na suavidade do crepusculo estival, sugavam nos cachimbos, absorviam a melodia, e uma certeza vaga de que aquillo era felicidade pastoril começou a correr entre os mineiros.

Nos longos dias de verão o Luck era levado para a séde da tarefa mineira e alli accommodado á sombra, n'um cobertor, sobre um montão de caruma. Ora um, ora outro deixava occasionalmente o trabalho para lhe trazer um feixe de azaleas ou madresilvas, um seixo bonito, um fragmento de mica ou quartzo variegado. Era incrivel a quantidade de thesouros fornecidos pelos bosques para Tommy brincar. E Tommy parecia contente, e Roaring Camp prosperava. « Ha uma rua em Roaring — contava algures o recoveiro — que deita a um canto a melhor de Red Dog! Ha vinhas e flôres em volta das casas, e os homens lavam-se duas vezes por dia!... » Mas — chegou o inverno de 1851, que será sempre lembrado nas collinas de ao pé das Sierras. A neve cahia ás camadas, cada riacho era um rio, cada rio um vasto lago. Red Dog, ao pé, já fôra duas vezes submerso, — terrivel prenuncio! « Foi a agua que aqui trouxe o ouro, dizia Stumpy pensativamente, já cá esteve e ha de cá voltar. » E n'essa mesma noite, o North Forh galgou as margens e varreu o valle triangular em que Roaring Camp assentava... O fim do conto perde-se sob o silencio das aguas.

É opinião corrente que esta collecção dos *Argonautas* contem a nata das producções de Bret Harte. Uma d'essas inexactidões em que se incorre pela necessidade de fornecer ao publico um juizo summario e facil de recordar. Mas juizo que, de resto, se tornaria verdadeiro, se aos *Contos dos Argonautas* se juntarem outros, que igualmente nos levam á mesma paizagem das *Serras*, ao mesmo viver aventuroso e pittoresco, como — *Uma herdeira de Red Dog*, *Pastoral de Monte-Flat*, *Abandonado no monte de Lone Star*, *Um cavalheiro de Laporte*, *Como St. Claus veio a Simpson's Bar*.

A poucos dos seus trabalhos, com effeito, seria descabida a denominação geral de *Contos dos Argonautas*. E é ainda esse mundo tão original que elle nos mostra nos seus dois livros de grande folego, nos seus dois romances, *Gabriel Conroy* e *Cressy*.

N'este ultimo romance Bret Harte estende, com sabio e gradual desdobramento, uma trama delgada e finamente colorida, em que os amores de Mr. Ford, o mestre escóla, e sua discipula Cressy, se entrelaçam com a historia d'um d'esses odios ferozes ateados entre familias de *settlers* contiguos, e transmittidos como herança ás gerações que se succedem. A descripção da escola e dos alumnos, das suas luctas, dos seus festejos, suggere a idéa de que este livro seja um retalho da experiencia pessoal do artista, e que foi elle que ensinou aquellas creanças e dançou n'aquelles bailaricos. O interesse principal do romance está porém menos no mestre escóla e no seu silvano santuario do A, B, C, do que nas admiraveis figuras da familia Mc' Kinstry: pae, mãe e filha. Imaginem primeiro um homem atarracado, de fallar pausado, gestos vagarosos, olhos azues e baços, palpebras adormecidas. O olhar desmente por vezes as affirmações do conjunto pachorrento; e os veios sanguineos que lhe raiam a pallidez das pupillas trahem os assomos do guerrilheiro, habituado a romper nós gordios á ponta de carabina e de navalha. Mas a expressão habitual é magoada, revelando uma d'essas dôres constantes e surdas, a que o povo eloquentemente chama uma *moedeira*. Ralavam-no com effeito cuidados—os cuidados pela má direcção que levava a filha.

—A pequena é mulher sem ter sido creança; faltou-lhe aquelle mimo, aquella pieguice que tão precisa é aos pequeninos, e que parece que nos cahiu do waggon quando emigramos do sul... Cá a minha velha, que é impagavel para o arranjo e para certas coisas (dizia elle ao mestre-escóla Ford, erguendo significativamente a mão ferida por uma bala) entende menos de raparigas de que o senhor ou eu.

Estas preoccupações, juntas ás quezilias que lhe dava a

criação do gado, e ás perpetuas escaramuças de fronteira com os odiados e odientos visinhos, faziam convergir todas as forças d'esta pobre alma para uma aspiração á serenidade, á calma — *kam*, chamava-lhe elle. Era como um surdo desejo de barbaro por uma fórma de vida superior, que lhe vinha não só do cansaço e do arrependimento, mas d'uma orientação nova, suggerida pelas deficiencias que elle via em Cressy e pela depurada educação que admirava no mestre-escóla. E na sua admiração por este, de boamente lhe daria por mulher a filha.

Quem via com pasmo e desprezo essa transformação era a senhora Mc' Kinstry, typo de mulher frequente no sudoeste do continente americano, mulheres que partilham estoicamente os trabalhos e soffrimentos dos seus, e friamente os mandam á *vendetta* ou ás sangrentas aventuras; se feridos, desvelam-se em cural-os para alimentar a rixa; se mortos, recebem-os de olhos enxutos e ardendo mais em vingança. — «É uma Rawlins» — dizia d'ella o marido — ella e o irmão foram os unicos sobreviventes d'uma rixa de vinte e sete annos com os Mc'Entees em West Kentucky!» Semelhantes disposições, ajudadas pela frequentação constante com os rudes jornaleiros do *rancho*, tinham masculinisado Mrs. Mc' Kinstry.

D'esta virago nasceu a linda e mui feminina Cressy, mixto de espontaneidade infantil e de consciente equilibrio, prompta e decidida sob uma ondulante languidez crioula, servida por uns nervos de aço que nada conseguia desorientar, conservando um criterio sempre vigilante no meio da mais desabalada garridice, do flartar mais indiscreto, e mesmo dos alvoroços d'uma genuina e unica paixão. Abandonando ao futuro a solução d'aquelles amores com o mestre-escóla (solução que ella presentia difficil, mas que, pela confiança que tinha em si, sabia que nunca seria desastrosa) Cressy vai tirando o maior partido possivel do presente e faz d'aquelle sentimento um refugio poetico no meio da selvageria ambiente, um cantinho de vida ideal, todo suavidade e venturas. De casarem nunca teve tenção; é ella quem altivamente o affirma, dando como razão a precaria fortuna do amante e a sua propria pobreza. Elle de resto tem

a honradez de não protestar. Mas esse estado não podia ser duradouro. Mal informados por um outro galanteador que Cressy desdenhava, os parentes e amigos dos Mc' Kinstry planeiam vingança. Cressy, apenas vê o amante em perigo, corre a avisal-o que fuja. — Fugir! não; não te deixo. — Mas, Jack, se eu... eu... fosse comtigo? — E isso não seria justificar a calumnia?

Ella encolhe os hombros áquelles escrupulos que não comprehende e dispõe-se a partir com elle. Mas de subito volta, cinge-o n'um longo e frenetico abraço, e vôa d'alli a casar com Joe Masters, um dos seus innumeros adoradores. Feliz Masters! Assim o expediente de Cressy faculta ao mestre o permanecer *vivo* em Indian-Spring. Mas é de crêr que elle perdesse em breve todo o gosto pela sua pittoresca vivenda escolar!

Com todas as suas incoherencias, Cressy é encantadora. E ainda muito tempo depois de fechar o livro, ouvimos o ecco da sua voz musical, que desvulgarisa a giria de Indian Spring; respiramos o perfume subtil da sua presença; sentimos a caricia da sua longa trança loura; entrevemos lampejos do seu vestido branco, passando entre os medronheiros.

Gabriel Conroy (o outro romance do nosso auctor) é um bello gigante louro, cujo temeroso apparelho muscular esconde um coração de sensitiva e uma alma de creança. Simples até além da bonhomia; acanhado até ao ponto de exasperar quantos e sobretudo quantas lhe querem; completamente desprovido do senso do ridiculo; d'uma incompatibilidade comica com as elegancias do viver *genteel*; tendo sempre presente a idéa incommoda e intimidante da sua elephantina corpulencia, e offerecendo na expressão e nas maneiras uma perpetua desculpa por aquella *anomalia involuntaria*... Outro traço que o caracterisa são os seus dons de enfermeiro — a que o predispõem os membros amplos e bem almofadados, a mão forte e suavemente protectora, a dedicação completa, a compaixão infinita. Gabriel é o enfermeiro em *One Horse Gulch*, por tacita e unanime eleição popular... Eis-aqui o protagonista d'este romance — e eis tudo que se póde extrahir em resumo d'este romance,

que se compõe d'uma série d'acções differentes, todas igualmente desenvolvidas, todas igualmente importantes, e todas igualmente interessantes. Não deixa por isso de ser exacta a comparação que um critico allemão faz entre estas obras e uma vela de assucar candi: Gabriel representa de pavio, corpo estranho a que os crystaes adherem e se penduram, tendo cada um a sua fórma propria e o seu brilho proprio.

D'aqui alguns tiram a conclusão de que, á força de usar o conto, o talento de Bret Harte petrificou n'essa fórma d'arte, e se não póde mover harmonicamente dentro d'outra. *Gabriel Conroy* é com effeito uma série de contos entrelaçados. Mas *Cressy*, editada em 1889, mostra bem que o magistral miniaturista dos *Argonautas* possue tambem a arte das grandes telas. De resto, que importa? Qualquer que seja a fórma da arte—a arte de Bret Harte, pelo delicado *humour*, pela fina sensibilidade, pelo vivo sentimento do pittoresco, pela intima comprehensão da natureza, e pela propria belleza moral, é das que mais podem prender e encantar as almas.

Izabel Leite.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO VII

O REI TUALA

Perante a estranha audacia com que lhe propunhamos para mostrar as nossas Artes Magicas matar um principe ou um boi, á sua escolha—Tuala ficou esgazeadamente perplexo. O seu olho coruscante ora se poisava em nós, ora no chão. Depois, n'um tom surdo:

—Bem, que enxotem uma vacca para dentro do pateo!

Dois homens, immediatamente, largaram correndo.

—Barão, disse eu ao nosso amigo, chegou a sua vez. Mate a vacca. Não quero que imaginem que só eu sei fazer as maravilhas.

O Barão tomou a carabina «express», e esperou, no fundo silencio que se alargára. Por fim, á porta da aringa houve um ruido; e vimos entrar por ella, correndo, enxotada, uma grande vacca russa. Ao avistar a multidão, o animal estacou, olhou estupidamente, deu uma volta lenta, e mugiu.

[1] Continuado da pag. 381, do numero de março.

—Agora! gritei ao Barão, vendo a vacca de lado e em bom alvo.

Bum! O tiro partiu, a vacca tombou, varada no coraçao. De toda a enorme soldadesca se exhalou um murmurio de admiração e terror.

—Então menti, rei Tuala? exclamei eu, fitando o monstro com altivez.

—Não, é verdade, rosnou elle.

Baixára o olho cruel, parecia atemorisado. Eu continuei, com soberana confiança:

—Escuta, Tuala! Na arte magica de destruir ninguem nos vence. Destruimos de longe a vida dos homens, e a vida dos animaes... E as proprias armas, os ferros mais duros, reduzimol-os de longe a estilhaços. Escuta! Manda cravar além no chão, com a ponta do ferro voltada para cima, essa lança que tens na mão, a tua propria lança, que nunca foi vencida, oh Tuala. Manda, e eu te mostrarei!

Espantado, o rei cedeu. Um soldado cravou no chao, ao fundo da aringa, a lança real, com a ponta faiscando no ar, sob um raio de sol.

—Bem, disse eu. Agora vê em que estilhas vai ficar a tua lança invencivel.

Apontei, disparei:—a bala bateu na folha da lança e separou-a em bocados. Um sussurro maior, de assombro, rolou através do terreiro.

Dei então um passo para o rei, com a carabina na mão.

—Tuala, este tubo magico que troveja e destroe é um presente que te fazemos. Se te mostrares leal comnosco ensinar-te-hemos o segredo de o usar e de vencer com elle. Mas se descobrirmos traição em ti, esse proprio tubo se voltará contra o teu peito, e serás como a vacca morta ou como a lança partida. Aqui tens.

E estendi-lhe a arma. Elle tomou-a, com desconfiança, com uma sêcca antipathia, e pol-a no chão, aos pés, devagar.

N'esse instante aquella figura estranha que o acompanhára, e que me parecera uma velha macaca, deu um guincho e

surgiu da sombra da cubata real, onde permanecera agachada. Muito devagar, muito devagar, vinha caminhando nas quatro patas:—mas quando chegou defronte do rei, ergueu-se subitamente, arrojou de si a longa cobertura de pelles que a envolvia, e mostrou aos nossos olhos attonitos um vulto extraordinariamente sinistro e quasi phantastico. Era uma mulher evidentemente, uma mulher velhissima, tendo passado todos os limites conhecidos da vida humana. A face que voltou para nós estava reduzida ao tamanho d'uma facesinha de creança, d'uma creança d'um anno, toda em rugas profundas, resequidas, duras e amarellas, como se fossem entalhadas em marfim. A bôca já se não via, de sumida, entre o queixo sahido para fóra e extremamente agudo—e a testa preeminente, livida, com duas sobrancelhas ainda espessas e todas brancas. A cabeça de facto pareceria a d'um cadaver curtido ao sol, se os olhos grandes não refulgissem com intenso fogo e vida. Mas a hediondez principal d'aquelle semblante estava no craneo, todo nú, pellado, liso como uma bola, e a que ella fazia mover e enrugar a pelle como as cobras contrahem e movem o capello.

Não se podia contemplar aquella creatura sem um arrepio de horror. Durante um momento, o estranho monstro permaneceu immovel—depois estendeu lentamente um braço descarnado, a mão sêcca de Parca, verdadeira garra armada de unhas longas e recurvas, e começou, n'uma voz silvante que regelava:

—Rei Tuala, escuta! Povo, escuta! Montes, rios, céos, coisas vivas e coisas mortas, escutai! Escutai, escutai, que o Espirito desceu dentro de mim e eu vou prophetisar!

As syllabas findaram n'um uivo longo e triste. Toda a multidão que enchia a aringa parecia gelada de terror. E eu mesmo, que vira tantas vezes na Africa os esgares e as declamações das feiticeiras, senti não sei que peso no coração. A vel'ia era decerto terrifica.

—*Som de passos, som de passos que vem!* proseguiu ella, com a garra tremula no ar. São os passos da gente branca

*

que vem de longe! É a terra que treme sob os passos dos brancos. *Cheiro a sangue, cheiro a sangue!* São rios de sangue que vão correr. Eu já os vejo, já os sinto. Toda a terra está vermelha, todo o céo fica vermelho! Os leões lambem sangue por toda a parte! Os abutres batem as azas de alegria!

Parou um momento. Os olhos rebrilhavam-lhe como lumes. Depois soltou um grito longo, como uma ululação sepulchral.

— Sou velha! velha! velha! Tenho visto correr muito sangue. E hei de vêr correr muito ainda, e dançar de gozo! Que idade pensais vós que eu tenho? Os vossos paes já me conheceram; e os paes dos vossos paes; e os outros paes que geraram a esses. Tenho visto muitas coisas, aprendi muitas coisas. Já vi o branco, e sei o desejo que elle tem no coração. Quem fez a grande estrada, que desce dos montes? Quem gravou as figuras nas rochas? Não sabeis. Mas eu sei! Foi um povo branco, que estava aqui antes de vós virdes, que voltará e vos destruirá, e ficará aqui quando vos fordes como a nuvem de pó que passou!

E de repente, deu um passo, com os dois braços, as duas garras recurvas estendidas para nós:

— Que vindes aqui fazer, gente branca? Vindes das estrellas? Das estrellas! Ah, ah! Vindes procurar um como vós? Não está aqui. E o que veio, ha muito, ha muito, veio só para morrer. São as pedras que brilham que vós procurais? Eu conheço o vil desejo do coração do branco. Procurai, procurai! Talvez as acheis quando o sangue seccar. Mas voltareis vós ás estrellas, ou ficareis aqui commigo?

Depois com um arremesso terrivel, voltando-se para Umbopa, que as suas garras estendidas pareciam querer despedaçar:

— E tu, tu que tens a pelle escura, quem és, que procuras aqui? Não as pedras que brilham, nem o metal que reluz! Ah, parece-me bem que te conheço! Oh céos! oh montes! Serás tu?... Eu conheço, eu conheço pelo cheiro o sangue que tens nas veias! Desaperta essa cintura...

Um momento, ficou como esgazeada em face d'Umbopa.

E subitamente, batendo os braços no ar, cahiu no chão, como morta.

Um bando de raparigas surdiu da cubata, levou nos braços a feiticeira. Tuala erguera-se sombriamente. Todo elle tremia. Lançou um gesto: — e uns após outros os regimentos começaram a desfilar, até que todo o pateo ficou vasio e rebrilhando ao sol.

Então Tuala voltou-se para nós, com a face pavorosamente franzida:

— Gente branca! Gagula annunciou males estranhos! Está-me a parecer que vos devo matar.

Eu sorri, com superioridade.

— Oh rei, tu viste a vacca. Queres tu ser como a vacca?

— Oh gentes, vós ameaçais o rei! volveu elle, cerrando os punhos.

— Não ameaço. Digo só que tão facil é ás nossas Artes matar uma vacca como matar um rei. Pensa e treme, Tuala!

O enorme bruto levou os dedos á testa, reflectindo.

— Ide em paz! disse por fim. Esta noite é a Grande Dança. Vireis e vereis. Não tenhais medo que eu vos arme ciladas. E ámanhã decidirei.

— Está bem, Tuala, gritei eu, com um grande gesto.

E acompanhados por Infandós, recolhemos á nossa aringa.

Quando chegamos ás cubatas, depuz n'um escabello o revólver, e voltando-me para Infandós que entrára comnosco:

— O teu rei Tuala é um monstro, Infandós!

O velho guerreiro teve um suspiro.

— Ai de mim! Toda a nação geme com as suas crueldades, meu senhor! Vereis esta noite. E a grande caça aos feitiços; vem Gagula e *as suas farejadoras* farejar, adivinhar quem são, d'entre os guerreiros e o povo, os que meditam ou já commetteram feitiços e maleficios. Se o rei appetece o gado de um visinho, ou o detesta, ou teme que elle se lhe torne infiel, Gagula ou uma das *farejadoras* aponta para esse homem, e o

homem é logo morto... Quem sabe? Talvez hoje mesmo me chegue a minha vez. Até aqui Tuala tem-me poupado em respeito á minha experiencia das armas, e porque os soldados me amam. Mas quem sabe? Tuala é cruel, a terra toda soffre e está cançada d'elle!

—Mas, pela luz das estrellas, porque não depondes vós ou mataes essa féra?

Infandos encolheu os hombros:

—É o rei!... E o filho que lhe succederia, Scragga, tem ainda o coração mais negro, pesaria sobre nós com mais furor. Se Imotú não tivesse sido morto, e se Ignosi, o filhinho d'elle, não tivesse acabado tambem no deserto com a mãe, então havia uma esperança no reino! Mas assim...

De repente (e ainda me parece incrivel que eu tivesse assistido a lance tão romanesco, tão semelhante aos que se lêem nos contos de grande enredo)—de repente ergueu-se uma voz da sombra da cubata:

—E quem te diz a ti que Ignosi morreu?

Todos nos voltamos, espantados. Era Umbopa.

—Que queres tu dizer? Que tens tu a fallar, rapaz? gritou Infandos que, como velho chefe de sangue real, detestava familiaridades.

Umbopa deu para nós um passo lento:

—Escuta, Infandos. Não é verdade que o rei Imotú foi morto, e que a mulher e o filho desappareceram? Não é verdade que correu então voz de ambos se terem perdido e morrido nas montanhas?

Com um gesto, Infandos concordou.

—Escuta! Nem a mãe nem o filho morreram. Galgaram as montanhas, atravessaram as grandes areias guiados por uma turba errante, entraram de novo em terras de relva e agua, viajaram durante muitas luas, e foram ter a um povo dos Amazulus que é da raça dos Kakuanas. Escuta ainda! O filho cresceu, a mãe morreu. O filho cresceu, e serviu nas guerras dos Amazulus. Depois foi ao paiz dos brancos e aprendeu as artes dos brancos: trabalhou com as suas mãos, meditou den-

tro do seu coração: e sabendo que homens fortes vinham para o norte, tomou serviço com elles, atravessou outra vez as grandes areias, galgou de novo as serras de neve, pisou terra dos Kakuanas—e está na tua presença, Infandos!

E subitamente, arrancando a tanga que o cobria, ficou nú diante de nós, com os braços abertos, gritando:

—*Sou Ignosi, legitimo rei dos Kakuanas!*

Infandos precipitára-se sobre elle, com os olhos fóra das orbitas, a examinar-lhe o ventre onde corria, n'uma tatuagem azul, o desenho d'uma cobra que lhe dava volta á cinta e juntava a bôca com o rabo logo abaixo do umbigo. Esta tatuagem é a marca, o emblema real, que se grava a tinta azul, logo ao nascer, no legitimo herdeiro do reino. E a evidencia lá estava, certamente irrecusavel, porque Infandos cahiu sobre os joelhos, bradando:

—*Krum! Krum!* É o filho de Imotú! É o rei! É o rei!

Umbopa acudiu:

—Ergue-te, meu tio Infandos, que ainda não sou rei! Mas com a tua ajuda, e a d'estes homens fortes com quem vim, posso ser rei! Dize pois. Queres pôr a tua mão na minha e ser o meu homem? Queres correr commigo os perigos que haja a correr para derrubar Tuala o usurpador, o coração de féra? Dize.

O velho Infandos pousou dois dedos na testa e pensou. Depois tornou a ajoelhar diante de Ignosi, pôz a sua larga mão na mão d'elle, e murmurou, lentamente, como na formula d'um ceremonial:

—Ignosi, legitimo rei dos Kakuanas, ponho a minha mão na tua mão, e até morrer sou teu homem!

Nós, de pé, em redor, ficaramos verdadeiramente attonitos! O Barão e o capitão John só muito vagamente comprehendiam o maravilhoso lance. Tive de lhes traduzir, desenrolar os detalhes. E ambos exhalavam o seu assombro em exclamações, contemplando Umbopa—quando elle nos interpellou, com um gesto que começava a ser regio:

— E vós, homens brancos de quem comi o pão? Quereis vós ajudar-me tambem? Nada tenho que vos offerecer em troco do vosso braço forte. Mas essas pedras brancas que reluzem, e que vós amaes, se, como rei, eu as vier a possuir, podereis leval-as, tantas quantas quizerdes... Basta isto?

Traduzi de novo aos meus amigos esta deslumbrante offerta. O Barão franziu o sobr'olho:

— Quartelmar, diga-lhe que um inglez não se vende por diamantes. Mas de graça, porque sempre o achei leal, porque gosto d'elle, e porque me appetece derrubar esse monstro de Tuala, estou prompto a ajudar Umbopa com o pouco que posso, que é o meu braço. E tu John?

O capitão encolheu os hombros:

— Que lhe havemos nós de fazer? Além d'isso homem que não briga enferruja. Em todo o caso ponho uma condiçao: quero as calças.

Communiquei estas adhesões a Umbopa — que apertou ardentemente as mãos dos meus dois amigos.

— E tu, Macumazan, mestre da caça, olho vigilante, mais fino que o bufalo, estarás tu tambem por mim?

Coçei a cabeça, pensativamente:

— Eu te digo, Umbopa, ou Ignosi, ou o que és; eu não gosto de revoluções... Sou um homem de ordem e demais a mais um cobarde. Escusas de te rires, sei perfeitamente o que digo, sou um cobarde. Por outro lado, tenho por costume ser fiel a quem me foi fiel; e tu, n'esta jornada, andaste sempre como um servo dedicado e bravo. Portanto, ás ordens! Mas ha uma coisa. Eu sou um pobre caçador de elephantes e tenho de ganhar a minha vida. Tu fallaste ahi nos diamantes. Eu aceito os diamantes. Se lhe podermos lançar mão, aceito-os, e quantos mais e mais graúdos melhor! Não é que eu acredite muito n'elles. Mas, se apparecerem, desde já te prometto que, com licença tua, hei de abarrotar as algibeiras...

— Tantos quantos puderes levar! exclamou Umbopa radiante.

E já se voltava para Infandós, n'aquelle triumphal enthu-

siasmo de pretendente a quem as adhesões affluem — quando eu o interrompi vivamente:

— Alto! Temos ainda outra, Ignosi. Nós viemos, como tu sabes perfeitamente, á procura do irmão do Incubú (era a alcunha do Barão, em Zulú). Quero que me promettas que has de fazer tudo o que puderes como rei para nos ajudar a encontral-o... Começa por te informar agora com teu tio Infandós.

Ignosi pousou os olhos em Infandós, com singular magestade:

— Meu tio Infandós, em nome do emblema sagrado que me envolve a cinta, e como teu rei legitimo, intimo-te a que me digas a verdade. Houve já algum homem branco que, antes d'estes, tivesse vindo á terra dos Kakuanas?

— Nunca, meu senhor!

— E poderia algum ter vindo, sem que tu o soubesses?

— Nenhum poderia ter vindo sem que eu o soubesse.

O Barão deu um longo suspiro.

— Bem! Bem! exclamei logo, para lhe não matar de todo a esperança, e cortar os tristes pensamentos. Quando Ignosi fôr rei teremos então mais facilidade de procurar o irmão do Incubú, até aos confins do reino, e nas terras que estão além! Agora vamos ao que urge. Que plano tens tu, Ignosi, para recuperar a corôa? Porque emfim, meu rapaz, é bom ser rei de direito divino, mas...

— Não tenho plano. E tu, meu tio Infandós?

Infandós pensou um instante, com a barba sobre o peito.

— Esta noite, disse elle por fim, é a caça aos feitiços. Muitos vão morrer, e em muitos outros mais recrescerá o odio contra Tuala. Depois da dança, fallarei a alguns dos grandes chefes que podem dispôr de regimentos. É necessario que os chefes te venham vêr, Ignosi, se convençam com seus olhos que és o rei. E se elles pozerem as mãos nas tuas, ámanhã tens vinte mil lanças para combater por ti. Porque a guerra é certa. Depois da dança, se eu viver, se todos vivermos, virei aqui, para combinar na escuridão. Mas a guerra é certa!

N'este momento houve fóra do terreiro um brado, an-

nunciando que se avisinhavam mensageiros do rei. E tres homens entraram, cada um d'elles trazendo erguida nas mãos uma cóta de malha que rebrilhava como prata e uma magnifica acha de batalha.

Um arauto que os precedia exclamou, batendo no chão com o conto da lança:

— Presentes de Tuala, o Rei, aos homens que vêm das estrellas!

— Agradecemos ao rei, volvi eu sêccamente. Ide!

Apenas os homens partiram, examinamos as cotas com grande interesse. Eram maravilhosas, d'uma malha tão fina, tão cerrada, tão elastica e macia, que uma armadura toda podia caber no concavo das duas mãos. Perguntei a Infandos se eram fabricadas no paiz.

— Não, meu senhor, são coisas que existem ha muito, e que herdamos de paes para filhos. Já muito poucas restam. Só os de sangue real as podem usar. E o rei que as mandou é que está muito contente ou que está muito assustado. Em todo o caso não ha ferro que as atravesse, e bom será, meus senhores, que as useis esta noite na dança.

Quando Infandos sahiu, ficamos conversando n'este estranho incidente — que transformava a nossa pacifica jornada n'uma aventura politica. Como notou o Barão fôra este decerto, desde a nossa partida de Natal, um dos dias mais ricos de emoções e surprezas.

— Extraordinario, disse o capitão. Tem de ser registrado no *Livro de Bordo*.

Chamava elle *Livro de Bordo* a um Almanach do anno, com folhas brancas intercaladas, onde costumava assentar os episodios notaveis da nossa espantosa empreza.

— Que dia é hoje? perguntou elle, sentando-se, com o almanach sobre o joelho.

— 3 de julho.

O Barão e eu voltaramos a examinar as dadivas de Tuala — quando, d'ahi a instantes, o capitão exclamou com os olhos no almanach:

É curioso! Ámanhã, 4 de julho, ha um eclipse total, visivel em toda a Africa! Deve começar ás duas e quarenta minutos... Bom terror vão ter os pretos!

Escassamente demos attenção áquella noticia: e como o capitão findára de escrever, preparamo-nos para partir para a grande dança, porque o sol já descia, e já ia fóra um rumor de regimentos passando. Pelo prudente conselho de Infandos envergamos as cótas de malha,—que achamos confortaveis e leves. A do Barão, homem de forte estatura, vestia-o como uma pellica: a do capitão e a minha dançavam-nos sobre as costellas com pregas pouco marciaes.

A lua surgia, magnificamente clara, quando Infandos appareceu, com todas as suas plumagens e armas de gala, acompanhado de vinte guerreiros, para nos escoltar a palacio. Afivelamos os revólvers á cinta, empunhamos as achas de guerra, e largamos—consideravelmente commovidos.

No terreiro, onde estiveramos de manhã, encontramos a mesma formidavel parada de regimentos, perfazendo talvez vinte mil homens—mas formados de modo que entre cada companhia ficava um carreiro aberto «para as farejadoras de feiticeiros» (como nos foi explicando Infandos). Não havia outra luz além da lua, cheia e lustrosa, que punha longas fieiras de faiscas nos ferros altos das lanças. D'aquella escura massa d'homens, do luar, do silencio, sahia uma indefinivel impressão de magestade e tristeza.

—Está aqui todo o exercito, murmurei eu para Infandos.

—Um terço, não mais, meu senhor. O outro terço ficou nas guarnições. E outro está fóra, em torno a palacio, para o caso de sedição, quando começar a matança...

—Escuta, Infandos! Achas que corremos perigo?

—Não sei, espero que não... Mas não mostreis medo! E se escaparmos com vida esta noite—quem sabe? Talvez ámanhã Tuala seja como o raio que feriu e se apagou.

Iamos no entanto caminhando, através dos regimentos mais immoveis que bronzes, para espaço vasio diante da cubata real, onde havia como de manhã uma fila de escabellos d'honra. E

ao mesmo tempo outro grupo, com um brilho e ruido d'armas, sahia da aringa real.

—É Tuala, disse baixo Infandós, e Scragga, e Gagula, e os homens que matam.

Os «homens que matavam» eram uns doze negros gigantescos, de faces hediondas, com plumagens vermelhas, armados de facalhões e de azagaias pesadas.

—Bem vindos, gentes das estrellas! gritou logo Tuala abatendo-se pesadamente sobre um escabello. Sentai, sentai! E não percamos o tempo que a noite é curta para as grandes coisas que têm de ser feitas. Olhai em roda, e dizei-me se nas estrellas tivestes jámais tantos valentes juntos... Mas vêde tambem como elles já tremem, os que abrigam maldade no seu coração!

—*Começai! começai!*—ganiu na sua silvante voz Gagula, que se agachára aos pés do rei. As hyenas têm fome de ossos, os abutres têm sêde de sangue... *Começai! começai!*

Houve durante momentos um silencio lugubre, que pesava horrivelmente, como um prenuncio de matança e de horror.

O rei então agitou a lança. Immediatamente vinte mil pés se ergueram, e tres vezes, em cadencia, bateram no chão que tremia. Depois, lá ao fundo, d'entre as densas e escuras filas de homens, subiu ao ar um canto solitario, arrastado, plangente, infinitamente triste, findando n'este estribilho:

— Qual é a sorte, sobre a terra,
De quem teve de nascer?

E os regimentos todos volviam, n'uma unica, grande e rolante voz:

— Morrer!

Mas pouco a pouco, as companhias, umas após outras, foram entoando uma estrophe da canção, até que toda a vasta multidão armada formava um côro—côro barbaro, rude, informe, onde todavia por vezes distinguiamos como conscientes ex-

pressões de sentimentos — notas suaves e lentas de amor, brados triumphaes de guerra, canticos solemnes de oração. Depois os cantos varios fundiam-se n'um lamento unico, contínuo, ululado, como d'um povo n'um funeral. De repente tudo estacava. E de novo o lugubre estribilho gemia no ar:

— Qual é a sorte, sobre a terra,
De quem teve de nascer?

E de novo a multidão clamava n'um unisono desolado:

— Morrer!

O canto por fim findou, um sombrio silencio cahiu, o rei levantou as mãos. Immediatamente, sentimos como o trote ligeiro de pés de gazellas: e, d'entre os profundos renques dos soldados, appareceram correndo para nós estranhas e medonhas figuras. Percebi que eram mulheres, quasi todas velhas, pelos longos cabellos brancos e soltos que lhe batiam as costas. Traziam as faces pintadas ás listas brancas e vermelhas: dos hombros pendiam-lhe esvoaçando, e misturadas ás madeixas, longas pelles de serpente: em torno á cinta cahiam-lhe como berloques de ossos humanos que chocalhavam sinistramente: e cada uma brandia na mão uma curta forquilha.

Ao chegarem em frente a Gagula pararam, ferindo o chão com as forquilhas. E uma, a mais alta, alargou os braços, gritou:

— Mãe, aqui estamos!

— *Bem*, *bem*, ganiu o decrepito monstro. Tendes hoje os olhos bem claros, Isanusis?

— Bem claros, oh mãe!

— Tendes hoje os ouvidos bem abertos, Isanusis?

— Bem abertos, oh mãe!

— Ide então! Farejai, farejai! Entre esses todos descobri os que querem mal ao seu visinho, os que possuem o gado indevido, os que tramam contra o rei, os que devem morrer por or-

dem de «cima»! Farejai! vêde os pensamentos que se não mostram, ouvi as palavras que se não dizem! Ide, meus lindos abutres! Os homens das estrellas têm fome e sêde de vêr a grande Justiça! *Agora!*

Com uivos horrendos, as sinistras creaturas dispersaram correndo, para todos os lados, através das fileiras armadas. Não as podiamos seguir a todas na sua obra mortal. De sorte que, por mim, cravei a attenção na que ficou junto de nós, uma velha, esgalgado feixe d'ossos, que deitava lume pelos olhos. Quando esta Harpia chegou em frente aos soldados parou *farejando*. Depois rompeu a dançar, girando sobre si mesma, tão rapidamente, que as longas grenhas soltas pareciam uma estrella feita de estrigas de linho a redemoinhar pelo ar. No entanto ia gritando por entre silvos de alegria: — « Já o farejo, o homem do mal! Alli está elle, o que envenenou a mãe! Acola treme, o que pensou mal do rei! »

E, cada vez mais vertiginosamente, vinha girando, girando, até que a espuma lhe sahia aos flocos da bôca e os ossos lhe rangiam alto! De repente estacou, hirta, tesa, como petrificada. Depois, devagar, devagar, como uma fera que rasteja, avançou de forquilha estendida para a fileira de soldados, que visivelmente se encolhiam n'um indominavel terror. Parou ainda, outra vez tesa e hirta. Por fim, com um brado estridente, arremetteu, e bateu com a forquilha no peito d'um rapaz soberbamente forte.

Dois camaradas immediatamente o agarraram pelos braços, o empurraram para defronte do rei. O desgraçado caminhava sem resistencia, inerte, já morto na alma. O bando dos executores avançára a passos graves:

— Mata! disse o rei.

— Mata! ganiu Gagula.

— Mata! rugiu Scragga.

E antes que as palavras se perdessem no ar, o miseravel tombára morto, com uma azagaia cravada no peito, o craneo aberto por uma pancada de clava.

— *Um*, contou Tuala, sorrindo com satisfação.

Mal findára o feito horrivel, já outro soldado era arrastado como uma rez, — um chefe decerto, esse, porque lhe pendia dos hombros a capa de pelle de leopardo. Dois golpes de facalhão vibrados com destreza bastaram para o acabar sem um suspiro.

— *Dois!* contou o rei.

E assim até cem! Até *cem!* E nós alli, aterrados, immoveis, impotentes para suster a carnificina, maldizendo surdamente a nossa impotencia! Eu findára por fechar os olhos. Á meia noite emfim houve uma suspensão. As farejadoras esfalfadas, em grupo defronte do rei, limpavam lentamente o suor. Respirei, n'um infinito allivio, suppondo que findára todo este incomparavel horror. Mas de repente, com desagradavel surpreza, descobrimos Gagula, erguida, apoiada n'um cajado, dando alguns passos que tremiam e lhe sacudiam o craneo calvo de abutre. Coisa pavorosa, vêr o velhissimo monstro, ordinariamente vergado em dois pela decrepitude, ganhando alento, remoçando quasi, já direito, já vibrante, á medida que se acercava da fileira dos homens, a recomeçar por gosto proprio a obra sinistra das «farejadoras»! Mas n'ella o estylo era differente. Não dançava, não uivava. Dando umas corridinhas curtas, aqui e além, cantava baixinho e tristemente, como para se embalar. Assim trotou, assim cantarolou, até que de repente se precipitou sobre um magnifico velho, perfilado em frente a um regimento — e tocou-o silenciosamente com o cajado. Um murmurio de dôr, de contida indignação, correu entre os soldados que elle evidentemente commandava. Todavia dois d'elles, empolgando-lhe os pulsos, arrastaram-no como um boi para o açougue. Soubemos depois que era um chefe de grande riqueza e de grande influencia, primo do rei. Foi trucidado com azagaia, facalhão e clava — e Tuala contou *cento e um!*

Quasi immediatamente Gagula, depois de alguns saltinhos curtos de macaca, começou a avançar para nós, n'um movimento muito lento de valsa, que era medonho na repulsiva bruxa.

— Justos céos! murmurou o capitão John, querem vêr que agora é comnosco!

— Tolice! acudiu o Barão, pallido todavia.

Eu por mim sentia um suor frio na espinha. E Gagula cada vez mais perto, — com os olhos a saltar-lhe do craneo, um fio de baba na bôca.

Por fim estacou, como um perdigueiro que avista a caça.

— Qual será? murmurou o Barão.

Como se lhe respondesse, a velha deu um pulo, e tocou Umbopa (ou Ignosi) sobre o hombro:

— Morte! gritava ella. Morte! Cheiro-lhe o sangue! Está cheio de maleficio e de traição. Mata-o depressa, oh Rei, mata-o depressa antes que por elle gema em desgraça o reino!...

Houve um silencio, um pasmo. E nem sei como (porque sou realmente um cobarde) achei-me diante de Tuala, fallando com soberana firmeza:

— Este homem, oh Rei, é o servo dos teus hospedes, e quem deseja o seu sangue é como se desejasse o nosso! Pela lei de hospitalidade, que cumpre aos reis manter, exijo a tua protecção para elle!

Tuala franziu o sobr'olho:

— Gagula, mãi das Isanusis, sabedora das artes, cheirou-lhe a traição dentro das veias. O homem tem de morrer, oh brancos!

— Quem lhe tocar, exclamei, batendo furiosamente com o pé no chão, é que tem de morrer!

— Agarrem-no! bradou Tuala aos carrascos que esperavam em roda, já todos manchados de sangue.

Dois brutos romperam para nós — mas hesitaram. Ignosi erguera a azagaia, decidido a morrer combatendo.

— P'ra traz, cães! berrei eu, n'um tom tremendo. Tocai n'um só cabello do homem, e vós mesmos, e a vossa feiticeira, e o vosso rei, não vereis mais a luz do dia!

E bruscamente apontei o revólver a Tuala. O Barão tinha já o seu erguido contra um dos carrascos: e John marchára sobre Gagula.

Houve um instante de indisivel assombro.

— Decide depressa, Tuala! gritei, tocando-lhe quase a testa com o cano do revólver.

O monstro, visivelmente apavorado, rosnou, n'um tom surdo:

— Tirai para lá os vossos canos magicos! Invocastes as leis da hospitalidade, e só por amor d'ellas, não por medo de vos, poupo a vida a esse cão... Ide em paz.

— Está bem, Tuala! E lembra-te sempre que contra os homens das estrellas, nada podem os homens da terra!

O rei, ainda tremulo de furor impotente, ergueu a lança. Os regimentos começaram logo a desfilar.

D'ahi a pouco estavamos na nossa aringa — conversando á luz de uma das curiosas lampadas que usam os Kakuanas, em que o pavio é feito de fibra de palmeira, e o azeite de toucinho de hippopotamo. E o que affirmavamos todos com convicção, com ardor, era a necessidade e a justiça urgente de ajudar a conspiração de Umbopa contra um villão como Tuala!

CAPITULO VIII

A GRANDE DANÇA

Já muito tarde, quasi de madrugada, Infandos appareceu, como promettera, com os chefes seus amigos, todos homens de forte marcial e decididos. A conferencia foi longa e curiosa. Ignosi, convidado a expôr a sua romantica historia e os seus direitos ao reino dos Kakuanas, começou por tirar a tanga em silencio e mostrar o emblema sagrado, a grande serpente tatuada na cinta. Cada chefe, um a um, tomava a lampada, e agachado examinava o signal com respeito; depois, em silencio, passava a lampada a outro.

Em seguida Ignosi, reatando a tanga, contou a sua vida

estranha, desde a fuga com a mãe através do deserto. Os chefes permaneceram calados. Infandos, por seu turno, recordou os longos crimes de Tuala, retraçou as matanças d'essa noite de festa em que dois guerreiros valentes, de casas illustres, tinham sido trucidados só por possuirem grandes rebanhos que Scragga appetecia. Por fim fez um grande appello á razão e ao coração dos chefes, que só tinham a escolher entre o monstro que por avidez e capricho lhes arrancava a vida, ou o homem que lhe garantia a existencia feliz nas suas senzallas e a posse tranquilla dos seus gados. Mas, com espanto nosso, os chefes pareciam hesitantes e desconfiados.

Finalmente, um d'elles, homemzarrão possante, de carapinha branca, deu um passo, e declarou que a terra na verdade gemia sob a crueldade de Tuala, e que seu proprio irmão n'essa noite estava sendo pasto das hyenas...—Mas aquelle era um singular e confuso caso! E quem lhes afiançava que elles nao ergueriam as suas lanças por um impostor? A guerra era certa. Muitos ficariam fieis a Tuala, porque mais se adora o sol que brilha, que o sol que ainda não nasceu. Necessitavam pois uma evidencia. E quem melhor lh'a poderia dar que os homens das estrellas, senhores das grandes artes magicas, que tinham trazido Ignosi ao paiz, e sabiam decerto os segredos?

—Se elle é o herdeiro legitimo, os homens que o trouxeram das estrellas que o provem, fazendo um grande milagre. Só assim o povo acreditará e tomará armas por elle!

—Mas a cobra, o emblema sagrado! exclamei eu.

—Não basta. A cobra podia ser pintada no ventre já depois de elle ser homem... Necessitamos um milagre! O povo não se move, nem nós mesmos, sem um milagre!

Um *milagre!* a situação era terrivel e grotesca. Exigir-se um milagre a tres honestos e ingenuos mortaes, que nem sequer sabiam, como qualquer prestidigitador de feira, escamotear uma noz dentro da manga! E terem os honestos mortaes de fazer o milagre — ou de perder a vida!... Voltei-me para os meus companheiros, a explicar rapidamente o risivel e perigoso lance.

—Parece-me que se póde arranjar, disse John, depois de um curto silencio. Peça a estes amigos que nos deixem sós, Quartelmar.

Abri a porta da cubata, os chefes sahiram. E apenas os passos morreram na sombra:

—Temos o eclipse! exclamou o nosso admiravel John.

Era o eclipse que elle descobrira na vespera, folheando o almanach (o *Livro de Bordo*), e que n'esse dia, ás duas e quarenta minutos, devia ser visivel em toda a Africa.

—Ahi está o milagre! affirmava John. É annunciar aos chefes que para lhes provar que Ignosi é o rei, e que devem pegar em armas por elle, nós faremos desapparecer o sol!

A idéa era esplendida. O unico receio é que o almanach estivesse errado.

—Não! É um almanach maritimo, não póde estar errado. Os eclipses são calculados mathematicamente. Não ha nada mais pontual que um eclipse... Durante meia hora, tres quartos de hora talvez, esta região ficará em trevas.

—Eu, por mim, disse o Barão, parece-me que devemos arriscar o eclipse.

—Vá pelo eclipse!

Mandamos Umbopa buscar os chefes. Quando voltaram, cerrei a porta da cubata com um sombrio apparato de mysterio, e comecei por lhes declarar, magestosamente, que nós os homens das estrellas não gostavamos de alterar o curso natural das coisas e mergulhar o mundo em terror e confusão... Mas, como se tratava d'uma grande e santa causa, estavamos decididos a fazer um milagre.

—Escutai! Julgais vós que um homem póde soprar sobre o sol, e *apagal-o?*

Os chefes olharam para mim, recuando com assombro.

—Não, murmurou um d'elles, não ha homem que o possa fazer. O sol é mais forte que toda a terra!

—Perfeitamente, conclui eu. Pois ámanhã, depois do meio dia, nós homens das estrellas *apagaremos o sol* durante uma hora, espalharemos trevas sobre a terra, e será o signal de que

Ignosi é o verdadeiro rei dos Kakuanas e que o povo deve tomar armas por elle. Será bastante este milagre?

O chefe da carapinha branca abriu os braços para nós, esgazeado:

— Oh gentes das estrellas, senhores das grandes artes, esse milagre será mais que bastante!

— Bem. Tereis o milagre. Agora Infandos, que é experiente, diga o momento em que mais convem que nós apaguemos o sol.

— Apagar o sol! murmuravam os chefes entre si. A grande lampada! O pae de tudo, que brilha eternamente!

— Falla, Infandos!

— Meu senhor, é na verdade um milagre espantoso que vós prometteis! Mas emfim... O melhor momento é o da dança das Flores, que ha de logo começar ao meio-dia. As mais lindas raparigas de Lou estão lá, para dançar. E aquella que Tuala achar mais linda de todas é, segundo o costume, morta por Scragga em sacrificio aos *Silenciosos*, as figuras de pedra que estão além na montanha vigiando. Que os meus senhores n'esse momento apaguem o sol, salvem a rapariga, e o povo acreditará!

— O povo na verdade acreditará! exclamaram todos os chefes.

— A duas milhas de Lou, continuou Infandos, ha uma collina em fórma de meia lua, que é realmente uma fortaleza, onde estão aquartellados o meu regimento e tres outros que estes chefes commandam. Mas podemos arranjar de modo que ainda esta manhã cedo marchem para lá tres ou quatro regimentos dos mais fieis á minha vontade. E se os meus senhores apagarem com effeito o sol, eu poderei, a favor da escuridão, fazel-os sahir do terreiro real e da cidade, e leval-os para essa fortaleza, onde ficarão a salvo e d'onde começaremos a guerra contra o rei.

— Está entendido, resumi eu. Agora ide, que queremos dormir e depois combinar com os Espiritos!

Com longas reverencias, Infandos e os chefes deixaram a nossa aringa. O sol ia nado.

— Oh meus amigos, exclamou Ignosi, apenas elles partiram. É certo que podeis fazer esse milagre, ou estaveis vós ganhando tempo e soltando no ar palavras vãs?

— Parece-me que não nos ha de ser difficil, meu Umbopa, quero dizer, meu Ignosi, declarei eu sorrindo.

— É espantoso! Apagar o sol... E todavia sois inglezes, e o inglez tudo póde! Mas ah, se vós fizerdes isso por mim, o que não farei eu por vós?

— Uma coisa já tu nos podes prometter, Ignosi! acudiu gravemente o Barão. É, se chegares a ser rei com o nosso auxilio, acabar com as «farejadeiras de feitiços», com matanças como as d'esta noite, e não consentir que homem algum seja condemnado sem provas de crime, e sem ter sido julgado pelos doze mais velhos do logar.

Era o jury, santissimo Deus! Era a nobre instituição do jury, que este digno Barão queria implantar no centro selvagem da Africa! Não ha senão um liberal inglez para estas esplendidas imposições de civilisação e de ordem. Com razão hesitou o astuto Ignosi! Com razão conservou longo tempo dois dedos sobre a testa, calculando. Por fim n'um rasgo de generosidade, ou de condescendencia:

— Os costumes dos pretos não se podem moldar pelos costumes dos brancos. Comtudo uma coisa te prometto, Incubú! É que não haverá no meu reino, nem matanças de festa, nem execuções sem julgamento. Estás contente?

O Barão apertou-lhe a mão em silencio.

D'ahi a pouco estavamos estendidos nos leitos de folhas seccas, e profundamente dormimos, até que Ignosi nos acordou ás onze horas. O nosso primeiro cuidado foi instinctivamente correr fora da cubata, olhar para o sol. Nunca esse divino astro me pareceu tão brilhante e tão seguro da sua luz. Nem um signal de eclipse! Uma radiancia firme, absoluta, que nenhum movimento dos corpos celestes parecia poder alterar!

— Pois, meu digno astro — murmurei eu, ousando interpellar directamente a fonte de toda a vida — se continuas assim, todo o dia, acabas, sem querer, com tres honrados homens!

Depois de almoçar, um solido e valente almoço que nos amparasse na crise imminente, revestimos as cótas de malhas, afivelamos os cinturões de cartuchame, e de outros modos nos apetrechamos para a grande dança. E ao meio dia para lá voltamos os passos — que a inquietação interior e a certeza do perigo não permittiam que fossem nem bem alegres nem bem ligeiros!

O terreiro real offerecia n'essa manhã um aspecto bem diverso — e onde na vespera reinára o horror transbordava agora a graça. Em logar de fuscos e duros guerreiros, todo o espaço estava occupado por longas filas de raparigas kakuanas, escuras também é verdade, mas lindas, pelas fórmas, a expressão, a viçosa mocidade. *Toilette*, não tinham nenhuma — nem mesmo o *panno*, a tanga da Africa civilisada: mas salvavam esta encantadora deficiencia pelo franco luxo das flôres. Todas traziam na cabeça uma corôa de flôres; grinaldas de flôres, grandes como festões, envolviam-lhe a cinta; e cada uma segurava nas mãos uma palma verde e um lyrio branco. Nos escabellos de honra já estava o rei — acompanhado por Infandós, Scraggs, guardas emplumados e a sinistra Gagula. Reconhecemos tambem, de pé, por traz d'elle, alguns dos chefes que n'essa noite tinham comnosco conspirado.

Tuala acolheu-nos com muita cordealidade ostensiva — dardejando ao mesmo tempo sobre Umbopa um olhar sangrento e mau.

— Bem vindos, homens das estrellas, bem vindos! Vêdes hoje aqui coisas diversas; mas não tão bellas, não tão bellas! Beijos e festas de mulheres são dôces; mas é mais dôce o brilho das lanças e o cheiro do sangue. Olhai em redor, gentes das estrellas: e se quizerdes casar n'esta terra, escolhei, escolhei... Podeis levar d'estas raparigas as melhores, e tantas quantas pedirem os vossos desejos.

O nosso John, extremamente sensivel e amoroso como todos os marinheiros, deu logo um passo, teve um sorriso, como se se preparasse a aceitar e a recrutar alli, para occupar o seu coração na terra dos Kakuanas, um serralhosinho de don-

zellas escuras. Mas eu, homem idoso e experiente, receiando as complicações do eterno feminino, apressei-me a recusar:

—Não, Tuala, obrigado! Os homens brancos que vêm das estrellas só se ligam ás mulheres brancas que estão nas estrellas...

Tuala riu:

—Está bem, está bem... Nós temos um proverbio kakuana que diz: «—Aproveita a que está perto, porque com certeza a que está longe te engana!» Mas talvez seja d'outro modo nas estrellas... Sêde pois bem vindos, e comece a dança!

Um grande tam-tam resoou, acompanhado por finas flautas de cana em que tres mocinhos sopravam agachados no chão. As fileiras de raparigas avançaram, cantando um canto muito lento e dôce,—e fazendo ondular nas mãos as palmas e os lyrios. Era um grande bailado barbaro, infinitamente pittoresco. As raparigas ora saltavam brandamente sobre as pontas dos pés, n'uma graciosa languidez de gestos; ora, enlaçadas aos pares, redemoinhavam vivamente; ora, fileira contra fileira, simulavam uma batalha, tendo por armas os ramos de palma; ora, ajoelhando em reverencia, offertavam os lyrios ao rei. Depois eram grandes marchas bem ordenadas em que o canto tomava um tom triumphal; e logo uma alegre confusão, n'uma grulhada melodiosa, com um vivo saltar de corpos ageis—que espalhava pelo ar as petalas das flôres desfolhadas.

Por fim o bailado parou: e uma esplendida rapariga, de olhos radiantes, mais airosa que uma Diana caçadora, avançou devagar, e rompeu n'uma dança estranha, cheia de graça e de brilho, em que os movimentos tudo traduziam, desde os requebros fugidios da noiva timida até os pulos bravos da corça ciosa... Assim dançou longamente: os seus olhos cada vez mais rebrilhavam: a grinalda que lhe envolvia a cinta desfizera-se flôr a flôr; e todo o corpo adoravel lhe reluzia ao sol como um bronze humedecido. Por fim, cançada, sorrindo, recuou até ao grupo das bailadeiras onde ficou de olhos baixos, a refrescar-se com o seu ramo de lyrios. Veio então outra, muito alta, dançar; e outra depois, e muitas ainda, todas bellas e habeis;

—mas nenhuma como a Diana caçadora tinha belleza, graça, e consummada arte.

O rei ergueu a mão, o tam-tam cessou.

—Gentes das estrellas, disse elle, qual d'ellas achaes mais linda?

—A primeira, respondi eu irreflectidamente.

E logo me arrependi, lembrando o que annunciára Infandós—que a mais linda tinha de perecer, sacrificada aos idolos. Ao mesmo tempo deitei um olhar ao sol que continuava a refulgir com uma teima desesperadora.

Tuala no entanto sorria:

—Os vossos olhos, gentes das estrellas, vêem então como os meus. A primeira é a mais bonita. E mau é para ella que tem de morrer!

—*Tem de morrer!* echoou Gagula que parecera dormitar durante a festa, e acordava, já interessada, desde que presentia sangue e dôr.

—Morrer! exclamei eu, sorrindo tambem, como se não acreditasse. Porque, oh Rei? Ella dançou bem, a todos agradou. Além d'isso é moça e linda. Seria cruel e estranho recompensal-o com a morte.

A fera affectou uma sympathia, que, n'elle, arripiava:

—Tambem o lamento, mas é o costume do meu reinado. Os *Silenciosos*, que estão além na montanha vigiando, precisam receber o seu tributo. Ha uma prophecia do nosso povo que diz: «O rei, que no dia da grande dança não sacrificar aos Silenciosos a mais linda das donzellas, perecerá, e com elle a sua casa.» Por não ter cumprido a ordem de «cima», cahiu meu irmão e em seu logar reino eu... Ide (voltando-se para os guardas), trazei a virgem! E tu, meu Scragga, aguça a lança!

Dois da guarda real marcharam para a pobre e doce rapariga, que desfolhava nervosamente as pétalas do seu lyrio branco. De repente, e só então, ella pareceu comprehender a fatalidade que a perdia, por ser formosa e pura. Deu um grito, tentou fugir. Duas mãos fortes agarraram-na e troux-

ram-na, toda em lagrimas e debatendo-se, para diante de Tuala.

—Que nome é o teu, linda moça? ganiu a horrivel Gagula. Não respondes? Queres que o filho do rei tenha de erguer a lança, sem saber quem tu sejas?

A isto, Scragga deu um salto com sofreguidão, alçando a sua immensa azagaia. Vendo o ferro luzir, a pobre rapariga cessou toda a lucta entre as mãos fortes dos guardas. E com grandes lagrimas que lhe cahiam, ficou toda, toda a tremer.

O medonho Scragga teve uma risada bestial:

—Como ella treme, como ella treme diante da minha força!

—Ah canalha, se te apanho a geito! rosnou o capitão, apertando na mão o revólver.

No entanto Gagula, com atroz zombaria, animava a desgraçada:

—Socega! Dize o teu nome. Vem, filha! Não temas!

—Oh mãe! balbuciou a pobre creatura entre soluços, n'uma voz que desfallecia. Oh mãe! O meu nome é Fulata, e sou da casa de Suko. Mas porque hei de eu morrer, eu que não fiz mal nenhum?

—Tens de morrer, proseguiu a hedionda velha, para contentar os que vigiam além na montanha. Mais vale dormir de noite que trabalhar de dia. Mais vale estar quieta e morta que agitada e viva. E tu, filha ditosa da casa de Suko, vais morrer ás mãos reaes do filho do nosso rei.

Olhei anciosamente para o sol. Nada! Um brilho impassivel, que achei quasi cruel!

No entanto a pobre Fulata, apertando desesperadamente as mãos, supplicava, com gritos de angustia:

—Oh mãe, oh Rei, não me deixeis morrer!... E eu tão nova! Pois nunca mais hei de vêr a aringa de meu pae? nem embalar meus irmãos pequeninos? nem cuidar dos cordeiros doentes? E porque? Mandaram-me aqui para dançar e eu dancei! O meu noivo está lá fóra á minha espera! Minha mãe ficou sentada debaixo das machabelles até que eu volte para mugir as vaccas... E porque hei de eu morrer? Nunca fiz mal

nenhum; e no terreiro da nossa casa deixava sempre cahir grãos de aveia para os passaros levarem aos ninhos...

Nas proprias faces dos guardas e dos chefes perfilados junto a Tuala se espalhava um ar de piedade. Muitas raparigas soluçavam baixo. E subitamente, o capitão John, sem se poder conter mais, arrancou o revólver da cinta e fez um movimento tão saliente, de tão clara intervenção — que a rapariga viu, n'um relance comprehendeu... Desprendendo-se dos guardas, que a seguravam frouxamente, veio arrojar-se aos pés de John, abraçando-lhe as pernas nuas:

— Oh pae branco, que vens das estrellas! gritava ella. Deixa acolher-me á sombra da tua força... Salva-me d'estes homens, e de Gagula, a mãe que é tão cruel...

Tornei a olhar para o sol... E com um allivio, uma alegria tão intensa que ainda hoje o recordal-a me aquece o coração, vi uma linha de sombra, muito fina ainda, surgindo á orla do disco radiante!

— O eclipse! gritei eu para os outros. John, conserve ahi a rapariga atraz! E armas na mão, rapazes!

Immediatamente, avancei para o rei:

— Tuala, exclamei com firmeza e arrogancia. Nós, gentes das estrellas, não podemos consentir n'esta maldade! Tal não será! Deixa que a rapariga volte para a sua morada!

Tuala ergueu-se com um pulo brusco de surpreza e de colera. E dos chefes, das agitadas filas de mulheres, subiu um murmurio que era de assombro, e talvez de esperança.

— *Não consentis!* bramiu o rei, com o olho sangrento dardejando lume. E quem és tu, perro branco, para vir latir contra o leão na sua caverna? *Tal não será!* E como o podes tu impedir? Vai talvez a tua vontade prevalecer contra a minha força? Scragga, mata a creatura! E vós guardas, olá, agarrai esses homens!

Uma multidão de soldados surgiu, correndo, detraz da aringa real. O Barão, Umbopa e o capitão (com Fulata agarrada a elle) vieram pôr-se ao meu lado de carabinas apontadas.

Outro olhar meu ao sol! A linha de sombra, lenta e gradualmente, avançava sobre o globo rutilante. Com esplendida confiança, ergui a mão, bradei:

— Parai! Nós, os filhos das estrellas, decidimos que a rapariga não morrerá! E se alguem ousar ir contra a nossa vontade, ou avançar contra nós um passo, nós, os magicos das grandes artes, *apagaremos o sol* e mergulharemos o mundo em trevas!

O effeito foi tremendo. Os soldados estacaram. E Scragga ficou diante de nós, com a lança erguida no ar, como uma figura de pedra. Mas Gagula erguera-se, sacudindo os braços com furor:

— Ouvi, ouvi o grande mentiroso, que diz que apaga o sol como um lume da terra! Pois que o faça, e a rapariga irá livre para a sua morada! Mas se o não fizer, oh Rei, que elle morra com ella, e com elle morram os cães malditos que vêm latir contra ti!

Sem mais, ergui a mão solemnemente para o sol (movimento que logo imitaram John e o Barão) e rompi a bradar. Não me lembro já das coisas absurdas que tumultuosamente atirei ao divino astro. Recitei-lhe versos de Shakespeare, pedaços da Biblia, proverbios, datas, nomes de firmas commerciaes que me acudiram, as ruas da cidade do cabo, — que sei eu? Tudo o que me affluia aos labios, e que fosse *em inglez*, na lingua magica. Ousei mesmo espantosas familiaridades com o respeitavel centro do systema planetario. Gritava: «Anda-me assim, solzinho da minha alma! P'ra diante, valente! Deixa «avançar essa rica sombra! Ah que estás um catita, meu astro! «Mais, mais!...»

E o sol obedecia! A mancha escura, nitida e convexa, avançava, comia a luz immortal. Um grande sussurro de terror agitava a multidão. Volvi então a fallar kakuana, livremente:

— Vê tu, oh Rei! Vê tu, Gagula! Vêde vós, oh chefes! Mentem então os homens das estrellas? Quizestes a treva eterna, eil-a que vos vem tragar!... Oh sol, pai de tudo, reluzente e triumphante, retira a luz, some-te á nossa ordem, mata o

mundo com escuridão e frio, e, que sem ti, parem para sempre estes corações crueis!... O sol vai morrer!

Gritos de terror resoavam já no terreiro. As mulheres, cahidas de joelhos, choravam, implorando misericordia. E o rei, calado, tremia.

Só Gagula resistia ao pavor:

— Vai passar, vai passar! uivava ella. Eu já vi o sol assim. Ninguem o póde apagar. Ficai quietos! Socegai! A sombra vem e vai... Eu já vi, eu que sou a mais velha, e conheço os segredos!

Eu por mim animava os companheiros:

— Vá, rapazes! Já não sei que hei de dizer ao sol. Veja se se lembra de alguns versos, Barão. Tudo serve, até pragas!

E John, admiravel marinheiro, rompeu então a praguejar. Foi sublime. Teve todas as pragas classicas, — e teve-as ineditas. Nem eu suppunha mesmo que a Humanidade possuisse, no seu vocabulario, uma tal riqueza de blasphemias! O que o Rei do Dia ouviu!

No entanto a mancha negra alastrava. Estranhas, sinistras sombras fluctuavam no ar. Uma triste quietação descia sobre a terra. Todos os passaros se tinham calado. Ao longe os cães uivavam.

E a mancha crescia, crescia... A atmosphera tornára-se espessa. Já mal distinguiamos as faces crueis da gente real. Esmagadas de temor, as mulheres nem tugiam. Por fim John parou a torrente de invectivas. E o que restava do sol parecia uma luz agonisante.

— O sol morreu! berrou de repente Scragga. Os bruxos das estrellas mataram o sol! Tudo vai morrer nas trevas!...

E fosse o delirio do medo ou da raiva, ergueu a azagaia, arremessou-a a toda a força contra o peito do Barão. Mas a cóta de malha repelliu o ferro. E antes que elle podesse revibrar o golpe, o Barão arrancára-lhe a lança das mãos e passou-lh'a através do coração. Com um uivo hediondo, Scragga tombou morto.

Quasi nada restava da luz. Era como se tudo acabasse

conjuntamente, o sol, o mundo, e a descendencia do rei! N'um terror indisivel, a multidão de raparigas largou fugindo, em confusão e gritos, para as portas da aringa. Foi um panico estonteado. Os guardas, arrojando as armas, galgavam as estacadas. Os chefes, aos saltos por cima dos escabellos, desappareciam como lebres. E por fim, o proprio e ferocissimo rei, com Gagula atraz, arremetteram para as cubatas, ganindo n'um pavor vil. Uma debandada—que nos deixou sós, eu, os amigos, a pobre Fulata ainda agarrada a John, Infandos, os chefes que conspiravam, e o cadaver de Scragga.

—Chefes! gritei eu. Eis o milagre que tinhamos promettido. Sabei agora que Ignosi é o rei unico e forte. O feitiço está trabalhando. Corramos para a cidadella que dissestes, emquanto a treva dura!

—Vinde! exclamou Infandos, segurando-me pela mão. E vós todos segui! O dia é nosso!

Ao chegarmos á porta da aringa, a luz findou inteiramente.

Agarrados uns aos outros pelas mãos, com Fulata no meio, fomos tropeçando através da escuridão. Dentro das sen-zallas ouviamos gemidos de terror. E para o augmentar, lançavamos a espaços, através da treva, um lugubre brado de revolta e de guerra:

—Morte a Tuala!

(Continúa).

NOVOS FACTORES

DA

POLITICA PORTUGUEZA

Depois do *ultimatum* de 11 de janeiro e do fremito de indignação que percorreu todo o paiz até ás mais obscuras villas, houve um momento em que justificadamente se pode suppôr que a nação, emfim despertada do seu somno ou da sua indifferença, prompta a retomar a posse de si mesma, e certa de que a vida que vinha levando n'estes ultimos vinte annos a votava irrevogavelmente ás humilhações e aos desastres, decidira, n'um ingente esforço de vontade, começar uma *vida nova*.

Não escaparam a esta illusão cabeças que se prezam de friamente raciocinadoras. E quem estas linhas escreve, apesar de dois lustres inteiros de desillusões, chegou a crêr que realmente existia no fundo da nação, sob a sua apparente apathia, uma grande reserva de força, capaz de inspirar e de impôr, sem resistencias possiveis, uma reorganisação politica e economica do Estado.

A illusão, como dissemos, em breve se sumiu por esses ares. Poucas semanas bastaram a evidenciar que não ha no paiz uma força latente d'onde podesse vir o movimento de reorganisação nacional, ou que se a ha (é sempre grato guar-

dar uma esperança) o *ultimatum* do dia 11 e a perda de territorios maninhos d'Africa, que quasi ninguem sabia onde ficavam, não foi abalo bastante decisivo para a fazer despertar e operar. Nem todos os choques do ferro conseguem com effeito fazer saltar o fogo das entranhas da pedra.

Mas se fóra das regiões da Politica, na massa geral da nação, o *ultimatum* não logrou produzir um movimento que viesse trazer transformações essenciaes á nossa vida administrativa e economica, succedeu que, dentro d'essas proprias regiões da Politica, esse mesmo *ultimatum*, e as manifestações tumultuarias que o acompanharam, vieram alterar o equilibrio dos elementos regulares com que a Politica jogava, fazendo apparecer n'ella elementos novos, novos factores, com que é forçoso d'ora avante contar, e que, coisa estranha! fazem o Portugal de 1890 politicamente differente do Portugal de 1889. É esta nova situação que convem estudar com clareza e franqueza. Estender sobre ella um véo pudico, disfarçar-lhe discretamente, por falsas e injustificaveis conveniencias publicas, os perigos que ella contém, não a querer dissecar abertamente com o temor de patentear realidades desagradaveis, seria o mesmo que impedir uma cura ainda possivel pelo desejo de não alludir a um mal manifestamente certo. Seria um crime de leso-patriotismo.

I

O partido republicano não é certamente de creação recente. Desde 34, desde 20, sempre em Portugal existiram republicanos e jacobinos. Foi possivel porém durante muito tempo contal-os, como se diz, pelos dedos d'uma só mão. Eram ideologos isolados, um pouco vaidosos do seu isolamento, vaidosos sobretudo da sua independencia e isenção, e da superioridade intellectual que as suas idéas lhes davam ou lhes pareciam dar, de resto universalmente respeitados, e respeitadores elles mes-

mos do regimen sob que viviam e de quem por vezes aceitavam empregos.

O primeiro ensaio de republicanismo, com visos de organisação, foi devido, ahi por 1867 ou 68, a um guarda-livros da antiga casa Bertrand, moço excellente, mas fanatico, que consumiu o seu peculio e a sua saude no empenho de fundar um club, menos como nucleo d'acção que como nucleo de propaganda. Esse club (se nos não falha a memoria) chegou a funccionar n'uma casa da rua do Principe, e a elle pertenceram alguns homens hoje illustres nas letras, e mesmo famosos pelas suas idéas auctoritarias. De resto n'esse club tratava-se mais de estimular a fraternidade humana, de libertar as raças opprimidas, etc., do que propriamente de abalar o poder que residia na Ajuda. Era um club de humanitarios e de idealistas, d'onde apenas sahiu um acto pratico, as conferencias chamadas do *Casino*, instrumento de propaganda que tinha naturalmente mais de litteraria do que de politica. Muito bem nos lembramos de ir lá ouvir o nosso saudoso amigo Augusto Soromenho, o erudito auxiliador de Alexandre Herculano, discorrer sobre Chateaubriand; e dias depois o snr. Eça de Queiroz apresentar, muito antes de Zola, as bases d'uma nova esthetica o *Realismo*. Apesar de não ameaçarem muito seriamente a ordem, ainda assim foram estas palestras julgadas subversivas pelo duque (então marquez) d'Avila, que as prohibiu no dia em que um dos conferentes (o snr. Batalha Reis, se não nos enganamos) ia fallar sobre a «Divindade de Jesus». A imprensa de opposição exhibiu a costumada indignação liberal; o snr. Dias Ferreira fez uma interpellação ao ministerio; e não se fallou mais nas conferencias do Casino, de que apenas resta como vestigio uma verdadeira joia de critica historica, um folheto do snr. Anthero de Quental, hoje muito raro, sobre a *Decadencia dos Povos Peninsulares*. O club da rua do Principe morreu de inanição, e este ensaio jacobio fundiu-se ou perdeu-se no movimento socialista que, ahi por 1871 e 72, ainda sob a iniciativa do snr. Fontana e d'outros, englobou em si uma consideravel porção da classe operaria de Lisboa. Esse movimento socialista, que era

uma ramificação entre nós da famosa *Internacional*, fracassou quando essa sociedade, por motivos que não vem para aqui compendiar, perdeu a sua acção sobre a massa dos trabalhadores europeus. Depois d'isso a corrente republicana, que varias causas tinham continuado a desenvolver surdamente, aflorou de novo á superficie e fez sentir a sua acção por occasião do centenario de Camões. E finalmente a sua entrada como partido organisado na sociedade politica póde ser datada da questão de Lourenço Marques.

Não tomámos a penna para fazer a historia, ainda pouco accidentada, do partido republicano. Essa historia, por emquanto, reduz-se principalmente a numeros. Um deputado republicano por Lisboa ha quinze annos não reuniria *cem votos*. Nas ultimas eleições os republicanos tiveram *alguns milhares de votos*. E estes milhares de votos têm uma significação grave, não tanto por virem do apoio progressista (ainda que este apoio é tambem significativo e symptomatico), mas por virem d'uma forte massa de eleitores independentes, pertencendo pela maior parte ás classes liberaes e á classe commercial, que até aqui se abstinham de votar.

Um tal desenvolvimento de republicanismo é obra recente d'estes ultimos annos. E a sua causa tem sido simples e unicamente o descontentamento: isto é, o partido republicano tem-se alastrado, não porque aos espiritos democratisados apparecesse a necessidade de implantar entre nós as instituições republicanas, como as unicas capazes de realisar certos progressos sociaes — mas porque esses espiritos sentem todos os dias uma aversão maior pela politica parlamentar, tal como ella se tem manifestado, com o seu cortejo de males, n'estes derradeiros tempos.

O partido republicano em Portugal nunca apresentou um programma, nem verdadeiramente tem um programma. Mais ainda, nem o póde ter: porque todas as reformas que, como partido republicano, lhe cumpriria reclamar, já foram realisadas pelo liberalismo monarchico. De sorte que se vai para a republica ou se tende para ella, não por doutrinarismo, por urgencia

de mais liberdade e de instituições mais democraticas, mas porque n'uma já consideravel parte do paiz se vai cada dia radicando mais este desejo: *antes qualquer outra coisa do que o que está!*

Esta é a mais recente e desgraçada formula politica da nação. É a formula que se ouve repetida por toda a parte onde dois homens se juntam a commentar as coisas publicas. Ora que póde ser *essa outra coisa?* Não póde ser o governo pessoal, formula para que apenas se inclinam alguns espiritos superiores, mas odiosa á generalidade da nação, de todo democratisada, ou antes irradicavelmente impregnada de liberalismo; tem pois, na idéa dos descontentes, de ser a republica, uma republica, que, eliminando pelo mero facto do seu triumpho todo o pessoal do parlamentarismo e as suas praticas, proceda, sem desattender os interesses conservadores, a uma reorganisação administrativa e economica da nação. Essa reorganisação parece-nos, a nós conservadores, que poderia ser realisada dentro da monarchia. Mas os descontentes respondem que a monarchia se acha inevitavelmente, fatalmente vinculada e soldada a esse pessoal do constitucionalismo, cuja incompetencia e corrupção elles julgam ter sido superabundantemente comprovadas em annos já longos de desgoverno: que resta portanto uma unica solução, a republica: e que o momento vem chegando de salvar por esse meio o paiz, que já não póde ser salvo pela monarchia.

Crêmos que ninguem, com uma clara intelligencia das coisas, negará ser esta a corrente de idéas ou de impressões que tem desenvolvido o partido republicano. Do seu mais recente e inesperado engrossamento n'este ultimo anno houveram causas mais directas e mais especiaes, internas e externas. Das internas a maior foi sem duvida o ultimo periodo da administração progressista. Não queremos por modo algum n'estas paginas da Revista, onde só podem ter cabimento as apreciações genericas de idéas, doutrinas ou movimentos sociaes, fazer accusações especificas a grupos politicos. Mas ninguem hoje contesta, mesmo dentro das fileiras progres-

sistas onde preclaramente sobram os homens sinceros e de bem, que os erros d'essa administração foram fataes ao systema parlamentar e á monarchia que é a sua expressão suprema.

A parte sã da nação ficou seriamente desgostosa. E as lamentaveis desordens parlamentares d'esse triste anno politico, as violentissimas e desmandadas polemicas, as mutuas e terriveis recriminações com que, obsecados pela paixão, os partidos se feriam uns aos outros na sua honra, deixaram no paiz, que assistia espantado a uma tal *lavagem publica de roupa suja*, o sentimento desalentado que elle exprime por esta formula: — *Tão bons são uns como outros!* É esta uma outra das recentes e desgraçadas formulas da opinião publica em Portugal. Ora se, dos que estão, *tão bons são uns como os outros* no systema parlamentar — para onde ir, para que appellar? Naturalmente para a republica e para os homens novos e puros que ella possa trazer.

Uma outra causa exterior que veio concorrer para o engrossamento do partido republicano foi a revolução do Brazil. Feita por uma raça filha da nossa, que falla a nossa lingua e tem tantos interesses ligados aos nossos, e feita apparentemente com uma cordura, uma generosidade, uma ordem que espantou (e enganou) o mundo, esta revolução veio entre nós, de mil maneiras indirectas, desenvolver o sentimento republicano; já provando como sem desordem social se póde melhorar um regimen politico; já mostrando tentadoramente a que fastigios de poder póde galgar, n'uma manhã, qualquer obscuro articulista ou qualquer obscuro professor; já dando a esperança d'um forte apoio moral e (porque o não diremos?) d'um forte apoio material. A revolução do Brazil tranquillisando os ordeiros, excitando os ambiciosos, e dando confiança a todos pela esperança de apoio e recursos positivos — foi um golpe que das instituições brazileiras repercutiu indirectamente sobre as nossas instituições.

Não menor acção estimuladora trouxe aos nossos republicanos a consolidação da republica em França, tão ameaçada,

ainda antes das eleições de setembro, pela colligação monarchico-cesarista. A França, pelo simples facto de ser republica e como tal prosperar, é hoje o mais poderoso instrumento de propaganda republicana entre os povos latinos. Não se reflecte bastante que ás qualidades da sua raça, não á fórma das suas instituições, deve ella a sua prosperidade; e que a Exposição seria tão brilhante sob o reinado de Filippe V, como foi sob a presidencia de Carnot. O que se vê é a Republica robustecendo o exercito e a armada, construindo enormes obras de defeza, reorganisando superiormente os seus novos dominios, alargando immensamente a instrucção, favorecendo o movimento dos negocios a ponto de tornar o proprio capital republicano, mantendo admiravelmente a ordem, e, apesar da sua democratisação, conservando todas as elegancias da vida e da sociedade. Tudo isto se attribue á Republica, quando é unicamente obra da França.

Finalmente entre as causas estranhas se póde contar o *ultimatum* do dia 11, que, se não arrancou o paiz á sua apathia, lhe deu subitamente o sentimento mais claro, e por assim dizer agudo, da sua propria fraqueza e desorganisação; fraqueza e desorganisação que, apparecendo dentro d'este regimen, podem ser (e são) obra de certas fatalidades, mas são evidentemente tambem obra d'esse regimen. «*Aqui está onde nós chegamos!*» foi então a dolorida exclamação que resumia o sentir publico.

Assim, progressivamente, se tem ido o partido republicano recrutando entre todas as classes e todas as profissões, a advocacia, a magistratura, o professorado, o commercio, e mesmo a propriedade rural, pela acção lenta de causas differentes, das quaes a maior incomparavelmente, e a unica que incessantemente opéra, é a d'um forte descontentamento politico.

E o que torna este descontentamento politico tanto mais vivo, e por assim dizer activo, é que elle tem o estimulo constante d'um immenso descontentamento individual, nascido das difficuldades de vida que cada um experimenta. É a nossa pobreza geral que complica singularmente a nossa crise politica.

Em casa onde não ha pão todos ralham e *todos* têm razão — porque é d'este modo que o proverbio deve ser entre nós emendado. O celebre publicista Edmundo About affirmava que nada era mais favoravel aos governos em França do que o vento do sudoeste — porque é elle que traz as chuvas e prepara as boas colheitas. A opposição a um governo ou a um regimen nunca toma com effeito um caracter impaciente, violento e destructivo quando cada um tem pão bastante na prateleira ou um saldo favoravel no seu banco. Todo o regimen parece bom, pelo menos perfeitamente toleravel, ao pae de familia que se sente na abundancia. A mudança de regimen, e as perturbações sociaes que lhe vêm inherentes, só lhe inspiram então inquietação, por poderem alterar ou annullar as condições favoraveis em que a sua prosperidade se produziu. Entre nós é justamente o contrario que succede. Ninguem vive na abundancia e todos se encontram em difficuldades. Soffre o empregado pela pequenez dos ordenados; soffre o operario pela escassez dos salarios; soffre o logista pelos limitados meios de comprar de que dispõe o publico; soffre o commerciante pela estagnação das transacções; e soffre o agricultor pela longa crise agricola que lhe desvalorisa a propriedade. Todos soffrem; e ainda que muitos só se deveriam queixar da sua falta de iniciativa, de persistencia, e mesmo de coragem civil, todos á uma se voltam contra um regimen que elles consideram como o causador de todos esses males publicos d'onde datam os seus males particulares. Em todas estas classes se encontra com effeito a mesma opinião expressa pela mesma formula: — *isto assim não póde continuar! Isto* é a desorganisação administrativa, politica e economica.

Constitue esta massa já consideravel de descontentes um partido militante e organisado? Não, certamente. Esta massa não está ainda filiada no partido republicano, não pertence ainda a clubs, não obedece ainda a um programma. Quando muito lê o *Seculo*. Mas constitue essa classe, por assim dizer, *não-monarchica*, que no Brazil permittiu que se fizesse a Revoluçao no espaço de duas horas, e que é tão perigosa para a segurança das instituições pela sua total indifferença e des-

amor, como o seria pela sua intervenção hostil e combatente.

Taes são os elementos de que já effectivamente se compõe ou com que condicionalmente já conta o partido republicano. E todavia este partido um perigo immediato e imminente para as instituições? Longe de toda a illusão optimista, afigura-se-nos que esse partido, no dia de hoje, offerece um perigo ainda minimo, porque tem a impotencia de uma multidão a que falta a direcção. Entre os republicanos organisados, filiados, arregimentados, quantos se contarão que sintam confiança real no seu directorio e seus chefes officiaes? Raros, segundo nos affirmam aquelles que por experiencia propria o sabem. Póde haver, e ha, por esses chefes sympathia individual; póde haver, e ha, crença na sua sinceridade. Mas não ha já a fé na sua coragem, na sua habilidade, ou na sua competencia como organisadores d'um movimento. E emquanto á massa dos descontentes, dos que chamamos *não-monarchicos*, esses nunca consentiriam certamente em admittir como chefes, e portanto como futuros promotores da reorganisação nacional, os individuos, aliás pessoalmente estimaveis, que hoje têm a direcção apparente, e queremos suppôr que real, dos interesses republicanos. E sem desejar ser descortezes para com personalidades, — somos forçados a constatar que os actuaes chefes republicanos, como taes, como chefes, fazem sorrir toda a parte séria da nação.

Isto todavia adia simplesmente o perigo até ao momento em que homens de capacidades mais altas, animos mais decididos, e sobretudo de mais habeis manejos, tomem conta do partido já organisado e da multidão descontente que em torno d'elle se agita, e dêem a este conjunto de forças vagas a direcção que ellas reclamam e parecem promptas a aceitar de quem lhes traga uma garantia de exito.

Mas ainda mesmo sem direcção, ou com uma direcção impotente porque incompetente, o partido republicano existe, exhibe-se, falla, escreve, vota; e por este mero facto de existir obriga as classes governamentaes a uma attitude legitima de defeza e de resistencia. E eis-aqui, se não erramos, uma outra fatalidade que vem augmentar os perigos do republicanismo.

Desde que, desgraçadamente, se não pôde impedir por uma sabia administração que se viesse a formar esta massa de descontentes, prestes a tornar-se revolucionaria, as classes governamentaes são necessariamente obrigadas, desde que ella se formou, a mantel-a em respeito e a procurar inutilisal-a por meio da repressão. Os proprios republicanos por mais fanaticos não esperam decerto que o governo lhes entregue espontaneamente as secretarias, o thesouro e a direcção dos serviços publicos. Desde que do seu lado comece a acção—do lado do poder deve começar a repressão. Ora esta repressão só se pode effectuar coarctando certas liberdades,—liberdade de imprensa, liberdade de reunião, liberdade de associação—que entre nós penetraram profundamente nos costumes publicos, e que formavam além d'isso o unico recurso deixado ao descontentamento para desafogar e se consolar. A perda do direito de usar (e sobretudo de abusar) d'essas liberdades vai portanto originar uma immensa irritação, e um accrescimo de descontentamento tanto mais intenso quanto mais comprimido. As repressões são sempre as grandes fautoras das revoluções. Um partido perseguido cresce na proporção geometrica d'essa perseguição. Na Allemanha, ha sete annos, os socialistas reuniam menos d'uma *dezena de milhares* de votos; vieram as famosas leis de repressão, e a politica terrorista de Bismark; e ao fim de seis annos os socialistas obtinham *mais d'um milhão* de votos, e o proprio Bismark cahia. As classes governamentaes sabem isto perfeitamente bem, e não procedem por obsecação ou por um leviano desdem das repetidissimas lições da Historia. Fazem o que não podem deixar de fazer—o que é o seu dever que façam; sobretudo quando o partido de revolução reclama não um conjunto de justas reformas, que ellas poderiam *opportunamente* conceder, mas a derrocação pura e simples de todo o regimen constituido, sem um programma melhor de idéas para substituir as d'elle, só com o fim de destruição e de deslocação de pessoas. A repressão porém só se póde fazer com certeza de exito pacifico quando exista por traz, a sustental-a, uma quasi unanime corrente de opinião, uma larga maioria na-

cional, fielmente vinculada e aferrada ás instituições monarchicas, só d'ellas esperando a salvação, e não comprehendendo que a nação possa sem ellas ser nação. Foi esta funda corrente de opinião, esta forte maioria nacional que faltou no Brazil ao ministerio Ouro-Preto. Existe essa maioria nacional entre nós, uma maioria amando tanto as Instituições que esteja prompta, e com alacridade, a dar por ellas o dinheiro dos seus cofres e o sangue das suas veias? Infelizmente, por mais que lhe contemos e recontemos os elementos, não nos parece que exista. Na classe média uma minoria é republicana; uma parte importante é indifferente senão hostil; e uma outra parte tende para a hostilidade pelo mero facto de estar excluida do poder e dos seus beneficios. No povo, o das cidades é republicano; e o do campo, alheio a principios politicos, nunca se move e nunca se moverá talvez senão para defender o seu pão, se novos e fortes impostos lh'o ameaçassem.

Resta portanto uma metade da classe média fiel ás instituições, porque fiel ao partido politico que n'esse momento as defenda. Mas foi essa mesma metade da classe média que no Brazil, acabando de dar uma larga maioria parlamentar ao ministerio Ouro-Preto, e estando justamente a *promover uma subscripçao para levantar uma estatua ao visconde de Ouro-Preto* (!) — ficou muito quieta nas suas casas, nos seus empregos ou nos seus escriptorios, quando alguns jornalistas e alguns tenentes que iam reclamar uma mudança de ministerio se lembraram de proclamar uma mudança de regimen! Esta curiosa lição da Historia actual, se outras não tivessemos, bastaria a mostrar que confiança se póde ter, n'este ultimo quartel do seculo XIX, na fidelidade politica da classe média.

Ora se esta maioria nacional falta ás instituições, ellas têm de se apoiar necessariamente n'uma outra força que, entre nós, só póde ser o exercito.

II

Em geral desde que o regimen constituido, para se manter, necessita o apoio d'uma força disciplinada; e quando, por outro lado, existe um partido de revolução que não póde tirar dos seus proprios elementos populares os meios precisos de acção, e só poderia triumphar pelo auxilio d'uma força indisciplinada — o exercito torna-se necessariamente o ponto para onde convergem todas as esperanças e o elemento de exito com que contam todos os interesses politicos. O exercito é assim fatalmente arrastado para dentro da esphera dos partidos; e começa logo a haver em torno d'elle uma surda e constante campanha de seducção ou de pressão. Pela logica das affinidades e das ligações naturaes, o partido de revolução procura attrahir o sargento que é o mesmo que conquistar o soldado; e o regimen constituido procura muito justamente, e com honrosa facilidade, conservar fieis os coroneis e os generaes. É isto o que durante longos annos se deu (e ainda se dá) na Hespanha; e é isto o que desde já se vai annunciando entre nós, onde, como dizia ultimamente um official superior, «o exercito está sendo requestado como uma menina rica». A responsabilidade da desorganisação assim introduzida no corpo social (e quanto é formidavel essa responsabilidade a anarchia do Brazil o prova) pertence toda e exclusivamente, está claro, ao partido de revolução. Não tratamos porem aqui de averiguar a quem pertencem as responsabilidades de que a Historia mais tarde julgará, mas de constatar e enfileirar os factos taes como elles são e de os seguir nas suas consequencias. Ora o facto incontestavel (e que seria anti-patriotico disfarçar) é que o partido republicano procura attrahir o exercito; e que, forçado a defender-se, o regimen constituido appella por seu turno para o concurso leal do exercito, decerto inabalavel na sua lealdade.

Mas pelo simples facto do exercito ser a força essencial com que conta o regimen constituido, e com que conta o parti-

do de revolução, elle toma fatalmente uma preponderancia inesperada nos nossos destinos politicos. D'elle parece depender tudo, e portanto elle torna-se tudo. Assim como em Inglaterra, e já agora em França, o boletim de voto é tudo, e sobre elle se exerce ardentemente a propaganda dos partidos, assim entre nós parece desenhar-se o momento em que a espada do exercito será tudo, e sobre ella, e só sobre ella, se concentrará a acção e a influencia dos que legitimamente possuem, ou que subversivamente pretendem, o poder.

Isto, se não nos enganamos, póde importar proximamente no advento do militarismo. Dirão (e dizem) os optimistas que o exercito em Portugal nunca sahirá da sua devida submissão ao poder civil. Assim o suppomos. Mas nunca se deve basear um systema de acção politica no optimismo, na hypothetica perfeição dos homens e das coisas, e em phrases. O exercito não é composto de entidades abstractas, e impessoaes como principios: é composto de homens de carne e osso, susceptiveis de todas as fraquezas e de todas as tentações humanas. Ora desde que uma classe sente que só ella é a força unica, e que tudo gravita em torno d'ella, póde, mesmo mau grado seu, e pelo irresistivel impulso da sua propria força, ser levada a tudo querer dominar, e fazer prevalecer, como superior a todos, o seu interesse de classe. Póde-o mesmo fazer por uma nobre illusão patriotica, considerando que, desde que tudo em torno d'ella é fraco e impotente, e está morrendo d'essa impotencia e d'essa fraqueza, no predominio da sua força reside a salvação da patria.

Decerto ao general Deodoro foi agradavel e vantajoso passar d'um commando n'uma provincia remota ao governo absoluto da nação, com cento e vinte contos de lista civil, um palacio para habitar, honras regias e a adulação de todos: mas é bem possivel que o general Deodoro muito sinceramente acreditasse (visto que assim lh'o affirmavam os que da sua espada necessitavam) que elle, e só elle, podia fazer a felicidade do Brazil. E de resto a historia está cheia de exemplos em que chefes militares muito candidamente viram no seu engrandeci-

mento pessoal o meio unico de promover a regeneração nacional.

É claro, claro como o sol, que não ha o minimo, o mais remoto symptoma de que possa surgir entre nós um general ambicioso. Mas dar uma importancia suprema ao elemento militar é preparar o terreno propicio ao desenvolvimento possivel d'essas ambições. Querer systematicamente afastar esta supposição, declarando que «tal é impossivel, que nunca tal se dará na nossa terra, porque o exercito sabe o que deve á honra e á patria, etc.», é fazer acto de imprevidencia ou de ingenuidade, ambas culpadas. O homem de estado, digno d'esse nome, deve tudo prever, tudo calcular — e ter sempre presente que os homens são homens, nascidos com as paixões humanas, e não anjos, abstracções ou principios encarnados. Eis de resto tudo o que convém dizer; porque n'isto se encerra tudo o que convem meditar.

III

Assim viemos expondo, taes como os comprehendemos, os elementos da crise politica que se desenha, e que, nascendo da nossa crise chronica, a crise economica, se vai ajuntar a ella ajudando a aggraval-a por diversos modos.

A situação é esta. Uma parte importante da nação perdeu totalmente a fé (com razão ou sem razão) no parlamentarismo, e nas classes governamentaes ou burocraticas que o encarnam; e tende, por um impulso que irresistivelmente a trabalha, a substituil-as por *outra coisa*, que ella ainda não definiu bem a si propria. Qual póde ser *essa outra coisa?* Que soluções se apresentam?

Por um lado a Republica não póde deixar de inquietar o espirito de todos os patriotas. Ella seria a confusão, a anarchia, a bancarrota. Além d'isso (é de urgente patriotismo fallar com franqueza) a Republica entre nós não é uma *questão de politica interna, mas de politica externa.* Um movimento insurrecional em Lisboa, triumphante ou semi-triumphante, se-

ria no dia seguinte um exercito de intervenção marchando sobre nós da fronteira monarchica da Hespanha. E se a Hespanha, pela morte da creancinha innocente que é rei, se convertesse n'uma republica conservadora — um movimento parallelo em Portugal, apoiado por ella e coroado de exito, seria o fim da nossa autonomia, da nossa civilisação propria, da nossa nacionalidade, da nossa historia, da nossa lingua, de tudo aquillo que nos é tão caro como a propria vida, e porque temos, durante seculos, derramado sangue e thesouros.

Por outro lado uma «revolução feita de cima», uma concentração de força na Corôa (que a muitos espiritos superiores, e que vêem claro, se apresenta como a nossa salvação), concentração, que, apoiada na parte mais intelligente e mais pura das classes conservadoras, procedesse ás grandes reformas que a consciencia publica reclama, não seria comprehendida pela nação irremediavelmente impregnada de liberalismo e que n'essa concentração de força só veria uma restauração do absolutismo e do poder pessoal.

Que resta no meio d'estas duas soluções? Restaria ainda a solução quasi milagrosa de que as classes conservadoras e parlamentares, conscias emfim dos perigos que as envolvem, procedessem heroicamente á sua propria depuração e moralisação; e, tendo readquirido por esse nobre regeneramento o apoio da maioria sã do paiz, se lançassem á obra patriotica e exclusiva de reorganisar a nação administrativa e economicamente. Mas este milagre não é provavel. Não ha exemplo na Historia dos seculos de que uma classe conservadora, por uma lenta evolução da consciencia, a si mesma se regenere, se depure e se moralise.

Que resta pois? Resta, como esperança, o sabermos que as nações têm a vida dura, e que o nosso Portugal tem a vida durissima. E se os que estão no poder porfiarem sempre em commetter a menor somma humanamente possivel de erros e realisar a maior somma humanamente possivel de acertos, muitos perigos podem ser conjurados e a hora má adiada. O interesse de quem tem o poder (como dizia ultimamente, n'estas

mesmas paginas, tratando do Brazil, o snr. Frederico de S) está *todo e unicamente em acertar*. Senão já por dever de consciencia e de patriotismo, ao menos por egoismo, por vantagem propria e individual, por ambição mesmo do poder, o esforço constante d'um governo *deve ser acertar*. Entre nós tem-se visto governos que parecem absurdamente apostados em errar, errar de proposito, errar sempre, errar em tudo, errar por frio systema. Ha periodos em que um erro mais ou um erro menos realmente pouco conta. No momento historico a que chegamos, porém, cada erro, por mais pequeno, é um novo golpe de camartello friamente atirado ao edificio das instituições; mas ao mesmo tempo tal é a inquietação que todos temos do futuro e do desconhecido, que cada acerto, cada bom acerto, é uma estaca mais, solida e duradoura, para esteiar as instituições. Toda a duvida está em saber se ainda ha, ou se já não ha, em Portugal, um governo capaz de sinceramente se compenetrar d'esta grande, d'esta irrecusavel verdade.

Um espectador.

AS FINANÇAS E A ADMINISTRAÇÃO

DA

DICTADURA BRAZILEIRA

I

Ha poucas semanas o governo dos Estados-Unidos mandou apresentar ao Marechal Deodoro o acto do reconhecimento da Republica Brazileira. O governo americano serviu-se para esse fim d'um simples Encarregado de Negocios, não fazendo com a republica caloira a ceremonia de lhe mandar um Enviado de maior categoria. Isto porém não impediu que o Ministro dos negocios estrangeiros do Brazil praticasse a *rastacuerada* de ir elle proprio buscar o Encarregado de Negocios para o levar á presença do «Generalissimo»; coisa usada talvez em Guatemala e na Bolivia, mas não em outras terras republicanas; porque, mesmo em Washington, o Secretario de Estado nunca desempenha este papel ainda quando se trate de Enviados Extraordinarios ou de Embaixadores. O Encarregado de Negocios, o snr. Lee, descendente d'uma illustre familia norte-americana, defensora da escravidão, não é decerto um d'esses americanos que, por incapacidade de ganhar a vida na difficil concorrencia dos Estados-Unidos, solicitam um cargo diplomatico que a politicagem dos amigos lhe obtem a custo. O snr. Lee pronunciou, porém, no seu discurso ao Marechal uma phrase monumentalmente comica.

Os diplomatas americanos, dependentes da politica e nomeados por influencias eleitoraes, não representam a *élite* intellectual do seu paiz. São, em grande parte individuos que, pelo seu cargo official, querem ir ter na boa sociedade estrangeira uma posição que a sua educação não lhes permitte ter na boa sociedade da sua terra. O Encarregado de Negocios no Rio de Janeiro não pertence seguramente a essa classe; mas a sua phrase não destoaria na bôca d'um diplomata americano do typo que tanto ridicularisam os espirituosos jornalistas yankees, os romancistas observadores, e os divertidos salões de New-York, onde correm tão boas anecdotas sobre os diplomatas improvisados. O que o snr. Encarregado de Negocios disse foi que «o *Brazil acabava de assumir* o SELF GOVERNMENT!» O generalissimo não entendeu com certeza as duas palavras. O Marechal Deodoro contentava-se até ha pouco tempo em ser valente: e a erudição em palavras estrangeiras deixou-a sempre ao snr. Benjamim Constant, general de tribuna, que tem ganho sómente (dizem os seus amigos) as batalhas pacatas da sciencia, e cuja estrategia se limita ao problema de occupar militar e simultaneamente o maior numero possivel de empregos e de fazer, á frente da sua familia, incruentas marchas forçadas e ascendentes através dos altos postos. Mas o que entenderá o snr. Encarregado de Negocios pelo *self government?* Nos tempos do systema parlamentar no Brazil, quando se tratava d'uma reforma qualquer, era ella a principio aventada nas camaras, nas circulares dos candidatos, na imprensa, nos programmas dos partidos, nos discursos do poder executivo; um parlamento eleito discutia-a largamente, depois do Conselho de Estado a ter examinado com madureza; e o poder legislativo, nomeado pela Nação que representava, transformava a idéa em lei. O paiz tomava, pois, alguma parte no seu proprio governo, ou pelo menos influia no destino da nação um avultado numero de cidadãos. Isto, porém, na opinião do snr. Encarregado de Negocios da terra de Jorge Washington, não era para o Brazil o exercicio do governo proprio, do *self government*. Se um general norte-americano, esquecido das

grandes lições de civismo que fornece a historia da sua patria e do que lhe ensinaram na Escola Militar de West-Point a respeito de disciplina e de dever militar, destruisse o governo de Washington, e se mancommunasse com meia duzia de advogados e de jornalistas para governar sem restricção alguma o povo norte-americano, julga o snr. Encarregado de Negocios que os seus compatriotas pensariam continuar a ter o *self government*? Um humorista dos Estados-Unidos poderia affirmar que este *self government* actual do Brazil basta para mestiços sul-americanos, a quem os homens do norte se referem sempre com orgulhoso desprezo, como se os povos da parte austral do continente fossem uma raça inferior, incapaz das altas virtudes que a liberdade exige, e que só florescem debaixo da bandeira estrellada. Mas o snr. Encarregado de Negocios, esse, se conhecesse a Constituição da sua patria e as doutrinas dos grandes homens, seus compatriotas, não deveria dizer que o governo absoluto de quatorze milhões de almas por um dictador omnipotente — é o *self government*.

O Governo Provisorio do Brazil não foi eleito pela nação; ninguem lhe conferiu a missão de legislar; e todavia este «simples agente temporario da soberania nacional» tem legislado com frenesi, tem alterado todas as relações sociaes, politicas e juridicas a seu unico e bel-prazer. O Czar tem o seu Conselho da Corôa, o Padischa dos Turcos tem uma especie de representação dos interesses nacionaes junto da sua pessoa. O generalissimo Deodoro e os seus escrevinhadores de decretos dispensam tudo isso e julgam-se, apesar de se intitularem ainda Governo Provisorio, com o direito divino de tudo innovar e inverter na organisação do paiz.

Apenas uma vez descobrimos entre os actos do governo a idéa de que o mesmo governo não póde fazer tudo. Tratava-se de dar uma subvenção a um theatro: e o ministro do interior declarou «que a natureza transitoria de um Governo Provisorio não lhe permittia occupar-se de assumptos d'essa especie». Bravo! é sempre agradavel vêr reconhecida a boa doutrina. O Governo Provisorio pôde dizer: — os individuos em taes

e taes condições são cidadãos brazileiros ou deixam de o ser; só podem ser eleitores e elegiveis os cidadãos taes e taes; a familia só ficará constituida legitimamente se o casamento se effectuar segundo as prescripções assignaladas pelo snr. Deodoro; as relações do Estado com a sociedade religiosa serão estas e aquellas; tal pedaço do territorio brazileiro ficará pertencendo á Republica Argentina; o thesouro brazileiro pagará tantos contos mais por anno de pensões vitalicias aos militares e aos amigos; o mesmo thesouro pagará todas as despezas que ordenarem os ministros sem que estes dêem explicações a pessoa viva; o exercito será elevado ao dobro; o regimen monetario e a organisação bancaria serão regulados pelo collega Ruy Barbosa; o ensino será dado d'este e d'aquelle modo; taes dias do anno serão santificados; o enthusiasmo nacional deverá sómente irromper com a solfa e os bemoes do hymno que o governo tiver approvado; as camaras municipaes não serão as eleitas pelo povo, mas as nomeadas pelo governo, e (reforma do mais alto alcance) hão de ser intituladas Intendencias, á hespanhola; haverá mais um Ministerio, o da Instrucção Publica e, conjuntamente, dos Correios, assumptos evidentemente connexos porque isto de livros e de cartas, afinal, tudo é papel; fica decretado e entendido que a historia do Brazil começou a 15 de novembro, e que Pedro Alvares Cabral e Pedro II nunca existiram; etc. etc. O «agente temporario da soberania nacional» póde decretar tudo isto sem que o caracter provisorio e não representativo da sua natureza lhe fosse obstaculo. Agora, a subvenção a um theatro, isso é coisa differente! O assumpto é por demais grave, as suas consequencias de demasiado alcance, para que tão ponderosa questão fique resolvida pelo Governo Provisorio! Para este ponto ser decidido convem que a soberania imanente da nação se manifeste! Não disse o Encarregado dos Negocios do snr. Blaine, que para fazer essa solemne declaração ao snr. Deodoro se serviu com justo motivo de um agente diplomatico de quarta classe, que o Brazil está finalmente no gozo do *self government?*

Pois o Brazil, apesar do singularissimo *self government* de que está gozando no momento presente, tem a consciencia clara de que o supremo interesse da sua dignidade e da sua civilisação está hoje simplesmente em que esse *self government* absoluto-republicano seja extincto. Ha mezes, certamente o ideal de muitos brazileiros era a republica. A republica era para muitos a *outra coisa*, *a coisa* differente do que se tinha. Desejar a republica era aspirar simplesmente a uma mudança. A mudança effectuou-se, mas os males antigos cresceram e males novos surgiram. E já hoje de novo se começa a desejar *outra coisa*.

Os militares effectuando o *pronunciamiento* de 15 de novembro, para terem uma justificativa no paiz, necessitariam dar provas do seu desinteresse. O *pronunciamiento* do marechal Deodoro foi como quasi todos os *pronunciamientos* hespanhoes, venezuelanos, guatemalescos, peruanos e nicaraguenses, que a Europa não considera do dominio da Historia mas sim da Opereta. Todos os militares que tomaram parte n'esse *pronunciamiento* foram promovidos e o pret dos seus soldados augmentado. O acto de 15 de novembro não foi portanto um acto heroico: foi um bom negocio. Os ultimos *pronunciamientos* hespanhoes já não se revestiam d'este caracter de utilitarismo individual, traço que dominou o *pronunciamiento* brazileiro. A 3 de janeiro de 1874 o general Pavia, capitão general de Madrid, dissolveu as Côrtes Federaes. Mas tendo assim attingido uma situação dictatorial que é o maximo dos sonhos mais caros a todo o Hespanhol, o general Pavia não quiz que por um momento o seu desinteresse fosse suspeitado, e em telegramma a todas as auctoridades hespanholas disse: «Em nome da salvação do exercito, da liberdade e da patria occupei o Congresso. Convoquei *os representantes de todos os partidos* que assim entrarão no *governo nacional* de que *eu não farei parte.*» E o general persistiu no seu proposito de não assumir o governo [1]. O general Martinez Campos, auctor principal do *pro-*

[1] Houghton: *Les Origines de la Restauration des Bourbons en Espagne*, pag. 111.

nunciamiento de Sagunto, que derrubou a republica de Serrano em 1875, recusou o titulo de tenente-general que lhe queria conferir o novo governo. E n'uma carta das mais dignas, dirigida ao ministro da guerra, diz: «O governo não deixa subsistir a menor duvida de que esta recompensa me é conferida por serviços antigos e *não é uma consequencia* do acto que tive a felicidade de executar. Nós, os iniciadores d'esse acto, tinhamos porém o compromisso de não aceitar nenhuma recompensa pela sua acção, recompensa que tornaria essa acção parecida com os mais *pronunciamientos que têm empobrecido e arruinado a nossa patria*. Tenho a honra de supplicar a Vossa Excellencia que se digne admittir a minha recusa do posto que se me quer conferir [1]. »

Na Hespanha fechava-se então, e em boa hora, para bem d'aquella infeliz nação, a dolorosa éra das revoltas militares, desgraça d'um generoso paiz que só o militarismo politico tem conservado excluido do numero das grandes potencias europeias. A dura lição da experiencia e o patriotismo esclarecido dos homens de Estado hespanhoes educaram e elevaram o espirito nacional; e ainda, ha poucos dias, vimos como a legalidade triumphou, vencendo uma tentativa parlamentar de *pronunciamiento* politico feita pelo general Daban, que se enganou julgando a sua patria menos civilisada, e pensando ser ella ainda a terra classica do General derrubador de governos.

O militarismo politico está porém no Brazil em toda a crueza do seu primitivo typo. O militarismo hespanhol tem ainda a consciencia confusa, porém verdadeira, da reprovação universal que attrahe sobre si: o militarismo politico do Brazil, esse, gloria-se de factos que os militares hespanhoes procuram disfarçar pela ostentação do desinteresse. O militarismo do Rio de Janeiro faz um *pronunciamiento;* e os seus chefes recompensam-se logo a si mesmos, assumindo o poder absoluto, conferindo-se pensões, subindo todos de postos pelos meios mais irregulares. E esse militarismo acha apologistas civis. Os actos

[1] Obra citada, pag. 393.

de indisciplina, o desrespeito da soberania nacional não provocam uma palavra de censura, um sentimento de indignação!

Os homens publicos do Brazil aprendiam outr'ora nas instituições parlamentares inglezas e no regimen livre dos Estados-Unidos. Hoje, os dictadores brazileiros estudam na anarchia da Colombia, nos annaes revolucionarios de Venezuela, nas chronicas lamentaveis dos maus tempos da Hespanha. Bem diz Houghton, e com perfeita applicação ao Brazil:

«Quando se ouve os militares e os homens politicos hespanhoes fallarem com desenvoltura de actos que parecem inauditos e inqualificaveis n'outros paizes civilisados, é licito acreditar talvez que a consciencia humana soffre eclipses e alterações devidas ao clima, ao meio, á raça, á hereditariedade, ao passado, ás tradições, aos precedentes; e que são esses eclipses que, em pleno seculo XIX, ainda dão em resultado o criterio politico e militar da nação hespanhola!» [1]

II

Os militares a quem o elemento civil republicano póde com verdade chamar

... socios meus e meus tyrannos

não quererão entrar no exame do que elles chamarão talvez «uma subtileza propria de paizanos rabulas», isto é, a questão de saber se haverá ou se não haverá no Brazil uma Assembléa Constituinte. Esta é no entanto a questão que discutem os ultimos jornaes do Brazil.

[1] Obra citada, pag. 105.

Os systemas para fazer adoptar uma Constituição são numerosos: querem uns que o Governo Provisorio decrete desde já uma Constituição qualquer, que a Constituinte terá o direito de emendar, cortando, alterando e accrescentando; outros pensam que é preciso deixar alguma coisa mais a fazer á Constituinte, e que uma corporação d'esse nome não terá nada que fazer se não constituir alguma coisa, ao menos uma Constituição. Ha, além d'esses, os que desejam que o Governo adopte um projecto qualquer, e que o sujeite a um plebiscito, devendo os eleitores declarar se aceitam ou se recusam o projecto ao mesmo tempo que elegerem os deputados de uma camara sem nome que poderá ser ou não será uma Constituinte. Se o plebiscito fôr favoravel ao projecto constitucional, os eleitos do povo se reunirão em legislatura ordinaria; se o plebiscito fôr contrario ao projecto, os eleitos do povo formarão uma Assemblea Constituinte que discutirá, e se puder votará, uma Constituição. Como tudo isto é simples e claro!

Não sabe pois ainda o povo brazileiro como nem quando ha de ser feita a lei que lhe vai regular a vida. O povo brazileiro só tem uma certeza; a de estar vivendo sob o dominio de militares que não ouviram o povo para mudar o governo do paiz, e de jacobinos que insultam o povo *bestificado* (como diz o ex-ministro Aristides Lobo) ou que francamente declaram que o povo não é capaz de eleger uma Constituinte decente, nem essa assembléa será capaz de cumprir a sua missão!

O radicalismo brazileiro, durante mais de sessenta annos, accusou o primeiro imperador de não ter tido a paciencia de esperar pela Constituição, que discutia em 1823 a Constituinte Brazileira. Os republicanos dos ultimos tempos tinham a affectação de chamar á constituição brazileira Carta Constitucional, e viam n'essa lei fundamental, que foi admiravelmente redigida pelos homens mais illustres do seu tempo e que o Brazil acclamou, não o resultado do consentimento nacional, mas a expressão da vontade individual do principe. O Governo Provisorio, esse, verdade seja, não tem impaciencia alguma de vêr bem depressa os direitos dos cidadãos salvaguardados por uma

Constituição. Uma Constituição será para o Governo Provisorio o fim do seu absoluto dominio; e o Governo Provisorio não tem pressa de morrer porque a vida tem para elle encantos e vantagens. Por isso afasta do seu espirito até o pensamento da data fatal em que, votada uma Constituição, os homens do absolutismo republicano terão de ceder o logar á vontade nacional. A Constituição de 1824 foi a expressão da vontade do Principe; a Constituição de 1890, que vontade exprimirá? Nada é possivel prevêr, ao cabo de seis mezes de omnipotencia dictatorial. Nem se póde mesmo saber se essa constituição sahirá de uma Assembléa — ou se sahirá da vontade absoluta do governo, homologada á pressa por um plebiscito feito sob o regimen de dictadura.

O Governo dictatorial alugou uma casa em Petropolis onde installou cinco cidadãos, dando-lhes o encargo de, ao abrigo do calor e na frescura da pittoresca cidade, redigirem um projecto de Constituição. No fim de alguns mezes a Commissão dos cinco tinha feito mais do que o seu dever; porque, tendo obrigação de apresentar um projecto, apresentou tres, que não são modelos extraordinarios de clareza, e que não terão muito prestigio desde que a critica descobriu em mais de um artigo graves attentados contra a grammatica. Isto porém é um pequeno lado de um grande assumpto. O certo é que, se a Constituição não fôr feita, não será por falta de projectos. E é possivel que o Governo Provisorio adopte qualquer dos tres projectos, ou que, amalgamando os tres, faça de todos um quarto projecto para o sujeitar, como dizem os jornaes officiosos, primeiro á discussão da imprensa, e depois ao plebiscito nacional.

O que serão porém n'esse caso o plebiscito e a discussão da imprensa — se essa discussão, e o consequente esclarecimento da opinião, são quasi impossiveis pelo amordaçamento da imprensa?

Esta contradicção causa espanto a todos que não conhecem a incongruencia caracteristica das dictaduras militares sul-americanas. O grande orgão republicano francez *Le Temps*, de 26 de abril, diz, ao terminar um artigo em que examina a theo-

ria do plebiscito constituinte preparado pela discussão na imprensa e o qualifica de *haute fantaisie politique:* «Não parece realmente extravagante que essa especie de omnipotencia constituinte conferida á imprensa possa conciliar-se, no espirito do Governo Provisorio, com as restricções que este impõe, por decreto, á mesma imprensa?»

A 29 de março o Governo Provisorio, que cada vez se sente mais querido do povo, mais forte e mais acclamado, julgou indispensavel para a sua segurança tomar de novo providencias contra a imprensa. O *Diario Official* de 23 de fevereiro declarára, em nome do Governo, estar a imprensa livre e desembaraçada de toda a restricção á sua liberdade. Ficou assim revogada a interpretação Bocayuva do decreto de 23 de dezembro cujas penas, segundo aquelle antigo jornalista e homem de Estado ainda fresco, deviam ser applicadas aos seus collegas culpados do crime de opposição ao Governo. Ao cabo de trinta e seis dias, o governo mudou de opinião pela segunda vez e lavrou novo decreto contra a imprensa. Não nos causou surpreza esse decreto vasado nos moldes usados em Venezuela e no Hayti. A dictadura republicano-militar tem as suas praxes e os seus estylos, em toda a parte identicos.

A proposito d'este decreto, um jornalista illustre do Brazil que, na esperança de vêr melhores tempos e com o temor de exacerbar os senhores do dia, tem revelado uma patriotica resignação á dictadura, atacou o escriptor que na REVISTA DE PORTUGAL defende a liberdade brazileira. O jornalista a quem nos referimos não escreve a favor da liberdade da imprensa: junta argumentos a favor da liberdade e do direito que o governo tem de se defender, mesmo quando essa defeza tiver de consistir n'um ataque á liberdade de pensamento. No desenvolvimento d'esta idéa o jornalista diz que—«mascarados, atacamos o Governo Provisorio a algumas mil leguas de distancia!»

Não julgamos com effeito praticar um heroismo escrevendo em favor da civilisação brazileira. Exercemos um direito, o mesmo direito que Hippolyto da Costa, nos tempos do despo-

tismo colonial, exerceu durante longos annos escrevendo de Londres o seu admiravel *Correio Braziliense*. Sabemos porém que o adjectivo *heroico*, e outros tão usados em certa imprensa, não são para os escriptores opposicionistas. Só é *heroico* quem está no poder; para ter o titulo de heroico é preciso dispôr de alguns empregos para distribuir. Não é, pois, heroico atacar de longe a dictadura. Agora, elogiar, incensar de perto sob o braço que póde punir, ao alcance da mão que póde recompensar, isso sim que é virtude, honra, gloria, coragem e patriotismo!

O jornalista, que tão corajoso se mostra e tão irritado está contra nós, colloca-nos entre os que «*visam ao fructo sem querer ter o trabalho de regar a terra com o seu esforço*», entre os que passeando pela Europa «*julgam ter mais bom senso e mais illustração*» do que os que estão no Brazil «*a trabalhar dia por dia, hora por hora, na obra de constituição da patria*» [1]. O jornalista é injusto. Não visamos a fructo algum, nem mesmo, como Guilherme Tell, a uma maçã; quem visa a fructos, para si ou para os seus, não offende o poder que dispõe dos preciosos fructos. O jornalista é ingenuo se julga ser dos taes que estava trabalhando na constituição da sua patria. O jornalista não está constituindo coisa alguma. A dictadura faz o que bem lhe apraz, não ouve os seus conselhos, nem precisa da sua collaboração. A dictadura delibera comsigo, resolve, decreta, executa: o jornalista que não deliberou, não resolveu, não decretou, não executou coisa alguma, limita-se a approvar: e depois, de muito boa fé, vem dar-se ares de estar a constituir a patria!

Assim, a 16 de setembro do anno passado, o jornalista escrevia contra a Federação e dizia: «O ultimo ponto a que a monarchia póde chegar, é a descentralisação administrativa; mas a centralisação politica é-lhe indispensavel, como *será á republica* emquanto estiver por fazer a educação do povo. Se o poder central não fizer sentir a sua influencia em toda a vasta

[1] *Gazeta de Noticias* de 31 de março.

extensão d'este paiz, se abandonar inteiramente á inspiração dos influentes locaes a orientação politica, chegaremos á impossibilidade de organisar um governo que dure seis mezes [1].» Dois mezes depois, dia por dia, um general e mais sete cidadãos declaravam Federação republicana o governo do Brazil. O que fez o jornalista? Protestou? Não; approvou. Será isto collaborar na constituição da patria? O jornalista exercia real influencia n'outro tempo, quando a discussão era livre e a sua opinião pesava nas resoluções do governo. A dictadura porém faz o que quer; quiz a federação de que o jornalista é adversario, e o jornalista teve de applaudir. Nem discutiu. Talvez este seu silencio tenha como motivo a sua opinião sobre o povo brazileiro, opinião que destacamos ainda do notavel artigo de 16 de setembro: «Nós somos um povo de ignorantes e indifferentes; de que vale fallar a tal gente de reformas que não entendem, ou que ella pensa que não entendem directamente com o seu bem-estar, com a sua fortuna, com o seu socego, com a sua vida?»

O jornalista escreveu muitos artigos para mostrar que o ministro da fazenda da dictadura estava arruinando o credito e as finanças. O *Diario de Noticias*, jornal do ministro, agitou logo o espantalho do decreto de 23 de dezembro contra a imprensa. Sabe porém todo o mundo que interveio o Marechal Deodoro, e que declarou ao seu ministro da fazenda que se tratava de uma delicada questão de dinheiro de que elle dictador não entendia, e que era sua vontade, para se esclarecer, deixar á imprensa a liberdade de criticar as medidas financeiras. O jornalista usou d'essa permissão, que lhe recordou decerto os bons tempos da liberdade antiga. Conseguiu porém fazer diminuir de algum modo a illimitada confiança que o chefe da dictadura diz depositar no gestor dos dinheiros nacionaes? Não. O jornalista ha de no seu intimo reconhecer que não influe em coisa alguma. O jornalista disse, tratando do regimen do Conde

[1] *Gazeta de Noticias* de 16 de setembro de 1889. Artigo *Coisas Politicas*.

de Lippe applicado á imprensa pelo decreto de 23 de dezembro: «Pela nossa parte nunca nos sentimos coactos [1].» Vigorava então o artigo de fundo do *Diario Official* de 23 de fevereiro, declarando que a liberdade de imprensa existia em toda a sua plenitude, e o decreto de 29 de março parecia ao jornalista — «um desnecessario acto de paciencia do governo!»

Dias depois foi preso o snr. Pedro Tavares [2], redactor da *Republica*, de Campos, e trazido ao Rio de Janeiro. O jornalista, vendo que a dictadura passava das palavras aos actos, achou a coisa grave, e em novo artigo vem dizer que o decreto fôra um erro, e que o decreto velho de 23 de dezembro tinha dado em resultado que «questões importantes deixassem de ter durante algum tempo a ampla discussão que requeriam» [3]. Não insistamos. Deve ser realmente penosa sob o regimen da dictadura a vida de um escriptor publico liberal, digno, esclarecido e civilisado (e estes predicados são os do jornalista a quem nos referimos). Mas elle, se tem de ouvir os conselhos do patriotismo, de zelar a liberdade, de seguir a justiça, é dominado tambem pelo bom senso, que lhe murmura a todo o instante: — «Prudencia! Prudencia! Muita prudencia!» É difficil a situação de quem vive sob o imperio do arbitrario.

A 26 de março appareceram pregados nos muros do Rio de Janeiro uns cartazes impressos atacando a dictadura. Só um jornal da capital transcreveu o texto d'esses pasquins. As outras folhas fallaram d'elles como de um sacrilegio, de um d'esses crimes mysteriosos e inauditos que é perigoso até mencionar. Os cartazes eram, porém, muito republicanos: e a linguagem era a mesma dos oradores ambulantes do republicanismo nos tempos da monarchia, quando a eloquencia de botequim e

[1] *Gazeta* de 31 de março.
[2] Jornaes do Rio, de 2 de abril.
[3] *Gazeta* de 7 de abril.

os editoriaes das folhas da republica, que se estava preparando nos quarteis, usavam da liberdade que hoje perderam. Diziam os cartazes:

« Cidadãos:

« A patria está em perigo!...

« O governo vendeu-nos traiçoeiramente á Republica Argentina!...

« A perspectiva da nação é aterradora!...

« Os ministros esbanjam escandalosamente os cofres publicos e o filhotismo impera desassombrado!...

« Povo! ergue-te intrepido em face de taes acontecimentos e levanta o estandarte do patriotismo!

« Vivam os revolucionarios de 89!...

« Abaixo a Dictadura! »

O Governo Provisorio reconheceu o estylo de que usavam os seus membros quando eram simples jornalistas. A policia abriu uma devassa, effectuou varias prisões; e o delegado, n'uma curiosa linguagem, declarou que o facto « não encerrava nenhum perigo para a politica, parecendo-lhe antes *producto de um acto explosivo e irreflectido* » [1]. O que entenderá a policia da dictadura por um acto explosivo que produz cartazes nas paredes? [2]

O que o acto explosivo ajudou a produzir foi o decreto de 29 de março sobre a não-liberdade de imprensa, da pobre imprensa que o governo ora solta, ora prende, e intimida sempre.

Dias antes do decreto de 29 de março um grande jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 26, estudava a questão da liberdade de imprensa. Esse jornal, que sempre foi republicano, encarava com esta tristeza e este desanimo a situação:

« Temos ou não temos liberdade de imprensa? »

[1] *Jornal do Commercio* de 2 de abril.

[2] Apesar d'esta declaração da policia um dos indigitados auctores dos cartazes foi condemnado a um anno de prisão com trabalho, sendo dois outros condemnados a penas menores. Pela primeira vez no Brazil depois de 1825 funccionou um tribunal militar para julgar um civil.

« Eis o problema que actualmente se impõe, de bom ou mau grado, a todos os espiritos.

« O simples facto do apparecimento de tal questão, de pôr-se em duvida a existencia da liberdade de pensamento sob o regimen democratico, em uma republica americana, é, só por si, motivo bastante para tristes apprehensões e sérios desgostos.

« Ora, essas duvidas têm fundamento. A promulgação do famoso decreto-rolha, de 23 de dezembro de 1889, que produziu o desapparecimento da *Tribuna Liberal* e o retrahimento, prudente ou medroso, da quasi totalidade dos jornaes; a intimação de silencio ou de commedimento ao velho jornalista C. von Koseritz; a suppressão por ameaças da parte dos governadores, da *Gazeta da Tarde*, no Rio Grande do Sul e do *Globo*, no Maranhão; a prisão do capitão Saturnino, redactor da *Democracia* [1], e o constrangimento corporal, a que tambem esteve sujeito, segundo constou, com ou sem verdade, o capitão Jayme Benevolo, em consequencia do artigo que escreveu contra o ministro do interior a proposito de negocios da intendencia municipal; esses factos, mesmo aceitando-se as explicações officiaes ou officiosamente dadas pelo governo, quando não representem violações do sagrado principio da liberdade de imprensa, provam, pelo menos, *que ella tem hoje, na republica, garantias menos seguras e menos efficazes do que as que lhe dava a monarchia.* »

A estes factos, que o orgão republicano de S. Paulo aponta, muitos outros podem ser accrescentados.

[1] Com a *Democracia* o Governo Provisorio teve de recuar porque tratava-se de officiaes do exercito. Segundo conta o editorial da *Gazeta de Noticias* de 7 de abril, no dia seguinte á prisão do redactor da *Democracia*, este jornal inseriu um artigo assignado por outro official do exercito, cujo tom não era menos livre que o dos artigos mencionados, e constou que diversos outros officiaes se tinham inscripto para continuar no exercicio d'aquillo que elles consideram um direito, e que o governo parecia considerar um delicto ».

Um advogado que tomou a defeza do capitão Saturnino Cardoso, que foi solto em vista da attitude dos militares seus collegas, lembrou que em 1887, quando o snr. Deodoro começou a escóla do *pronunciamento*, queria o mesmo snr. Deodoro que o militar tivesse toda a liberdade de escrever.

Em Pernambuco a policia fez rasgar todos os numeros do *Tribuno* [1], e supprimiu pelo mesmo modo violento os numeros da *Lanceta* [2]. Nas Alagoas o governador mandou intimar o proprietario do *Orbe* para assignar um escripto responsabilisando-se por tudo quanto d'ahi por diante imprimisse no jornal, sob pena de suppressão [3]; e no dia seguinte o delegado de policia, com força armada, invadiu a officina do *Orbe* e destruiu a typographia [4]. O snr. Fernando Mendes, redactor do *Diario do Commercio* do Rio de Janeiro, foi chamado á policia para se explicar e principalmente para lhe ser explicado que o governo não tolera opposições [5]. Igual intimação recebeu um dos redactores do *Correio do Povo*. De varios pontos do paiz chegam noticias do estado de coacção em que a dictadura põe a imprensa [6].

Eis o estado actual da questão da liberdade de imprensa no Brazil. O velho democrata snr. Christiano Ottoni, insuspeito á dictadura a quem offereceu os seus serviços [7], publicou uma brochura em que diz, referindo-se ao decreto de 23 de dezembro, agora fortalecido pelo de 29 de março: «Aquelle decreto restringiu a liberdade da imprensa e tornou impossivel toda a discussão politica. A censura a um acto do governo, a duvida sobre as intenções d'um seu agente, a defeza d'um official ou soldado, que ao escriptor pareça ter soffrido injustiça, quem ga-

[1] *Provincia*, de Pernambuco, de 13 de dezembro de 1889. O redactor do *Tribuno* protestando diz: «Em pleno dominio da Republica e em plena praça publica, a policia ataca cobardemente a liberdade da imprensa. Estou satisfeito. Já vi a obra da Republica na minha terra.»

[2] *Provincia* de 12 de dezembro.

[3] *Gazeta de Noticias* de 28 de março.

[4] *Diario do Povo* de Maceió, de 8 de março.

[5] Vid. editorial da *Gazeta de Noticias* de 7 de abril.

[6] De Aracajú (Sergipe) escrevem ao *Pequeno Jornal*, da Bahia, de 18 de março: «A imprensa não póde balbuciar uma palavra e só é permittido elogiar o governador, quando não, ahi estão os tenentes Avila Franco e Ivo do Prado para apontar o caminho de Fernando de Noronha áquelles que querem fallar um pouco mais alto.»

[7] *O Advento da Republica*, Rio, 1890, 8.º Vid. pag. 136.

rante que qualquer d'estes actos não será reputado provocação á indisciplina ou á revolta? *Que valor moral terá o pronunciamento das urnas realisado sob as ameaças d'aquelle decreto?* A primeira e a mais efficaz garantia da liberdade das urnas é a liberdade da imprensa e a imprensa está amordaçada [1].»

III

A dictadura militar e republicana importa para o Brazil a desmoralisação no interior e o descredito no estrangeiro. Os factos apresentados demonstram esta verdade lamentavel. A imprensa dos Estados-Unidos e a imprensa franceza, exprimindo os sentimentos e as idéas de democracia proprias ás duas

[1] Exemplos da liberdade de que goza a imprensa no Brazil, acham-se nos editoriaes do *Jornal do Commercio* de 18 de janeiro e 18 de fevereiro.

O primeiro, alludindo á questão de Missões, disse: «limitamo-nos a expôr os factos, não só porque... mas porque não temos analysado nem discutido desde certa data nenhum acto do governo; lamentando devéras, silenciosamente, não podermos applaudir algumas resoluções merecedoras de applauso». — A 18 de fevereiro: «... da serenidade com que a situação creada a 15 de novembro vai correndo, esperamos poder tirar a conclusão de que não tardará o dia em que seja revogado o decreto de 23 de dezembro».

«A certos artigos foi dada ultimamente interpretação tão lata, que a mais timida observação, a mais innocente phrase, segundo o capricho do momento, podia ser considerada provocadora de sedição.»

Eis a lista dos jornaes supprimidos por intimidação, por ordem expressa, pela evidencia, ou cujos redactores foram presos ou chamados á policia e advertidos:

Tribuna Liberal, a 24 de dezembro o ministro dos Negocios Estrangeiros declarou ao seu redactor que este, fazendo opposição ao governo, sujeitava-se ás penas de insurreição militar; *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, supprimida; *Globo*, do Maranhão, supprimido; *Tribuno*, de Pernambuco, e *Lanceta*, do mesmo Estado, exemplares confiscados; *Orbe*, de Maceió, por ordem do governador destruida a typographia; *Republica*, de Campos, redactor preso; *Democracia*, do Rio de Janeiro, redactor preso; *Reforma*, de Porto Alegre, redactor chamado á policia e advertido; *Koseritz Blatte*, de Porto Alegre, idem; *Diario do Commercio*, do Rio de Janeiro, idem; *Correio do Porto*, do Rio de Janeiro, idem.

republicas, têm julgado com a maior severidade a dictadura e o militarismo revolucionario no Brazil. Uma revolução do povo póde ser uma coisa nobre e grande; uma revolução exclusivamente militar é, para os paizes civilisados e livres, uma monstruosidade.

Mais alto, porém, do que a imprensa falla a opinião insuspeita dos capitalistas. A desconfiança do capital, o retrahimento do credito são as provas mais evidentes da má reputação do militarismo revolucionario. Ha um mez, publicámos um quadro da depreciação soffrida pelos titulos da divida externa do Brazil depois da inauguração do absolutismo militar, especie de miguelismo sem padres e sem D. Miguel. Hoje completamos essa informação restricta, apresentando um quadro geral da depreciação, em Londres, dos fundos brazileiros de toda a especie cotados n'aquella praça. Por esse quadro, feito segundo as publicações officiaes do Stock-Exchange, vê-se que antes de 15 de novembro todos os titulos brazileiros cotados em Londres tinham o valor de £ 90.883.916, e que depois do estabelecimento do absolutismo este valor baixou a £ 75.069.620, seja uma depreciação total de £ 15.814.296. Isto quer dizer que o rebaixamento do credito brazileiro importou para os portadores dos titulos brazileiros uma perda de *cento e cincoenta e oito mil contos* de moeda brazileira, e uma destruição de valor correspondente a 17 $\frac{2}{5}$ % do valor anterior.

Pelo quadro que ora publicamos vê-se que depois de 15 de novembro todos os titulos brazileiros ficaram depreciados. Não foram só os titulos do governo; foram as acções e as obrigações dos caminhos de ferro, dos bancos, dos telegraphos, das companhias d'aguas, de gaz, de todas as emprezas brazileiras sem excepção d'uma só. E porque? É que o capitalista inglez, que é insuspeito porque não tem interesses politicos no Brazil, e se guia somente pela verdade material dos factos, sabe que a propriedade diminue fatalmente de valor com a suppressão do regimen legal. O valor da propriedade e da moeda é a mais exacta medida da confiança que um governo inspira. Ora a propriedade estrangeira no Brazil diminuiu 17 $\frac{2}{5}$ % do seu valor e

o cambio brazileiro que estava a mais de 27, isto é, acima do par, cahiu a 20 $\frac{1}{4}$, o que corresponde a uma perda de mais de 25 %! Cada mil reis brazileiro vale hoje só setecentos e cincoenta reis. Os capitalistas inglezes não ignoram as circumstancias do Brazil; os homens influentes do mercado perfeitamente sabem como vão ahi as coisas financeiras. Os capitalistas de Londres não são conspiradores contra a Republica Brazileira; cidadãos d'um paiz livre, o absolutismo republicano ou monarchico é-lhes talvez repugnante, mas sobretudo têm experiencia e memoria; e na sua bolsa ha lembranças dos prejuizos que invariavelmente têm dado aos seus crédores *todos* os militarismos politicos na America hespanhola.

Eis o quadro demonstrativo da diminuição de valor em Londres dos fundos do Brazil desde que o regimen constitucional representativo foi substituido pelo absolutismo republicano:

Quadro da depreciação dos fundos brazileiros publicos e particulares em Londres depois do inicio da dictadura.

DESIGNAÇÃO dos EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
Brazil 1863 4 1/2 %. .	£ 72.800 .	102	74.256	90	65.520	8.736
Brazil 1879 4 1/2 % Interno e externo (ouro)	MR 33.579.500 .	102 1/4	3.821.066 (*)	81	3.059.931	761.135
Brazil 1883 4 1/2 %. .	£ 4.248.600 .	103	4.376.058	78 1/4	3.324.530	1.051.528
Brazil 1888 4 1/2 %. .	£ 6.265.900 .	103 1/4	6.469.541	79	4.950.061	1.519.480
Brazil 1889 int. 4 %. .	£ 11.250.000 .	cotado só no Brazil				
Brazil 1889 4 % (conversão) . . .	£ 20.000.000 .	90	18.000.000	71 1/4	14.250.000	3.750.000
Alagoas Railway . . .	£ 300.000. Acções de £ 20.	18 3/4	281.250	13	195.000	86.250
	£ 197.500. Debentures £ 100.	109 1/2	216.262	98	193.550	22.712
Bahia e São Francisco .	£ 127.300. Acções de £ 20.	sem cotação				
Ramal do Timbó . . .	£ 1.800.000. Acções de £ 20.	25	2.250.000	14	1.260.000	990.000
	£ 270.000. Acções de £ 20.	15 7/8	214.312	10 3/4	145.125	69.187
	£ 225.000. Acções de £ 20.	13	146.250	8	90.000	56.250
Brazil Great Southern Cº	£ 125.000. Acções de £ 20.	sem cotação				
	£ 59.500. Debentures de £ 100.	113 3/4	6.768.125	106 1/2	6.336.750	431.375
	£ 125.500. Debentures de £ 100.	114 1/2	14.369.750	106 1/2	13.365.750	1.004.000
	£ 242.000. Debentures de £ 100.	108 1/2	262.570	96	232.320	30.250
Imperial Bahia Cº . . .	£ 580.612. Acções de £ 20.	108	627.060	78	452.877	174.183
	£ 374.048. Acções	emittidas no Brazil				
	£ 437.420. Debentures.	121	529.278	95	415.549	113.729
	£ 80.000. Debentures.	107 1/2	86.000	88	70.400	15.600
Imperial Brazilian Natal e Nova Cruz Cº	£ 250.000. Acções de £ 20.	10 3/4	134.375	7 1/2	93.750	40.625
	£ 146.700. Acções de £ 20.					
	£ 302.900. Debentures de £ 100.	102	308.958	83	251.407	57.551
	Transporte.		58.935.111		48.752.520	10.182.591

(*) Moeda brazileira MR (milreis) reduzida a libras esterlinas.

DESIGNAÇÃO dos **EMPRESTIMOS** e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte .		58.935.111		48.752.520	10.128.591
Campos e Carangola C°	M 6.000.000. Acções £ 336.400. Debentures de £ 100.	107 1/2	361.630	98	329.672	31.958
Conde d'Eu C°	£ 425.000. Acções de £ 20. £ 294.900. Debentures de £ 100.	15 7/2 105	326.895 309.645	10 93	212.500 274.257	114.395 35.388
Espirito Santo e Caravellas Navigation e Ry C°	M 2.000.000. Acções £ 2.000.000. Debentures de £ 100. £ 308.940. Acções de £ 20.	7 1/8	110.060	3 1/2	54.064	55.996
Donna Thereza Christina C°	£ 100.000. Acções de £ 20. £ 291.600. Debenture de £ 100.	90	262.440	72 1/2	211.410	51.030
Great Western of Brazil C°	£ 20.000 . £ 10.000 . £ 300.000. Acções de £ 20. £ 306.250. Debenture. £ 165.000 .	21 7/8 126 1/2 116 7/8	328.125 387.406 192.844	16 104 100	240.000 318.500 165.000	88.125 68.906 27.844
Leopoldina C°	£ 4.095.000. Acções de £ 20. £ 1.530.000. Acções £ 466.800. Debentures de £ 50. £ 1.978.900. Debentures £ 100.	56 106	522.816 2.097.634	50 93	466.800 1.840.377	56.016 257.257
Macahe e Campos C° .	M 12.000.000. Acções. £ 792.000. Debentures de £ 100.	105 1/2	835.560	93	736.560	99.000
Cantagallo branch. . .	£ 500.000. Debentures de £ 100.	100 1/8	500.625	95	475.000	25.625
Minas e Rio C°	£ 1.000.000. Acções de £ 20. £ 671.400. Debentures de £ 100.	27 1/4 113 1/2	1.362.500 762.039	20 100	1.000.000 671.000	362.500 91.039
Minas Central C°	£ 150.220. Acções £ 30.000. Acções £ 15.720. Debentures.					
	Transporte .		67.295.330		55.747.660	11.547.670

DESIGNAÇÃO dos EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte.		67.295.330		55.747.660	11.547.670
Porto Alegre e New Hamburg Cº	£ 88.300. Acções.					
	£ 154.000. Debentures de £ 20.	9 1/2	73.150	7 1/2	57.750	15.400
ecife e San Francisco (Pernambuco) Cº	£ 173.409 . .	103	178.705	89	154.415	24.290
	£ 1.200.000 . .	108 1/4	1.300.000	84	1.008.000	292.000
Rio Claro San Paulo Cº	£ 450.000. Acções de £ 10.	13 5/8	613.000	10 7/8	489.375	123.625
	£ 600.000. Debenture.	103	618.000	100	600.000	18.000
Rio de Janeiro e Northern Cº	£ 137.500. Acções de £ 20.					
	£ 112.750. Acções de £ 20.					
	£ 250.000. Debentures de £ 100.	109 3/4	274.375	95 1/2	238.750	35.625
Grao Para	£ 1.200.000. Debentures.	100 3/4	1.209.000	83	996.000	213.000
	£ 600.000. Acções de £ 20.					
San Paulo e Rio de Janeiro Cº	£ 461.100. Debentures de £ 100.	112	516.432	100	461.100	55.332
	£ 142.600. Debentures de £ 100.	110 1/4	157.216	106 1/2	151.869	5.347
	£ 2.000.000. Acções de £ 20.	50 1/2	5.050.000	40	4.000.000	1.050.000
Sao Paulo Cº	£ 750.000. Debentures.	138	1.035.000	127	952.500	82.500
	M 5.846.380. Acções					
Sorocabana Cº	£ 191.250. Debentures de £ 50.					
	£ 600.000. Acções de £ 20.	20 3/4	622.500	11 3/4	352.500	270.000
Southern Brazilian Rio Grande do Sul Cº	£ 947.807. Debenture.	122 1/4	1.158.685	98	928.844	229.841
	M 16.753.230. Acções . . .					
Western of San Paulo Cº	£ 126.500. Debentures de £ 100.	112 1/2	142.312	108 1/4	136.936	5.376
	M 9.140.000. Acções					
Mogyana Cº	M 1.400.000. Acções					
	£ 460.700. Debentures de £ 100.	106 3/4	491.797	99	456.093	35.704
London and Brazilian Bank	£ 625.000. Acções de £ 20.	22 1/4	695.312	17	531.250	164.062
English Bank of Rio de Janeiro	£ 500.000. Acções de £ 20.	16	400.000	12 3/4	318.750	81.250
	Transporte.		81.830.814		67.581.792	14.249.022

DESIGNAÇÃO dos **EMPRESTIMOS** e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte . .		81.830.814		67.581.792	14.249.022
Ceara Harbour Corporation	£ 85.070. Acções de £ 10.	7 7/8	66.993	6 1/4	53.169	13.824
	£ 181.200. Debentures de £ 100					25.314
Rio de Janeiro (city)	£ 562.500	87 1/2	492.189	83	466.875	8.250
City of Santos . . .	£ 100.000	111	111.000	102 3/4	102.750	
Emprestimo da Provincia de São Paulo .	£ 779.700	105	818.685	91 1/2	713.425	105.260
Bahia Central Sugar C°	£ 196.300. Acções de £ 20.					
	£ 45.000. Acções de £ 20.					
	£ 136.200. Debentures de £ 100.					
Extract of Meat and Hide Factory . . .	£ 96.500. Acções de £ 5.	5 1/4	101.325	4 7/8	94.087	7.238
Cantareira Water Supply and Drainage of the City of San Paulo	£ 109.400. Debentures de £ 100 .	108 1/2	118.689	103 3/4	113.502	5.187
	£ 350.000. Debentures de £ 100	104	364.000	92	322.000	42.000
	£ 100.000. Acções de £ 10.	14 1/2	145.000	12 3/4	127.500	17.500
City of Santos Improvement C° . . .	£ 35.000. Acções de £ 10.					
	£ 30.000. Debentures de £ 100.					
North Brazilian Sugar Factories . . .	£ 50.000. Acções de £ 100.					
ecife Drainage C° . .	£ 73.500. Debentures de £ 100.					
	£ 1.000.000. Acções de £ 25.	36 7/8	1.475.000	26	1.040.000	435.000
Rio de Janeiro City Improvements C° . .	£ 468.700. Debentures de £ 100.	106	496.822	98	459.326	37.496
Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries C°	£ 250.000. Acções de £ 10.	10 1/4	256.250	9	225.000	31.250
	£ 100.000. Acções de £ 20.	27 1/2	137.500	20 5/8	103.125	34.375
	£ 20.000. Acções de £ 20.	25 1/4	25.250	25	25.000	250
Bahia Gas C°	£ 30.000. Acções de £ 20.					
Ceara Gas C°	£ 30.000. Acções de £ 10.					
	£ 166.870. Acções de £ 10.	6	100.122	5	83.435	16.687
Para Gas C°	£ 4.065. Acções de £ 2.300. Debentures					
	£ 4.900. Debentures					
	Transporte . .		86.539.639		71.510.986	15.028.653

DESIGNAÇÃO dos EMPRESTIMOS e das EMPREZAS	CAPITAES E DIVIDAS EXISTENTES	COTAÇÃO anterior a 15 de novembro (maxima)	VALOR TOTAL anterior a 15 de novembro £	COTAÇÃO posterior a 15 de novembro (minima)	VALOR TOTAL posterior a 15 de novembro £	DEPRECIAÇÃO £
	Transporte . . .		86.539.639		71.510.986	15.028.653
San Paulo Gas Cº . .	£ 150.000. Acções de £ 10.	17 3/4	266.250	15	225.000	41.250
Brazilian Submarine Telegraph Cº . . .	£ 1.300.000. Acções de £ 10.	14 1/16	1.828.125	12 1/8	1.657.500	170.625
	£ 84.500. Debentures de £ 100.	104	87.880	101	1.657.500	170.625
	£ 75.000. Debentures de £ 100.	109	81.750	107	80.250	1.500
London Platino Brazilian Telegraph Cº .	£ 383.480. Acções de £ 10.	109 1/2	109.500	100	100.000	9.500
	£ 100.000. Debentures de £ 100.					
Montevideo et Brazilian Telegraph Cº . .	£ 83.140. Acções de £ 10.					
	£ 6.000. Acções de £ 10.	14 1/16	912.642	8 3/8	543.529	369.113
	£ 8.500. Debenture					
Western and Brazilian Telegraph Cº . .	£ 973.483. Acções de £ 15.	7 5/8	205.768	6	161.916	43.852
	£ 202.395. Acções de £ 7 10,00.	7 1/8	192.275	3	80.958	111.317
	£ 225.000. Debentures A de £ 100.	109 1/2	246.375	106	238.500	7.875
	£ 225.000. Debentures de £ 100.	110	247.505	104	234.000	13.500
Pernambuco Water Cº	M 1.500.000. Acções					
	£ 91.600. Debentures de £ 100.	107	98.012	104 5/8	5.8	2.176
	£ 50.000. Debentures de £ 100.					
Brazilian Street Railway Cº	£ 99.200. Acções de £ 2.	1 3/8	68.200	1 1/8	55.800	12.400
	£ 12.930. Acções de £ 2.					
	£ 27.700. Debentures.					
	TOTAES		90.883.916		75.069.620	15.814.296

Este quadro demonstra minuciosa e indiscutivelmente que a dictadura arruina o credito do paiz no estrangeiro.

Não estão incluidos no quadro os titulos da Companhia do Gaz do Rio de Janeiro cotados em Bruxellas, o Banco Nacional, e mais duas emprezas de vias ferreas brazileiras cotadas em Paris. Esses titulos, como os de Londres, baixaram consideravelmente com grande prejuizo dos seus portadores e com grande desvantagem para o credito do Brazil. Os capitaes francezes, tão avultados e até ha pouco tempo tão arredados do Brazil, começavam a ser empregados em larga escala n'aquelle paiz: este movimento parou subitamente: d'aqui um damno incalculavel para o futuro industrial e financeiro do Brazil.

E como tem o ministro da fazenda da dictadura procurado remediar este descredito?

Este ministro, o snr. Ruy Barbosa, foi o auctor d'um decreto monstro relativo á organisação bancaria — decreto que devia fazer reviver no Brazil as aventuras financeiras de Law. Esse decreto, polvo gigantesco sahido d'um cerebro *surmené*, teve de ser amputado a grandes golpes, tal foi o alarido que provocaram os cem tentaculos do monstro intromettendo-se em todos os cantos do paiz. Os capitaes fabulosos attribuidos aos bancos creados pela dictadura foram reduzidos a menos de metade; e o grande Banco dos Estados-Unidos do Brazil, gloria do snr. Ruy Barbosa, reduziu a 50.000:000$000 reis o capital de 100.000:000$000 reis que aquelle ministro, com sua assignatura, annunciára á Europa haver sido subscripto em quatro horas. «O decreto bancario de 17 de janeiro, disse o snr. Ruy Barbosa, foi recebido no meio de applausos.» Chegaram os jornaes do Rio; e a Europa verificou que, á excepção de dois jornaes pertencentes a dois ministros, toda a imprensa havia condemnado essa extravagancia financeira. O systema Ruy Barbosa é o mais singular dos systemas bancarios que este seculo tem visto. O eminente economista Paul Leroy-Beaulieu estudou comparativamente no *Économiste Français*, de 22 e de 29 de março, o Brazil financeiro e a Republica Argentina. O sabio francez diz do Brazil, sob o dominio financial do snr. Ruy Barbosa:

«O Brazil tinha abusado menos do credito, o seu desenvolvimento era mais lento; e a sua situação seria menos grave se não tivesse havido mudança de governo e, sobretudo, se o Governo Provisorio não espantasse cada semana o mundo pelas resoluções as mais phantasticas e extravagantes (*abracadabrantes*) no que diz respeito aos bancos e aos monopolios.

«Os males do Brazil foram complicados por uma crise politica. Parece que no Brazil estão vendo as coisas em ponto demasiado grande. Fundam-se bancos com o capital de 200 milhões, de 300 milhões de francos, e mesmo mais, e esquecem-se, no Brazil, que o Banco de França não tem mais de 182 milhões de capital, e que a nossa segunda instituição de credito tem apenas 100 milhões de capital realisado. Um paiz como o Brazil não saberá o que fazer de bancos com capital de 200 ou 300 milhões. Estes estabelecimentos gigantescos deixam de ser bancos; elles não podem remunerar os seus capitaes pelas operações normaes e proprias dos bancos, isto é, pelo desconto, pelo desempenho do papel de caixa do commercio, servindo de transmissores de capitaes por conta alheia, e fazendo emissões em nome de terceiros. Estes bancos de capital enorme tornam-se necessariamente os *factotum* das tarefas e das emprezas as mais diversas e as mais aleatorias; emprehendem tudo ao mesmo tempo; tornam-se agricultores, industriaes; e vão ao encontro fatal das maiores difficuldades. Um banco, um verdadeiro banco, não é coisa feita para a utilisação industrial ou commercial dos recursos de uma provincia; essa é a missão das differentes Sociedades anonymas agricolas, industriaes ou commerciaes, cujo papel, de praso curto, o banco póde descontar com prudencia e discrição, e a cujas emissões de obrigações póde ainda o banco prestar o seu concurso sem comtudo, commetter a imprudencia, que logo seria castigada, de ligar o seu destino á sorte d'esses negocios.

«É também preciso (continúa o grande escriptor), que a dictadura cesse o mais depressa que fôr possivel no Brazil. Um Estado, como a Russia, póde viver debaixo de um governo absoluto, regular, porque tem uma organisação tradicional, e toda a

circumspecção e seriedade de uma administração bem baseada. Um Estado, porém, não póde viver por muito tempo sob uma dictadura improvisada, nas mãos de uns militares que não estando ligados por precedente algum, nem contidos por fiscalisação alguma, têm a mania de tudo innovar, ao acaso, ou sob a inspiração de concepções phantasiosas, bem ou mal deduzidas de uma escola philosophica.»

O sabio economista, se conhecesse o modo pelo qual foi fundado o Banco dos Estados-Unidos do Brazil, não se limitaria a essas observações de uma justiça absoluta. O ministro confiou a uma banda de flibusteiros da finança todos os escandalosos privilegios de que ficou investido esse banco. A lista dos subscriptores apresenta nomes de individuos que não possuem nem a millionesima parte do capital que assignaram; e o applauso telegraphado para a Europa foi decerto o d'essa gente que, á sombra do snr. Ruy Barbosa, queria ganhar dinheiro vendendo os titulos que lhe tinham sido dados, titulos cujas entradas elles não tinham os meios de fazer, mas cuja venda lhes parecia segura porque o snr. Ruy Barbosa, pelos favores accumulados sobre o banco, tornava certa a alta d'esses titulos. Um jornal publicou a lista d'esses accionistas suspeitos [1]. E apesar de todas as

[1] O BANCO DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL

FINANÇAS DO SNR. RUY BARBOSA

Lista dos principaes accionistas do Banco dos Estados-Unidos do Brazil

promessas, tal é o descredito da dictadura, que esses titulos ficaram, e ainda estão, sem cotação na praça do Rio de Janeiro. A dictadura não ousou ainda fazer baixar um decreto obrigando o capitalista a comprar por bom dinheiro e com premio os titulos que os amigos, socios e collegas de redacção, tinham obtido de graça.

A gente que o cercava, que o lisongeava para fazer valer a influencia do «poderoso amigo» [1], e ajudava a injuriar a monarchia cuja politica elle sempre defendera quando deputado, (pois o snr. Ruy Barbosa foi sempre deputado ministerialista e até *leader* do ministerio escravocrata do snr. Martinho Campos, sendo opposicionista na camara somente de 6 de maio de 1885 a fins de setembro do mesmo anno); a confiança illimitada do Dictador que, em signal de apreço, o havia declarado seu herdeiro em caso de morte, transmittindo-lhe a dictadura como se tratasse de uma propriedade particular; as costumadas *manifestações* que no Brazil todo o ministro recebe dos seus subordinados e dos que dependem do seu ministerio [2]—tudo isto deslumbrara o financeiro da dictadura. Nada lhe parecia impossi-

[1] O snr. Ruy Barbosa tinha como secretario e nomeou fiscal da emissão de um banco um individuo que a camara municipal do Rio tinha despedido d'entre os seus empregados, por desvio de dinheiros municipaes. O Marechal Deodoro ordenou ao ministro que se desfizesse d'esse collaborador e foi obedecido, cessando assim o contacto official entre o dito individuo e o ministerio da fazenda.

[2] Os jornaes publicaram o seguinte, com a assignatura da gente do banco dos Estados-Unidos do Brazil:

Manifestação de apreço ao conselheiro Ruy Barbosa

«Tendo-se resolvido adiar a reunião convocada para o dia 25, por ser dia santificado, a commissão abaixo assignada convida a reunirem-se, no dia 2 de abril proximo no salão do club de engenheria, ás 3 horas da tarde, todas as pessoas que receberam listas para agenciar os donativos em favor da manifestação projectada ao eminente cidadão dr. Ruy Barbosa. — *Francisco de Paula Mayrink*, presidente; *Manoel José da Fonseca*, vice-presidente; *Carlos Augusto de Miranda Jordão*, thesoureiro; *Luiz Plinio de Oliveira*, 1.º secretario; *Paulo Ferreira Alves*, 2.º secretario.»

Dias antes da revoluçao o commercio do Rio tinha votado uma estatua ao visconde de Ouro Preto.

vel. Ficou mesmo assentado que o retrato do snr. Ruy Barbosa figuraria nas novas notas do banco, facto que lembra o que se passou entre Rosas e a Honrada Sala dos Representantes, em 1840, quando essa corporação luctava com o Dictador Argentino, acclamado *Gran Mariscal*, para que elle consentisse em que a sua effigie fosse cunhada nas moedas da Republica Federal.

O clamor dos direitos e dos interesses offendidos cresceu porém terrivelmente; e o ministro teve de deixar cahir aos pedaços o seu famoso decreto e o seu estupendo banco, cujo capital, de reducção em reducção, chegou á metade nominal da quantia primitiva, a uma tenue sombra de banco, sustentado á força de sacrificios pelo Thesouro Nacional. Robert Macaire anda por isso de crista cahida.

Cedamos n'este ponto a palavra a um jornalista brazileiro, que qualifica a sobrevivencia d'esse banco de *Magica Financeira:*

«A leitura do balancete do Banco dos Estados-Unidos do Brazil, publicado ante-hontem, produz uma tal impressão, que se chega a pensar que o que alli está é um escarneo feito ao bom senso publico, ou então que aquillo é obra dos inimigos occultos, a que tantas vezes se refere o *Diario de Noticias*, que andam á espreita de occasiões para comprometter o nosso credito na Europa.

«N'estas questões de dinheiro não é licito andar a inventar modas; e se as circumstancias de momento, as influencias de meio, para que tanto se tem appellado, permittem que até certo ponto se modifique o que é aceito e assentado no mundo inteiro; se permittem que, em vez de exigir augmento de garantias, como se faz nos Estados-Unidos, se diminua aquellas que mesmo as nossas leis anteriores exigiam; não se deve levar o favor a ponto de consentir que, com o capital de um banco, se faça o milagre que fez o Christo com o pão e o peixe.

«Pelo que se sabe, o Banco dos Estados-Unidos, que se instituiu com o capital de 100.000:000$000 de reis, e que ainda o annuncia, apesar de ter sido reduzido por decreto a

50.000:000$000 reis, só chamou uma entrada de 10 %, isto é, 10.000:000$000 reis; é esta a cifra que consta do recibo de deposito passado pelo Banco de Credito Real. De então para cá, não se fez outra chamada, nem as acções obtiveram cotação na praça, porque para isso era preciso que tivessem 20 % realisados. No entanto, o balancete publicado diz no activo que o saldo de entradas a receber é de 60.000:000$000 reis, como se 40.000:000$000 reis tivessem sido recebidos.

«Evidentemente, estes 40.000:000$000 reis figuram no balancete para explicar o deposito de apolices no Thesouro, no valor de 39.321:000$000 reis, apolices sobre as quaes o Thesouro já entregou ao Banco notas em igual valor; mas n'este caso, o que se devia lealmente dizer não era que os accionistas tinham realisado entradas no valor de 40.000:000$000 reis, o que é evidentemente inexacto, mas sim que o Thesouro fez ao Banco mais este novo favor, de não inquirir da procedencia das apolices que elle deposita, de não querer saber se ellas estão pagas por quem quer que seja, ou foram compradas a praso, para serem pagas com as notas emittidas, e de permittir que o Banco, emittindo notas sobre o valor das apolices que deposita, venha a emittir realmente o quadruplo do seu capital realisado.

«E como se isto não bastasse, ainda figura no passivo do Banco a verba de 13.579:679$170 reis de credito que lhe fez o Thesouro; isto é, o Thesouro emprestou ao banco mais tres mil quinhentos e tantos contos do que é o seu capital realisado. Este, que, como dissemos, é de 10.000:000$000 reis, responde por 23.503:000$000 reis de notas já emittidas, isto é, mais do duplo do seu valor, e o Thesouro já lhe deu o direito de emittir até o quadruplo.

«Temos visto sustentar pelos defensores anonymos do banco a estranha theoria de que o Thesouro nada tem que vêr com o modo por que este obtem as apolices; desde que ellas estão no Thesouro, a emissão está garantida. Perfeitamente quanto aos portadores das notas, que apenas perderão a differença entre o preço por que ellas forem compradas e o par, ou

a differença entre este e o preço por que ellas forem vendidas; mas de onde sae o dinheiro para pagar as apolices? dos accionistas? mas a responsabilidade d'estes cessa desde que as contas sejam approvadas, segundo a nova lei de sociedades anonymas, e quando não cessasse, quem leu a lista nominal d'elles deve lembrar-se que cêrca de dois terços não póde responder pelo compromisso que assumiram.

« Não se trata de um estabelecimento qualquer que, se fizer maus negocios, será o unico a soffrer. O Banco dos Estados-Unidos foi creado em virtude da reforma financeira, planeada pelo snr. ministro da fazenda, e em suas transacções está envolvido o credito do Estado.

« Nunca, em parte alguma do mundo, se permittiu que um banco emittisse sobre titulos de divida publica mais do que o valor nominal d'elles; em toda a parte em que funccionam taes estabelecimentos, na America do Norte, onde estas coisas sao tomadas a serio, e onde ainda assim têm havido consideraveis fracassos, a emissão é inferior ao valor nominal dos titulos, e o numero d'estes inferior ao capital realisado; aqui passou-se sobre isso, permittiu-se que o banco emittisse até o valor nominal dos titulos; mas o que não se permittiu expressamente e está sendo tolerado de facto, é que a emissão seja tantas vezes superior ao capital realisado quantas o permittir o jogo de escripta de dois ou tres bancos, que se associaram para fazer estas multiplicações phantasticas de dinheiro, inundando a praça com as notas representativas d'essa magica financeira.

« Que ao menos isto se regularise, e que um decreto declare terminantemente que não ha proporção a guardar entre o capital do banco privilegiado e a sua emissão, e que com os seus dez mil contos, depositados no Banco de Credito Real do Brazil, o Banco dos Estados-Unidos póde emittir cincoenta mil, até que se lhe permitta emittir cem mil ou mais.

« Uma vez iniciado este systema de fabricar dinheiro, nao ha razão para que se pare, e quem vier atraz que feche a porta.

« Sómente, parece que toda a gente anda esquecida de que na Europa os crédores do Estado, os crédores de hontem, que

são tambem os homens com quem contamos hoje e ámanhã para nos podermos desenvolver, sabem lêr cifras, e é de crer que interpretem mais severamente do que nós o fazemos as irregularidades extravagantes denunciadas por este balancete [1]. »

O que acima fica dito mostra a espantosa organisação bancaria creada pela dictadura. Nos tempos da liberdade parlamentar no Brazil, um ministro que tão caprichosamente dispuzesse assim do dinheiro do Thesouro cahiria debaixo da condemnação inevitavel da representação nacional. Hoje, supprimida a liberdade e installado o absolutismo, não ha recurso algum contra um ministro cujos actos, pela sua inconsequencia, seriam somente do dominio do theatro comico se alguns d'elles não roçassem pelo codigo criminal. A dictadura póde suster a execução das leis, deixar de lado o codigo. Não póde porém conter a risada universal.

Infelizmente, nem essa hilaridade póde ser permittida desde que se reflicta sobre os males que freneticamente vai causando ao paiz a inconsciencia dictatorial. A dictadura, que detem brutalmente a marcha progressiva do paiz, ainda mesmo sem os decretos bancarios do snr. Ruy Barbosa, arruinaria as finanças brazileiras pelo augmento de despezas feitas sem calculo, sem orçamento, sem regra, sem limite — e não ousamos dizer sem auctorisação legislativa, porque escarneceriam de nos os defensores interessados do absolutismo dominante. As pensões a militares e, de vez em quando, a alguns civis, enchem columnas e columnas do *Diario official;* as commissões a amigos tanto no Brazil como no estrangeiro, as gratificações, as aposentadorias, succedem-se sem conto. Nos Estados, os governadores, depois de dissolvidas as assembléas provinciaes, lançam impostos indiscriminadamente. As camaras municipaes eleitas foram substituidas por intendentes nomeados pelo go-

[1] *Gazeta de Noticias* de 10 de abril.

verno; e estes funccionarios decretam impostos novos. Assim está no Brazil obliterada a noção primordial do governo entre os povos civilisados, isto é — de que só o povo, por meio dos seus representantes, tem a faculdade de crear impostos!

A dictadura não se limitou no Brazil a atacar a liberdade do pensamento, e a apoderar-se da fazenda publica com detrimento do credito e da fortuna nacional. A usurpação do poder, por meio da revolta da tropa, teve como consequencia o desprestigio do direito e a insolencia da força — da força com todos os delirios que lhe dá a consciencia da propria injustiça.

A liberdade, a dignidade das pessoas não tem sido mais respeitada do que a expressão individual do pensamento e o dinheiro dos cidadãos.

Não recordaremos as barbaridades do Maranhão, mencionando o facto do governador de Sergipe mandar prender cincoenta e duas pessoas, mettel-as no vapor *Estrella*, e deportal-as para o Rio de Janeiro, onde ficaram presas a bordo [1]. Diariamente, no Rio de Janeiro e no interior occorrem casos de insubordinação, de violencias e de brutalidades praticadas por soldados contra cidadãos desarmados. Os soldados invadem os carros publicos e n'elles transitam armados sem que os conductores ousem pedir-lhes o preço das suas passagens; frequentemente insultam os passageiros; esses insultos por vezes partem dos officiaes. Não ha um só jornal do Rio de Janeiro que não traga noticia de alguma altercação em que o militar figura sempre como provocador, e d'onde o civil sae brutalisado, espancado, muitas vezes preso. Os superiores, como observa o *Diario da Manhã*, de Santos, nos ultimos dias de março, dão sempre razão aos seus subordinados — o que não faz senão augmentar a insolencia do soldado, seguro assim da impunidade.

[1] *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *Cidade do Rio*, *Democracia* de 28 de março.

Aquelle jornal faz esta dolorosa observação, ao noticiar que um cidadão tinha ido ao escriptorio da redacção mostrar as feridas e contusões que, a golpes de espada, lhe fizera um soldado, de quem a victima se fôra inutilmente queixar ao commandante. A leitura dos jornaes da provincia revela mil factos [1] de indisciplina, de que poderiamos fazer uma longuissima lista, provando que o mais claro dos direitos conferidos ao cidadão brazileiro pela dictadura é o direito de ser impunemente espancado. As rixas succedem-se ás rixas e aos disturbios; as tropelias da policia associada aos soldados aterrorisam a população pacifica; e nunca os jornaes que noticiam os crimes podem accrescentar que o criminoso foi preso. O soldado domina tudo, a começar pelos seus superiores que não ousam pôr cobro aos desatinos de uma insubordinação que vai fazendo em pequeno o que alguns chefes fizeram em grande, iniciando no Brazil o *pronunciamiento* militar.

IV

Será preciso mais uma vez resumir os factos caracteristicos da situação do Brazil?

Vimos que a liberdade de pensamento está coacta na sua expressão; que a fortuna publica está á mercê de todos os azares de um governo que a ninguem presta contas; que a lei suprema da segurança individual é desrespeitada pela violencia militar.

Accusar estes males, lamentar essas desgraças, não é desacreditar o Brazil. Os que desacreditam o seu paiz são os que perpetram actos capazes de dar ao estrangeiro e á posteridade uma idéa atroz da civilisação brazileira no seculo XIX. Um *pronunciamiento* militar é para a reputação de um paiz serio a

[1] Vid. *Gazeta de Noticias* de 8 de abril.

maior desgraça que lhe póde advir. Para os povos de civilisação adiantada, mesmo na America Latina, para o Chile e para a Republica Argentina, de hoje, esta simples menção de — revolta militar — é intoleravel. A Hespanha envergonha-se dos seus *pronunciamientos;* e hoje, na Europa, apenas entre os pequenos estados semi-barbaros dos Balkans uma revolta militar é possivel.

A concentração de todos os poderes nas mãos de meia duzia de individuos, renovando o absolutismo, n'um paiz que já tivera o constitucional representativo, é um retrocesso fatal na civilisação politica.

Os responsaveis por essa usurpação são os que na verdade desacreditam a sua patria; e não o fazem por palavras, que afinal são palavras, mas por actos proclamados ao mundo inteiro. Graças a esses homens, o patriotismo brazileiro nada terá que responder quando algum estrangeiro equiparar o Brazil aos peores e aos mais desacreditados dos paizes hispano-americanos. Os que protestam contra as monstruosas anomalias do absolutismo pseudo-republicano, não desacreditam o Brazil: os sectarios da dictadura militarisada esses são os grandes diffamadores e os destruidores do bom nome da patria.

Sem armas e tranquillo, o brazileiro vivia á sombra das leis. O que poderia elle fazer quando uma parte do exercito resolveu servir-se, contra a liberdade, das armas recebidas da nação para defeza da honra nacional e das livres instituições juradas? Um povo todo entregue aos trabalhos da paz não póde reagir contra a força armada. Qualquer povo da terra soffreria a mesma violencia supportada pelos brazileiros no dia em que lhe foi imposta a dictadura por um exercito que, de boa fé, julgando fazer a republica, não estava senão a crear o despotismo. Os directores do exercito, installados no Rio de Janeiro, deixaram-se logo deslumbrar pelas vantagens pessoaes que entreviam na revolução, e dando-se logo a si todas as promoções e todos os altos postos, enganavam as provincias para onde telegraphavam que o Imperador partira recebendo cinco mil contos, e que o rei de Portugal e o Papa tinham mandado

comprimentar o dictador Deodoro [1]. Os republicanos, que conduziram um general á dictadura dizem hoje, cheios de si, que os *militares foram o braço mas nunca a cabeça, que creou o movimento do dia 15* [2]. A acclamação da dictadura não podia ser impedida pelo povo; e a verdade é que a maioria do exercito não a póde approvar. No Rio Grande do Sul, um dos mais brilhantes e bravos officiaes do exercito brazileiro, o coronel Manoel Luiz da Rocha Osorio, herdeiro da tradição gloriosa do general Osorio, exprimiu-se com toda a patriotica altivez do soldado que comprehende a sua missão n'um paiz culto e livre. Eis o que elle diz no final da Ordem do dia de 18 de novembro ao entregar ao seu successor o commando da fronteira de Bagé:

«N'este momento, e em face dos acontecimentos politicos que tiveram logar no Rio de Janeiro no dia 15, devo tambem á guarnição de Bagé uma solemne declaração que guardarei

[1] Vid. jornaes do Rio Grande do Sul e do Pará, da segunda quinzena de novembro.

[2] *Vida Fluminense*, transcripção da *Gazeta de Noticias* de 13 de março. Diz mais esse artigo, escripto antes de 29 de março, data do segundo decreto contra a imprensa:

«O que tem havido desde o dia 15 de novembro é outra coisa muito differente de republica, da boa e honesta republica que ambicionavamos.

«O ideal republicano está falsificado, cruel e atrozmente falsificado, e a republica não existe.

«Por emquanto, o que tem havido são scenas quasi burlescas de promoções por acclamação, antecipadamente preparadas com todos os *ff* e *rr*.

«Eis o que tem sido a republica até hoje.

«Não, senhores, definitivamente não é sério o que se faz, e nós temos o direito de procurar a republica, porque a republica não existe, porque a republica não se fez.

«O que se fez foi um arranjo de familia, que é preciso acabar a bem da moralidade administrativa e publica.

«Não é com acclamações, nem com accusações injustas a este povo de carneiros, taxando-o de ingrato, como fez o snr. ministro da guerra, que se reorganisa politicamente uma sociedade.

«O que se tem feito até agora nada mais tem sido que promoções de militares, *que foram o braço, mas nunca a cabeça, que crearam o movimento do dia 15.*»

como um compromisso sagrado: se o exercito e a armada, no posto de honra em que se collocaram, em logar de esperarem o santo e a senha dos nossos concidadãos, tiverem a anti-patriotica pretensão de governar a Patria querida pela força dos seus canhões, das suas bayonetas e das suas lanças, o coronel do 5.º regimento de cavallaria, deixará de ser soldado para ser cidadão [1].»

Para honra do exercito do Brazil póde-se affirmar que estas nobres palavras hão de encontrar echo entre os defensores da patria brazileira. A dictadura não ha de ser eterna. Rosas dominou em Buenos-Ayres de 1829 a 1851. Mas n'essa data o exercito brazileiro destruiu o poder do Gran Mariscal.

O Brazil não soffrerá por tanto tempo a confiscação da liberdade constitucional pela dictadura.

Tomada a situação tal qual a violencia a creou a 15 de novembro, aceita a suppressão da monarchia por toda a parte, como não se cansa de proclamar o Governo Provisorio,—para que serviria com effeito a prolongação da dictadura?

A immediata consulta á nação seria o primeiro dever dos responsaveis pela revolução.

Mas o Governo Provisorio desde logo repelliu a idéa de entregar o poder aos representantes do paiz. Alliado á classe militar, o partido republicano não quiz organisar um governo nacional. Quiz organisar um syndicato: o exercito entrou com a força, o partido republicano entrou com o seu pessoal de escriptores capazes de redigir decretos, de ter idéas novas, etc. etc. Os lucros, isto é, os empregos, os postos elevados, as commissões, os ordenados, as honras são proventos divididos entre os dois socios. A maioria da nação limita-se a pagar.

O que esperar d'esta organisação? Os dois socios terão um dia de divergir. Os despojos a dividir têm um limite; os appetites, porém, não conhecem medida. Terá o exercito a parte do leão, porque afinal elle é a força?... Póde ser tambem que

[1] Nenhum jornal do Rio de Janeiro transcreveu dos jornaes do Rio Grande esta Ordem do dia.

outra fabula venha a realisar-se: a do cavallo que querendo vingar-se do cervo se deixou cavalgar pelo homem. O caçador correu o cervo e matou-o; mas o cavallo ficou escravisado. O exercito, para vingar-se dos ministros da monarchia, prestou-se aos desejos dos republicanos; corridos os ministros e morta a monarchia póde ser que a astucia vença a força, e que o exercito, domado e domesticado, seja tratado pelo partido que d'elle se serviu para ganhar o poder, como o cavallo é tratado pelo homem.

Emquanto não se desenlaça a situação, o estado do Brazil é bem lamentavel, sobretudo bem incerto!

Só o Sultão de Marrocos, segundo publicam os jornaes do Rio, parece estar bem informado das tendencias da dictadura, naturalmente sympathica ao seu coração sultanesco. Nos ultimos jornaes lê-se a carta pela qual, em nome de Sua Magestade Cherifiana, o vizir Mohammed el Meddel ben Mohammed el Gharrit reconhece o governo do poderoso generalissimo Deodoro da Fonseca. O vizir barbaresco abraça o dictador brazileiro sentindo n'elle um irmão. Só Deus na verdade é grande!

Frederico de S.

O NORTE MARITIMO

(NOTAS PARA UMA HISTORIA)

Memoria apresentada na sessão da Sociedade de Instrucção do Porto de 3 d'abril de 1389, em honra do infante D. Henrique

> «Maravilhosas cousas som os feitos do mar, e assinadamente aquelles, que fazem os homeẽs em maneira d'andar sobre e per mestria e arte, assy como nas naos, e gallees, e em todolos outros navios mais pequenos».
>
> *Ord. Aff.*, liv. I, tit. LIV, pr.

Nomeando-se o infante D. Henrique, acode-nos naturalmente á lembrança a grande epopêa das emprezas maritimas de Portugal.

Como se formou esta nacionalidade, é bem sabido de todos nós: originada não pela attracção d'uma mesma raça nem pelas condições identicas de terreno, ella foi pelo contrario o resultado d'uma conquista.

Subjugado pelos arabes o imperio visigotico, levantou-se immediatamente nas serranias das Asturias a reacção contra o dominio africano. Affonso I (739-757) reconquistou todo o canto do noroeste; na borda occidental, logo nos primeiros annos do seu reinado, as armas victoriosas d'elle expulsaram de vez os africanos até ao Vouga e chegaram provavelmente até ao Mondego, ficando comtudo incerta por largos tempos a soberania da região entre os dois rios. Mas pelo Vouga fixou-se desde então a linha do dominio neo-godo: ao norte d'elle deram-se depois

muitas e terriveis incursões; mas jámais se poderam aqui estabelecer os estrangeiros como soberanos, augmentando sempre a população galaico-sueva, por si mesma, sem mistura de colonias agarenas.

Tendo succedido a conquista arabe no primeiro quartel do seculo VIII, antes do meado do IX existia já ao sul do rio Minho a *provincia portugalense*, differenciada da Galliza. É nomeada em 841 por Affonso II — «totius Gallæciæ seu Portugalensi Provintiæ summum suscipiat Præsulatum» [1]. Mas esta differenciação não indicava, como todos sabem, nenhuma diversidade ethnica entre os portugalenses e a outra gente do noroeste: ella foi sim motivada por necessidades administrativas, como dizemos hoje.

A provincia, governada por condes, permaneceu sempre dependente da corôa da Galliza, até que Henrique de Borgonha e depois o filho a desmembraram d'ella, lançando os seus homens d'armas na conquista d'uma tira da Lusitania de Augusto, habitada então (seculo XII) por povos já diversos dos antigos; pois se os galaicos eram proximos parentes dos Lusitanos antes do dominio sarraceno, as muitas colonias de povoação de origem extra-europêa, introduzidas durante elle ao sul do Vouga, alteraram profundamente a ethnographia anterior, pela infusão ahi do novo sangue oriental.

Portugal constitue-se pois com dois retalhos dos povos peninsulares; — ao sul do Vouga com um fragmento da Espanha musulmana, ao norte com uma fracção da Galliza [2].

D'esta ultima partiram os batalhadores que conquistaram a cinta do littoral, occupada depois pela nação portugueza, á qual elles, os nossos avós d'entre Vouga e Minho, impuzeram igualmente a sua linguagem gallega.

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XI, ap. XVI, pag. 378.

[2] A estas duas áreas ethnographicas correspondem duas zonas glotologicas bem definidas; diz o snr. Vasconcellos Abreu: «O reino divide-se, relativamente á gradação cuantitativa das vogais, em duas rejiões glotologicas; n'uma, ao norte, ha vogais longas, noutra, ao centro e sul, não ha vogais longas por sua natureza.» *Rev. Lus.*, 1.º an., vol. I, pag. 32.

Effectuada porém a conquista, as circumstancias geographicas do territorio adquirido fizeram mudar o centro politico que se foi deslocando successivamente desde Guimarães até Lisboa. Com a primeira dynastia emigraram tambem fidalgos e cavalleiros, a classe dirigente e superior, da qual se originou a primeira nobreza da nova côrte, ficando em grande parte abandonados os antigos e pequenos solares neo-goticos.

O primitivo condado, condemnado pela situação excentrica, perdeu toda a preponderancia anterior: nem por isso deixou de ter ou talvez por esse mesmo motivo conservou a sua vida propria e distincta, em face das outras gentes *nacionaes*. Em todo o caso, elle, que tinha sido o conquistador, desceu politicamente nas occasiões normaes a um plano inferior, tornando-se por fim decididamente predominantes na direcção dos negocios os homens do sul.

Mas por uma occurrencia fortuita bem singular, se nasceu no norte o audacioso lidador que lançára os fundamentos da pequena nação heterogenea, n'esta mesma região nasceu o propulsionador das navegações que vieram a dar-lhe — a ella, uma certa cohesão e apparencia de vida commum, sem as quaes não poderia ter subsistido; filho do Porto pelo seu nascimento, elle tambem — o neto de «hũa dona natural de Galiza que chamarom dona Tareja» [1], não se póde julgar totalmente estranho á sua raça.

Aqui pois, onde a navegação tinha já deitado profundas raizes, com uma longa historia positiva, entremeada, é certo, de legendas maravilhosas [2], n'esta cidade, com um activo trafego maritimo, flanqueada de portos com grande movimento commercial, nasceu o infante D. Henrique em 1394.

Posto que pelo sangue se prendesse por um laço á população do noroeste, elle seguiu comtudo a corrente estabelecida desde o principio da monarchia, fixando no extremo sul a séde das suas gloriosas expedições. Partem de lá os primeiros na-

[1] Fern. Lopes, *Chron. de D. Pedro I*, cap. 1.

[2] Fr. de Sousa, *Tratado das Ilhas Novas*, etc. (2.ª ediç., Ponta Delgada).

vios exploradores; mas pouco tempo depois Lisboa absorve tudo.

Á grande cidade affluem, com aventureiros de todas as procedencias, as maravilhosas riquezas trazidas pelos galeões; com os chefes e soldados vêm as mercadorias exoticas e os escravos destinados aos serviços ordinarios.

Este fausto asiatico, que fazia reviver nas margens do Tejo, no centro e sul a sociedade oriental anterior á conquista affonsina, preoccupava elle só a attenção dos contemporaneos.

Das provincias do norte ninguem falla; situadas n'um canto extremo do territorio, longe d'esses esplendores, improprios do seu genio e raça, ellas continuam recolhidas como d'antes, trabalhando e produzindo boa parte da força que vai ser dispersada agora aos quatro ventos pelo mundo fora. Mas dos ricos e fortes elementos da sua vida se aproveitará o infante D. Henrique, assim como os reis continuadores da obra d'elle, fazendo-os convergir nos descobrimentos.

Portugal, que se fizera no campo das batalhas, era um paiz armado; a sua admiravel organisação militar medieval [1], se lhe permittiu sustentar e defender a independencia politica, permittirá agora esse prodigioso feito d'armas—as navegações e conquistas dos seculos XV e XVI.

Não faltará n'esta assembléa quem relate com erudição e eloquencia os fastos do instigador d'ellas: mas tal obra não teria sido nunca uma realidade, se o infante e os seus continuadores não encontrassem na pequena nação os materiaes do grandioso edificio. O norte, ponto de partida, contribuiu tambem para a estructura d'elle, ajudando a levantal-o com esforços incessantes. Indicar a contribuição prestada não carecerá absolutamente de interesse historico; será este o assumpto da minha memoria;—fosse ella ao menos sufficientemente comprehensiva! Infelizmente não me é possivel fazer uma historia completa, como era de desejar; nem tão pouco o ensejo seria opportuno. Contentar-nos-hemos portanto com um esboço a largos

[1] A. Herculano, *Opusculos*, VI, III, pag. 305-322.

traços até á expugnação de Ceuta: depois, no periodo épico, mencionarei alguns factos e os nomes dos nossos conterraneos mais distinctos que deixaram lembrança de si, lançando-se n'essas perigosas navegações ou percorrendo as terras novamente descobertas.

*
* *

Muito antes da fundação da monarchia, todos os nossos portos têm uma historia; bem triste, quantas vezes! Por elles se faziam as entradas dos normandos e agarenos, sobretudo as dos ultimos, depois que a espada victoriosa de Affonso I, das Asturias, os expulsou no seculo VIII do norte do Vouga. O maior numero das aggressões d'elles effectua-se então por via maritima; as galés, entrando pelas barras e subindo pelos rios, levam a devastação ás terras visinhas; tornam incertas as culturas e arruinam os cultivadores.

Por effeito d'estas descidas na foz do rio Minho «per quod Sarraceni & Normani frequentius solebant entrare» [1] a cidade de Tuy foi amiudadamente saqueada: durante certo tempo abandonou-a toda a população, e os bispos tiveram de se refugiar n'um mosteiro da serra da Labruje [2] (Conc. de Ponte do Lima). Acoitados na montanha, a coberto do rio, de lá governaram a diocese emquanto durou tal situação.

Acontecia o mesmo á borda do Douro, impedindo essas entradas a restauração do Porto. A povoação, sabemos, existia desde os suevos: Rechiar, vencido por Theodomir, fugiu, diz Idacio [3], «ad locum qui Portucale vocatur». Veio posteriormente, por 716, a conquista arabe; o logar ficou destruido pelo praso aproximado de trinta annos, ao cabo do qual o grande rei asturiano abateu d'um só golpe o dominio estrangeiro de vez até ao Vouga e por muito tempo até ao Mondego.

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XXII, doc. II, pag. 250.
[2] *Ibid.*
[3] *Cronicon*, an. 456 (*Esp. Sagr.*, tom. IV, ap.).

Todas as tentativas de reconstrucções urbanas perto do mar ou nas margens dos rios navegaveis naufragavam n'este grande escolho. Os arabes não demoravam longe; elles vinham facilmente pelo oceano; estando as barras sem guarda, a população tinha de abandonar as localidades mais apropriadas ao commercio; por força se havia de fixar longe d'ellas, em sitios onde só podiam chegar as grandes e mais raras incursões por terra.

A defeza no interior attrahia principalmente n'esses tempos a attenção de nossos avós. Em todo o caso, no principio do seculo x existiam já embarcações no Douro, segundo refere um documento do anno de 922. Por este tempo Ordonho II mandou apparelhar *naues*, para fazer uma visita por via fluvial, ao bispo Gomado, resignatario da diocese de Coimbra, retirado então no mosteiro de Crestuma; diz a escriptura:—«ipse rex... *excitabit naues* in portugale cum suos comites lucido uimarani et roderico luci et sui episcopi fuerunt *nauigio* eremitam uisitare ipsum episcopum» [1]. Não era todavia coisa recente a navegação do Douro: pelo contrario seria bem frequentada, pois que o rei n'essa visita entre outras doações concedeu ao mosteiro o *nabúlo* ou *nabam* e o *portatico*, impostos que se pagavam em todos os desembarcaderos do rio desde *Aliouirio* (Aljuvirio? [2]) até á Foz—«dedit ipse rex et ipsi comites *nabulum* et *portaticum* de dorio in die sabbati de portu aliouirio et per totos illos portus usque in illa foce de durio ubi cadit in mare» [3]. A navegação, a pesca e as construcções eram factos correntes. Infelizmente o laconismo do texto não nos deixa perceber que especie de embarcações seriam essas designadas pela palavra *naues:* mas pelo menos ficamos sabendo que n'esta época se armavam e construiam no Douro quaesquer vasos de transporte fluvial e talvez maritimo; elles não eram comtudo destinados a combater, nem certamente guardavam a entrada

[1] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. xxv.
[2] Viterbo, *Eucid. verb. nabam.*
[3] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. xxv.

do rio, como se vê do facto occurrido no fim do mesmo seculo, quando Al-manssor emprehendeu a grande campanha de Compostela.

Em 997 entrou no Porto a frota sarracena que trouxe de Alcacer do Sal (Alemtejo actual) parte das suas tropas [1]. O famoso general veio com um troço do exercito por terra; passando por Coimbra, conquistada por elle em 987, e agora por sua ordem já repovoada de sarracenos, atacou e venceu o Porto, reunindo-se aqui com o resto das forças, vindas por mar. Os successos d'esta campanha são bem conhecidos. Al-manssor atravessou a provincia do Minho e parte da Galliza; destruiu Compostela; mas grandes foram as difficuldades que encontrou apesar de se entender com alguns condes gallegos. A terra estava sufficientemente defendida e povoada. Os christãos, em consequencia das suas dissenções politicas, podiam ceder por um instante em face de exercitos numerosos, mas para recomeçar a lucta immediatamente. Na sua volta a Cordova tomou o caminho de Leon.

O Porto ficou comtudo outra vez em poder dos inimigos; a sua população galaica fugiu provavelmente para o interior, como dois seculos atraz já tinha feito, por occasião da primeira invasão arabe. Agora Al-manssor deixára aqui, é de crêr, uma guarnição por causa do valor estrategico do sitio. D'este facto temos talvez uma vaga memoria na tradição referida pelo conde D. Pedro.

Diz o *Livro de Linhagens* [2] que no tempo de D. Ramiro de Leon vieram da Gasconha D. Moninho Veegas, o Gasto, o irmão D. Fernando e D. Nonego com dois filhos — D. Egas Moniz, o Gasto, e D. Garcia Moniz, o Gasto. «Veerom com elle muitos e boos cavalleiros e muitos e boos escudeiros filhos d'algo, e veerom por mar portar na foz Doyro que he antre o Porto e Gaya e em aquell tempo chamarom-lhe a foz Doyro máao, e lidarom hi com gram peça de mouros per muitas vezes.»

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 151 e 381.

[2] No. IV, tit. XXXVI; Ed. *Port. M. Hist.* — *Scriptores*, pag. 316.

Se esta passagem contem a recordação confusa d'um acontecimento verdadeiro, ella parece pelo menos errada quanto á designação — « em tempo delrrey Dom Ramiro de Leom ». No reinado d'este, o terceiro sem a menor duvida, fallecido em 984 [1]. Coimbra estava ainda em poder dos christãos; portanto os mouros não podiam persistir tão numerosos, como deixa transparecer o texto, nas margens do Douro. Vinham, é certo, em irrupções, mas para se recolher sem demora á sua fronteira. Por 968, uma d'essas chegára até ao coração da provincia: pois Mummadona para defender o mosteiro de Guimaraes construiu um castello n'um monte que o dominava — « persecutio gentilium irruit in hujus nostre religionis suburbium et ante illorum metum laboravimus castellum » [2]. A julgar pelas palavras citadas, a irrupção não fôra grande: mas as circumstancias da época faziam recear o futuro. De facto novos ataques estavam sempre imminentes. Em 987 a cidade de Mondego cahiu em poder d'Al-manssor. Desde esse dia os agarenos podiam demorar-se mais desaffrontadamente vinte leguas ao norte d'ella.

A Ramiro III succedeu Vermudo ou Bermudo II, acontecendo então a terrivel campanha de Compostela. Vencido o Porto, é provavel que Al-manssor deixasse como guarnição a *gram peça de mouros* com que lidaram os cavalleiros alludidos pelo conde D. Pedro. Todavia estes não podiam ser estrangeiros, da Gasconha franceza; os seus nomes, como já observaram Florez e D. Rodrigo da Cunha [3], eram pelo contrario muito usados no noroeste da peninsula.

Feitas estas ratificações, poderá dar-se ao texto uma interpretação razoavel. Os cavalleiros que commandavam o Porto, sendo derrotados, foram por terra a qualquer localidade da Gasconha espanhola, indemne da invasão, pedir soccorros para

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 148.

[2] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. XCVII.

[3] *Esp. Sagr.*, tom. XXI, pag. 41 e seg.; D. Rodrigo da Cunha, *Cat. e Hist. B. do Porto*, I, cap. XV; J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, IV, part. II, pag. 31, 32 e 36.

rehaver o logar perdido. De lá partiram por mar, vindo desembarcar *antre o Porto e Gaya*. Pela barra por onde tinham entrado os inimigos surgiam agora os libertadores, transformando-se o *Doyro máao* em Douro salvador.

A mesma Madona — a Senhora de Vandoma, que deu ao Porto a letra «civitas virginis» em vez de proceder de Vendome, hypothese inverosimil, devia antes ser levada de cá pelos cavalleiros foragidos. Vendome, situada no Cher et Loire, nunca foi capital de diocese nem jámais pertenceu á Gasconha franceza. Mas havendo de tempos anteriores nas margens do rio Sousa um monte chamado *Bendoma* [1] ou *Vendoma*, não repugna a existencia d'uma ermida n'elle, onde houvesse uma senhora por tal motivo assim denominada. Fugindo ao inimigo era natural que os lidadores a levassem, tornando a trazel-a no seu regresso. Modernamente existe ainda com o mesmo nome de Vendoma uma parochia em Paredes.

Não obstante estar já outra vez em nosso poder o Porto e a «terra per rriba de Doyro açima de huma parte e da outra» [2], a barra continuava comtudo sem defeza, patente ás aggressões inimigas. Ainda em 1071 Sancho II e sua irmã Geloira, Gelvira ou Elvira, restabelecendo as sés de Braga e Lamego [3] com prelados residentes, não mencionam a do Porto que continuava a ser governada por arcediagos [4]. Ahi por causa da foz do rio não havia a segurança conducente á dignidade prelaticia.

Dadas estas condições, não admira que partisse da Gallíza a primeira tentativa da organisação d'uma esquadra, como remate da defeza do paiz.

Em 1115, Diogo Gelmires, o celebrado arcebispo de Compostela, percebeu ser este o unico meio de obstar ás depredações das costas do noroeste, saqueadas a cada passo pelos mouros que habitavam as do sul, de SEVILHA a COIMBRA — «... *ab*

[1] *Port. Mon. Hist.; Dipl. et Chart.*, doc. CXLVI (anno 985).
[2] Conde D. Pedro, *Livro de Linh.*, loc. cit.
[3] *Esp. Sagr.*, tom. XVII, doc., pag. 248.
[4] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 237.

Hispali usque ad Colimbriam ».[1] Mandando vir peritos de Genova — « optimi navium artifices, nautæque peritissimi », armou duas biremes, chamadas então *galéas* — « quas vulgus galleas vocat ».

A vinda dos genovezes deixa-nos suspeitar que seria ignorada a arte de apparelhar vasos de guerra, posto que dos outros já houvesse construcções no Douro, como se expôz anteriormente. Elles vieram certamente ensinar a armação por inteiro dos primeiros e o aperfeiçoamento dos segundos.

As duas galéas ou galés fizeram excellente serviço, quer na defeza, quer atacando os mesmos portos inimigos; passado porém pouco tempo perderam-se por incuria dos mareantes do Padron. Tal tinha sido comtudo o proveito auferido d'ellas que nove annos depois o vigilante prelado mandou construir outra, cujo commando entregou a um moço de Pisa, chamado Fuxon [2].

A semente disposta por Gelmires, encontrando terreno adequado, germinou com vigor; a nova planta começou em breve a dar os fructos desejados. Em 1121 havia já uma esquadrilha de barcas no rio Minho; a campanha d'este anno entre D. Urraca e a irmã principiou por um recontro fluvial, ficando vencidos pelos marinheiros do Padron os portucalenses que defendiam nas suas barcas o passo do rio. Não podiam ser estas de somenos importancia: a gente de D. Thereza esperava que ellas não deixariam os adversarios atravessal-o; desbaratadas, fugiu o maior numero, abandonando o campo da infanta [3].

Nos annos immediatamente posteriores encontra-se um progresso constante. Em 1125 D. Thereza concedeu ao bispo de Tuy o privilegio da pesca no rio Minho, dizendo — « nullus habeat navem conductitiam in portu de Tuda exceptis vobis » [4]. E

[1] *Hist. Compostelana*, liv. I, cap. CII.

[2] *Ibid.*, livr. II, cap. LXXV.

[3] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 264-265.

[4] *Esp. Sagr.*, tom. XXII, doc. IV, pag. 257.

em 1169 havia em Vigo cinco barcos de guerra equipados, segundo consta da doação feita n'este anno por Affonso Henriques, quando se apoderou d'uma parte d'aquella provincia, por fallecimento do primo — Affonso VII [1].

Dado tão fecundo impulso, as fozes dos rios navegaveis, do Minho ao Vouga, adquirem provavelmente as suas galéas. Desde então desenvolve-se e enraiza-se cada vez mais a arte de construir e armar em quasi todos os portos portucalenses — industria, cuja primeira noticia averiguada em 922, se perpetuou até nós que a vimos ir diminuindo successivamente, graças á estulta má vontade dos governos de Lisboa, até se extinguir vencida pelos novos steamers de ferro.

Estabelecida uma defeza, mais ou menos effectiva, a população pôde viver com certa segurança junto das barras, começando a prosperar o trabalho do mar — a pesca e navegação.

O occidente da peninsula estava sob o dominio musulmano desde o Vouga para baixo; só até este rio, antes da tomada de Lisboa (1147) podiam refrescar os navios vindos do norte da Europa. Durante quasi quatro seculos (757-1147) os nossos portos e os da Galliza eram o unico ancoradouro e refugio aos navegadores d'aquella procedencia, com os quaes se puzeram em relações seguidas, principalmente depois que começaram as cruzadas (1096).

Essas esquadras surgiam sempre, pelas necessidades da navegação, nos portos da Galliza e nos da nossa costa, sendo estes os ultimos em que os cruzados podiam deitar ancora e provêr-se de mantimentos até ao mediterraneo.

O contacto com os homens do norte e as lições dos genovezes de Gelmires, provocaram um progresso constante e ininterrompido no trabalho maritimo da provincia; a despeito da escassez de noticias iremos encontrando sempre provas incontestaveis da sua prosperidade.

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XXII, doc. IV, pag. 93.

*
* *

Fundada a monarchia portugueza, a sua marinha de guerra nos tempos immediatos, apesar de se ter conservado do reinado de Affonso Henriques a memoria do almirante Fuas Roupinho, era todavia muito insignificante, segundo se crê geralmente.

Serviram-se no principio os reis, para a conquista de Lisboa e Silves, das esquadras dos cruzados. Uma d'estas, a que nos interessa particularmente, tendo partido de Dartmouth (Inglaterra) navegou para o noroeste da Hespanha; ajuntou-se primeiro na foz do Tambre (Galliza) celebrando os cruzados a festa de Pentecostes em Compostela. Descendo d'alli entrou no Douro a 16 de junho de 1147. Demorou-se aqui onze dias á espera do commandante geral — o conde Arnulf de Areschot, separado do resto da frota por um temporal. Aqui descançaram os cruzados e se forneceram de viveres; aqui concertou Affonso Henriques com o chefe a expedição de Lisboa [1].

Após este grande acontecimento poderam então os navios do norte ancorar nas aguas do Tejo; só muito tempo depois, quando a côrte se estabeleceu ahi, se pensou em dispor a marinha de guerra d'uma maneira mais effectiva. Emquanto ella residiu em Coimbra, tudo se resumia n'algumas fustas e pequenas galés que pela pouca calagem podessem subir o Mondego e atracar á cidade [2]. A côrte vivendo n'uma localidade do interior preoccupava-se sobretudo com as conquistas por terra, descurando o desenvolvimento maritimo.

Mas nas costas d'entre Minho e Vouga a marinha mercante progrediu sempre durante os primeiros reinados. No tempo de Sancho II o movimento da barra do Porto era sufficientemente avultado para o rei, na escriptura de concordia de 1238 [3],

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I, pag. 369 e seg.

[2] Fr. Francisco Brandão, *Mon. Lusit.*, part. V, cap. XII.

[3] Incluida na Bulla de Innocencio IV; em J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. IV, part. II, doc. III.

ceder ao bispo e igreja portugalense parte dos impostos, percebidos sobre as mercadorias importadas — « de pannis et de quibuscunque ducantur ad Civitatem Portugalensem, vel Portum Dorii... et si alique merces in portu aliquo de *navigiis* venientibus ad Portum extrahantur et ipsis mercibus sicut de aliis que in eisdem *navibus* defferuntur ad Portugalensem... mando quod nichil faciant (os decimarii — dizimeiros do rei) in *barcis* vel extra *barcas* sine eo (o decimarius do bispo)...» Posto que estas palavras sejam laconicas demais para se avaliar bem a extensão do commercio maritimo, em todo o caso elle não seria de pouca importancia, visto os impostos não só permittirem uma partilha, mas a parte deferida ao bispo entrar na composição como um elemento de valia.

A intensidade d'esse trafego internacional é revelada pelo Decreto [1] de Affonso III de 1253, endereçado aos habitantes do norte — « toti populo a Minio usque ad Dorium ». Este endereço especial mostra que a região indicada constituia n'essa epoca uma unidade economica á parte. Não admira: a sua sociedade tinha já uma longa historia e estava definitivamente formada muito antes da monarchia: no centro e sul pelo contrario a população sarracena não teria ainda assimilhado as instituições introduzidas pelos conquistadores. Ahi as condições da vida seriam diversas e por isso a noticia que o rei *ia quebrar a moeda* não produziria o panico, manifestado logo aqui pela subida anormal de todas as mercadorias. É de crêr que nem lá se vendessem os mesmos objectos: em todo o caso o susto pela *falsificação official* da moeda mostra uma engrenagem economica complicada na região, á qual o rei se dirigia, procurando remediar um mal com outro talvez maior na estipulação «per quanto pretio una quaque res especialiter venderetur a Minio usque ad Dorium».

O Decreto, taxando o preço das differentes mercadorias, traçou um quadro da nossa vida economica do seculo XIII: d'elle se vê, este unico ponto nos interessa agora, que dos nossos por-

[1] *Port. Mon. Hist.; Leg. et Consuet.*, pag. 191 e seg.

tos se commerciava activamente com a Inglaterra, Hollanda, Flandres e França. Em toda a provincia vendiam-se fazendas provenientes d'estes paizes, as quaes eram importadas por via de mar e trocadas por outras, produzidas aqui: tal é a determinação do rei—«mando... quod nullus mercator de extra regnum saquet merchandiam de regno nisi duxerit aliam pro illa que se ualeat cum illa. Et mando... quod merchandia que pertinet ad mercatorem non extrahatur per terram sed tota ueniat ad portus...»

Este commercio com o norte era feito em grande parte directamente pelos proprios burguezes do Porto e por isso devemos suppôr que os navios lhes pertencessem; sabemos que em França andavam muitos portuenses excommungados desde Sancho II, pois pela composição de 1248, o bispo Pedro Salvadores ficou de providenciar sobre a sua absolvição [1].

A venda dos artigos estrangeiros subentendia um trabalho local correlativo, de modo que os productos importados podessem ser pagos por equivalentes de producção interna, sendo os pagamentos a dinheiro prohibidos com todo o rigor. Para obstar á extracção da moeda que se considerava a verdadeira riqueza, faziam-se nos portos os *lealdamentos* [2]. A segunda disposição, prohibindo o transporte por terra, subentendia uma navegação seguida que effectuasse a troca.

E de facto o foral de Gaya, conferido pelo mesmo monarcha em 1255 [3], deixa-nos entrever essa actividade maritima através o seu laconismo proprio de documento medieval. Designando os impostos a pagar quer pelo pescado quer pelos navios que transportassem mercadorias (mercaturas), o foral esboçou a largos traços a industria do mar n'esta época á foz do Douro.

Avaliando pelas suas determinações, a pesca era um trabalho culminante; fazia-se no rio e no mar; na agua dôce pescavam-se as especies actualmente exploradas; no mar acontecia o mesmo, accrescendo ainda a pesca da baleia!! Os pesca-

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. III, liv. VI, pag. 45-46.
[2] Cardeal Saraiva (S. Luiz); *Obr. Comp.*, tom. V, pag. 366.
[3] *Port. Mon. Hist.; Leg. et Consuet.*, pag. 662.

dores não se limitavam a explorar unicamente a costa portugalense: demandando a da Galliza, para onde os levavam talvez as suas relações ethnicas, iam exercer alli a sua industria. Por lá se demoravam muito tempo, pois desembarcavam e tomavam pousadas em terra. Á medida que colhiam o peixe — a pescada, segundo parece, salgavam-na e remettiam-na em *caravelas*. O uso do peixe salgado entre nós, vê-se, remonta a tempos bem antigos.

Quanto ás embarcações, o foral distingue as do rio e do mar — «nauigium de riuo aut de mari». Umas e outras eram muito variadas, como se deve presumir pela diversidade da nomenclatura — *carauela*, *nauigio*, *barca*, *barca seeyra* (saveira?) *burcadus trincatus*, *burcia*, *naues*, *pinatia* (pinaças?). D'estas empregavam-se umas na pesca, outras no transporte das mercaturas; eram as ultimas provavelmente as que traziam as fazendas cujos preços foram taxados dois annos antes.

Para demonstrar a importancia da navegação fluvial no Douro, além do documento anterior existe um outro facto summamente significativo — a violenta discordia entre o rei e o bispo Julião a proposito do local onde seriam descarregadas as fazendas vindas pelo rio. Pretendia o bispo que a descarga se effectuasse na margem direita, cobrando n'este caso os impostos. Affonso III, querendo esses proventos para si e ao mesmo tempo engrandecer a sua povoação de Gaya, mandára fazer o desembarque na margem esquerda. D'este encontro de interesses resultou um grave conflicto que poz em risco a paz geral do reino. As peripecias d'elle não pertencem a esta narrativa: basta notar que só annos depois se liquidou a questão nas côrtes de Leiria, mau grado do bispo, permittindo novamente o rei aos habitantes do Porto o commercio do sal — «objecto de grande monta já n'essa época» que elle lhes tinha prohibido em represalia á mitra [1].

Da foz do Lima temos tambem noticias, relativas a esta época, pelo foral de Vianna [2] (1258-1262). Anteriormente existia

[1] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. III, liv. VI, pag. 29, 35, 36 e 48.

[2] *Port. Mon. Hist.; Leg. et Consuet.*, pag. 690. Veja-se tambem A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. III, liv. VI, pag. 55.

já a povoação cujo assento mudára por estes annos Affonso III, dando-lhe *de nouo* o mesmo nome. Por algumas referencias do foral conhece-se a existencia d'uma pescaria e trafego commercial maritimo. Determinando os impostos que teriam a pagar os pescadores, diz — « pront dare consueverunt in ipsa marina. » N'este ponto seguiu o costume antigo, ficando em vigor o mesmo imposto que d'antes costumavam pagar. Havia ahi tambem um commercio com a França e Berberia, visto o foral taxar as coisas que — « uenerint de partibus francie et de terra sarracenorum ».

Taes são as escassas noticias que até este tempo foi possivel colligir: ellas mostram comtudo que a navegação era uma industria exercida aqui desde tempos remotos.

Volvendo a proseguir na exposição dos factos posteriores, convem referir antes, brevemente, o estado da marinha de guerra nacional n'este periodo.

Segundo Fr. Franc. Brandão [1] deve datar-se do mesmo rei, Affonso III, a organisação d'uma esquadra em Lisboa, apparecendo a primeira na jornada de Sevilha, quando em 1266 Affonso, o Sabio, pediu ao genro soccorro contra os mouros espanhoes e africanos.

Ainda assim devera ser pouco mais de nada, pois o successor d'aquelle — D. Diniz, recorreu aos Genovezes, como Gelmires dois seculos antes. Tendo fallecido o almirante Nuno Fernandes Cogominho, em 1 de fevereiro de 1317 [2] contratou o rei com Micer Manuel Peçanha (de Genova) o commando geral das suas frotas. Por esse contrato o estrangeiro confessou-se vassallo de D. Diniz, cedendo-lhe este o cargo do almirantado para si e seus successores varões, com certas terras e rendas.

Entre as clausulas do compromisso notaremos: 1.ª que « o meu corpo (*do almirante*) nom deve ir sobre o mar em vosso serviço (*do rei*) menos que com tres galés; 2.ª que se obrigou por si e seus successores ter sempre vinte homens de Jenoa sabedores do mar taes que sejam convenientes para alcaides de

[1] *Mon. Lusit.*, part. v, cap. xii.

[2] *Ibid.*; part. vi, cap. lvi.

galés e para Araizes que vos saibam bem servir (*ao rei*)».

Da primeira clausula infere-se que o novo almirante não encontrou á sua chegada grande numero de vasos de guerra, aliás ella seria inutil. A segunda mostra a falta de marinheiros em Lisboa, capazes d'esses cargos.

O almirante vinha acompanhado de vinte genovezes, subchefes ás suas ordens. Se estes morressem ou fugissem, elle obrigava-se a mandar vir outros á sua custa.

E de facto tal era o atrazo d'esta marinha, que logo em 1320 Peçanha foi com D. Gonçalo Pereira solicitar da curia romana uma parte dos rendimentos dos bens da Igreja para as despezas d'ella: D. Diniz pela sua avareza proverbial não estaria disposto a fazer do proprio bolso as reformas reclamadas pelo novo almirante.

O Papa João XXII concedeu-lhe «a decima de todo o Ecclesiastico de Portugal por tres annos, que se tiraria da que seu antecessor Clemente V tinha por espaço de seis applicado no Concilio de Viena para a guerra, & soccorro da Terra Santa, exceptuando só aos cavalleiros da Ordem do Hospital» [1]. No mesmo anno começou a 7 de novembro a execução da bulla no Porto, seguindo-se em Braga e nos outros bispados.

D'este augmento de receita, para o qual concorreu o norte com não pequena percentagem, data o maior desenvolvimento da marinha de guerra e a repressão mais efficaz da pirataria barbaresca; comtudo Fr. Franc. Brandão observa — «circumstanciar os successos navaes é cousa impossivel pois as historias antigas os deixaram em silencio» [2].

Mas na marinha mercante do Porto continuamos a encontrar n'este mesmo seculo testemunhos irrefragaveis do seu progresso constante. Temos de passar em claro, é verdade, um periodo assás largo, dentro do qual não foi possivel averiguar qualquer facto· mas os que vamos mencionar, 66 annos depois do Foral de Gaya, mostrarão de sobejo que a industria mari-

[1] *Mon. Lusit.*, liv. XIX, cap. XIX.
[2] *Ibid.*

tima tinha progredido, crescendo como a vegetação de antiga sementeira. Era a consequencia dos esforços pertinazes e obscuros que fomos notando anteriormente. Durante a formação da monarchia, o norte desenvolve sempre persistentemente o seu trabalho. Era ajudado, é verdade, pelos reis quẽ vinham examinar por si mesmos as questões locaes. Basta citar o exemplo de Affonso III, que, residindo aqui por largo tempo, á beira-mar concedeu o foral a Gaya, restaurou Vianna, Valença e Villa Nova da Cerveira; no interior reformou Vinhaes, Mirandella, Freixo, Villa Real e Villa Flôr [1].

A acção governamental, estimulando a iniciativa popular, produzia uma prosperidade real.

Em 1324 (éra de 1362) um anno antes do fallecimento de D. Diniz, o concelho do Porto formulou uma *cedula*, relativa aos fretamentos, estatuindo entre outras clausulas—«que as Naaos e Navios que se ouverem de *fretar no Porto* pera averem de carregar d'aver de peso, e outro sy algũas Naaos, se as aqui *fretarem pera Lixboa os visinhos da Villa* pera aver do peso, que sejam fretadas per quatro homeẽs boõs da cidade, os quaees homeẽs boõs *sejam d'aquelles, que pera Frandes carregarem em as Naaos e Navios*, e enlegerem antre sy» [2].

Eis-ahi claramente demonstrada n'estas singelas palavras a existencia d'uma esquadrilha de Naus e Navios nas aguas do Douro, commerciando com o norte da Europa e sul do reino. O texto da *Ordenação Affonsina* exprime-se de tal modo que nos deixa logo na primeira leitura a impressão d'um grande adiantamento realisado durante o periodo que passamos em claro. Um progresso provoca outro; se a navegação se tinha desenvolvido, com ella estendera-se tambem o commercio. A sequencia do texto da Ordenação mostra mais que já então o Porto possuia a mesma hegemonia commercial de hoje.

Não agradando em geral aos negociantes a clausula da cedula, alguns mercadores do Porto, Braga, Guimarães, Vizeu,

[1] M. Severim de Faria, *Not. de Portugal, Discurs.*, I, pag. 7.

[2] *Ord. Affons.*, liv. IV, tit. V.

Chaves e outros logares, *querellarom-se* a Alfonso IV pelo aggravamento que recebiam dos lançadores. Resolveu o rei a pendencia no *dito logo do Porto* em 1356 (éra de 1393) sustentando a postura: mandou comtudo intervir os seus officiaes n'esses contratos e accrescentou outras disposições.

Se compararmos a data do ajuste de Peçanha (1317) com a da cedula portuense, percebe-se que o progresso não podia resultar do ensino dos genovezes recem-chegados. Crê-se geralmente que foram elles os mestres. Tal opinião é inexacta. Os factos anteriores á cedula seriam bastantes para mostrarem o erro: os referentes a esta são decisivos. Em tão curto praso (sete annos) era absolutamente impossivel construir essas Naus e Navios que faziam o trafego do Minho, Traz-os-Montes e Beira marginal do Douro — commercio bastante grande para uma simples estipulação sobre fretamentos desafiar reclamações geraes. Esse ensino na parte que respeita ao norte não vinha evidentemente dos genovezes de D. Diniz: era antes a consequencia de trabalhos muito antigos, cujos diversos termos procurei descrever tanto como me permittia a raridade de noticias.

D'um artigo de exportação ordinaria n'esta época temos conhecimento pelo *Escambo* [1] entre o Bispo e o concelho do Porto, no principio do mesmo reinado de Affonso IV, em 1331. Diz o documento — « Item quanto he em feyto dos Almudes do ssal dos Anaaos, que *vam a França*, que a Eigreja quer que pague, como sse *fossem a Vouga*...» A questão dos Almudes (impostos de entrada ou de consumo) mostra que o negocio augmentára desde Affonso III; a existencia do item e a nomeação dos peritos para resolver o litigio provam a importancia d'elle; por isso seria constante a cabotagem do Vouga ao Douro, e d'este sahiriam frequentemente navios carregados de sal para os portos francezes.

De Affonso IV (1325-1357) não restam infelizmente memorias detalhadas das coisas maritimas. A perda de documentos

[1] Escambo do Bispo e Cabido do Porto com o Concelho da mesma cidade (éra de 1369, an. 1331) em J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. v, pag. 278.

e escriptos deixa em grande obscuridade este reinado, no qual se começaram as navegações em torno do continente africano, visto terem-se descoberto então as ilhas Canarias, como conta o proprio rei na sua carta ao papa Clemente VI [1].

Dos papeis perdidos constariam, é de crer, factos de maior interesse, quando esses poucos precedentemente apontados mostram tamanho adiantamento na marinha mercante. Acontecia o mesmo na de pesca. Teremos de recorrer ainda a um caso isolado: felizmente elle e bem significativo. Pelo tratado reciproco de 1353 entre os moradores do Porto e de Lisboa com Eduardo III, ficavam elles auctorisados a irem pescar nas costas da Inglaterra. «Hoje isto parece paradoxo», diz J. Bonifacio d'Andrade [2], reproduzindo o teor do contrato. «Não era decerto hoje, accrescenta o snr. Oliveira Martins [3], que tal tratado poderia negociar-se; hoje que as nossas lanchas de pesca só acossadas pelos temporaes se alongam até á bahia da Biscaya».

De facto as armações de pesca do tempo, e especialmente as d'entre Vouga e Minho, deviam ser immensamente superiores ás actuaes, segundo denuncia não só o facto anterior, mas tambem outros não menos importantes que serão referidos adiante.

Nos dez annos de Pedro I domina ainda maior escuridade; mas no ultimo quartel d'este mesmo seculo a labutação pela barra do Porto havia attingido tal incremento que Fern. Lopes menciona entre as grandes rendas de D. Fernando logo no principio do seu reinado (1367-1383) os rendimentos aduaneiros d'ella — «afora as rendas da alfamdega de Lixboa e Porto, das quaes el Rei avia tanto que aadur he ora de crer» [4].

Da iniciativa de D. Fernando conservou-nos felizmente a memoria o seu primoroso chronista. Como é de presumir das medidas do rei, vinham carregar muitos navios de fóra; mas elle considerando — «que o proveito que aviam dos fretes os

[1] Costa de Macedo, *Mem. da Acad.*, 1.ª serie, tom. VI, part. I.

[2] *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 330, nota 6.

[3] *Portugal nos Mares*, pag. 230.

[4] Fern. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, proem.

navios extrangeiros, era melhor pera os seus naturaes, des i muyto moor homrra da Terra» [1]. favoreceu as construcções e armações maritimas, ordenando a série de providencias geralmente conhecidas [2].

Além d'essas, estabeleceu duas *borsas*, companhias de seguros maritimos, uma em Lisboa e outra no Porto. N'estas sociedades entravam só «navios tilhados que em seu reino ouvesse, des çimquoemta tonees pera çima» [3]. Embarcações d'esta lotação havia sem devida havel-os a segunda cidade do reino, aliás não seria mencionada. Eram provavelmente as que navegavam para o norte da Europa, já talvez desde Affonso III.

Consoante se deprehende da Carta de lei de D. João I, de 1435, a *bolsa* do Porto funccionou com regularidade e beneficio geralmente reconhecido até ao seu tempo; então *por rezom da guerra e outras neçiçydades e embargos que se seguirom*, deixou-se de arrecadar o imposto com o qual se constituia o fundo do seguro· mas o rei, por petição do *Concelho e homens boons* do Porto, mandou pôr novamente em vigor a instituição de D. Fernando [4].

A influencia benefica d'este monarcha apparecia sempre onde havia um trabalho a proteger ou a estimular. Gozando d'um privilegio d'elle, os reguengueiros de Bouças, Mathosinhos, Amorousa (Amorosa?) e d'outros logares proximos occupavam-se activamente no trabalho do mar. O privilegio cahiu depois em desuso, mas conhecendo-se a sua utilidade foi renovado por D. João I em 1394 [5].

Não era só para o norte da Europa e Lisboa que navegavam ousadamente os nossos avós: elles tinham demais uma constante e activa navegação para o Mediterraneo, como provam os dois factos seguintes com os quaes terminaremos este esboço da nossa historia maritima medieval.

[1] Fern. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, cap. xc.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, cap. xci.
[4] J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. i, doc. 85.
[5] *Mem. Econ. da Acad.*, tom. iv, pag. 332, nota *c*.

Em 1401 (éra de 1439) a Camara do Porto accordou que se podessem carregar para o *Levante* cento e dez milheiros de sardinha [1], o que não era um facto singular; pois por este mesmo tempo (an. 1405, éra de 1443) os pescadores de Leça, Mathosinhos e dos *outros logares do redor* iam vulgarmente vender pescado a *Aragom* [2]: *fazendo-se marinheiros*, elles pretenderam eximir-se das *vintenas do mar;* por causa da pretensão deixou a Ordenação consignado o grande desenvolvimento da pesca, assim como as boas armações então existentes, visto não ser possivel com as actuaes emprehender tal viagem e transportar a mercadoria. Devemos igualmente presumir na nossa marinha muito maior adiantamento que na do sul; se os pescadores d'esta ultima região se *fizessem marinheiros*, como os de cá, teriam pedido a mesma isenção e a Ordenação teria-os nomeado. Accresce que os maritimos de Leça, Mathosinhos e dos *outros logares do redor*, estando muito mais longe do Aragon que os de Lisboa e Algarve, não receavam, se a tinham, a concorrencia d'estes. O pescado para o Levante era transportado em caravelas, especialmente construidas para tal fim. Este commercio estendia-se do Porto até Vianna, segundo ficou explicito da resolução das côrtes de 1456 [3].

O trabalho do mar florescia pois na Idade-Média em todos os portos d'entre Vouga e Minho; as suas naus, caravelas e mais embarcações navegavam com frequencia para o norte, sul e leste.

O forte e livre regime antigo dava fructos abençoados. Os reis, percorrendo todas as localidades, ouviam as queixas e administravam justiça por igual. O mecanismo governamental se era pesado e tosco, adaptava-se perfeitamente á diversidade de gentes e condições da nação. Cada uma das raças, que habitam esta cinta do littoral, podia desenvolver-se desembaraçadamente segundo a sua capacidade progressiva. Não se tinha

[1] *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 332, notas *a* e *b*.

[2] *Ord. Affons.*, livr. I, tit. 70, 7.

[3] Lacerda Lobo, *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 333, nota *b*.

operado a profunda revolução politica que nos reinados subsequentes vestirá a monarchia á italiana com uma verdadeira capital — a que pela exiguidade do territorio terá de absorver tudo para sustentar a grandeza correspondente, posto que illusoria. O governo não se transformára por emquanto em bomba aspirante, fazendo convergir todos os elementos de progresso n'um ponto dado.

Durante a primeira dynastia augmenta incessantemente, pela unica expansão das proprias forças e energia dos seus homens, a riqueza do norte — a agricultura, a industria e a navegação com o commercio internacional.

D'esta pujança da vida maritima, subsiste uma reminiscencia na legenda dos Doze d'Inglaterra. Camões, reproduzindo essa tradição, sem duvida corrente no seu tempo, faz apparelhar no Porto e d'aqui partir o navio romantico, que no principio do reinado de D. João I transportou os onze cavalleiros ao torneio inglez, em desaggravo das «damas gentis» d'aquella côrte:

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
.....

Já do seu Rei tomado têm licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez experimentado.
.....

(*Lus.*, cant. VI, est. LII e LIII).

(Continúa).

Alberto Sampaio.

A REFORMA ADMINISTRATIVA

E A DEMOCRACIA

I

A THEORIA

É voz publica que em breve teremos uma nova reforma administrativa e este facto, junto á reconhecida necessidade de melhor assegurar o bom senso, a probidade e a justiça na organisação e exercicio das corporações administrativas, leva-me a julgar opportunas as considerações que passo a expôr.

A abolição de todos os privilegios de classe e a igualdade perante a lei, a tendencia a nivelar a dignidade de todas as condições emquanto não se afastem de determinados limites moraes, o reconhecimento da possibilidade de todas as capacidades em todos os homens sem outra dependencia que não seja a aptidão individual, banindo radicalmente quaesquer direitos provenientes de filiação ou nascimento, esta especie de democracia é um facto consummado na sociedade portugueza, é um sentimento que a alma nacional definitivamente conquistou.

Mas é um sentimento apenas; pois que se alcançou regular mais ou menos inteira e livremente as relações civis, o trato de individuo a individuo mantem-se n'uma esphera como extra-juridica e não logrou traduzir-se por igual nas instituições e nas relações politicas. Ahi, esse sentimento reconhecido em di-

reito é illudido de facto; e a justa partilha dos direitos e responsabilidades politicas, essa igualdade, consequencia d'essa outra já conquistada, não se realisou ainda.

Pensadores e publicistas, e aqui e além um ou outro estadista a quem impulsos ou condições transitorias permittiram um momento de sincera confissão, reconhecem que até hoje as revoluções democraticas não conseguiram o tão famoso governo do povo pelo povo. Ao poder absoluto dos reis substituiram-se governos absolutos de toda a especie, entre os quaes avultam pela frequencia dictaduras militares, oligarchias capitalistas ou mesmo hybridos d'estes dois generos como agora succede no Brazil. Um legitimo governo representativo, a expressão dos interesses e da vontade d'um paiz regulando a administração do estado, é raro se porventura existe.

Todavia, se não me illudo, essa representação é a condição inalteravel da riqueza, da prosperidade e da segurança d'uma nação.

Examinemos o que acontece nos governos em que a representação é falseada ou illudida por uma organisação politica viciosa. Não fallarei das oligarchias capitalistas, ecclesiasticas ou d'outra especie, porque essas tendo exclusivamente em vista não o interesse de classe, o que já consentiria perdão, mas o interesse da nata de uma classe, essas, digo, não são governo de uma nação; são uma empreza rendosa que se estabelece nas sociedades incipientes ou em decomposição, sem cohesão organica que lhes permitta vida propria: quero apenas referir-me aos governos absolutos em que uma auctoridade superior só por si rege, legislando e impondo o cumprimento da lei. Ora essa auctoridade necessariamente ha de ter agentes, militares ou civis, pouco importa, que transmittam e executem as suas ordens e aconselhem os seus mandados. Esses agentes vivem dos tributos impostos ás demais classes da mesma sociedade, e porque pela ordem natural das cousas só cabalmente conhecem o seu interesse particular, d'ahi provém erros e discordias. Uma auctoridade superior materialmente impossibilitada de conhecer uma nação inteira, agentes e conselheiros desvairados

pelo interesse proprio e, como consequencia, pobreza, luctas intestinas, aventuras e desastres de guerra, humilhações e perda da independencia — eis o balanço final de todos os governos absolutos.

A representação é pois uma necessidade n'um verdadeiro organismo social. Se a historia nos demonstrou quanto eram illusorias as doutrinas dos que julgaram que todo o progresso consistia na abolição gradual do Estado, simultaneamente demonstrava-nos a necessidade de relações constantes entre o cerebro e o corpo; depois de nos ter convencido de que um organismo acephalo era uma utopia, esperar que esse cerebro podesse dispensar relações d'acção e de reacção com o proprio corpo sem produzir a morte de todo o organismo seria nova utopia, a mais pueril e imperdoavel.

Reconhecida em principio a necessidade da representação nacional, logo surge um problema da maior gravidade: determinar o modo de effectual-a para que seja legitima.

N'este ponto, seja-me permittido repetir o que n'outro tempo e n'outro logar escrevi [1]:

«As democracias têm morrido ás mãos do imperialismo porque não têm sabido dar-nos a ordem, segurança e grandeza que esta fórma de governo representa; e têm morrido ás mãos do radicalismo, ou porque igualmente não souberam estabelecer a ordem e n'este caso o radicalismo é apenas symptoma de anarchia; ou porque, por um vicio de funccionamento, permittiram a formação de oligarchias capitalistas e identicas, e n'este caso o radicalismo é a consequencia d'um sentimento de justiça, a equidade na distribuição da riqueza. É necessario pois que a democracia se inspire n'estas duas necessidades para que possa resistir á ruina que, na experiencia de quasi um seculo, tem seguido tão de perto o estabelecimento dos governos populares.

«Os meios que a razão e a historia nos indicam para che-

[1] *A Democracia, estudo sobre o governo representativo.* Porto, 1888.

gar a este fim não differem essencialmente dos que nos aconselhavam os philosophos que tiveram tão grande parte nas revoluções contemporaneas. Demonstrada a impossibilidade do exercicio directo da soberania popular, a representação por meio de delegados surge naturalmente como o unico meio de governo democratico.

«Vêmos porém que a representação não evitou as *influencias sinistras* de que falla Bentham; pelo contrario, no regimen representativo, essas influencias mudaram de classe mas resurgiram com a força que talvez nunca tivessem tido sob o antigo regimen. E não só resurgiram mas multiplicaram-se; veja-se de quantas especies parasitas estão eivadas as democracias, desde os deputados directores de grandes companhias até aos emprezarios politicos das aldeias. Parece pois que a questão capital é, pela segunda vez, livrar a politica das *influencias sinistras*, isto é, tornar legitima a representação nacional, de fórma que ao interesse das oligarchias se substitua o interesse da collectividade.

«Para isso qual deverá ser a base da representação? O suffragio universal está julgado. Sendo impossivel constituir o quer que seja de homogeneo com elementos heterogeneos, todo o interesse social desapparece, e fica livre o campo á formação das tyrannias que a corrupção mantem. Isto é hoje um facto repetido centenas de vezes; já não são simples presumpções.

«Na sua obra celebre sobre as origens do governo representativo na Europa, Guizot adopta, como base do systema, a Razão. Ha, segundo elle, na sociedade uma somma de idéas justas, de sabedoria, de intelligencia. Estes elementos estão dispersos; é preciso saber colhel-os, concentral-os, constituil-os em governo e assentar a auctoridade sobre a capacidade.

«Mas por onde aferir a capacidade? Quaes as provas necessarias para admittir o cidadão a intervir directamente nos negocios publicos? Sobre que basearemos a presumpção de que voltará reflectida, livre e conscienciosamente? O censo? A instrucção?

« A propriedade suppõe capacidade administrativa e independencia desde que attinja certas proporções; mas para muitos, para o maior numero talvez, o censo é simplesmente uma presumpção de fortuna, não tendo coisa alguma de commum com as aptidões politicas e consagrando arbitrariamente o privilegio d'uma oligarchia de ricos com exclusão do resto da nação.

« A instrucção fornece uma prova de capacidade talvez mais fallivel ainda do que o censo. Por maiores que sejam as provas de intelligencia não podem garantir-nos a capacidade politica. Um sabio de primeira ordem póde ser um mau eleitor, um operario póde tornar-se um excellente eleitor. Tudo depende de saber a que se applica o seu voto e em que condições o vai dar.

« Não havendo meio de reconhecer a capacidade, torna-se necessario adoptar uma outra base de representação. E não póde ser outra senão a que a razão e a historia nos aconselham — o interesse social.

« Para podermos aceital-o como fundamento da representação, carecemos primeiro de distinguir entre duas noções absolutamente differentes e tão frequentes vezes confundidas — a eleição e a representação.

« Para nós, e em geral para todos os que aceitaram o systema representativo, a eleição e a representação são noções identicas, confundimol-as intencionalmente; não concebemos mesmo uma sem a outra, e não admittimos que um cidadão possa representar outros cidadãos se não é eleito por elles.

« Em theoria, estas duas noções da representação e da eleição são todavia absolutamente distinctas. Podemos, com a eleição directa, ter mandatarios que em nada representam a opinião de todos os votantes: podemos, com a representação de collectividades de interesses, obter um corpo representativo fiel e sincero, posto que poucos eleitores tenham tido parte no voto.

« O mandatario eleito pelos seus concidadãos por maioria de votos, sobre uma questão de principios, não representa nem

a minoria nem todas as *nuances* da maioria; nada garante que elle comprehendeu ou não atraiçoará a vontade dos seus eleitores. O delegado d'um grupo, ou seja eleito ou deva o seu mandato á antiguidade, á sorte, á sua funcção, á capacidade, á situação preponderante, etc., tem não só as convicções mas os interesses do seu grupo, e não deixa de estar de accordo com os seus mandantes senão trahindo-se a si proprio.

« O fundamento racional da representação das collectividades de interesses, em vez da representação do numero, é esta coincidencia dos interesses individuaes dos representantes com os interesses da collectividade. O bem publico é uma abstracção que, com excepção d'um numero muito restricto de pensadores, não tem realidade nem valor objectivo; debalde o invocaremos para solicitar uma politica intelligente e justa. Mas appellemos para o interesse, fundamos n'um só o interesse do individuo e da collectividade, e os conselhos do egoismo não permittirão que os representantes se afastem do bom caminho.

« Depois, ainda no campo racional, que significa o voto individual? Como ser politico, é porventura o individuo alguma coisa independente das relações sociaes? Para que a representação seja legitima e verdadeira é preciso representar essas relações e não um numero composto de unidades que só por si não têm existencia social. »

II

A APPLICAÇÃO

Necessidade indeclinavel da representação politica para a boa ordem social e representação de classes, como unica legitima — eis os dois pontos capitaes que deixamos assentes, reflectindo em abstracto sobre a organisação politica das democracias.

Mas ha uma larga distancia entre a doutrina e a sua realisação pratica, sendo aquella imperativa e absoluta, constituida por dependencias logicas, sendo a ultima levada por compro-

missos de differente natureza, constituida por dependencias de factos, nem sempre conformes e frequentes vezes contradictorios.

Ora no caso presente, quando tratamos de applicar a doutrina que deixamos exposta á organisação das corporações administrativas, é mister ponderar que não vamos crear uma sociedade nova mas apenas reorganisar uma sociedade existente. Boa ou má, existe uma organisação administrativa e com ella direitos e interesses creados. Pouco importa que sejam justos ou injustos, legitimos ou illegitimos; existem, são uma força em acção, e o estadista que inteiramente deixasse de attendel-os, teria por esse facto condemnadas as suas obras.

Abolir n'um momento os direitos politicos d'alguns milhares de eleitores, embora seja por seu interesse e embora tanta vez tenham usado esses direitos em prejuizo da sociedade, empenhando-os n'uma mercancia ignobil, é impossivel, seria levantar uma agitação perigosa e, mais do que esteril, contraproducente para o fim que temos em vista. Mas crear ao lado das instituições existentes novas instituições que as corrijam e moderem no que tiverem de insensato ou nocivo, é sensato e pratico e util.

Quizera pois que ao lado das corporações municipaes actuaes eleitas, póde dizer-se, por suffragio universal, fossem creados conselhos municipaes em cuja eleição unicamente regularia a representação de classes e respectivos interesses.

Assim poderiamos estabelecer como regra geral tres especies de capacidade, baseada nos tres principaes agentes da vida social:

a) a terra;

b) o capital e o trabalho;

c) o saber.

D'aqui, levando agora em conta o que dissemos quanto a distinguir entre eleição e representação, e tendo como principaes representantes os que maiores interesses tiverem na respectiva classe, poderiamos organisar o corpo eleitoral dos conselhos municipaes da seguinte fórma:

a) os quarenta maiores contribuintes de contribuição predial;

b) os quarenta maiores contribuintes de contribuição industrial;

c) os clerigos de ordens sacras, os que tivessem completado o curso d'uma escola superior, os empregados publicos de determinada graduação, os professores primarios, etc.

Cada uma d'estas classes elegeria determinado numero de membros, de fórma que o conselho tivesse numero igual ao dos vereadores municipaes.

Acontece porém que a maioria dos concelhos do reino são principalmente agricolas, e se fossemos a apurar os quarenta maiores contribuintes de contribuição industrial, teriamos de descer tanto que iriamos comprehender no corpo eleitoral cidadãos cuja industria e respectivo valor social é nullo. Assim poriamos em igualdade de circumstancias interesses de differente grandeza, o que prejudicaria pela base uma organisação racional. Seria pois necessario marcar um limite de contribuição para ter direito a ser eleitor nos conselhos municipaes, limite que só poderá determinar-se tendo em vista os mappas de contribuição industrial, documentos de que careço.

Nos concelhos em que se désse o caso de não haver quarenta contribuintes que attingissem o minimo determinado por lei, ou n'aquelles em que succedesse encontrarem-se em identica situação os eleitores de capacidade litteraria, seria necessario adoptar uma regra que sem dar á classe representação especial que não lhe cabia, não prejudicasse absolutamente os legitimos direitos dos que tivessem a capacidade necessaria. Essa regra não poderia ser outra senão a juncção dos que tivessem a capacidade requerida a qualquer dos outros dois corpos eleitoraes ou mesmo a fusão em um só corpo quando simultaneamente os eleitores de capacidade litteraria e industrial não alcançassem numero legal sufficiente para a constituição em separado.

Estes seriam os principios geraes da organisação dos conselhos municipaes, pois Lisboa e Porto e talvez ainda qualquer

outra cidade, necessariamente teriam de adoptar systema mais complexo, visto o maior numero de profissões e classes.

Quaes seriam as attribuições dos conselhos municipaes? As que mais influem na vida local das povoações, aquellas que reclamam mais tino e seriedade e que hoje pertencem ás camaras municipaes ou a corporações eleitas por processos semelhantes.

O mais rapido exame das attribuições das camaras municipaes logo nos mostra que nenhuma funcção mais importante exercem do que o lançamento de impostos, a applicação dos dinheiros publicos e o equilibrio entre a receita e a despeza. É geralmente sabida a febre de despezas em que todos os municipios se têm lançado sem a mais ligeira consideração da capacidade tributaria do povo e sem o menor cuidado da productividade e influencia do dinheiro dispendido. Um systema eleitoral de livre e desenfreada concorrencia entrega a gerencia dos municipios a ambiciosos que para manter-se gastam sem o menor escrupulo, e o mais das vezes com refinada imbecilidade, sem consciencia do mal que fazem, sem tino nem discrição para fazerem melhor. É urgente dar influencia real na administração municipal áquelles que por seu proprio interesse são levados a dispender menos e a dar melhor applicação ao que dispenderem; só aquelles cujos interesses coincidem com o interesse do povo poderão ter na devida conta a boa administração. Hoje, é d'uma boa fé pueril esperar alguma coisa de nobis puramente moraes.

Um outro facto succede com a maior frequencia e o maior prejuizo da boa administração, e é que muitas vezes a administração é má contra conhecida vontade do povo, só porque alguem com vergonhoso despejo apoderou-se do recenseamento eleitoral e eliminou todos os que eram contrarios á sua facção. Isto é infelizmente vulgarissimo e a prova do caracter dos nossos costumes politicos.

Sem pois pretender alargar as attribuições dos conselhos municipaes além do que é de maior urgencia, quizera que lhes competisse:

a) a organisação do recenseamento eleitoral;

b) o lançamento de impostos e a discussão e emenda do orçamento da receita e despeza municipal.

Inutil será accrescentar que a creação dos conselhos municipaes não dispensaria providencias d'outra ordem. Assim torna-se necessario, por exemplo, que findo o praso para a interposição de recursos sobre o recenseamento eleitoral, o conselho entregue ao juiz de direito da comarca não só os processos sobre que versasse o recurso mas o proprio recenseamento que ficaria nas mãos do juiz, para que este fizesse todas as alterações que os tribunaes ordenassem, até julgamento final; e para evitar ainda falsificações subsequentes, o juiz só devolveria o recenseamento ao conselho municipal quando tivesse sido publicado na folha official.

Muitas outras providencias complementares seriam necessarias; apontei apenas esta como mais urgente.

Organisado o conselho, este seria a unidade para as organisações politicas superiores. As juntas geraes dos districtos seriam, como já foram sem maior inconveniente, eleitas pelas camaras e conselhos municipaes reunidos ou pelos seus delegados.

A conclusão d'um tal systema seria ainda a camara dos deputados eleita pelos delegados das camaras e conselhos municipaes, e a camara dos pares convertida n'uma legitima representação de classes.

Se outras vantagens não tivera o facto de tomar o conselho como unidade politica, teria ao menos a de reduzir ao minimo o numero de eleições, cuja repetição e frequencia ninguem de sinceridade e intelligencia deixará de deplorar. O paiz está corrompido e cada eleição é um fermento que agita, revolve e traz á luz e á acção a vaza mais putrida da nossa sociedade.

Jayme de Magalhães Lima.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

IX

ALFARROBEIRA

O regente e o seu partido viam aproximar-se janeiro de 46, em que Affonso V completava quatorze annos, idade para reinar. Consideravam, como era facto e o tempo mostrou depois, que ao caracter do soberano faltava energia, apesar da violencia tumultuosa demonstrada já nos seus verdes annos, que tinha a intelligencia curta, e que a fidalguia esperava com ancia o momento do rapaz ser rei, para se lançarem como falcões sobre o reino. O regente e o seu partido combinaram uma comedia a que Affonso V se prestou de bom grado. Convocaram-se côrtes em Lisboa, e perante ellas o rei tomou conta do governo com um discurso do desembargador Mangancha, que, ao acabar, de joelhos e sorridente, lhe entregou a vara da justiça. O sorriso do desembargador, porém, queria dizer que, logo tres dias depois, Affonso V havia de declarar-se creança de mais para o governo, como em seu nome o participou o mesmo Mangancha ás côrtes, accrescentando que o rei se declarava igual-

[1] Continuado da pag. 448, do numero de abril.

mente bem casado, para desmanchar duvidas aos que as tivessem ácerca dos esponsaes de Obidos. O auctor d'esta combinação, bem ou mal urdida, foi decerto o letrado ardiloso.

O ardil, porém, dando aos argumentos dos contrarios uma apparencia de razão, voltava-se contra quem o empregára. Succede quasi sempre assim. Agora já o duque de Bragança não carecia de excitar o filho, porque era o conde de Ourem que levava atraz de si o pai, de mãos dadas com o arcebispo de Lisboa, restaurado no seu solio pelo regente e por amor da paz. Todos em côro estontearam a cabeça do rei, obrigando-o a desdizer-se, e a reclamar o governo e a mulher. Recebeu-a nas bodas de Santarem (47), e logo em seguida o reino que o regente lhe entregou [1]. N'esse dia, todos começaram a voltar-lhe costas, como era natural.

O duque de Bragança estava em Chaves, quando isto aconteceu. Os setenta annos não lhe pesavam; sentia-se leve e alegre e robusto, agil como aos vinte. Saltou n'um pulo a cavallo, arrebanhou a sua gente de guerra, e desceu como um raio, galgando o Marão, Tamega abaixo, até Guimarães. De Guimarães foi a Ponte de Lima, de Ponte de Lima ao Porto, e por todo o Minho tirava aos creados do ex-regente os officios que tinham por el-rei, expulsando-os como traidores, mandando velar e roldar os castellos contra D. Pedro. O reino pertencia-lhe.

A corte continuava em Santarem e o conde de Ourem estava em Torres Novas, alli ao pé, no seu quartel-general, commandando as manobras. Junto do rei pozera como protonotario um certo Berredo, que em Roma aprendera todas as artes e manhas das cortes italianas, *training* exercitado em vinte seculos de politica, e que á astucia juntava auctoridade e «solta audacia de dizer», por ser homem de grandes letras. Esse Berredo era o confidente do rei, e a proposito de despachar os negocios da Curia, propinava ao rapaz em dóses graduadas, mas progressivas, o veneno do odio a D. Pedro; ao mesmo tempo que para com este era mel, com olhares ternos e

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXVI a VIII.

palavras doces. Quando achou o rei saturado e prompto, fez-lhe uma profissão de fé patrioticamente solemne, batendo no peito com gesto grave, affirmando a sua lealdade inquebrantavel e dôr immensa por ter de denunciar o plano de D. Pedro, que queria tirar-lhe o reino para o dar aos proprios filhos. O fim d'esta scena era levar Affonso V a Torres Novas, para ahi a continuar.

Affonso V estouvadamente foi, e entregou-se desde logo nas mãos do conde de Ourem. Com o odio a ferver-lhe no peito, o conde, menos educado do que o Berredo, accusava o primo de se deixar governar por D. Pedro. Era rei; mas o rei verdadeiro continuava a ser o infante em Santarem. Pois não se offendia de passar por creança? Já era um homem. Visse bem: estava preparando a propria perda. — O rei scismava. Na sua cabeça impetuosa, mas debil, agitavam-se os sentimentos que o outro fazia vibrar, debatendo-se com a amizade e o respeito quasi filial que tinha pelo regente, sempre carinhoso e bom para com elle. Aos quinze annos, a gratidão falla alto. Indeciso, perguntava ao primo: Então?

Então? Era d'alli mesmo, emquanto estava livre da tyrannia do tio, mandar-lhe intimar que se fosse da côrte.

— Com tal engano, não! protestou generosamente Affonso V. Em pessoa o despediria eu.

Ourem condescendeu em que fosse assim, pois assim o queria; aconselhando que levasse os fidalgos da comarca armados, conforme fez. Mas D. Pedro, conhecedor d'estas tramas, logo que o rei entrou em Santarem, foi-se a elle e, com uma serenidade contrafeita, disse-lhe:

— Ha dez annos que por causa do governo abandono o que é meu: deixai-me ir a minhas terras cuidar do que me pertence.

Resolvia assim o pleito, declarando-se vencido. E a sorte inevitavel, quando se não combate com armas iguaes, e os inimigos usam das nossas e de outras ainda, que o respeito proprio nos veda empregar. O rei, satisfeitissimo, abraçou o tio n'uma verdadeira effusão. Partindo espontaneamente, tirava-lhe arrobas

de cima do animo, porque tinha o vago sentimento de commetter uma ingratidão e uma atrocidade. E quando o infante partiu para Coimbra, armado por causa do conde de Ourem em Torres Novas, o desafogo e a saudade combatiam-se no coração do rei. Era no fim de julho. Em Thomar, D. Pedro, vendo que o não atacavam, despediu as tropas e seguiu para casa, sósinho com os filhos [1], na situação em que o deixámos no capitulo precedente.

A sua partida soou o regabofe, como em monteria, para todas as matilhas desatrelladas, depois das corridas atraz dos cervos pelas charnecas vastas. Todos os descontentes, todos os despeitados, todos os cubiçosos, todos os pescadores de aguas turvas, costumados a ganhar no tumulto de uma mudança de governo, deitavam redes ao mar revolto de Portugal. As calumnias ferviam, a baixeza expandia-se, a ingratidão desabrochava. O regente fôra um monstro: delapidára, perseguira, envenenara D. Duarte para lhe succeder, D. João porque lhe fazia sombra, e D. Leonor depois de a ter perdido: pobre senhora! Agora a bondade ingenua do portuguez vinha á superficie, para condemnar o regente, por ter sido o orgão dos odios populares de outros annos. E levantados n'esta onda de sympathia, apresentavam-se como victimas os antigos creados de D. Leonor, chorando as suas desgraças, pedindo reparação. Havia uma vasta seara a ceifar: os bens dos parciaes do regente davam para todos. Confiscava-se metade de Portugal em favor da outra metade — *væ victis!* e ficavam satisfeitos os vencedores. O conde de Ourem e o arcebispo de Lisboa, installados na côrte, reinavam.

A onda da reacção subia, e já se opinava que tantos crimes não podiam ficar impunes. Alguns, mais ousados, ou mais famintos, pediam a cabeça de D. Pedro... E D. Henrique? Os ecos d'estas vozes chegaram a Sagres; mas em 1447, exactamente n'esse anno, estava abarbado com o negocio gravissimo da expedição de Lagos, pelo segundo syndicato ou compa-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, LXXXIX.

nhia de Lançarote. Apesar d'isso, veio a Santarem e defendeu o accusado, «mas não com aquella força e escarmento que a seu irmão devia e o mundo esperava» [1]. Collaborára na regencia, era quasi solidario com os seus actos, devia defendel-os: tanto mais que a má lingua o não poupava, envolvendo-o com D. Pedro nas accusações; mas D. Henrique tinha em mente a Africa! Um acto de generosidade podia comprometter o futuro da sua empreza que agora iria por diante, com o sobrinho no throno, com a fidalguia attenta a digerir o regabofe. Via-se outra vez em Marrocos, a tomar a desforra de Tanger! Via as caravelas de Lançarote, quem sabe? a dobrarem o cabo da Africa, descobrindo o Preste Joham e as Indias!

De Ceuta voltava n'este momento o antigo alferes de Lisboa, Alvaro Vaz, conde de Avranches, cuja extravagancia era de outro quilate. Fazia gala em dizer coisas desagradaveis e atrevidas na cara da gente. Proclamava a innocencia de D. Pedro, e a sua amizade por elle, o seu odio pelo conde de Ourem, maximo dos atrevimentos n'esta conjunctura. Era bravo, e andava armado. Sabiam que não dizia palavras vãs, e estava prompto sempre a sublinhal-as com a espada. E o rei que era rapaz, cavalleiro por instincto, e, no fundo, reconhecido e grato a D. Pedro, sympathisava com a excentricidade briosa do conde de Avranches. Isto escudava-o contra o desejo que todos tinham de o deitar fóra da côrte. Particularmente, mandaram-lhe emissarios aconselhar-lhe como a amigo que tivesse juizo, nao se perdesse. Elle, chacoteando, respondia:

—Amigos, pelo que tenho feito a Portugal, mereço mais villas e castellos, do que prisões ou cadeias. Não fujo, desenganem-se. E se fôr preciso, sabei que hei de ser digno confrade da Santa Jarreteira que recebi. Espero em Deus que, sem ociosidade de minhas mãos, os que me quizerem visitar antes seja na sepultura que nos carceres ou cadeias. Não tenhaes, pois, cuidado, dó, nem compaixão de mim...

E despediu-os. No dia seguinte foi ao conselho o mais cpu-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, xc.

rado e janota que pôde, mas por cautela armado. Fallou com arrogancia e ameaça contra os que pediam a cabeça de D. Pedro. D. Henrique, ouvindo-o, apoiava. E o rei inclinou para este lado com evidente desgosto dos contrarios [1]. Pela ultima vez a Cavallaria, personalisada no conde de Avranches, despedindo um clarão final como os do sol que morre, ganhava uma victoria, porque no animo de Affonso V reverdeciam, posthumamente, os ideaes das éras passadas.

*
* *

O conde de Avranches e D. Henrique foram a Coimbra ver D. Pedro, em volta do qual se iam reunindo numerosos parciaes; mas ao chegarem, chegou a noticia das medidas tomadas em Santarem pelo rei que o conde de Ourem subjugava. Prohibia-se a todos os fidalgos irem ver o infante; publicavam-se editos para que todos os creados da rainha D. Leonor, que tivessem sido privados de suas fazendas pela regencia, viessem rehavel-as; degredava-se o infante da côrte, prohibindo-lhe que sahisse de suas terras. Era um rompimento completo, uma reacção declarada, uma condemnação de D. Pedro que a custo sahia com vida. O irmão Henrique, vendo as coisas assim paradas, quando viera na esperança de realisar outro accôrdo, largou para Soure, indeciso, talvez aborrecido — como iriam as coisas do Lançarote? — recommendando resignação e paciencia [2].

Levado pelo Berredo, seu mentor, Ourem não cessava de tramar enredos com que demonstrasse ao rei a felonia do tio e a necessidade urgente de acabar de vez com elle. O primeiro laço foi o termo de concordia com o duque de Bragança, que mandaram a D. Pedro, assignado pelo rei, na esperança de que o infante, suppondo-lhe a alma tambem accesa em odio, o repellisse. D. Pedro, pessimista ou desdenhosamente, assignou e

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XCI.
[2] *Ibid.*, XCII.

devolveu. Como se havia de proceder contra elle? Que remedio senão rasgar as cartas, já escriptas, chamando ás armas as terras do reino?... Depois tiraram ao conde de Avranches o castello de Lisboa, que tinha desde 39, e ao filho de D. Pedro o cargo de condestavel, que Ourem dizia ter-lhe sido roubado e reclamava para si. Tão longe não foi o rei, que o deu ao infante D. Fernando, sem annuir a concessão *tão feia*. Finalmente, exigiram a D. Pedro a entrega das armas que tinha ainda da expedição a Castella, em 45; mas a isto o infante sensatamente respondeu que as não dava por necessitar d'ellas para sua defeza. Daria, se quizessem, o valor em dinheiro [1].

O conflicto acirrava-se. Pois não haveria meio de desmanchar o equivoco e trazer a paz ao reino? Havia: se houvesse abnegação e patriotismo, em vez de astucia audaz de um lado e tibieza insensata do outro. Entre ambas, D. Pedro estava condemnado a naufragar. A vêr se pacificava as coisas, o conde de Arrayolos, futuro herdeiro do ducado de Bragança, veio de Ceuta para onde o governo de D. Pedro o mandára, havia um anno, por fronteiro. Instava com o pae e com o irmão por uma reconciliação; instava com D. Pedro para que viesse á côrte defender-se [2]. O infante escreveu-lhe de Coimbra uma longa carta que é um novo e eloquente documento do seu caracter.

« Não curo de fazer aqui menção, dizia D. Pedro, dos feitos do começo de meu regimento, e de como me houve com elle... porque de todas estas coisas haveis comprida informação, assás seria sobejo escrever-vol-o... E de assim eu ter o dito regimento, segundo bem sabeis, alguem não eram contentes: uns com inveja, outros por se não fazer d'elles cumprimento de direito e justiça; ainda que assás claro é que não se fazia d'elles assim cumprimento, como era razão, *por eu mais não po-*

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XCIII e IV.

[2] *Ibid.*, XCV. — Sousa, *Hist. Geneal.*, tom. V, 139, segg.

der. » Começaram por indispôl-o com o rei, fazendo acreditar a este que queria eternisar a regencia. « A verdade d'isto, é porque eu havia certo que alguns andavam n'aquelles tratos, eu dizia por vezes, assim como uma vez em Evora, que eu sabia bem parte dos ditos tratos em que alguns assim andavam: mas que eu tinha o regimento da mão d'el-rei meu senhor, e que quando elle quizesse eu lh'o deixaria livremente com muito boa vontade; mas que pelo d'aquelles que nos ditos tratos andavam que o não deixaria; e elles affirmaram que eu dizia que por coisa que fosse que nunca o deixaria; e assim como isto, retorciam qualquer coisa que eu dizia ou fazia, adereçando-a ao seu máo proposito, por fazerem entender ao dito senhor que aquella era minha intenção. »

« Tanto continuaram isto os que assim me desamavam por si e seus ministros e adherentes, que fizeram com o dito senhor que me requeresse o regimento; e foi entre elle e mim concertado que para o mez de outubro que ora passou, que então era por vir, elle tomasse mulher e casa e que eu depois lhe entregasse o regimento com a solemnidade propria do caso. » Oppozeram-se os inimigos a que a entrega da regencia se fizesse de modo que parecesse approval-a o rei: queriam um rompimento, e pretendiam que a regencia se entregasse antes das bodas, decerto para ao depois impedir que estas se chegassem a realisar. El-rei afinal reclamou-lhe a regencia e elle entregou-lh'a.

« Logo o duque meu irmão, vosso padre, transmontado como se houvesse de fazer alguma grande cavalgada, se veio de Chaves á cidade do Porto, tendo já n'ella homens d'armas escondidos, lançando fóra d'ella mui deshonradamente os meus, que ahi se viram assim como se fossem malfeitores; e isto mesmo mandou fazer em Guimarães e em Ponte de Lima, derribando as casas de Leonel de Lima por ser meu servidor, assim como se fossem de traidor. E quando os lançavam fóra das villas, chamavam-lhes traidores, velando e roldando as villas e castellos sem causa e sem razão, assim como se tivessem inimigos no reino. » Prosegue a enumeração das tropelias, contando como

se tinham visto e o que tinham combinado, el-rei e o conde de Ourem, e como se retirára para suas terras. Manda-lhe o treslado da carta em que el-rei approvava todos os actos da regencia.

«Vendo eu como os ditos feitos assim mal começavam, e como alli viera aquella gente armada, e como o conde vosso irmão se fizera prestes com armas e velava Ourem e Porto de Mós: eu mandei perceber alguns meus para o dia da minha partida para haverem de ir commigo, e assim por esta guisa e com este galardão parti da côrte do dito senhor, e logo de Thomar mandei tornar aquella gente que commigo vinha; e vindo-a áquem de Thomar houve uma carta porque me certificavam que o duque vosso padre passava poderosamente por minhas terras, e que mandava que a certo dia lhe tivessem prestes de jantar em Avellans; pelo qual eu mandei avisar alguns meus que viessem para mim porque lhe queria contrariar a passagem por semelhante maneira e logo n'aquelle mesmo dia foi certificado que não era assim: pelo que logo escrevi aos que mandara chamar que não viessem, em tanto que alguns houveram primeiro as cartas que não viessem que as do chamamento.»

Retirado em Coimbra, os seus inimigos desacreditavam-no por todos os modos, no espirito do rei, «e lhe fizeram tomar tanta suspeita contra mim e contra os meus que lhe disseram que não tinha remedio senão tirar todo los officios que os meus tinham em sua côrte e em seus reinos; e foram logo lançados fóra dos officios os meus criados que andavam em sua casa, e isto com assás e muita infamia d'elles, e assi pelo conseguinte foi feito aos outros meus criados por todo o reino».

Tiravam-se inquirições e devassas contra os servidores de D. Pedro e «andando de mal em peior assim fizeram devassar contra mim perguntando se sabia quem fizera a peçonha com que mataram el-rei D. Duarte e o infante D. João, meus irmãos, e a rainha D. Leonor, e d'ahi perguntavam outras coisas segundo suas damnadas e corruptas intenções». As testemunhas eram peitadas, os juizes inimigos. Ao mesmo tempo, revogavam-se os actos do governo de D. Pedro, julgavam-se de novo

os processos crimes, ordenava-se aos fidalgos que não visitassem o ex-regente, e a este prohibia-se-lhe voltar á côrte: estava degredado.

Depois d'isto mandaram-me «uma fórma de concordia entre mim e o duque vosso padre, a qual me el-rei meu senhor mandou assinada por si e sellada com o seu sello; e mandou com ella a mim e ao duque que, posposto o odio e má vontade, fossemos amigos».

«Vos crede verdadeiramente que elles se não moveram a ordenar a concordia na fórma em que vinha com boa intenção; nem tinham tão boa vontade de sermos concordados como o eu tinha: somente por me tentar e tomarem achaque contra mim.»

«Pera esto não acharam quem enviar sobre ello senão D. Fernando e Ruy Galvão que me diffamavam; e porque eu aquello soube, escrevi a el-rei meu senhor pedindo-lhe de mercê que não mandasse a mim semelhantes homens; que ainda que eu fizesse todo o bem do mundo, elles o reputariam sempre pelo contrario: e o dito senhor não quiz mudar seu proposito.»

Apresentada a concordia, assignou-a D. Pedro; mas ao mesmo tempo ordenavam que os castellos e villas armassem como se houvesse guerra.

«Continuando outrosim em suas boas obras, por me fazerem deshonra, tiraram o castello de Lisboa ao conde de Avranches.» O conde de Ourem requeria a el-rei o officio de condestavel, que era do filho de D. Pedro, dizendo pertencer-lhe.

«Muito honrado conde amigo: o que principalmente damnou estes feitos, é quererem em estes reinos usar das praticas de Castella, e todos por seu proveito e por cada um levar a sua enxavata; e Portugal segundo bem sabeis não é para supportar isto; e se esta pratica vai adiante, segundo se agora começa, nunca creio que seja muito serviço, nem d'el-rei meu senhor, nem de seus reinos [1].»

[1] Sousa, *Hist. Geneal.*, tom. v, 120 a 39. A carta é de 30 de dezembro de 1448.

Os esforços do conde de Arrayolos foram em vão. Ou por se convencer da inutilidade d'elles, ou porque os intrigantes urdissem noticias aterradoras de perigos que Ceuta corria, como diz a chronica [1], o facto é que voltou para Africa, deixando em plena ebullição o revolver de intrigas dirigidas para acabar com o infante D. Pedro. A maré que havia de afogar o ex-regente subia; e o conde nem sonhava que essa tormenta viria a dar a catastrophe de 1483 que lhe levou ao patibulo de Evora o filho e exterminou a casa de Bragança, tenazmente construida pelo avô. Com effeito, D. João II é o continuador da politica anti-feudal do infante D. Pedro; é o perfeito principe que vingou 1449, passado o anachronismo do reinado de Affonso V, idade doirada em que segundo as *praticas de Castella* cada qual levava a sua *enxavata* [2].

N'esta longa defeza do regente, em que a sua innocencia transparece, vê-se tambem comtudo o abatimento do seu espirito e o abandono em que se achava. O Porto, que fôra o primeiro a acclamal-o, deixa-se arrebatar pelo duque de Bragança escorraçando como traidores os amigos do regente; Lisboa que tão enthusiasticamente o acclamára, veremos como lhe voltará costas, renegando-o. Bem fizera em não querer a estatua na portada dos Estáos! N'esses dias passados, todavia, o regente ainda tinha a força de animo bastante para a critica amarga e para o humorismo melancolico. Agora, inferior á sua desgraça, não em caracter, mas em intelligencia, a lucidez do espirito desapparece, e a mão tremia-lhe decerto ao escrever ao conde de Arrayollos, com medo d'essa morte que amava, com receio d'esses juizes de que desdenhava. A natureza animal e o instincto organico levantavam-se-lhe no animo, envolvendo em nuvens a sua antiga consciencia diaphana. Já não desdenha, defende-se; o estylo ainda é lucido, mas a firmeza do pensamento e a penetração do conceito foram-se. Vê-se alli um homem

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, xcv.

[2] Provavelmente synonymo de *enxavego* ou *enxavega*, especie de rede. V. Viterbo, *Eluc.*, *ad verb.*

perdido, não pela força dominante dos inimigos, pois muitas vezes os vencidos são vencedores, mas porque o clamor da derrota enche-lhe os ouvidos, e estonteia-o. Treme de que o ataquem, anda armado, e chama para a volta de si os seus parciaes, confessando lealmente depois que foram vãos esses sustos quando pensou que o duque de Bragança vinha atacal-o. Não se lembra, já não póde reconhecer, que erros d'esses, em mãos inimigas, se tornam armas para o perder no conceito do rei, pouco perspicaz.

*
* *

A Coimbra chegavam entretanto correios dizendo que o duque de Bragança passára o Mondego em armas, e vinha descendo a estrada que ladeia pelo norte a serra da Estrella. El-rei chamára-o effectivamente á côrte; e o conde de Ourem aconselhára-o a vir em armas. Tendo de passar pelas terras de D. Pedro, era certo que este lhe resistiria, e, fazendo-o, elle Ourem e o rei iriam do sul tambem contra o infante, liquidando-se finalmente o pleito. Estava, ao lado de D. Pedro, Alvaro Vaz; faltava-lhe porém o irmão Henrique, ultimo dos filhos de D. João I com que podia contar: os tres outros levára-os a morte! Mandou chamal-o a Thomar, onde o tinham as obras da reedificação do convento de Christo [1]; mas D. Henrique, respondeu com evasivas, promettendo conselhos, recommendando prudencia, cautela, dizendo que fallariam quando fosse—e não veio! [2] Curvado pela desgraça, sob o peso do isolamento que é a carga mais dura de soffrer, D. Pedro succumbido abraçava-se ao conde de Avranches, cuja Cavallaria no-

[1] O mestrado de Christo fôra transferido, de Castro Marim, no Algarve, para Thomar, muito antes de D. João I o ter doado ao infante D. Henrique. Foi porém este que reconstruiu e ampliou a primitiva igreja e convento de Gualdim Paes. V. *Escript. da Ordem de Christo, ms.* de Pedro Alvares Secco, da biblioth. nac. Cf. Rackzynsky, *Les arts en Port.*, 346.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, xcvi.

bremente simples lhe indicava os partidos extremos — uma cavalgada, uma aventura: a guerra e a morte alegre!

Mandaram portanto um parlamentario ao duque de Bragança, que chegára a Coja, descendo o valle do Alva. Era abril, de 49. Todos os dias D. Pedro esperava a chegada do irmão, contando que, intervindo elle, as coisas mudariam de rumo; e entre esta esperança e o conselho extremo do conde de Avranches, a sua alma despedaçava-se, a intelligencia fugia-lhe, a confiança na justiça e na ordem absoluta dissipava-se, deixando-lhe o espirito afogado n'uma tristeza negra feita de duvida. O parlamentario voltou com um emissario do duque e com a resposta, perfida. O duque e D. Pedro sempre tinham sido bons amigos; vinha cumprindo as ordens de el-rei; seguia por estrada publica, e estava certo de que não lhe fariam mal. Irritado, D. Pedro respondeu:

— Se o duque não mudar de proposito, dizei-lhe que o não deixarei passar. Não sou tão nescio, nem elle tão avisado, que me enganem essas dissimulações.

Ainda tinha nos labios o leve tremor do desdem, mas os cantos da bôca dobravam-se-lhe com indicio de ira, signal certo de abatimento do seu genio phleugmatico.

E D. Henrique?...

O emissario do duque foi com a resposta, e tomavam-se as providencias para a guerra, quando chegou de Santarem um enviado do rei que, por conselho do conde de Ourem, intimava o infante a deixar passar o duque, chamado a serviço da corôa. Vendo assim desembainhada a espada do seu supplicio, o infante pulou de raiva. Reconditas cellulas de genio portuguez bravio, fizeram talvez explosão, depois de comprimidas e atrophiadas largos annos pela expansão dominante das faculdades criticas. A colera dos phleugmaticos é sempre loucura; e se não era uma nova mentira o que o enviado do rei foi dizer para Santarem, conforme julgou a maior parte, D. Pedro fóra de si, exclamára que não era vassallo de el-rei de Portugal, mas subdito e servidor de Castella; que assim como desterrára D. Leonor, assim lhe faria aos filhos... O conde de Ourem,

satisfeitissimo, soprava o fogo, vendo como as coisas respondiam aos seus planos. Mandou espalhar por todo o reino esta confissão de felonia, que tornava o infante um homem perdido. E emquanto isto passava na côrte, chegava a Penella, onde D. Pedro congregára as suas tropas, o bispo de Ceuta, mandado por D. Henrique. O irmão dizia-lhe que deixasse passar o duque, pois o ordenava el-rei. D. Pedro, scismando na vinda do bispo, respondia distrahidamente:

—Deixo, sim, mas é mister que não venha em som de guerra...

O bispo foi-se. D. Henrique já tinha partido para Santarem, dando costas a Coimbra. D. Pedro sentia a cabeça esvasiar-se-lhe. Aquelle abandono do irmão, em taes circumstancias... Lembravam-lhe as palavras de D. João, quando a rainha o quizera fazer regente, e casar o rei com a filha d'elle:

—Nunca Deus queira, nem quererá, que entre os filhos de el-rei D. João seja semeada tal sizania...

E verdade que D. João não tinha os cuidados da Guiné, nem a cabeça tomada pelos planos de Marrocos. Singular! Entre filhos de um mesmo ventre, educados pela mesma mãe! Parecia-lhe que era noite, porque tinha o cerebro toldado de negro. Parecia-lhe que os campos e as arvores rodopiavam, porque as sombras vagas das idéas dançavam-lhe na cabeça. Abatera-se-lhe de repente toda a ira; estava n'um espasmo de inercia apathica, sem saber se ia morrer... quando na estrada surgiram a galope os cavallos da embaixada que o sobrinho lhe mandava de Santarem, ordenando-lhe que regressasse a Coimbra, d'onde não sahiria sem licença, e que deixasse passar o duque de Bragança. Respondeu, serenamente:

—Venha elle em paz! [1]

E abrindo-se-lhe os olhos, como quem sae do torpôr de um sonho, agitando-se, nervosamente excitado, sem bem coordenar os movimentos e as idéas, alternando o impeto com o

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, cxvii a ix.

abatimento, violento e submisso, leoninamente fero e meigo como pomba: em vez de ir para Coimbra, conforme o rei ordenava, subiu para a Louzan. Pela primeira vez deixava de raciocinar o que fazia. O duque de Bragança conservava-se em Coja. D. Pedro avançou da Louzan a Villarinho, meia legua para nordeste, nas alturas sobranceiras ao valle do Coira que vem desde o pico do Açor, nas cumiadas da serra da Estrella. Em Coja, sobre o Alva que desce recolhendo os caudaes precipitados dos montes para os trazer ao Mondego, o duque assentára n'um logar forte. Entre as posições dos inimigos, nos dois confluentes do Mondego, o Alva e o Coira, haveria umas cinco legoas de distancia, muito augmentadas porém para a marcha pelos tormentos do terreno, degraus ingremes em que a serra vai subindo até aos picos da Estrella e do Açor. O ponto de Villarinho, onde se fortificára D. Pedro, fechava a passagem ao duque. Ficava-lhe á direita o grande fosso do Mondego, á esquerda a muralha gigantesca da serra. O choque era inevitavel: ou o duque havia de regressar, subindo o valle do Mondego, pelo caminho por onde descera.

A cavallo, D. Pedro, em frente dos seus esquadrões, fallou-lhes. Alto, magro, phleugmatico, as vicissitudes dos ultimos tempos, collaborando com os annos — fazia n'essa data cincoenta e sete — tinham-lhe encalvecido a fronte, branqueando-lhe a sua farta barba loura. O azul dos olhos, sempre vago, oscillava agora n'uma indecisão completa. Parada a physionomia, como d'um somnambulo, a voz em que fallava aos seus tinha alguma coisa de espectral e o que lhes disse parecia uma confissão tumular. Affirmando a sua fidelidade ao rei, punha n'ella os fundamentos da sua desobediencia. Lembrava os seus dez annos de governo, em que honesta e lealmente defendera a Corôa dos assaltos da gente ávida, e o reino da guerra estrangeira. El-rei era uma creança, e andava enganado. A furia dos seus inimigos vinha de lhes não dar, nem consentir que el-rei lhes désse o que queriam — que era o reino inteiro! Sahira da regencia como para lá entrára. O duque de Bragança tinha o Porto e Guimarães, Bragança de que o fizera duque: nada era

capaz de o saciar! O dever impunha-lhe a resistencia. Ceder seria deslealdade.

O ideal da Cavallaria que se humanisára na descendencia de D. João I fallava, nas agonias do fim, pela bôca de D. Pedro tambem na vespera de morrer. Era uma comprehensão generosa e heroica da vida, pondo os principios da honra pessoal e da dedicação á palavra, acima dos interesses e necessidades do mundo. O commum da gente fizera d'isso uma religião fundada no symbolo material do juramento; mas os espiritos superiores, ou pelo sentimento como fôra Nunalvares, ou pela intelligencia como D. Pedro fôra tambem — porque já se podia dizer acabado! — estabeleciam essa religião do dever sobre o alicerce intimo das revelações da consciencia.

As tropas de D. Pedro ouviram-no com um silencio funebre, mensageiro de morte. A gravidade dos semblantes, a mudez das bôcas, attestavam a decisão das resoluções. Sentiam-se votados todos a um igual destino, e mal sabiam que a Historia havia de vêr n'este momento um dos seus instantes épicos, porque era o choque do velho mundo naturalista e barbaro da Edade-média, com a Cavallaria que nascera d'ella, flôr de ideal sempre desfolhada e morta. A realidade não consente que as intuições poeticas da alma humana vinguem sobre os seus sentimentos e instinctos animalmente organicos. Para esmagar a turbulencia do naturalismo medieval, era mister coisa diversa da Cavallaria: carecia-se da mão de ferro dos tyrannos e da energia d'um systema adequado e pratico. Foi isso o principado monarchico da Renascença, e o tyranno em Portugal chamou-se D. João II...

Á frente dos seus esquadrões, com o conde de Avranches a seu lado, D. Pedro avançou mais, obra d'uma legua, sobre Serpins, porque do lado opposto o duque de Bragança descera até á Varzea, obra tambem de tres leguas. No valle do Coira, D. Pedro a juzante, o duque a montante, estavam menos d'uma legua afastados. O duque, hirto nos seus setenta e dois annos, perguntava, com certa hesitação, se queriam combater ou retirar.

— Recuar seria injuria, acudiu com enfado Alvaro Pires

de Tavora; sois inimigos, combatamos. Escusam-se mais palavras e dissimulações.

Do lado opposto, Avranches que sahira com uma escolta a reconhecer o campo adverso, voltou inflammado.

— Demos-lhes! Ou fogem, ou são destroçados.

Mas D. Pedro, obedecendo ainda ao fio já tenue da luz que pouco a pouco se lhe apagava na alma, respondeu:

— Não; o nosso mister é a defeza. Oxalá retirem sem combater.

O duque de Bragança não confiava na sua gente, entre a qual havia murmurios. A sympathia, impotente para vencer, tem isto de consolador: que dá aos vencidos a desforra platonica do respeito intimo, embora inconfessado, dos proprios vencedores. E ás vezes, como agora succedeu, a sympathia é tão forte que triumpha. O duque adquiriu a convicção de que não podia contar com os seus. Muitos secretamente eram por D. Pedro; quasi todos cuidavam que iam em jornada por entre amigos. Tinham medo: e esta fraqueza é commum, quando a consciencia não dorme tranquilla. Desde que avançára até á Varzea, o duque de Bragança mettera-se n'um fundo de sacco. Não podia retirar, porque as povoações tinham destruido as barcas para a passagem do Alva, que ia cheio na primavera com o derreter das neves da serra. Não podia combater, porque as tropas debandariam. Via-se á mercê do homem que se propunha matar. Portanto, apesar do desaire e da idade, fugiu, abandonando os seus. Com um punhado de cavalleiros, de noite, metteu-se á serra. Seguindo as picadas, guiado por pastores errantes, n'essas alturas cobertas de neve, onde o frio é vivissimo e o ar raro, os setenta e dois annos do duque gemeram. Pelo Alvoco, deixando á esquerda o cume esbranquiçado da Estrella, foi sahir á Covilhã; mas soffreu tanto que nos doze annos que viveu ainda, nunca mais pôde endireitar a cabeça. Retezaram-se-lhe os tendões do pescoço, e essa attitude ficou para attestado da humilhação que soffrera.

Quando se viram abandonados, os homens do duque debandaram, correndo tresmalhados pela serra, com o medo constante

de que D. Pedro os viesse perseguir. Levavam todos o mesmo norte: galgar os montes e recolher-se á Covilhã que era do infante D. Henrique. Mas os cavallos gelavam, as bagagens perdiam-se. Em Albergaria, lá pelos altos, morreram alguns de frio. Os de D. Pedro queriam perseguir os fugitivos: elle não o consentiu. Avranches praticamente lhe aconselhava, com as *rebollarias* do costume, que prendesse o duque: «Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre»; mas D. Pedro recusou-se tambem a isso. Embora «quanto mais alongou a vida d'elle, tanto antecipou a sua morte» [1], foi excellente que assim procedesse; porque, vivendo, não deixaria acaso um tão bello exemplo da nobreza da Cavallaria. Raiava pela loucura um proceder assim, não ha duvida; mas todos os motivos deliberantes dos actos humanos parecem doidices quando excedem o nivel médio do commum das coisas. A santidade confunde-se com a loucura: todavia são esses pincaros da vontade ideal que servem aos homens de criterio e luz por onde se guiam.

D. Pedro, innocente, procedia como se a innocencia devesse reger e vencer. Depois do erro pratico de deixar fugir o duque, a logica mandava-lhe licenciar as suas tropas, e fel-o, encerrando-se no seu palacio de Coimbra com a familia e os livros. Dobrado sobre o bufete em que sua filha D. Philippa trabalhava, perdia-se a scismar vendo o pincel da infanta correr sobre o pergaminho, traçando as preciosas illuminuras das homilias dos Evangelhos, que em testamento veio a legar ao convento de Odivellas [2]. Avranches, cuja Cavallaria era pontualmente pratica, dizia-lhe que endoidecera, e abraçava-o, chorando, entre ditos ou *rebollarias*, preso a elle como hera que se enrosca n'um tronco de ulmeiro: hera triste, mas em cujas folhas metallicas as gottas de orvalho tremem como lagrimas diamantinas. A candura é sempre alegre.

Que importava que o duque de Bragança colligisse na Covilhã os farrapos das suas tropas, e se apresentasse em Santa-

[1] *Chron. de Affonso V*, c a cv.

[2] Comm. de Juromenha, em Rackzynsky, *Les arts en Portugal*, 206.

rem, na côrte, como vencedor: se ia de cabeça baixa, não podendo erguer o pescoço? Nem por isso a sua lingua, e as bocas do conde de Ourem e dos seus cantavam menos a grandeza do duque, a piedade generosa com que deixára de esmagar D. Pedro: esse traidor que ousava desobedecer a el-rei! No conselho, as accusações iam desbragadas a ponto de D. Henrique intervir colerico:

— Não consinto se diga que nenhum filho d'el-rei D. Joao faz injuria a seu rei e senhor!

Passava no ar a sombra do infante D. João?... Passou, fugiu, dissipou-se; e a alegria sentida por muitos, julgando que D. Henrique poria afinal ordem nas coisas, dissipou-se tambem, vendo-o cahir de novo na passividade apathica de que sahira por um momento apenas. A energia do seu animo gastava-a toda em outros motivos.

Varrido o susto, a camarilha inteiramente senhora do rei, deu largas ás suas paixões clamando vingança e justiça, com os olhos postos na immensa prêsa a dividir. Procedeu-se com energia e rapidez. A fuga do duque fôra na vespera de Ramos; e na vespera de Paschoa chegavam a Coimbra as intimaçoes do rei, declarando D. Pedro desleal, e mandando fazer-lhe guerra. Na semana santa de 1449 houve uma segunda paixão: crucificaram o infante innocente — que despediu o emissario do sobrinho e genro, dizendo appellar da sentença para a consciencia do rei.

O rei com os seus dezesete annos, tinha ainda a consciencia pouco lucida: nunca a teve afinal muito mais! Preparava-se para a guerra, e distribuia os bens e officios dos que eram por D. Pedro a quem vinha pedir-lh'os [1]. E vinham em procissões!

*
* *

O filho do infante, D. Pedro tambem, não fôra desapossado ainda do cargo de condestavel que o pae lhe dera com o mes-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CVI e VII.

trado de Aviz. Tinha a comarca de entre Tejo e Guadiana e as praças de Elvas e Marvão, por onde as más linguas diziam que haviam de entrar os castelhanos de D. Alvaro de Luna e do mestre de Alcantara, a soccorrer D. Pedro. Tal foi o pretexto para o rei mandar contra o filho do infante o conde de Odemira, que tinha Fronteira, e que obrigou o condestavel a emigrar, passando a Castella, a abrigar-se em Alcantara sob a protecção do seu Mestre [1]. Tambem esta provocação á guerra civil falhou, e a lentidão da vingança exasperava a camarilha odienta. Não recuando perante nenhum processo, usaram da mocidade da rainha para fazerem d'ella o algoz do pae. Foi D. Izabel quem n'uma carta lhe participou como o conselho sentenciára contra elle a morte, prisão perpetua, ou desterro para fóra do reino; e como o rei partiria de Santarem em armas no dia cinco de maio.

Recebendo publicamente a carta da filha, sua condemnação cruel, D. Pedro, sentindo «a morte começar já a bater ás portas da sua vida», apertou o papel nervosamente nas mãos, e houve um momento de silencio. Ao emissario portador da carta pediu noticias da saude e disposição d'el-rei. Em seguida sentou-se á meza, comeu serenamente, e depois da meza, começando o conselho, sem poder mais, largou n'um choro largo, levantando os olhos ao céo:

— Minha tenção é a morte... Desterrado não será um filho d'el-rei D. João... para andar minha velhice por terras estrangeiras... Preso aos cincoenta e sete annos! Consentir ferros de justiça em minha carne!

Pedia, emfim, que o aconselhassem. Pensassem todos no que havia a fazer. A sua idéa era partir de Coimbra no proprio dia cinco, em que el-rei partia de Santarem, e ir ao seu encontro, abrir-lhe os olhos, esmagando os inimigos, não com armas, mas com a força da evidencia... A lucidez do seu pensamento perdera-a com os balanços demorados d'este naufragio. Emmaranhava-se em chimeras, deixava-se ir no encalço de utopias. Queria abrir

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CVIII.

os olhos ao rei, e era elle, o desgraçado, que os tinha vendados pela cegueira... Tristemente, os companheiros se afastaram silenciosos, guardando para o dia seguinte emittir o seu voto, conforme os desejos do infante. Sentiam-se tomados de uma commiseração funebre. Uns opinavam que se não devia ir procurar a morte, bastava esperal-a: fortificassem-se em Coimbra, Penella e Montemor, e n'esse trilatero seriam invenciveis. Em ultimo caso Buarcos ficava á mão para fugir por mar; mas tal hypothese não se daria, porque o rei não tinha forças bastantes para os cercar, e o tempo desenganaria a todos. El-rei era uma creança: aprenderia com os annos. Outros, em opposição, diziam ser deshonra esperar o cêrco, mormente para cavalleiros da Jarreteira: fortificasse o infante os seus castellos, retirasse sobre o Douro, onde colligiria reforços; com elles passasse á Beira, de lá a riba Guadiana, ás terras do condestavel seu filho. Isto bastaria para dar juizo aos inimigos.

O conde de Avranches, porem, emittiu uma opinião á parte. Antes morrer grande e honrado, exclamou, do que viver pequeno e miseravel! Armassem-se, e fossem a Santarem em força intimar o rei a que ouvisse o infante, e dissipasse as falsidades e enganos. E se el-rei não quizesse, morressem todos no campo como bons e leaes cavalleiros. D. Pedro opinou serenamente pelo voto do conde [1].

Estava pois lavrada a sentença pelo accordo d'esses dois homens, em quem a Cavallaria, dominando, n'um a vontade, no outro a intelligencia, ambos arrastava a uma positiva loucura. Para Alvaro Vaz, a Cavallaria era o voto de obediencia absoluta e completo sacrificio, incluindo a propria vida, aos dictames da consciencia pratica, principalmente representados pela homenagem feudal e pela confraternidade guerreira. Para D. Pedro, a Cavallaria era um voto analogo aos preceitos da consciencia ideal, principalmente representados tambem pela lealdade absoluta, pela fidelidade sem mancha, aos principios da sua religião, da nobreza intellectual do homem. Pela Callavaria, ac-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CIX a CXI.

tuando sobre a vontade e sobre a intelligencia, tinham chegado, um ao humorismo, outro á apathia; e agora que a crueldade das coisas os precipitava n'uma crise, encontravam-se ambos abraçados n'uma loucura commum. Tanto, nas suas culminações mais subtis, o saber se confunde com a ironia, demonstrando a inanidade das coisas!

É que o idealismo, quer se chame Cavallaria, como no seculo xv, quer Jacobinismo, como no nosso se chama popularmente ás abstracções radicaes da politica, é um desvairamento do espirito pratico, por isso mesmo que é uma verdade da razão abstracta. A arte grega, com aquella incomparavel subtileza de observação que a distingue, notou que na natureza não havia linhas absolutamente rectas, e por isso as baniu das suas regras estheticas. Todavia a linha recta existe, e é portanto uma verdade; mas existe e é verdade unicamente como abstracção racional. O mesmo succede no mundo. Toda a realidade consiste em linhas mais ou menos curvas, que todavia têm em si a ambição e a virtualidade da recta. E para todo aquelle que no mundo quer representar um papel, obedecendo aos impulsos do dever moral que nos impõe a obrigação de cooperar ou de dirigir os nossos semelhantes: para todos esses é forçoso curvarem-se ás condições da realidade. Querer despedaçal-a, para a fazer conforme ás linhas ideaes da razão, é uma loucura, mas que em dados casos póde ser sublime e abençoada. É porém uma abjecção, é a ruina da nossa inteira liberdade, deixar que se apague dentro de nós esse pharol da razão absoluta que unicamente póde guiar-nos nas veredas obscuras da vida, e sanccionar os actos exteriormente contradictorios a que a realidade nos obriga a submetter-nos.

Eis-ahi a distincção e a analyse que não faz o idealismo. Arrebatado pelo clarão da luz, cega-se, e, como borboletas, esvoaçando em torno do foco, incendeia-se n'elle. A isto com razão se chama loucura, porque tal nome convem a todas as aberrações do espirito. E essa especie de loucura, a que Cervantes deu o nome eterno de quixotismo, referido á propria Cavallaria do seculo xv, é a mesma que assaltou nos nossos

tempos os espiritos desvairados pelo ideal, e que, por verem com os olhos da razão um mundo de verdade, belleza e bondade absolutas, cegaram dos olhos positivos para a realidade tal e como é. A catastrophe é inevitavel para o quixotismo, quer seja vencido, quer vença. E a historia está, com effeito, cheia de episodios heroicos, em que o espirito pratico é transitoriamente esmagado. Inevitavel, e maior ainda, é a catastrophe quando vence, porque determina as reacções organicas; pois não são outra coisa os collapsos successores das crises. Para não sahir dos tempos modernos, foi um collapso o delirio religioso do monachismo militante, Cavallaria ao divino; e foi outro o delirio politico da revolução franceza, Cavallaria tambem do racionalismo e da abstracção philantropica.

D. Pedro que tão sensato, tão humano, tão lucido fôra, emquanto podia proceder como critico, perdeu tudo quando chegou a hora da acção n'uma crise; e o conde de Avranches, cujo humorismo illuminava com riso os passos mais arriscados, não encontrava tambem n'este supremo transe mais do que uma solução quixotesca. É que em ambos a Cavallaria, tão constitucional que os endoidecera, não era, como para o commum dos homens do tempo, apenas um rito, ou um phraseado semelhante aos phraseados dos nossos bons jacobinos de hoje. Abraçados um ao outro, no silencio da noite que succedeu ao conselho, como Antonio e Cleopatra, quando juraram a synapothanumenia, ou consorcio da morte, desvairados pela loucura do amor genesiaco: os dois cavalleiros juraram tambem morrer juntos, allucinados pela doidice da honra.

— Conde, disse D. Pedro, sabei que eu sinto já minha alma aborrecida de viver n'este corpo, e desejosa de se sahir de suas paixões e tristezas. Pois que as coisas me não obedecem, determino morrer e acabar inteiro, e não em pedaços. Pela creação que vos fiz, pela irmandade que commigo mereceste ter na santa e honrada ordem da Jarreteira em que somos confrades, e principalmente pela vossa bondade e esforço: quero saber se no dia em que d'este mundo me partir, quereereis tambem ser meu companheiro?

—Sou muito contente, respondeu o conde, ter-vos essa companhia na morte, assim como vol-a tive na vida; e se Deus ordenar que do mundo vossa alma se parta, sede certo que a minha seguirá logo a vossa; e se as almas no outro mundo podem receber serviço uma das outras, a minha n'esse dia irá acompanhar e servir para sempre a vossa...

E na manhã seguinte, depois de velarem toda a noite, preparando-se para a morte, commungaram christãmente jurando morrer, nas mãos do clerigo que lhes ministrou o sacramento; e protestando não querer offender ninguem, mas só defender com razão e justiça a honra do infante. D. Pedro estava por terra, de bruços, lavado em lagrimas, ciliciando-se, a accusar-se dos seus peccados [1]; Alvaro Vaz, de pé, ao lado, comprimia os soluços; no seu altar, o padre abençoava-os. O christianismo foi tambem uma Cavallaria, da alma dolorida, pelo ideal da ventura ultra tumular...

Voltemos agora a pagina, vejamos o reverso da medalha, no que passava em Santarem, em meio da côrte, afogada no espirito pratico, sem nenhuma luz de idealismo que a guiasse, e lhe fizesse comprehender o desvairamento épico dos homens de Coimbra.

A rainha, ensurdecida com o tumulto da guerra que se preparava, afflicta com as vozes que em côro pediam a morte do pae, acaso ferida pelo remorso pungente da carta cruel que lhe escrevera, deitou-se de joelhos diante do marido, e lavada em lagrimas pedia-lhe a salvação de D. Pedro. Era seu pae, era innocente; lembrasse-se que deshonrava no avô os filhos que ella lhe havia de dar! tivesse compaixão! abrisse, pelo amor que lhe tinha, os olhos á verdade...

—Como quereis brandura, voltava-lhe Affonso V, se elle é tão pertinaz? Reclamei-lhe as armas que tinha, e não m'as deu. Ordenei-lhe que deixasse passar o duque de Bragança, e não o consentiu. Mas, por vós, e só por vós, se elle pedir perdão, douih'o.

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXII.

A rainha levantou-se e tristemente escreveu ao pae, sem esperança. Com effeito, no conselho, apesar do voto em contrario dos seus companheiros, D. Pedro, decidido a morrer, declarou firmemente que não pedia perdão por não ter de que. Seria confessar-se réo: isso nunca!

—Antes tenham remorsos da minha morte, do que eu vergonha de viver!

E acertava. Porque, se o idealismo é uma loucura pratica, a dignidade é que determina a linha divisoria do mundo interior da razão e do mundo objectivo da necessidade, marcando o limite até onde a curva inherente ás coisas reaes traduz a comprehensão synthetica da vida. Morrer por um ponto de honra, é um absurdo; morrer por uma exigencia da dignidade, é um dever alegre.

D. Pedro, porém, estonteado como navio que perde o leme em meio do mar, batido pela rajada sêcca da loucura, tergiversou n'um momento de fraqueza contraproducente; escreveu á filha, pedindo perdão, para condescender com os que o aconselhavam, mas, obedecendo ao proprio impulso que protestava, accrescentou: «Isto, senhora, faço eu, mais por vos comprazer, que por me parecer razão que assim o faça.» Taes palavras offenderam com motivo o rei, e decidiram-no a recusar o perdão, annuindo ás instancias dos conselheiros que em côro envenenavam as palavras de D. Pedro, accendendo a vaidade do rei, indicando-lhe que não devia deixar-se guiar por uma mulher. O medo d'elles, era agora a rainha e o amor que o esposo lhe dava. Por isso tambem voltavam para ahi os seus ardis, procurando desligar d'ella o rei, aconselhando-lhe a caça, pintando-lhe o trato com mulher, na sua idade, como contrario á saude do corpo e do espirito. Ficaria um sêr effeminadamente fraco, diziam os physicos; e os moralistas accrescentavam que esse casamento não fôra verdadeiro: não passava de uma concubinagem. A tudo isto porém resistia a força do temperamento de Affonso V, no desabrochar da idade viril. Vendo que remavam errado, a boa gente voltou de norte, inventando amantes á rainha, sacrificando á prisão o camareiro mór d'el-rei, Al-

varo de Castro, que, provada a innocencia, foi solto e em compensação feito conde de Monsanto.

Cada dia que passava, tornava mais aguda a situação. O conflicto parecia inevitavel. Affonso V estava preso n'um cerrado que lhe impedia o conhecimento exacto da verdade. Todo o empenho de conciliação morria abortado á nascença, como succedeu ao do prior d'Aveiro, a quem vedaram o acesso ao rei [1]. Já não havia com effeito outra solução além da morte.

*
* *

Para lá caminhava decerto o infante quando largou de Coimbra a cinco de maio, de manhãsinha, depois de uma noite que a cidade inteira consumiu em festas e danças. Levava comsigo os filhos, um milhar de cavalleiros, e o quintuplo em peões com uma grande carriagem de bois e animaes de carga. Ao partir, desvairadamente, fallou ás tropas, dizendo-lhes que «ia pedir justiça como leal servidor d'el-rei seu senhor». Singular campanha, cuja loucura se via nas legendas dos balsões que d'um lado tinham escripto *Lealdade*, e do outro *Justiça e Vingança*. Funebre paradoxo este de proclamar a lealdade, sahindo a campo como rebelde; e de pedir justiça, gritando por vingança!

Vendo um acto de loucura tão consummada, em Santarem os inimigos não couberam em si de contentamento. O parecer dos que nos conselhos do infante queriam que se não sahisse de Coimbra era o bom, porque, não dispondo o rei de forças bastantes para um cêrco, a ameaça aprazada para o dia cinco de maio não podia cumprir-se. Quando, pois, se soube que D. Pedro deixára espontaneamente o seu covil, e vinha por esses campos fóra metter-se na bôca do lobo, bateram palmas de contentamento. Para que viria o infante, senão para atacar el-rei? Era facil fazel-o crêr a Affonso V.

E todavia D. Pedro não vinha hostilmente: ainda guarda-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXIII a V.

va uma secreta esperança de que os olhos do sobrinho se desvendariam para vêr, e os seus ouvidos se abririam para ouvir. Mas a esperança, a lealdade, o amor da morte e o desejo de viver, com a colera e o desdem soberano pelos inimigos: tudo se revolvia confusamente no seu cerebro, já incapaz de coordenar idéas com lucidez.

No dia cinco foram dormir á Ega; no immediato, sem entrar em Leiria, pararam na Batalha, onde o povo se amotinou com intentos de resistencia, que os frades amoravelmente suffocaram. D. Pedro ouviu missa, e bem com Deus, foi visitar os tumulos dos paes, já recolhidos para sempre na sua morada de marmore [1]. Ajoelhou piedosamente, rezou, fallou-lhes, com a certeza de que muito breve para alli viria tambem dormir em companhia. Singular rebelde, estranho campeão!

Da Batalha foi a Alcobaça, onde também os frades o receberam de braços abertos. Já de Santarem tinham largado corredores ao seu encontro. De Alcobaça partiu direito a Rio Maior, deixando a estrada de Lisboa. Ia resolver-se a direcção que haviam de tomar. No conselho reunido em Rio Maior, as opiniões foram quasi unanimes no sentido de uma volta a Coimbra. Não se devia ir mais adiante: a honra estava salva. Quem se atrevera a cumprir a ameaça de o atacar? Enviar emissarios a Santarem, não; porque nada se podia fiar de um rei tão creança. Proseguir, tambem não; porque accentuaria o caso de rebellião. Além d'isso, ir plantar o arraial nos arrabaldes de

[1] «São dois grandes moimentos tão juntos que parecem hum só. O marmore, muito alvo e fino, lavrados todos em roda de um sylvado de meyo relevo com seus espinhos e amoras e a espaços uma letra francesa que diz: *Il me plait pour bien*... Sobre os moimentos parecem dous corpos deitados, do mesmo marmore, lavrados de relevo inteiro, hum del Rey, que está anuado de todas as armas, salvo as da cabeça, e o outro da Rainha que fica á mão direita del Rey, e estão travados pelas direitas. As cabeceiras d'estas sepulturas ficão pera a porta principal, e em cada huma esculpido seu letreiro, que por serem em demasia largos terão particular capitulo. Fica o altar que dissemos contra os pés das sepulturas, arrimado ás columnas, que sustentão o simborio: por maneira que o altar e sepulturas fazem huma capella particular por si e não pequena no meyo de toda a quadra.» — Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, VI, 15; tom. I, 625-6.

Santarem, em meio dos olivaes, seria um crasso erro, pois, se lh'os derribassem na retaguarda, ficavam sem retirada segura nem possibilidade de peleja. Certo era perder-se a gente de pé e a carriagem. Ir sobre Lisboa, tambem não: traria um desengano cruel. Lisboa já não era a mãe que amamentára D. Pedro, mas sim madrasta descaroavel. A marcha seria indubitavelmente acossada pelas gentes do rei.

Raciocinavam todos com o instincto de quem quer viver, D. Pedro não podia discutir, pois ia levado nas azas da morte.

— Bem sinto já, respondeu, que estar aqui mais não é necessario, e muito menos avançar contra Santarem: já por tudo o que dissestes, já por parecer que vamos atacar el-rei. Retirar, porém, não quero! Vamos sobre Lisboa! Se não vierem a mim, daremos a volta por Loures, Torres-Vedras e Obidos, recolhendo a Coimbra, onde esperaremos a ventura que vier, e a intercessão de D. Henrique e da rainha minha filha...

Será verdade que algum homem, levado ao suicidio pelo desespero, ainda no proprio momento de decisão mais formal, deixe de ter a vaga esperança de um acaso que o salve? Poderão tanto as decisões do pensamento, que abafem por completo os instinctos organicos? O facto é que em D. Pedro luctavam, e essa lucta era uma das causas da sua loucura. Vagamente esperou que o sobrinho viesse lançar-se-lhe arrependido nos braços; como agora esperava que Lisboa ainda o acclamasse; como contava ainda com a efficacia da intercessão de D. Henrique e da filha: pondo a esperança em cada sombra de madeiro salvador que suppunha vêr sobrenadando no mar agitado do pensamento, mesquinhos restos da nau da sua vida sossobrada!

Demoraram-se tres dias em Rio Maior. Nem o rei correu a pedir perdão; nem veio recado de D. Henrique, nem da rainha: nada! Uma paz, um silencio, um abandono, que já pareciam de tumulo... Agora, o despeito que nos phleugmaticos desdenhosos é tão forte como as labaredas do odio nos sanguineos, juntava-se na cabeça do infante ao tumulto de pensamentos desconnexos que já de antes o endoideciam.

Em vez de seguir para leste, direito a Santarem, no dia dezeseis obliquou para norte, dirigindo-se a Alcoentre, a caminho de Lisboa, onde a noticia da vinda de D. Pedro provocava tumultos e assassinatos. Dois creados do infante, havidos por suspeitos, tinham sido esquartejados, e os quartos postos para exemplo nas praças da cidade. Bem fizera, quando regente, não consentindo que lhe levantassem a estatua na porta da dos Estáos!

Marchava tristemente a pequena columna, acossada na cauda pelos ginetes e corredores de el rei que sahiram de Santarem logo que o viram partir. Perseguiam-no com tiros, mais de lingua do que de bésta. Chamavam-lhe desbragadamente hypocrita e falso, ladrão do povo, traidor, tyranno... e taes insultos accendiam a ira dos soldados.

—Socego, dizia-lhes D. Pedro, não se encolerisem. Essas bôcas já muitas vezes me beijaram as mãos por mercês feitas...

Mas, n'elle proprio, a onda da colera subia, afogando-o. Já se combatia no couce do pequeno exercito, e de uma primeira escaramuça trouxeram os prisioneiros ao infante. Vinha entre elles um creado de D. Henrique. D. Pedro, enfurecido ao vêl-o, tomou de um pau, gritando com a colera fria da gente pensadora:

—Ingrato e traidor! E da tua bôca era que taes vilezas sahiam! Bastava que fizesses o mal com as mãos, não com a lingua!

Abateu-o com uma paulada; outros o acabaram ferozmente. O sangue allucinou de todo o infante que, n'uma furia, varridamente louco, mandou enforcar ou degolar os mais prisioneiros. Este accesso desilludiu quasi todos. A mais da gente de pé escoou-se de noite pelas veredas das serras; ficaram quasi sós os cavalleiros presos pela homenagem e lealdade. Ninguem contava senão com a morte.

Já de Santarem o rei sahira com trinta mil homens — tamanho era o susto! — descendo lentamente ao longo do Tejo, para dar tempo ao inimigo de se aproximar de Lisboa hostil. Quanto mais perto d'ella se chocassem, melhor, pois o teriam entre dois fogos. Entretanto D. Pedro seguia de Alcoentre,

sempre a sul, direito á Castanheira sobre o Tejo. A direcção das duas forças era convergente. Chegou o infante á Castanheira, ainda o rei vinha longe. Acampou, mas o logar era indefensavel. As deserções continuavam cada vez mais numerosas! Muitos abandonavam as bagagens para fugir mais leves. Arriscado a achar-se só, com o conde de Avranches que o seguia como um espectro vivo, levantou o arraial. Annunciou que iam a Lisboa, a vêr se continha o panico; mas legua e meia mais abaixo, sobre o ribeiro de Alfarrobeira, logo áquem de Alverca, parou de novo. Não pensava já em entrar em Lisboa; soubera da sorte dos seus creados; mas ainda vagamente conservava uma tenue esperança no irmão Henrique...

Uma terça-feira, eram vinte de maio, chegou o rei com o seu exercito. Avranches, sahido a reconhecer o inimigo, voltou á estacada, confessando que estavam perdidos.

Em Alverca o Tejo espraia-se na sua enorme amplidão, alongado para o sul pelas alluviões n'um estendal de juncaes e paúes salgados, lezirias onde pastam as manadas de touros negros. Leves cortinas de salgueiros e choupos fecham distantemente o horisonte encinzeirado. Para áquem, a extensão da varzea é mais breve, limitada ao norte pela cordilheira de montes arredondados, em cujas encostas vermelhas sobresae o verde-negro da urze charnequeira, lençoes de matto que vêm franjar-se contra as argillas amarelladas dos contra-fortes. N'essas collinas, mollemente reclinadas sobre a varzea d'um torrão pingue e endurecido pela agua e pelo sol, luzem como colmeias brancas as povoações, encastadas no verde quente dos pomares e no pardo melancolico dos olivaes com reflexos da côr d'aço. Pelos vallados, á beira das azinhagas, as figueiras e os aloes com as folhas metallicas bordadas de espinhos, coroados triumphalmente pelos seus penachos escarlates, matizam a paizagem, inundada por uma luz offuscante, a que o velario do céo põe uma cupula gloriosa, azulando os altos dos montes, lá para o longe.

O ribeiro de Alfarrobeira desce do norte serpeando pela varzea, engastado em duas linhas de ulmeiros e choupos que o

encobrem, até aos terrenos nús das margens do Tejo, dominio das cheias, onde corre como uma valla. Junto do ribeiro estava o arraial do infante, cercado já pelas tropas reaes que, decididas a não assaltar, queriam vencer com o medo das trombetas concitando os echos dos montes, e dos arautos e reis d'armas que soltavam os mais espantosos pregões, a intimar aos sequazes do infante o abandono do rebelde. Succedia porém o contrario: as deserções davam-se do campo real para o de D. Pedro.

N'esta indecisão, uns besteiros do rei metteram-se á agua, encobertos com as arvores, e de lá jogavam tiros sobre o arraial. Já havia feridos e mortos. Por outro lado, d'um cabeço proximo, tambem atiravam. D. Pedro mandou então pôr fogo a umas bombardas que trazia encarretadas, apontando ao cabeço; mas a impericia dos artilheiros atirou uma bomba junto da tenda de Affonso V. Perante um aggravo d'estes, rompeu o assalto espontaneamente. A peonagem que restava ao infante debandou logo; e D. Pedro apeou-se, vendo chegar o momento por que a vontade suspirava e contra que o instincto se lhe rebellára tanto. Estava levemente armado: uma cota, sobre ella uma jornea de velludo carmezim e na cabeça a cervilheira. N'esse instante varreram-se-lhe de todo as esperanças na fraternidade de D. Henrique. Não acreditou na presença d'elle junto do rei, ao lado dos seus inimigos? [1] Oxalá que levasse para a cova esta consolação.

Alto, magro, branco, movendo-se espectralmente, combatia a pé no meio do tumulto. De perto, os filhos fitavam-no com o espanto interrogador das creanças... quando uma setta perdida, ou mandada [2], lhe varou o coração. Cahiu morto com esta

[1] «O infante D. Henrique estava com el-rei D. Affonso V seu sobrinho n'aquelle ajuntamento que se fez sobre o infante D. Pedro de que se seguiu a batalha de Alfarrobeira, na qual o dito infante foi morto e o conde de Avranches que era com elle, e toda a sua hoste desbaratada; onde, se o meu entender para isto abasta, justamente posso dizer que lealdade dos homens de todolos regnos foram nada em comparação da sua.» Azurara, *Conq. de Guiné*, v.

[2] Disse-se que os inimigos do infante accrescentaram o que o matou. Traziam gente apostada para isso. Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXI.

só ferida; morreu com a consolação de não presencear outras mortes; e o bispo de Coimbra, vendo-o por terra, curvou-se, ajoelhou, e no meio da vozeria do combate, absolveu-o, recolhendo-lhe o ultimo suspiro. A historia absolve-o tambem.

A cavallo, o conde de Avranches combatia, clamando, matando. O seu humorismo tornára-se em furia.

—Senhor conde, que fazeis? que o infante D. Pedro é morto! gritou-lhe um moço.

—Cala-te, rugiu o conde, e aqui o não digas a ninguem!

Esporeou o cavallo, foi á sua tenda, pediu que lhe dessem pão e vinho, vestiu as melhores armas, e sahiu a pé pelo arraial, já de todos os lados entrado. Reconhecendo-o, cahiram em chusma sobre elle, que com a lança, e, depois de partida, com a espada, lavado em sangue, combatendo em volta, sem consentir que lhe tocassem emquanto esteve de pé, matava furiosamente. Vendo-se cançado, murmurou:

—Ó corpo, já sinto que não podes mais, e tu minha alma já tardas...

E deixou-se cahir por terra, a gritar como um trovão:

—Fartar, rapazes! Vingar, villanagem!

N'um instante foi crivado de golpes. Despedaçaram-no, deixando-lhe o tronco em retalhos espalhados pelo chão. A cabeça, decepada, levou-a um seu velho amigo ao rei, pedindo por ella accrescentamento. Era tempo de começar o regabofe.

Tres dias ficou insepulto o cadaver de D. Pedro, apodrecendo com outros n'uma choupana d'onde o levaram por fim, n'uma escada por esquife, á igreja de Alverca. A viuva de D. Pedro fugiu de Coimbra, homiziada, e, dos filhos, D. Jayme, preso, «ficou apparelhado para o cutello» [1] e D. João por Castella viveu esmolando.

*
* *

Consummada a catastrophe, começou a partilha. O duque de Bragança teve logo Guimarães e teria tido o Porto, como

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXVI a XXIV.

reclamava, se os da cidade se não tivessem opposto energicamente [1]. O conde de Ourem teve Valença do Minho com o seu marquezado [2]. Vasco Fernandes Coutinho, presidente da liga de 1439, foi feito conde de Marialva [3]. E assim á proporção. Dava-se a mãos largas; mas para dar o que era de D. Pedro tornava-se necessario deshonrar-lhe a memoria. Isso custava ao rei, e adivinha-se quantas lagrimas custou á rainha. Prova-se a hesitação dilacerante na demora que houve. Alfarrobeira fora em maio, e só em dez de dezembro, sete mezes depois, em Almeirim, veio á luz a Carta régia declarando traidor o infante D. Pedro e todos os que o haviam acompanhado, privando-os de bens e honras.

Foi necessario que D. Izabel désse á luz, no meado de 1455, o principe D. João, futuro vingador de seu avô, para que o rei, enternecido, rehabilitasse a memoria do regente [4]. Collaboravam com a rainha os tios de Borgonha, para onde casára a filha de D. João I, mãe de Carlos-o-Temerario, cujo heroismo foi tão semelhante ao de seu tio D. Henrique, reclamando sepultura honrada para o irmão e cunhado, ou que lhes mandassem o cadaver. Rehabilitado, foi D. Pedro para a Batalha dormir o somno eterno á sombra do seu motto *Desir* — a vã ambição do ideal que o arrastou até á loucura! No fim d'esse anno de 55 morria a rainha D. Izabel, contente por vêr apagado o stygma do pae; e as gentes diziam que acabava por isso mesmo, envenenada. Logo depois de Alfarrobeira, vergára com a dôr da catastrophe e o medo de se vêr tambem perdida por perder o carinho do esposo [5]. Com effeito, os vencedores queriam que Affonso V se separasse da rainha e casasse de novo; mas o rei oppôz-se a tanto, e mandou-lhe, de Lisboa a Santarem onde a deixára, saudações e consolos [6]. Isto animou-a,

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXIX.
[2] *Ibid.*, CXXXII.
[3] *Ibid.*, VIII.
[4] Carta de 20 de julho de 1455.
[5] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXXVI.
[6] *Ibid.*, CXXVIII.

e, annos passados, quando se achou gravida, abençoou a Providencia que lhe dava com esse filho a redempção do pae. Assim, succedeu com effeito. Entrado o inverno, porém, em Evora, onde estava a côrte, adoeceu «de fluxo de sangue com suspeita de lhe terem dado peçonha» [1]. Os antigos parciaes de D. Pedro perderam na rainha o ultimo escudo do seu amparo.

Dos filhos de D. João I restavam apenas D. Henrique, de que já contamos a morte, em 1460, no seu leito em Sagres: feliz com a segurança de deixar a vida coroada pelo exito, esquecido dos irmãos que immolára no altar dos seus designios; e D. Affonso, o bastardo, que morreu em 1461 [2], vergando ao peso de oitenta e quatro annos [3]: riquissimo, poderosissimo, na plena satisfação das suas grandes ambições. Estes dois foram os vencedores da vida; os outros quatro morreram vencidos. D. João, quasi em rapaz, levou-o subitamente uma febre, matando esse raro exemplo de ingenuidade de caracter, mallogrando a mais bella das existencias. D. Fernando acabou tambem, na flôr dos annos, martyr verdadeiro immolado ao destino da patria portugueza. D. Duarte, agonisando com a perda do irmão querido, desceu á cova, penitenciando-se em lagrimas de amargura, flôr de modestia ceifada pela foice da fatalidade no vigor d'uma vida sempre triste. D. Pedro, finalmente, a cujo acabar assistimos agora, fecha com o lugubre sêllo do destino esta série de desgraças.

Occorre, portanto, indagar qual vale mais, se vencer, ou ser vencido? Convem perguntar, se, n'um mundo incompleto e imperfeito, como tudo quanto é real, a bondade, a virtude, a nobreza, e esse bater d'azas para o ideal, representado á imaginação dos gregos na fabula de Icaro, não serão em verdade causas de permanente desgraça? Feita de ironia, a realidade parece condemnar aquelles que ousam querer desvendar-lhe as

[1] Goes, *Chron. do princ. D. João*, v.

[2] No mesmo anno morreu o marquez de Valença, conde de Ourem, solteiro, herdando a casa de Bragança o conde de Arrayolos. V. Sousa, *Hist. Geneal.*, X, 515 e segg.

[3] Pina, *Chron. de Affonso V*, CXLV.

leis, quebrando o sêllo terrivel do mysterio. Contradictorio na essencia intima do seu proprio sêr, o mundo esmaga quem se propõe vencel-o, desflorando-lhe a intimidade dos seus segredos. Viver é ignorar.

Mas, se a historia é uma lição de physica social no dynamismo dos elementos que a compõem, é tambem, na analyse dos caracteres e dos motivos moraes que os constituem, a mais completa lição de psychologia positiva. Um caracter bem estudado vale por um mundo visto. Quando os caracteres são como foram os dos filhos de D. João I, eminentemente accentuados e profundamente differenciados, a galeria torna-se um verdadeiro curso da alma individual nos seus phenomenos mais suggestivos. E quando, finalmente, a pleiade é, como esta foi para nós, a iniciadora na vida nova que tivemos na Renascença: a psychologia historica eleva-se á altura d'uma interpretação das causas determinantes do nosso heroismo passado — mais milagroso que muitos milagres perante os quaes os homens ajoelham confundidos.

Oliveira Martins.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO IX

ANTES DA BATALHA

Durante mais de uma hora caminhamos, através da escuridão, guiados por Infandos e pelos chefes — até que de novo surgiu, como um fino traço luminoso, a orla do sol. D'ahi a pouco havia já luz sufficiente; e achamo-nos então longe de Lú, junto de uma larga collina, de duas fartas milhas de circumferencia, em fórma de ferradura, e toda ella inteiramente plana no topo. Desde tempos immemoriaes, aquelle planalto fóra (segundo nos disse Infandos) aproveitado como acampamento permanente, e ordinariamente occupado por uma guarnição de tres mil homens. N'essa manhã, porém, á maneira que iamos trepando os flancos da collina, á luz já viva e quente do sol, descobriamos successivos regimentos, formando uma divisão de dezoito ou vinte mil homens, quasi todos veteranos. Estavam ainda sob o espanto e terror da mysteriosa treva que de repente os envolvera. E foi em silencio que passamos através

[1] Continuado da pag. 525, do numero de abril.

das suas filas cerradas, em direcção a um grupo de cabanas que se erguia a meio do planalto. Com surpreza e grande alegria encontramos lá dois servos, á espera, carregados com todas as nossas bagagens, cantinas, e munições que n'essa manhã deixaramos nas cubatas de Lú. N'uma trouxa as calças de John. Com que sofreguidão elle as envergou, pudico homem!

— Fui eu que mandei vir tudo, á cautela! explicou o serviçal Infandos. Quem sabe quantos dias estaremos n'este deserto!

Como não havia tempo a desperdiçar, o velho e activo guerreiro deu ordem para que se formassem as tropas immediatamente. Era necessario antes de tudo (disse elle) aclarar aos regimentos os motivos da revolta já decidida pelos chefes, e apresentar-lhes Ignosi, o legitimo rei por quem iam combater.

Meia hora depois os regimentos (a flôr do exercito dos Kakuanas) estavam em formatura nos tres lados d'um immenso quadrado. Do lado aberto ficamos nós com Ignosi, o velho Infandós e os chefes conjurados. Logo que um arauto intimou silencio — Infandos avançou: e com um calor, um enthusiasmo, irresistivelmente persuasivos, narrou a historia de Ignosi, o seu nascimento real, a serpente tatuada na cinta, a tragica morte de seu pai á mão de Tuala, a sua fuga através dos montes, o seu exilio entre estranhos. Depois retraçou o reinado cruento de Tuala, os seus crimes, as suas espoliações, as frias e inuteis crueldades. Em seguida contou como os homens brancos das estrellas, que lá de cima tudo vêem, se tinham compadecido da grande afflicção que ia no reino dos Kakuanas; como tinham ido então buscar Ignosi, o rei legitimo, ás terras distantes onde elle definhava no exilio, e o haviam trazido pela mão, através dos areaes e dos montes, ao paiz de seus paes; como n'essa manhã, para mostrar a Tuala e a todos o seu poder magico, e provar aos chefes descontentes que Ignosi era rei, elles com as suas artes tinham apagado, e depois tornado a accender, o sol; e como, emfim, esses magicos que nenhuma força

vencia estavam dispostos a derrubar Tuala, o falso rei — e pôr em seu logar Ignosi, o rei verdadeiro!

Apenas elle findára, entre um longo murmurio de approvação, Ignosi deu dois passos, e, alteando a sua nobre estatura, appellou para as tropas. — Ellas tinham ouvido Infandos, seu tio! Cada palavra d'elle luzia como a verdade. Os Kakuanas agora só podiam escolher entre Tuala, o monstro que os roubava, os trucidava, e cobria a terra de horror e desordem, — e elle, rei legitimo, que não permittiria mais no reino a caça aos feiticeiros, nem matanças de festa, nem castigos sem julgamento, nem a oppressão dos mais fortes... Pelo contrario, sob elle, so haveria paz e abundancia! A todos os que alli estavam e o ajudassem daria cubatas, mulheres e gados: — e todos, ganha a victoria sobre Tuala, iriam viver nas suas senzalas bem providas, em descanço e alegria para sempre. De resto, os homens das estrellas estavam com elle, a seu lado, para manter os seus direitos. E quem podia ir contra a força das suas artes magicas? Não tinham elles visto o sol apagado, depois outra vez brilhante, á ordem dos espiritos brancos?

Um rumor de acquiescencia, de adhesão, corria já entre as tropas. Ignosi então recuou um passo, e erguendo no ar o seu formidavel machado de guerra:

— Eu sou o Rei! Na verdade vos digo que sou o Rei! E se ahi ha alguem, d'entre vós, que diz que eu não sou o Rei, que sáia a terreiro, se bata commigo, e bem cedo o seu sangue correndo no chão provará que na verdade sou Rei. Escolhei pois entre mim e Tuala, oh chefes, soldados, vós todos! Sou eu o Rei!

— És o Rei! foi a universal, acclamadora resposta, que atroou toda a collina.

— Bem! Tuala está mandando já emissarios a reunir os seus homens para nos combater. Os meus olhos estão abertos, e verão aquelles que mais fieis me são, e que merecerão mais terra, mais gado, mais riqueza. E agora ide, e preparai-vos para as batalhas, em defeza do vosso Rei!

Houve um silencio. Um dos chefes ergueu a mão; e os

vinte mil homens, ferindo o sólo com as azagaias, soltaram a grande saudação real — *krum! krum! krum!* Ignosi estava acclamado Rei. Os batalhões immediatamente recolheram aos seus acampamentos. No planalto reinou silencio e ordem.

Logo depois celebramos um conselho de guerra, com todos os capitães. Era evidente que em breve seriamos atacados pelas tropas fieis a Tuala. Já do alto da nossa collina nós viamos regimentos marchando, a concentrar-se em Lú — e um incessante movimento de armas por toda a estrada de Salomão. Do nosso lado contavamos com vinte mil homens. Tuala, segundo o calculo dos chefes, poderia ter reunidos na manhã seguinte trinta e cinco a quarenta mil soldados. Mas d'esses, muitos eram recrutas; e a forte flôr do exercito, os veteranos endurecidos, os capitães de experiencia estavam felizmente comnosco, sobre a collina da Revolta.

O primeiro cuidado era fortificar a nossa posição. Começamos por obstruir com grossos rochedos todos os carreiros que subiam da planicie. Nos pontos mais accessiveis erguemos estacadas e trincheiras. Accumulámos á orla do planalto montes de pedras para arremessar sobre os assaltantes. Aqui e além cavámos fossos. E, como todo o exercito trabalhava, ao fim da tarde a collina fôra convertida em cidadella.

Justamente antes do pôr do sol, vimos um grupo de homens que de uma das portas de Lú avançava para nós, fazendo soar um tam-tam. Um d'elles trazia na mão uma palma verde. Era um arauto.

Ignosi, Infandos, dois ou tres chefes, eu e os amigos descemos ao seu encontro. Vimos um soberbo homem, ainda moço, com a pelle de leopardo aos hombros.

— Saude! gritou elle, parando e agitando a palma. O Rei envia o seu saudar áquelles que lhe fazem uma guerra infiel. O Leão envia o seu saudar aos chacaes.

— Falla! bradei.

— Estas são as palavras do Rei: — «Entregai-vos á minha mercê, antes que a minha forte mão cáia sobre vós!» — Assim disse o Rei. Já foi arrancada ao toiro negro a espadoa

direita! Já o Rei o anda enxotando ensanguentado em volta ao acampamento! [1]

— Quaes são as condições de Tuala? perguntei por curiosidade.

O arauto declarou que as condições eram misericordiosas e dignas de um grande Rei. Muito pouco sangue o contentaria. De cada dez homens um seria morto, os outros perdoados; mas o branco Incubú que matára Scragga, o servo Ignosi que pretendia o seu throno, e Infandos que preparára a rebellião, seriam postos a tormentos, em sacrificio aos *Silenciosos*. Taes eram as misericordiosas condições do Rei.

Consultei um instante com os chefes, e repliquei, n'um tom estridente para que todos os soldados ouvissem, por sobre a collina:

— Volta para Tuala que te mandou, oh cão, filho de cão! E dize-lhe em nome de Ignosi, legitimo rei, e de Infandos, seu tio, e dos homens das estrellas que apagam o sol, e de todos os chefes e soldados aqui juntos, dize a Tuala — que antes que o sol dê duas voltas o cadaver de Tuala jazerá hirto e frio no terreiro de Tuala... Vai e treme, oh cão, filho de cão!

O official riu, com arrogancia:

— Não se assustam homens com palavras inchadas! Ámanhã se verá em que terreiro e que corpos jazerão hirtos e frios. Adeus pois, homens das estrellas. Para meu proprio regalo espero que tenhaes o braço tão forte como tendes ousada a lingua!

Com este sarcasmo o valente voltou costas. Quasi immediatamente a noite desceu.

A luz da lua ainda continuaram os trabalhos da defeza. Depois, já por noite alta, quando tudo se completára, o Barão, Ignosi e eu, acompanhados por um dos chefes, descemos a collina a visitar os postos avançados. Á maneira que caminhavamos, viamos de repente surgir dos sitios menos esperados, de

[1] Este cruel costume é commum a muitas tribus de Africa, por occasião de guerra.

uma cova na terra, de uma moita de arbustos, de um montão de rochas, alguma enorme figura emplumada, com a ponta da azagaia rebrilhando á lua, que, trocada a palavra de passe, logo se sumia, como dissolvida na sombra das coisas. A vigilancia era realmente perfeita. Demos assim toda a volta á collina, que tornamos a subir pela vertente norte, através das companhias de soldados adormecidos. A lua batia nas lanças ensarilhadas. Aqui e além uma sentinella destacava immovel, com as suas altas plumas ondeando á brisa fria da noite. E os robustos homens escuros, estirados no chão, uns contra os outros, no confuso abandono da fadiga e do somno, formavam como um vasto montão de humanidade já prostrada e preparada para a sepultura. Quantos d'aquelles estariam ainda vivos quando na outra noite de novo nascesse a lua? Estranha fatalidade e tristeza da vida! Muitos d'esses tinham alegria e paz nas suas aringas. Um principe ambicioso passava. E eis que milhares que alli dormiam um somno tranquillo cahiriam, varados por lanças, seriam frios cadaveres, desappareceriam em pó impalpavel, sem de si deixar mais vestigio que folhas de arvores que um vento leva. E nós mesmos—quem sabe? Tornariamos nós a vêr a lua brilhar n'aquella collina?

—Barão, disse eu de repente, dando voz a estes pensamentos, sinto-me n'um lamentavel estado de atrapalhaçao e de medo.

—O amigo Quartelmar costuma sempre queixar-se...

—Não, não! D'esta vez é serio. Nem sinto as pernas. Nós ámanhã somos atacados com forças collossalmente superiores e não escapa um de nós. É estupido! E para que? Não temos nada com as questões dynasticas dos Kakuanas! Somos estrangeiros, somos neutros!

—É verdade. Mas já agora, estamos envolvidos na aventura e é necessario leval-a a cabo airosamente. E depois, que diabo, Quartelmar! Mais vale morrer de repente, n'uma batalha, que durante mezes na cama!...

Eu pensei commigo (e bem estupidamente) que o melhor era não morrer nem n'uma cama, nem n'uma batalha. E d'ahi a

instantes recolhiamos á nossa estreita senzala, a dormir algumas horas antes da grande acção.

Infandos veio-nos acordar ao romper da alvorada, dizendo que se observavam já do lado da cidade movimentos de tropas, e que já ligeiras escaramuças tinham obrigado as nossas sentinellas avançadas a recolher. Começamos logo, febrilmente, os nossos preparativos. O Barão, pelo principio de que na «Kakuania se deve ser Kakuano», armou-se e enfeitou-se como um guerreiro selvagem — pelle de leopardo aos hombros, enorme pluma de abestruz presa á testa, cintura de rabos de boi, escudo de ferro coberto de couro branco, machada de combate, facalhões de arremessar, azagaia, todo o complicado armamento d'um chefe negro. E devo confessar que assim armado e emplumado era uma esplendida e formidavel figura! O capitão John não causava tanta impressão. Em primeiro logar insistira em conservar as calças que Infandos lhe obtivera; e um cavalheiro baixote e gordote, de monoculo, suissa d'um lado e a cara rapada do outro, com uma cóta de malha de ferro mettida para dentro das pantalonas, grande lança e chapéo côco, offerece na realidade um espectaculo mais estranho que imponente. Eu por mim, ao contrario, tinha tirado as calças para correr mais lesto se tivessemos de retirar: mas a fralda da camisa apparecia-me por baixo da cóta de malha: um facalhão que pendurára á cinta batia-me lamentavelmente nas canellas: o escudo enfiado no braço entanguia-me os movimentos: e sentia em geral que não apresentava para combate uma figura sufficientemente heroica. De sorte que espetei uma immensa pluma no meu bonet de caça — e procurei dar ao rosto uma expressão de ferocidade. Além do arsenal de armas selvagens, tinhamos naturalmente as nossas carabinas, que tres soldados atraz conduziam com os sacos de munição.

Apenas armados, engulimos á pressa o almoço, e abalamos. N'uma das extremidades do planalto do monte havia uma especie de casebre de pedra, que servia ao mesmo tempo de quartel-general e de torre de vigia. Encontramos ahi Ignosi, magnificamente emplumado e apetrechado. Com elle estava In-

fandós: e como guarda real o regimento de Infandos, decerto o mais numeroso e aguerrido de todo o exercito. Este regimento tinha por nome *os Pardos*, porque usava plumas pardas na cabeça. Era composto de tres mil praças; e estava collocado de reserva, deitado em ordem e por companhias sobre o capim que alli crescia. Os chefes, n'um grupo, junto do casebre, com as mãos em pala sobre os olhos, observavam o movimento das tropas de Tuala—que vinham n'esse momento sahindo de Lú em longas columnas semelhantes a formigueiros.

Cada uma d'essas columnas tinha de onze a doze mil homens. Logo que sahiram as portas de Lú e se acharam na planicie pararam: depois, formadas em batalha, marcharam uma para a direita, outra para a esquerda, a terceira em direcçao á nossa collina.

—Bom, murmurou Infandos, vamos ser atacados por tres lados!

CAPITULO X

O ATAQUE DA COLLINA

Devagar, em perfeita ordem, as tres columnas avançaram. A da direita e a da esquerda, separadas, e obliquando como para envolver e cercar a nossa posição: a do centro, direita sobre nós, marchando por aquella lingua da planicie que entrava pela nossa collina dentro—collina que (como disse) tinha a fórma d'uma meia lua com as duas pontas voltadas para a cidade de Lú. A umas quinhentas jardas esta columna parou—dando tempo a que as outras circumdassem a nossa posição. O plano das gentes de Tuala era evidentemente dar, por cada lado, á nossa cidadella um assalto simultaneo e brusco.

—Ah! suspirou John, olhando aquellas multidões espalhadas em baixo, quem tivera aqui uma metralhadora!

—Nem fallemos n'essa delicia! exclamou o Barão com igual pezar. Em todo o caso, Quartelmar, veja se a sua cara-

bina chega até áquelle maganão, de pelle de leopardo, que parece commandar a força.

Carreguei tranquillamente a carabina com bala, agacheime por traz d'uma pedra e apontei. O pobre commandante de pelle de leopardo avançára das fileiras uns trinta passos, seguido por uma ordenança, a examinar a nossa posição; e erguia justamente o braço quando eu lhe mandei uma bala. Tombou sem um movimento mais, com a face no chão. Os nossos regimentos espantados, acclamaram este milagre do homem das estrellas; e eu (tanto a guerra nos endurece o coração) gostei d'estes applausos. Creio mesmo que agradeci, como um actor! No entanto o Barão apontára a um outro official, que correra a recolher o cadaver do camarada—e que, por seu turno, bateu com os braços no ar, cahiu morto. A força inimiga, aterrada, começou logo a recuar. Os nossos uivavam de deleite e de furor. John juntára-se a nós com a sua carabina; e antes que a divisão se tivesse retirado para fóra do nosso fogo, abatemos uns dez ou doze homens. Como *effeito moral* parecia excellente.

De repente, porém, ouvimos um immenso clamor á nossa direita, e um clamor igual á nossa esquerda. Eram as duas columnas circumdantes que nos atacavam. Immediatamente a massa de homens em frente de nós rompeu, avançando por aquella lingua de planicie que penetrava em subida suave no interior da nossa meia lua. Vinham n'um passo vivo, certo, elastico, que cadenciavam entoando um canto rouco. Começamos de novo a fazer fogo. Muitos homens cahiram. Mas era como se atirassemos pedras a uma grande vaga de equinoxio. A maré humana subia.

Subia com grandes brados, repellindo os nossos postos, collocados entre as rochas, á base da collina. A sua marcha porém diminuia de impeto, á maneira que a subida se convertia em ladeira, depois em ingreme pendôr de monte. Ahi onde começava o monte, estacionava a nossa primeira linha de defeza. Já de lado a lado, entre as forças, se começavam a atirar as *tollas*, grandes facas de arremesso que faiscavam no ar. Os

que avançavam vinham bradando: *Tuala, Tuala! Chielè, Chielè!* (mata, mata!). Os nossos replicavam: *Ignosi, Ignosi! Chielè, Chielè!* As primeiras azagaias entrechocaram-se; e, com o encontro, peito a peito, das duas massas de homens, na vertente da collina, a batalha começou.

As forças que atacavam eram esmagadoras; e a nossa primeira linha, onde os homens cahiam como folhas no outono, cedeu, e reentrou na segunda linha de defeza. A lucta aqui foi terrivel; mas os nossos recuaram, e a terceira linha entrou em batalha á orla já do planalto. O Barão, cujos olhos se accendiam, não se conteve mais. Brandindo a sua machada de guerra, arremessou-se para o meio do combate, seguido do capitão John. Ao avistar a gigantesca figura do «homem das estrelas» que vinha em seu soccorro, os nossos soldados bradaram com enthusiasmo: — *Nanzie Incubú!* (Ahi vem o elephante!) *Chiele. Chielè!* E, carregando com redobrado vigor, em poucos momentos repelliram a divisão de Tuala, que, já cançada, sem poder romper a sebe viva de lanças que a continha, voltou a descer a collina em confusão. N'esse instante tambem um mensageiro esbaforido veio annunciar a Ignosi (ao lado de quem eu ficára) que o ataque na esquerda da serra fôra rechaçado; e já eu e Ignosi nos congratulavamos, quando, com grande horror, vimos os nossos, que estavam defendendo a direita, vir correndo pelo planalto, acossados por multidões inimigas, que evidentemente n'aquelle ponto tinham rompido as nossas linhas.

Ignosi bradou uma ordem. Immediatamente o regimento dos *Pardos* se desdobrou, para reter a debandada dos nossos, rechaçar a invasão. E, sem que eu comprehendesse bem como, instantes depois achei-me envolvido n'uma furiosa carnificina. Tudo o que me lembra é o estridente ruido dos escudos de ferro entrechocando-se — e logo adiante a apparição d'um enorme bruto furioso, com os olhos sangrentos a saltarem-lhe das orbitas, que erguia sobre mim uma longa azagaia. O meu revólver findou-lhe os furores para todo o sempre. Mas, quasi em seguida, senti uma pancada na cabeça — e quando tornei a abrir

as palpebras, estava no casebre do quartel-general, deitado n'uma esteira, com o excellente John ao meu lado, velando.

— Então? exclamou elle anciosamente, pondo no chão a cabaça d'agua com que me borrifava.

Antes de responder, ergui-me muito devagar, apalpei com cuidado o meu precioso corpo.

— Bem, obrigado. Estou perfeitamente bem!

— Graças a Deus! Quando o vi, trazido n'uma padiola, deu-me uma volta o coração!

— Não, não foi d'esta! Levei só uma bordoada, supponho eu. E a batalha?

— Por hoje repellimos a pretalhada do Rei. Mas perdemos perto de dois mil homens. Veja aquelle horror, Quartelmar!

E o bom John mostrava fóra o terreiro, convertido n'um hospital de sangue. Para transportar os seus feridos, os Kakuanas usam um longo e esguio taboleiro com uma argola a cada canto. E d'estes taboleiros, postos no chão, cada um com o seu homem, havia longas filas — por entre as quaes caminhavam, curvados, os cirurgiões Kakuanas. O methodo d'estes clinicos é simples e piedoso. Se a ferida se apresenta curavel, o soldado é besuntado com os unguentos nativos, e isolado nas senzalas. Se a ferida é incuravel ou muito grave, o cirurgião, com uma lanceta, corta subtilmente uma arteria do homem, que expira em poucos instantes sem soffrer.

Fugindo a estes espectaculos, John e eu seguimos para o outro lado do quartel-general, onde encontramos o Barão (ainda de machado na mão, todo tinto de sangue) reunido em conselho com Ignosi, Infandos e dois chefes idosos.

— Ainda bem que chega, Quartelmar! gritou o Barão. Eu não posso comprehender o que quer esta gente... Parece que vamos ser cercados!

E assim era, segundo explicou lentamente Infandos. Tuala repellido reunira reforços, e parecia tomar disposições para pôr sitio á collina, e vencer-nos pela fome e pela sêde. Os mantimentos não durariam mais de dois dias. Mas o peor era que a nascente d'agua, sorvida a cada instante por dezeseis mil bô-

cas sedentas, estava prestes a esgotar-se; e antes da manhã seguinte o exercito gemeria de sêde. N'estas conjuncturas, Ignosi queria saber o que propunham os homens das estrellas.

— Dize tu, Macumazan, velha raposa, que tens visto muito, e sabes todas as artes.

Conversei um momento com os amigos, e declarei em seguida ao conselho, que, sem pão e sem agua, nada nos restava senão fazer immediatamente uma tremenda sortida contra Tuala. Todos approvaram com ardor a minha idéa. Mas sob que plano se tentaria esse ataque? Cabia a Ignosi, o Rei, decidir. — e os olhos de cada um voltaram-se para o nosso antigo servo, que agora, nas suas armas e plumagens de guerra, tinha um magnifico ar de rei guerreiro.

Depois de pousar dois dedos sobre a testa, á maneira Zulu, Ignosi fallou e desenvolveu um plano excellente. Ao começo da tarde (era então meio-dia) os *Pardos*, commandados por Infandos e o Barão, desceriam aquella lingua da planicie que penetrava na meia-lua da collina, e avançariam sobre Tuala, emquanto elle proprio, Ignosi (que eu devia acompanhar), ficaria de reserva por traz com tropas frescas. Decerto Tuala, vendo os *Pardos* romper n'uma sortida, lançaria sobre elles toda a sua força para os esmagar. Emquanto na lingua de terra se estivesse dando esse primeiro recontro, uma terça parte das nossas forças desceria pela ponta direita da collina, levando comsigo John, o do olho rutilante; outra terça parte iria de manso pela ponta esquerda; subitamente ambas cahiriam sobre os flancos de Tuala; — e n'esse instante elle, Ignosi, desceria pela frente, com as tropas frescas, e se a fortuna estivesse com elle cearíamos n'essa noite contentes na cidade de Lú!

O plano foi acolhido entre applausos — e immediatamente entrou em preparação, com uma presteza, um methodo, que fez honra aos officiaes Kakuanas. No espaço de duas horas foram servidas as rações aos homens, as tres divisões formadas, a ordem de ataque bem explicada aos chefes, e toda a força (menos uma guarda que se deixou aos feridos) collocada nos seus postos.

Era pois outra immensa carnificina que se preparava e em que me veria envolvido — eu, homem de ordem, de gostos simples, que tanto detesto violencias! Quando John, ao partir com a ala direita, nos veio dizer adeus, um pouco commovido — eu, com a voz abalada tambem, só tive estas palavras:

— Se escapar, amigo John, louve a Deus, e não se metta mais com pretendentes!

CAPITULO XI

A BATALHA DE LU

Não contarei os pormenores sangrentos d'este grande combate, que se ficou chamando a «batalha de Lú». Todos estes medonhos conflictos de selvagens, mesmo travados com a disciplina dos Kakuanas, se assemelham. É sempre uma vasta confusão de corpos escuros e emplumados, um estridente ruido de escudos entrechocando-se, azagaias reluzindo no ar, saltos, guinchos, uivos, clamores immensos onde destaca uma nota assobiada, o *sgghi! sgghi!* que solta o selvagem quando trespassa com o ferro o inimigo.

O plano de Ignosi de resto foi triumphalmente realisado. Os *Pardos* avançaram n'aquella lingua de terra que penetrava na nossa meia lua, e com admiravel heroicidade sustentaram os ataques de regimentos após regimentos, arremessados sobre elles por Tuala.

Quando dos *Pardos* restava apenas metade, e a attenção de todo o exercito inimigo estava concentrada n'esta lucta com o heroico regimento, as duas alas nossas, que tinham caminhado pelos dois cornos da meia lua, cahiram sobre os flancos desprevenidos do inimigo como um circulo de cães de fila sobre lobos descuidados. Começou uma pavorosa matança. Ignosi carregou então de frente com as reservas frescas — e decidiu a batalha. Eu fiz parte d'essa carga: e não sei como, achei-me ao

pé do Barão, que parecia o verdadeiro deus da guerra, com os longos cabellos de ouro a esvoaçar ao vento, todo elle vermelho de sangue, e soltando a cada grande golpe de machado o velho grito saxonio de ataque *O-hoy! O-hoy!* Tambem me parece que avistei Tuala na confusão, coberto com a sua cóta de malha, arremessando as *tollas*, as facas enormes dos Kakuanas, que dois guerreiros atraz d'elle traziam em sacos de coiro. Lembro-me ainda tambem d'um chefe que, em vez de escudo, erguia para se defender o cadaver de um *Pardo*, e que combatia cantando. De resto, tudo se me confunde na memoria — o sangue correndo, os corpos tombando, um grande estridor de armas, um immenso esvoaçar de plumas.

Com o embate das duas columnas nossas sobre os flancos do exercito de Tuala a batalha ficou ganha — e dentro em breve a vasta planicie que se estendia entre a nossa collina e a cidade de Lú estava cheia de soldados fugindo em terrivel desordem. O regimento dos *Pardos* no entanto (ou o que d'elle restava) reunira n'uma pequena elevação de terreno — onde tristemente verificamos que, dos tres mil valentes que o compunham, ainda de manhã, apenas acudiam á chamada cento e noventa e cinco homens. Entre elles estava Infandós, que combatera heroicamente tendo sómente um leve golpe no braço. Ignosi, com um grupo de chefes, entre os quais vinha John (ferido n'uma perna e manquejando) em breve se veio juntar a esta gloriosa phalange dos *Pardos*. E foi seguido d'ella, como da sua guarda de honra, que o rei, e nós com elle, marchamos sobre a cidade de Lú.

Ás portas da cidade, ainda fechadas, estavam já postados grossos destacamentos dos nossos para as atacar. Mas dentro os soldados de Tuala, inteiramente desmoralisados pela derrota do seu rei, não pareciam dispostos á resistencia. Com effeito, ás primeiras intimações dos arautos, a ponte levadiça da porta chamada *Real* foi descida: e, seguindo Ignosi, penetramos emfim na cidade vencida. Nas ruas, ás portas das aringas, nos terreiros, por toda a parte se apresentavam soldados, com a cabeça baixa, os escudos e as lanças pousadas aos pés em si-

gnal de submissão, que saudavam Ignosi como rei. Assim chegamos á aringa real.

No terreiro silencioso, á porta da sua grande senzala, solitario, abandonado, sem um soldado, sem um cortezão, sem uma das suas mil mulheres, estava Tuala, sentado n'um escabello, com o rosto cahido sobre o peito, as mãos pousadas sobre os joelhos. Cheguei a sentir uma vaga piedade pelo pobre rei derrotado! Um unico sêr lhe ficára fiel, Gagula — que, agachada aos seus pés, rompeu n'um fluxo de injurias, mal nos viu assomar ao terreiro, seguindo o triumphante Ignosi.

Tuala, esse não parecia vêr, nem sentir. Só quando Ignosi parou, e os soldados bateram em cadencia com os contos das azagaias no chão, o velho tyranno ergueu a cabeça emplumada. Depois atirando sobre nós um olhar mais reluzente que o grande diamante que lhe ornava a testa:

—Salvè, Rei! gritou elle a Ignosi, com amargo escarneo. Tu que, por feitiços dos homens das estrellas, seduziste os meus regimentos, dize, que sorte me destinas?

—A sorte de meu pae, que tu mataste! — foi a fria e dura resposta.

—Bem! Saberei morrer, para que te fique como exemplo quando a tua vez chegar. Mas reclamo um privilegio da familia real dos Kakuanas. Quero morrer combatendo.

—Concedo, respondeu Ignosi. Escolhe o teu homem. Eu não posso, porque o Rei não se bate em combate singular.

O sinistro olho de Tuala percorreu-nos lentamente a todos. E, como durante um momento se fixou em mim, eu senti alli o mais atroz pavor da minha vida aventurosa. Justos céos! se elle se quizesse bater *commigo?* Tambem, tomei logo a minha resolução — recusar, fugir, ainda que fosse apupado por toda a nação Kakuana! Felizmente o bruto escolheu:

—Incubú! exclamou, estendendo a mão para o Barão. Tu que mataste meu filho, quererás tu luctar commigo, ou ser chamado um cobarde?

—Não, gritou logo Ignosi, Incubú não se baterá comtigo!

—Decerto não, se tem medo.

Infelizmente o Barão comprehendera. Todo o sangue lhe subiu ás faces. E avançou logo, de machado erguido.

Acudimos, supplicando-lhe que não arriscasse a vida com aquella féra, inteiramente desesperada, de antemão condemnada á morte. Provas de heroico valor já elle as dera de sobra! Para que ir-nos despedaçar o coração, se uma desgraça lhe succedesse?

O Barão porém permaneceu inabalavel.

— Nenhum homem vivo, civilisado ou selvagem, me chamará nunca cobarde. Quero bater-me com elle!

Ignosi, bem a custo, cedeu.

— Seja pois!... Tuala, o grande Incubú vai marchar para ti!

Tuala riu, ferozmente; e os dois gigantescos homens ficaram frente a frente. O primeiro ataque foi o do Barão, que lançou sobre Tuala o machado a toda a força. Com um salto Tuala esquivou o córte, e arremessou outro em resposta sobre o Barão, que o aparou no escudo. E durante um momento houve assim uma viva e faiscante troca de machadadas, que ora bruscos saltos evitavam, ora os broqueis defendiam. Nós nem respiravamos. O regimento dos *Pardos*, esquecida a disciplina, fizera circulo, e soltava gritos, batia palmas a cada golpe vibrado. John, agarrado ao meu braço, andava aos saltos sobre a perna sã, animando o Barão com berros:

— Bravo! Anda-me ahi! Esse foi bom! Atira-lh'o de ilharga!...

Subitamente um brado de horror resoou. D'uma pancada Tuala cortára o cabo do machado do Barão, que ficava assim desarmado — e, erguendo o seu proprio machado, cahia sobre elle com um uivo furioso de triumpho. Tudo acabára, eu fechei os olhos... Quando os abri, Tuala e o Barão, agarrados um ao outro, como dois gatos bravos, estavam rolando no chão — e o Barão, com um desesperado esforço, procurava arrancar a Tuala a machada que elle tinha presa ao pulso por uma correia de bufalo. Pareceu-me uma eternidade, o tempo que elles assim rolaram um sobre o outro, n'esta furiosa lucta pela posse do ma-

chado. Finalmente a correia quebrou — e com um ultimo, monstruoso arranque, o Barão desprendendo-se de Tuala, ergueu-se de salto, com o machado na mão. N'um instante Tuala estava tambem de pé — e ambos tinham as faces a escorrer sangue. Foi Tuala, que, mais rapido, arrancou do cinto o facalhão e o vibrou contra o peito do Barão. O valente homem cambaleou, mas a couraça de malha repelliu a facada. De novo Tuala arremetteu com a lamina — e então o Barão, retesando-se todo n'um esforço, alçou o machado, no momento mesmo em que Tuala se inclinava, e deixou-lhe cahir uma machadada com tremenda força sobre o pescoço. Houve um grito enorme. — E, coisa pavorosa! vimos a cabeça de Tuala saltar-lhe dos hombros, dar como uma pélla dois pulos pelo chão, e rolar até aos pés de Ignosi! Durante um segundo o corpo ficou erecto, com o sangue sahindo em grossos borbotões e a fumegar. De repente tombou, com um ruido surdo. E do outro lado o Barão cahiu tambem, desmaiado.

Erguemo-lo anciosamente, encharcamos-lhe o rosto em agua. Pouco a pouco abriu os olhos. Estava salvo!

O sol ia justamente descendo. Eu baixei-me para a cabeça de Tuala que alli ficára n'uma poça de sangue, e, desapartando o grande diamante que lhe ornava a testa, entreguei-o solemnemente a Ignosi e bradei:

— Salvè, Rei dos Kakuanas!

Elle apertou o diamante sobre a testa. Depois pousou um pe sobre o peito de Tuala morto, e cercado dos seus guerreiros entoou um canto de victoria.

CAPITULO XII

O REI IGNOSI

Tudo findára gloriosamente. Chegára a hora de repousar — ou, melhor, de convalescer. O Barão e o capitão (cuja perna,

de todo inchada, o fazia agora soffrer muito) foram levados em braços para a aringa palacial de Tuala. E eu para lá me arrastei, exhausto de emoções, com a cabeça consideravelmente dorida da paulada d'essa manhã na defeza do planalto.

O primeiro cuidado foi despir as cótas de malha, tarefa difficil (pelo nosso combalido estado) em que nos ajudou a linda Fulata, que se constituira, desde o começo da revolta, nossa vivandeira, nossa enfermeira, e nosso anjo da guarda. Arrancadas as cótas, vimos que os nossos pobres corpos eram uma massa medonha de pisaduras negras. No tumulto da batalha tinhamos apanhado decerto muita facada, muita lançada. As pontas dos ferros eram repellidas pela malha impenetravel; mas nem por isso cada um dos golpes arremessados deixava de constituir uma terrivel pontuada que nos amolgava corpo e membros. Eu estava positivamente negro de pisaduras. Mas o peor era a ferida de John na perna, e a do Barão a quem uma das machadadas de Tuala cortára profundamente a face sobre a maxilla. Fulata preparou-nos uns emplastros de hervas aromaticas que nos alliviaram as dôres. E como o capitão John tinha noções e pratica de cirurgia (segundo contei), foi elle que fez o tratamento da ferida do Barão e da sua propria, tão bem quanto lh'o permittiam os poucos fios, o resto de pomada antiseptica que encontrou na sua botica portatil, e a escassa luz da lampada Kakuana.

Depois, Fulata arranjou-nos um caldo muito forte, e estendemo-nos nas magnificas pelles que juncavam o chão da aringa do Rei. Mas não pudemos dormir. De toda a cidade, em torno de nós, subia a triste e ullulada lamentação das mulheres, chorando, á maneira dos Zulús, os valentes mortos na batalha. Mesmo ao nosso lado, as carpideiras reaes estavam carpindo a morte de Tuala com estridente dôr. A noite ia cheia de prantos — e além d'isso a cada instante sentiamos os gritos agudos das sentinellas, ou a ruidosa passagem de rondas. Foi só de madrugada que pude cerrar os olhos — os olhos que, apesar de cerrados, continuavam a vêr os lances da batalha, com tanta

realidade que por vezes estremecia em sobresalto e me erguia no cotovello a procurar as minhas armas, ou a lançar uma ordem de ataque.

Quando emfim acordei, com o sol já alto, soube que os meus dois amigos tambem não tinham dormido. De facto, o capitão John estava com uma intensa febre e começava a delirar. Além d'isso, symptoma assustador, toda a noite cuspira sangue. O Barão, esse, mal podia ainda mexer o corpo; e a ferida da face não lhe permittia comer, escassamente fallar. Eu era ainda assim o mais restabelecido. Tomei o delicioso caldo de Fulata, e sahi um instante ao terreiro a respirar. Encontrei justamente Infandos que chegava, tão fresco e agil como se na vespera, em logar de uma batalha, tivesse celebrado uma festa. Ficou desolado ao saber a doença de John. Entrou um momento na cubata para o vêr e o Barão, que não se podia ainda levantar e apenas mover os membros sobre o seu fôfo leito de pelles. Em voz baixa, por causa de John, Infandos contou-nos que todos os regimentos se tinham submettido a Ignosi, que das outras cidades chegavam ferventes adhesões, e que o novo reinado se firmava para longas éras de prosperidade e de paz.

Quando elle se retirava, appareceu Ignosi, seguido de uma guarda real. Não pude deixar, ao vêl-o, de pensar nas estranhas revoluções da sorte! Aquelle moço, que havia mezes, na minha casa em Durban, me pedia para entrar ao meu serviço — eil-o agora Rei, grande Potentado d'Africa, commandando cincoenta mil guerreiros, senhor de povos, de rebanhos e de terras sem conta !

— Salvè, Rei ! exclamei eu, erguendo-me com respeito.

— Graças a ti, Macumazan, e aos teus amigos! exclamou elle, apertando-me as mãos com carinho.

Entrou tambem, como Infandos, na cubata para vêr o Barão e o pobre John, que dormia um somnó de febre, horrivelmente agitado, sob os olhos compassivos e vigilantes da boa Fulata. Depois quando sahimos de novo ao terreiro, conversando, perguntei-lhe o que contava elle fazer de Gagula.

— Gagula é o genio mau d'esta terra, disse elle. Conto mandal-a matar para findar com ella, que já é velha de mais!

— Mas tem segredos! Mas sabe muito! repliquei eu.

— Sabe sobretudo o segredo dos *silenciosos*, volveu o Rei pousando os olhos em mim com amizade, e o da caverna onde os Reis estão enterrados, e o do logar dos diamantes. Ora eu não esqueço a promessa que te fiz, Macumazan. Tu e os teus amigos ireis aos diamantes, guiados por Gagula: e só por isso a poupo.

— Está bem, Ignosi, registro as tuas palavras.

Mas não foi possivel, durante essa semana, pensar nos diamantes, porque através de toda ella a vida do nosso pobre John esteve em risco e os nossos corações em anciedade. Realmente creio que teria morrido, se não fossem os desvelos, a adoravel dedicação de Fulata. Dias amargos esses para nós! O Barão, já então restabelecido, e eu, nada mais fizemos durante essa crise atroz, do que entrar, sahir, rondar em pontas de pés a senzala onde elle delirava. Remedios não tinhamos para lhe dar, além d'uma bebida refrescante feita por Fulata com leite e o succo extrahido da raiz d'uma especie de tulipa. Só podiamos contar com a forte natureza d'elle e a boa mercê de Deus.

Em toda a aringa real havia um grande silencio, porque Ignosi, para manter perfeito socego em torno ao doente, ordenára que todos os que lá viviam passassem a outras cubatas remotas. Fulata estava permanentemente ao lado d'elle, sentada no chão, dando-lhe a bebida refrescante, arranjando-lhe as travesseiras feitas das folhas sêccas d'uma planta que faz dormir, enxotando-lhe as moscas do rosto.

No nono dia da doença, á noite, antes de recolher, o Barão e eu entramos, segundo o costume, na senzala. A lampada collocada no escabello dava uma luz funebre. Não havia um rumor. E o meu pobre amigo jazia perfeitamente immovel. Pensei que chegára o seu fim, tive um soluço que me suffocou. Mas uma voz, na sombra, murmurou *chut!*

E, mais de perto, descobrimos que o nosso amigo não estava morto, mas tranquillamente adormecido, sob a caricia das mãos de Fulata, que lhe cobriam a testa, onde um suor fresco

começava. Era a crise do nono dia, o somno reparador. O nosso John estava salvo! Dormiu assim dezoito horas. E (mal me atrevo a contal-o, porque não serei acreditado) Fulata, a admiravel, a santa rapariga, dezoito horas se conservou tambem assim, com as mãos pousadas sobre a testa d'elle, sem comer, sem se erguer, sem se mexer, com o receio de que o menor movimento acordasse o seu doente. Quando elle afinal despertou — tivemos de a erguer em braços, porque a heroica enfermeira estava quasi desmaiada de debilidade e fadiga.

A convalescença de John foi rapida. Ao fim d'outra semana, já passeava pelos arredores da cidade, entre os pomares, á beira do rio, acompanhado por Fulata, que o salvára, e a quem elle votára (segundo dizia) um «reconhecimento eterno». Mas eu não agourava bem d'aquelle «reconhecimento», d'aquelles passeios bucolicos... Nos olhos de Fulata havia muita meiguice, muita languidez. E John como marinheiro, era indiscretamente ardente. Depois d'uma aventura de guerra, iamos ter, mais perigosa ainda, alguma aventura d'amor!

Apenas John se considerou a si proprio escorreito e «prompto para outra»—Ignosi começou as festas da sua proclamação. Todos os «Indunas» (chefes supremos) das provincias do reino vieram a Lú prestar vassallagem. Houve revistas de tropas, danças, formidaveis banquetes. Os homens que restavam do regimento dos *Pardos* foram todos doados com terras e rebanhos, e promovidos a officiaes. Ignosi promulgou na Grande Assembléa que d'ora em diante não haveria mais *caça aos feiticeiros*, nem morte sem julgamento. Depois ordenou que, emquanto nós residissemos no seu reino, gozassemos de honras reaes, e recebessemos sempre, como elle, a saudação de *Krum!*

No ultimo dia d'este grande festival, eu e os amigos dirigimo-nos ao Rei, em grupo, e declaramos-lhe que o momento chegára, de realisar a sua promessa, e de nos mandar conduzir ao logar onde deviam estar as pedras brancas que reluzem.

Ignosi abraçou-nos com grande affecto.

—Não me esqueci, amigos! Já indaguei a verdade, e eis o que sei. Aquella estrada branca que trilhámos acaba além

junto das montanhas chamadas as *Tres Feiticeiras*, onde estão as figuras de pedra, os *Silenciosos*. Jaz ahi uma grande cova, d'onde se diz que homens muito antigos, em outras idades, tiravam as pedras que reluzem. Para além d'essa cova ha uma funda caverna na rocha, terrivel, maravilhosa, onde vive a Morte, onde jazem os nossos reis mortos, e para onde Tuala já foi conduzido. E por traz d'essa caverna fica uma camara secreta de que só Gagula conhece o segredo. Corre tambem a historia de que, ha muitas gerações, um branco veio aqui, e foi conduzido por uma mulher a essa camara secreta, onde viu riquezas sem conto, mas d'essas que para os Kakuanas nada valem: o branco porém não teve tempo de arrecadar essas riquezas, porque a mulher o trahiu, e o Rei d'esses tempos o escorraçou outra vez para além das montanhas...

—A historia é verdadeira, acudi eu. Não te lembras, Ignosi, que nas montanhas, na caverna de gelo, encontramos nós, petrificado, esse homem branco?

—Muito bem me lembro. Por isso vou mandar chamar Gagula, e ordenar-lhe, sob pena de morrer, que vos leve á camara secreta, meus amigos... E as riquezas que encontrardes, oh meus amigos, são vossas!

N'esse instante dois guardas appareceram, trazendo agarrada pelos braços a hedionda Gagula, que gania e os amaldiçoava. Mal a largaram, toda ella se abateu e achatou sobre o chão—como um montão de trapos onde dois olhos ferozes viviam e refulgiam.

—Que me queres tu, Ignosi? uivou ella. Não me toques, que te destruo. Treme das minhas artes!

O Rei encolheu os hombros.

—As tuas artes não salvaram Tuala. Que me importam as tuas artes? Aqui está o que de ti quero: que mostres aos meus amigos a camara secreta onde estão as pedras que reluzem.

—Só eu o sei, e nunca o direi! bradou ella. Os brancos malditos voltarão, levando vasias as mãos malditas!

—Bem, volveu tranquillamente o Rei. Então, Gagula, vai morrer lentamente.

—Morrer! gritou ella, cheia de terror e de furia. Tu não te atreverás, Ignosi! Ninguem me póde matar. Que idade pensas tu que eu tenho? O teu pae conheceu-me; e o pae do teu pae; e o pae que gerou a esse. Ninguem ousará tocar-me, porque sobre esse cahirão as desgraças sem fim.

Em silencio, tranquillamente, Ignosi baixou sobre ella a ponta da sua azagaia:

—Dizes?

—Não!

Ignosi baixou mais o ferro, picou de leve o montão de trapos onde reluziam os dois olhos ferozes.

Com um uivo dilacerante, a horrenda brucha pôz-se em pé, de salto. Depois tornou a cahir, e rolou no chão esperneando.

De novo a lança de Ignosi a procurava:

— Dizes?

— Digo, digo, oh Rei! ganiu ella. Mas deixa-me viver, e sentar-me ao sol, e respirar o ar dôce, e ter um osso para chupar!...

— Bem; ámanhã irás com meu tio Infandos e com os meus irmãos brancos a esse logar, mostrarás a camara secreta e o esconderijo das pedras que reluzem. Mas tem cautela! Que se em ti houver traição, morrerás devagar, e em tormentos.

— Não, Ignosi! Irei com elles, e tudo mostrarei. Mas a desgraça vem a quem penetra n'esse logar. Outr'ora veio um homem, encheu um saco d'essas pedras brilhantes, e uma grande desgraça cahiu sobre elle! E foi uma mulher que o levou, e que se chamava Gagula. Talvez fosse eu! Talvez fosse minha mãe! Ou a mãe de minha mãe! Quem sabe? Será uma alegre jornada... Eu hei de ir, e hei de rir! Vinde, homens brancos, vinde! Vereis ao passar os que morreram na batalha, com os olhos vasios, as costellas ôcas. A morte vive lá, e está á espera. Será uma alegre jornada!

(Continúa).

D. SEBASTIÃO

POEMA

A VISÃO DA PRINCEZA [1]

(Episodio do Canto I)

A cidade escutava, anciosamente,
dos grandes sinos o dobrar plangente...
E sob a noite, escura e tempestuosa,
passavam pela rua as procissões,
cantando, á luz funerea dos brandões,
o *miserere*, em voz angustiosa.

[1] «Andando a Princeza (D. Joanna, filha de Carlos V, mãe de D. Sebastião) em vesperas de parir a levaraõ algumas noites a fazer exercicio á varanda da Péla; estando ahi assentada em huma das janellas, que alli havia na dita varanda com algumas Damas..... viraõ subitamente sair pela varanda delRey direitos ao Forte muitos homens vestidos á Mourisca de varias cores, com tochas acezas nas mãos, dando vozes: *Ly, ly, ly*, e chegando sobre o mar parecia que se lançavam nelle..... E dahi a poucos dias tornando a Princeza ao mesmo posto, assentando-se em hua das janellas, que ficava na mesma varanda depois de haver feito algum exercicio se vio a mesma multidão de figuras de Mouros do mesmo traje, e vozes, e atemorisada ella, e as Damas se retirarão, e dando conta a El Rey e á Rainha do que se havia visto ficarão suspensos, e mandarão que se tivesse isto em segredo». D. Manoel de Menezes, *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe Dom Sebastião*, tomo I, pag. 28.

Caia a chuva, gelida e cortante...
O sul gemia, agudo e sibilante...
No ar celeres nuvens perpassavam...
Mas, sob o imperio d'um commum receio,
todos, batendo com as mãos no seio,
sobre a lama das ruas se arrastavam.

Ia nascer aquelle desejado
futuro Rei, que o povo, atribulado,
pedia a Deus com prantos e gemidos!
Ia nascer em breve. E Deus fizesse
que em boa hora o Principe nascesse,
soltando os tenros, infantis vagidos!

Sim! Deus mandasse um Principe varão,
em cuja forte e valorosa mão
se mantivesse o sceptro dos avós!
— Era esta a supplica, era o brado unanime
d'um povo inteiro que, perdido, exanime,
temia do estrangeiro o jugo atroz...

Mas Deus marcara, com um signo escuro,
o nascimento d'esse Rei futuro.
O pae morrera uns poucos dias antes,
como fugindo a receber nos hombros
tamanho encargo de immortaes assombros,
de façanhas e glorias triumphantes!

No céu vira-se um tragico signal,
sobre as torres da grande cathedral
durante algumas noites fulgurando.
Era como um esquife ou um caixão
de fogo resplendente. E essa visão
deixou confuso o povo miserando!

Muitos sentiram, por diversas vezes,
no ar choques de lanças e de arnezes,
como o estrondo de guerras formidaveis;
outros ouviram vozes sepulchraes,
sobre o Paço soltando longos *ais*
e profundos suspiros lamentaveis...

Por isso, agora, em preces fervorosas,
vagueavam pelas ruas tortuosas,
ao vento, á chuva, ao frio de janeiro;
e nas igrejas, entre a luz dos cirios,
pediam a Jesus, por seus martyrios,
que ao throno dos seus reis désse um herdeiro!

Entretanto, no Paço, a cada instante,
se aguardava o nascer do régio infante.
E nos seus aposentos a Princeza,
cercada pelas damas, já sentia
o gelido suor d'essa agonia
que ás mães impõe a dura natureza.

Da camara onde estava, sobre o Tejo,
uma grande varanda, em azulejo,
abria a sua extensa columnata;
e d'alli, pelas noites de luar,
via-se, ao longe, o rio a scintillar
na sua mansa ondulação de prata...

Mas, n'essa noite, um mar de sombras densas
rola no espaço, quaes ondas suspensas,
as grandes nuvens, tumidas, aquosas...
E a lua surge ás vezes, desbotada,
como barca sem velas, destroçada,
batida pelas vagas tormentosas.

A Princeza, porém, com passo lento,
percorre, angustiada, esse aposento,
que um tocheiro illumina. O seu olhar
tem uma expressão triste e compungida...
Por fim, inquieta, pallida, dorida,
junto ao grande balcão se foi sentar.

Então a lua baça appareceu
entre as nuvens; e todo o largo céu,
forrado, escuro, taciturno e frio,
se illuminou fatal, sinistramente,
sob o clarão azul-phosphorescente
d'esse luar phantastico e sombrio.

E ella estendeu o olhar ao céu distante,
um longo olhar de martyr supplicante,
que soffre, agradecendo o seu martyrio...
E a sua alma de mãe abriu-se pura,
dolorida, mas cheia de doçura,
como a corolla mystica d'um lyrio...

Olhou o céu. Mas repentinamente
ergueu-se. E, apavorada, a voz tremente,
as mãos postas, bradou: 'Meu Deus! meu Deus!
— Ao longe, sob um raio luminoso,
vira um longo cortejo mysterioso,
entre as nuvens marchando pelos céus...

Era uma turba estranha, que seguia
n'uma ondulante e lugubre teoria,
qual visão d'um propheta illuminado...
Eram grandes phantasmas alvacentos,
perpassando ao luar, com passos lentos,
n'um vozeio de côro psalmodeado...

E ella, attonita, olhava aquelles vultos,
que, como almas de mortos insepultos,
erravam sem descanço pelo ar;
e via as longas filas transitorias
d'essa legião de sombras incorporeas
perderem-se, uma a uma, sobre o mar...

Mas, cheia de terror e confusão,
reconheceu que a immensa multidão
trajava os albornozes africanos.
E viu brilhar as curvas cimitarras,
entre os guiões, de flammulas bizarras,
e os redondos turbantes mauritanos...

Porém, em vez da bellica attitude
da phalange que avança, altiva e rude,
aquelle aéreo exercito espectral
passava triste, a passos vacillantes,
e com tochas accesas, bruxoleantes,
como seguindo um grande funeral.

Iam, no rumo d'Africa marchando...
Iam, no rumo d'Africa, entoando
um cantochão de notas funerarias.
E d'esse côro, desolado e amargo
como o bramido eterno do mar largo,
saiam estas vozes mortuarias:

CÔRO DOS PHANTASMAS

«Cavai, cavai a grande sepultura
nos nossos calcinados areaes...
Abril-lhe no deserto a cova escura...

É morto o cavalleiro do Occidente!
A sua espada não brilhará mais...
Caíu por terra o seu pendão fulgente...

Nós vamos, generosos, inhumar
seu corpo ensanguentado de vencido,
na terra que, por fim, o viu tombar;

na terra que elle encheu, por tantos annos,
do tremendo pavor do seu rugido,
como um leão dos montes africanos;

na terra que tremeu sob os seus pés,
e em cuja praia as ondas de metralha
batiam como as ondas das marés!

Eil-o, na sua athletica estatura,
hirto e gelado, e tendo por mortalha
ainda os restos heroicos da armadura!

Eil-o prostrado o velho campeador,
que nos fez recuar constantemente
diante do seu braço vingador!

Elle era o nosso indomito inimigo...
Arrancou das mesquitas o crescente,
e pesou sobre nós como um castigo!

Talou os nossos campos loirejantes,
passou a ferro e fogo os aduares
nas suas correrias triumphantes...

E, se ao longe, na costa, se avistassem
as suas grandes náus, cruzando os mares,
como um bando de abutres que pairassem

em torno ao corpo exangue d'um ferido.
— tremiam as alcaçovas guerreiras,
e o alarve galopava espavorido!

Ainda nos sangra o peito, retalhado
pelas suas lançadas derradeiras,
quando tombou como um leão domado...

Dizei-lhe os feitos e as heroicidades,
Tanger, Arzilla, Alcacer, Mazagão!
dizei-lhe os feitos, perfidas cidades,

— esposas infieis que nos deixastes,
e, fascinadas do rival christão,
em seus braços felizes vos lançastes!

Cantai as victoriosas epopeias,
que elle escreveu, com a valente espada,
nas pedras recortadas das ameias!

Cantai o vosso heroe, bellas captivas...
Eil-o prostrado: a fronte inanimada
e decompostas as feições altivas!

Deus fez pender, por fim, aquelle braço,
viuvo para sempre do montante,
que, como um raio, coriscou no espaço!

Deus decretou-lhe a irrevogavel morte,
e o nosso velho alfange rutilante
prostrou por terra o cavalleiro forte!

Victoria! eis abatido esse inimigo!
Elle expulsou-nos da perdida Hespanha,
e achou em nossas terras um jazigo...

Sirva-lhe o vasto azul de mausoléo,
de mortalha as areias, que o mar banha,
e de tocheiro o constellado céu!

Psalmodeiem-lhe as tristes orações
os escarcéos indomitos do oceano...
Venham rugir-lhe ao tumulo os leões!

Passem as aguias do Atlas altaneiro
saudando, com seu grito soberano,
o cadaver sinistro do guerreiro!...

Cavai, cavai a grande sepultura
nos nossos calcinados areaes...
Abri-lhe no deserto a cova escura!

É morto o cavalleiro do Occidente!
A sua espada não brilhará mais...
Caíu por terra o seu pendão fulgente!»

E sumiu-se nas nuvens o cortejo...
Como as ultimas notas d'um harpejo,
ouviram-se ainda ao longe aquellas vozes...
A lua pallida occultou seu rosto,
e as rajadas do vento descomposto
passaram como um vôo d'albatrozes...

Então, n'um gesto tragico, a Princeza
rompeu da sua extatica surpreza,
soltando um grito agudo e lancinante.
Quasi sem forças, recuou dois passos,
e foi caír, na camara, entre os braços
das suas damas, como agonisante...

Luiz de Magalhães.

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

AS CARTAS

(1.ª Série)

VII

A MADAME DE JOUARRE

Lisboa, abril.

Minha querida madrinha. — Foi hontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu á memoria estremunhada o juramento que lhe fiz no sabbado de Paschoa em Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição dos *Deveres* de Cicero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em «descripções, notas, impressões e panoramas», como se lê no sub-titulo da *Constantinopla* do seu academico amigo o Barão de Fernay! Pois com tanta fidelidade cumpro eu os meus juramentos (quando feitos sobre a Moral de Cicero, e para regalo de quem reina no meu coração) que, apenas o recordei, abri logo escancaradamente ambos os olhos para recolher «descripções, notas, impressões e panoramas» d'esta terra que é minha, e que *esta a la disposicion de ustêd*... Chegaramos a uma estação que chamam de Sacavem — e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu paiz, através dos vidros humidos do wagon, foi uma densa treva, d'onde mortiçamente surgiam aqui e alem luzinhas remotas e vagas. Eram lanternas de falúas dormindo no rio: — e symbolisavam d'um modo bem humilhante essas escassas e desmaiadas parcellas de verdade positiva que ao homem é dado descobrir no universal Mysterio do Ser. De

[1] Continuado da pag. 397, do numero de março.

sorte que tornei a cerrar resignadamente os olhos — até que, á portinhola, um homem de bonet de galão, com o casaco encharcado d'agua, reclamou o meu bilhete, dizendo *Vossa Excellencia!* Em Portugal, boa madrinha, todos somos nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por *Excellencia.*

Era Lisboa e chovia. Vinhamos poucos no comboio, uns trinta talvez, — gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, que bem depressa atravessou a busca paternal e somnolenta da Alfandega, e logo se sumiu para a cidade sob a molhada noite de abril.

No casarão soturno, á espera das bagagens sérias, fiquei eu, o Smith [1] e uma senhora esgrouviada, de oculos no bico, envolta n'uma velha capa de pelles. Deviam ser duas horas da madrugada. O asphalto sujo do casarão regelava os pés.

Não sei quantos seculos assim esperamos, Smith immovel, a dama e eu marchando desencontradamente e rapidamente para aquecer ao comprido do balcão de madeira, onde dois guardas d'Alfandega, escuros como azeitonas, bocejavam com dignidade. Da porta do fundo, uma carreta, em que oscillava o montão da nossa bagagem, veio por fim rolando com pachorra. A dama de nariz de cegonha reconheceu logo a sua caixa de folha de Flandres, cuja tampa, cahindo para traz, revelou aos meus olhos que observavam (em seu serviço, adoravel madrinha!) uma saia de xadresinho azul, um livro de missa e dois ferros de frisar. O guarda enterrou o braço através d'estas coisas intimas, e com um gesto clemente declarou a Alfandega satisfeita. A dama abalou.

Ficamos sós, Smith e eu. Smith já arrebanhára a custo a minha bagagem. Mas faltava inexplicavelmente um saco de couro; e em silencio, com a guia na mão, um carregador dava uma busca vagarosa através dos fardos, caixas, pacotes, velhos bahus, armazenados ao fundo, contra a parede enxovalhada. Vi este digno homem hesitando pensativamente diante d'um embrulho de lona, diante d'uma arca de pinho. Seria qualquer

[1] O velho creado de quarto de Fradique Mendes.

d'esses o saco de couro? Depois, descorçoado, declarou que positivamente nas nossas bagagens não havia nem couro nem saco. Smith protestava, já irritado. Então o capataz arrancou a guia das mãos inhabeis do carregador, e recomeçou elle, com a sua intelligencia superior de chefe, uma rebusca através das «arrumações», esquadrinhando zelosamente os caixotes, os embrulhos, os pipos, as chapeleiras... Por fim sacudiu os hombros, com indisivel tedio, e desappareceu para dentro, para a escuridão das plataformas interiores. Passados instantes voltou, coçando a cabeça por baixo do bonet, cravando os olhos em roda, pelo chão vasio, á espera que o saco rompesse das entranhas d'este globo desconsolador. Nada! Impaciente, encetei eu proprio uma pesquiza sofrega através do casarão. O guarda da Alfandega, de cigarro collado ao beiço (bondoso homem!), deitava tambem aqui e além um olhar auxiliador e magistral. Nada! Repentinamente, porém, uma mulher, de lenço vermelho na cabeça, que alli vadiava, n'aquella madrugada agreste, apontou para a porta da estação:

— Será aquillo, meu senhor?

Era! Era o meu saco, fóra, no passeio, sob a chuvinha miuda. Não indaguei como elle se encontrava alli, sósinho, separado da bagagem a que estrictamente o prendia o numero d'ordem estampado na guia em letras grossas — e reclamei uma tipoia. O carregador atirou a jaleca para cima da cabeça, sahiu ao largo, e recolheu annunciando que não havia tipoias.

— Não ha! Essa é curiosa! E então como sahem d'aqui os passageiros?

O homem encolheu os hombros. Ás vezes havia, outras vezes não havia. Era conforme calhava. — Fiz reluzir uma placa de cinco tostões, e suppliquei áquelle benemerito que corresse as visinhanças da estação, á cata d'um vehiculo qualquer, com rodas, coche ou carroça. O homem largou, resmungando. E eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e para o homem da Alfandega) a irregularidade d'aquelle serviço. Em todas as estações do Mundo, mesmo em Tunis, mesmo na Romelia, havia, á chegada dos comboios, omnibus, car-

ros, carretas, para transportar gente e bagagem... Porque não as havia em Lisboa? Abominavel serviço!

O aduaneiro esboçou um movimento de desalento, como na plena consciencia de que todos os serviços eram abominaveis, e o mundo todo uma irreparavel desordem. Depois para se consolar puxou com delicia o lume ao cigarro. Assim se arrastou um d'estes quartos d'hora que fazem rugas na face humana.

Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, affirmando que não havia em todo o bairro uma tipoia.

— Mas que hei de eu fazer? Hei de ficar aqui?

O capataz aconselhou-me que deixasse a bagagem, e na manhã seguinte, com uma carruagem certa (contratada talvez por escriptura), a viesse recolher «muito a meu contento». Isso não convinha ao meu conforto. Pois n'esse caso elle não via solução, a não ser que por acaso alguma caleche, tresnoitada e trasmalhada, viesse a cruzar por aquellas paragens.

Então, á maneira de naufragos n'uma ilha deserta, todos nos apinhamos á porta da estação, esperando através da treva a vela — quero dizer a sege salvadora. Espera longa, espera esteril! Nenhuma luz de lanterna, nenhum rumor de roda, cortaram a mudez d'aquellas solidões!

Farto, inteiramente farto, o capataz declarou que «iam dar tres horas, e elle queria fechar a estação!» E eu? Ia eu ficar alli na rua, amarrado, sob a noite agreste, a um montão de bagagens intransportavel? Não havia pois piedade nas entranhas do digno capataz? Commovido, o homem lembrou outra solução. E era que nós, eu e o Smith, ajudados por um carregador — atirassemos a bagagem para as costas, e marchassemos com ella para o Hotel. Com effeito este parecia ser o unico recurso aos nossos males. Todavia (tanto costas amolecidas por longos e deleitosos annos de civilisação repugnam a carregar fardos, e tão tenaz é a esperança no peito do desditoso!) eu e o Smith ainda uma vez sahimos ao largo, mudos, sondando a treva, com o ouvido inclinado ao lagedo, a escutar se ao longe, muito ao longe, não sentiriamos rolar para nós o calhambeque da Providencia. Nada, desoladamente

nada, na sombra avara!... A minha querida madrinha, seguindo estes lances, deve ter já as lagrimas a bailar nas pestanas. Eu não chorei — mas tinha vergonha, uma immensa e pungente vergonha do Smith. Que pensaria aquelle escossez da minha patria — e de mim, seu amo, parcella d'essa patria desorganisada? Nada mais fragil que a reputação das nações. Uma simples tipoia que falta de noite, e eis, no espirito do Estrangeiro, desacreditada toda uma civilisação secular!

No entanto o capataz resmungava. Eram tres horas (mesmo tres e um quarto), e elle queria fechar a estação! Que fazer? Abandonamo-nos, suspirando, á decisão do desespero. Agarrei o estojo de viagem e o rolo de mantas: Smith deitou aos seus respeitaveis hombros, virgens de cargas, uma grossa maleta de couro: o carregador gemeu sob a enorme mala de cantoeiras d'aço. E (deixando ainda dois volumes, para ser recolhidos de dia), começamos, sombrios e em fila, a trilhar *á pata* a distancia que vai de Santa Apolonia ao Hotel de Braganza! Poucos passos adiante, como o estojo de viagem me derreava o braço, atirei-o para as costas... E todos tres, de cabeça baixa, o dorso esmagado sob dezenas de kilos, com um intenso azedume a estragar-nos o figado, lá continuamos, devagar, n'uma fileira soturna, avançando para dentro da capital d'estes reinos! Eu viera a Lisboa n'um fim de repouso e de luxo. Este era o luxo, este o repouso! Alli, sob a chuvinha impertinente, offegando, suando, tropeçando no lagedo mal junto d'uma rua tenebrosa, a trabalhar de carrejão!...

Não sei quantas eternidades gastamos n'esta via dolorosa. Sei que de repente (como se a trouxesse, á redea, o anjo da nossa guarda) uma caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negrume d'uma viella. Tres gritos, sofregos e desesperados, estacaram a parelha. E, á uma, todas as malas rolaram em catadupa sobre o calhambeque, aos pés do cocheiro, que, tomado d'assalto e de assombro, ergueu o chicote, praguejando com furor. Mas serenou, comprehendendo, a sua espantosa omnipotencia — e declarou que ao Hotel de Braganza (uma distancia pouco maior que toda a Avenida dos Campos Elyseos) não

me podia levar por menos de *tres mil reis*. Sim, minha madrinha, *dezoito francos!* Dezoito francos em metal, prata ou ouro, por uma corrida, n'esta nossa democratica Idade! Tremulo de colera, mas submisso como quem cede á exigencia d'um trabuco, enfiei para a tipoia — depois de me ter despedido com grande affecto do carregador, camarada fiel da nossa trabalhosa noite.

Partimos emfim, n'um galope desesperado. D'ahi a momentos estavamos assaltando a porta adormecida do Hotel de Braganza com repiques de sineta, apêllos de voz, punhadas, bengaladas, injurias, suspiros, todas as violencias e todas as seducções. Debalde! Não foi mais resistente ao bello cavalleiro Alandôr o portão de oiro do palacio da Ventura! Finalmente o cocheiro atirou-se a ella aos couces. E, decerto porque comprehendera melhor «esta linguagem», a porta lenta e estremunhada rolou nos seus gonzos. Graças te sejam dadas, meu Deus, pae ineffavel! Estamos emfim sob um tecto, no meio dos confortos do Progresso, ao cabo de tão barbara jornada. Restava pagar o batedor. Vim para elle com acerba ironia:

— Então, são tres mil reis?

A luz do vestibulo, que me batia a face, o homem sorria. E que ha de elle responder, o malandro sem par?

— Aquillo era por dizer... Eu não tinha conhecido o snr. D. Fradique... Lá para o snr. D. Fradique é o que quizer.

Humilhação incomparavel! Senti logo não sei que torpe enternecimento que me amollecia o coração. Era a bonacheirice, a relassa fraqueza que nos enlaça a todos nós portuguezes, nos enche de culpada indulgencia uns para os outros, e irremediavelmente estraga entre nós toda a Disciplina e toda a Ordem. Sim, minha cara madrinha... Aquelle bandido conhecia o snr. D. Fradique. Tinha um sorriso brejeiro e serviçal. Ambos eramos portuguezes. Dei uma libra áquelle bandido!

E aqui está, para seu ensino, a veridica maneira porque se entra, no ultimo quartel do seculo XIX, na grande cidade de Portugal. Todo seu, aquelle que de longe de si sempre pêna — FRADIQUE.

VIII

AO SNR. E. MOLLINET

Director da *Revista de Biographia e de Historia*

Paris, setembro.

Meu caro snr. Mollinet. — Encontrei hontem á noite, ao voltar de Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biographia e de Historia*, me pergunta que é esse meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e fundamente carpida nos jornaes de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras, ou que fundações, ou que industrias, ou que livros, ou que idéas, ou que accrescimo na civilisação portugueza deixou esse Pacheco seguido ao tumulo por tão sonoras lagrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como n'um resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu paiz nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéa. Pacheco era entre nós uma alta illustração nacional, unicamente porque *tinha um immenso talento*. Como Pacheco fôra sempre baixo e miudo, corria mesmo no reino a voz de que *todo aquelle talento não podia caber n'aquelle corpo!* Todavia, meu caro snr. Mollinet, grande como era, e assim entallado e comprimido n'um involucro tão pêco e piorra, esse talento nunca transbordou. Nunca! O talento immenso de Pacheco ficou sempre lá dentro, no fundo escuro de Pacheco. Constantemente elle atravessou a vida por sobre eminencias sociaes: deputado, director geral, ministro, governador de bancos, conselheiro d'estado, par, presidente do conselho, Pacheco tudo foi, tudo teve, n'esse paiz que, de longe e a seus pés, o contemplava, espantado do seu immenso talento. Mas nunca, em situação alguma, por proveito proprio ou urgencia do Estado, Pacheco teve necessidade de deixar sahir, para se affirmar e operar fóra, aquelle immenso talento que lá dentro o suffocava. Quando os amigos, os partidos, os jornaes, as repartições, os corpos colle-

ctivos, a massa compacta da nação murmurava em redor de Pacheco — «*que immenso talento!*» — Pacheco, sorria, baixando os olhos baços por traz dos oculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu immenso talento avaramente aferrolhado dentro do craneo. E isto bastava ao paiz, que, n'esse sorrir, n'esse lampejar dos oculos, n'essa tenebrosa reserva, sentia a resplandecente evidencia do immenso talento de Pacheco.

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em que Pacheco affirmou «que o seculo XIX era um seculo de progresso e de luz». O curso começou logo a presentir, e a affirmar nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta admiração cada dia crescente do curso, communicando-se, como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionaveis ás classes raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um *premio* no fim do anno. A fama d'esse talento alastrou então por toda a academia — que, vendo Pacheco sempre silencioso, já d'oculos, grave nos seus passos, com tomos gordos debaixo do braço, sentia alli um grande espirito que se concentra e se retesa todo em força intima. Esta geração academica, ao dispersar, levou pelo paiz, até os mais sertanejos burgos, a noticia do immenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Traz-os-Montes, em lojas palreiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com respeito, com esperança: — «Parece que ha agora ahi um rapaz de immenso talento que se formou, o Pacheco!»

Pacheco estava maduro para a representação nacional. Veio ao seu seio — trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira com despendiosas manhas apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na primeira noite em que elle, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá, se susurrou pelas mezas, com curiosidade: — «É o Pacheco, rapaz de immenso talento!» E desde que as camaras se constituiram, todos os olhares, os do governo e os da opposição, se começaram a voltar com frequencia, quasi com anciedade, para Pacheco, que, na ponta d'uma bancada, conservava a sua attitude de pensador concentrado,

os braços cruzados sobre o collete, a fronte um pouco vergada para o lado como sob o peso das riquezas interiores, e os oculos a faiscar... Finalmente uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da Corôa, Pacheco teve um movimento, como para interromper um padre zarolho que fallava «da liberdade». O sacerdote immediatamente estacou com deferencia; os tachygraphos apuraram vorazmente a orelha: e toda a camara cessou o seu desafogado susurro, para que, n'um silencio condignamente magestoso, se podesse pela vez primeira produzir o immenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco nao prodigalisou desde logo todos os seus thesouros. De pé, com o dedo espetado (geito que foi sempre muito seu), Pacheco affirmou n'um tom que trahia a segurança do pensar e do saber intimo: — «que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a auctoridade!» Era pouco, decerto: — mas a camara percebeu bem que, sob aquelle curto resumo, havia um mundo, todo um formidavel mundo, de idéas solidas. Não volveu a fallar durante mezes — mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisivel e inaccessivel se conservava lá dentro, muito fundo, nas reconditas regiões do seu sêr. O unico recurso que restou então aos devotos d'esse immenso talento (que já os tinha, incontaveis) foi contemplar a testa de Pacheco — como se olha para o céo pela certeza que Deus está por traz. A testa de Pacheco offerecia uma superficie escanteada e larga. E muitas vezes, junto d'elle, conselheiros e directores geraes balbuciavam com respeito: — «Nem é necessario mais! Basta ver aquella testa!»

Pacheco pertenceu logo ás principaes commissões parlamentares. Nunca porém accedeu a relatar um projecto, desdenhoso das especialidades. Apenas ás vezes, em silencio, tomava uma nota. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma idéa geral sobre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia n'este refolho a evidente attitude d'um immenso talento que (como diziam os seus amigos, piscando o olho com finura) «está á espera, lá em cima, a pairar».

Este immenso talento não podia deixar de entrar nos conselhos da Corôa. Pacheco, n'uma recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi ministro: — e immediatamente se percebeu que macissa consolidação viera subitamente dar ao governo o immenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da marinha) Pacheco não fez durante os longos mezes de gerencia «absolutamente nada», como insinuaram tres ou quatro espiritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro d'este regimen, a nação deixou de ter inquietações e duvidas sobre o nosso Imperio Colonial. Porquê? Porque sentia que pela primeira vez os interesses d'esse Imperio estavam confiados a um verdadeiro talento, ao immenso talento de Pacheco.

Nas cadeiras do poder, Pacheco rarissimamente sahia do seu silencio pensativo e fecundo. Ás vezes porém, quando a opposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lapiz: — e esta nota, traçada com lentidão e madurissimo pensar, bastava para perturbar, acuar a opposição. É que o immenso talento de Pacheco terminára por inspirar, nas camaras, nas commissões, nos centros, um terror salutar! Ai do mesquinho sobre quem viesse a desabar com colera aquelle talento immenso! Certa lhe seria a humilhação irresgatavel! Assim dolorosissimamente o experimentou o moço petulante, que um dia ousou accusar o snr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a instrucção do paiz! Nenhum ataque podia ser mais sensivel áquelle immenso espirito que, na sua phrase lapidaria e crystallina, ensinára que «um povo sem o curso dos lyceus é um povo incompleto». Com o dedo espetado (geito sempre tão seu) Pacheco replicou ao moço temerario esta coisa tremenda: — «Ao illustre deputado que me accusa só tenho a dizer que emquanto, sobre questões d'Instrucção Publica, s. exc.ª ahi n'essas bancadas faz berreiro, eu aqui n'esta cadeira faço luz!» — Eu estava lá, n'esse grande momento, na galeria. E não me recordo de ter jámais ouvido, n'uma assembléa humana, uma tão commovida e apaixonada rajada de acclamações! Creio que foi d'ahi a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Thiago.

O immenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalavel apoio esse immenso talento dava ás instituições que servia, todas o appeteceram. Pacheco começou a ser um director universal de Companhias e de Bancos. Na primeira vaga penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou unanimemente que Pacheco fosse seu chefe. Mas os outros partidos cada dia se soccorriam com submissa veneração do seu immenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a nação.

Á maneira que elle assim envelhecia, e crescia em influencia e dignidades, a admiração pelo seu immenso talento chegou a tomar no paiz certas formas d'expressão — só proprias da religião e do amor. Quando elle foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito, com uncção, e reviravam o branco do olho ao céo para murmurar piamente. — «Que talento!» E havia namorados que, cerrando os olhos enlanguecidos, e repenicando um beijo nas pontas juntas dos dedos, balbuciavam a desfallecer de voluptuosidade: — «Ai! que talento!» E para que o esconder? Outros havia, a quem aquelle immenso talento, como um excessivo e desproporcional privilegio, amargamente irritava. A esses ouvi eu exclamar com furor, atirando patadas ao chão: — «Irra, que é ter talento de mais!»

Pacheco no entanto já não fallava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrarei a sua incomparavel carreira. Basta que o meu caro snr. Mollinet percorra os nossos annaes. Em todas as instituições, reformas, fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Portugal todo, moral e socialmente, está replecto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decerto o seu talento era immenso! Mas immenso se mostrou o reconhecimento da sua patria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro, e formosamente se completavam. Sem Portugal — Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco — Portugal não seria o que é entre as nações!

A sua velhice offereceu um caracter augusto. Perdera o ca-

bello completamente. Todo elle era testa. E mais que nunca revelava o seu immenso talento — mesmo nas minimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo elle Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de Arrôdes, alguem lhe perguntou reverentemente o que s. exc.ª pensava de Canovas d'el Castillo. Magistralmente, silenciosamente, sorrindo apenas, s. exc.ª deu com a mão um ligeiro córte horisontal no ar. E foi em torno um murmurio d'admiração, lento e maravilhado. N'aquelle gesto quantas coisas subtis, profundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgravatar, interpretei-o d'este modo: — « mediocre, meia-altura, o snr. Canovas! » Porque, note o meu caro snr. Mollinet como aquelle talento, sendo tão vasto — era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou — quero dizer, s. exc.ª morreu, quasi repentinamente, sem soffrimento, no começo d'este duro inverno. Ia ser justamente creado marquez de Pacheco. Toda a nação o chorou com infinita dôr. Jaz no alto de S. João, sob um mausoleu, onde por suggestão do snr. conselheiro Accacio (em carta ao *Diario de Noticias*) foi esculpida uma sublime figura de *Portugal chorando o Genio*.

Mezes depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viuva, em Cintra, na casa do dr. Videira. É uma mulher (dizem amigos meus) de singular intelligencia e bondade. Cumprindo um dever de portuguez, lamentei, diante da illustre e affavel senhora, a perda irreparavel que era sua e da patria. Mas quando, commovido, alludi ao immenso talento de Pacheco, a viuva de Pacheco ergueu bruscamente, espantados, os olhos que conservára baixos — e um fugidio, estranho, frio e triste sorriso arregaçou-lhe os cantos da bôca fina!... Eterno desaccordo dos destinos humanos! Aquella pobre senhora nunca comprehendera aquelle immenso talento! Creia-me, meu caro snr. Mollinet, seu dedicado — FRADIQUE.

Eça de Queiroz.

O IMPERADOR

E

O EX-CHANCELLER

(NOTAS SOBRE A POLITICA ALLEMÃ)

Era tão illimitada a confiança do velho imperador Guilherme I no patriotismo e no genio politico de Bismarck, tão sincero e absoluto o affecto que lhe dedicava, que só por motivos gravissimos poderia exoneral-o dos altos cargos em que o investira. Um dia o chanceller quiz retirar-se d'elles; mas o velho monarcha respondeu ás suas razões fortes com um monosyllabo imperioso: *Nunca.* E esta ordem, equivalente á maxima honra conferida pelo chefe de estado, foi uma prophecia cumprida. Só em 21 de dezembro de 1872 lhe permittiu ceder a Roon, ministro da guerra, a presidencia do ministerio prussiano; porém este mesmo logar tornou a ser occupado por Bismarck desde 9 de novembro de 1873; demais, se Roon o substituiu durante quasi um anno, foi porque o principe estava já sobrecarregado de outros trabalhos, não porque houvesse dissidencias entre elle e o imperador; e que existissem, deviam ser secundarias, visto que o eminente officio de chanceller continuava a pertencer-lhe, com o mais devotado apoio de Guilherme I.

O imperador tinha ponderosas razões para querer tanto a

esse politico genial; ninguem se distinguira mais do que elle na defeza dos direitos da corôa; ninguem soubera aproveitar melhor do que elle as forças da civilisação germanica para ampliar o territorio da Prussia, e fundar o imperio á luz da aureola com que a victoria coroou os guerreiros allemães nas luctas cruentas contra a Austria e a França.

A profissão de doutrinas realistas, o amor ao ideal da unidade germanica, e a preponderancia da nação prussiana, datavam de muitos annos na vida de Bismarck. As suas convictas aspirações manifestou-as relevadamente desde 1847, como simples membro do Landtag de Berlim, onde foi um dos mais notaveis campeões da monarchia ultra-conservativa; ahi se oppoz com energica vehemencia a todo o projecto de organisação constitucional da Prussia. Membro da dieta da Confederação allemã, bem depressa entrou de luctar contra a superioridade pretendida pelos representantes da Austria, começando por este modo o seu herculeo trabalho da hegemonia da Prussia entre os povos germanicos. Até nas minucias da etiqueta soube exigir o tratamento devido ao representante de uma nação. N'esse tempo, ha quasi 40 annos, Vienna tinha no equilibrio europeu importancia maior que Berlim; porém juridicamente não podia exigir que as outras nações confederadas lhe prestassem uma especie de vassallagem. O embaixador da Austria, conde Buol, cuidava, comtudo, que os factos lhe permittiam proceder como figura principal, de que os seus collegas haviam de ser a côrte; um dia mandou exprimir aos membros da dieta o desejo de que fossem a casa d'elle depois da sessão; Bismarck não foi; a razão da sua ausencia e os commentarios do convite acham-se no relatorio que mandou para Berlim:

« Entendi que se o conde Buol desejava fallar commigo, devia ao menos desculpar-se de não vir pessoalmente visitar-me. » Pretendia-se « que a dieta *in corpore* fizesse côrte ao ministro da Austria. Por isso mesmo felicitei-me de ficar longe de uma demonstração, habitual sómente para com membros de familias reinantes... É possivel que a minha ausencia tenha sido mal vista pelo conde Buol; mas não era já preciso isto para

que eu lhe desagradasse; e creio que v. exc.ª ha de approvar que eu não procure obter o agrado d'elle á custa do desdouro do cargo de embaixador de s. m. o rei».

Já então previa as luctas com a Austria; n'um dos documentos diplomaticos exprimia ao governo de Berlim a convicção de que em tempo não muito afastado a Prussia inevitavelmente havia de combater contra aquelle imperio. No relatorio de 26 de abril de 1856, que é tido como superior a todos os outros da sua lavra, analysa a situação politica da Europa. A guerra da Crimêa findára ha pouco; forças da França tinham combatido com as da Russia; mas Bismarck prevê a aproximação das duas nações: entre todas as grandes potencias, dizia, são ellas as que contêm menos elementos oppostos, as que não soffrem de interesses collidentes...; as amabilidades, que já trocam entre si, antes fallam de sympathia preexistente, do que são modo de a produzir. No relatorio de 1 de janeiro de 1855 poz estas phrases, que denotam plena confiança no futuro da Prussia e muita sagacidade diplomatica:

«Atégora as potencias occidentaes esperam alcançar a nossa cooperação sem nos concederem influencia nas suas deliberações. Contam demasiado com a efficacia da opinião publica na Prussia, e com que nos domine o receio do isolamento. Parece-me fóra de duvida que só podemos influir no procedimento da Austria, França e Inglaterra, se os nossos agentes ahi souberem crear a convicção de que estamos inteiramente livres d'aquelle receio e firmemente resolvidos a defender o nosso posto de grande potencia com os mais desesperados meios e esforços contra quem quer que seja. Ainda que infundado e perigoso o relacionarmo-nos mais intimamente com a Russia, cuido que a nossa influencia no curso dos acontecimentos só nos aproveitará quando no occidente se recear a nossa alliança com a Russia, e quando em Vienna se não pozer na classe das coisas impossiveis a nossa ligação com o oeste. As attenções para comnosco serão na medida do temor que inspirarmos.»

Data d'esse tempo uma carta em que se mostra clarissimo o espirito reaccionario de Bismarck: havia morrido n'um duello

o chefe da policia de Berlim, Hinckeldey, benemerito pelos serviços prestados a instituições de beneficencia, e famoso por suas iras contra o partido liberal; Bismarck sabendo d'aquella morte, occorrida em 10 de março de 1856, escreveu assim: «Muito me commoveu a noticia... Grande lacuna se abriu na policia pratica; Hinckeldey era o que os francezes chamam *homme de tête et d'action*, e nós temos poucos d'estes homens.» O sentimento do futuro chanceller foi, pois, o que era proprio do politico apaixonado pela forte acção policial, repressora ou preventiva de tudo que póde conduzir ao regimen democratico.

Essa orientação permaneceu no espirito d'elle, apesar das reformas da legislação allemã. Nos debates do *Reichstag* o anti-parlamentarismo do chanceller conservou-se vigoroso, por entender que a vida constitucional, modelada pela da Inglaterra, conduziria á ruina do systema monarchico. Uma vez, replicando a Rickert, dizia que o partido liberal (*freisinnig*) era um perigo do imperio; e, para o mostrar, procurou estabelecer a differença entre republica e monarchia; não a achou na hereditariedade: a Inglaterra, apesar da herança do poder real, não é monarchia no sentido allemão; a differença consiste em que o chefe do estado seja obrigado a fazer alguma coisa que não faria por sua propria vontade; a fórma monarchica desapparece desde que o monarcha póde ser forçado pelo parlamento a demittir o ministerio (*Discurso* de 27 de novembro de 1884). Outra vez, discutindo com Bamberger e Richter, expoz assim o mesmo fundamental pensamento:

«Desde 20 annos me tenho tão constantemente dirigido contra a fracção liberal, como para o norte se dirige a agulha magnetisada; e o perigo que nos vem do lado d'esse partido, que no coração é realista-republicano, inconscientemente republicano... (*Oh!* na esquerda da camara). Sim, senhores; não vos conheceis a vós mesmos; e assim faltaes á primeira regra politica (*Riso*). Necessariamente caminhaes para alli. Os contemporaneos de Mirabeau tambem não pensavam marchar para a republica; e ainda hoje, em mais de uma nação estrangeira,

chefes do estado e radicaes monarchicos não comprehendem que vão por esse caminho.»

O chanceller não defendia francamente o absolutismo; não podia defendel-o, que a constituição allemã dá o poder legislativo conjuntamente ao Conselho federal, ao *Reichstag* e ao imperador; a harmonia dos tres cooperadores, eis o que Bismarck recommendava; mas os factos apoiam a asserção de que pretendia ao predominio da corôa, á quasi inanidade dos dois corpos legisladores; sobretudo o *Reichstag*, dispensal-o-hia com o maior prazer; não que temesse os debates da tribuna; mas era-lhe incommoda a atmosphera parlamentar, porque a sua chimica politica achava n'ella fortes elementos destruidores do throno.

E tinha razão; aonde conduz o moderno systema representativo senão á ruina das monarchias? Que a estrada seja mais ou menos longa, ou percorrida com maior ou menor velocidade, o termo d'ella será sempre o mesmo.

*
* *

Campeão do throno absoluto, desejava, está claro, que dispozesse de poderoso exercito, e abrilhantasse a corôa com a gloria de fundadora da unidade germanica; ao serviço d'estes dois pensamentos poz toda a sua pasmosa energia, toda a sua inexcedivel perseverança, todo o seu extraordinario talento. Não o amedrontaram os votos parlamentares, reprovadores de seus projectos ácerca da força publica; respondeu-lhes com dissoluções. Não lhe incutiram receio os exercitos da Austria e dos alliados d'ella em 1866, nem os da França em 1870; conhecedor dos progressos militares na sua patria, quiz a guerra que em Sádowa sanccionou a hegemonia da Prussia, e a que nas successivas pelejas contra a França lançou as bases do imperio germanico. D'estas duas consequencias da sua politica resultou-lhe prestigio e auctoridade para durante muito tempo ser o arbitro dos destinos da Allemanha; e como d'essas grandes

consequencias foi causa immediata o desenvolvimento do exercito, não é estranhavel que o chanceller tivesse na mais elevada conta o patriotismo do soldado. Onze annos depois de constituido o imperio, discursando ácerca dos seus serviços, que julgou necessario memorar, recordou que outr'ora se dissera d'elle com ar de motejo: é um official prussiano vestido á paisana; agradecia, porém, esta phrase, porque o sentimento proprio de official da Prussia (dizia elle) ainda mais alto o erguia na onda das aspirações nacionaes, e do amor patrio, do que a funcção parlamentar que estava exercendo.

Taes palavras não são de juiz imparcial; são de politico apaixonado; o patriotismo não se distingue pelo uniforme; a heroicidade tanto póde estar no campo da batalha, como na officina, ou no gabinete de estudo, ou no simples governo da casa; os serviços á patria, a dedicação á sociedade, tanto podem consistir em defendel-a com as armas, como em melhoral-a com os exemplos, ou opulental-a com os progressos scientificos e technicos.

Na sua apreciação do patriotismo militar manifestava-se o lado fraco da politica do chanceller, ou antes, a estreiteza de algumas das suas vistas; ninguem lhe póde contestar a superioridade do entendimento; mas é tambem incontestavel que mais parecia ás vezes um estadista anterior a este seculo, do que um homem do seu tempo; attribuia demasiada influencia á monarchia, ao exercito e a si proprio. Com razão lhe replicou Bamberger em 19 de junho de 1882: «Jámais o chanceller, jámais a monarchia prussiana, poderia levar a cabo a nossa obra constitucional, se ella não fôra a conclusão e o resultado historico de longos trabalhos e sacrificios de todas as classes. O que agora achamos creado, prepararam-no grandes homens e procedeu do espirito do povo allemão. A propria popularidade colossal do chanceller sómente se explica por terem sido elle e a casa dos Hohenzollern os chefes do fim d'esta lucta em que passaram umas poucas de gerações.» Animado pelo mesmo pensamento, dizia-lhe Richter alguns dias antes: «O chanceller usa a linguagem do absolutismo; é o antigo principe Bismarck

de 1847 com todas as suas locuções contra o parlamentarismo e as liberdades populares. Mas as dynastias são tudo pelo povo; são nada sem o povo. Em 1813, depois de derrotada a Allemanha, foi a iniciativa e o levantamento do povo quem arrebatou comsigo o hesitante rei da Prussia para a obra da libertação.»

A existencia do parlamento imperial obrigava-o, comtudo, a engenhosos esforços para obter maioria; qualquer que fosse o seu pensar ácerca da politica partidaria e dos perigos corridos pela monarchia desde que a vontade d'ella ficasse mais ou menos dependente dos votos da assembléa legislativa, — era-lhe forçoso não erguer numerosos conflictos, nem usar muitas vezes da dissolução; desejaria porventura acabar com o *Reichstag*, e dirigir os negocios imperiaes na companhia do chefe do estado e de alguns conselheiros particulares; mas o espirito do seculo já o não permittia. Provavelmente mais de uma vez pensou que, apesar de tudo, elle tambem ia embarcado n'uma nau que navegava para o dominio da democracia, como outr'ora succedeu ás gentes pouco perspicazes do tempo de Mirabeau, e como estava acontecendo a monarchicos radicaes de outras nacionalidades. Mas era impossivel retroceder; restava impedir que o navio continuasse na carreira, ou ao menos retardar-lhe quanto possivel a marcha. Guerrear os liberaes, que, no pensar d'elle, tinham maior amor ás praticas britannicas, ou ao regimen do Sena que ao do Spree, tal era um de seus primeiros deveres. Combater fortemente os democratas sociaes, que ameaçavam não só a sociedade economica, mas tambem o throno, era outro dever não menos imperioso; por isso, durante muitos annos do seu dominio, quando já estavam concluidos os principaes trabalhos da constituição do imperio e rebatidas as pretensões papaes ao predominio sobre o poder civil, apoiou-se em variados accordos com partidos que não figuravam na esquerda parlamentar; mas nem por isso foi sempre direito o seu caminho, antes se entranhou em tortuosas sendas onde perdeu muito da sua prestigiosa auctoridade. Os abusos eleitoraes foram tantos, que se attribuiu a elles a demissão dada a Puttkammer pelo imperador Frederico. O emprego de agentes officiaes, para provo-

car á desordem os sociaes-democratas e os anarchistas, parece fóra de toda a duvida; provocar não só na Allemanha, mas tambem n'um paiz tão venerando pelas suas instituições sinceramente democraticas, pela relativa pureza dos seus costumes, e pela grandeza da sua cultura, a Suissa. A proposição e prorogação de leis de excepção contra os democratas sociaes foi um perigoso abuso da influencia de Bismarck; se os attentados contra a vida do imperador, commettidos por Hœdel e Nobiling, levaram o Reichstag a adoptar a proposta de guerra ao socialismo, as proprias consequencias da lei mostravam a sua inefficacia, como a fria analyse, posterior ás excitações causadas por aquelles crimes, provaram a sua crueldade; comtudo Bismarck persistiu em querel-a successivamente prorogada, apesar do desgosto que por isto se manifestava progressivo entre os proprios partidos que o apoiavam; á persistencia do chanceller respondeu ultimamente o parlamento rejeitando a nova fórma proposta para a lei contra os socialistas.

Não seria outro mesquinho expediente, com apparencias de grandioso, o fazer das probabilidades de guerra com a França uma especie de papão com que amedrontava os legisladores e o paiz, conseguindo, emfim, a approvação de dispendiosas reformas militares? Mais de uma vez o accusaram d'isto.

Outro expediente, um dos peiores, senão o peior de todos, foi o abater a questão entre o poder civil e o ecclesiastico até ao nivel de pura conveniencia da sua politica: outr'ora dissera o chanceller que a Allemanha tinha a luctar com dois inimigos, a Internacional preta, isto é, o ultramontanismo, e a Internacional vermelha, isto é, o socialismo; ficára tambem celebre aquella phrase, coroada por enthusiasticos applausos: « Não iremos a Canossa.» Recordava-se como gloriosa a affirmação de que cumpria os seus deveres para com o rei e a patria, advogando a liberdade espiritual da Allemanha contra as intrigas dos jesuitas e do papa, e defendendo a independencia do estado contra ingerencias estrangeiras; porém, ha tres annos, pretendendo acabar com a inimisade dos catholicos, fortemente representados no parlamento, não só propoz para o reino da Prus-

sia a revogação de disposições que outr'ora defendera como se lhes tivesse grande affecto, mas tambem as tratou com desdenhosas graças; arrojou-se a declarar que jámais procedera contra as pretensões romanas, senão para rebater a acção dos catholicos allemães; que se tratava exclusivamente de politica opportunista; que, uma vez feitas as pazes com Roma, já não seria tão importante a paz com o centro, isto é, com o partido d'aquelles catholicos. Assim, os antigos trabalhos, que lhe conquistaram a gloria de defensor do poder civil contra a invasão do ultramontanismo, não passavam de um expediente para manter a sua politica imperialista!

Tambem, para a conservar, passa como certo e bem averiguado que empregava quantiosas verbas em subsidiar jornaes ou mover as pennas de jornalistas, que eram uns immaculados defensores do throno. Em maio de 1884, Richter disse no Reichstag: «Onde param os milhões provenientes das rendas do rei Jorge do Hannover, e que o chanceller tem á sua disposição? Grande parte da imprensa é alimentada por elles, para louvar todos os actos de Bismarck e do governo, e para censurar todos os que não concordam com as successivas opiniões do gabinete.» Convem saber que esses milhões eram destinados a combater as traças dos defensores da dynastia de Hannover, aos quaes o chanceller alcunhou de reptis em 1869; ficou-se chamando, por isso, *Reptilienfonds*, ou *fundo* dos reptis, áquelle capital; assim o destino usou de uma acerada ironia fazendo que d'ahi sahissem alimentos para jornalistas, cuja posição não era perfeitamente erecta diante do severo principe.

E se o chanceller detestava os reptis do Hannover, não gostava muito dos politicos intransigentes; causava-lhe até desagrado que os seus collegas no gabinete prussiano tivessem independentes relações com o imperador; por muito que respeitasse a vontade sabia do chefe do estado, queria que os projectos fossem discutidos em conselho, afim de que, ainda mesmo quando vencido, elle presidente podesse oppôr-se-lhes perante o monarcha.

*
* *

A politica auctoritaria não o impediu de fomentar o melhoramento economico das classes inferiores; succedeu-lhe como a tantos outros defensores do absolutismo illustrado, que misericordiosamente olham para os desventurados; e ainda que não os favorecessem por compaixão ou dever, auxilial-os-iam por conveniencia. É sabido que Bismarck promoveu a apresentação e approvação de propostas sobre seguros contra as doenças, os desastres no trabalho, a invalidez e a velhice. Foi um socialista do estado, como usa dizer-se, e não lhe causou grande incommodo que o accusassem d'isto; pelo contrario, declarava em 1884 que, no seu entender, a principal causa dos triumphos alcançados pelos democratas sociaes consistia em que o estado não era sufficientemente socialista; nem sequer lhe repugnava o direito ao trabalho, do qual achava claros vestigios na legislação civil da Prussia.

Mas o socialismo que Bismarck permittia cultivar na Allemanha era... o seu, ou todo o que se não afastasse muito d'elle, ou que, pelo menos, deixasse intacto o edificio imperial; fóra d'esta igreja politica, não havia salvação; para além d'ella estavam os reprobos, os elementos perigosos, que por amor da ordem monarchica era indispensavel perseguir.

Mas á proporção que o chanceller fazia socialismo bismarckiano, a democracia social progredia rapidamente. Ao mesmo tempo, a actividade do principe na politica interna foi-se tornando tão desagradavel ao povo, que os eleitores a condemnaram na ultima lucta.

*
* *

A morte de Guilherme I diminuiu á auctoridade do chanceller a grande parte que lhe emprestára a auctoridade do imperador. Se a grave doença e breve duração de Frederico III obstaram a dissidencias entre elle e Bismarck, as qualidades e

os defeitos de Guilherme II forçosamente haviam de determinar a desgraça do principe na côrte de Berlim. Achavam-se em presença dois homens energicos, voluntariosos, querendo ambos exercer decisiva influencia nos negocios publicos; uma differença essencial existia, porém, entre elles; um era imperador, e o outro era ministro; aquelle podia impôr a este o dilemma com que o povo francez sentenciou o procedimento de um chefe da republica: submetter-se ou demittir-se. Bismarck não era homem para subordinar-se; preferiu partir para Schœnhausen, deixando a outro os logares eminentes que tanto tempo lhe pertenceram.

O procedimento de Guilherme II quer dizer que no throno prussiano e allemão está um homem que deseja fazer vingar as suas proprias idéas; um homem de pensar independente, e nao um imperador que deixe aos ministros o cuidado de dirigir superiormente a politica, guardando para si um trabalho pouco excedente, em geral, ao de assignar os papeis que elles reverentemente passarem das pastas para as regias mãos. Esse procedimento concorda com a analyse do caracter de Guilherme II ha muito feita por quem de muito perto o conhece. O seu preceptor Ilinzpeter escreveu d'elle: «Da união da tenacidade guelfa, transformada facilmente em energia, com a voluntariosidade um pouco idealista dos Hohenzollern, veio a nascer em 27 de janeiro de 1859 um sêr humano de individualidade fortemente accentuada, que, sem se modificar, e resistindo ás mais poderosas influencias externas, se desenvolveu de harmonia com a sua particular essencia; um sêr de peculiar composição, conservada ao través de todas as phases do desenvolvimento, e guardando sempre o seu caracter em todas as naturaes metamorphoses.»

Tinha pouco mais de quatorze annos o actual imperador, quando na sua profissão de fé, para a ceremonia da confirmação, disse que sabia estarem-lhe reservados grandes trabalhos, mas que não o amedrontavam; antes o pensar n'elles fortalecia-lhe a coragem. Affirma-se que elle proprio escreveu esse documento; e apesar de ser coisa vulgar o attribuirem-se aos principes provas de alto espirito que elles jámais tiveram.

grande parte da vida de Guilherme II mostra que procurou preparar-se para o exercicio das funcções de rei-imperador. No lyceu de Cassel, na universidade de Bonn, e no exercito, cumpriu sempre zelosamente os seus deveres. Como official, não se contentava só de honras vãs, contrastando com o pensar ou não-pensar de tantos principes que os benevolos paes vão já no berço promovendo a postos que os sêres oriundos de classes inferiores só alcançam a preço de longos esforços; se para a sua elevação na hierarchia militar contribuiu muito o acaso do nascimento, tambem o principe evidenciou que não era indigno d'ella. Já como coronel procurava influir nos camaradas fazendo conferencias, combatendo as preoccupações contrarias á marinha, e oppondo-se aos abusos do jogo. A este respeito contou-se um facto digno de ser recordado: muitos officiaes do regimento, em que o principe era coronel, commettiam d'esses abusos, que os arruinavam; o futuro imperador ordenou-lhes que deixassem o club em que jogavam; a direcção, á qual pertencia um alto personagem da côrte, solicitou do imperador Guilherme I a annullação da ordem; o principe foi chamado á presença do avô para que a revogasse; mas o jovem militar invocou os seus direitos de chefe do regimento, e pediu á magestade imperial que lhe concedesse manter a ordem ou apresentar a sua demissão; está claro que a magestade preferiu conservar o coronel. Esta scena, que faz lembrar um pouco certa passagem da opereta *Petit Duc*, exemplifica impressivamente a firmeza das opiniões de Guilherme II.

Esta firmeza não soffreu quebra, nem mesmo diante da auctoridade longamente experimentada e gloriosa de Bismarck; e o imperador tinha-lhe extremo affecto, robustecido por uma grande veneração dos seus serviços. Ha dois annos, jantando em casa do chanceller que fazia então 73 annos, o principe lançou n'um brinde esta homenagem: « O imperador Guilherme já não existe; o povo sauda com enthusiasmo o actual augusto soberano, que é um dos fundadores da nossa grandeza patria; vossa alteza (dirigindo-se a Bismarck) servil-o-ha com a fidelidade que provou no tempo de meu avô. Empregando uma ima-

gem militar, direi que a nossa actual situação é a d'um regimento marchando para um assalto; cahiu o commandante; o immediato a elle, posto que muito mal ferido, ainda com bravura marcha na frente. N'este momento os olhares fixam-se todos na bandeira agitada bem alto por aquelle que tem o cargo de a trazer. É assim que vossa alteza sustenta o estandarte imperial; oxalá que vossa alteza ainda o empunhe longo tempo ao lado do nosso bem amado e venerado imperador. Este é o meu mais sincero desejo. Que Deus abençoe e proteja vossa alteza e o imperador.»

Curto espaço bastou para modificar essencialmente o pensar de Guilherme ácerca do chanceller; no banquete fallára o principe, ainda porventura insufficientemente instruido ácerca de negocios a cujo estudo se dedicou em particular depois de subir ao throno; porventura tambem não conhecia de perto alguns defeitos da politica bismarckiana; ou talvez a ascensão ao throno lhe causou a vertigem do poder.

A profunda impressão causada no mundo politico pela retirada de Bismarck parece um pouco injuriosa para a Allemanha, ou para o imperador, senão para o proprio chanceller; tendo estado á frente dos negocios germanicos desde tantos annos, o receio das consequencias da exoneração d'elle equivalia á desconfiança de que não soubera fundar solidamente o imperio, ou que a unidade allemã era insustentavel, ou que a Germania estava assombrosamente desprovida de estadistas, ou que o governo pessoal do imperador, se fosse desacertado, não acharia a devida emenda na opinião publica. Uma folha de provada circumspecção, e quasi sempre muito bem informada, o *Economist*, de Londres, escreveu estas desoladoras phrases em 22 de março: «Ninguem na Allemanha, excepto o imperador, possue poder politico. A nação está tão desprovida de grandes individualidades, que os proprios bisbilhoteiros não souberam indicar quem seria o novo chanceller; e a nomeação de Caprivi é praticamente a de um homem desconhecido.»

Não se podia exaggerar mais a individualidade de Bismarck, nem ter em menor conta o imperio allemão; não sabemos

que na sua terra o principe fosse geralmente considerado tão indispensavel nos ultimos annos, nem que o povo germanico esteja tão abatido que não haja n'elle alguns homens capazes de substituir o chanceller. Talvez succedesse com o famoso diplomata o que succede com os figurinos: a provincia ainda cuida que vigoram e reinam sobre o imperio da moda os que já na capital quasi perderam todo o valor.

Tambem o *Economist* se enganou ácerca de Caprivi; podia ser desconhecido em Londres, mas não era muito ignorado na Allemanha; como havia de o ser quem já na guerra de 1870-71 gloriosamente serviu de chefe do estado maior do general Voigts-Rhetz? Quem, na qualidade de chefe do almirantado, tratou com muito saber perante o Reichstag as questões da sua competencia, afastando-se sempre de debates sobre as pessoas, e respeitando todos os partidos? Quando em junho de 1888, Caprivi se retirou d'este eminente logar, o actual imperador agradeceu-lhe os serviços prestados á marinha, por serem tão relevantes que «certamente occupariam pagina de honra na historia d'ella». Na carta imperial vinham estas palavras, agora memorandas: «Espero que brevemente haja opportunidade de vos dar na marinha um commando correspondente ao vosso posto; desejo isto vivamente no interesse do exercito, de que vós sois um dos mais distinctos generaes.» E o imperador não se contentou de lhe confiar um commando militar; ergueu-o tambem a um commando politico.

O que ha de importante nas recentes mudanças da politica allemã, não é a exoneração de Bismarck e a entrada de Caprivi; é a ruina da politica do ex-chanceller e a substituição de Guilherme I, subordinado politico de Bismarck, por Guilherme II, que não se deixa guiar por nenhum ministro. O imperador, ainda nas suas cartas de 20 de março affirmou os grandes serviços patrioticos do ex-chanceller; tão extraordinariamente valiosos, que d'elles diz não estar no poder da corôa o compensal-os intimamente; mandou-lhe, como prova de reconhecimento particular e official, o diploma que lhe dá as honras de *general feld-marechal*, o titulo de duque de Lauenburg e o

proprio retrato do imperador em tamanho natural; diz-lhe que o exonera, mas que está seguro de que o seu conselho e lealdade jámais hão de faltar á Allemanha e ao chefe do estado. Porém uma coisa é ouvir conselhos, outra é seguil-os. E já depois d'isto Guilherme I parece ter mudado de opinião, e não querer conselhos de Bismarck.

A termos de apreciar o imperador por seus actos publicos, elle tem a melhor vontade de engrandecer politica e moralmente a Allemanha; desempenha com a maxima seriedade as obrigações que julga ter; considera os deveres com zelo religioso; procede como um crente e um bravo; não faz agora accepção de partidos; ingenuamente se dirige a todos, traçando assim uma linha divisoria entre o seu pensar e o do ex-chanceller; detesta a intriga e os accordos suspeitos; ama as suas idéas; quer traduzil-as em obras..., antes de ter aprendido engenheria politica.

Homem de tantos e tão raros predicados, ha comtudo, em alguns de seus actos, vestigios fortes de que se attribue demasiados direitos. Quando recebeu e escutou os delegados mineiros da Westphalia, dirigiu-lhes affectuosas palavras; mas, segundo affirmaram os jornaes, advertiu-lhes que severamente cahiria sobre elles a força armada se as desordens tendessem para o socialismo. Brindando no banquete de *landtag* provincial brandeburguez em março d'este anno, e alludindo ás viagens que recentemente realisára, disse que, longe do quotidiano tumultuar dos partidos, tendo ante si a vastidão do mar, e fitando o céo recamado de estrellas, considerára tranquillamente as condições politicas da patria, meditára nas forças d'elle mesmo e na sua missão de imperante. Vieram-lhe á mente os feitos de antepassados, desde o grande eleitor, que primeiro teve a soberania da Prussia, até seu avô Guilherme, que primeiro subiu ao moderno throno imperial da triumphante Germania; remontando assim o curso do tempo, via com o espirito um quadro, que por longuissimos annos jazera olvidado, mas que elle erguêra até logar de honra no seu quarto; a pintura é da época do grande eleitor; navios altivamente cortam as aguas; tremúla

n'elles a bandeira com a aguia vermelha de Brandeburgo; é que já no seculo dezesete o glorioso Frederico Guilherme previra que seus descendentes seriam chefes de uma nação poderosa pelas relações mercantis com todo o mundo. Descendo até aos ultimos annos, o joven imperador attentou especialmente na politica social do avô; o coração e o entendimento acharam-se-lhe intimamente concordes em que a mais nobre solicitude era devida á empreza de espalhar o bem pelas classes inferiores dos subditos imperiaes. Crente em que os reis têm do Senhor uma especial missão, achou-se com forças para a cumprir: «O povo e o territorio que eu recebi, exclamou elle, são como que o dinheiro, a mim por Deus confiado, o qual, — no dizer biblico — tenho o dever de augmentar; e d'este encargo prestarei contas um dia. Espero administrar de tal modo com todas as forças esse capital, que o deixe multiplicado. O meu coração acolherá todos os que desejarem auxiliar-me, venham d'onde vierem; mas os que n'este trabalho se me oppozerem, esses hei de eu fulminar.»

Assim, á vontade firme de trabalhar empenhadamente para o bem-estar das classes inferiores, parece alliar-se em Guilherme II a inquebrantavel severidade para com todos que tentarem a applicação de remedios differentes d'aquelles que o moço imperador traz escriptos no seu tratado de therapeutica social; porém d'esta obra não é ainda conhecido mais que um trecho de indice e umas passagens com affirmações, vigorosas sim, mas communs a varias e oppostas escólas.

N'aquellas noites de viagem, as estrellas brilhavam no firmamento; eram tranquillas as aguas do mar; longe, muito longe, estavam as facções com suas intrigas, e os partidos com as suas batalhas campaes; a Allemanha da actualidade vivia, porém, alli no magistrado supremo, nos vasos de guerra dominadores do mar, na bandeira que os encimava, e nos subditos que simultaneamente significavam força e obediencia. N'este meio, tão prospero ás flôres da phantasia, Guilherme II viu as grandezas da Allemanha do passado. E as estrellas continuavam a scintillar, as aguas permaneciam tranquillas, a embarcação ia

navegando velozmente. O joven monarcha estava alli como no maximo templo de Deus; cuidou talvez que n'essas noites velava as armas preparando-se para cavalleiro da civilisação; mas senhor de um grande imperio, e descendente d'aquelles que tantas vezes commandaram victoriosamente os exercitos, ampliando seus dominios; espirito culto, mas apertado pela tradição do direito divino dos reis, — no seu voto solemne de caloroso amor pelos que soffrem parece que vai tacitamente o voto da acção do gladio contra os que tenham crenças incompativeis com a sua. Cavalleiro professo da Aguia Negra desde os 18 annos, elle sabe que essa aguia traz n'uma das garras a corôa de louros, symbolo da recompensa dos virtuosos, e na outra prende um feixe de raios para fulminar os maus. E o imperador quer o Bem; porém, decerto, só o Bem, como elle o comprehende; tudo o mais é, a seus olhos, o mal; a sua viva fé christã, a sua profunda convicção dos deveres imperiaes obrigal-o-iam, porventura, a pôr as hostes do imperio ao serviço das suas idéas se tanto fosse necessario. Fulminará quem se oppozer aos *seus* trabalhos de protector dos infelizes e promotor da grandeza patria.

Foram bellas as noites de viagem; porém se nuvens espessas encobrirem as scintillações stellares, se das serenas aguas a tempestade construir, destruir e refizer rapida e successivamente montanhas e abysmos, se dos céos baixarem as aguas e os raios, qual será a visão do scismador cavalleiro da Aguia Negra?

Talvez que no officio de reinar vá perdendo alguns predicados de homem da idade-média, e desenvolvendo forças proprias de trabalhador politico do seculo dezenove; talvez complete a sua educação junto do tumultuar dos partidos, e incline a sua magestade perante a opinião publica; habituar-se-ia então a uma tolerancia, que não é opposta á mais fervorosa crença, mas que é veneração do direito de todas as crenças á existencia, e que é comprehensão das leis do desenvolvimento espiritual; não pretenderia impôr absurdamente ás classes inferiores um typo de felicidade economica, impondo-lhes tambem o

silencio das aspirações politico-sociaes; bem longe d'isto, elle quereria então que todos os cidadãos tivessem a mesma faculdade legal de exprimir seus pensamentos e ordenadamente preparar-lhes a victoria.

*
* *

Alguns de seus actos recentes revelam zelo moralisador tão grande, como aquelle que provou quando, simples coronel, prohibiu aos subordinados o serem membros do club onde viciosamente se jogava. O rescripto de 29 de março de 1890 clama contra o luxo dos officiaes. «Os commandantes, diz elle, devem ter sempre bem presente que hoje, mais do que nunca, importa produzir e educar caracteres, e promover a abnegação nos officiaes. O exemplo proprio tem a maior efficacia. Assim como de novo ponho por dever aos commandantes que obstem ás excrescencias do luxo, aos presentes custosos, aos festins repetidos, á excessiva despeza na sociedade, tambem reprovo accentuadamente a opinião de que o commandante seja obrigado pela sua categoria a avultadas despezas de representação... Cumpre combater com severa energia o progressivo luxo no exercito.»

O rescripto não só condemnou os excessivos gastos de vaidoso apparato, mas tambem o pessimo costume de serem exclusivamente admittidos a officiaes os candidatos que, pelo menos, tivessem de rendimento proprio, ou de subsidio familiar, um grande numero de marcos; arbitrariamente os commandantes talhavam suas exigencias; cada um aspirava a ter no regimento filhos de gente rica; a numerosissimas familias era portanto vedado o destinarem seus filhos para officiaes; outras muitas opprimiam-se com sacrificios pecuniarios para lhes alcançarem os postos; a ampliação dos quadros do exercito germanico aggravou as consequencias d'esta usança plutocratica; muitos corpos soffriam de escassez de officiaes. O imperador não acabou inteiramente com a exigencia dos subsidios; reduziu-os; e a propo-

sito foi discretamente dizendo que não póde hoje a nobreza do nascimento fruir o monopolio da producção de officiaes; deve exigir-se nobreza de sentimentos, «a qual vive tambem nos filhos de honradas casas burguezas, onde é cultivado o amor da patria, o do rei, e a moral christã».

N'outra ordem Guilherme II reprehendeu as pessoas que nas galerias do templo se debruçavam para vêr a familia imperial; se não tivesse fortes raizes o habito de irem os fieis para aquelles logares, o imperador mandaria para lá, a occupal-os inteiramente, disciplinados e reverenciosos soldados; mas, ao menos, quem estiver ahi não macule com terrestres curiosidades o pensar em Deus.

Assim o chefe do estado cuida zelosamente, quer das coisas mediocres, quer dos negocios transcendentes: ora reprehende irado os subditos que na igreja admiradamente o fitam, ora prega enthusiasmado a cruzada scientifica e legislativa das nações cultas contra as crueldades da questão social.

O peor é que as resistencias parecem affligil-o; a opposição parece irrital-o, e que se julga com grandissimas forças; ao testemunho dos factos que já narramos, juntaremos o de outros mais recentes: ha pouco, recebendo a meza do *Reichstag*, queixou-se dos ataques dos progressistas ao projecto de augmento da força armada; e disse que, embora houvesse prohibido polemicas jornalisticas aos officiaes, os auctorisaria a responder aos ataques, se continuassem. No *toast* em Kœnigsberg, a 16 de maio, affirmou que estava em circumstancias de manter a paz; e tinha o convencimento de que todos quantos ousassem perturbal-a receberiam uma lição cuja lembrança lhes duraria cem annos. Entre antiquadas asserções ácerca do direito divino dos reis, apresentou-se como *rochedo de bronze* contra o qual se quebrariam os ataques d'esses perturbadores. Não nos parece este o melhor modo de conservar a tranquillidade na Europa, e de attrahir a sympathia das outras nações. E com alguma razão a imprensa moscovita commentou desagradavelmente a bravata. Dir-se-ia que fallou um novo Jupiter, posto sobre a aguia germanica, e tendo na mão o feixe de raios. Comtudo o

imperador quer ser a deusa da paz. Que discursos fará elle, se um dia lhe parecer precisa a guerra!

* * *

Desde que Guilherme II subiu ao throno atégora, a politica allemã não se definiu melhor. Durante algum tempo succederam-se os casos escandalosos, e a intriga floresceu. Um dia foi o processo contra Geffcken, o sabio jurisconsulto, por ter publicado trechos do *Diario* do imperador Frederico; o relatorio de Bismarck a este respeito é um dos maiores erros da sua vida. Outro dia foi a azedissima polemica entre Herbert Bismarck e o embaixador britannico, Morier, a proposito de telegrammas a Bazaine durante a guerra franco-allemã. Outros dias foram os longos mexericos sobre a forte influencia de Waldersee, tão antipathica ao principe de Bismarck, e as altas protecções de Stöcker. Mais tarde veio a campanha realista dos ultra-conservadores da *Kreuzzeitung*, até que o proprio imperador teve de declarar que lhes era adverso. Veio depois a exoneração do chanceller, ácerca da qual tanta historia se tem feito, sem que ainda seja bem sabida a historia verdadeira.

O que se sabe, é que o imperador quer o desenvolvimento do militarismo; que a politica das colonias segue, talvez a largos passos, pelo caminho em que Bismarck entrou pouco decidido; e que as *espheras de interesses* anglo-germanicas ameaçam chocar-se na Africa. As allianças do imperio não parecem ampliadas, nem fortalecidas. No interior, os democratas-sociaes proseguem a sua tarefa, como quem se não converteu, nem devia converter, á doutrina do cesarismo-socialista, apesar da conferencia de Berlim; é certo que a maioria dos operarios leram com prazer as promessas de Guilherme II; ainda na sessão de 19 de maio, Grillenberger applaudiu vivamente no *Reichstag* a iniciativa do imperador; porém não menos vivamente accentuou a opposição dos democratas-sociaes a dois pontos importantes

da proposta sobre reforma da lei reguladora da industria, e notou que se não incluiram n'ella disposições correspondentes a algumas essenciaes promessas do chefe do estado. Os progressistas, que no periodo eleitoral sympathicamente acolheram os rescriptos imperiaes, têm motivos para persistir no desaccôrdo com o governo. O centro, que o ex-chanceller parecera julgar desarmado por elle, não abandonou o programma do predominio clerical na escola e dos esforços internacionaes a favor do poder temporal no Vaticano; pelo contrario desenvolve grande actividade para progredir em influencia. Finalmente a politica socialista do monarcha não differe sensivelmente da que Bismarck planeou e que o velho imperador protegeu.

Os apologistas de Guilherme II attribuem-lhe as melhores intenções, o intimo convencimento da superioridade da sua missão, o animo deliberado a cumpril-a; mas ainda que provassem tudo isto, o que seria muito, não teriam demonstrado que é um grande estadista. E como, segundo uma phrase conhecida, elle quer ser chanceller de si mesmo, não é prudente esperar com firmeza que a politica do imperador (o qual frequentemente invoca a força, coisa tão positiva, e o direito divino dos reis, coisa tão imaginaria) venha a ser muito melhor que a de Bismarck.

A este principe chamaram chanceller de *ferro*. Vimos que o joven monarcha se comparou a um rochedo de *bronze*. Como a Allemanha não é simplesmente uma caserna, mas sim uma grande nação, ser-lhe-ia vantajosa uma politica menos metallica, menos dura, menos auctoritaria.

Rodrigues de Freitas.

O NORTE MARITIMO [1]

(NOTAS PARA UMA HISTORIA)

Memoria apresentada na sessão da Sociedade de Instrucção do Porto de 3 d'abril de 1889, em honra do infante D. Henrique

> «Maravilhosas cousas som os feitos do mar, e assinadamente aquelles, que fazem os homeẽs em maneira d'andar sobre el per mestria e arte, assy como nas naos, e gallees, e em todolos outros navios mais pequenos».
>
> *Ord. Aff.*, liv. I, tit. LIV, pr.

Em taes condições de prosperidade maritima, não é de estranhar que sahisse do norte, logo no primeiro quartel do seculo XV, o melhor da esquadra, que foi á expugnação de Ceuta.

Já antes, no principio do reinado de D. João I (1348), o Porto tinha dado uma prova decisiva da sua actividade, quando o Mestre d'Aviz, chamado então *Defensor do reino*, lhe pediu soccorro n'um momento desesperado. O rei de Castella, acampado no Lumiar, investira Lisboa por terra, esperando sómente para completar o assedio a chegada dos seus navios de guerra.

O Mestre mandou apparelhar á pressa as poucas embarcações que apodreciam desmanteladas no Tejo, e com os maiores esforços conseguiu preparar *13 galés*, *1 galeota e 7 naus*. Havendo receio de ficarem presas pelas forças navaes espanholas, que se esperavam a cada instante e chegaram effectivamente

[1] Continuado da pag. 603, do numero de maio.

dias depois, os navios, mal promptos, partiram sem demora para o Porto a reunirem-se com os que se podessem aqui apparelhar.

Nos estaleiros do Douro trabalhou-se noite e dia a expensas dos burguezes, de tal modo se aprontaram mais *4 galés* e armaram-se *10 naus*, formando-se assim uma esquadrilha de 17 galés e 17 naus que partiu para Lisboa, onde exerceu grande influencia no exito da campanha [1].

Não tinham pois estacionado no Porto a navegação e arte de construir no ultimo periodo do reinado de D. Fernando, tão cheio de discordias e difficuldades; prova-o sobejamente o contingente fornecido. O aprestamento effectuára-se demais em condições sobremaneira embaraçosas: a cidade estava cercada de adversarios, visto só ella ter no norte a voz do Mestre d'Aviz. Apesar de tudo, as deliberações dos burguezes cumpriram-se em curto praso, indicio certo de grande abundancia de operarios e materiaes nos seus estaleiros. Não era todavia este o ensejo em que elles haviam de mostrar todos os recursos de que podiam dispor.

Quando, 31 annos depois, João I resolveu a expedição de Ceuta (1415), lembrando-se d'esses immensos auxilios já anteriormente por elle recebidos, desde os valiosos donativos em dinheiro até á *grande Armada a descercar Lisboa* [2], a que acabamos de alludir, mandou o quinto filho — o infante D. Henrique, á terra da sua naturalidade alistar gente, armar e equipar as embarcações que deviam acompanhar as do sul á costa barbaresca [3].

Quanto foi enormemente importante o novo contingente, quanto tinham sido valiosos os soccorros precedentes — disse-

[1] Quintella, *Annaes da marinha portugueza*, tom. I, pag. 47-49; Jose Soares da Sylva, *Memor. de D. João I*, tom. III, cap. CCXVI, pag. 223-226; Severim de Faria, *Not. de Port.*, disc. II, §. 15, indica 18 naus: seguimos comtudo a versão dos dois primeiros escriptores.

[2] Carta de D. Duarte, d'abril 12, 1436, em J. P. Ribeiro, *Diss. Chron. e Crit.*, tom. I, doc. 86.

[3] José Soares da Sylva, *ob. cit.*, pag. 1:435 e seg.

ram-no os proprios habitantes do Porto, com uma simplicidade encantadora pela franqueza, nos Capitulos apresentados por elles nas côrtes d'Evora de 1436, quando pediram a D. Duarte que lhes mandasse guardar o antigo privilegio de não-residencia de nobres dentro dos seus muros.

O rei deferindo ao pedido repetiu felizmente os factos aduzidos que serviram de razão justificativa á conservação do privilegio; a proposito da questão de que nos occupamos, diz o documento:... « E que assy o fora essa Cidade (o Porto) servindo mui lealmente com os corpos e averes: E sabendo El-Rey (João I) esto, em como ouve em ella grande poderio de Naves, quando passou a Cepta, que *forão bem setenta Naus, e barchos, afora muita outra fustalha*, que não sabies huum so lugar na Espanha, de que tão poderoza Armada podera sair, e sentindo como todo este procedia da grande poboação e que somente se paboava por se guardarem os ditos Privilegios... [1] »

Estas singelas palavras desenham a largos traços um quadro de verdadeira opulencia maritima. Era a quasi independencia medieval que tinha produzido todo aquelle poderio: mas ella estava a extinguir-se; a côrte começava a orientar-se pela nova politica, introduzida da Italia, como hoje importam as secretarias as leis estrangeiras. Em breve vai realisar-se á preponderancia effectiva das gentes do sul nos negocios publicos; e á declinação da influencia politica ha de seguir-se tarde ou cedo a da marinha. Lisboa — grande porto, sendo capital no sentido rigoroso da palavra, absorverá no futuro o movimento maritimo d'estas oitenta leguas de costa. O primeiro sacrificado será pois um dos principaes fautores da restauração.

O norte — terra de antiga nobreza, e onde existiam vivas as tradições anteriores á monarchia, ficára surdo á revolução do Mestre d'Aviz. Instinctivamente era todo por Espanha. Mas o Porto abriu desde o principio as portas e a bolsa á revolução joanina. Ajudou o Mestre, com os maiores sacrificios, a tomar as villas, castellos e praças fortes do Minho e Traz-os-Montes;

[1] Carta de D. Duarte, cit.

póde por isso dizer-se sem erro ter sido elle quem lhe deu a victoria [1].

O documento de D. Duarte, relembrando ao menos um por um todos esses auxilios prestados, não se esqueceu por fortuna de mencionar tambem o contingente para a expedição de Ceuta, de que nos occupamos agora.

Nenhum chronista ou historiador, excepto Severim de Faria, menciona tamanho numero de embarcações; mas o documento é bem explicito, para não deixar a menor duvida; nem os burguezes se atreveriam a exaggerar, requerendo a D. Duarte que conhecia de perto todos os pormenores.

Severim diz: «E depois na tomada de Ceuta... só do Porto sahirão *70 velas* em que entraram 17 galés [2].»

Esta versão aproxima-se muito da referida na passagem do diploma precedentemente citado. A unica differença entre as duas consiste em que os Capitulos não fallam de *galés*, mas unicamente de *naus*, *barcas* e *justas*. Se as galés eram de construcção real, os portuenses não podiam louvar-se por tal motivo; e assim fica explicada a omissão d'ellas no seu requerimento. Em todo o caso, segundo a opinião mais commum, sendo a armada total composta de 59 galés, 33 naus e 120 navios mais pequenos [3], o contingente compunha evidentemente a melhor parte d'ella. Exceptuadas as galés, só uma marinha mercante muito activa podia apromptar n'essa época, em tempo tão restricto como o da preparação da empreza, tal numero de transportes. E de facto, se não estão amplificadas as palavras — «*não sabies huum so lugar na Espanha de que tão poderosa Armada pudera sair*», o Porto seria então a cidade de navegação mais intensa em todo o littoral do occidente, não tendo

[1] «... porquanto a mor parte dos Fidalgos era contraira a ElRey, emtanto, que todos os que tinham Villas, e Castellos antre Douro, e Minho os derão a ElRey de Castella, que não ficou, salvo o Porto, e Monção, que não tinhaõ Capitão sobre si...» Carta de D. Duarte, cit.; José Soares da Sylva, *ob. cit.*.

[2] *Not. de Port.*, disc. II, §. 15.

[3] Quintella, *An. da Mar. Port.*, tom. I, pag. 62.

Lisboa adquirido ainda a supremacia que o commercio dos reis lhe deu mais tarde.

O infante D. Henrique, assistindo pessoalmente á disposição das coisas, pôde avaliar por si mesmo, como esta gente se julgava forte então.

O equipamento effectuou-se com a maior largueza, quasi todo á custa da cidade; não se pouparam sacrificios nem cabedaes; e a população, querendo abastecer os expedicionarios bem e abundantemente, cedeu-lhes a carne limpa das rezes abatidas, reservando para si as entranhas e miudos.

A esquadrilha portuense, transportando as tropas alistadas no Minho, Traz-os-Montes e Beira, partiu para Lisboa, sob o commando do infante, a reunir-se com a esquadra geral.

No Minho o recrutamento abrangeu toda a provincia até ás comarcas mais interiores; sabemos que em Ceuta os soldados de Guimarães fizeram prodigios de valor; vencendo com intrepidez a estancia que lhes tinha sido designada e substituindo outros seus comprovincianos aos quaes o pavor fez recuar, se deixaram um testemunho da sua bravura, legaram-nos tambem est'outro não menos valioso, o da nossa cooperação n'essa victoria [1].

Após a tomada de Ceuta, começa essa longa série de desvairados trabalhos das navegações e conquistas.

Um dos primeiros exploradores (1419-1420) João Gonçalves o Zarco, era natural de Mathosinhos, segundo hoje se crê; ha poucos annos fundou-se alli uma escóla com o seu nome, afim de lhe conservar a memoria. Elle e o companheiro — Tristão Vaz, depois de terem abordado á ilha de Porto Santo, descobrem a da Madeira. Gonçalves, consoante as tradições recolhidas pelos historiadores [2], foi o primeiro portuguez que usou da polvora e artilheria nos navios.

O volante da machina estava definitivamente impulsiona-

[1] *Revista de Guimarães*, vol. v, n.º 4, doc. publicado por Oliveira Guimarães.

[2] Cardeal Saraiva (S. Luiz), *Indice chronologico*.

do para jámais parar, quaesquer que fossem as contrariedades. Á brilhante expugnação de Ceuta seguiu-se a desastrada empreza de Tanger (1437). A ella concorremos tambem, e o nosso contingente avultava sem duvida como se deprehende das proprias palavras de Ruy de Pina: «ca huuã parte d'ella (armada) se *aparelhou e fez prestes na Cidade do Porto*, para o Conde de Arrayollos e os Fidalgos e gente d'aquella Comarqua n'ella embarcarem» [1].

Além d'um troço de exercito, destinado a combater em terra, apparelharam-se os navios que o conduziram — circumstancia que nos interessa n'este ponto sobremodo; não indica infelizmente o chronista o numero de embarcações; em todo o caso o contingente não foi tão numeroso como o de Ceuta, vistas as difficeis condições do paiz no tempo de D. Duarte. A má administração póde dizer-se um factor periodico, e ella demonstra praticamente a capacidade de quem tem governado. Completada a famosa revolução joanina, a penuria das finanças reapparecia outra vez, como nos ultimos tempos de D. Fernando, como sempre.

O conde d'Arrayollos, filho do conde de Barcellos e sobrinho do rei, partiu com a sua esquadra directamente para Ceuta, onde esperou pelo infante D. Henrique com a de Lisboa [2].

A catastrophe de Tanger, da qual resultou o captiveiro do infante D. Fernando, sustou o volante por um momento apenas.

No meado d'este mesmo seculo, partiu do Porto terceira esquadra, armada aqui e equipada com gente d'estas provincias. Acompanhou e combateu ao lado de Affonso V na sua jornada á Africa em 1458, quando elle — o ultimo rei cavalleiro, segundo a phrase de Herculano, conquistou Alcacer-Ceguer.

O marquez de Valença [3] que veio organisal-a não encontraria difficuldades; a marinha mercante do norte estava forte,

[1] *Chron. de D. Duarte*, cap. XX (*Coll. das L. In. da H. Port.*, I).

[2] Ruy de Pina, *ob. cit.*, cap. XXI; Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 87 e 89.

[3] Ruy de Pina, *Chron. de Affonso V*, cap. CXXXVIII.

posto que começassem os vexames e embaraços governativos, como se percebe da queixa formulada pelos armadores de Vianna, Ponte do Lima e Villa do Conde, aos quaes eram *embargadas para levar pão e couros a Ceuta* as caravelas grandes que tinham mandado construir para conduzirem *ao Levante a maior parte dos Pescados*. O rei deferiu á queixa nas côrtes de 1436. As barras, infere-se, estavam já assoreadas; os queixosos notavam —«como os Rios d'estes logares eram pequenos e n'elles não *podiam navegar navios grandes* como em outro tempo acontecia» [1]. Em todo o caso a navegação perseverava, quer a despeito do abandono do poder central, quer das medidas vexatorias por elle determinadas. Apesar de tudo, a arvore profundamente enraizada, havia de dar ainda abundancia de fructos e não desappareceria senão ao cabo d'uma longa série de maus tempos.

A frota do Porto dirigiu-se a Lagos, juntando-se ahi com a do Algarve, capitaneada pelo infante D. Henrique. Lá estava tambem o rei que embarcára em Setubal por causa da *crua pestinença*, existente em Lisboa.

Os embaraços financeiros reappareciam em 1460 tão intensamente que Ruy de Pina não hesita dizer: «lastimado o Reyno das grandes e apetitosas despezas que El-Rey fazia, de que sua fazenda e as de seus vassallos sem causa necessaria se destruiam» [2]. E eram taes, que as côrtes d'este anno tiveram de dar-lhe 150:000 dobras d'ouro *com que se desempenhasse*.

Apesar d'esta ruinosa situação e após varias tentativas frustradas, á conquista de Alcacer-Ceguer seguiu-se a de Arzilla e Tanger em 1471.

Aprestou-se então no Porto quarta esquadra. Duarte Nunes diz: «Da armada que se fez no Porto, deu El-Rey cargo a D. Fernando, duque de Guimarães... [3]» Ruy de Pina escreve no mesmo sentido: «Encommendou El-Rey o cargo da jente

[1] Lacerda Lobo, *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 333, nota *b*.

[2] *Chron. de Affonso V*, cap. CXLIII.

[3] *Ibid.*, cap. XL.

d'antre Douro e Minho, e da frota do Porto ao Duque de Guimarães... [1]» Não sabemos tambem infelizmente qual o numero e especie dos navios. Os chronistas dizem apenas que elles, conduzindo as tropas da provincia, foram ajuntar-se em Lisboa com a expedição geral.

As conquistas de Affonso V, se não foram tão brilhantes como a de Ceuta, nem por isso o simples monarcha se sentia menos maravilhado da gloria d'esta, cuja escriptura encommendou a Gomes Eannes. Nascera o velho chronista em Azurara, na foz do Ave, junto d'um dos melhores antigos estaleiros. Ahi poderia elle ter ouvido contar nos primeiros annos essa heroica façanha a velhos mareantes que tivessem partilhado d'ella. Mas querendo compôr com verdade as suas historias, passou a Ceuta, a Tanger e Arzilla, verificando os logares e factos por si mesmo.

Durante pois cincoenta e seis annos (1415-1471) partiram do Porto quatro contingentes em esquadra, alguns dos quaes formaram a parte principal das expedições de Lisboa á Barbaria. Só uma possante industria maritima poderia produzir esta série de aprestamentos navaes com a facilidade como parece que todos estes se effectuaram. No seculo xv não se tinha operado ainda a deslocação commercial. Por emquanto mandavam-se apenas embargar as caravelas do pescado!

No reinado anterior e parte do actual as navegações haviam sido instigadas quasi exclusivamente pelo infante D. Henrique. Affonso V tomando conta da herança do tio, começou elle proprio a dirigil-as. Isto não passará comtudo por emquanto d'uma timida tentativa: nos seus successores ella se transformará em systema que ha de fazer dos reis os grandes negociantes das mercancias exoticas.

Á primeira escola de Sagres vai succeder a Junta de Mathematicos, organisada em Lisboa por João II. O movimento, começado no extremo sul, será em breve monopolisado com o commercio e a politica pela capital; e a historia dirá se ella

[1] *Ob. cit.*

tinha a intelligencia idonea para concentrar todos os negocios publicos.

O principe chamado *perfeito*, destruindo a independencia medieval, as liberdades e organisação municipaes, não soube dar ás diversas raças uma verdadeira cohesão nacional; em vez d'uma nação fundou antes uma casa de negocio, cuja prosperidade dependeria tanto de condições fortuitas, como da habilidade do patrão.

Lançando-se definitivamente n'este novo caminho, João II mandou adiantar as descobertas e o reconhecimento da costa africana, fazendo ahi estabelecimentos definitivos.

Dois homens do norte representaram um papel importante no seu reinado.

Alvaro de Caminha, levando comsigo os filhos dos judeus, violentamente christianisados, lançou por sua ordem as bases da povoação da ilha de S. Thomé, cuja capitania teve. E João Affonso d'Aveiro, um dos mais notaveis navegadores d'este tempo, explorou em 1496 a parte da costa occidental da Africa, denominada o golfo de Benin. Trouxe a primeira pimenta da Guiné, que foi julgada em Flandres de optima qualidade, uma embaixada do rei africano e a noticia d'um imperador christão, que a Junta dos Mathematicos entendeu ser o Preste João. O explorador voltou de novo com o fim de estabelecer por conta do rei uma feitoria para o resgate da pimenta: mas o clima não permittiu a conservação d'ella, sendo o descobridor uma das primeiras victimas [1].

João Affonso sahia d'um antigo centro de marinheiros. Já anteriormente vimos, quanto era activo na sua localidade desde Affonso III o commercio do sal, o qual juntamente com a navegação continuavam a progredir, e estavam n'esta época em plena prosperidade, que se prolongou até pelo menos o meado do seculo seguinte, pois Carvalho [2], citando o Livro de Registo

[1] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 199-200; Carvalho, *Chorographia*, tom. II, trat. III, cap. III; Rezende, *Chron. de D. João II*, cap. LXIV.

[2] *Chorographia*, tom. II, trat. III, cap. III.

da Camara, affirma que por 1550 passavam de 100 os navios empregados n'este trafego.

E por esse tempo, como adiante se exporá, além do transporte do sal, os navegantes d'Aveiro acompanharam os de Vianna nas suas viagens aos mares da America septentrional — navegação que será nas duas cidades como a expansão natural da sua propria energia.

Não admira pois, agora que o volante vai ser lançado a toda a velocidade, que encontremos a cada passo, por essas novas terras e novos mares, gente do norte, marcando, explorando, combatendo, mercadejando ou missionando. Os chronistas raras vezes mencionam as procedencias dos protagonistas, e os appellidos só excepcionalmente as podem distinguir. Apenas uma ou outra vez as designam, como Barros em 1447-1448 indica um piloto galego — João Gonçalves, a bordo d'um navio armado por Gonçalo Pacheco, de Lisboa. Por isso nem sempre é facil distinguil-as. Recordemos comtudo alguns dos nomes mais conhecidos.

*
* *

Na primeira esquadra de Vasco da Gama encontramos Pero e Alvaro de Braga, talvez dois irmãos. O primeiro serviu de escrivão na feitoria improvisada ao ar livre em Calecut; notou os preços da primeira mercancia asiatica — pimenta, canella e gengibre *em livro que para isso levava* [1]. O segundo que *foi scrivão d'alfandega do Porto* [2], despachado depois feitor de Çofalla, não devia ser dos menos valentes, sendo um dos doze escolhidos para acompanharem o capitão-mór na sua visita ao rei de Calecut [3].

Na segunda armada geral, a bordo d'um dos navios de Pedro Alvares Cabral, que descobriu o Brazil em 1500, ia Pero Vaz de Caminha, na qualidade de secretario de Aires Corrêa,

[1] Gaspar Corrêa, *Lend. da India*, I, 89.
[2] Dam. de Goes, *Chron. de D. Manoel*, part. I, cap. XXXIX.
[3] Gaspar Corrêa, *ob. cit.* I, 96.

o futuro feitor de Calecut [1]. Pero Vaz escreveu a muito conhecida *Carta* a D. Manoel [2] — a primeira noticia ácerca das terras de Santa Cruz. N'essa carta tão singela e expressiva, datada ingenuamente «Deste Porto Seguro da Vossa Ilha da Vera Cruz», o auctor, lembrando-se da sua patria, diz: «pero a terra em sy he de muitos boos aares asy frios e temperados coma os d'Antre Douro e Minho»; e accrescentando: «porque n'este tempo d'agora asy os achavamos coma os de lá», deixa perceber que viajavam com elle companheiros, seus patricios.

Impellidos pelo espirito d'aventura, estes abundariam, apesar do silencio dos chronistas, nas esquadras que sahiam de Lisboa. Os gallegos d'um e d'outro lado do rio Minho encontravam n'essas expedições um largo campo ao seu genio aventureiro. Como Pero Vaz, tinha tambem emigrado João da Nova — homem natural da Galliza, diz Gaspar Corrêa. Depois de exercer certo cargo em Lisboa, recebendo em 1501 o commando de quatro naus, descobriu as ilhas da Ascenção, de João da Nova, a da Concepção, cento e vinte leguas da costa do Brazil, e no anno seguinte a ilha de Santa Helena [3].

Do Porto era Thomé Lopes, o auctor da *Navegação ás Indias Orientaes*. Embarcou em 1502 na qualidade de escrivão d'uma nau de Estevão da Gama. O seu livro é o unico subsidio para a historia d'essa esquadra até á sua juncção com a geral de Vasco da Gama. Escriptor e soldado foi «um dos ultimos que se retirou quando os mouros da nau Meri entraram o seu navio, onde defendeu o posto até que todos o desampararam e se viu só juntamente com o seu capitão» [4]. Se pois, como naturalmente devia acontecer, a direcção geral cabia aos homens que viviam junto da côrte, os que iam d'aqui alistar-se, não eram os menos ousados nem os mais obscuros.

A vida maritima, que se desenvolvera por si mesma, devia tambem produzir navegantes que se apartassem dos termos

[1] Dam. de Goes, *ob. cit.*, part. I, cap. LIV.

[2] *Coll. de not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. IV.

[3] Cardeal Saraiva (S. Luiz), *Os Port. em Africa*, etc., tom. II.

[4] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. II.

commummente adoptados. As navegações dirigidas primeiramente pela escola de Sagres, depois pela Junta de Mathematicos, seguiam sempre as costas do continente africano. As tempestades, derivando os navios d'essa derrota, foram a causa occasional dos descobrimentos a oeste. Por tal motivo e por se ter apartado um pouco d'aquelle rumo, afim de evitar as calmarias do golfo da Guiné, atracou Cabral ás costas do Brazil. No mesmo anno Côrte-Real tentou investigar o termo septentrional da America. As viagens dos Corte-Reaes são bem conhecidas; não assim infelizmente as d'um nosso compatriota, navegante dos mesmos mares.

João Alvares Fagundes [1], de Vianna, foi um dos descobridores - da Terra Nova antes de 1521, pois n'este anno a 13 de março, D. Manoel fez-lhe *mercee da capitania de todas aquellas ilhas e terras que elle descubrisse* [3]. Partindo por 1520-1525 com uma nau e uma caravela, estabeleceu uma colonia de Viannezes e Terceirenses na ilha de Cabo Breton. O intrepido cavalleiro não teria difficuldade em obter companheiros; de Vianna já tinham sahido povoadores para a Terceira, da qual foram agora para a America do Norte *alguns casaes que de caminho tomavam* [4]. Chegados ao seu destino, perderam-se os navios; a colonia ficou isolada não podendo corresponder-se com a mãe patria. Segundo se crê, viveram muito tempo n'este isolamento, remettendo em vão noticias pelos raros Biscainhos que lá iam. Pediam padres e mandavam dizer que a terra era boa e abundante; mas o rei da pimenta era indifferente á sua salvação. Por largos annos possuiram esse territorio os herdeiros do descobridor, passando depois ao dominio da Inglaterra por venda, como presume o auctor da memoria [5].

Muito antes porém da doação régia e partida da colonia, já a pesca da Terra Nova era exercida pelos nossos mareantes

[1] Fr. de Sousa, *Tratado das Ilhas Novas*, etc.
[2] *Ibid.*, pag. 23.
[3] *Ibid.*, pag. 24.
[4] *Ibid.*, pag. 14 e nota 6.
[5] *Ibid.*

e em tal escala que em 1506 D. Manoel, devéras solicito n'este ponto, mandou arrecadar em todos os portos d'entre Douro e Minho o dizimo do pescado — « não obstante as Sentenças do Juiz dos seus Feitos, porque se julgava a posse d'ella (Terra Nova) a algumas pessoas, porque sendo este negocio de importancia, quer primeiro fazel-o averiguar e não dará semelhante posse sem sentença da sua Côrte » [1].

Em vista da doação de 1521 parece ter-se reconhecido pertencer o descobrimento a Alvares Fagundes. Pelo menos é fóra de duvida haver-se conservado aqui a pesca da Terra Nova. Pimentel [2] diz: «antigamente hiaõ todos os annos de Aveiro, e Vianna e outros portos de Portugal mais de 100 caravelas á pescaria do bacalhau e a maior parte dos nomes dos portos da Ilha da Terra Nova são Portuguezes, que elles lhes puzeraõ quando frequentavaõ esta navegação.» Carvalho [3] affirma na sua *Chorographia*, «que se fabricavaõ outro tempo em Aveyro tantas embarcaçoens, que sahiaõ sessenta naos para a pescaria da Terra Nova».

Tudo isto estava já a desapparecer no tempo dos dois escriptores; e segundo diz Mendo Trigoso, a industria estava totalmente extincta em 1690 [4].

Effectuado o descobrimento, quem quer que fosse o seu auctor, começou logo a ser exercida a pescaria do bacalhau por armadores de todos os portos do norte e d'estes somente, segundo parece, entre os quaes se distinguiam os de Aveiro e Vianna [5]. Os vexames fiscaes foram-na minando e por fim occasionaram a sua ruina, a qual se não póde attribuir unicamente ao assoreamento das barras.

Não fique em silencio que certos armadores de Vianna, haverá quatro ou cinco annos, tentaram restaurar esta industria e as suas antigas navegações para aquelles mares. Infelizmente,

[1] Lacerda Lobo, *Mem. Econ. da Acad.*, tom. IV, pag. 337, nota *c*.
[2] *Arte de navegar* (edição de 1762), pag. 376.
[3] *Chorographia*, tom. II, trat. III, cap. III.
[4] *Mem. da Lit. da Acad.*, tom. VIII, pag. 324.
[5] *Ibid.*, pag. 323.

o inimigo — o fisco de Lisboa, estava alerta. Os armadores contemporaneos succumbiram em face das suas exigencias. Mas os vexames, deve notar-se, já vêm de longe; sirva de prova a carta de Affonso V de 1439, em resposta aos Capitulos especiaes do Concelho do Porto, e as resoluções de João IV relativamente ás representações dos Procuradores de Vianna nas Côrtes de 1653 [1]. Cartas e resoluções nunca passaram por fim de boas palavras vãs; no fundo persistia sempre a impôr-se despoticamente a politica de curtos horisontes e a má administração chronica.

Apesar de ter ficado n'um plano inferior, a população, como acaba de vêr-se, proseguia persistentemente no trabalho do mar, através de todos os obstaculos ou indifferença governamentaes.

Dois homens oriundos d'esta região procuraram no seculo XVI a solução d'esse grande enygma diante do qual desfallecia a Junta de Mathematicos de João II — a determinação das terras abordadas por Colombo e Cabral.

Alvares Fagundes, seguindo a derrota dos Côrte-Reaes, navegou para o extremo norte. Fernão de Magalhães atacou o problema pela ponta austral.

Este grande navegante, o mais sem pavor e o mais heroico de todos, é natural de Sabrosa [2] (Traz-os-Montes), procedendo a sua familia, segundo alguns genealogistas, da Torre de Magalhães, na Ponte da Barca.

Consoante o costume do tempo, parte muito novo das suas montanhas para Lisboa. De lá passa á India e duas vezes á Africa. Navegando, combatendo e observando, soldado e chefe, reune em si um feixe de talentos. Por fim, aggravando-se de D. Manoel, abandona a côrte e fixa no Porto principalmente a sua residencia.

Aqui provavelmente conheceu Faleiro, o seu cosmographo e futuro associado; aqui em contacto com os bravos maritimos

[1] Lacerda Lobo, *Mem. cit.*, tom. IV, pag. 363, not. *b*, e 361, not. *c*.

[2] Arana, *Vida e viagens de Fernão de Magalhães*, trad. de Villas-Boas, ed. da Academia.

d'esta costa, deu a ultima demão ao projecto d'essa grandiosa viagem, feita d'um jacto no meio de perigos e terrores nunca ouvidos, na qual desenvolverá todos os recursos da sua larga intelligencia e mostrará até onde póde chegar a pertinacia dos homens do norte. Nada o desanima, nem recúa diante de nenhum obstaculo, por formidavel que seja. O problema estava posto no seu espirito: era necessario resolvel-o, e resolveu-o.

A sua predilecção pelo Porto resalta do testamento feito em Sevilha (1519). N'elle contempla um convento d'aquella cidade na decima parte dos lucros da empreza, não mencionando legado a nenhum da capital.

Por um' desforço infantil, D. Manoel mandou picar-lhe as armas da sua velha casa da Pereira; e porventura fez amotinar os visinhos de Sabrosa contra aquella nobre familia, obrigando-a a exilar-se. Nem por isso desmereceu a gloria do descobridor. O appellido que o rei de Portugal queria apagar, ficou gravado para sempre no Estreito que liga os dois oceanos.

Longe de se extinguir, no seculo immediato esta mesma familia produzirá ainda outro viajante illustre — o missionario Pedro Gabriel de Magalhães, nascido em 1609. Viajou no Celeste Imperio e escreveu um livro notavel *Doze Excellencias da China*, que o cardeal d'Estrées mandou traduzir na sua lingua [1].

Por todo este reinado conservam-se vigorosas a navegação e as construcções maritimas entre Vouga e Minho. A nova politica não tivera tempo por emquanto de destruir a industria que vinha d'éras remotas. Aproveitando-se de todos esses fortes elementos, o *venturoso* negociante pôde desenvolver o seu commercio em proporções gigantescas: mas a sua estreita comprehensão d'um negocio e de interesses exclusivamente pessoaes, que já vinha do antecessor, continham em si a ruina de tudo. O rei só via Lisboa por onde se fazia o trafego do proprio commercio.

Em todo o caso e porventura mau grado seu, os navios

[1] Cardeal Saraiva (S. Luiz), *Ob. comp.*, tom. VI, pag. 47.

de guerra construiam-se tambem no Porto; e aqui, em Vianna e Aveiro, as embarcações mercantes [1]. Em 1512 mandou-se pagar uma prestação a Lopo Roiz d'Aveiro, por conta da importancia total da nau de 250 toneis que elle se obrigára a fazer n'esta villa [2]. Dos estaleiros de Villa do Conde nos lembramos todos nós que os vimos desapparecer. E dos *Annaes do municipio de Espozende*, diz-se que consta ter sido a barra do Cavado antigamente muito importante, havendo n'ella setenta a oitenta navios d'alto bordo [3].

A falta de constructores em Lisboa explica a conservação da industria nos portos do norte: uma vez que lá se não podiam aviar todas as construcções, não era possivel destruir os estaleiros da provincia. Tal era lá a falta de operarios habeis, que em 1513 Lopo de Carvalho contratou em Saiona carpinteiros, comitos e sota-comitos para fazer galés [4]. Apesar d'esta introducção constante, a arte não se naturalisava. No reinado seguinte, o mais famoso navio de guerra — o galeão Bota-Fogo, foi construido por João Gallego, cujo appellido indica bem a procedencia [5].

* * *

Fernão de Magalhães não foi o unico chefe illustre, oriundo de Traz-os-Montes. Nasceu tambem alli d'uma antiga familia de batalhadores, Lopo Vaz de Sampaio.

O pae, Diogo de Sampaio, diz o filho, «foi senhor de Anciães, Villarinho, da Castanheira, Linhares e de dois mil vassallos» [6]. Depois d'uma trabalhosa carreira de soldado assistiu «á tomada d'Arzilla com cento e oitenta homens em duas carave-

[1] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 223.
[2] J. P. Ribeiro, *Diss. C. e Crit.*, tom. V, pag. 334.
[3] *Minho Pittoresco*, II, 193.
[4] J. P. Ribeiro, *ob. cit.*, tom. V, pag. 337.
[5] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 410.
[6] Couto, *Dec.* IV, l. VI, cap. VII, pag. 47-48 (ed. de 1778).

las á sua custa, onde foi feito cavalleiro por mão d'El-Rey D. Affonso, o Quinto» [1].

Lopo Vaz, seguindo as tradições da sua gente, lançou-se logo á sahida da mocidade nas aventuras da vida militar. Não é esta a occasião de as relatar — feitos assás conhecidos já pelo valor quer pela capacidade governativa e organisadora. Ao cabo de immensos trabalhos, na velhice e coberto de gloria, teve de defender-se perante João III e o desembargo do Paço. Da defeza por elle proprio formulada, autobiographia eloquente pela singeleza da narração, extractaremos as seguintes linhas: «A somma dos meus serviços são estes, diz elle: onze annos em Africa; e na India, e nas Armadas que se fizeram n'este Reyno, vinte e hum annos; não fallo no tempo que andei na Côrte, que este houve pelo mais forte de todos, pela muita pobreza com que a sustinha. Fui ferido cinco vezes, huma em Alcacer Ceguer, outra em Alcacer-Quibir, outra em Benastarim, outra em Adem e outra na Ilha Terceira dos ferros, que me V. A. mandou lançar [2].»

Na volta da India esperava-o de facto na Terceira um corregedor que o prendeu com grilhões de ferro, apertando-lh'os n'uma perna de modo que lhe «appareciam os nervos». Chegado a Lisboa montaram-no n'uma *azemola*, caminhando desde o terreiro do Paço até ao Castello, no meio das injurias da hedionda populaça da capital [3].

Os espantosos acontecimentos, que se tinham precipitado dentro de tão curto praso, pediam um historiador de folego. Gomes Eannes, já vimos, organisou as relações de principio: João de Barros vai assentar as bases d'uma historia geral. O illustre auctor das *Decadas*, se não nasceu em Braga, como julgam alguns, descendia d'uma familia cujo solar demorava perto d'esta cidade: «Seu pai, diz o biographo Severim de Faria, se chamou Lopo de Barros, pessoa nobre e das principaes d'es-

[1] Couto, *ob. cit.*, ibid.

[2] Couto, *ob. cit.*, ibid.

[3] Couto, *ob. cit.*, pag. 65 *...cercado de rapazes, de negros e gente vil...*

ta familia, porque era filho de Lopo de Barros e neto de Alvaro de Barros, senhor do morgado de Moreira, junto a Braga [1].» Actualmente, se me não engano, a Quinta de Real.

N'esta época, quando terriveis difficuldades se levantavam já de todos os lados, não faltavam comtudo bravos e heroes.

D'uma nobre familia de Basto era João Rodrigues Pereira, capitão de Ceuta depois da morte de D. Pedro de Menezes. D'elle diz Sá de Miranda «que em sangue aberta traz a cruz branca por armas». Escapou com poucos, salvando o estandarte real da terrivel batalha de 18 d'Abril de 1553, quando 300 fidalgos tiveram de combater com 3:000 mouros no monte da Condessa. Seu irmão, Gonçalo Pereira, commandou a praça d'Ormuz [2].

A estes escriptores, navegantes, exploradores, colonisadores, chefes e soldados, oppunha-se desde já outra figura, uma das mais caracteristicas. Sancho Pires, o famoso Frangui khan, general de cavallaria de Nizam Shah, o Nizamaluco dos chronistas, procedia de Mathosinhos. A seu respeito escreve o snr. conde de Ficalho [3]: «Interessante physionomia a d'este valente de Mathosinhos que vai para a India como simples bombardeiro, foge para os mouros e lá faz taes proezas que o elevam a general e lhe dão o primeiro logar... Fizera-se mouro para ser general e Khan e rico; mas tinha seus escrupulos. Diz-nos Garcia da Orta, que, quando jantavam juntos, comiam todas as coisas prohibidas por Mafoma... Rezava em segredo; e das grandes rendas soccorria os portuguezes pobres, e mandava largas esmolas ás misericordias e confrarias».

Sancho Pires representa typicamente o aventureiro muito commum da nossa raça: avido de riquezas, ás quaes sacrifica tudo, conserva sempre no fundo a religiosidade e o amor da terra natal. Se a sorte da guerra lhe não fosse adversa, feito o seu peculio, regressaria com certeza á sua localidade; n'ella

[1] *Biog. de J. de Barros*, na ed. das *Dec.* de 1778.

[2] Carolina Michaelis de Vasconcellos, ed. das *Poesias* de Sá de Miranda.

[3] *Garcia da Orta e seu tempo*, pag. 333 e seg.

morreria obscuro, fazendo obras de beneficencia como tantos outros nossos compatriotas, depois de ter sido um personagem entre gentes remotas.

Nomeando este, não deve ficar esquecido o maritimo Rosado, natural de Villa do Conde; passando-se a França commandou o terceiro navio francez que foi á India e se perdeu na costa occidental de Çumatra [1].

De Villa do Conde era tambem o celebre piloto auctor da carta ao conde Raymundo de la Torre, sobre a *Navegação á Ilha de S. Thomé* [2]. A carta, um dos mais interessantes documentos maritimos da época, é escripta n'esta villa, quando o auctor volta da Italia, onde introduzia, presume-se, mercadorias coloniaes em contravenção ás ordenanças do rei. Por isso occultou o seu nome. Tinha ido cinco vezes a S. Thomé, sendo a primeira em 1520. Como diz — «...todas estas razões juntas me obrigaram a transcrever a dita origem e a communical-a a alguns dos meus amigos, que em outras occasiões a tinham feito», fica claro haver alli navegantes das mesmas paragens.

E na verdade Villa do Conde era uma terra de marinheiros; das passadas glorias maritimas fallam os seus bellos monumentos. Quando se percorre a povoação hoje quasi abandonada e as margens do Ave, antigamente coalhado de embarcações, agora sulcado por raras lanchas de pesca e um ou outro mais raro hiate ou rasca, confrange-se-nos o coração e dá-nos vontade de chorar, senão antes de amaldiçoar tão curtos governos. Em 1542 os mareantes da villa construiram a expensas suas a formosa capella do Corpo-Santo na igreja matriz: e em 1603 Gaspar Manoel, piloto-mór da carreira da India, China e Japão, edificou a capella da Senhora do Soccorro, recordação evidente dos pagodes indianos. N'esta ultima data, pertencente ao governo de Espanha, tão denegrido por certos patriotas, navegava-se d'alli para as Indias orientaes. Hoje, os raros

[1] Fr. de Sousa, *ob. cit.*

[2] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. II.

maritimos que voltam da cabotagem nos portos do Brazil — a sua patria já lhes não dá trabalho! emquanto descançam por um intervallo, vão á tarde debruçar-se no parapeito do adro da capella, a olhar vagamente para o rio deserto, como se fossem expatriados, possuidos de nostalgia. Aquillo não lhes parece a terra que sonharam durante a emigração — a dos antigos navegantes, seus paes. Em vão a procuram por entre as brumas das recordações dos contos da meninice.

Identicamente triste é a situação actual dos portos visinhos. De Vianna já sabemos como fôra intensa a sua antiga vida maritima, bastando a demonstral-a os monumentos. Lá tambem os mareantes edificaram em 1504 uma capella na igreja parochial; e só d'uma sociedade de marinheiros podia emanar aventura tão novelesca, como a de Pero Gallego, no meado d'esse seculo. De todas as façanhas nauticas, a do filho do constructor do Galeão Bota-fogo com os seus trinta bravos companheiros é sem duvida uma das mais expressivas de valor e ousadia [1].

Viu-se, ha pouco, como a formosa cidade da foz do Lima enxameára para a America septentrional, tendo anteriormente lançado uma colonia para os Açores; notemos agora a ida de outra para o sul do mesmo continente. Foi esta dirigida para a capitania do Porto Seguro pelo donatario, Pedro de Campos Tourinho. O fidalgo viannez, homem habil e valente, organisou a expedição nas melhores condições. Partindo com o sentido de crear uma nova patria, vendeu todos os seus bens; armou uma flotilha na qual partiu de Vianna levando tudo comsigo — familia, amigos, trabalhadores e fortuna, ou como diz o chronista — « mulher e filhos e muitos moradores casados com parentes e amigos e muita outra gente » [2].

A colonia prosperou emquanto durou o governo do donatario que, além da cidade de Porto Seguro, edificou as villas de Santa Cruz e Santo Amaro. O filho administrou-a mal; e a

[1] Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 410, 436-448.

[2] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. da N. Ultr.*, III, pag. 52.

irmã, successora d'elle, vendeu-a ao primeiro duque de Aveiro, D. João de Lencastre.

Esta capitania foi uma das nove ou doze primitivas em que João III dividiu a costa do Brazil, quando tentou colonisal-o por concessões a particulares, como dizemos hoje: a de Porto Seguro não foi das menos resistentes, nem das que empregou menos esforços; mas porfim teve de succumbir, como as demais. Os donatarios nem podiam povoar tão vastos territorios nem debellar por elles sós a hostilidade dos indigenas e a ambição das nações do norte da Europa. Em todo o caso foram elles os *pioneers* da civilisação n'aquellas paragens.

Além d'estes formando colonia propria — quantos não teriam partido? A primeira esquadra com povoadores para o Brazil, commandada por Martim Affonso de Sousa, sahiu de Lisboa em novembro ou dezembro de 1530. Depois de explorar detidamente a costa sul, descobrindo a bahia do Rio de Janeiro no 1.º d'este mez de 1532 [1], o commandante recebeu a doação da capitania de S. Vicente. Entre as pessoas distinctas, conduzidas pela esquadra, com o fim de se fixarem no Brazil, temos noticia de Ruy Pinto e Francisco Pinto, fidalgos de Penaguião (Traz-os-Montes) [2]. Estabelecendo-se ambos ahi, mais tarde por 1540, chamaram para a sua companhia outro irmão. D'elles descenderam familias illustres brazileiras.

A mesma esquadra levára Braz Cubas, cavalleiro, do Porto. Posteriormente emigraram para a colonia todos os Cubas — o pae, tres irmãos, uma sobrinha casada e mais parentes [3]. Esta gente occupou sempre na colonia uma posição conspicua. Braz fundou a villa de Santos e instituiu a primeira casa de misericordia no Brazil [4]. Foi provedor da Fazenda Real e loco-tenente do donatario.

[1] Paulo J. M. de Brito, *Mem. Pol. sobr. a Capitania de Santa Catharina*, pag. 10-11 (ed. da Acad.).

[2] Fr. Gaspar da Madre de Deus, *Mem. para a Hist. da Capit. de S. Vicente*, pag. 54 (ed. da Acad.).

[3] *Ibid.*, pag. 58.

[4] *Ibid.*, pag. 100.

Os cavalleiros e nobres que emigravam com o fim de tomarem terras de sua *sesmaria*, por força deviam ser acompanhados por clientes pobres — seus patricios, sobre os quaes devia recahir o trabalho da colonisação. D'estes não rezam as historias. Mas porventura foram elles os que ficaram e luctaram, quando a muitos dos chefes se desvaneceu a miragem d'uma riqueza immediata.

Os emigrantes, parece, tinham-se dispersado por todo o Brazil desde o principio da colonisação; pois n'este mesmo seculo, segundo affirma Fernão Cardim [1], os habitantes mais ricos de Pernambuco eram oriundos de Vianna, e viviam no seu tempo com extraordinario luxo.

Na mesma vasta região viajou Pero de Magalhães Gandavo, natural de Braga. Escreveu o *Tratado da Terra do Brazil* [2] e a *Historia da Provincia de Santa Cruz* [3]. A respeito da anterior diz Fr. Ad. Varnhagen [4]: « Foi ultimamente traduzida por H. Ternaux; e se esta obra não fosse das portuguezas mais raras, d'ella teriam utilisado os modernos que visitaram o Brazil. »

Viajante, foi attrahido unicamente pela curiosidade de vêr por si mesmo essa região maravilhosa de que se fabulavam coisas estranhas. Regressando á sua terra, deixou n'aquelles livros uma descripção tão exacta e positiva, como comportavam os conhecimentos do tempo — descripção desprovida de preconceitos, formulada por um espirito fino e observador.

O mobil estimulante não era porém sómente a curiosidade ou a ambição da riqueza. Se o maior numero se deixava dominar por esta, não faltavam tambem almas d'élite, impulsionadas exclusivamente pela sublime illusão de christianisar essas gentes sem conta. Seria pois uma grave lacuna esquecer os missionarios e os bispos que tentaram com a prégação da fé trazer os

[1] Citado por Rebello da Silva, *Hist. de Port. nos Sec. XVI e XVII*, pag. 123.

[2] *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. IV.

[3] *Coll. d'Opusc.*, reimpressos, etc. pela Acad.

[4] *Coll. de Not.*, etc., tom. V, *Reflexões criticus.*

vencidos á civilisação dos vencedores. Se a lista é demasiadamente longa, escolhamos d'ella alguns nomes.

Era de Villa do Conde o bispo de S. Thomé em 1547 — Fr. João Baptista, o qual já anteriormente desempenhára em Roma uma missão importante [1], assim como João Ribeiro Gayo, bispo de Malaca e presidente de justiça em Goa: regeu trinta annos o seu bispado [2]. De Barcellos procediam — Fr. Jeronymo do Espirito Santo, Diogo Dias Milhau e Damião Francisco, missionarios na India e Japão [3]. Do Porto eram naturaes — Paulo de Azevedo [4], missionario na India Occidental, Manoel de Seabra, bispo de Ceuta — um dos prelados que acompanharam o cadaver de D. Sebastião [5], e o jesuita Simão de Vasconcellos, um dos mais illustres missionarios, auctor muito conhecido da *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil.*

Mas nem missionarios nem heroes valiam ao desconjuntamento geral. O negocio havia sido tão mal dirigido que João III fallira em 1544 «com tres milhões de divida em Flandres» [6]. O fallido empenhou quanto pôde ou tinha disponivel; e como tudo isso não chegasse, recorreu a emprestimos forçados, segundo se vê da carta por elle endereçada a João d'Evora [7].

Os navios carregavam-se demasiadamente de fardos e passageiros; d'ahi resultavam os naufragios e as doenças que dizimavam as equipagens. Para se augmentar a carga, augmentou-se a tonelagem, não correspondendo a estas maiores dimensões a força e estabilidade dos cascos, o panno e mastreação [8].

A incapacidade technica e administrativa eram manifestas: as difficuldades rebentavam de todos os lados e os homens

1 *Coll. de Not. para a Hist. e Geog. das N. Ultr.*, tom. II, pag. 90.
2 Sousa, *Hist. Gen.*, I, pag. IV.
3 Pereira, *Hist. da V. de Barcellos*, etc.
4 Pinho Leal, *Port. Ant. e Mod.*, tom. VII, pag. 299.
5 Levy M. Jordão, *Mem. Hist. sobr. os B. de Ceuta e Tanger*, pag. 44.
6 Severim de Faria, *Not. de Port.*, disc. VII.
7 J. P. Ribeiro, *Diss. Chr. e C.*, tom. III, part. II, doc. XLVIII.
8 Quintella, *ob. cit.*, tom. I, pag. 372-373 e 453 (nota).

que se julgaram capazes de governarem elles sós, davam agora a prova pratica da sua aptidão.

Apesar de tudo, a corrente estabelecida no norte não parára jámais desde a expugnação de Ceuta; e quem tão bizarramente concorreu para o primeiro feito não devia eximir-se a regar com o seu sangue Alcacer-Quibir, na catastrophe do chamado imperio colonial. Mas d'esta vez as velas de Aveiro, Porto, Villa do Conde e Vianna [1], não seguiram em esquadra, capitaneadas por um principe de sangue real. Partiram, cada uma de seu porto, isoladamente, como levando já o presentimento do desbarato, em direcção ao Algarve, onde aguardaram a chegada de D. Sebastião. D'ahi partiram para a Africa, onde se acabou a independencia: mas com ella não se extinguiu a nossa vida maritima.

Já notamos anteriormente, como em 1603 se navegava de Villa do Conde para as Indias Orientaes; n'este mesmo seculo, o que parece hoje inacreditavel, construiu-se [2] na Povoa de Varzim a nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, que tomou parte na defeza do Brazil contra os hollandezes: e os moradores de Vianna, affirma Fr. Luiz de Sousa [3], traziam no mar por 1619 setenta naus de toda a sorte occupadas principalmente no commercio do Brazil, e além d'este com o das outras conquistas, bem como com a França, Flandres, Inglaterra e Allemanha.

Vê-se pois que a nossa navegação sobreviveu á derrocada da autonomia e persistiu com vigor durante os Filippes. Foi necessario que o governo voltasse outra vez a Lisboa para ella então ficar reduzida ao extremo definhamento actual.

Não póde todavia o estudo presente prolongar-se além do periodo épico das navegações, sendo unicamente meu proposito notar a contribuição prestada durante elle pelos habitantes do norte de Portugal. Os 163 annos que medeiam entre Ceuta e Alcacer-Quibir formam um periodo bem caracteristico, cheio de

[1] A. Herculano, *Opusc.*, VI, III, doc., pag. 117.

[2] Brito Aranha, *Mem. Hist. e Est.*, pag. 33, 38 e 39.

[3] *Vida de D. Fr. Bart. dos Martyres*, liv. I, cap. XXVI e XXIII.

extraordinarios acontecimentos; — fosse elle tratado com a conveniente proficiencia!

Recordando summariamente os homens mais representativos que se lançaram em tão aventurosas emprezas — perdoe-me a memoria dos esquecidos! — ficou na penumbra a grande multidão anonyma que por força os havia de acompanhar. Além da gente, arrolada de boa ou má vontade nos diversos contingentes, as marés levavam todos os dias dos embarcaderos aventureiros, partidos isoladamente.

Sá de Miranda, que vivia no coração da provincia e a percorria visitando os seus amigos, começa com tristeza a carta v:

> Como eu vi correr pardaos
> Por Cabeceiras de Basto.

A moeda indiana, corrente n'aquella localidade tão interior, tinha sido importada evidentemente pelos que voltavam, quem sabe! com o desconforto das illusões perdidas. Desvaneceram-se as sonhadas opulencias, restando apenas esses pobres pardaos.

Do movimento nem sequer escapou o proprio poeta: apesar de viver retirado da côrte e representar a reacção contra tamanho desgoverno e o desbarato impensado de tantas forças tão mal dirigidas, elle deixára partir o primogenito que morreu em Ceuta na idade de 16 annos [1]. Os filhos dos seus amigos partiam tambem, e seu irmão, Mem de Sá, começava a povoação do Rio de Janeiro.

A necessidade de emigrar, de vêr e correr mundo, que vem do seculo VIII, tem persistido sempre, não parando nunca a corrente humana que desde então trasborda incessantemente para aqui ou para alli, segundo os tempos.

Não era preciso por isso o exemplo da classe superior, ennobrecida no campo das batalhas; ao povo que a acompanhára das montanhas da Galliza e Asturias, que a seguira na con-

[1] Carolina Michaelis de Vasconcellos, *ob. cit.*, pag. 851.

quista do territorio, chamado subsequentemente «Portugal», abria-se agora francamente larga e ampla porta ao espirito de aventura e especulação — uma das caracteristicas fundamentaes da raça.

Até depois de fundada a monarchia portugueza, da Galliza continuaram a descer emigrantes. Um d'esses foi o ascendente de Camões. Não esqueçamos pois que nas nossas veias corre tambem o sangue do immortal cantor das glorias maritimas.

* * *

Lembrando o passado confessaremos perdidas as esperanças no futuro?

Os nossos pequenos portos não se prestam ás condições da navegação actual. Os grandes navios não podem sulcar as barras baixas, estreitas e tortuosas onde antigamente singravam as embarcações de nossos avós. A vida maritima foi-se retrahindo pouco a pouco até que se eclipsou totalmente por um momento: Digamos por um momento. A engenharia moderna sabendo construir para os grandes steamers os portos de funda callagem, podemos reatar, *quando quizermos*, as nossas antigas tradições maritimas que tentei commemorar brevemente n'esta sessão solemne celebrada em honra do infante D. Henrique.

Alberto Sampaio.

A EDUCAÇÃO MODERNA

SUMMARIO DE QUESTÕES

I

Distincção fundamental: a questão psychologica e o problema do destino.—Progressos da psychologia; a unidade e acção disciplinadora das concepções ideaes diminuem a partir da Renascença. A noção d'um destino ideal e a definição de Kant. As tendencias do espirito humano e a sua realisação successiva na historia.

O humanismo e o naturalismo. Conciliação d'essas tendencias.—O Euphorion de Goethe symbolisa a harmonia e o equilibrio que uma educação ideal prosegue como objectivo.

O problema da educação reveste hoje, mais do que nunca, um caracter de extrema complexidade, já pelas circumstancias estranhas da civilisação no momento actual, já pela excessiva dispersão do espirito humano ramificando e distribuindo a sua actividade scientifica a um ponto que difficulta a convergencia philosophica, já pela crise moral nascida da morte de ideaes que não foram substituidos.

Estas causas principaes fazem com que aos livros modernos escriptos sobre a questão falte uma coordenação e unidade, um fim claro e nitido, que resulte d'uma d'essas largas e fecundas concepções como as que se assenhorearam do espirito humano n'uma dada phase da sua evolução.

Torna-se pois difficilimo, n'um periodo em que a actividade

mental, fragmentando-se pela necessidade da especialisação, se confina na fórma monographica, destacar dos amplos materiaes accumulados pela analyse, pela observação e pela experiencia, os que podem servir, quer para assentar as bases da questão, quer para determinar o ideal por onde deve nortear-se.

A primeira distincção fundamental que nos apparece é pois esta: d'um lado o *homem*, a materia prima, sob todos os aspectos da sua actividade infinitamente variada e proteiforme; do outro lado o *destino*, sob a sua fórma actual, não já como a expressão d'uma finalidade preestabelecida, mas como o ultimo annel, a phase remota da evolução futura, prolongamento ideal da evolução passada.

Uma psychologia e uma theoria do destino humano, eis pois os dois desiderata, a materia e o fim da arte de educar, arte cujas tentativas proseguem, como objectivo, na adaptação da actividade que a primeira estuda, á tendencia determinada pela segunda.

A necessidade do estudo da psychologia no problema que nos occupa, é d'uma evidencia que ninguem contesta, entrou no espirito de todos e a sua demonstração seria um logar commum gasto á força de empregado.

Terminando a sua *Histoire de la pédagogie*, o snr. Compayré, um espirito lucido, a quem não obseca o partidarismo d'escóla, pôde dizer com verdade:

« Esta educação, que é a do futuro, apesar dos obstaculos que o espirito do passado tentará ainda oppôr-lhe, esta educação só se tornará possivel com uma condição: é que a psychologia da creança esteja feita e bem feita, e que a reflexão faça brotar d'esta psychologia, uma vez estabelecida, todas as consequencias que ella comporta. »

O snr. Compayré, com estas palavras, não fez mais do que compendiar o sentimento geral que domina a sciencia moderna a ponto de ter-se tornado um axioma, uma verdade de senso commum.

O problema do destino, cuja simples enunciação póde aterrar aquelles a quem uma orthodoxia estreita de positivismo

creou a allucinação e o horror da metaphysica, e que, mais papistas do que o papa, ultrapassaram n'essa guerra o genial fundador da philosophia positiva, o problema do destino, sob uma fórma nova, resalta da vasta e complexa elaboração mental do nosso seculo, como um corollario da philosophia e uma imposição da consciencia.

Sem entrarmos n'uma analyse minuciosa de systemas e opiniões, bastaria citar um pensador que ninguem accusará de visionario ou ideologo, antes propenso á solução utilitaria dos problemas sociaes, e á solução materialista do problema do universo.

Referimo-nos a Herbert Spencer.

O grande pensador, apesar do espirito positivo e pratico que domina a sua philosophia, cujas conclusões apoia invariavelmente no maior numero de factos, guiado pelo processo inductivo que maneja tão genialmente, não prescinde e sente-se envolvido, como que obsessionado, pela idéa do destino, quer no mundo inorganico, quer na esphera biologica, quer no campo estrictamente humano, social ou moral.

Essa preoccupação manifesta-se com a maxima evidencia na *Sociologia*, na *Psychologia* ou na *Moral evolucionista*, do eminente philosopho inglez.

A philosophia, ou mais precisamente, o criticismo que formou a transição entre a philosophia antiga e a moderna, delimitou o campo em que a intelligencia humana deve exercitar-se, abdicou perante os fins e as origens das coisas, as essencias, demoliu os ideaes religiosos, mas não arrancou a noção do *ideal*, e o relativismo moderno pôde afastal-o incessantemente, mas não aniquilal-o. É uma noção ou representação abstracta inherente á natureza intima do espirito [1].

[1] Os que affectam uma grande superioridade mental e se julgam imbuidos do verdadeiro espirito positivo, não poderão deixar de lêr com algum espanto estas palavras de Littré, no capitulo VII do seu livro *Auguste Comte et la philosophie positive, troisième partie*, em que o eminente naturalista e philologo analysa as causas que levaram Comte á adopção do methodo subjectivo:

Demonstra-o a historia, a sociologia e a psychologia experimental.

São de Spencer estas palavras:

«Um ideal, por mais remota que seja a sua realisação, é sempre necessario como guia.

«Se entre todos estes compromissos que as circumstancias do tempo tornam ou fazem considerar indispensaveis, não existe a concepção do *melhor* e do *peor* na organisação social, se não se avista nada para além das exigencias do momento e nos habituamos a identificar o *melhor proximo* com o *melhor definitivo*, todo o progresso se torna impossivel.»

O ideal, sob qualquer das suas formas mais variadas, preoccupou sempre os maiores espiritos, como o problema do destino, a sua fórma ultima e suprema, tem acompanhado a evolução humana, modificando-lhe e definindo-lhe a curva, e exercendo uma profunda acção moral e educativa.

A acção exercida pela idéa do destino humano nas differentes phases da evolução historica, fez-se sentir na organisação social, nos systemas religiosos ou educativos. E a lei que parece definir a marcha d'aquella acção, na sua relação com a marcha inversa do estudo da alma, tal como a encaramos sob o ponto de vista meramente educativo, é esta: a unidade e influencia da concepção do destino sobre os systemas educativos têm diminuido na mesma relação em que progridem os estudos psychologicos.

Explanando mais esta fórmula, diremos que na evolução dos systemas educativos a noção d'um destino humano, a principio tão una e forte, vai-se obliterando e fragmentando, ao passo que o estudo do homem adquire mais precisão e nitidez.

A acção disciplinadora da concepção do destino devia naturalmente exercer-se com mais energia e unidade em organismos sociaes menos complexos, d'uma coordenação simples, filha

«Le mysticisme avec des touches très-diverses, les unes légères, les autres profondes, appartient incontestablement à l'âme humaine.»

É pois um discipulo eminente do positivismo que vem affirmar o caracter organico d'uma tendencia tão opposta ao sentimento da escola.

ao mesmo tempo da influencia das individualidades fortes e da subordinação mental que precedeu a éra do pensamento livre, a *idade da discussão*, que rompeu contra os moldes do mundo antigo, servindo-nos d'uma expressão de Bagehot.

A idéa do destino, nas civilisações orientaes e classicas, apresenta-se com uma coherencia, nitidez e unidade, que são como o espelho onde se reflecte o mundo antigo, na sua magestade simples e uniforme. O estudo do homem é todo subordinado á idéa do seu fim transcendente, e por fórma alguma á idéa de que esse estudo é naturalmente a unica base da arte de educar.

No mundo moderno, e passado o fecundo e assombroso periodo da incubação medieval, dá-se precisamente o phenomeno opposto.

O homem da Renascença, preso um momento pelo extase do *antigo*, cae naturalmente da contemplação interior da divindade, na admiração instinctiva do espirito humano; e o velho mundo, que fôra uma visão de Deus, transforma-se no novo, que é como o despertar d'uma lethargia mystica, o *homem voltando a si.*

O Humanismo é a caracteristica fundamental do mundo moderno, que a Renascença iniciou; a Humanidade, como sêr collectivo, reconhece nitidamente a sua existencia, no tempo, ligando-se com o passado, no espaço, completando a descoberta do globo [1].

Ao homem das civilisações antigas e ao homem medieval, que tanto se preoccuparam com o seu destino, succede o homem moderno, confinando os horisontes da sua finalidade no novo sentimento da collectividade humana, substituindo um ideal transcendente por um ideal tangivel, sacudindo dos olhos da alma a poeira do sobrenatural.

Esta passagem foi funesta ou salutar para os destinos da especie?

[1] Augusto Comte deu ás tendencias espontaneas da Renascença, uma forma systematica na sua *Religião da Humanidade.*

Eis o que não discutimos, embora nos pareça que o homem de hoje soffre d'alguma coisa mais grave do que das consequencias do regimen material das sociedades; esse é o mal da superficie, mas no fundo é indiscutivel que ha uma crise moral de que só poderá libertal-o uma ordem de coisas inteiramente outra, onde raie a luz d'uma aspiração una e definida.

Se a concepção do destino se fragmentou e perdeu a antiga unidade das civilisações theocraticas, em compensação o estudo do homem, organico e moral, tem progredido consideravelmente, e póde dizer-se que os lineamentos d'uma *historia natural do espirito* foram traçados pela psychologia ingleza e allemã d'este seculo.

O terreno sobre que deve trabalhar a arte da educação, isto é, o homem, é hoje mais conhecido do que nunca, e tentaremos demonstral-o no decurso d'este estudo.

Para o comprovar *à posteriori*, por um simples facto, bastaria lembrar os progressos da methodologia, e a extraordinaria simplificação dos systemas pedagogicos.

Sabemos educar melhor do que nunca — mas se nos perguntarem *para quê*, *com que fim*, vêr-nos-hemos mais embaraçados do que o homem da idade média ou o homem antigo.

Os gregos agitaram todos os grandes problemas da educação e da philosophia, que a intellectualidade moderna reeditou, ampliando e profundando: mas acima e fóra das correntes mais encontradas, ou dominasse Platão ou Aristoteles, a educação individual tinha um fim definido, o homem era uma molecula do Estado, da *cidade*.

O mesmo se deu com o christianismo. O fim humano era evidente. «A sorte do homem, diz Fustel de Coulanges na *Cite antique*, subtraia-se d'ora em diante á acção do Estado. O christianismo vinha ensinar que o homem só parcialmente pertence á sociedade, pelos interesses materiaes; subdito d'um tyranno, devia submetter-se; cidadão d'uma republica, devia dar a vida por ela; mas no tocante á alma, era livre, e só compromettido para com Deus.»

O homem era assim arrancado da cidade humana para entrar na cidade de Deus, diz um notavel escriptor francez. Mas a concepção do seu destino permanecia definida.

Não succede outro tanto com a concepção actual, tal como ella possa inferir-se da elaboração complexa do espirito philosophico moderno.

O pensador que, fóra do influxo theologico, definiu com mais largueza e profundidade o objecto da educação relativamente ao fim que ella se propõe, foi Kant.

Segundo o auctor da *Critica da razão pura*, é preciso educar as creanças, não mirando ao seu exito no estado social presente, mas visando a «*um estado melhor, possivel no futuro, e segundo uma concepção ideal da humanidade e do seu destino completo*».

Kant entendia que a educação não deve adaptar o homem ás *condições reaes* d'uma dada phase da evolução, como entendem os spencerianos e os partidarios d'um *soi-disant determinismo collectivo*, mas sim ás condições *ideaes* da humanidade perfeita, realisando o seu destino.

A educação não é apenas uma *evolução systematisada e resumida*, na phrase de Bernard Perez, mas sim uma tentativa eternamente renovada para a conquista do Ideal.

Este ideal ha de o determinar a psychologia delimitando a capacidade mental do homem, a sociologia, definindo as tendencias dos agrupamentos humanos, e a historia fazendo-nos entrever na humanidade futura uma conciliação das tentativas parciaes realisadas pela humanidade passada.

Circumscrevendo-nos a este ultimo ponto, o facto geral que resalta da evolução historica, é o da humanidade entregando-se successivamente e d'um modo exclusivo ás tendencias que a arrastaram nas differentes *étapes* da sua marcha.

O exemplo mais proximo e significativo é o contraste entre o humanismo da Renascença e o naturalismo dos tempos modernos.

Os maiores espiritos da Renascença, Erasmo, Comenius, Rabelais, quando idearam os seus grandes systemas educativos

cahiram invariavelmente no humanismo, que tanto tempo dominou nas escolas, graças á preponderancia jesuitica.

Os estudos de pura fórma, longe de serem o meio, constituiam por muito tempo o fim da educação. As sciencias da natureza cediam o passo ao estudo das producções do espirito humano.

O grande Erasmo, que foi um revolucionario, fazendo a apologia das sciencias naturaes dava como razão que o escriptor achava no conhecimento da natureza amplo manancial de metaphoras, imagens e comparações.

Comenius, apesar da influencia de Bacon, é um humanista, como Rabelais, como Montaigne, e mais modernamente Rollin.

O estudo das litteraturas classicas chegou a ser uma tendencia tão absorvente, que os melhores espiritos se deixaram arrastar por ella e é preciso chegar aos tempos da Revolução franceza para vêrmos como a cultura humanista começa a retroceder perante a invasão do espirito scientifico, do naturalismo, pregado pelos grandes legisladores da Constituinte e da Convenção, Lakanal, Daunou, Condorcet.

Por uma reacção exaggerada, o estudo das linguas antigas, que anteriormente precedia o estudo da propria lingua, foi a pouco e pouco proscripto e condemnado, sendo excluido dos planos de educação geral, por escriptores da estatura intellectual de Bain.

A guerra ás *humanidades* pronunciou-se inexoravelmente e excessivamente, ao passo que á cultura naturalista se começaram a attribuir propriedades educativas de toda a ordem.

Do abuso d'uma tendencia cahiu-se no exaggero d'outra, e de cada vez nos cegámos emquanto ao valor da acção exercida por duas culturas differentes, cuja conciliação é indispensavel e deve constituir um dos objectivos da educação futura, sob pena de prejudicar um desenvolvimento intellectual e harmonioso do espirito.

Sem insistirmos mais n'esta necessidade, que é urgente, basta-nos indicar a leitura do snr. Michel Bréal, um humanista

á moderna, que nos seus livros sobre o ensino secundario e superior põe em relevo a influencia dos altos estudos litterarios e philologicos sobre as qualidades de precisão, penetração e malleabilidade que dão ao espirito.

Os exemplos de duas tendencias oppostas proseguidas successivamente pela humanidade são numerosos e instructivos; a humanidade parece proceder segundo o systema da metaphysica allemã por theses, antitheses e syntheses, ultrapassando nas suas reacções o impulso primitivo, e aproximando-se, a cada passo, da synthese conciliadora.

Pondo de parte os terriveis antagonismos creados pelo desequilibrio social, póde affirmar-se que a humanidade nunca se mostrou tão conciliadora no campo intellectual ou religioso, como hoje.

A conciliação das tendencias humanas, successivamente realisadas pelo espirito collectivo, é um ideal para cuja conquista caminhamos, e o Euphorion que o poeta do Fausto fez nascer dos amores do seu heroe com Helena, como personificando a alliança do espirito moderno com o antigo, symbolisa o homem futuro, no pleno desenvolvimento integral e harmonioso das suas aspirações [1].

II

A psychologia emancipa-se. — A psychologia introspectiva e a experimental conciliam-se no emprego dos methodos. — A memoria, o habito, o instincto. A hereditariedade. A plasticidade moral e intellectual. A educação judaica e a dos jesuitas consideradas sob o ponto de vista da plasticidade humana. Acção dos sentimentos sobre as idéas: Herbart e Spencer. O evolucionismo e a questão moral.

Indicámos a importancia que o problema do destino assume na evolução historica da humanidade.

Vejamos agora qual a tendencia dos psychologos moder-

[1] No campo moral as duas tendencias contrarias fazendo *pendant*, até certo ponto, ás indicadas no dominio intellectual, são a tendencia ascetica, tendo por

*

nos emquanto ao primeiro ponto que nos occupa e que mais de perto se relaciona com o objecto d'este trabalho.

Affirmámos já que os lineamentos de uma *historia natural do espirito* se podiam considerar traçados pelas escolas inglezas e allemãs.

A psychologia entrou no grupo das sciencias naturaes. Destacou-se finalmente do conjunto vago de noções que por muitos seculos constituiram a *philosophia* — e isto com vantagem para o tronco e para o ramo.

A psychologia separando-se da philosophia facilita-lhe duplamente o seu papel, diz o snr. F. Paulhan — contribue com os seus materiaes para a synthese geral e allivia a philosophia de um encargo que melhor póde ser executado pelos especialistas.

A psychologia, que tantos seculos viu o seu laboratorio de analyse reduzido ao simples, embora poderoso e imprescindivel instrumento da consciencia, alargou a esphera das suas acquisições, já pelo emprego de novos methodos, já pela constituição de sciencias subsidiarias que vieram esclarecer o obscuro problema da alma.

Assim delimitado o seu campo e enriquecido o material

fim disciplinar a vontade e embotar o desejo, e a tendencia materialista do gozo immediato.

A educação naturalista, profissional e utilitaria, favorece a segunda tendencia, como a educação especulativa ou humanista, desinteressada por natureza, promove o desenvolvimento da segunda.

A humanidade tem soffrido alternadamente o dominio d'aquellas duas correntes. Entregue exclusivamente a cada uma d'ellas, ou se immobilisa pela abdicação da vontade, ou se destroe pelo egoismo do prazer.

O equilibrio ego-altruista necessario ao proseguimento da evolução, só póde obter-se por uma educação mental que alimente no homem o espirito da sociabilidade, sem attentar contra o instincto fundamental da conservação.

Como n'este artigo tivemos apenas em vista enumerar, n'um programma deduzido, os problemas e as preoccupações modernas que essencial ou subsidiariamente interessam ao problema da educação, em artigos subsequentes analysaremos a fórma por que os pensadores modernos tentaram resolver a questão esboçada, dando-lhe uma realisação concreta,

proprio e subsidiario de analyse, a psychologia começou de entrar no seu periodo de constituição, apesar das divergencias que separam ainda hoje os representantes da sciencia.

Ao methodo introspectivo, que foi o unico admittido pela psychologia metaphysica, succede o de observação externa que encontra em Augusto Comte o seu mais alto intransigente defensor.

Posta de parte a questão da natureza da alma, da sua origem e do seu destino, a reacção positivista e materialista cahiram no excesso contrario, preconisando um methodo de observação que, a ser exclusivo, deixaria para sempre ignorado o facto fundamental da psychologia — a consciencia.

As duas escólas, representadas no principio d'este seculo por Maine de Biran e Comte, tendem a conciliar-se no emprego simultaneo dos dois methodos.

A psychologia pura já não se contenta com o testemunho da consciencia e recorre com frequencia aos dados da physiologia: a psychologia materialista, aquella mesma que faz consistir o pensamento n'uma secreção cerebral, não repelle a cooperação do methodo introspectivo e acha na observação interna um meio de descoberta e confirmação do maximo alcance.

A conciliação das escolas fez-se, pois, pelo emprego de ambos os methodos e se a sciencia hoje prescinde, ao menos provisoriamente, de discutir a natureza das relações entre o espirito e o corpo, se a *harmonia preestabelecida* e o *mediador plastico* passaram á categoria de curiosidades historicas, não é menos certo que o estudo das manifestações psychologicas se faz parallelamente com o dos phenomenos physiologicos, e que é universalmente reconhecida a correlação e concomitancia das duas séries de factos.

É esta a conclusão que póde tirar-se dos grandes trabalhos de Dumont, Huxley, Bain e Spencer sobre a psychologia normal, e dos estudos de Lombroso sobre a psychologia morbida.

Esta ultima, digna de uma longa e minuciosa analyse pela sua importancia social, excluil-a-hemos provisoriamente do programma de questões que estamos indicando, e ao qual não é

por fórma alguma estranha, tendo melhor cabida pela sua natureza na ordem de trabalhos que devem preoccupar o criminalista, o alienista, o philantropo e o politico, mais ainda do que o educador.

A psychologia morbida chegou já a conclusões definitivas: a hesitação está mais na applicação do que nos principios e póde dizer-se que o começo de uma conciliação bem entendida entre as tendencias preventivas e as eliminadoras dos grandes aleijões humanos já se faz sentir na legislação penal e n'uma organisação social mais humana que tenda a adoçar aos fracos o conflicto aspero da existencia.

Voltando porém á psychologia normal, torna-se indispensavel que refiramos as conquistas que a sciencia tem feito e mais interessam á arte de educar.

A theoria do habito e a do instincto, bem como um estudo mais completo dos phenomenos da memoria e da hereditariedade, são os pontos em que parece concentrar-se a attenção dos psychologos modernos, guiados pelo criterio evolucionista, que é sem duvida o criterio e a mais definitiva acquisição philosophica d'este seculo.

A importancia que póde ter para o problema da educação qualquer das questões mencionadas, não carece de ser evidenciada, tão claramente se impõe.

A memoria e o habito são os grandes constructores do espirito. Os sentimentos e as idéas só podem agrupar-se nas associações conducentes ao fim do homem, mediante o concurso d'aquellas duas forças, racionalmente dirigidas pela educação.

O conjunto dos habitos que a memoria torna possiveis e que a hereditariedade transmitte, accumulando, constitue o instincto. Esta é a concepção spenceriana.

Vê-se d'aqui que a educação formando os habitos, baseada no conhecimento scientifico da estructura mental, é uma das grandes collaboradoras do instincto humano.

Se fosse possivel separar o que, na evolução da especie, é devido á acção das condições de existencia, meio, clima, etc..

teriamos um meio de medir e apreciar o que n'essa evolução pertence exclusivamente á acção educativa.

A educação fórma os *habitos* do espirito — a hereditariedade transmitte os habitos adquiridos como as disposições nativas.

Outro problema surge. A hereditariedade apparece-nos como uma força revelando-se por effeitos que ora contrariam, ora auxiliam o trabalho da educação.

Quando esta transmitte e accumula nas differentes camadas as acquisições do espirito, o seu trabalho é positivo e somma-se com a influencia educativa.

Mas por outro lado, o papel do educador consistindo em guiar e modificar o desenvolvimento do educando n'uma direcção estabelecida, é certo que as disposições nativas hão de offerecer um grau de resistencia variavel, á acção artificial da educação.

A questão da plasticidade mental e moral do homem emerge nitidamente d'estas considerações.

No campo intellectual o homem de genio e o idiota [1] são os dois extremos — o minimo e o maximo da resistencia á cultura e desenvolvimento do espirito; no campo moral, o santo e o criminoso-nato representam a capacidade para o bem nos seus limites superior e inferior.

O estudo da plasticidade moral e mental só poderá fazer-se analysando o que na longa acção dos agentes penaes, religiosos e educativos sobre o homem se póde separar e discriminar da massa complexa e obscura de todos os outros collaboradores da organisação humana.

[1] O ensino dos idiotas e cretinos está organisado em differentes paizes com exitos que parecem justificar a tentativa.

Em França, sob a influencia das idéas de Esquirol, que proclamava a independencia reciproca das faculdades e a possibilidade da sua cultura em separado, o dr. Belhomme esboçou o ensino collectivo dos idiotas na Salpétrière.

Hoje a França tem a escola de Gentilly do snr. Otto Baetge, a escola de Bicêtre do snr. Delaporte e o instituto protestante de Laforce.

Sobre a moral, a hygiene e a educação dos idiotas existe uma litteratura vasta (os trabalhos de Voisin, Séguin, Delasiauve, etc.).

O problema é de difficil solução e os materiaes sobre que tem de assentar o seu estudo são de uma vastidão capaz de affrontar a tenacidade e a persistencia de muitas gerações.

A influencia da educação sobre a formação do caracter nacional, para lembrarmos um exemplo, está muito longe de merecer foros de certeza.

Para Bagehot a *imitação* das personalidades eminentes seria um facto importante na formação de um caracter ethnico; a adhesão á hypothese do auctor das *Leis scientificas do desenvolvimento das nações*, envolve a crença no poder da educação, que conta a faculdade imitativa como uma das suas grandes forças.

O snr. Daguet no seu *Resumo da historia da pedagogia*, versão de Amaral Cirne, admitte a influencia do que elle chama uma *educação consequente* na constituição de um caracter de raça. Diz o referido escriptor:

« Os hebreus assignalam-se na historia por um facto excepcional. Soffrendo ataques muito repetidos aos seus direitos, á sua liberdade e propria existencia, supportando longos annos o dominio oppressor de povos estranhos, perderam a patria, foram vexados com as perseguições mais crueis que a historia regista, e apesar de tudo isto, poderam manter, inalteraveis, as suas crenças, sentimentos, caracter, altivez nacional, e o sangue da raça. N'um facto d'esta ordem evidenceia-se a *influencia de uma educação consequente*, segundo a phrase de um pedagogista distincto. »

Ainda que o exemplo seja escolhido judiciosamente, visto que o facto da dispersão melhor faz sobresahir o que a acção educativa deixou como fundo de resistencia á variedade das condições de vida, o que é certo é que póde levantar-se esta duvida: os systemas de educação podem considerar-se uma causa ou um effeito do caracter nacional?

A uniformidade do caracter judaico póde provir de condições ethnicas, favorecidas ainda pela circumstancia dos casamentos se effectuarem exclusivamente dentro da raça.

Um exemplo mais concludente seria talvez o da educação

jesuitica, considerada a uniformidade dos seus resultados em relação á variedade de raças a que foi ministrada.

É talvez uma das experiencias mais concludentes a favor do poder creador da educação.

A tendencia geral dos espiritos, a principio sympathica á instituição nascente, poderia explicar a uniformidade dos resultados obtidos, mas deixa de ser uma explicação sufficiente desde que essa tendencia não só desappareceu, mas se tornou antagonica.

Os jesuitas fizeram, além d'isso, uma experiencia ampla e vastissima pela área que abrangeu, envolvendo na sua influencia os povos de raça e indole a mais diversa, o que não impediu a concordancia admiravel dos effeitos obtidos e a quasi creação de um novo typo moral.

O optimismo, embora machiavelico, dos jesuitas, entrou como factor importante na obtenção dos seus resultados.

O jesuita não suppunha o homem originariamente bom, como Rousseau, ou Pestalozzi: animava-os a mesma crença de Port-Royal ácerca da perversidade nativa do homem, e só differiam da estoica phalange de Saint-Cyran na hypocrisia com que a dissimulavam.

O jesuita fingiu acreditar na bondade congenita do homem; reconhecendo-lhe os defeitos, condescendeu com elles, habilmente, como um politico que não perde de vista o seu fim.

Embora se diga que a educação jesuitica contrariava, no fundo, as tendencias espontaneas do espirito humano, é certo que, na fórma, se revelaram profundos conhecedores da alma humana e dos seus moveis; fazendo da contemporisação com as nossas fraquezas um principio pedagogico, anteciparam até certo ponto o ideal moderno que preconisa uma educação fundada n'um desenvolvimento livre, embora systematico das nossas faculdades e tendencias.

A condescendencia jesuitica foi portanto uma causa do seu successo, como a intransigencia jansenista arruinou a tentativa de Port-Royal; e a experiencia feita pela companhia de Jesus se por um lado provou a plasticidade do espirito humano sob a

acção de um systema educativo poderoso e logico, demonstrou igualmente que a efficacia dos resultados obtidos se deveu principalmente a que os jesuitas foram notaveis psychologos, dotados da habilidade e flexibilidade de espirito que os tornou aptos á dominação da consciencia collectiva, sem contrariar o livre exercicio da actividade mental.

A acção educativa, na esphera intellectual, é mais clara e evidente do que no campo moral.

É um facto de observação diaria que as intelligencias medianas, cultivadas com methodo e persistencia, são capazes de attingir um desenvolvimento notavel.

A phrase de Newton respondendo aos admiradores da sua grande descoberta da gravitação: *Pensando sempre*, fez suppôr a muito bons espiritos que o genio era o producto de uma longa paciencia.

Não faltaram mesmo grandes pensadores que sustentassem o principio da igualdade das intelligencias, como Descartes, Helvetius, Jacotot.

Para os que assim pensam, a educação é omnipotente e a causa unica que explica as differenças individuaes de desenvolvimento e capacidade mental.

No extremo opposto acham-se os partidarios do *sopro divino*, da theoria metaphysica da *intuição*, pela qual a aptidão é tudo, sendo minima a acção educativa.

Ora a sciencia moderna tende a estabelecer os principios seguintes:

A média da intellectualidade humana é susceptivel de um desenvolvimento notavel sob a acção educativa.

As disposições nativas e as hereditarias parecem predominar em certos districtos da actividade mental (faculdades artisticas, philosophicas).

É o ditado latino *nascuntur poetæ*.

Nasce-se poeta, musico, pintor, artista, na accepção elevada do termo.

O estudo, sem a disposição natural, não conseguirá nunca fazer um poeta ou um grande artista: e a palavra *inspiração*,

que lembra ainda o velho dogma d'uma acção sobrenatural, exprime hoje uma tendencia nativa, ou transmittida, não divina, mas inexplicada na sua essencia.

Para terminarmos esta parte do esboço das questões subsidiarias de que depende o problema da educação, faltava-nos examinar a influencia reciproca das duas ordens de phenomenos estudados. Que acção podem ter os sentimentos sobre as idéas ou inversamente?

Este ponto é capital no estudo que nos occupa e como todos os grandes problemas fundamentaes do espirito tem recebido as soluções mais oppostas.

D'um lado estão os discipulos de Herbart, que sustentam que a intelligencia, o sentimento e a vontade são um só e mesmo acto da alma sob differentes formas; no campo opposto os philosophos que affirmam como Herbert Spencer a absoluta independencia das espheras intellectual e moral, e portanto a nenhuma influencia d'uma sobre a outra.

D'um lado Pascal sustentando que o mundo se governa por idéas que se *transformam* em sentimentos; no campo contrario os criminalistas modernos que parecem admittir a acção da cultura intellectual circumscripta a operar a transformação da criminalidade violenta na criminalidade intelligente e voluptuosa.

No campo dos primeiros estão os grandes espiritos da Renascença, está o lutheranismo, está a pedagogia da Revolução; o exemplo da segunda tendencia revela-se nas primeiras phases do christianismo, na sua quasi apologia da ignorancia, da simpleza de espirito.

Um pedagogo suisso muito notavel, o padre Girard, levou a crença nos effeitos moraes da cultura da intelligencia quasi á obsessão: eis as palavras de Naville, seu discipulo:

«Elle concebeu que, por uma escolha de problemas baseada sobre o desenvolvimento das affeições sociaes na familia, na communa, no estado, poderia dar-se á arithmetica esta salutar direcção, fazendo germinar na creança o espirito de economia e prudencia, e ampliar-lhe as vistas para além do circulo aca-

nhado do egoismo, promovendo a formação de disposições benevolentes.»

Havia para o grande pedagogo de Friburgo uma *Arithmetica moral*, como havia uma *Geographia moral;* discipulo de Herbart, resumia o seu pensamento no aphorismo: o homem procede como ama, e ama como pensa.

Reagindo contra esta tendencia, que é a de Frœbel, Pestallozzi, Rousseau e todos os pantheistas mais ou menos explicitos, Spencer proclama o principio da independencia das duas espheras intellectual e moral, em termos talvez exaggerados.

Diz o grande pensador inglez (Introducção á sciencia social, cap. xv — *Preparação pela psychologia*):

«N'este instante, legislatura e nação cooperam igualmente em projectos baseados no postulatum de que o proceder é determinado pelos conhecimentos e não pelos sentimentos.

«A idéa que leva a proseguir com tanto ardor a organisação do ensino não é outra coisa. Qual é a idéa-mãe commum aos secularistas e denominacionalistas, senão o principio de que a diffusão de sciencia é a unica coisa necessaria para o aperfeiçoamento moral?

«Imbuidos de certos erros estatisticos, persuadiram-se de que a educação do Estado reprimiria o mau proceder. Repetiram nos jornaes as comparações entre o numero dos criminosos que sabem lêr e escrever e os criminosos analphabetos; vendo que o excesso é a favor dos segundos, concluiam que a ignorancia é a causa do crime. Não lhes occorre ao espirito inquirir se outras estatisticas, estabelecidas pelo mesmo processo, demonstrariam tão cabalmente que o crime é filho da ausencia da ablução e da roupa branca, da má ventilação das moradas, da falta de quartos de dormir separados. Entrai n'uma prisão e perguntai quantos prisioneiros costumavam lavar-se pela manhã; achareis que a criminalidade marcha parallelamente com a immundicie. Contai os que tinham roupa para mudar e vereis a pequena proporção em que elles figuram. Perguntai se habitavam nas ruas grandes ou no fundo dos saguões; quasi todos moravam em verdadeiras espeluncas. Um partidario da absten-

ção alcoolica, ou dos melhoramentos hygienicos, acharia na estatistica justificação não menos completa para as suas crenças.

«Mas se renunciardes á conclusão, casualmente tirada, de que ignorancia e crime são causa e effeito; se examinardes bem que poderieis analogamente attribuir o crime a outras diversas causas — sois levados a vêr que ha uma relação verdadeira entre o crime e um genero de vida inferior; que este é ordinariamente a consequencia d'uma inferioridade de origem; emfim, que a ignorancia é apenas um concomitante, como as outras causas do crime.»

E mais adiante, o philosopho resume em termos mais vigorosos e expressivos:

«Quem tentasse ensinar geometria dando lições de latim, ou a tocar piano por meio do desenho, seria justamente considerado doido; e comtudo não seria mais irracional do que os que contam produzir sentimentos melhores por meio d'uma disciplina das faculdades intellectuaes.»

Spencer, como chefe do evolucionismo, conta com os effeitos salutares da lucta pela existencia para a extincção dos fracos e a maxima perfeição da especie. Na politica, como na moral, confia demasiado na bondade dos processos da natureza. A condição mediante a qual se ha de obter a felicidade futura da especie humana, será o dominio dos fortes, e a gradual eliminação dos incapazes.

Surge aqui a mais grave difficuldade do evolucionismo, que se apresenta como um fatalismo naturalista e optimista [1].

Os mais fortes serão os melhores? *that is the question.*

A theoria evolucionista é a mais logica e perfeita que tem

[1] «O desenvolvimento das especies superiores é a aspiração para uma fórma de existencia capaz de realisar uma felicidade isenta d'estas lamentaveis necessidades.

«É na raça humana que esta felicidade deve consumar-se e a civilisação é a ultima *etape* para o seu coroamento.

«O homem ideal é o homem vivendo nas condições que referimos.

«No entretanto, o bem-estar da humanidade presente e o progresso para a perfeição final estão garantidos um e outro por esta disposição bemfazeja mas se-

sahido do espirito humano para explicar o que *são* os factos, a mais impotente para nos dizer o que elles *devem* ser.

Se as ultimas consequencias do *struggle for life* são o aperfeiçoamento moral do homem, havemos de concordar que o evolucionismo não póde evitar o esbarrar-se no phantasma da finalidade; se não são, o problema moral continua insoluvel.

Seja como fôr, á psychologia, á physiologia, á anthropologia, compete averiguar se a intelligencia e a vontade são duas modalidades psychicas separadas por differenças radicaes ou vibrações interferentes do espirito capazes de se modificarem reciprocamente.

III

A psychologia evolucionista — O parallelismo da evolução collectiva e individual. Analogia entre o homem primitivo e a creança. A psychologia geral, a psychologia morbida e a psychologia infantil.

A pedagogia infantil — Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Frœbel e Girard, os grandes emancipadores da creança. O principio da espontaneidade. As instituições da infancia. A creança e a questão social. Pedagogos e reformadores. A concepção social e o problema de educação.

Se o problema das origens e dos fins foi, na antiguidade, e durante o periodo da psychologia metaphysica, a preoccupação dominante do espirito humano, a sciencia e a philosophia modernas, desde Bacon e Descartes até aos nossos dias, reagindo contra essa tendencia esterilisadora e inane, assentam na abdicação intellectual perante a busca do absoluto e fazem do

vera, á qual está sujeita toda a natureza animada; disciplina implacavel, lei inexoravel que nos conduzem para o bem, mau grado a inflicção de males parciaes e temporarios.

«A penuria dos incapazes, a ligeireza dos imprudentes, a imprevidencia dos indolentes, este esmagar dos fracos pelos fortes, que sacrifica um tamanho numero nos subterraneos e na miseria, são decretos d'uma benevolencia immensa e previdente.»

relativismo das nossas concepções a lei mater da constituição mental.

O mundo mineral, o organico e o superorganico appareceram segundo a nova interpretação, na variedade infinita dos seus typos, como uma cadeia de phenomenos ligados por uma continuidade surprehendente.

Até Augusto Comte os anneis da cadeia são verdadeiras categorias typicas — ha transição, mas a genese, a transformação dos typos não apparece ainda.

A grande descoberta do transformismo mecanico e biologico, realisada pela physica e pela zoologia modernas, é a segunda *étape* do movimento philosophico actual, e a verdadeira caracteristica do espirito do nosso seculo, o seu traço fundamental, destacando nitidamente das multiformes concepções do tempo presente.

Este criterio devia refundir e refundiu de facto, o estudo da psychologia [1].

A estructura mental, estudada sob a sua fórma rudimentar nos organismos inferiores, sob aspectos successivamente mais complexos na escala dos séres vivos, apparece-nos no homem civilisado como resumo, a condensação d'um trabalho colossal de seculos, accumulado pela hereditariedade.

A lei da genese psychologica e o ideal humano encontram a sua fórmula presente, quasi definitiva, n'uma «adaptação das relações internas ás externas, para nos servirmos das palavras

[1] O criterio evolucionista não só refundiu a psychologia, como creou um ramo novo, que a velha psychologia introspectiva não podia descobrir — a theoria das manifestações psychicas inconscientes, que formam como que os *bas-fonds* da vida consciente.

O phenomeno da consciencia apparece como o ultimo annel da evolução espiritual do universo, e a concepção spenceriana assenhoreou-se por tal fórma dos espiritos, que o proprio snr. Anthero Quental, que é a mais profunda organisação philosophica do nosso meio e creou os seus habitos de espirito na cultura da metaphysica allemã, não póde subtrahir-se á influencia evolucionista, claramente evidenciada no seu esplendido estudo sobre as *Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX*, publicado n'esta Revista.

do fundador da psychologia evolucionista, estendendo-se a pouco e pouco no tempo e no espaço, tornando-se cada vez mais especial e complexa, e cujos elementos se coordenam sempre com uma precisão maior e uma integração mais completa ».

Servindo-se d'este criterio pôde o grande pensador reconstituir na *Sociologia* o homem primitivo emocional e intellectual, e verificar a verdade das suas deducções pelo confronto com o selvagem actual, guiado pela noção do parallelismo evolutivo da especie e do individuo.

Este parallelismo já entrevisto por grandes espiritos, anteriormente á concepção transformista do universo, suggerira ao grande Comte a idéa de applicar a lei dos tres estados tal como a descobriu na evolução collectiva, ao desenvolvimento individual.

O parallelismo da evolução da especie e do individuo (phylogenese e ontogenese) subiu de vaga intuição a um facto adquirido pela embryologia, que descobriu no homem todos os typos de organisação zoologica durante a existencia intra-uterina e na sua evolução extra-uterina, todas as *étapes* do desenvolvimento da humanidade.

Sendo a evolução individual um epitome da evolução collectiva, vê-se quanta importancia assume para o estudo da psychologia a analyse das sociedades inferiores, dos degenerados, outras tantas petrificações ou revivescencias das phases primitivas da evolução humana.

O estudo do homem primitivo, de certas categorias de loucos, dos criminosos natos e dos degenerados, lançou vivissima luz sobre o estudo da psychologia infantil, e a sciencia fria e serenamente reconstituiu o dogma do peccado original, sem resuscitar o da graça, perfilhou o pessimismo de Port-Royal sem revestir a candura estoica dos seus fundadores.

A creança é a miniatura do selvagem e no selvagem reside o espirito da creança agitado pelas paixões do adulto.

Na creança como no selvagem a distancia que separa a representação mental das imagens da sua realisação sob a fórma

de movimento ou d'acção, é minima e imprime aos seus actos a fórma da acção reflexa.

D'ahi a igual *impulsividade* que os caracterisa.

Da *impulsividade* deriva naturalmente a *imprevidencia;* da *imprevidencia* o amor da liberdade individual, a *independencia* que tanto difficulta a cohesão dos primeiros aggregados sociaes; vem depois o sentimento ego-altruista da vaidade lisongeada pela admiração tributada pelos outros, caracter eminentemente selvagem e infantil, e por fim a aversão pela novidade, o apego ao *statu quo.*

Se passamos do homem primitivo emocional ao homem primitivo intellectual, o parallelismo continúa a affirmar-se.

A extrema actividade das faculdades perceptivas contrastando com a inercia das faculdades reflexivas, aproxima o selvagem da creança (Bernardo Perez); vem seguidamente as faculdades imitativas, a incapacidade de abstracção e generalisação.

D'esta incapacidade decorre como corollario natural a ausencia de idéas geraes; sem estas não póde gerar-se no espirito a idéa da causalidade, condição indispensavel para que se forme a crença na regularidade e constancia dos phenomenos naturaes.

Sem esta crença, o espirito não distingue o possivel do impossivel; e a *credulidade* selvagem ou infantil é uma qualidade intellectual explicavel e logica.

Da *credulidade* nasce a *indifferença* perante o extraordinario, e da *indifferença* a falta de curiosidade intelligente e perscrutadora.

As acquisições da anthropologia criminal dão uma força nova ás conclusões da psychologia evolucionista, pela concordancia entre caracteres que aproximam o degenerado, o selvagem, a creança — as tres modalidades concretas da mentalidade inferior.

E apesar de tudo isto, apesar dos estudos mais directos dos psychologos da infancia, como Preyer ou Perez, apesar das observações finas e das magnificas analyses de M^me^ Guizot,

M^me^ Necker de Saussure, M^me^ Pape-Carpantier, a psychologia da creança ainda não está feita de molde a estabelecer-se sobre ella a pedagogia racional.

Estamos a atravessar um periodo de transição na questão psychologica e pedagogica.

D'um lado temos a influencia dos grandes pedagogos d'este seculo, influencia derivada da comprehensão que tiveram da natureza infantil, á qual chegaram por uma intuição sentimental, por um grande amor pela creança — é a acção de Pestalozzi, Frœbel e Girard.

Do outro lado temos os progressos da psychologia geral, e da psychologia infantil, que tem uma importancia capital por considerar o homem no periodo da sua maxima plasticidade.

Embora não constituida, a psychologia entrou definitivamente n'uma phase scientifica, e não será despropositado inventariar rapidamente os materiaes accumulados, quer aquelles que interessam directamente á solução do problema, quer os que contribuem para o esclarecer ou delimitar.

A psychologia ingleza e allemã occupam a vanguarda do movimento.

Mesmo os que podem contestar a legitimidade do criterio evolucionista não podem negar a importancia capital dos trabalhos de Bain, de Spencer, de Mill; nem o positivismo orthodoxo ou o materialismo intransigente podem reputar como estranhas á sciencia as locubrações da psychologia allemã, os trabalhos de Lotze ou Wundt, impregnados de certa preoccupação metaphysica que fórma o temperamento intellectual da raça.

Seria injustiça não incluir n'esta enumeração de trabalhos os estudos dos physiologos do cerebro, os Luys, Bastian, Ferrier; e os estudos de pathologia mental, que tamanho incremento têm tomado e que estão destinados a operar uma revolução profunda na penalidade e na educação, graças ás investigações dos Lombroso, Garofalo, Ferri, Kraft-Ebing e Maudsley.

No campo mais restricto da psychologia infantil, cuja importancia foi plenamente comprehendida por Comenius e Rousseau, uma vasta litteratura se ostenta, mais directamente filiada

na escola da pura psychologia, do que na tradição e empirismo pedagogico cuja acção ainda nos envolve.

Desde a *Educação progressiva* de M^me^ Necker de Saussure, que longo caminho percorrido!

A creança estudada na sua evolução mental e organica, não já desde o berço, mas desde o ventre materno, por Ferri, Perez e Preyer [1]; os trabalhos de Egger, de Pollock, Taine e Max-Müller, sobre a acquisição e desenvolvimento da linguagem; os gestos e a expressão explicados por Darwin; a evolução do sentido das côres, por Magnus; a loucura infantil observada por Morel e Paulmier; o mecanismo da attenção por Grant e Chadwick; a infancia criminosa esclarecida por Lombroso e a escóla italiana — eis o que se tem feito nos ultimos quarenta annos sob o ponto de vista que nos occupa.

E isto ainda sem fallarmos das investigações de Tarchanoff sobre os centros psychomotores dos animaes recem-nascidos; dos estudos de Houzeau sobre as faculdades mentaes dos animaes, e de muitos outros que, embora subsidiariamente, têm contribuido com as suas analyses para aprofundar as condições do problema e ampliar as bases sobre que assenta.

A pedagogia moderna, apesar d'estes riquissimos materiaes acarretados pelo trabalho de tanto homem de genio, não se emancipou ainda do empirismo que a envolve estreitamente.

Os grandes precursores da escola infantil representam antes a intuição sentimental, importantissima n'este campo, do que a comprehensão analytica da natureza da creança.

Quem fez de Rousseau, de Pestalozzi, de Frœbel, de Gi-

[1] Perez, no primeiro capitulo da sua *Psychologie de l'enfant*, intitulado *Les facultés de l'enfant avant la naissance*, exprime-se por esta fórma:

O feto pertence á psychologia? A resposta não é duvidosa para os physiologistas que não admittem orgão regular sem funcções mais ou menos desenvolvidas, e que vêem no feto o conjunto, ao menos esboçado, dos orgãos da sensibilidade. Tambem não deixa duvida aos philosophos da escóla experimental, que concedem tanta importancia ás manifestações da vida inconsciente como ás da vida consciente do espirito, e que consideram os movimentos na apparencia automaticos do sêr intra-uterino como revelações evidentes d'uma sensibilidade rudimentar.

*

rard, as figuras culminantes collocadas no limiar da pedagogia moderna, foi a intuição vaga do principio da espontaneidade, que vinha reagir contra a longa herança da educação antiga, artificiosa e inhumana.

A creança, comprimida pelos velhos processos em que não vislumbrava o menor respeito pela sua individualidade, teve n'aquelles grandes e generosos espiritos os seus eloquentes e apaixonados emancipadores.

A individualidade infantil, que elles prégaram com tanta alma e vehemencia, foi idealisada até ao optimismo mais candido.

O amor pela infancia, não os levou só a emancipal-a, mas a estudal-a: deixaram como acquisição definitiva a noção da individualidade infantil, da sua evolução harmoniosa e livre, embora não definissem, o que a sciencia ulteriormente não conseguiu — a *fórma* d'aquella individualidade e o processo d'aquella evolução.

Pestalozzi, que foi o maior amigo da infancia, foi ao mesmo tempo a mais alta personificação do empirismo pedagogico, e a sua obra póde considerar-se como a tentativa sempre renovada e destruida para achar o caminho que conduz ao espirito da creança.

A pedagogia racional não prescinde comtudo do empirismo nem a sua condemnação póde caber no nosso espirito: a experiencia dos processos de ensino ha de caminhar parallelamente com os progressos da psychologia.

Quando esta tenha resolvido plenamente o problema do habito, do instincto, da memoria, da associação de idéas, ainda a experiencia terá que confirmar a efficacia dos systemas que a solução d'aquelles problemas tiver suggerido.

Ainda que não resolvida, a grande questão psychologica e pedagogica do ensino infantil, quer no campo da theoria, quer no da pratica, tem alcançado algumas soluções importantes, n'um ou outro districto da sua vasta esphera.

A intuição sensivel, antevista por Comenius e Rabelais, achou em Rousseau um prestigioso defensor e em Pestalozzi e Frœbel os seus mais completos organisadores.

A *schola materni gremii* de Comenius foi realisada nos jardins de infancia, nas *salles d'asile*, *écoles gardiennes*, *écoles maternelles*, etc., etc.

O ensino das coisas, a lição pelos sentidos, pelo aspecto (lições de coisas) realisada por meio dos museus escolares e das magnificas collecções de gravuras, os exercicios physicos, a educação das faculdades imitativas, a preparação para a geometria pelo alphabeto concreto das formas (*dons* de Frœbel), a cultura das aptidões artisticas e inventivas pelas construcções, pela modelagem, pelo *tressage*, *pliage* e *découpage*, como lhe chamam os francezes, tudo isto são applicações da moderna pedagogia, que ao mesmo tempo proscreveu e arredou para longe o *flagello da cartilha tradicional* (no dizer de João de Deus) e as subtilezas da oração incidente!

O que a pedagogia moderna revela em todas estas applicações, não é somente um conhecimento mais completo da natureza infantil; é sobretudo um grande amor pela creança, amor que sente crescer-lhe ao passo que as condições sociaes tornam mais rude o combate pela vida.

As instituições tendentes a proteger a infancia datam quasi todas d'este seculo, e desenvolvem-se parallelamente com o monstruoso progresso das grandes industrias.

Na França, Marbeau funda as primeiras *crèches* e a Europa segue-lhe o exemplo.

A sociedade protectora da infancia abandonada ou criminosa de Georges Bonjean (1878) com as suas escolas ruraes, a grande obra de Fellenberg, em Hofwyl, que regenerou a Suissa moderna, a protecção aos menores na industria, as *day-nurseries* inglezas, a regulamentação concernente ás creanças empregadas nas profissões ambulantes, as *garderies* [1], os hospitaes infantis, as escolas correccionaes, que significa tudo isto senão que a sociedade moderna, tomada de espanto pelas proporções

[1] Pequenas escolas onde são guardadas as creanças com o fim principal de as premunir contra os perigos materiaes da rua. (E. de Resbecq, *Dict. de Buisson*).

que assume o conflicto social dos nossos tempos, acolhe a infancia no seio turgido embora frio, da beneficencia automatica do Estado?

N'este ambiente estonteado a familia desintegra-se, a estructura social dissolve-se.

Um vento pessimista varre todos os espiritos. O optimismo dos economistas da escóla classica, que tornam o aperfeiçoamento das condições sociaes dependente do jogo dos egoismos individuaes, da livre concorrencia, do *laissez-faire*, cedeu o passo ao espirito de revolta, de desesperação que transluz em todos os grandes agitadores.

Para Marx a accumulação da riqueza n'um dos pólos da sociedade progride parallelamente com a accumulação, no outro pólo, da miseria, da escravidão, e da degradação moral da classe, que, com o seu producto, faz nascer o capital.

Se, por exemplo, Schultze Delitzsch pretende que sob o regimen social presente, o operario póde, pelo proprio esforço, melhorar a sua sorte, Lassalle, invocando a lei de bronze, nega terminantemente essa possibilidade.

Na extrema esquerda dos agitadores avulta o anarchista Bakounine, illuminado por uma estranha reverberação mystica, empunhando o facho da pan-destruição como unico remodelador das instituições existentes.

Devemos vêr n'isto um phenomeno caprichoso da pathologia collectiva ou o germinar confuso de uma força colossal que vem nascendo do desequilibrio moderno, cavado pelo capitalismo?

Seja como fôr, ha um ponto em que todos os espiritos concordam — e é que os prenuncios de uma remodelação se desenham claramente, e a todos preoccupa a perspectiva do futuro.

A questão politica das fórmas de governo, que tanto agitou a Europa no periodo a que podemos chamar doutrinario, cedeu o passo á questão social e moral, que monarchias e republicas inscrevem na primeira folha do seu programma.

Ao estranho espectaculo offerecido pelo mundo moderno

não ficam indifferentes os espiritos generosos e elevados, a quem a felicidade humana justamente preoccupa.

A intelligencia humana nunca teve tamanha confiança na sua força, como hoje, depois das conquistas da sciencia no dominio da materia, no campo da invenção; a sensibilidade nunca foi tão delicada e tão fina, a vontade nunca operou maiores prodigios.

E comtudo o homem descrê e toda a força da sua intelligencia vai embater de encontro á duvida; o homem é mais impressionavel e dôce, e nunca o egoismo foi tão feroz, nem em tempo algum se viu a impassibilidade que affectamos perante a miseria, reputando-a uma ulcera necessaria; a mesma vontade que opéra prodigios sente-se esmagada perante a fatalidade da evolução e appella para o suicidio ou para a revolta aberta.

Atravessamos pois uma phase psychologica momentosa e critica, como o foram as que deram logar aos grandes movimentos religiosos, ás vastas deslocações de povos, ás violentas reivindicações dos tempos passados: o educador, o publicista, o homem de estado dão-se as mãos n'este terreno instavel e ardente.

Os escriptores socialistas formulam planos de educação como Saint-Simon, ou Cabet, ou Saint-Just, ou Fourier com o seu phalansterio; os grandes mestre-escólas fazem, como Frœbel, ou Pestalozzi, ou Comenius, programmas monumentaes de regeneração politica, patriotica ou social, tocados do influxo de um messianismo inconsciente.

Os mesmos espiritos que meditam sobre a maneira de educar e dirigir os homens, concebem planos ideaes de um mundo imaginario em que não existirá o pauperismo, nem o patronato, e onde a humanidade vegetará n'uma beatitude inalteravel.

Seja como fôr, é certo que visando nós apenas a um inventario das questões entrelaçadas com o problema supremo da educação, viemos, por um declive inevitavel, a parar defronte da formidavel questão do nosso tempo — a questão social.

Este choque era inevitavel e necessario: um plano de educação que não attendesse á estructura social com a qual deve

fundir-se n'uma adaptação reciproca tendendo ao aperfeiçoamento humano, nunca poderá ser um plano completo.

A propria fórma de encarar o problema da educação differirá fundamentalmente segundo a concepção social que tivermos: para os philosophos gregos, como para os sonhadores de hoje que reeditaram as utopias de Platão, fazendo do individuo uma molecula do Estado, a concepção pedagogica não póde ser a mesma que para o darwinista, o malthusiano ou o sectario do individualismo *à outrance*, em que o individuo surge como um combatente, que é necessario armar e preparar de *toutes pièces*, para a conquista sangrenta do logar que lhe cabe no banqueto da vida.

Manoel de Oliveira Ramos.

TRADUCÇÕES DO ROMANCERO

DE H. HEINE

O VILLÃO DE BERGEN

De altissimo castello a par do Rheno
pelas salas,
entre brandões, a musica estrondeia;
o turbilhão das mascaras voltèia;
fulgem galas.

Dança na festa a esplendida Duqueza
sem cessar;
tem agil moço de garboso aspecto,
de porte cortezão no tom discreto,
por seu par.

Ninguem na muda mascara o semblante
lhe adivinha.
O olhar o negro do velludo esmalta:
fino punhal buido que resalta
da bainha.

Folga a carnavalesca mascarada,
turbilhões
de damas passam rindo disfarçadas.
Trasbordam cantos, palmas, gargalhadas
dos balcões.

Rebramam as trombetas sonorosas;
estremece
todo o paço ao fremir dos violinos.
Mas já desmaia a festa, e o som dos hymnos
esmorece.

«Alteza, deixai-me ir», lhe diz e inclina-se
a seus pés.
E a Duqueza a sorrir: «Gentil parceiro,
não soffrerei que partas sem primeiro
vêr quem és.»

«Alteza, deixai-me ir. Meu gesto rude
faz espanto.»
E a Duqueza a sorrir: «Não me acobardas.
Quero saber quem és, e tanto tardas,
tanto, tanto...»

«Alteza, deixai-me ir. Da noite e morte
todo eu sou.»
E a Duqueza a sorrir: «Não me concedes
saber quem és, a permissão que pedes,
não t'a dou.»

A recusas oppõe vivas instancias
Sua Alteza;
e em rasgo prompto da mãosinha branca,
do torvo rosto a mascara lhe arranca
de surpreza.

«O Algoz de Bremen!» Treme, ruge, trôa
tal clamor.
No ennovelado turbilhão que anceia,
corre a Duqueza, chama o esposo, cheia
de pavor.

O Duque em tal empenho co'a prudencia
se aconselha.
Procura haver desforra accommodada.
Ao estranho diz, erguendo a fina espada:
«Ajoelha.

Com este ferro te armo cavalleiro.
Mas terão
sendo villão, como és e sempre has sido,
de ti, senhor, teus netos o appellido
de villão.»

E do verdugo-cavalleiro a estirpe
medra, avulta,
no patrio Rheno, em força, e lustre, e gloria.
Hoje em crypta ducal, ampla e marmorea,
jaz sepulta.

WALKYRIAS

Em baixo a batalha. Nos ares montadas
em pardos cavallos de nuvens cerradas,
as magas Walkyrias, em vozes troantes,
espargem, voando, seus bronzeos descantes:

«Em cata do imperio, por ancia do mando,
regentes e povos luctando, luctando.
O bem só consiste na força, de todo
só póde virtude chamar-se o denodo.

Não guarda da morte, nos riscos da briga,
nem cota de ferro, nem rija loriga.
Do heroe esvae-se ás vezes o sangue divino,
e poupa cobardes estranho destino.

Triumphos, applausos, corôas de louro!
Torreja no sólio de purpura e d'ouro
quem prostra valentes, e em rudes batalhas
conquista provincias, talhando mortalhas.

Saudam caudilhos, e povo, e senado,
a invejas, o filho mimoso do fado.
Da aberta cidade, findada a peleja,
offertam-lhe as chaves em aurea bandeja.

Nas altas muralhas ondulam bandeiras;
restrugem os echos das trompas guerreiras;
os sinos repicam nas torres festivas;
a plebe desata-se em palmas e vivas!

Garridas mulheres, das amplas janellas,
lhe lançam, ridentes, festões e capellas:
e o heroico soldado, de fito na preza,
sauda-as, passando, com fria altiveza!»

O DEFENSOR

Exultas, folgas, ris, Plantagenet; talvez
creias ter morta em nós a fé; debalde o crês.
Embora, por servir-te, um docil escudeiro
jure ter lido: «Arthur» em tumular letreiro.

Arthur não se finou: ainda por teu mal
não jaz seu corpo morto em leito sepulchral.
Ha pouco eu proprio o vi, por brenhas e campinas,
vivo, a encalçar sem pausa as leves selvaginas.

Vestia perpoem de sêda verde-mar;
a bôca, sorridente; e rutilante, o olhar.
Ia-lhe empós tropel de bravos cavalleiros,
lançados na carreira os seus lazões fragueiros.

Soava a ahenea tuba o caçador real.
Trará, trará, responde o plaino, a serra, o val.
Os filhos de Cornualia, altivos luctadores,
nos rudes corações entendem taes clangores.

Recordam-se que o tempo annunciado está.
Verão chegar em breve o rei, trará, trará.
El-rei Arthur, com todo o glorioso bando,
virá tirar-te, ó patria, ás mãos do crú normando.

MARIA ANTONIETTA

Quão docemente esplendem as janellas
das regias Tulherias!
Perpassam d'hirtas damas e donzellas,
á luz do sol, as sombras fugidias.

Entra encantada ao pavilhão de Flora
Maria Antonietta.
O matinal *lever* faz inda agora
co'os ferozes requintes da etiqueta,

Damas ora de pé, ora sentadas
em rasos tamboretes.
Joias de preço e rendas delicadas
fulgindo no brocado dos corpetes.

Nos finos talhes tufa o guarda-infante;
nas orlas apparece
o pé de talão rubro e saltitante...
Oh! se n'alguma a cabecinha houvesse!

Mas falta mesmo na real beldade.
Nem ella! Em tal maneira
como podia sua magestade
pavonear frisada a cabelleira?

Ella, a neta dos Cesares, a filha
de Maria Thereza,
que soubera ostentar á maravilha
do topete a terrifica altiveza,

é força que afinal descabeçada
ás vistas se offereça
na roda tão gentil, mas não frisada,
de damas igualmente sem cabeça!

De oitenta e nove a consequencia é esta,
a pratica e a doutrina.
A culpa é d'essa triade funesta
João Jacques, e Voltaire e a guilhotina!

Custa-me crêr que adentro d'essas portas,
tantissimas coitadas
não reparassem que já estavam mortas,
que se achavam até descabeçadas!

A antiga ostentação de estereis prendas,
insossas complacencias...
Que burlescas a um tempo e que tremendas
são taes descabeçadas reverencias!

Dama de *atour* rendada camisinha
nas alvas mãos segura;
passa-a outra dama, em venias, á rainha.
Desviam-se ambas curvas em mesura.

Terceira e quarta dama, debruçadas,
de acatamento cheias,
a sua magestade ajoelhadas,
calçam-lhe os pés nas delicadas meias.

Dama de honor traz saias de brocado,
traz em venia o corpete;
calça-lhe outra o sapato recamado
no pésinho insoffrido no tapete.

A camareira-mór, serena e fria,
abana o seio, e, ao cabo,
á falta de cabeça com que ria,
ri complacentemente pelo rabo.

Mas entre a fina purpura, que pende
nos balcões redourados,
o sol que espreita, ao vêr tanto duende,
recúa á pressa os raios aterrados.

EL-REI RICARDO

A solto galopar vôa atravez
de selvas, ricas de virente pompa;
de cantos, do clangor da rouca trompa,
de risos enche a nemoral mudez.

Ao bronzeo peito arnez de bronze allia,
calça em ferrea manopla a ferrea mão:
é el-rei Ricardo, o peito de leão,
flôr e escol da christã cavallaria.

«Bemvindo sejas», clama o fresco val,
a selva refolhuda, o cerro calvo,
«folgamos de saudar-te e vêr-te salvo
das rudes mãos do austriaco brutal.»

E o Rei, lembrando o horror do captiveiro,
aspira a peito cheio a vida, a luz;
e, no apertar dos acicates crús,
rasga os ilhaes do corredor ligeiro.

A CONDESSA PALATINA JUTTA

Sob a mudez da lua que domina
o céo azul sereno,
sulca em barca ligeira a Palatina
condessa Jutta alegremente o Rheno.
Uma aia empunha os remos, sorridente
Jutta lhe diz: «Não vês estes finados
atraz de nós boiando inteiriçados?
Como os finados boiam tristemente!

Eram mancebos de galhardo porte.
Amor d'eterna dura
os sete me juraram; mas na morte
sómente vive tão comprida jura.
Os que assim vêm na tona da corrente,
tive-os unidos meigamente aos seios;
mas para os ter constantes, afoguei-os.
Como os finados boiam tristemente!»

E a aia a remar. Sarcastica risada,
que o echo a rir repete,
solta a condessa na agua debruçada.
E da agua elevam meio corpo os sete.
Erguem os dedos em protesto ardente,
fitam no rosto intensamente amado
o olhar de vidro, rijo, embaciado...
Como os finados boiam tristemente!

O MOURO REI

O moço rei demanda as Alpujarras invias.
A dôr lhe estua inulta
o emmudecido peito. O gesto ancioso segue-lhe
a maura turba-multa.

Transporta-se após elle em hacaneas timidas,
em liteiras cerradas,
o feminil harem; em tardos mús transportam-se
negrinhas e creadas.

Cem campeões leaes em corredores arabes
guardam as regias bellas.
Mas treme-lhes o peito, os rudes membros tremem-lhes
sobre as douradas sellas.

Nem festival clarim, nem sonoroso tympano,
nem canticos, nem risos.
Somente, ao compassado andar das mulas, queixa-se
o timtinnar dos guisos.

Na aguda cumiada, onde seus olhos turbidos
medem o val do Douro,
vendo subir no azul mirantes e pinaculos
da Alhama, o triste Mouro

eleva-se no arção, e a trasbordar de lagrimas,
de dôr e de saudade,
contempla no occidente, em ondas de ouro e purpura
a imperial cidade.

Allah! não vê surgir da meia-lua islamica
a fórma enamorada;
mas o hispano balsão, undante de entre flammulas,
nas torres de Granada.

Ao doloroso aspecto o peito em ancias arfa-lhe;
a tez da face rude
banha-lhe o pranto a flux, como caudal que em fremitos
galga, espumando, o açude.

A empedernida mãe sobre a hacanea alvissima
o attento ouvido estende,
e, ouvindo-o soluçar aos céos tardias supplicas,
austera o reprehende:

«Rei Boabdil-el-chico, em femininas lastimas
carpes o captiveiro
da Alhama, que salvar não soube em lucta impavida
o teu valor guerreiro.»

Ao barbaro rugir, deixa os coxins de subito
a meiga favorita;
ao collo a arfar do amado, em offegante anhelito,
veloz se precipita:

«Rei Boabdil-el-chico», assim lhe diz, «consola-te:
virente, immorredouro,
dos abysmos sem fim do teu destino eleva-se
a engrinaldar-te o louro.

Não só no vencedor da imperecivel gloria
resplende o plenilunio:
coroa amiga luz a fronte a heroicas victimas
aos filhos do infortunio.

Do fero campeão, que sem pavor na patria
succumbe ás mãos do fado,
resôa de éra em éra entre perennes canticos
o nome abençoado.»

Do mauritano rei vencido denomina-se
inda hoje a cumiada,
d'onde em ultima vez, o soluçante profugo
pôde enxergar Granada.

O tempo, amigo e bom, perfez com fino escrupulo
a augusta prophecia:
do pobre rei memora o fado triste a musica,
a hispana poesia.

E ha de viver, por certo, a lenda, que ha já seculos
a Hespanha absorta narra,
emquanto, Andaluzia, em teus myrtaes balsamicos
gemer uma guitarra.

O VAGUEAR NOCTURNO

Mudo ondulava o mar. Do céo na obscura abobada
a lua a medo apparecia.
Entrámos para a barca: a vaguear nos iamos;
eramos tres de companhia.

Ás mãos do remador, do remo a pá monotona
na onda espumea e a arfar batia.
Cortava a prôa a vaga, e erguida borrifava-nos
a vaga aos tres de companhia.

E ella na barca, o rosto intensamente pallido,
de pé, immota e absorta, erguia.
Dissereis de Diana a imagem que no marmore
ostenta a fórma austera e fria.

A lua occulta o disco em pardas nuvens. Gela-nos
passando rija a ventania.
Na densa escuridão por sobre nós a subitas
um grito agudo no ar subia.

A alvacenta, a spectral gaivota erguera o lugubre
grito, que no ar sem luz se ouvia.
O qual como o rugir de negro aviso aterra-nos
e gela os tres de companhia.

Queima-me o sangue a febre. Acaso em visões tetricas
se esvae a minha phantasia?
Zomba um sonho de mim? Turva-me acaso o espirito
uma sinistra zombaria?

Zombaria cruel! N'um pesadelo julgo-me
potente Redemptor: subia,
paciente e fiel, de cruz aos hombros tremulos
a custo a amargurada via.

Á suave beldade aterram crúas ancias;
de tudo eu logo a redimia,
do peccado, da dôr, de angustias e de opprobrios,
de toda a humana villania.

Pobre beldade! o horror d'este remedio amarga-te,
e todo o fino sêr te esfria.
Eu te propino a morte, e ao teu, no instante tragico,
meu coração, ao teu, se allia.

O loucura cruel! ó sonhos vãos e lugubres!
Ó minha escura phantasia!
Cava-se triste a noite; o mar braveja espumeo...
Teu santo amparo, ó Deus, me envia!

Assiste-me, Senhor compadecido, assiste-me!
Senti, em transes e agonia,
Adonai! Adonai! um baque na agua, e a agua
passa a espumar, triste e sombria...

Rompeu o sol emfim, á praia emfim voltavamos.
Manhã de maio alegre ria.
Mas, quando da barquinha a fluctuar sahiamos,
eramos dois de companhia.

OS GRANADEIROS

Volvem a França os dois, ha muito, prisioneiros
sob o nevar da Russia entre esquadrões do Czar.
Entrando em Allemanha, os bravos granadeiros
trazem pendente a fronte e embaciado o olhar.

Estranha nova os punge e lhes desmaia o peito:
A França aniquilada aos pés do vencedor;
o bravo, o glorioso exercito, — desfeito;
e captivo, captivo o grande Imperador!

Embebe em solto pranto e inconsolavel pena
a ambas tão duro golpe. Um soluçando diz:
« Feridas de Marengo e de Arcole e d'Iena!
é tempo de morrer — sinto que reabris! »

O outro que a dôr prostrou: — « Findaste a lida inteira;
podes finar-te já, meu pobre coração!
Mas, não; filhos, esposa aguardam-me á lareira.
Sem mim, sem mim bem presto á mingua acabarão.

Mas filhos, lar, mulher, tudo isso que me importa?
Consome-me outra magoa, abate-me outra dôr.
Têm fome? vão bater, pedir de porta em porta.
Oh, captivo, captivo o grande Imperador! »

« Escuta, meu rapaz, meu bravo camarada:
se em sólo estranho em pouco á vida encontro fim,
arrasta-me comtigo á nossa patria amada,
á nossa amada França, irmão, amigo, sim?.

A cruz da Legião de honra em seu vermelho laço
prenda-me ao peito extincto a tua amiga mão;
Conchega-me á espingarda o inanimado braço;
depõe-me a espada ao lado, — a par do coração.

Quero jazer assim, perpetua sentinella,
no tumulo inquirindo as sombras e a mudez,
até que o bronze troe, vozeie o bota-sella,
restrujam da batalha os echos outra vez.

Escarve-me o corcel do Imperador soldado
a deslembrada cova. Aos rufos do tambor,
aos roncos do canhão, resurgirei armado
para morrer por ti, ó grande Imperador! »

BALTHAZAR

Discorre a noite em meio, e Babylonia, a enorme,
a prostituida, absorta em mudo somno, dorme.

No alcaçar régio entanto a grei servil que excita
o vinho e a pompa e a luz, jubila, ri, estrepita.

Preside Balthazar, na ampla marmorea sala,
do imperial festim á inenarravel gala.

O cortezão tropel, em variegado alinho,
haure crateras de ouro a trasbordar de vinho.

Das taças o tinnir, o férvido alarido,
como fugaz murmurio, afaga o régio ouvido.

O semblante real se tinge de escarlata.
Tufa-lhe o peito a audacia, os labios lhe desata.

Contra o Senhor vomita o mais brutal sarcasmo,
a affronta mais sangrenta. Em vivo enthusiasmo,

celebra do ebrio rei a estulta soberbia,
e torpe desatino, a baixa escravaria.

Co'o purpurino gesto acena el-rei de leve.
Sae apressado um servo e torna á sala em breve.

Conduz, ao estrondear dos mais blasphemos cantos,
do Templo do Senhor os vasos sacrosantos.

Por infligir a Deus sacrilego desdouro,
de espumeo vinho el-rei trasborda um vaso de ouro.

Nos estos do furor, que a mente vã lhe abraza,
nas frouxas mãos o eleva e d'um só trago o vasa.

«De Babylonia o rei te affronta e desafia.
Castiga-lhe os desdens, ó Jehovah!» E ria.

Apenas foi porém a atroz blasphemia dita,
indomito pavor o régio peito agita.

Cessaram por encanto as joviaes risadas.
Mudez funerea inunda as fulgidas arcadas.

E a mysteriosa mão d'um sèr ignoto — Vede! —
a meio do festim se acerca da parede.

No lagedo mural, que subito esplendece,
letras de estranha fórma escreve, — e desparece.

Observa-o el-rei do solio em tremula anciedade:
a lividez da morte o rosto audaz lhe invade.

A turba cortezã, fria de medo, treme.
Paira em tudo o terror. Nenhum murmurio freme.

Dos magos o saber mais fundo e mais certeiro
não logra interpretar o mystico letreiro.

Mas n'essa horrenda noite impavida estrangula
no leito a Balthazar a cortezã matula.

OS TROVADORES

Á liça o trovador, que amor convida,
descende sem receio.
Que feros golpes! Que bizarra lida!
Que singular torneio!

A phantasia, que na lida o anima,
é seu veloz corcel.
Brande, por lança e espada, metro e rima;
tem na arte o seu broquel.

Assistem dos balcões em torno á liça
mil damas debruçadas;
mas entre ellas não trazes, ó Justiça,
coroas enlaçadas.

E rijo e forte e fero, quando extremos
exerce, o audaz campeão.
Nós, pobres trovadores, sempre havemos
lanhado o coração.

E quem de nós do peito mais derrama
o sangue de seus hymnos,
é esse o vencedor, que um riso acclama
em labios femininos.

A CANÇÃO DO ARREPENDIDO

Larga Ulrique ao murzello a frouxa redea.
Da folhagem,
que festival murmura,
ridente o espreita feminil imagem
de esbelto porte e gaia formosura.

E o cavalleiro, ao vêl-a, diz: Conheço-te,
seductora;
o matto em vão te occulta;
contemplo-te no anciar da turba-multa,
na mudez te contemplo, esbelta e loura.

Lembram duas rosinhas os teus labios
purpurinos;
mil phrases todavia
resvalam de seus cantos pequeninos
eivados de amarissima ironia.

Por isso a bôca tão gentil semelha-se
rosea mouta,
onde subtis serpentes,
no sibilar dos aguçados dentes,
babam tambem peçonha a gotta e gotta.

Na branca face aberta cova, em extasis
mudo vejo:
em tão gentil covinha,
paz, conforto, alegria, amor, desejo,
ha muito sepultei, por vida minha!

Na soberba cabeça a mais esplendida
trança ondeia,
que em vão, em vão evito:
ha muito me traz preso o cão maldito
aos óleos de ouro e luz de tal cadeia.

O olhar tranquillo, como lago limpido,
manso e liso,
no seu fulgir eterno,
julguei que era o portal do paraiso
e era a porta afinal do horrendo inferno...

O moço Ulrique á redea solta lança-se.
Na folhagem,
que em soluçar persiste,
livida, muda, macerada, triste,
adeja, paira mais aérea imagem.

E o cavalleiro diz: «Teu filho!... Amaste-me,
ó senhora,
de amor que eterno estua;
a minha vida, estulta e peccadora,
tornou mais curta e amargurada a tua.

Podesse aos olhos enxugar-te as lagrimas
o ardor vivo
d'um vivo sentimento!
tingir-te o rosto magro e macilento,
co'o sangue todo, o coração prantivo!»

Não pára nunca o moço Ulrique; os pincaros,
finda a sesta,
negrejam na montanha;
e o vento, soluçando na floresta,
tem vozes cheias de tristeza estranha!

Sente o moço pelo ar repercutindo-se
os seus gritos;
das moitas convisinhas
vão em bando as dispertas avesinhas
chilrando em gaiatissimos atitos:

«Canta Ulrique um descante graciosissimo,
o descante
do grande arrependido;
quando elle o terminar, no mesmo instante,
o haveis de ouvir de novo, — e repetido.»

PSYCHE

Nas mãos a lampada, em chamma
viva o peito que palpita,
Psyche se abeira da cama,
onde o seu pastor dormita.

Ao vêr-lhe a belleza, incerta,
córa, treme, abraza, esfria...
Mas o deus desnudo esperta,
e, ao vêr-se visto, fugia.

Por mais de mil e oitocentos
annos, tem Psyche soffrido
cilicios, jejuns, tormentos,
por ter visto amor despido.

CHILDE HAROLD

Negra barca de crepes funerarios
deslisa em voga surda á tona da agua.
Ao feretro que leva, assistem varios
moços curvados em silencio e magoa.

No Poeta finado a paz reveste
o rosto descoberto, que inda fita
o inerte olhar d'um fundo azul celeste
no fundo azul da abobada infinita.

Do immenso abysmo, triste noiva, a ondina
solta um gemido que no espaço echôa.
E das ondas a espuma, branca e fina,
vem soluçando desfazer-se á prôa...

José de Sousa Monteiro.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

(Conclusão)

CAPITULO XIII

A GRANDE CAVERNA

Tres dias depois, ao escurecer, estavamos acampados n'um casebre desmantelado, em frente das *Tres Feiticeiras*, as tres montanhas que tantas vezes de longe avistáramos, desde a nossa chegada a Lú, e onde deviam jazer, segundo a tradição dos Kakuanas e o roteiro do velho D. José da Silveira, as minas das pedras que reluzem — as Minas de Salomão! Tinhamos partido de Lú doze dias antes, acompanhados por Infandos, por Fulata (que não deixára mais o «seu doente», o bom John), por Gagula que vinha n'uma liteira, e por uma forte escolta de serviçaes e soldados. E foi só no dia seguinte, ao amanhecer, que examinamos aquelle estranho sitio, tão cheio de terror para os Kakuanas e para nós de maravilhosas promessas.

Nunca eu esquecerei o momento em que, sahindo a porta das cubatas, na primeira e fresca luz da manhã, vimos os tres montes isolados, em triangulo, um á nossa direita, outro á nossa

[1] Continuado da pag. 671, do numero de maio.

esquerda, o terceiro ao fundo, em face de nós, erguendo magnificamente ao céo os seus cimos resplandecentes de neve. Um tojo em flôr, d'um escarlate ardente, cobria as poderosas faldas dos tres montes — e seguia ainda, como um tapete igual e continuo, pelos grandes descampados que os cercavam. A fita branca da estrada de Salomão cortava a direito até á *Feiticeira* central, a que formava a ponta do triangulo, onde findava brusca e mysteriosamente. Ahi, junto d'esse monte, estavam as fabulosas minas, que tinham sido o fim de tantos miseros destinos, o do velho fidalgo portuguez, o do seu descendente, e decerto o d'aquelle que nós vinhamos procurando desde o sul e por quem correramos tanto perigo e tanta aventura! Todo o que buscar essas minas fabulosas (dizia Gagula) encontrará desillusão e desastre. Seria essa a nossa sorte? Nós chegavamos sob a protecção do rei, cercados de serviçaes e de guardas... E apesar d'isso sentiamos pesar-nos sobre o coração, tristemente, a prophecia da horrenda mulher.

No entanto, quando nos puzemos a caminho, era tão viva a anciedade de chegar e de vêr, que os carregadores da liteira de Gagula mal podiam acompanhar a nossa carreira. A cada instante a velha bruxa gritava, estendendo para nós, por entre os pannos da liteira, os braços descarnados, as mãos em garra:

— Não vos apresseis, homens brancos! A morte está á vossa espera e não foge! Para que vos esfalfar, correndo para ella? Certa e segura a tendes!

Dava então uma risadinha que nos arripiava. Insensivelmente abrandavamos o passo... Depois bem cedo o estugavamos de novo sob o impulso irresistivel da curiosidade e da esperança!

Gastáramos assim hora e meia, trilhando a estrada de Salomão, e tendo já deixado á nossa direita e á nossa esquerda as duas *Feiticeiras* que formam a base do triangulo — quando chegamos junto d'uma immensa cova circular, em funil, offerecendo talvez trezentos pés de profundidade e meia milha de circumferencia. Entre a herva e tojo, que interiormente a forravam, surgiam grandes pedaços de greda azulada: quasi ao fun-

do corria um canal para agua, talhado na rocha viva; e abaixo do nivel d'essa obra estavam alinhadas umas poucas de mezas de pedra, polidas e gastas pelo tempo. A cova, as mezas, a disposição do canal, a natureza da greda azulada, tudo era semelhante ao que eu muitas vezes vira no sul, nas minas de diamantes de Kimberley. Assim o disse aos amigos: — e para mim ficou certo que alli houvera em tempos, fossem nos de Salomão, fossem n'outros mais recentes, uma mina de diamantes.

A estrada, ao abeirar-se da cova, dividia-se em dois ramos que a circumdavam; e a espaços, esta via circular era feita de enormes lages de pedra, com o fim certamente, de solidificar as bordas da mina, e impedir que se esboroassem. Mas o que mais nos surprehendia era, do outro lado da vasta cova, um grupo de tres objectos, que se destacavam como tres pequenas torres ou tres marcos colossaes. A curiosidade quasi nos fez correr, deixando atraz Gagula e Infandos: e bem depressa percebemos que o grupo era formado por tres immensas estatuas. Conjecturamos logo que deviam ser os *Silenciosos*, esses idolos, tão temidos pelos Kakuanas, e a quem offereciam os sacrificios sangrentos. Mas só ao chegar junto d'elles podemos apreciar a estranha e terrivel magestade d'essas vetustas figuras.

Separadas por uma distancia de vinte passos, erguidas sobre immensos pedestaes de pedra negra onde corriam caracteres desconhecidos, e olhando a direito para a estrada de Salomão que através de sessenta milhas de planicie seguia até Lú — enchiam um grande espaço as tres gigantescas formas, duas de homem, uma de mulher, todas tres sentadas, medindo talvez cada uma a altura de vinte pés.

A figura de mulher, toda nua, com dois cornos, como os de um crescente de lua, sobre a testa, era de uma maravilhosa belleza — infelizmente estragada pelas injurias do tempo durante longos seculos. As duas figuras de homem, talvez por estarem vestidas em longas roupagens, pareciam mais bem conservadas. Um d'elles tinha uma face medonha, feita para inspi-

rar terror, como a de um demonio malefico; mas a do outro parecia talvez mais assustadora ainda, na sua fria expressão de dura indifferença, de uma indifferença de rocha, que nenhuma prece póde abrandar, ou nenhum soffrimento apiedar. Todos tres juntos formavam na realidade uma Trindade pavorosa, assim sentados, immoveis, com os olhos vaga e perpetuamente estendidos para a planicie sem fim. Que imagens seriam estas? Deuses? Demonios? Reis de povos cujo nome esqueceu? Eu por mim, das minhas reminiscencias da Biblia, colligia que deviam ser talvez os falsos Deuses que adorou Salomão — «Asthoreth deusa dos Sidonios, Chemosh deus dos Moabitas, e Milcolm deus dos filhos de Amnon.» Assim diz o Livro Santo.

— Que lhe parece, Barão?

— Talvez, concordou o nosso amigo que recebera grau em Litteraturas classicas. A Asthoreth, de que fallam os Hebreus, é a Astarté dos Phenicios, os grandes commerciantes do tempo de Salomão. De Astarté fizeram os Gregos a sua Aphrodite, que se representava com o crescente da meia lua na cabeça... Se Salomão tinha aqui as suas minas, era natural que fossem dirigidas por engenheiros phenicios. De sorte que provavelmente esses homens ergueram, como padroeira da mina, a estatua da sua Deusa. Quem póde saber?

Quando estavamos assim contemplando estas extraordinarias reliquias de uma remota antiguidade, Infandos, que caminhára sem se apressar, chegou junto de nós, e saudou reverentemente com a lança os *Silenciosos*. Vinha saber se queriamos penetrar immediatamente na caverna, ou tomar primeiro a refeição da manhã. Como não eram ainda onze horas, e a nossa curiosidade flammejava, decidimos desvendar logo os mysterios, levando comnosco provisões para se lá dentro a fome excitada pelas emoções nos assaltasse. Infandos fez então signal aos carregadores para que se acercassem com a liteira de Gagula; e Fulata preparou dentro de um cesto, para levarmos, uma porção de caça fria e duas cabaças de agua. Nós entanto deramos uma volta em torno ás tres figuras de pedra. Por traz d'ellas, a uns cincoenta passos, erguia-se aquella das *Feiticeiras*

que formava o bico do triangulo: na sua base, como incrustada n'ella, corria uma muralha de pedra: e ahi, ao centro, podiamos distinguir um arco escuro, como a entrada de uma galeria subterranea. Esperamos que os carregadores tirassem Gagula da liteira. Apenas no chão, a horrenda creatura agarrou o cajado, e dobrada em duas, com passos tremulos e vivos, largou em silencio para o arco escuro. Nós seguimos, calados tambem.

Á entrada, o monstro parou, voltado para nós, com um riso livido na caveira.

— Homens das estrellas, estaes decididos? Quereis realmente penetrar na cova onde as pedras reluzem?

— Estamos promptos, Gagula, disse eu, alegremente.

— Bem, bem! Entrai! E pedi força aos corações para affrontar as coisas que ides vêr! E tu, Infandos, que trahiste teu amo, vens tu tambem?

O velho guerreiro franziu terrivelmente o sobr'olho:

— Não me compete a mim entrar nos sitios sagrados. Mas tu, Gagula, tem cautela, e treme! Os homens que vão comtigo são os amigos do Rei! Por elles me respondes tu. E se tanto como a perda de um só cabello lhes succeder em mal, nem todos os teus feitiços te livrarão de morrer em tormentos. Comprehendeste?

— Comprehendi, comprehendi, Infandos! ganiu ella, com um risinho gelado e lento. Não receies! Eu vivo só para fazer a vontade do Rei. Tenho feito a vontade de muitos reis, em muitas gerações! E os reis findaram sempre por cumprir a minha vontade! Todos passaram, todos morreram... E eu aqui estou, para os ir visitar agora no palacio da morte, e para lhes fallar dos tempos que foram! Vinde, vinde! A lampada está accesa!

Tinha tirado debaixo do manto de pelles que a cobria uma cabaça cheia de oleo com uma grossa torcida de vime: — e a luz que ella aproximou do arco negro pareceu desmaiar e tremer.

— Vens tu tambem, Fulata? exclamou John, volvendo os olhos em redor, inquieto.

— Tenho medo, meu senhor, murmurou a rapariga.

— Bem. Então dá cá o cesto!

— Não, meu senhor, para onde fordes, vou eu tambem!

— Bem! pensei eu commigo, ahi levamos tambem o trambolho da rapariga para dentro da mina!

No entanto Gagula mergulhára na galeria, que dava apenas logar para dois caminharem de frente. As trevas eram absolutas. Azas de morcegos batiam-nos nas faces. E seguiamos menos a luz bruxuleante da lampada, que a voz de Gagula, que repetia n'um tom lugubre:

— Avançai, avançai! A morte está perto!

De repente distinguimos uma vaga claridade. E momentos depois paravamos no mais maravilhoso sitio que olhos humanos têm contemplado.

A nada o posso comparar melhor do que ao interior de uma immensa cathedral, uma cathedral de sonho ou de lenda, sem janellas, allumiada por uma luz diffusa e mysteriosa que parecia cahir das alturas da abobada. Ao comprido d'esta vasta nave, como na nave d'um verdadeiro templo, corriam renques de gigantescas columnas, d'uma côr algida de gêlo e de magnifica belleza. Alguns d'estes nobres pilares estavam, por assim dizer, interrompidos no meio — um pedaço erguendo-se do sólo, como a columna quebrada de uma ruina grega, outro pedaço pendente da remota abobada. Aos lados da nave abriam-se, com dimensões diversas, cavernas á semelhança de capellas, tendo tambem as suas filas de columnas, algumas tão pequeninas e finas como feitas para um brinquedo de creança. Aqui e além havia construcções estranhas, da mesma substancia algida que parecia gêlo — uma da fórma de uma vasta taça, outra offerecendo a vaga apparencia d'um pulpito com lavores pendentes. Um ar de indescriptivel frescura circulava dentro da vasta nave: — e por toda a parte sentiamos, na penumbra, o ruido lento de gottas de agua cahindo.

Não tardamos em perceber que estavamos simplesmente n'uma caverna de stalactites, de inigualavel belleza. Cada uma d'aquellas gottas de agua, que cahia, com um som humido e

triste, era mais uma columna que se estava formando. Ha quantos seculos andava a Natureza trabalhando n'aquella obra maravilhosa? Sobre uma das columnas incompletas notei eu uma rude inscripção entalhada decerto por algum obreiro phenicio das minas, que alli escrevera o seu nome, ou talvez alguma facecia phenicia. Pois, desde esse dia, em tres mil annos pelo menos, a columna apenas crescera para cima da inscripção uns tres pés e meio. E ainda estava em via de formação, porque eu distinctamente senti, emquanto a examinava, cahir sobre ella, das profundidades da abobada, uma lenta gotta de agua! Quantos centos de milhares de annos levaram pois a crescer, a formar-se, assim largas, massiças, altas como torres, as columnas innumeraveis que se enfileiravam na nave? Nunca, como alli, eu comprehendi a espantosa velhice da Terra.

Gagula porém não nos deixou muito tempo n'esta curiosa contemplação. Inquieta, batendo o chão com o cajado, a lampada erguida sobre a cabeça, a cada instante nos apressava, com ganidos sinistros.

— Vamos, vamos, que a Morte está á nossa espera!

O capitão John ainda tentava gracejar com a atroz creatura. Mas quando ella nos conduzia ao fundo da nave, diante d'uma pequena porta semelhante ás dos templos egypcios, e nos perguntou se estavamos bem preparados a entrar a morada da Morte — todos estacamos, inquietos, mudos, sem ousar o primeiro passo.

— Isto está-se tornando sinistro, murmurou o Barão. Os mais velhos adiante. Passe lá, Quartelmar!

Entrei a porta egypcia e achei-me n'um corredor inclinado, todo de abobada, horrivelmente negro. A lampada de Gagula esmorecia. O bater do seu cajado dava um echo lugubre. E a meu pezar parei, dominado por um presentimento de desastre e de morte.

— Para diante! para diante! murmurou John, que trazia Fulata agarrada pela mão.

Com um esforço desesperado venci o receio, alarguei o passo. E, quasi collados uns aos outros, desembocamos n'uma

sala subterranea, evidentemente excavada outr'ora por poderosos obreiros no interior da montanha.

Esta sala não tinha uma luz tão clara como a cathedral de stalactites; e tudo o que eu pude descobrir a principio foi uma enorme e massiça meza de pedra, tendo no topo uma collossal figura, que parecia presidir outras figuras abancadas em torno. Depois, sobre a meza, no centro, distingui uma fórma encruzada. E quando emfim, acostumado á penumbra, percebi o que eram aquellas formas, voltei costas, e largaria a fugir como uma lebre — se o Barão não me agarrasse pelo braço fortemente. Cedi, tremendo todo. Mas a esse tempo o Barão tambem se habituára á luz diffusa, comprehendera tambem, e largando-me o braço, com uma exclamação, ficou a meu lado, quedo, arripiado, limpando o suor que lhe cobrira a testa. A pobre Fulata, essa, dava gritos, agarrada ao pescoço de John. E Gagula triumphava, com sinistra zombaria.

O que tinhamos, com effeito, ante os olhos apavorados, era terrivel. Alli, no topo da longa meza de pedra estava a *Morte* — a propria *Morte*, um medonho e gigantesco esqueleto, de pé, todo debruçado para diante, com um dos braços apoiado ao rebordo da pedra como se acabasse de se erguer do seu assento, e com o outro levantando no ar uma enorme lança, que parecia arremessar sobre nós; o craneo da caveira alvejava lugubremente; das covas das orbitas sahia um fulgor negro: e as maxillas estavam entreabertas, como se fosse fallar, e desvendar o seu segredo.

— Santo Deus! murmurei eu, transido. Que póde isto ser?

— E estas figuras, em redor? balbuciava John.

— E além, aquella coisa, no meio? exclamou o Barão apontando para a inexplicavel figura encruzada sobre a meza.

Então Gagula poisou a lampada e agarrando o braço do Barão, com o dedo estendido para a fórma encruzada:

— Avança, Incubú, homem forte na guerra! Avança, e contempla aquelle que tu mataste e que está agora junto aos seus avós!

O Barão deu um passo, e recuou abafando um grito. Sobre

a meza, inteiramente nú, com as pernas encruzadas, e a cabeça que o Barão cortára poisada em cima dos joelhos, estava Tuala, ultimo rei dos Kakuanas!... Sim, Tuala, sustentando solemnemente sobre os joelhos a sua hedionda cabeça decepada, e com as vertebras a sahirem-lhe para fóra do pescoço encolhido e como resequido! Sobre todo o corpo negro tinha já uma especie de pellicula gelatinosa e vidrada, que o tornava mais pavoroso, e cuja natureza eu não podia comprehender — até que senti, *tic*, *tic*, *tic*, um fio de gottas de agua, que, cahindo da abobada, lhe escorria pelo pescoço, e d'alli pelo corpo, para se escoar depois por um buraco cavado na meza. Então percebi tudo — *O corpo de Tuala estava sendo convertido n'uma stalactite!*

E as outras figuras sentadas em torno da meza eram igualmente reis dos Kakuanas, já transformados em *stalactites!* Havia trinta e sete — sendo o ultimo o pai de Ignosi. É esta, desde tempos immemoraveis, a maneira por que os Kakuanas conservam os seus reis mortos. Petrificam-nos, expondo-os, durante um longo periodo de annos, a uma queda de agua siliciosa que, lentamente e gotta a gotta, os transforma em estatuas geladas. Estavamos assim diante do mais maravilhoso e exotico Pantheon Real que existe decerto na terra. E nada póde igualar a terrifica impressão que causava aquella série de reis, pertencendo a muitas dynastias, amortalhados n'uma camada de gelo que mal lhe deixava já distinguir as feições, alli sentados, á volta da immensa meza, em espectral e pavoroso concilio, presididos pela Morte!

E a Morte, o maravilhoso esqueleto, quem o esculpira? Não decerto os Kakuanas. A sua composição, o seu trabalho revelavam uma arte perfeita. Era obra dos artistas phenicios? Fôra collocada alli em tempo de Salomão, para guardar, pelo terror da sua lança, a entrada dos Thesouros? Não sei. Nem sei mesmo contar, com verdade, as estranhas sensações por que passei n'aquella camara sinistra.

CAPITULO XIV

O THESOURO DE SALOMÃO

No entanto Gagula (que era por vezes extremamente leve e agil) trepára para cima da meza e acercára-se do cadaver de Tuala, a quem pareceu fallar mysteriosamente; depois seguiu por entre as filas dos reis, dirigindo, ora a um ora a outro, como a velhos amigos, palavras lentas e graves que não comprehendiamos. Por fim, tendo chegado em frente da *Morte*, cahiu de bruços, com os braços estendidos, e ficou como mergulhada em oração.

Era um espectaculo tão arripiador, n'aquella penumbra de sepulchro, a hedionda creatura, mais velha que todas as creaturas, fazendo supplicas ao enorme esqueleto — que eu, já enervado, lhe gritei que viesse, nos levasse ao logar dos thesouros.

Immediatamente, a horrivel bruxa saltou da meza, como um gato, e passando por traz das costas da *Morte*, ergueu a lampada, mostrou a parede de rocha:

— Entrai, homens brancos, entrai, se não tendes medo!

Olhamos, procurando a entrada. Só vimos a rocha solida e negra.

— Gagula, disse eu com os dentes cerrados, não zombes de nós que te mato!

— Mas a porta é aqui, homens brancos, a porta é aqui! gania ella, com as costas apoiadas á muralha, onde roçava de leve uma das suas mãos descarnadas.

E então, á luz bruxuleante da lampada, vimos que um bocado da muralha, do feitio e tamanho d'uma porta, se ia erguendo lentamente do sólo, e desapparecendo em cima na rocha, onde devia existir uma cavidade para a receber. Não pesava menos aquella massa de pedra de vinte a trinta toneladas — e era certamente movida por algum machinismo, fundado n'um equilibrio de peso, que uma móla, collocada n'um logar secreto da muralha, punha em movimento. Nem nos lembrou. n'esse

momento, arrancar a Gagula o segredo da móla, que erguia a pedra! Pasmados, viamos a immensa massa subir, devagar, muito devagar, até que desappareceu, deixando diante de nós um grande buraco negro.

Estava emfim, aberto, para nós n'elle penetrarmos, o caminho que levava aos thesouros de Salomão. A emoção foi tão intensa, que eu, por mim, comecei a tremer. Era pois verdade o que dizia, no seu pedaço de papel, o velho D. José da Silveira? Estavam pois ao nosso alcance, destinadas a nós, as maiores riquezas que jámais um rei accumulou na terra? Poderiamos nós vêr, tocar, agarrar, e levar em sacos, o thesouro que fôra de Salomão, maravilha dos Livros santos? Assim parecia — e para isso bastava dar um passo.

Dei esse passo — e com explicavel sofreguidão. Mas Gagula defendia ainda com os braços o buraco negro:

— Escutai, homens das estrellas! Escutai o que é necessario saber! As pedras que brilham, que vós ides vêr, foram tiradas da cova circular não sei por quem, e guardadas aqui não sei por quem. A gente que, de geração em geração, tem vivido n'esta terra, sabia da existencia do thesouro, mas ninguem conhecia o segredo para abrir a porta de pedra! Por fim aconteceu vir aqui um homem branco, talvez tambem das estrellas, que foi bem recebido e bem agasalhado pelo rei d'então, que era o quinto, além, sentado á meza de pedra. Com elle vinha uma rapariga Kakuana; ambos percorreram estas cavernas; e succedeu que por acaso essa mulher, que talvez fosse eu ou que talvez fosse outra como eu, descobriu o segredo da porta. O homem e a mulher entraram, e encheram de pedras um saco pequeno de couro onde ella levava de comer. Ao sahirem, o homem agarrou na mão outra pedra, maior que todas...

E aqui a bruxa parou com os olhos coruscantes cravados em nós.

— Continua! exclamei eu, que escutára sem respirar. O homem era D. José da Silveira. Que se passou mais?...

A velha feiticeira recuou espantada.

— Como lhe sabeis o nome? Ah! sabes-lhe o nome!... Pois bem, ninguem póde dizer o que succedeu. Mas o homem teve medo de repente, atirou para o chão o saco cheio de pedras, e fugiu, levando só agarrada a pedra maior que tinha na mão. É a que Tuala trazia no diadema. É a que tu déste a Ignosi!

— E ninguem mais entrou aqui?

— Ninguem. Mas os reis ficaram sabendo o segredo da porta... Nenhum porém entrou, porque dizem prophecias já muito antigas que aquelle que aqui entrar morrerá antes d'uma lua nova. Esta é a verdade, homens das estrellas. Entrai agora! Se eu não menti a respeito do homem que se chamava Silveira, vós encontrareis no chão, á entrada da porta, cahido, o saco de couro cheio de pedras... E se as prophecias mentem ou não sobre a morte que espera a quem aqui penetrar, vós mais tarde o sabereis...

E sem mais, a hedionda creatura mergulhou no corredor tenebroso, erguendo ao alto, a pallida lampada. Nós, no entanto, olhavamos uns para os outros com hesitação, quasi com medo — bem natural de resto em nervos abalados por tantas emoções estranhas. Foi John o mais corajoso:

— Acabou-se! Cá vou! Era ridiculo ficarmos apavorados com as tonterias d'uma velha macaca! Adiante!

E avançou seguido por Fulata e por nós dois, em silencio. Mas dados alguns passos ouvimos uma medonha praga. Era John que tropeçara, quasi cahiria por sobre um bloco de cantaria atravessado no corredor. Gagula erguera mais a lampada:

— Não receeis!... São pedras que a gente d'outr'ora tinha ahi accumulado para tapar o corredor para sempre... Mas fugiram, ao que parece, não tiveram tempo!

E com effeito havia alli como umas obras interrompidas — pedras serradas e esquadradas, um monte de cimento, e uma picareta e uma trolha, semelhantes ás que ainda hoje usam os pedreiros. Contemplei com reverencia estas antiquissimas ferramentas. No entanto Fulata, que desde a nossa entrada na caverna não cessára de tremer de medo, sentou-se sobre uma pe-

dra, e declarou que desmaiava, não podia mais caminhar... Alli a deixámos, com o cesto de provisões ao lado, até que ella ganhasse alento. E seguimos.

Uns quinze passos adiante, demos de repente com uma porta de pau, curiosamente pintada a côres, e toda aberta para traz. E no limiar da porta, lá estava, cahido no chão — *um pequeno saco de couro que parecia cheio de seixos!*

— Então, brancos, que vos disse eu? ganiu Gagula em triumpho, brandindo a lampada. Olhai bem! Ahi tendes o saco que o homem deixou cahir! Ahi está ainda, desde gerações! Que vos disse eu?

John ergueu o saco. Era pesado e tinia.

— Santo Deus! Está cheio de brilhantes! balbuciou elle quasi com medo.

E com effeito, meus amigos! A idéa d'um saco de couro repleto de diamantes — é de causar medo!

— Para diante, para diante! exclamou o Barão, com subita impaciencia. Dá cá tu a lampada, bruxa!

Arrancou a luz das mãos de Gagula. E de tropel com elle, sem sequer pensar mais no saco que John atirára outra vez para o chão, transpozemos a porta. Estavamos dentro do thesouro de Salomão.

Durante um momento olhámos vagamente em redor, n'um silencio apavorado. Á luz debil e mortiça da lampada só percebemos, ao principio, que o quarto ou camara era excavado na rocha viva. Depois a um dos lados vimos distinctamente alvejar, sobrepostos em camadas até á abobada, uma porção immensa de dentes de elephante, de inigualavel riqueza. Haveria talvez uns quinhentos ou seiscentos dentes. Só aquelle marfim nos poderia tornar a todos ricos para sempre. Era d'esse espantoso deposito que Salomão fizera talvez o «grande throno de marfim», de que fallam os livros santos! Toquei um dente de leve, depois outro, com veneração, como reliquias sagradas! E o suor cahia-me em bagas.

— Alli estão os diamantes, gritou John. Trazei a luz!

Corremos para o recanto que elle indicava. E a lampada

que o Barão baixára mostrou umas dez ou doze caixas de madeira, estreitas e muito compridas, pintadas de escarlate. A tampa d'uma, tão antiga que mesmo n'aquelle ar sêcco de caverna tinha apodrecido, apresentava vestigios d'arrombamento. Pelo menos no meio havia um buraco. Enterrei a mão através, e tirei-a cheia, não de diamantes, mas de moedas de ouro, como nós nunca viramos, com letras hebraicas (ou que julgamos hebraicas) e palmeiras e torres em relevo no cunho.

— Justos céos! murmurei suffocado. Aqui devem estar milhões! Isto nem se acredita!... Naturalmente era o dinheiro para pagar as ferias aos mineiros... Estaremos nós a sonhar?

— Mas os diamantes, exclamava John, percorrendo sofregamente o quarto. Onde estão por fim os diamantes? Só se o portuguez os metteu todos no saco!

Gagula decerto comprehendeu os nossos olhares, que buscavam avidamente:

— Além, além, onde é mais escuro! Lá estão os tres cofres de pedra, dois sellados, um aberto!

A sua aguda voz tomára um som cavo e sinistro. Mas quê! Onde ia agora, diante de tão inverosimeis riquezas, o medo das prophecias mortaes? Era além, no recanto escuro? Para lá corremos, sondando com a lampada.

— Aqui, rapazes, gritou John, na maior excitação. Aqui. Oh meu Deus! São tres arcas de pedra!

E eram! Eram tres arcas de pedra que nos davam pela cintura, occupando os tres lados d'uma especie de alcova tenebrosa. Duas estavam fechadas com immensas tampas de pedra. A tampa da terceira estava encostada á muralha. Baixamos a lampada para dentro. Não pudemos distinguir nada ao principio, deslumbrados por uma vaga refracção prateada que faiscava e tremia. Quando os olhos se habituaram áquelle brilho estranho, vimos que a arca immensa estava cheia até ao meio de diamantes brutos! Mergulhei as mãos n'elles. Com effeito! Eram diamantes. Uma arca cheia de diamantes! Não havia duvida! Bem lhes sentia eu entre os dedos aquelle macio especial

que em Kimberley, nas minas, chamam *sabonaceo!* Era uma arca cheia de diamantes!

Ficamos, mudos, olhando uns para os outros. Á frouxa luz da lampada eu via as faces dos meus amigos perfeitamente lividas. E não havia em nós nenhuma alegria. Era um torpôr, como se a alma nos ficasse bruscamente esmagada, sob a fabulosa infinidade d'aquella riqueza.

Eu murmurei com um suspiro de creança:

— Somos os homens mais ricos d'este mundo!

John passava os dedos pelo queixo, n'uma distracção quasi melancolica:

— Eu sei lá!... Os diamantes agora perdem de valor; ficam como vidro!

— E transportal-os? e transportal-os? dizia o Barão, abanando a cabeça.

De repente sentimos por traz uma risada que nos estarreceu. Era Gagula. Gagula que ia, vinha, ás voltas, na sala escura, como um morcego, de braço estendido para nós:

— Hi! Hi! Hi! Ahi está satisfeito o desejo vil dos vossos corações, homens das estrellas! Hi! Hi! Hi! Quantas pedras brancas! Milhares d'ellas! E todas vossas! Agarrai n'ellas! Rolai por cima d'ellas! Hi! Hi! Hi! *Comei* as pedras! Hi! Hi! Hi! *Bebei* as pedras!

Havia alguma coisa de tão grotesco n'aquella idéa de beber diamantes, e comer diamantes, que larguei a rir estridentemente, desbragadamente. E por contagio, os meus companheiros desataram tambem a rir, a rir, ás gargalhadas. E alli ficamos todos, de mãos nas ilhargas, perdidos a rir, a rir, a rir! Riamos de quê? Nem sei. Riamos dos diamantes — d'aquelles diamantes que, milhares de annos antes, os mineiros de Salomão tinham escavado para *nós*, que os agentes de Salomão tinham armazenado para *nós*... Pertenciam a Salomão... Mas onde ia Salomão? Eram *nossos* agora, os seus diamantes! Não tinham sido para Salomão, nem para David, seu pae, nem para nenhum rei de Judá! Não tinham sido para o atrevido e velho fidalgo portuguez, nem para nenhum dos portuguezes que vi-

nham singrando de leste em caravelas armadas! Tinham sido para *nós!* Só para *nós!* Para nós aquelles milhões e milhões de libras, que, n'este seculo, em que o dinheiro tudo domina, nos tornavam tão poderosos como outr'ora Salomão. De facto eramos *Salomões!*

De repente o accesso de riso findou. E ficamos a olhar uns para os outros, estupidamente.

— Abri as outras arcas! gania no entanto Gagula. Estão tambem cheias! Todas as pedras são vossas! Fartai-vos, fartai-vos!

Em silencio, com uma sofreguidão brutal, arremessamo-nos sobre as outras arcas, quebrando os sellos, empuxando as tampas, n'um desesperado esforço! Hurrah! Cheias tambem! Cheias até cima!... Não, a terceira estava quasi vasia. Mas todas as pedras que continha eram escolhidas, d'um peso, d'um tamanho inacreditaveis. Ilavia-as como ovos pequenos. As maiores todavia, postas contra a luz, apresentavam um vago tom amarello. Eram «diamantes de côr», como elles dizem em Kimberley, nas minas.

Tinha eu um d'estes na mão, enorme, quando de repente ouvimos gritos afflictos do lado do corredor. Era a voz de Fulata:

— *Acudam! Acudam! Que a porta de pedra está a cahir!*

Uma outra voz, desesperada, a de Gagula, rugia sinistramente:

— Larga-me, rapariga, larga-me!

— *Acudam! Acudam! Ai Gagula que me matou!*

Como contar o brusco, pavoroso lance? Corremos. Á luz frouxa da lampada vimos a porta de pedra descendo, e junto d'ella Gagula e Fulata enlaçadas n'uma lucta furiosa. De repente Fulata cáe, coberta de sangue. Gagula atira-se ao chão, para fugir como uma cobra através da fenda que havia ainda entre o chão e a porta. Mette a cabeça e os hombros!... Justos céos! Era tarde. A pedra immensa apanha-a, e a creatura uiva de agonia! A pedra desce, desce, com as suas trinta to-

neladas sobre o corpo já preso. Vem d'elle gritos e gritos, como eu jámais ouvira — até que ha um som horrivel de coisa *esborrachada*, e a porta immensa fica immovel, fechada, justamente quando nós, correndo sempre, esbarramos de roldão contra ella!

Isto durára quatro segundos — quatro seculos. Voltamos então para Fulata. A pobre rapariga tinha uma grande facada e estava a morrer.

— Ah Boguan! (era assim que os Kakuanas chamavam a John). Ah Boguan! exclamou, suffocada, a bella creatura. Gagula sahiu fóra. Eu não a vi, estava meia desmaiada. Então a porta começou a descer... Ella ainda entrou, foi olhar para vós... Depois tornava a sahir, quando eu a agarrei, e ella me deu uma facada, e agora morro!

— Pobre rapariga! Minha pobre rapariga! gritava John.

E como não podia fazer outra coisa, começou a dar-lhe beijos, longos beijos.

Ella sorria, arfando, com as palpebras cerradas. Depois:

— Macumazan, estás ahi?... Já mal vejo... Estás ahi?...

— Estou, Fulata. Que queres?

— Falla por mim, Macumazan. Dize a Boguan que não me comprehende bem. Dize-lhe que o amei sempre, desde o primeiro dia, que o amo... Mas que morro contente, porque elle não se podia prender a uma rapariga como eu... O sol não se casa com a noite.

Teve um suspiro. A sua mão errante procurava em redor.

— Macumazan, estás ahi? Dize-lhe que me aperte mais contra o peito, para eu sentir os seus braços. Assim, assim... Dize-lhe que um dia hei de tornar a vêl-o nas estrellas... Que hei de ir de estrella em estrella, á procura d'elle. Macumazan, dize-lhe ainda que o amo, dize-lhe ainda...

Os labios sorriam, sem fallar. Estava morta.

As lagrimas cahiam, quatro a quatro, pela face do meu pobre John.

— Morta! murmurava elle, agarrando ainda as mãos de Fulata. Já me não ouve! E não a tornar a vêr, não a tornar a vêr!

O Barão disse então, devagar, e n'uma estranha voz:

— Não tardará, amigo, que a tornes a vêr.

— Como assim?

— *Oh homens, pois não percebestes ainda que estamos enterrados vivos?*

Foi então, só então, que pela primeira vez comprehendi o indisivel horror do que nos succedia! Sim, com effeito! A enorme massa de pedra estava fechada. O unico sêr que lhe conhecia o segredo jazia esborrachado por ella, sob ella. Forçal-a, só se tivessemos alli massas de dynamite! Estava fechada para sempre! E nós alli fechados detraz d'ella!

Durante momentos ficamos mudos, com os cabellos em pé, junto do cadaver de Fulata. Toda a força de homens, a coragem de homens, fugia de nós bruscamente. Eramos sêres inertes. E comprehendiamos agora todo o plano monstruoso de Gagula — as suas ameaças, as suas ironias, o seu sinistro convite para *bebermos* e *comermos* diamantes. Sim, era o que tinhamos para beber e comer! Desde Lú, decerto, ella viera planeando a traição — e só nos trouxera á caverna, para nos deixar lá dentro, morrendo junto dos thesouros que appetecéramos!

— É necessario fazer alguma coisa, exclamou o Barão, n'uma voz rouca. Animo, rapazes! A lampada vai findar. Vejamos se, por um acaso, podemos achar o segredo, a móla que move a rocha.

Recobramos um momento de energia, e, escorregando no sangue da pobre Fulata, rompemos a apalpar anciosamente a porta e as paredes do corredor. Não achamos nada, em mais d'uma hora de desesperada busca, que nos esfolou as mãos.

— A móla, se tal móla ha, está do lado de fóra, disse eu. Foi por isso que Gagula sahiu, como disse Fulata. Depois, se voltou, é porque se queria certificar que estavamos bem entretidos com os diamantes... Malditos sejam elles, e maldita seja ella!

— De resto, lembrou o Barão, se a infame bruxa tentou fugir pela fenda é que sabia bem que pelo lado de dentro não

podia levantar a rocha. Não ha nada a fazer com a porta. Vamos vêr outra vez, na camara.

Levantamos então com respeito e cuidado o corpo da pobre Fulata, fomol-o collocar dentro, no chão, com os braços em cruz, junto das arcas de dinheiro. Depois vim buscar o cesto de provisões. E sentados junto dos cofres de pedra atulhados de riquezas que nos não podiam salvar, dividimos as provisões em doze pequenos lotes, que, a dois repastos por dia, nos poderiam sustentar a vida por dois dias. Além da caça fria e das carnes sêccas tinhamos duas cabaças d'agua.

— Bem, jantemos, disse o Barão, que é talvez o nosso penultimo jantar n'este mundo.

Pouco era o appetite, naturalmente. Mas havia horas que estavamos em jejum, e aquella parca comida, molhada com avaros goles d'agua, reconfortou-nos e deu-nos um vago alento de esperança. Começamos então a examinar systematicamente as paredes da nossa prisão, contando com a remota possibilidade de que existisse, além da porta da rocha, outra sahida. Esquadrinhamos todos os recantos, arredamos todas as arcas, batemos as muralhas, sondamos o sólo, exploramos a abobada. Ficamos exhaustos sem achar nada. A lampada espirrava e amortecia. Quasi todo o oleo estava chupado.

— Que horas são, Quartelmar? perguntou o Barão.

Tirei o relogio. Eram seis horas. Tinhamos entrado ás onze na caverna.

— Infandos ha de dar pela nossa falta, lembrei eu. Se nos não vir voltar esta noite, decerto nos vem procurar...

— E então? exclamou o Barão. De que serve? Infandos não conhece o segredo da porta, ninguem o conhecia senão Gagula. Ainda que conhecesse a porta, não a podia arrombar. Nem todo o exercito dos Kakuanas, com as suas azagaias, póde furar cinco pés de rocha viva. Ninguem nos póde salvar senão Deus!

Houve entre nós um longo, grave silencio. De repente a luz flammejou, mostrando, n'um relevo forte, todo o interior da camara, o grande monte dos marfins brancos, as arcas de di-

nheiro pintadas de vermelho, o corpo da pobre Fulata estirado diante d'ellas, o saco de couro cheio de diamantes, a vaga refracção que sahia dos cofres de pedra abertos, e as lividas faces de nós tres, alli sentados a um canto, á espera da morte. Depois a luz bruxuleou e morreu.

CAPITULO XV

NAS ENTRANHAS DA TERRA

Não me é possivel descrever com exactidão as agonias d'aquella noite. E ainda assim a divina Misericordia permittiu que dormissemos a espaços. Mas o brusco acordar, a cada instante, era pungente. Por mim, o que mais me torturava era o *silencio*. Um silencio tenebroso, tangivel, absoluto, — o silencio d'uma sepultura cavada nas profundidades rocheas do globo, e onde todas as artilherias trovando, e as trovoadas do céo estalando, não poderiam fazer chegar a menor vibração de som, fosse elle ao menos tão leve como um leve zumbir de mosca... E então, acordado, a monstruosa ironia da nossa situação ainda mais me acabrunhava. Em torno de nós jaziam riquezas incontaveis, bastantes para pagar as dividas de muitos estados, construir frotas de couraçados, erguer palacios todos feitos de ouro, saciar todas as fomes, satisfazer todas as imaginações... E de que nos serviam? Uma pouca de pedra bruta sem valor, mas que nós não podiamos quebrar com as nossas mãos, tornavam-n'as inuteis, tão sem valor como a propria pedra! Uma arca inteira de diamantes dariamos nós com infinito prazer por um pouco de pão, ou por outra cabaça d'agua. Mais! dariamos todas as arcas de diamantes pelo privilegio de morrer de repente, sem sentir, sem soffrer! Na verdade, o que é a riqueza? Sonho, estupida illusão!

— John, disse o Barão, do seu canto, n'um dos momentos em que eu assim pensava, quantos phosphoros te restam?

— Oito.

— Accende um, vê as horas.

A chamma quasi nos deslumbrou depois da intensa treva. Eram cinco horas no meu relogio. A alvorada estaria agora clareando as alturas da serra! A brisa espalharia o aroma do rosmaninho em flôr! Os soldados d'Infandós começariam agora a mexer-se nas suas mantas, junto das fogueiras apagadas — e as nascentes d'agua, junto d'elles, cantariam de rocha em rocha. De assim pensar, as lagrimas humedeceram-me os olhos.

— Era melhor comermos alguma coisa, suggeriu o Barão.

— Para que? exclamou John. Quanto mais depressa acabarmos com isto, melhor!

— Emquanto Deus permitte a vida, é que permitte a esperança! respondeu o Barão gravemente.

Repartimos uma pouca de carne sècca e d'agua. Emquanto comiamos, um de nós lembrou que nos avisinhassemos da porta, e gritassemos com toda a força, porque talvez Infandos, andando já na caverna á nossa procura, ouvisse o remoto som das nossas vozes. John, que, como marinheiro, tinha o habito de gritar, desceu o corredor ás apalpadellas, e começou a berrar furiosamente. Nunca decerto ouvi uivos iguaes: mas foram tão inefficazes como um murmurio de insecto. O resultado unico foi que John voltou com a garganta resequida, e teve de chupar um trago da pouca agua que restava. Gritar só nos fazia sède. Desistimos d'esse esforço inutil.

De sorte que nos agachamos de novo junto dos cofres cheios de diamantes, n'aquella horrivel inacção que era um dos nossos maiores tormentos. E eu então cedi ao desespero. Deixei cahir a cabeça no hombro do Barão, e desatei a chorar. Do outro lado o pobre John soluçava tambem.

Grande alma, e corajosa, e dôce, era a do Barão. Se nós fossemos duas creancinhas assustadas, e elle a nossa mãe, não nos teria animado e consolado com maior carinho. Esquecendo a sua propria sorte, fez tudo para nos serenar, contando casos de homens que se tinham encontrado em lances terrivelmente iguaes, e que milagrosamente tinham escapado. Depois levavanos a considerar que, no fim de tudo, nós estavamos simplesmen-

te chegando áquelle fim a que todos têm de chegar, que tudo em breve acabaria, e que a morte por inanição é suave (o que não é verdade). E emfim, com um modo differente, pedia-nos que nos abandonassemos á misericordia de Deus, e lhe rogassemos, na nossa miseria, um olhar dos seus olhos piedosos. Natureza adoravel, a d'este homem! Quanta serenidade, e quanta força! Eu por mim acolhia-me a elle como a um grande refugio. E por sua exhortação, rezei e serenei.

Assim passou o dia (se tal treva se póde chamar dia) até que accendi outro phosphoro, olhei o relogio. Eram sete horas! Pensamos então em comer.

E quando estavamos dividindo a carne sêcca, occorreu-me de repente uma idéa estranha:

— Porque é, disse eu, que o ar aqui se conserva tão fresco? É um pouco espesso, mas é fresco.

— Santo Deus! exclamou John erguendo-se com um pulo. Nunca pensei n'isso! Com effeito é fresco... Não póde vir de fóra pela porta de pedra, porque reparei perfeitamente que ella gira dentro de quelhas... Tem de vir de outro sitio. Se não houvesse uma corrente d'ar, deviamos ficar suffocados, quando aqui entramos hontem... Agora mesmo deviamo-nos sentir abafados. Evidentemente o ar é renovado. Vamos a vêr!

Ainda elle não findára, já nós andavamos, de gatas, ás apalpadellas, na escuridão, procurando sofregamente qualquer indicação de buraco ou fenda, por onde entrasse ar. Houve um momento em que pousei a mão no quer que fosse de gelado. Era a face da pobre Fulata, já rigida.

Durante uma hora ou mais, passamos assim apalpando todos os cantos, até que o Barão e eu desistimos, esfalfados, e todos pisados de ter constantemente batido com a cabeça nos muros, nos dentes de elephante, e nas esquinas das arcas. Mas John continuou, sem perder a esperança, declarando que «era melhor aquillo que pensar na morte, de braços cruzados».

De repente, teve uma exclamação:

— Oh rapazes! Aqui! vinde cá.

Com que precipitação corremos para o canto d'onde elle fallára!

— Quartelmar, ponha aqui a mão, onde está a minha. Ahi. Que sente?

— Parece-me que sinto um lio d'ar.

— Agora ouça!

Ergueu-se, e bateu com o pé no chão. Uma immensa esperança relampejou-nos n'alma. A lage *soava ôco*.

Com as mãos a tremer accendi um phosphoro. Estavamos n'um recanto, de que ainda não suspeitáramos — e aos nossos pés, na lage que pisavamos, e como encrustada n'ella, havia uma grossa argola de pedra. Não tivemos uma palavra, na immensa excitação que de nós se apoderou. John tinha uma navalha, com um d'esses ganchos que servem para extrahir pedras pequenas das ferraduras dos cavallos. Ajoelhou e começou a raspar com o gancho, em torno da argola. Raspou, raspou — até que conseguiu introduzir a ponta do gancho sob a argola, levantal-a pouco a pouco, pol-a a prumo. Depois deitou-lhe as mãos, e puxou desesperadamente. Nada se moveu.

— Deixai-me vêr a mim! exclamei com impaciencia.

Agarrei, pondo toda a minha força no puxão contínuo e intenso. Escalavrei as mãos. A pedra não se moveu. Depois foi o Barão. Sentiamol-o gemer. A pedra não se moveu.

De novo John se atirou de joelhos, e com o gancho da navalha raspou em redor a frincha por onde nós sentiamos como um debil halito de ar. Em seguida tirou um grosso lenço de sêda que lhe envolvia o pescoço, e passou-o na argola.

— Agora, Barão! Mãos ao lenço, e puxar até rebentar! Quartelmar, agarre o Barão pela cinta, e puxem ambos quando eu disser... Um, dois, *vá!*

Em silencio, com os dentes rilhados, puxámos, puxámos — até que eu sentia rangerem os ossos do Barão. Era elle que fazia o esforço maior, com os seus enormes braços de ferro. E foi elle que sentiu a pedra mexer...

— Agora! agora! Está cedendo! Mais! Ála, ála! Héh!

Um estalo, uma rajada brusca d'ar, e rolámos estatelados

no chão, com a pedra por cima de nós. Fôra a immensa força do Barão que fizera o prodigio. Que grande coisa, a força!

— Um phosphoro, Quartelmar! exclamou elle, erguendo-se ainda arquejante.

Accendi o phosphoro. E, louvado Deus! vimos diante de nós os primeiros degraus d'uma escada de pedra!

— E agora? perguntou John.

— Descer! E confiar em Deus!

— Esperai! gritou o Barão. Quartelmar, veja se apalpa e acha o resto da comida e da agua. Quem sabe onde iremos parar?

Achei logo as provisões, que estavam junto da arca de pedra, cheia de diamantes. E já enfiára o cesto no braço, quando pensei nos diamantes... Porque não? Quem sabe? Talvez por mercê divina, achassemos uma sahida! Não fazia mal nenhum, á cautela, metter um punhado de diamantes na algibeira!... Se chegassemos a sahir d'aquella horrivel cova, não teriam sido ao menos inuteis todas as nossas angustias. Um punhado de diamantes nada pesava! E ao acaso, mergulhei a mão na arca e comecei a encher todos os bolsos da minha rabona. Depois atulhei as algibeiras das pantalonas. Já abalava, quando voltei ainda, com uma idéa, á arca onde estavam as pedras mais graúdas. E encafuei uma enorme mão cheia d'elles para dentro da algibeira do peito. O contacto vivo d'aquellas riquezas fez-me pensar nos outros.

— Oh rapazes! Não quereis levar uns poucos de diamantes? Eu enchi as algibeiras.

— Diabos levem os diamantes, disse do canto o Barão, impaciente. Até me faz nauseas a idéa de diamantes! É marchar, é marchar!

Emquanto ao amigo John, esse nem respondeu. Creio que estava de joelhos, junto do corpo de Fulata, dando o ultimo adeus áquella que por elle morrera!

Quando nos achamos juntos do alçapão, já o Barão descera o primeiro degrau.

— Eu vou adiante, segui devagar.

— Cuidado, gritei eu! Póde haver por baixo algum medonho buraco. Vá tenteando... Mão encostada sempre á parede...

O Barão desceu contando os degraus. Quando chegára a «quinze» parou.

— É um corredor, gritou elle debaixo. Descei!

Quando chegamos ao fundo, accendi um dos dois phosphoros que nos restavam. Á luz que elle deu, vimos um pequeno espaço, onde se encontravam em angulo recto dois tunneis muito estreitos. O phosphoro morreu, queimando-me os dedos. E ficámos n'uma horrivel hesitação! Qual dos tunneis seguir? John então lembrou-se que a chamma do phosphoro se inclinára para a banda do tunnel da esquerda. Portanto o ar vinha pelo tunnel da direita. Era por esse que deviamos caminhar, demandando o lado do ar.

Aceitámos a idéa. E apalpando sempre a parede, não arriscando um passo sem tentear o sólo, seguimos n'esta nova e incerta aventura. Ao fim d'um quarto de hora de marcha lenta, esbarrámos n'um muro. Era outro tunnel transversal, por onde continuámos cosidos com o muro. Depois d'esse topámos outro, que o cruzava em angulo agudo. Depois havia outro, mais largo. E assim durante horas. Estavamos n'um labyrintho de rocha viva. Para que tivessem servido outr'ora estas innumeraveis passagens subterraneas, não sei dizer — mas tinham a apparencia de galerias de mina.

Finalmente parámos, esfalfados, com a esperança meia perdida. Comemos os restos das provisões, bebemos os derradeiros goles d'agua. Tinhamos escapado de morrer nas trevas d'uma cova de diamantes — para vir talvez morrer nas trevas d'uma mina vasia...

Quando assim estavamos sentados no chão, encostados ao muro, n'um infinito desalento — eu julguei ouvir um som, debil e vago, como a distancia. Avisei os outros, escutámos sem respirar. E todos muito claramente distinguimos um *som*. Era muito tenue, muito remoto, — mas era um som, um som murmurante e continuo.

— Santo Deus! exclamou John. É agua a correr! Tenho a certeza que é agua a correr.

N'um instante estavamos de pé, caminhando para o som. A cada passo o sentiamos mais distincto, mais claro, na immensa mudez do tunnel. Sempre para diante, sempre para diante! O som ia crescendo. Por fim era um ruido forte, o ruido d'uma corrente d'agua. Mas como podia haver agua corrente n'estas entranhas da terra?... E todavia, com certeza, alli perto corria agua com força. John, marchando adiante, jurava que lhe percebia já a humidade e o cheiro.

— Devagar, John, devagar! gritou o Barão. Devemos estar perto...

De repente um baque n'agua, um grito de John! Tinha cahido.

— John! John! onde estás? berrámos, perdidos de terror. Falla! Falla!

Que allivio, quando a voz d'elle nos veio de longe, suffocada.

— Salvo. Agarrei-me a uma pedra! Accendei um phosphoro para eu vêr onde estais!

Raspei o meu ultimo phosphoro. Á sua luz tremula vimos aos nossos pés uma immensa massa d'agua, correndo com grande força. Que largura tinha não percebemos... Mas a distancia distinguimos a fórma vaga do nosso companheiro, pendurado d'um penedo agudo.

— Preparai para me agarrar, gritou elle de lá. Vou nadar para ahi!

Outro baque, uma grande lucta de braços batendo a agua. Depois junto de nós um resfolegar ancioso. E por fim uma exclamação do Barão, que agarrára o nosso amigo pelas mãos, o puxára para dentro do tunnel, a escorrer.

— Irra! balbuciava John, offegando. Estive por um fio. É uma corrente furiosa e parece-me que não tem fundo.

Evidentemente, d'este lado nada conseguiamos. De sorte que, depois de John descançar, de bebermos á farta d'aquella agua que era deliciosa, e de lavarmos a cara, deixamos as mar-

gens d'aquelle tenebroso rio, e retrocedemos ao comprido do tunnel, com John adiante, tiritando e pingando. Depois de andarmos um quarto de hora — chegamos a outro tunnel, que se inclinava para a direita e parecia mais largo.

— Seguimos este, disse o Barão inteiramente desalentado. Todos elles são iguaes. O melhor é andarmos, andarmos, até cahir ahi para um canto, sem poder mais, á espera da morte.

Durante muito, muito tempo, mudos, em fila, arrastamos os passos na treva, atraz do Barão, cujas fortes pernas já frouxeavam.

De repente esbarrámos com elle — que estacára, como attonito.

— Quartelmar! exclamou elle, agarrando-me convulsivamente o braço. Eu estou a delirar ou aquillo além é luz?

Arregalamos desesperadamente os olhos. E com effeito, lá ao longe, ao fundo do tunnel, vimos uma pallida, vaga mancha de claridade, pouco maior do que um vidro de janella! Com outro alento de esperança estugamos o passo. Momentos depois toda a duvida cessára, deliciosamente. Era *luz* — uma desmaiada mancha de luz! Tropeçavamos uns contra os outros na nossa anciedade. Mais viva, cada vez mais viva a luz! Por fim, um ar fresco bateu-nos a face!... Mas de repente o tunnel estreitou. Caminhamos curvados. Depois estreitou mais. Gatinhamos, de mãos no chão. E estreitou ainda, como uma toca de raposa. Fomos de rastos. Mas a rocha findára. Era terra, terra friavel, que se esboroava... Um empuxão, um gemido, e o Barão furou, e John furou, e eu furei — e sobre as nossas cabeças luziam as bemditas estrellas, e na nossa face batia uma aragem dôce!

De repente faltou-nos o chão, e todos tres, á uma, rolámos, de escantilhão, por um declive abaixo, de terra molle e humida, entre capim e tojo... Agarrei uma coisa e parei. Estonteado, coberto de lôdo, berrei pelos outros, desesperadamente. Um brado em resposta veio de baixo, d'uma terra chã onde o Barão fôra parar. Resvalei até lá, e fui encontrar o nosso amigo

atordoado, sem fôlego, mas intacto. Gritamos então por John. E uns *olás* arquejantes guiaram-nos ao sitio, onde uma raiz de arvore, em que ainda estava acavallado, o detivera no desesperado tombo.

Sentamo-nos então todos tres na relva — e vendo-nos fóra da funebre caverna, salvos, sãos, a respirar outra vez o ar da terra, a emoção foi tão forte que começamos a chorar de alegria. Seguramente fôra Deus misericordioso que nos guiára por aquelle tunnel, para aquelle buraco, que era a porta da Vida! E agora, a manhã que julgavamos nunca mais vêr, estava roseando o topo dos montes.

Á sua luz bemdita vimos então que nos achavamos no fundo, ou quasi no fundo, d'aquella immensa cova circular que fôra outr'ora a mina de Diamantes. Lá no alto, já podiamos distinguir as confusas fórmas dos tres collossos. Sem duvida aquelles corredores por onde tinhamos vagueado, tão angustiosamente, communicavam outr'ora com as Diamanteiras. E emquanto ao tenebroso rio... Mas que nos ipmortava agora o rio? A luz do dia clareava. Estavamos envolvidos na luz do dia! Só isto era essencial e dôce de saber!

Não podiamos deixar todavia de pasmar para as nossas figuras. Escaveirados, esgazeados, rotos, cheios de pisaduras, com camadas de pó e de lama, sangue nas mãos e sangue nas faces — eramos, na verdade, tres espantalhos medonhos. Mas não havia a pensar em nos sacudirmos ou nos ageitarmos. Aquelle fundo da cova, humido e regelado, era perigoso para corpos como os nossos tão exhaustos. De sorte que começamos, com lentos e custosos passos, a trepar as ladeiras ingremes, através da greda azulada, agarrando-nos ás raizes, e agarrando-nos ao tojo, n'um esforço ultimo que nos esvaia. Ao fim d'uma hora estava terminada a façanha — e os nossos pés tremulos pisavam outra vez a estrada de Salomão. A umas cem jardas adiante brilhava uma fogueira junto de cabanas, e em volta d'ella estavam homens. Para lá caminhamos, amparando-nos uns aos outros, e parando, meio desmaiados, a cada passo incerto. De repente um dos homens que se aquecia ao lume, ergueu-se, avis-

tou-nos — e atirou-se de bruços ao chão, tremendo, gritando de medo.

— Infandos, Infandos, somos nós, teus amigos!

Elle levantou a cabeça, depois o corpo. Por fim correu para nós, com os olhos esbugalhados, e ainda tremendo todo:

— Oh meus senhores! Sois vós! Sois vós! Voltais do fundo dos mortos!... Voltais do fundo dos mortos!...

E o velho guerreiro, abraçando-se ao Barão pelos joelhos, rompeu a soluçar de alegria.

CAPITULO XVI

A PARTIDA DE LÚ

Dez dias depois estavamos de novo em Lú — nas nossas confortaveis cubatas de Lú, á sombra dos machabelles. E poucos vestigios nos restavam d'aquella atroz aventura, além dos muitos cabellos brancos que eu trazia, e da melancolia em que cahira o nosso pobre John, com o coração ainda cheio de Fulata.

É inutil accrescentar que não tornamos a penetrar no thesouro de Salomão — apesar de sagazes e methodicas tentativas. N'aquelle dia em que Infandos nos acolheu como a resuscitados, nada fizemos senão comer, dormir, descançar, gozar o sol. Logo no dia seguinte porém, descemos com uma escolta á grande cova, na esperança de encontrar o buraco por onde tinhamos furado para a luz e para a vida. Foi debalde. Em primeiro logar chovera copiosamente de noite, e todas as nossas pegadas tinham desapparecido; mas além d'isso os declives em funil da enorme cava estavam por todos os lados cheios de buracos, uns naturaes, outros feitos por bichos. Qual d'elles nos salvára entre tantos milhares? Impossivel descobrir!

Depois d'isso voltamos á caverna de stalactites, affrontamos outra vez os horrores da Camara dos Reis Mortos: e durante muito tempo rondamos diante da muralha de pedra, para além da

qual jaziam inaccessiveis para sempre os maiores thesouros da terra, para sempre guardados funebremente pelo esqueleto da pobre Fulata. Mas, apesar de examinarmos a muralha durante horas, de a apalpar, de martellar sobre ella, não nos foi possivel achar o segredo da porta, — sob a qual jaziam pulverisados os fragmentos da hedionda bruxa, que com a sua traição só ganhára a sua perda. Emquanto a forçar aquelles cinco pés de rocha viva, quem podia pensar em tal feito ? Nem todo o exercito dos Kakuanas, trabalhando annos, lograria passar através. Só com dynamite, — ou trazendo pelo deserto poderosas machinas. E assim, lá estão ainda, n'esse remoto canto de Africa, os thesouros, que desde os tempos biblicos tanto têm fascinado a imaginação dos homens. Um dia talvez, quando a Africa toda estiver civilisada, cortada de estradas, coberta de cidades, alguem mais feliz que nós, e com os incalculaveis recursos da sciencia d'então, penetrará no vedado thesouro, e será rico além de toda a phantasia! Esse, se jámais existir, encontrará lá como vestigio da nossa passagem, as arcas abertas e os ossos da pobre Fulata, e uma lampada apagada. A esse tempo já estará perdida a memoria d'este livro, contando a estranha aventura. E esse explorador futuro mal suspeitará então, ao dar com o pé n'esses ossos, ao remexer essas riquezas, que tres homens do seculo XIX passaram alli um dos mais tragicos lances que jámais foi dado a homem passar...

Devo todavia accrescentar que, materialmente, a nossa estada na caverna não foi de todo inutil. Como contei, ao abandonarmos o thesouro, eu tive a esplendida precaução de atulhar as algibeiras de diamantes. Muitos d'estes, e sobretudo os maiores, cahiram, ficaram perdidos, quando eu rolei pelos declives da cova. Mas ainda me restou nos bolsos uma enorme quantidade. Não lhe posso calcular o valor. Deve ser immenso! Supponho que trouxemos ainda diamantes bastantes para sermos todos tres millionarios, e possuirmos os tres mais ricos adereços de joias que existam no mundo. Em resumo, no ponto de vista economico, a aventura não gorou.

Em Lú, fomos acolhidos pelo rei Ignosi com grande ami-

zade e regosijo. Apesar de fundamente absorvido nos cuidados d'um Reinado que começa (e sobretudo na reorganisação do exercito) estivera em grande inquietação durante a nossa longa demora nas Minas. E foi com ardente curiosidade que escutou a nossa maravilhosa historia.

A noticia da morte de Gagula foi para elle um allivio immenso.

— Quem sabe, murmurou elle, se depois de vos deixar morrer no sitio escuro, não acharia ainda artes de me matar a mim tambem!

Para commemorar a nossa volta Ignosi deu um banquete e uma dança. E foi n'essa noite, ao fim da festa, no terreiro real, onde brilhava o luar, que nós annunciamos ao Rei o nosso desejo de deixar emfim o seu reino, e regressar á nossa patria.

Ignosi primeiramente pareceu espantado. Depois cobriu a face com as mãos:

— O que vós annunciaes, exclamou elle por fim, retalha o meu coração! Sempre pensei que de todo ficarieis commigo. Para que foi então, oh valentes, que me ajudastes a ser Rei? O que quereis? O que vos falta? Mulheres? Campos? Gados? Toda a terra que é minha, é vossa. Escolhei! É uma casa como as que os brancos habitam no Natal que vos falta? Os meus homens, ensinados por vós, edificarão uma entre jardins... Dizei! E cada um dos vossos desejos tem já a minha promessa de Rei.

— Não, Ignosi, não! acudi eu. O que nós simplesmente desejamos é voltar para as nossas terras.

Elle então sorriu com amargura. Sim, bem percebia! Nos nossos corações nunca houvera amor por elle, mas só cubica das pedras que brilham. Agora tinhamos as pedras para vender, para recolher dinheiro... Estava satisfeito o vil desejo do branco. Que importava pois o amigo que ficava chorando? Malditas fossem as pedras, e idos fossemos nós bem cedo!

Eu pousei-lhe a mão no braço:

— Escuta, Ignosi! As tuas palavras não vêm do teu coração. Escuta. Quando tu andavas exilado na Zululandia, e depois

entre os homens brancos do Natal, não sentias tu o desejo da terra d'onde vieras, e de que tua mãe te fallava? Não se te voltavam os olhos para o Norte, para onde estavam os campos e as senzalas onde tu nasceras, onde brincaras com as ovelhas, onde os velhos que passavam no caminho tinham conhecido teu pae?...

— Assim era, Macumazan, assim era! exclamou o Rei commovido.

— Pois do mesmo modo o nosso coração deseja a terra em que nascemos.

Ignosi baixou a cabeça.

— As tuas palavras, como sempre, Macumazan, vêm cheias de verdade e razão. Sim, tendes de partir. E eu ficarei triste, porque não mais me chegarão noticias vossas, e vós sereis para mim como mortos!

Esteve um momento pensando, com o dedo pousado na testa. Depois chamou os chefes mais idosos, annunciou a nossa partida, ordenou que fossemos acompanhados pelo regimento dos *Pardos* até ás montanhas, e d'ahi com uma escolta e com guias levados pelo caminho do Oasis (de que elle só recentemente tivera noticia), e que nos pouparia todos os trabalhos da passagem das serras. Em seguida, erguendo a mão jurou ante os chefes que não permittiria jámais que nenhum branco entrasse no seu reino a procurar as pedras que brilham: — mas que nós poderiamos voltar sempre porque eramos os irmãos do seu coração! E por fim decretou que os nossos nomes fossem considerados sagrados como os nomes dos Reis Mortos — e que assim se proclamasse por todo o reino, de montanha em montanha.

— E agora ide! Ide antes que os meus olhos vertam lagrimas como os d'uma mulher. Quando estiverdes, longe, nas vossas casas, junto das vossas lareiras, pensai por vezes em mim... Adeus! Adeus para sempre, Incubú, Macumazan, Boguan, grandes homens e meus amigos!

Ergueu-se; esteve um momento olhando fixamente para nós, um por um; depois escondeu a cabeça no seu manto de pelle de leopardo, e fugiu para dentro da senzala real.

Nós afastamo-nos em silencio, e com o coração pezado.

Na madrugada seguinte partimos de Lú acompanhados por Infandos e pelo regimento dos *Pardos*. Apesar de tão cedo, as ruas estavam apinhadas de gente que nos lançava a saudação *Krum*, e nos desejava boa jornada! As mulheres atiravam-nos flôres ao passar. Todos os *tam-tams* resoavam. Era como uma grande ceremonia real.

Pelo caminho Infandos foi-nos explicando que havia, com effeito, uma passagem nas montanhas mais facil do que aquella por onde vieramos — ou antes, que era possivel descer por aquella alta escarpa, que separa os dois «seios de Sabá» como um muro separa duas torres. Havia um anno, um bando de caçadores Kakuanas, indo ao deserto á procura do abestruz, tinham achado e seguido este caminho. Ao fim d'elle encontraram o deserto; e ao fundo, no horisonte, avistaram massiços de arvores. Levados pela sêde caminharam para lá, e acharam um largo e fertil oasis, cheio de fructa, de caça e d'agua. E d'ahi, diziam os caçadores, podiam-se distinguir no horisonte outros logares ferteis, formando como uma continuação de oasis. D'este modo era talvez possivel diminuir os horrores d'uma nova travessia no deserto.

Ao fim de quatro dias de marcha chegamos com effeito ao alto da escarpa — d'onde avistavamos, por leguas e leguas, outra vez, o medonho deserto amarello em que tanto soffreramos. Foi de madrugada que começamos a descida — e foi então que nos separamos do nosso amigo Infandos.

O excellente homem quasi chorou de magoa.

— Nunca os meus olhos, exclamava elle, verão homens como vós. Aquelle golpe de machado, Incubú! Que belleza! Sois os fortes dos fortes! E o meu coração fica cheio da vossa lembrança. Adeus!

Tivemos realmente saudade do velho Infandos; e John, como lembrança, deu-lhe — adivinhem o quê? — *um monoculo!* Tinha um de sobresalente, e presenteou com elle o heroico e leal selvagem! Infandos, enthusiasmado, procurou logo entalal-o no olho, certo de que essa *pupilla resplandecente* augmentaria o

seu prestigio entre as tropas. E foi esta a derradeira impressão que me ficou dos nossos amigos da Kakuania — um velho guerreiro, nú, com uma pelle de leopardo ao hombro, grandes plumas negras na cabeça, franzindo a face, de *monoculo no olho!*

D'ahi a pouco, tendo apertado affectuosamente a mão a esse honrado Infandos, começavamos a nossa descida pela escarpa que liga os «seios de Sabá», entre as trovejantes acclamações do regimento dos *Pardos*.

Fizemos essa descida em doze horas. Á noite estavamos acampados á orla do deserto, conversando em torno das fogueiras ácerca d'esses dois estranhos mezes que passaramos entre os Kakuanas!...

— Ha sitios peores para se viver, dizia o Barão.

— Quasi desejava ter lá ficado, accrescentava John, com saudade.

Eu não dizia nada. Tinhamos lá passado temerosos momentos. Mas por vezes a vida fôra dôce. E no alforge traziamos um saco de diamantes!

Na madrugada seguinte encetamos a marcha para esse oasis que os nossos guias conheciam. Trilhamos tres dias o deserto — mas sem desconsolo, graças ao bando de carregadores que nos dera Ignosi, e que nos permittia levar provisões fartas e agua farta. Pelo começo da tarde do terceiro dia avistamos um bosque — e o nosso jantar já foi regaladamente servido debaixo de copadas arvores, e junto de frescas aguas correntes.

CAPITULO XVII

EMFIM !

E agora resta-me contar a maior maravilha d'esta maravilhosa jornada. Tão estranho, quasi inverosimil é, que, para não lhe augmentar o ar de romance que ella já de per si tem, preciso narral-a com a maxima brevidade e maxima simplicidade.

Foi isto. Na manhã seguinte, no oasis, andava eu passean-

do ao comprido d'uma fresca ribeira que o banha, quando de repente, n'um frondoso outeiro á sombra de figueiras, com a fachada voltada para a corrente — vejo uma confortavel cabana, construida á maneira cafre, mas com uma porta, uma porta de madeira, em vez do costumado buraco redondo. E quando eu estava pasmando para esta casota humana perdida n'um oasis do deserto, eis que a porta se abre, e apparece, coxeando, encostado a um pau, todo vestido de pelles, e com uma immensa barba até á cintura, um *homem branco!*

Ficamos a olhar esgazeadamente um para o outro. Justamente n'esse momento o Barão e John appareceram. O homem crava os olhos em nós, com um ar quasi afflicto. De repente larga a correr, como um côxo póde correr, aos tropeções. Esbarra, rola no chão. O Barão acode. Ergue o homem. E grita:

— Santo Deus! *é meu irmão Jorge!*

Quasi tenho vergonha de narrar este lance. Parece banalmente inventado pelos moldes do theatro antigo. Mas foi assim.

E ainda mais! Ao alvoroço do Barão, ás exclamações que seguiram, outro homem sahiu da cabana, tambem vestido de pelles, com uma espingarda na mão. Ao dar com os olhos em mim larga a arma, leva as mãos á carapinha:

— Oh Macumazan! Oh Macumazan!... Não me conheces? Sou Jim. Sou Jim! Aquelle papel que tu me déste para o patrão perdi-o... Estamos aqui ha dois annos.

E o pobre Jim rojava-se no chão diante de mim, chorando e rindo, n'uma alegria furiosa.

Com effeito, havia dois annos que o irmão do Barão e o seu servo Jim viviam n'aquelle oasis. Foi no nosso acampamento n'essa tarde que Jorge Curtis nos contou lentamente toda a sua historia. Dois annos antes partira da aringa de Sitanda, como nós, para atravessar o deserto, e procurar as minas de diamantes para além das montanhas. Por informação porém, que lhe deram uns caçadores de abestruzes que felizmente encontrára, tomou um caminho diverso, e bem melhor do que aquelle que seguira outr'ora o velho D. José da Silveira, e que nós seguiramos guiados pelo seu roteiro. Esse caminho era

através do deserto, mas entremeado de oasis. Assim tinha chegado a este, o maior de todos, e estava junto das Montanhas de Salomão, quando lhe aconteceu uma grande desgraça. No dia mesmo em que aqui parára, estava sentado junto do rio, por baixo d'umas penedias, onde Jim, o servo, andava procurando o mel d'abelhas mansas. De repente, a um esforço qualquer que Jim fez em cima, um dos penedos rola e vem cahir sobre uma perna do pobre Jorge esmigalhando-lh'a horrivelmente! Desde esse dia não pôde mais andar. E muito naturalmente preferiu ficar alli no oasis, onde tinha agua, caça e fructa — do que tentar atravessar de novo o deserto, onde inevitavelmente morreria.

E alli ficou dois annos, como um Robinson Crusoe. Havia justamente dias que decidira mandar Jim, para traz, á aringa de Sitanda, a buscar soccorro. Mas quasi tinha a certeza que Jim não voltaria...

— E sois vós agora, que appareceis de repente. Justamente tu, irmão! E tu, meu bom John!... E o snr. Quartelmar, muito bem me lembro de o ter encontrado em Bamanguavo! E extraordinario! E foi tudo a misericordia de Deus!

N'essa noite tambem lhe contamos as nossas aventuras. Quando eu lhe mostrei um punhado de diamantes, o homem empallideceu de espanto:

— Santo Deus! Ao menos o que soffrestes não foi em vão! Emquanto que eu!...

Esta triste exclamação tornou-me pensativo. E desde logo decidi partilhar com elle um lote d'aquellas pedras, que a elle tinham trazido uma tão longa desgraça.

E aqui acaba esta historia. A nossa travessia do deserto foi extremamente trabalhosa. Não soffremos tanto da sêde, porque, segundo o novo roteiro indicado pelos caçadores de abestruzes, encontramos a espaços pequenos e frescos oasis. Mas o pobre Jorge Curtis, que mal podia ainda usar a perna, necessitava constante amparo — e, por assim dizer, tivemos de o

transportar através do deserto. Emfim attingimos a aringa de Sitanda, onde o velho sacripante, a quem deixaramos as nossas armas e bagagens, ficou indignado de nos ver voltar, vivos e sãos, para as reclamar. E seis mezes depois estavamos jantando confortavelmente aqui, na minha casa em Durban, á sombra das larangeiras.

Quando eu acabava justamente de escrever esta ultima pagina das nossas aventuras, vejo um cafre entrar pelo meu jardim, com cartas e jornaes na mão. É o correio da Inglaterra. E eis aqui uma carta do Barão, que eu transcrevo, porque dá exactamente a conclusão da minha historia:

«Solar de Braley — Yorkshire.

«Meu caro Quartelmar.

«Só algumas breves linhas para lhe dizer que meu irmão «Jorge, John e eu, chegamos a Inglaterra todos tres perfeita-«mente. Apenas deixamos o paquete, em Southampton, parti-«mos logo para Londres pelo primeiro trem. Não imagina o «Quartelmar que elegante nos appareceu logo na manhã se-«guinte o nosso John! Mas parece-me que ainda pensa muito, «coitado, na pobre Fulata.

«E agora emquanto a negocios. Levamos os diamantes «aos melhores joalheiros de Londres, aos Streeter. Quasi tenho «vergonha de dizer em quanto elles os avaluaram. É uma «somma descommunal. Está claro que elles não podem dizer «com exactidão, porque nunca appareceram no mercado pe-«dras d'este tamanho em tal quantidade. Emquanto a com-«pral-os elles, está fóra de questão. Apesar de ser uma forte «casa, não poderia nunca reunir semelhantes sommas. Aconse-«lharam-me que os vendesse, em pequenos lotes, a differentes «joalheiros, e devagar para não inundar o mercado. Um d'esses «lotes, o que o Quartelmar tão generosamente reservou para

« meu irmão, estão elles todavia resolvidos a comprar por cen-
« to e oitenta mil libras.

« O que o Quartelmar deve fazer, agora que está tão rico,
« é vir para Inglaterra, e comprar uma propriedade ao pé da
« minha. O melhor seria vir immediatamente para passar com-
« migo este natal. Tenho cá por essa occasião o nosso John. A
« respeito de seu filho Henrique posso dizer que está bom. Es-
« teve aqui uns dias commigo a caçar. Gosto d'elle. Pregou-me
« uma carga de chumbo n'uma perna, extrahiu elle proprio os
« chumbos, e provou-me depois a vantagem de haver sempre
« em todas as partidas de caça um estudante de medicina.

« Venha pois, velho amigo, e creia-e msempre seu

Henrique Curtis.»

Hoje é sabbado. Ha um paquete para Inglaterra além de ámanhã. Creio, na realidade, que vou partir n'elle... Já tenho saudades do meu rapaz. E depois quero vigiar eu proprio a publicação d'estas memorias.

A REPUBLICA BRAZILEIRA

A revolução brazileira chegou ao ponto em que já não aproveitam aos seus promotores, nem as esperanças sinceras de uns, nem as vacillações de quasi todos os surprehendidos, que acharam, ou mais commodo, ou mais consolador para o seu patriotismo, fechar os olhos aos males reaes soffridos do presente com a dictadura, para acreditar nos beneficios promettidos no futuro com a republica.

O governo póde apresentar, em verdade, um indice de decretos alterando tudo. Na sua ambição de achar soluções para todos os problemas sociaes e politicos, o Governo Provisorio apenas parece ter indagado se a solução adoptada era a mais radical, ou a preconisada em ultima instancia, pelo livro francez mais recentemente desencaixotado na alfandega. O Governo Provisorio, na sua primeira proclamação, declarou-se «simples agente temporario da soberania nacional». Os seus actos demonstram, porém, que o governo não se contentou por muito tempo com a modestia relativa d'esta situação; o simples agente temporario assumiu toda a plenitude da soberania, e não houve relação social, juridica e politica que escapasse ao absolutismo irresponsavel e illimitado. Se prevalecerem todos os decretos do Governo Provisorio, o Brazil póde gabar-se de ter visto renovada, alterada, invertida, toda a sua organisação. E quem foi o auctor

*

d'estas mudanças? Foram sete individuos que um oitavo individuo reuniu e que usurparam a attribuição legislativa que nos paizes civilisados pertence somente ao povo. A estes oito individuos, que só vantagens de todo o genero têm tirado d'esta engenhosa combinação, aprouve chamar a este arranjo Republica Federal. As palavras têm porém significações rigorosas; por meio de revoltas de soldados e de decretos póde-se mudar muita coisa n'este mundo, mas a linguagem e a precisão scientifica não se amoldam, nem aos caprichos dos reis, nem aos desejos dos demais governantes. O governo absoluto exercido por oito individuos não é a Republica, quer dizer, o governo de todos. Alcunhem esta organisação de republica quanto quizerem; a palavra não corresponderá de modo algum á realidade. Este governo absoluto, que não foi eleito pela nação, tem nome na sciencia desde o tempo de Aristoteles, e esse nome é: Tyrannia.

*
* *

O governo de um bom despota seria o melhor dos governos. Esta banalidade é antiga. Os pensadores não cogitaram, porém, do que seria o despotismo da vulgaridade pedantesca, audaz e ambiciosa. Os publicistas só se occupam de coisas sérias. Á dictadura brazileira faltam os caracteres de seriedade indispensaveis a um governo civilisado. Temos narrado os fastos, ora comicos, ora odiosos da sua existencia, que é para o patriotismo dos brazileiros esclarecidos a mais cruel das provações. Continuemos.

*
* *

No decurso do mez de abril, o Governo Provisorio julgou ser coisa indispensavel a reforma do ensino nas escolas do exercito. Um decreto. O *Diario Official* publica já os decretos sem lhes dar o competente numero, e, ás vezes, vem até a data em branco. A confusão legislativa já não se revela somente na in-

congruencia das idéas: está até perdida a ordem material da legislação no meio dos trezentos e tantos decretos que baixaram, e baixaram até ao ridiculo, desde que a dictadura subiu.

O decreto sobre o ensino militar é composto pelo snr. Benjamim Constant, o incruento general de brigada. O pouco mavortico ministro da guerra trocou as honras d'este posto pelas de ministros da instrucção publica, correios e telegraphos. Trabalhou muito no cargo de ministro da guerra este felicissimo militar! Entrou tenente-coronel, e ao cabo de cinco mezes, sahiu general de brigada e grã-cruz de S. Bento de Aviz. Tudo isto foi conquistado rapida e incruentamente, sem prejuizo dos parentes, que receberam acceleradas promoções e vistosas condecorações [1]. O snr. Benjamim Constant é positivista orthodoxo, mas ha meio de accommodar-se sempre a gente com o céo, com o orçamento, e até com S. Bento e Augusto Comte.

O preambulo do decreto em que o militarismo republicano expõe a sua doutrina do soldado politico, é um curioso monumento, uma verdadeira excentricidade militar e um documento digno de ser registrado, tanto pelas confusas resonancias da fórma, como pelo emmaranhado das idéas:

«O generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio dos Estados-Unidos do Brazil, *constituido pelo exercito e armada*, em nome da nação:

«Considerando que é de urgente e indeclinavel necessidade aperfeiçoar e completar tanto quanto possivel o ensino nas escolas destinadas á instrucção e educação militar, de modo a at-

[1] O coronel Candido da Costa, cunhado do snr. Benjamim Constant, é filho do antigo director do Instituto dos Meninos Cegos, sogro do snr. Benjamim e a quem este succedeu por protecção de D. Pedro II; este cunhado, coronel a 15 de novembro, ganhou dois postos em tres mezes, sendo promovido a brigadeiro e a marechal de campo, tendo a grã-cruz de Aviz, e sendo nomeado governador do Rio Grande. O major Marciano de Magalhães, irmão do ministro, ganhou tambem dois postos em tres mezes, o de tenente-coronel e de coronel, sendo nomeado commandante das armas de Matto Grosso.

tender aos grandes melhoramentos da arte da guerra, conciliando as suas exigencias com a *missão altamente civilisadora, eminentemente moral e humanitaria que de futuro está destinada aos exercitos no continente sul-americano;*

« Considerando que o soldado, elemento de força, deve ser de hoje em diante o cidadão armado — corporificação da honra nacional e importante cooperador do progresso como garantia da ordem e da paz publicas, apoio intelligente e bem intencionado das instituições republicanas, *jámais instrumento servil e maleavel por uma obediencia passiva e inconsciente que rebaixa o caracter, aniquila o estimulo e abate o moral;*

« Considerando que para perfeita comprehensão d'este elevado destino no seio da sociedade como o mais sólido apoio do bem, da moralidade e da felicidade da patria, o militar precisa de uma succulenta e bem dirigida educação scientifica, que o preparando para com proveito tirar toda a vantagem e utilidade dos estudos especiaes de sua profissão, o habilite para formação do coração, pelo legitimo desenvolvimento dos sentimentos affectivos, pela racional expansão de sua intelligencia, a bem conhecer os seus deveres não só militares como principalmente sociaes;

« Considerando que isso só póde ser obtido por meio de um ensino integral onde sejam respeitadas as relações de dependencia das differentes sciencias geraes, de modo que o estudo possa ser feito de accordo com as leis que tem seguido o espirito humano em seu desenvolvimento, começando na mathematica e terminando na sociologia e moral como ponto de convergencia de todas as verdades, de todos os principios até então adquiridos e fóco unico de luz capaz de allumiar e esclarecer o destino racional de todas as concepções humanas; resolve reorganisar o ensino nas escólas do exercito pelo regulamento que baixa com o presente decreto e, onde são attendidos todos os meios para levantar o nivel moral e intellectual do exercito, pondo o soldado brazileiro a par dos grandes aperfeiçoamentos da arte de guerra em suas multiplas ramificações sem desvial-o de seus deveres como cidadão no seio do lar e no seio da patria.

« Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, em 14 de abril de 1890. — *Manoel Deodoro da Fonseca.* — *Benjamim Constant Botelho de Magalhães.* »

O snr. Benjamim Constant revela-se afinal ao mundo como o general do exercito humanitario do futuro, humanitario sul-americano, está claro, a quem repugnam as severas virtudes militares dos exercitos, não só da Europa, como da grande republica Norte-Americana e do Chili. Este ideal militar sul-americano que a dictadura achou no presente para o exercito brazileiro e lhe quer garantir no futuro, nem ao menos é uma novidade. Desde os primeiros annos d'este seculo que todos os paizes do continente sul-americano conhecem bem o que é militar politico, parte integrante d'esses exercitos humanitarios que têm conservado em semi-barbaria tão ricas regiões e feito consistir a historia politica d'esses paizes desgraçados na chronica, ás vezes sangrenta, e sempre degradante, das rivalidades de quartel. Na America Central o snr. Benjamim Constant não seria um innovador. No Brazil, porém, a sua theoria é nova. As doutrinas têm o seu destino. Já meio desmoralisado em Guatemala, o militarismo politico refloresce no Brazil. Diz-se n'aquelle paiz que o snr. Benjamim Constant é um grande mathematico. A posteridade terá de jurar nas palavras de alguns contemporaneos e amigos do snr. ministro que é um sabio inedito e um militar pacifico. No seu tumulo, primeiro posto que elle terá de occupar gratuitamente e isoladamente sem accumular com algum outro, poderão os posteros collocar o livro que s. exc.ª não escreveu e a espada que jámais desembainhou. Sob a espada virgem um livro em branco.

Restará, porém, de tanta bravura e de tanta sciencia inuteis o preambulo humanitario do decreto de 14 de abril. Verá a posteridade que o snr. Benjamim Constant foi ao menos um homem moderado. Não abusou do humanitarismo. Se lhe carregasse mais um pouco a mão, o snr. ministro supprimia de uma vez o exercito. O snr. Benjamim Constant porém conservou ainda o exercito pensando talvez que, se não houvesse exercito,

não haveria o que fazer dos coroneis, dos generaes seus parentes, nem do proprio S. Bento de Aviz, superstição feudal que a vaidade positivista da dictadura teve o cuidado de conservar. Dizem que o snr. Benjamim Constant propôz em conselho de ministros o desarmamento de todos os exercitos americanos dentro de cinco annos, conservando porém os officiaes todas as suas honras e regalias [1]. O philosopho não esqueceu os interesses do general.

Emquanto não se realisar o sonho humanitario do snr. Benjamim Constant, é de vêr cada official quieto em sua casa, com sua mulher e seus filhos, revestido das insignias e condecorações nunca maculadas pelo pó de batalhas sanguinosas, recebendo o seu crescido soldo a jogar o gamão na botica ou a fazer positivismo, segundo os gostos de cada um — emquanto este sonho regalado não fôr uma realidade, permittirá o snr. Benjamim Constant que o seu preambulo seja objecto da gostosa hilaridade dos militares que, se não são positivistas, são pura e simplesmente militares.

*
* *

A dictadura brazileira, no decreto destinado a reorganisar o ensino militar, começa condemnando a obediencia passiva do soldado. Começa pela destruição da base de toda a organisação militar, porque ou é passiva ou já não é obediencia. Assim, o tenente-coronel que se deixou acclamar general pelos seus subordinados, aos quaes teve de recompensar promovendo-os, corrupção que partindo de baixo e bem aceite em cima é tão condemnavel como a corrupção que nasce do alto: esse general que ganhou os seus galões á janella da rua Larga de S. Joa-

[1] *Estado de S. Paulo*, de 17 de abril:

«E como consequencia correlativa, tomar-se-ha desde logo a medida do desarmamento, no novo continente, ficando, aliás, aos officiaes do exercito e da marinha, bem como aos soldados, as honras e regalias inherentes aos cargos que até então desempenharem.»

quim, entende que os officiaes e que os soldados dos exercitos de todos os paizes civilisados do mundo, educados, ennobrecidos e fortificados na escóla da abnegação que é a da obediencia passiva, têm o *caracter rebaixado*, são *instrumentos servis* e têm o *moral abatido!!* Todos, sem excepção, allemães, inglezes, francezes, americanos, chilenos, italianos, portuguezes, todos os soldados do mundo, são umas miseraveis creaturas que só inspiram compaixão ao general dos Meninos Cegos, cegos entre os quaes foi rei o snr. Benjamim Constant, que por isso ficou decerto com tão má opinião da monarchia.

O redactor do preambulo não tolera os militares que se contentam com as glorias puras da sua nobilissima profissão. O ministro da dictadura recusaria o S. Bento de Aviz positivista ao capitão Max Caccia do exercito francez, que não conhece o snr. Benjamim Constant mas que parece havel-o adivinhado quando escreveu estas palavras: « *A obediencia militar é passiva*, isto é, não admitte a menor hesitação, a menor demora na execução da ordem recebida... *Os ignorantes*, *os pedantes*, os inimigos do exercito são os que dizem que obedecer antes de reflectir é comprimir a liberdade e offender a consciencia... Sem obediencia passiva não ha exercitos instruidos na paz e, portanto, não ha victorias possiveis na guerra [1]. »

Outro escriptor militar que pensa diversamente do ministro brazileiro é A. de Chesnel, tenente-coronel do exercito francez: « Todos os povos civilisados reconhecem que a disciplina do exercito é não só uma condição indispensavel de honra, de gloria e de bem-estar para este, como tambem uma necessidade da segurança e da prosperidade da nação. Sem disciplina não ha força militar efficaz para a defeza da patria, nem garantia para a tranquillidade dos cidadãos. Por vezes tem havido quem proteste contra a *obediencia passiva* dos soldados e esses protestos têm partido, quasi sempre, dos demagogos ou dos utopistas. Lamartine respondeu-lhes muito bem quando pronunciou estas palavras: — No frontispicio de todos os codigos mi-

[1] *Des vertus militaires en temps de Paix*, pag. 99 e 101.

litares, em todas as linguas, ha escriptas estas quatro palavras mysteriosas mas evidentes emquanto houver no mundo sociedades cultas: *Obediencia passiva do exercito.* A ordem e a honra são duas necessidades do exercito. Na anarchia ha ainda uma nação; com a indisciplina e a desobediencia, não ha mais exercito [1].»

Pretenderá o general dos Meninos Cegos que estes escriptores militares da Republica Franceza, que Lamartine, e todos, procuravam rebaixar o caracter francez e aviltar a sua patria?

O Brazil sabe por desgraça sua o que é o esquecimento d'estas verdades desde 1887, anno em que o snr. Deodoro se revelou ao publico como homem politico, fazendo um *meeting* contra o governo, coisa que nem os officiaes peruanos e nicaraguenses ousariam fazer talvez hoje.

Em todos os paizes cultos e livres aprende-se nas escólas que todos os poderes são delegações da nação, que o povo é soberano e governa-se a si mesmo por meio dos seus representantes livremente eleitos. Á geração nova no Brazil a dictadura está ensinando que o exercito e que a armada têm o poder de destruir e de constituir governos, aviltante monstruosidade que envenenará por muitos annos a consciencia nacional.

Não ha uma só auctoridade militar, um só general de patriotismo provado no campo de batalha, e que sendo ao mesmo tempo alguem na ordem intellectual e na civilisação do seculo, (o que não acontece á maior parte dos caudilhos sul-americanos) tenha pretendido justificar o equivoco personagem que nas sociedades cultas ha de ser sempre o militar que, pelas bayonetas dos seus subordinados, quizer conquistar posições politicas. O general Faidherbe, o austero republicano, o sabio e o heroe, encheu-se da mais nobre indignação contra Boulanger suspeitado de pretender introduzir em França os habitos politicos dos militares hespanhoes. A respeito de Boulanger, lamen-

[1] *Dictionnaire des Armées de Terre et de Mer.* V.º DISCIPLINE.

tavel excepção que a França e o exercito francez expelliram para longe de si, Faidherbe pronunciou as seguintes palavras: «Boulanger é um charlatão do patriotismo. Era indigno de permanecer por mais tempo no exercito. Approvo sem reserva o julgamento do conselho de investigação. O castigo foi até, na minha opinião, inferior á falta. Quando um general dá ao exercito taes exemplos de indisciplina não ha pena bastante severa que o possa ferir. A primeira Republica fazia fusilar os generaes que se revoltavam contra o poder civil. Ella tinha razão. Nenhuma indulgencia, nenhuma piedade é possivel em casos semelhantes. Até onde iriamos se tolerassemos semelhantes desvios? Dentro de pouco tempo não haveria nem exercito nem patria [1].»

O proprio Boulanger, que pelo numero de batalhas a que assistiu e que pelas feridas que recebeu se distingue do general Benjamim Constant, não pensará talvez como o preambulista do decreto de 14 de abril.

Onde não ha obediencia passiva surge logo o militar politico, entidade cuja presença n'um paiz é o mais seguro indicio do atrazo da sua civilisação. A Republica Argentina tem realisado os seus admiraveis progressos d'estes ultimos dez annos, porque o militar politico é creatura que n'aquelle paiz já pertence á historia [2]. O poder civil tem hoje bastante energia e bastante patriotismo para reprimir qualquer tentativa de militarismo.

O official chileno, ainda orgulhoso da gloriosa campanha em que o exercito nacional levou de vencida as tropas vetera-

[1] Palavras do general Faidherbe reproduzidas por occasião da sua morte pelo jornal *Le Paris* de 30 de setembro de 1889.

[2] *Jornal do Commercio* de 22 de abril:

«BUENOS-AYRES, 21 DE ABRIL. — O ministro Levalle em conversa com um reporter disse que está resolvido a prohibir a intervenção dos officiaes na politica do paiz.»

Jornal do Commercio de 27 de maio:

«BUENOS-AYRES, 25 DE MAIO. — Foi preso o coronel Saravi, redactor do *Porvenir Militar*, por haver criticado a mensagem presidencial.»

nas dos *pronunciamientos* peruanos e bolivianos, tem o mais nobre desprezo pelo official que pretende servir-se da sua espada em favor da sua opinião politica, ou antes, da sua ambição pessoal. Os chilenos votam uma gratidão eterna ao glorioso general Bulnes que, vencendo o seu parente general Cruz em Loncomilla, esmagou para sempre o militarismo politico na sua patria. Um illustre diplomata inglez, referindo-se ao general Bulnes, diz as seguintes palavras: «A sua fama e a sua popularidade, como vencedor de Yungay e conquistador do Perú, bastariam para tentar um homem de uma natureza mais commum a desviar-se do caminho do dever e da disciplina militar. Espontaneamente elle offereceu os seus serviços á auctoridade civil contra que se havia revoltado o general Cruz, bem que elle podesse conservar-se, sem perda da sua reputação, afastado das dissenções do Estado. Admiremos o exemplo dado a seus concidadãos pelo general Bulnes; a lição que elle lhes ensinou foi que o elemento militar, em toda a sociedade bem constituida e possuindo instituições livres, deve estar submettido á auctoridade civil e legal. Graças em grande parte ao procedimento de Bulnes, o Chili deve-lhe a sua libertação dos males que até hoje affligem as Republicas hespanholas e que têm feito da historia politica da America do Sul os annaes lamentaveis das revoluções de quartel tantas vezes envilecidas pela perpetração de assassinatos politicos. Bulnes feriu de morte o militarismo na sua patria [1].»

No mundo civilisado não ha duas opiniões sobre a immoralidade clamorosa do militarismo politico. Poderiamos fazer cem citações de trechos em que os escriptores militares dos paizes cultos ensinam o que já está em todas as consciencias, isto é, que o dever da obediencia incondicional e a missão do exercito védam ao cidadão armado pela nação toda a intervenção na politica. Os soldados que têm praticado os grandes actos mi-

[1] Horace Rumbold, ministro da Gran-Bretanha em Santiago: *Rapport sur le progres et la condition générale de la Republique du Chili*, Paris, 1877, pag. 11.

litares d'este seculo, os allemães que realisaram a unificação da sua patria, os inglezes que formaram o maior imperio de que falla a historia, esses não aprenderam as sociologias do snr. Benjamim Constant. Aprenderam porém na escola da lealdade e do sacrificio o caminho da gloria pelo valor e pela abnegação.

O snr. Latino Coelho, que, aceitando a intervenção moral de um governo estrangeiro nos negocios internos da sua patria, acolheu agradecido as exhortações telegraphicas do snr. Benjamim Constant, figurou por alguns dias como o director espiritual do militarismo brazileiro e seu embaixador em Portugal. N'uma carta dirigida á imprensa o snr. Latino Coelho disse que o exercito francez tambem havia tomado parte nas revoluções d'este seculo. Enganou-se o illustre academico. Em 1830 muitos officiaes francezes pediram a sua demissão por occasião das celebres ordenanças que provocaram a revolução, e como a demissão não chegou a tempo, esses mesmos officiaes commandaram o fogo contra os revolucionarios, e a tropa só se retirou quando recebeu ordem para isso [1]. O mesmo aconteceu em 1848. Em 1852 quando Luiz Napoleão deu o golpe de Estado, o exercito atacou as barricadas cumprindo a ordem do eleito do povo francez, já então chefe do Estado, e esta ordem o exercito recebeu-a do ministro da guerra. E todos os officiaes, e muitos eram republicanos, obedeceram. A revolução do dia 4 de setembro de 1870 foi feita pelo povo. Os restos do exercito francez estavam em campanha tentando resistir aos allemães, e a força armada nada fez senão reconhecer o governo provisorio aceito pela nação. O snr. Latino Coelho quando os mal entendidos interesses da causa do seu partido não lhe perturbam a justiça do seu espirito, não defende o militarismo politico, e uma vez, tratando da crise politica no Brazil em 1823, o snr. Latino Coelho indignou-se contra os militares politicos: «A crise politica ameaçava sangrentos dissidios ao Brazil. *Os officiaes da guar-*

[1] Général A. L. Blondel, *Coup d'œil sur les devoirs et l'esprit militaires*, Paris, 1887, pag. 24.

nição no Rio de Janeiro ousavam intervir nas questões politicas, pedindo ao Imperador que refreasse a imprensa, supprimindo o *Tamoyo* e a *Sentinella*, e expulsasse da assembléa a José Bonifacio e a seus irmãos e consortes na politica [1].» O illustre academico está com a doutrina da verdadeira civilisação politica qualificando de ousadia a pretensão anti-patriotica dos officiaes do Rio de Janeiro em 1823. Pouco nos importa que o politico, em 1889, tenha querido exaltar o que o philosopho condemnava annos antes, em toda a calma da sua razão.

A ausencia da obediencia passiva nos exercitos significará sempre, cedo ou tarde, a escravisação do povo á força armada. Perdida a noção da obediencia, perdida ficará tambem a concepção justa do destino dos exercitos que são creados para a defeza externa e interna das sociedades, e não para dominal-as. Os povos que tiverem a desgraça de possuir um exercito de politicos, onde a obediencia seja ainda objecto de duvidas e de discussões, estão fatalmente destinados a perder a liberdade. O que se poderá esperar de um paiz onde, n'um decreto do chefe do Estado e de um ministro que ganharam as suas posições n'um acto de revolta, fica consignado solemnemente que a obediencia passiva rebaixa o caracter e avilta o moral?

A politica no Brazil está hoje reduzida á arte de adular com mais ou menos successo os militares. É inutil que os brazileiros estejam alimentando illusões pueris. Os partidos politicos, hoje, só poderão galgar o poder agarrados á cauda do cavallo de um general. As commissões nomeadas pela dictadura estudaram e tentaram redigir longos projectos de constituições republicanas; discutem os jornaes se a constituição será votada em plebiscito, decretada pelo snr. Deodoro, ou proclamada por uma assembléa constituinte. Diz-se que o snr. Deodoro vai liberalmente outorgar ao Brazil uma Carta Constitucional. O primeiro Imperador consultou as camaras municipaes do paiz; a dictadura supprimiu as representações eleitas dos municipios; D. Pedro I, na Constituição de 25 de março de 1824, pouco se

[1] *Elogio historico de José Bonifacio*, Lisboa, 1877, pag. 88.

afastou do projecto apresentado na Constituinte e que sem duvida esta adoptaria. A Constituição doada pelo snr. Deodoro, é inteiramente de sua propria auctoridade, nenhum representante da nação foi ouvido. Quem garante a observação d'essa lei que póde ser desfeita por quem a fez, sem que haja possibilidade de alguem impedir ou punir a sua violação por parte do soldado omnipotente e irresponsavel?

Tudo isto, pois, não passa de um byzantinismo irrisorio: todo o mundo sabe que dois regimentos na rua acabam com os plebiscitos, fazem evaporar qualquer governo e desapparecer n'um momento qualquer assembléa. E para que dois regimentos saiam á rua, basta a má vontade, a ambição, o interesse ou o amor proprio contrariado de meia duzia de officiaes educados na escóla da sedição e que sabem que no dia seguinte á sua façanha pouco perigosa terão honras, postos, pensões, condecorações, apotheoses, versos e retratos nos jornaes. Qualquer codigo constitucional que os redactores da futura constituição tiverem copiado, com mais ou menos felicidade, dos Estados-Unidos, da Suissa, ou da Colombia (este paiz é hoje muito imitado no Brazil, apesar das leis colombianas, rhetoricamente liberrimas, não impedirem a Colombia periodicamente de se estorcer na anarchia a mais tyrannica, ou viver entorpecida no atrazo o mais completo), sejam os legisladores da dictadura os sabios mais inspirados da historia, tudo quanto fizerem será precario, todos os seus principios serão sem prestigio, porque o povo não esquecerá tão cedo que todas as instituições podem de um momento para outro, ser derrubadas por alguns conspiradores militares.

Muitos brazileiros têm a patriotica illusão de que o militarismo não será na sua patria o que tem sido na patria dos seus visinhos. Em que se baseia esta pretensão dos brazileiros de constituirem uma excepção phenomenal, a unica, a primeira na historia? Dizem elles que o militarismo jámais dominará definitivamente no Brazil, porque o Brazil não é um paiz militar, porque o brazileiro é um povo sem predilecção pelas armas. É verdade. Mas esse desamor do brazileiro pela profissão militar é justamente o que constitue a sua inferioridade e faz d'elle um

homem desarmado por habito, e incapaz de se armar para reagir; é o que o põe na desgraçada posição de nunca poder defender-se contra a força armada esquecida dos seus deveres. Só um povo marcial, tendo recebido uma educação physica que lhe enrijasse os musculos e lhe fortalecesse a coragem, só esse povo poderia levantar-se contra a tyrannia e tornar pouco agradavel a profissão de dictador e de *pronunciamientista*. O exercito é um punhado de homens, dizem alguns brazileiros: o seu dominio não será duradouro. Eram tambem um punhado de homens os exercitos do Perú, comparados á população d'aquelle paiz, o mais rico do grande imperio colonial hespanhol. Isto porém não impediu que o Perú vivesse 70 annos em estado chronico de dictaduras e de *pronunciamientos*.

O verdadeiro povo brazileiro parece ter a instinctiva e clara noção da desgraçada situação em que se acha. O Governo Provisorio mandou dar começo em todo o paiz ás operações do alistamento eleitoral e, phenomeno curioso! a população retrahe-se, os cidadãos abstêm-se, e permanecem em branco as listas dos futuros eleitores. Porque? O povo brazileiro comprehende que o direito eleitoral é uma farça e a intervenção popular nos negocios publicos uma burla verdadeira desde que está firmado o dogma de que o exercito e a armada podem alterar, transformar, abolir e destruir o que a vontade nacional tiver querido e sustentado. Para que ser eleitor, quando o soldado faz o papel de arbitro supremo da nação? O que o eleitor tiver feito hoje, será ámanhã talvez desfeito pelo militar. O cidadão brazileiro sabe hoje bem d'isso, e hesita, teme, desanima e abstem-se [1].

[1] Citamos alguns exemplos d'entre muitos:

S. Paulo: «Tem sido até agora relativamente insignificante o numero de cidadãos que se têm alistado para a qualificação eleitoral. É preciso reagir contra este deploravel symptoma de indifferentismo.» (*Estado de S. Paulo* de 23 de abril).

Bahia: «Somos informados de que, por parte da população se manifesta grande indifferença e que muito poucos cidadãos procuram alistar-se.» (*Pequeno Jornal* de 31 de maio).

A fraude suppre porém a esta abstenção. Os jornaes noticiam que pequenas povoações onde o alistamento está sendo feito de modo a contentar a dictadura, ha já um numero de eleitores igual ao das grandes cidades. A cidade do Juiz de Fóra tem de sete a oito mil almas e no entanto apresenta numero de eleitores igual ao de S. Paulo que tem de oitenta a cem mil habitantes [1].

Este facto dá uma idéa do que vai ser a primeira eleição brazileira depois da installação do absolutismo republicano. E esta eleição será feita estando todos os direitos sequestrados, supprimidas todas as liberdades e o paiz sob a degradante pressão de uma dictadura militar. Que valor moral terá a opinião nacional que fôr manifestada a 15 de setembro proximo?

Terá o mesmo valor das eleições celebradas no Hayti e em Guatemala onde ha militarismos, promoções em massa, plumas, galões, fraternidade, e onde decerto ha tambem generaes adversarios da disciplina e da obediencia passiva dos exercitos, como o snr. Benjamim Constant.

Antes d'essas eleições o snr. Benjamim Constant quiz praticar mais um acto de abnegação patriotica, a seu modo. Fez declarar no *Diario Official* que não era candidato a nenhum cargo de eleição popular e que, se fosse eleito, recusasse. Comprehende-se bem o pouco apreço em que o snr. ministro tem os cargos de eleição; o snr. ministro prefere os cargos que espontaneamente assume pela violencia sem precisar dar satisfações a quem quer que seja, cargos de que elle mesmo augmenta os ordenados e aos quaes ascende por sua propria iniciativa. Demais, se o snr. Benjamim Constant fosse eleito membro da Constituinte, algum indiscreto poderia fazer-lhe perguntas sobre os negocios da sua pasta; e o snr. ministro evita o campo de

Minas Geraes: «Notavel estranheza tem causado aqui a indifferença publica pela qualificação eleitoral, pois até hoje não passa de *cinco* o numero de cidadãos que têm requerido a sua inclusão no alistamento.» (*Renascença*, de S. João de El-Rei, de 8 de maio).

[1] *Diario do Commercio* de 5 de maio.

batalha parlamentar com o mesmo cuidado com que evitou o campo de batalha no Paraguay. Isto de batalhas, pensa o snr. ministro, incluindo as batalhas falladas, não prestam para nada.

*
* *

O que pensa hoje a dictadura?

O *Diario de Noticias*, jornal do snr. Ruy Barbosa, resume a situação de um modo curioso, e n'um estylo que é o da predilecção d'aquelle interessante financeiro:

«Hoje já estamos tranquillos sobre o nosso futuro. Dobramos o cabo das tormentas e estamos nas regiões bemditas onde a face do mar só se encrespa com as brisas perfumadas, que vêm das florestas virgens, onde são classicas as hosannas á liberdade [1].»

Toda esta litteratura quer dizer que o snr. Ruy Barbosa e seus amigos andam contentes de si mesmos e seguros do futuro. Podia isto ser dito mais simplesmente. O snr. Ruy Barbosa é porém o homem das amplificações litterarias e bancarias. Soprem pois as brisas perfumadas nas mattas virgens sem as quaes não ha liberdade, como se vê na Africa Central, que, sendo a região de maiores mattas virgens, é decerto o paiz de mais liberdade em todo o mundo.

Mas, se as brisas chegam tão perfumadas ao nariz pouco grego do snr. Deodoro, se a nave dictatorial sulca um mar ainda menos crespo do que a gloriosa cabelleira do bravo marechal, para que vive a dictadura a dar brados de alarma e a cercar-se de precauções, como se estivesse sempre em perigo a sua existencia?

Os decretos coercivos da liberdade de imprensa estão em pleno vigor. O presidente da commissão militar officia aos governadores dos Estados pedindo-lhes que remettam para o Rio

[1] *Diario de Noticias* de 9 de maio.

de Janeiro os individuos que disserem mal do governo [1]. Em tempo nenhum funccionaram no Brazil tribunaes militares para julgar crimes de imprensa. Todas as revoltas e insurreições do tempo da menoridade e dos primeiros annos do reinado de D. Pedro II, uma vez reprimidas, os seus auctores foram julgados pelos tribunaes ordinarios e segundo a lei escripta. Quarenta annos depois, o Brazil, estando mais adiantado em civilisação, a dictadura cria ousadamente commissões militares. No Brazil nunca houve banido algum antes dos banidos que o snr. Deodoro sentenciou [2].

Alguns jornaes continuam a suspender a sua publicação até ser restabelecida a liberdade de imprensa [3]. Em Santos, a policia cérca todos os dias a typographia do *Correio de Santos*, para obstar materialmente á publicação da folha, e «soldados armados assediam o escriptorio da redacção fazendo revistar os que d'alli sahem, até cidadãos superiores pela posição social, habitos e caracter, a qualquer suspeita de desordeiros; e a auctoridade, depois da leitura da folha, permitte ou prohibe a venda e a distribuição do jornal [4]. No Pará, é incendiada a typographia do *Democrata*, e o crime é attribuido á auctoridade [5]. Em Ouro Preto, o dr. Diogo de Vasconcellos é levado á presença da auctoridade e intimado a não continuar a redigir o *Jornal de Minas*, que suspendeu por isso a sua publicação [6]. Em Porto-Alegre, o snr. David Job, redactor do *Mer-*

[1] *Jornal do Commercio* de 13 de abril.

[2] Houve commissões militares no Brazil em 1825 para julgarem o crime de rebellião nas provincias de Pernambuco e Ceará. Em 1829 foram creadas commissões militares; mas o governo, diante das reclamações do parlamento, supprimiu-as antes que ellas começassem a funccionar. Hoje não ha parlamento para protestar. É preciso não confundir algumas *deportações* de tempos antigos com os *banimentos* de hoje. O povo brazileiro, pouco educado na escóla d'essas violencias, confundirá facilmente *banimento* com *deportação*.

[3] Succedeu isto com o *Dezenove de Dezembro*, de Curitiba, o jornal mais antigo do Estado do Paraná. Vid. *Jornal do Commercio* de 11 de abril.

[4] *Diario da Manhã* de 23 de abril; *Estado de S. Paulo* de 23 e 24 de abril; *Correio Paulistano* de 27 de abril.

[5] *Diario de Noticias*, do Pará, de 20 de maio.

[6] *Jornal do Commercio* de 2 de junho.

*

cantil, foi preso, sendo substituido pelo snr. Ernesto Gernsgross que tambem foi preso, o que obrigou aquella folha a suspender a sua publicação. O mesmo aconteceu á *Folha da Tarde*, por ser preso o redactor snr. Henrique Hasslocher [1]. Não pôde tambem continuar a publicar-se *A Reforma*, redigida pelo valente escriptor teuto-brazileiro Carlos von Koseritz que foi preso, com sentinella á vista, nas Pedras Brancas [2]. Carlos Koseritz continuava debaixo d'esse constrangimento e ia embarcar a bordo do *Planeta* para ser conduzido ao Rio de Janeiro, quando, opportunissimamente para a dictadura, falleceu repentinamente, dizem os jornaes, de uma syncope cardiaca. Ficaram assim os inimigos de Koseritz livres de uma vez da sua opposição, e o notavel escriptor morreu vendo a sua patria de adopção, que elle conheceu livre durante tantos annos, entregue a todas as violencias de uma tyrannia nova no Brazil! [3] O *Estado do Sul* e o *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, não puderam tambem continuar a publicar-se e ficou só em campo a *Federação*, orgão do governo [4].

O *Diario de Noticias*, jornal do snr. Ruy Barbosa, desafia sarcasticamente a *Gazeta de Noticias* a publicar contra o «benemerito generalissimo» um artigo igual ao que publicou a 14 de novembro [5]. E o que bem demonstra o liberalismo dos novos republicanos brazileiros, o jornal do ministro diz que a formação do «partido catholico é um accinte ás leis existentes» [6], contestando assim a liberdade de consciencia, de associação e de pensamento.

Conhecemos as praticas da dictadura e, admirando os seus conceitos, temos visto que não cessaram ainda as violencias contra a liberdade de pensamento e das pessoas.

Uma violencia que tem o caracter das execuções inquisito-

[1] *Gazeta de Noticias* de 28 de maio.
[2] *Ibidem*.
[3] *Jornal do Commercio* de 31 de maio.
[4] *Gazeta de Noticias* de 28 de maio.
[5] *Diario de Noticias* de 22 de maio.
[6] *Ibidem* de 1 de junho.

riaes proprias a todos os despotismos mais ou menos soldadescos ou jacobinos da America do Sul, é a que consiste na prisão de um individuo qualquer, prisão que se prolonga indefinidamente sem a victima ser sequer ouvida, sem lhe ser permittida a menor communicação com os seus mais proximos parentes, sem lhe ser dado ouvir nem ao menos os conselhos de um advogado. E as victimas são arrastadas ao Rio de Janeiro para serem julgadas por uma commissão militar, que afinal nem se digna tomar conhecimento do supposto crime. Emquanto isto dura, o paciente anda de enxovia em enxovia, nos calabouços das fortalezas onde as brisas que lhes chegam aos narizes não são decerto tão perfumadas como as brisas cantadas pelo jornal do snr. Ruy Barbosa. E o que faz o Governo? O Governo limita-se, e isso mesmo nem sempre, a fazer declarar pelos jornaes amigos que o cidadão fulano, preso á ordem do ministro da justiça, é considerado criminoso politico.

Criminoso politico! Expressão nova no Brazil, mas da qual se serviam frequentemente Rosas e os seus imitadores nas infelizes tyrannias republicano-militares da Hispano-America [1].

O Rio de Janeiro era infestado por uns malfeitores conhecidos pelo nome de *capoeiras;* muitas vezes a policia tentou pôr cobro a seus crimes prendendo-os e sujeitando-os ao julgamento de tribunaes regulares encarregados de applicar a lei escripta como se fazia então no Brazil, segundo o costume dos paizes civilisados. A imprensa bradava logo em nome das liberdades individuaes conculcadas, e a justiça tinha de recuar. A di-

[1] Dr. João de Menezes Doria, preso, vindo do Paraná recolhido á Casa de Detenção e depois á fortaleza de Santa Cruz (*Paiz* de 28 de abril); Valeriano do Espirito Santo, preso, visto ser criminoso politico, diz o *Diario de Noticias de* 10 de maio; Dr. Henrique Alves de Carvalho, secretario do Club Federal 15 de novembro, recolhido á prisão tambem como criminoso politico; Gaspar Sergio Luiz Barreto, preso á ordem do ministro da justiça e trazido do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro; «ficou detido devendo ser hoje apresentado áquelle ministro por crime politico», diz o *Diario de Noticias* de 7 de maio. Varios outros factos da mesma natureza são referidos pelos jornaes.

ctadura que não conhece lei e despreza a imprensa emmudecida subitamente, tem deportado um grande numero de individuos justa ou injustamente qualificados *capoeiras*. É possivel que muito desaffeiçoado das auctoridades, a pretexto de ser *capoeira*, tenha ido parar á ilha de Fernando de Noronha sem que lhe reste meio algum de reclamar.

O conde de S. Salvador de Mathosinhos, cidadão brazileiro e titular portuguez, que adiantou capitaes para a propaganda da republica, mantendo um grande jornal *O Paiz*, folha dispendiosa pelo seu formato e por ser seu redactor chefe o snr. Quintino Bocayuva, achou-se, por desgraça de um seu irmão, envolvido na questão dos capoeiras. O chefe de policia do Rio de Janeiro entendeu que esse irmão era capoeira. O snr. conde pretendeu que o chefe de policia perseguia o seu irmão por umas rivalidades inteiramente estranhas ás questões politicas e policiaes. O irmão do conde republicano foi preso e levado para Fernando de Noronha. Grande dôr do snr. conde. Essa dôr, porém, parece-nos illogica. O jornal do snr. conde de Mathosinhos applaudiu todas as arbitrariedades da dictadura militar cujo advento o snr. conde tanto favoreceu. O que é digno de applauso, quando se trata de outros cidadãos, não póde ser censuravel quando se tratar de um irmão do snr. conde. Ouçamos no entanto a s. exc.ª:

«Não me incitariam a collocar o *Paiz* em viva opposição os pungentes aggravos que eu recebera? E n'este caso, como não temer os excessos tyrannicos de uma auctoridade que tão arbitraria se mostrou ainda quando em mim sómente via um amigo sincero? E sabe alguem até onde vai hoje, até onde chega para cada um de nós o direito de queixar-se, o direito de gemer? Eis por que deliberei passar a folha da minha propriedade a outros mais felizes. A toda a gente honesta e briosa, ao publico, de cujo bom senso espero a approvação do meu procedimento, sómente ainda direi que, na esphera da minha actividade, como proprietario do *Paiz*, poderei talvez ter-me enganado quanto aos homens e ás coisas da nossa terra, mas que, se acaso errei, fil-o de boa fé e com intuitos patrioticos. Cedo me desen-

ganei, e oxalá o futuro não traga a muitos outros, desenganos tão amargos como os que me fizeram soffrer [1].»

Depois d'esta despedida, o snr. conde de Mathosinhos vendeu por mil contos de reis fracos o seu jornal ao banqueiro da dictadura o snr. Mayrink, e resolveu partir para a Europa. Os compatriotas do snr. conde, que não têm jornaes para vender por tão grande preço aos banqueiros do snr. Ruy Barbosa, e que não podem separar-se da tyrannia pela largura do oceano Atlantico, esses que fiquem no Brazil sujeitos a todos os despotismos da dictadura que o snr. conde ajudou a levantar e da qual, por um justo castigo, o snr. conde de Mathosinhos é uma das victimas. Felizmente é uma victima opulenta e póde deixar o Brazil como os Paraguayos que abandonavam o Paraguay e emigravam para o Brazil, diz eloquentemente o general João Severiano da Fonseca, «com receio da liberdade republicana» [2].

A dictadura não se limita a impôr o silencio á censura publica por meio da violencia. Ella quer a humilhação universal perante a sua prepotencia.

Quando cahiu a monarchia a 15 de novembro o snr. Carlos de Laet, redactor-chefe da *Tribuna Liberal*, não suspendeu o seu jornal. Durante mais de um mez o corajoso jornalista fez frente á dictadura, e na historia o seu nome ficará honrado como o do unico escriptor publico que no Rio de Janeiro ousou affrontar a tyrannia do quartel ao serviço do jacobinismo. A 25 de dezembro o snr. Quintino Bocayuva declarou ao redactor da *Tribuna Liberal* que o governo não toleraria por mais tempo um jornal de opposição, e que as penas de sedição militar seriam applicadas aos jornalistas adversos á dictadura, em vista do decreto de 23 de dezembro. O jornalista teve de conservar-se silencioso e de, recolhido aos seus estudos, consagrar-se ex-

[1] *Paiz* e *Gazeta de Noticias* de 28 de abril.

[2] Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brazil*, tom. 1, pag. 289.

clusivamente a ensinar com zelo e proficiencia no collegio D. Pedro II, onde era professor.

A dictadura republicana que nos primeiros dias do seu triumpho exerceu verdadeiros actos de garotagem e de vandalismo, destruindo monumentos publicos, arrancando escudos, removendo retratos, e quebrando corôas, mudou o nome do *Collegio D. Pedro II* pelo de *Instituto Nacional de Instrucção Secundaria*. O snr. Quintino Bocayuva, dias depois da sua installação no poder, mandou por um aviso arrancar de um velho chafariz do tempo da colonia a corôa real de Portugal.

A França republicana não desfigura os seus monumentos arrancando-lhes os emblemas e os signaes dos antigos regimens monarchicos. Estes emblemas pertencem á historia, indicam a época da construcção dos edificios; as flôres de liz da realeza, as aguias napoleonicas vêem-se por toda a parte. Nos Estados-Unidos, ha edificios ainda assignalados pelo escudo e pela corôa da Grã-Bretanha. No Brazil o vandalismo jacobino e inconsciente destroe e mutila os vestigios da historia brazileira. E em França, lembrou-se alguem jámais de mudar os nomes do Lyceu Henrique IV, do Lyceu S. Luiz, do Lyceu Luiz-o-Grande por estar a França debaixo do regimen republicano?

O snr. Carlos de Laët, professor vitalicio do recem-chamado Instituto Nacional, propôz em congregação que se representasse ao Governo Provisorio pedindo-lhe que, em honra do fundador d'aquelle estabelecimento de instrucção, fosse restituido ao Instituto o nome de Pedro II.

O que fez o snr. Benjamim Constant, ministro da instrucção publica? Demittiu o snr. Carlos de Laët.

O pretendido Governo Provisorio que a 15 de novembro proclamou á nação que respeitaria todos os direitos adquiridos dos cidadãos e dos funccionarios, na sua qualidade de simples agente temporario da soberania nacional, violando os direitos do snr. Carlos de Laët, mais uma vez mentiu systematicamente á sua palavra e affirmou a sua intenção de fazer entrar bem no espirito publico a idéa de que hoje, no Brazil, não ha mais um só logar.

« Ou d'etre homme d'honneur on ait la liberte ! »

O snr. Carlos de Laet nada propôz de contrario ás futuras instituições republicanas que a dictadura vagamente promette ao Brazil. Uma homenagem de respeito ao velho fundador da instituição de que é professor o snr. Laet, não é um attentado contra a Republica. O illustrado professor nunca foi um aulico, nunca foi coberto de favores pelo velho Imperador como o snr. Benjamim Constant; ganhou em brilhante concurso a sua cadeira de mestre e nunca fugiu ao cumprimento dos seus deveres como o snr. Benjamim Constant, o prudentissimo philosopho que se eclipsou diante das balas paraguayas. A homenagem que o snr. Laet quiz prestar ao fundador do antigo Collegio Pedro II nada tinha de contraria ás idéas republicanas. Esta homenagem pareceu porém coisa intoleravel ao antigo protegido da monarchia, o snr. Benjamim Constant, que, não podendo ferir o seu protector, hoje exilado e fóra do alcance da dictadura, feriu o snr. Laet pelo crime de haver querido recordar o honrado nome do velho soberano.

A dictadura é porém incoherente porque é injusta, porque, não conhecendo lei, a igualdade e a logica são-lhe tambem desconhecidas. Um irmão do dictador, medico do exercito e membro do Instituto Historico Geographico do Rio de Janeiro, na sessão celebrada por esta sociedade a 26 de novembro, teceu os maiores louvores a D. Pedro II. Disse o dr. João Severiano da Fonseca:

« Quaesquer que sejam os sentimentos patrioticos que animem os brazileiros, ha sempre logar para o são, o justo, o honesto, para os sentimentos de hombridade, de dignidade e de humanidade, sentimentos cuja ausencia é o indicio de que periclita a honorabilidade social, sentimentos cuja ausencia bem se define na expressão conhecida — falta de sentimentos...» « O Instituto, diz a moção que o dr. Fonseca apresentou, sente profundamente não vêr mais em seu gremio, animando-o e dirigindo-o, o seu augusto e venerando Protector, que desde os seus

começos o amparou com especial e indefectivel amor, que ha 40 annos tamanho lustre lhe tem dado, presidindo pessoalmente os seus trabalhos nos quaes era o mais assiduo e constante companheiro. O Instituto faz votos ao Omnipotente pela saude e felicidade de S. M. o Senhor D. Pedro II e de S. M. a Imperatriz, sua virtuosissima consorte, e espera que lá do exilio o Grande e Magnanimo Brazileiro não se esquecerá da sua associação predilecta [1].»

O dr. Fonseca, medico do exercito e irmão do marechal Deodoro, não foi demittido. Foi até promovido a general como quasi todo o mundo. Quem tem irmão dictador póde ser digno, póde ser grato, póde ser magnanimo. Quem não é irmão da dictadura terá de recolher-se ao mais humilhante silencio.

Eis até onde a dictadura póde conduzir um paiz que era considerado no mundo das nações civilisadas.

*
* *

Dois episodios caracteristicos do militarismo foram as deposições tumultuarias dos governadores da Bahia e do Rio Grande do Sul. Estas pequenas revoluções foram militares. O governador deposto telegraphou á imprensa do Rio de Janeiro dizendo: « Nenhuma reunião popular houve contra mim. A imprensa neutra e republicana protestou contra a asseveração dos telegrammas que não passam de uma trama urdida por alguns politicos de profissão, porque não quiz servir-lhes de instrumentos. O Marechal Hermes foi quem os convocou, communicando-me por carta o resultado da convocação. Recebendo esse documento resolvi convidar o Marechal Hermes a assumir o governo e a pedir a minha demissão.» É verdade que esse governador tinha desgovernado a valer. O Marechal Hermes constituindo sob sua responsabilidade o governo da Bahia prestou talvez um ser-

[1] *Gazeta de Noticias* de 7 de dezembro.

viço, e a Republica nada lhe póde exprobrar desde que o seu principio é que o exercito e a armada podem constituir governos.

No Rio Grande do Sul a situação não está ainda clara. Até o dia 17 de maio, ultima data a que alcançam os jornaes da cidade do Rio Grande, alli só se tinha conhecimento do facto por este laconico telegramma do general Bettencourt: «Por motivos superiores, manter ordem publica e evitar effusão de sangue, foi deposto vice-governador Tavares, assumindo eu governo do Estado.» O correio esteve interrompido e o telegrapho trancado não só para o Rio de Janeiro como para todo o Estado.

Mais tarde, o *Echo do Sul* recebeu uma carta narrando os acontecimentos. A revolução de Porto Alegre foi a reproducção em pequeno do 15 de novembro no Rio de Janeiro: a Escóla Militar revoltada, defecção da tropa, etc., etc., e outros incidentes reveladores da indisciplina militar e do perigo incessante a que de ora em diante toda a auctoridade está exposta no Brazil, onde prevalece a escóla do militarismo politico de que é pontifice o snr. Benjamim Constant, o general nunca visto... nas batalhas. Eis os factos de que a *Gazeta de Noticias* transcreve a narração do *Echo do Sul:*

«A escóla militar foi armar-se no firme proposito de reagir.

«Então, o vice-governador, de combinação com o general commandante das armas, providenciou para que uma ala do 30.º batalhão fosse guardar a escóla, no sentido de impedir a sahida dos alumnos, emquanto a outra ala do mesmo corpo guardava o palacio do governo e fazia outros serviços pela cidade.

«O 13.º batalhão, armado préviamente, encaminhou-se para a Escóla Militar, intimando a ala do 30.º a deixar sahirem os alumnos ou então a entrar com ella em lucta, *cedendo a ala, pois veio com os alumnos, conduzindo quatro canhões.*

«Toda a força reunida tomou a direcção do palacio, vindo

adiante o general commandante das armas, que participou ao governador *que a força armada vinha com o fim de apeal-o do poder*, declarando mais que no dia seguinte 1:500 homens tomariam a mesma resolução, afim de evitar a effusão de sangue.

«Assim inteirado, o vice-governador reuniu os dez ou doze officiaes que se achavam em palacio, consultando-os se era possivel a resistencia, e esses officiaes declararam-lhe *que não podia contar com o apoio da força.*

« De posse de tal confirmação, o vice-governador resolveu depôr o poder na pessoa do general commandante das armas, pedindo para retirar-se, ao que objectou aquelle general, que s. exc.ª não podia sahir sem que chegassem os *commandantes e os corpos que vinham depôl-o.*»

Quantas scenas d'estas o militarismo não prepara para o futuro ?

*
* *

Á desordem e á indisciplina no interior, o militarismo politico allia o desprestigio no estrangeiro.

O *Diario de Noticias* de 8 de maio conta que o *Diamantino*, paquete postal brazileiro, ao passar em frente á ilha de Martim Garcia, na embocadura do Uruguay, foi detido por um escaler tripulado por marinheiros d'uma canhoneira argentina que apontaram as armas contra os passageiros do paquete, na sua maior parte officiaes do exercito brazileiro e funccionarios do Estado em viagem para Matto-Grosso.

No dia seguinte, o ministro argentino snr. Enrique Moreno, chegou ao Rio de Janeiro. O ministerio da dictadura praticou então um acto nunca visto em paiz algum, onde no governo prevaleça a noção da dignidade nacional: o snr. Deodoro e os seus oito ministros escreveram uma carta collectiva ao diplomata recem-chegado felicitando-o calorosamente pela sua volta

ao Rio de Janeiro. Este acto *rastaqueral*, fóra de todos os usos da diplomacia civilisada, é caracteristico. As auctoridades argentinas desrespeitam o pavilhão brazileiro, e o governo, com seus generaes todos, curva-se diante do representante do paiz d'onde parte a offensa.

A dictadura militar é no interior a suppressão da liberdade. No exterior, o seu nome é aviltamento.

*
* *

A dictadura do Brazil é a suprema expressão do hysterismo politico. Por isso ella é ás vezes sentimental. Depois da mania dos bons ordenados, os militares e os civis, que compõem essa dictadura, não têm preoccupação mais grave do que a das festas e das manifestações, que acabam quasi sempre por presentes que os superiores recebem dos inferiores; costume altamente approvado pelo governo e destinado decerto a desenvolver no povo o sentimento da dignidade individual, da independencia e do civismo. A mania da fraternidade americana é que mais intensamente grassa nas espheras governamentaes. A esse proposito ha quasi todas as semanas uma festa de que sahem todos, por causa do calor, da rhetorica e das libações, com as camisas muito suadas, o cerebro um pouco mais desequilibrado e o figado mais affectado. Essa superexcitação destroe a clareza da visão intellectual, oblitera a consciencia moral. A mentira e a verdade, o justo e o injusto são noções que se confundem e se destroem nas intelligencias e nos corações. Só esse estado morbido aggravado pelo meio deleterio explica certos factos.

Distingue a dictadura a verdade da mentira? Não. Tomemos um exemplo:

O snr. Ruy Barbosa telegraphou para a Europa dizendo que o Imperador recebera ao partir cinco mil contos que lhe déra a dictadura. O snr. D. Pedro II chegou a Lisboa a 7 de dezembro e a Europa soube que o snr. Ruy Barbosa havia men-

tido em seu proprio nome e no dos seus collegas. Para memoria d'esse episodio vergonhosissimo para a dictadura transcrevemos os seguintes documentos:

— Noticia dada pelo *Paiz*, numero 1:869, orgão redigido pelo ministro das relações exteriores Quintino Bucayuva, a 19 de novembro:

«Conferencia com D. Pedro. — Tendo o governo da Republica Brazileira encarregado o tenente de infanteria Jeronymo Teixeira França, de entregar a D. Pedro de Alcantara o decreto em que era regulada a doação de 5:000 contos concedida para as despezas de viagem e installação na Europa do ex-imperador e sua familia, solicitou aquelle official do arsenal da marinha uma lancha, e, acompanhado pelo tenente Agostinho Rosauro d'Almeida, que commandava uma escolta de vinte homens, dirigiu-se ás quatro horas da madrugada de 16 para bordo do cruzador *Parnahyba* onde se achava embarcada a familia deposta.

«Ao entrar a bordo do *Parnahyba*, encontrou elle sentados, em semi-circulo, o snr. D. Pedro de Alcantara e quasi todos os membros de sua familia. Achavam-se todos pallidos; a consternação, a angustia profunda manifestavam-se visivelmente em todas as physionomias. D. Pedro de Alcantara, se bem que muito impressionado, conservava-se apparentemente tranquillo, e sua cabeça, parecendo não querer curvar-se ao peso da idade e da impressão angustiosa que o dominava, mantinha-se levantada, ostentando altivez e nobreza de caracter. Acercando-se do grupo que se achava no tombadilho, o tenente França curvou-se respeitosamente, *mas sem exaggero*, e disse o seguinte ao snr. D. Pedro de Alcantara:

— «*O governo concedeu-me a honra de vir respeitosamente depôr nas vossas mãos o documento que aqui apresento.*

— «*Que governo?* perguntou D. Pedro, mostrando absoluto esquecimento de tudo quanto se passára.

— «*O governo do Brazil*, repetiu simplesmente o official.

— «*Mas esse documento o que é?* perguntou D. Pedro,

hesitando receber a folha de papel em que fôra lavrado o primeiro decreto dos Estados-Unidos do Brazil e que lhe offerecia de braço estendido o tenente encarregado d'essa missão espinhosa.

— « *Este documento*, contestou-lhe, *é o decreto que regula o futuro da vossa familia.*

— « *O decreto que regula?...* replicou D. Pedro em duvida.

— « *O futuro da vossa familia*, accrescentou o portador do governo, completando a sua primeira phrase.

« Em seguida, vendo que o snr. D. Pedro de Alcantara hesitava ainda em aceitar o papel que lhe era estendido, accrescentou o tenente França com entonação convicta:

— « *Podeis, senhor, aceitar este documento; elle é muito honroso para a vossa pessoa.*

« Foi então que o snr. D. Pedro se decidiu a aceital-o, proferindo a seguinte phrase:

— « *Está bom, dê cá.*

« Em seguida desejou o tenente França boa viagem a toda a familia, fez uma cortezia e dirigiu-se ao portaló para tomar a lancha que estava atracada a noroeste do *Parnahyba*. N'essa occasião o principe D. Pedro Augusto, agradecido pelo modo por que acabava de ser tratado o seu velho avô, acompanhou o tenente França até á escada, apertou-lhe a mão com effusão e cortezia e disse:

— « *Adeus, passe bem, passe bem* ».

Eis a narração official e authentica publicada no jornal do ministro dos estrangeiros. A familia imperial, depois da retirada do tenente Teixeira França, pouco antes das cinco horas da madrugada não communicou mais com a terra. A *Parnahyba* partiu para a Ilha Grande, estacionou na enseada do Abrahão, e a familia imperial na noite seguinte, em frente á bahia do Rio de Janeiro, com todas as difficuldades e perigos d'um mar agitado, foi passada para bordo do *Alagôas*.

A 29 de novembro o *Alagôas* chegou a S. Vicente e o Im-

perador n'esse mesmo dia escreveu ao seu mordomo e procurador a seguinte carta que foi publicada no *Paiz* e no *Jornal do Commercio* de 28 de dezembro pelo destinatario visconde de Nogueira da Gama:

«Tendo tido conhecimento, no momento da partida para a Europa, do decreto pelo qual é concedida á familia imperial, d'uma só vez, a quantia de cinco mil contos, mando que declare que não receberei, bem como minha familia, senão as dotações e mais vantagens a que temos direito pelas leis, tratados e compromissos existentes, e, portanto, se tiver recebido aquella quantia, deverá restituil-a sem perda de tempo. Recommendo outro sim, que, cingindo-se estrictamente aos termos d'esta communicação, dirija officio, que fará immediatamente publicar, e do qual me remetterá cópia. (Assignado) *D. Pedro de Alcantara.*

«Bordo do *Alagoas*, ao chegar a S. Vicente das Ilhas de Cabo Verde, 29 de novembro de 1889.»

A 7 de dezembro chegava o Imperador a Lisboa e desfez-se na Europa a calumnia que contra o velho soberano havia lançado o snr. Ruy Barbosa.

A dictadura então lançou o decreto de banimento da familia imperial, primeiro decreto d'este genero jámais publicado no Brazil. O primeiro considerando d'esse decreto passará á historia como um monumento de ignominia e de falsidade:

«O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo exercito e armada em nome da nação, considerando:

«Que o snr. D. Pedro de Alcantara depois de *aceitar aqui o subsidio de 5:000 contos para ajuda de custo do seu estabelecimento na Europa*, ao receber das mãos *do general que lh'o apresentou* o decreto onde se consigna esta medida, muda agora de deliberação recusando receber esta liberalidade.»

O cynismo d'esta falsidade com que a historia ha de perpetuamente infamar os nomes dos signatarios d'este decreto é tão extraordinario e revoltante que haverá quem entre em duvida sobre a integridade mental e moral dos membros d'um governo que não hesita em assignar um documento tão deshonroso.

Vimos: 1.º que o decreto foi entregue ao Imperador pelo tenente França; 2.º que o Imperador não tomou conhecimento do decreto senão em viagem; 3.º que apenas teve meio de communicar com o Rio de Janeiro, de S. Vicente escreveu recusando.

E apesar d'isso a dictadura forja esta mentira indecorosa, digno preambulo d'um decreto de banimento. Quem foi esse general? Quando e onde o Imperador lhe agradeceu esse decreto?

A dictadura nunca poderá dizer o nome d'esse general. A calumnia desfaz-se por si mesma. Assim tenha a historia piedade dos pobres irresponsaveis que tyrannisam a sua patria.

* * *

Fallando dos exercitos e do militarismo napoleonicos diz Littré: O que brotava sob os seus passos não era a civilisação; era a oppressão militar, o aniquilamento de toda a liberdade, a insolencia rapace do vencedor e o resentimento irreconciliavel do vencido.

Littré não conheceu o militarismo do snr. Benjamim Constant e consortes. O militarismo de Napoleão foi a gloria de cem batalhas, a bandeira tricolor fluctuando em todas as capitaes da Europa. Esse militarismo destruiu porém a liberdade e fez-se instrumento da injustiça tyrannica, e por isso a historia vê hoje antes os males que elle fez do que a gloria que conquistou.

O militarismo de 15 de novembro enrolou os estandartes

que fluctuaram nos campos gloriosos do Paraguay e collocou-se á sombra do Escorpião positivista que campeia na horrorosa e desfructavel bandeira que a insufficiencia esthetica e a condemnavel ignorancia da dictadura impuzeram ao paiz. Esse militarismo não tem por si gloria alguma, e o seu digno chefe é o snr. Benjamim Constant das batalhas sempre ausente.

O militarismo de 15 de novembro passou depressa da traição para o ridiculo. No dia 25 de maio, anniversario da independencia da Republica Argentina, o generalissimo Deodoro creou generaes de brigada todos os seus ministros, e foi decerto movido a este acto hilariante de magnanimidade dictatorial pelos conselhos do snr. Benjamim Constant, desejoso de ter companheiros no ridiculo. O chefe de policia do Rio de Janeiro foi feito coronel.

E isto é que será a historia para a posteridade!! O burlesco decreto fazendo generaes a uns advogados e jornalistas, lembra os mais comicos episodios da historia do Hayti. O primeiro sentimento de indignação que este acto desperta é logo substituido pela mais sincera hilaridade. A imprensa europeia divertiu-se largamente á custa dos novos generaes, e os soldados ficaram fazendo triste idéa das coisas militares do Brazil já bem desacreditadas desde que o mundo soube que no Brazil, como no Peru, tambem havia *pronunciamientos*.

Já não é possivel verberar actos d'essa ordem que todos os dias se succedem no Brazil. Aquillo já não é militarismo nem dictadura, nem Republica. O nome d'aquillo é Carnaval.

*
* *

Todos os correios do Brazil trazem-nos grande numero de cartas vindas de todos os pontos do paiz felicitando-nos pela nossa opposição á dictadura militar que afflige aquella nação. Muitas d'essas cartas apontam-nos factos da maior gravidade e pedem-nos que denunciemos estes factos que a imprensa brazi-

leira não póde noticiar nem commentar. Agradecemos as palavras benevolas que recebemos de cidadãos de todas as classes sociaes, mas julgamos que a REVISTA DE PORTUGAL não deve occupar-se senão de factos que são inteiramente do dominio publico e sobre cuja veracidade não possa haver a menor duvida. A leitura do *Diario Official* basta-nos para isso.

O Brazil está sob o dominio da espada do generalissimo Deodoro, «espada prestimosa, disse o snr. Benjamim Constant, que é a estrella que guia o Brazil no caminho da liberdade» [1]. Ha porém quem tenha na devida estima esse fulgurante utensilio que sendo gladio glorioso nas batalhas, é na paz uma gazua para forçar as portas do poder e as fechaduras do thesouro nacional em proveito dos amigos e collegas. A espada dos generaes é para as nações o que são certos venenos na medicina. São coisas de uso externo. Só é nobre a espada desembainhada contra os inimigos da patria; já não merece esse titulo quando é empregada contra a população desarmada, contra as leis, em satisfação de vinganças pessoaes e em proveito proprio. Essa espada póde dominar, póde escravisar um povo, não fará porém do erro verdade, nem da injustiça o direito.

As vozes da consciencia nacional, hoje emmudecidas no Brazil, hão de um dia clamar bem alto. E os mamelucos da dictadura que, não ousando desmentir os factos que apontamos e não podendo dizer que affirmamos falsidades, dizem que somos um anonymo, esses ajudarão a gritar contra a dictadura decahida com a mesma convicção com que hoje a defendem.

O que escrevemos ha de ser lido no futuro. Esta REVISTA figurará sempre nas bibliothecas da litteratura portugueza, e

[1] Discurso pronunciado na Escóla Militar a 25 de maio ao entregar aos alumnos uma bandeira bordada pelas filhas do snr. ministro. *Prestimosa Espada!* Julgavamos que no Brazil só eram *prestimosas* as *mucamas*. Parece que agora ha lá tambem a *espada prestimosa* e bem chamada, porque com ella arranjam-se bons ordenados, promoções para si mesmo e para os parentes, empregos para todos os sobrinhos, etc. etc.

Lembrou-se alguem jamais de fallar na *prestimosa espada* de Napoleão? Esta gloria estava reservada ao snr. Deodoro.

*

quando o Brazil tiver voltado á vida normal das nações livres, quem folhear estas paginas ha de estimar o escriptor que se revolta contra a dictadura da inconsciencia jacobina e soldadesca. Ninguem duvidará então de que, quem escreve estas linhas, só atacou os dominadores do Brazil porque, como homem civilisado e do seu seculo — aborreceu a traição, amou a liberdade e detestou a tyrannia.

Frederico de S.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

	Pag
Acontecimentos (Os) do Brazil, por *Frederico de S.*	134
Ave Migradora, por *Fialho d'Almeida*	30
Boletim bibliographico 146,	277
Brazil (O), fastos da dictadura, por *Frederico de S.*	240
Cartas de Fradique Mendes, por *Eça de Queiroz* 21, 225, 382,	680
Dictadura (A) no Brazil: tratados diplomaticos e credito financeiro, por *Frederico de S.*	398
Discipulo (O), por *Moniz Barreto* 307,	449
Educação (A) moderna, por *Manoel d'Oliveira Ramos*	739
Filhos (Os) de D. João I, por *Oliveira Martins* . . . 103, 192, 351, 433,	614
Finanças (As) e a administração da dictadura brazileira, por *Frederico de S.*	542
Imperador (O) e o ex-chanceller, por *Rodrigues de Freitas*	692
Minas (As) de Salomão, por *Rider Haggard*, romance traduzido do inglez 66, 218, 373, 497, 649,	789
Norte (O) maritimo, por *Alberto Sampaio* 581,	713
Notas do mez, por *João Gomes*	259
Novos factores da politica portugueza, por *Um espectador*	526
Philosophia (A) de Tolstoi, por *Jayme de Magalhães Lima* 172,	329

Pag.

Quadro (O) social da revolução brazileira, por *Ramalho Ortigão* . . . 79

Reforma (A) administrativa e a democracia, por *Jayme de Magalhães Lima* 604

Republica (A) brazileira, por *Frederico de S.* 827

Romancista (Um) da California, por *Izabel Leite* 478

Sebastião (D.), poema por *Luiz de Magalhães* 672

Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX, por *Anthero de Quental* 5, 149, 281

Traducções do Romancero de H. Heine, por *José de Sousa Monteiro*. 466, 769

PORTO — TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

Cancella Velha, 70

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Pres. Prudente
BIBLIOTECA
Adquirido de Cabral
Ofício nº —
21/11/74 Cr$ 175,00